



O SEMEADOR

VIDA E OBRA DE UM VENCEDOR

ROMANCE BIOGRÁFICO BASEADO NA
VIDA DE GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO

"Deus só faz o que é impossível ao homem fazer"

PAULO LEME

O SEMEADOR

VIDA E OBRA DE UM VENCEDOR

ROMANCE BIOGRÁFICO BASEADO NA
VIDA DE GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO

PAULO LEME

SOBRE O AUTOR

PAULO LEME, em sua trajetória profissional, tem buscado ao longo dos anos, transformar o conhecimento advindo de suas experiências de vida e sabedoria, através da aplicação dos conceitos e da filosofia que prega.

Segundo a advertência bíblica, o conhecimento sem aplicação de nada serve e o maior segredo da evolução consiste em ensinarmos tudo o que sabemos, praticarmos efetivamente o que desconhecemos.

Para isso, as ferramentas necessárias são a humildade, a tolerância, a determinação e a persistência.

Suas outras obras sempre primaram em propagar a prosperidade, sustentada pelos valores éticos e morais e pelas virtudes essenciais dos líderes e empreendedores, de quem, de dependem aqueles que vieram a este mundo para aprenderem por conta de uma condução virtuosa, o caminho do crescimento pessoal.

Consultor, escritor e palestrante tem na espiritualidade, a inspiração do seu caminho.

Copyright © by Paulo Leme

Preparação: Thaler Felipe D. Leme

Revisão: Elizabeth Donadio

Acompanhamento: Thelma Meirinho Cesario Pereira

CRÉDITOS

As pesquisas biográficas e os fatos históricos foram coligidos e organizados pelo historiador e escritor Isaque Borba

Leme, Paulo

O Semeador – Vida e Obra de um Vencedor
Balneário Camboriú/ SC – Editora Taqui Ltda, 2010

R.O.: 10-2202-198-7

1. Romance Biográfico
2. Biografia Política
3. Gilberto Américo Meirinho (personagem Central)

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance Biográfico

1ª Edição 2010

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA TAQUI LTDA.
Rua Blumenau, 1.148 – São João – CEP: 88305-102 – Itajaí/ SC
comercial@diariodc.com.br

O LIVRO

Outra viagem pela capacidade humana de sonhar, criar e empreender.

Este romance biográfico foi baseado em fatos reais, extraídos da vida e obra de Gilberto Américo Meirinho e sua saga como homem, pai, esposo, empresário, empreendedor, amigo e político, cujas ações e capacidade visionária transformaram para sempre os destinos da cidade de Balneário Camboriú - SC.

A interação entre os personagens fictícios e os reais, foi fundamental para recriação das condições literárias necessárias à reconstituição do cenário onde tudo ocorreu.

Em justiça, alguns dos personagens coadjuvantes desta saga foram inspirados na realidade e outros criados para dar conteúdo e forma à apresentação dos fatos.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, a Deus, pelos dons e graças que me concedeu e ao meu mentor pela inspiração que jamais me faltou

Todas as obras são, de alguma forma, dedicadas a alguém e aqui não poderia ser diferente.

Pelos momentos de profunda inspiração, pelo apoio e suporte, pelo companheirismo e cumplicidade, pelo debate de ideias, pelas sugestões e pelo conjunto do trabalho, eu dedico este livro às pessoas que mais amo neste mundo:

À minha esposa Beth, aos meus filhos Angela, Janaina, Luciana, Thaler e Thaygor, aos meus netos Igor e Jackeline e à minha afilhada Rayane.

Essas pessoas, no período em que me dediquei a esta produção, estiveram próximas e atuantes, entregando-me a energia que manteve acesa a chama da criatividade e da vontade de fazer.

O amor dessas pessoas e a dedicação delas a mim, foram capazes de trazer luz a cada palavra que escrevi.

SUMÁRIO

| | | |
|----------------|--|-----|
| Capítulo I | O Sermão | 20 |
| Capítulo II | O Visitante..... | 27 |
| Capítulo III | O Almoço e suas Histórias | 32 |
| Capítulo IV | O convite | 51 |
| Capítulo V | Mudança de Planos | 62 |
| Capítulo VI | O Grande Chá | 71 |
| Capítulo VII | Finalmente o Encontro | 88 |
| Capítulo VIII | Primeiras Histórias | 100 |
| Capítulo IX | Uma Semana Atípica | 111 |
| Capítulo X | A primeira Entrevista | 132 |
| Capítulo XI | As Flores e o Perdão | 166 |
| Capítulo XII | Um Namorado | 182 |
| Capítulo XIII | Camisa Nove | 191 |
| Capítulo XVI | Segunda Entrevista | 207 |
| Capítulo XV | O Pinga-Fogo | 250 |
| Capítulo XVI | Outras Histórias | 343 |
| Capítulo XVII | Um Anel de Verdade, um Deus único e as Moradas do Pai | 357 |
| Capítulo XVIII | Enfim o Trabalho | 381 |
| Capítulo XIX | O Chá de Figueira | 397 |
| Capítulo XX | A Apresentação | 419 |
| Capítulo XXI | Um Anjo | 429 |

Lembre-mo-nos de que o homem interior
se renova sempre.

A luta enriquece-o de experiência, a dor
aprimora-lhe as emoções e o sacrifício
tempera-lhe o caráter.

O Espírito encarnado sofre constantes
transformações por fora, a fim de
acrisolar-se e engrandecer-se por dentro.

Chico Xavier

PREFÁCIO

Ao longo dos meus tantos anos de vida, como rotariano, dediquei grande parte deles ao trabalho voluntário e à doação de esforços no sentido de colaborar com a produção de uma sociedade mais justa e mais solidária, na qual o elemento central sempre fosse a pessoa humana.

Respeitar as diferenças combatendo as injustiças sempre foi o foco do trabalho de minha vida. Por isso foi criado o prêmio O SEMEADOR. Idealizado para prestar reverência ao trabalho das pessoas dedicadas à causa humana, ao desenvolvimento sustentado e equânime da sociedade, à prática da justiça em todos os níveis, essa homenagem aos homens de bem, aos justos que buscam a perfeição, foi abraçada pelo Rotary, por meio de meu clube Rotary Club de Balneário e instituído como prova de reconhecimento do esforço em prol do bem comum.

Quando decidimos outorgá-lo a Gilberto Américo Meirinho, sabíamos da grandeza de seu caráter, da imensidão de seus propósitos, mas acima de tudo, sabíamos que tínhamos uma cidade bela e maravilhosa, porquanto seus grandes méritos emergiam de uma visão de futuro, de uma lucidez administrativa e de uma causa nobilíssima.

Essa grande causa, abraçada por ele, nada mais era do que preservar o que Deus fartamente concedeu à nossa cidade, estabelecendo em elenco de obras e serviços que entregaram aos munícipes, um lugar pleno de modernidade e consciência social, aliando beleza ao bem-estar.

Tal foi seu sucesso que hoje, nossa princesinha catarinense, expandiu sua fama e seus encantos transformando-se numa das mais belas cidades do mundo, um verdadeiro patrimônio da humanidade.

Seus projetos e obras, embora lançados há mais de trinta anos, ainda mostram atuais e servem de base para planos de expansão e planejamento sustentado dos futuros

PREFÁCIO

administradores. Seu pioneirismo na lide com o funcionalismo, seu senso de responsabilidade social ainda inspiram novos gestores no trato com a coisa pública. Mesmo seus mais severos críticos à época tiveram que reconhecer o acerto de suas ações e obras.

Entregar para Gilberto Américo Meirinho o prêmio O SEMEADOR foi uma honra e uma mais que justa homenagem. Mas agora, vê-lo aqui inspirando esta obra, um romance biográfico que nos traz uma trama interessante e cativante, aliado ao esclarecimento de tantos pontos controversos, causa-me mais prazer ainda. Mormente, por conta de que o autor conseguiu captar a dimensão do cenário onde as coisas ocorreram, sem alterar a realidade dos fatos.

Claro que sob o cuidadoso trabalho histórico desenvolvido pelo nosso competente autor e historiador Isaque Borba, cujo posicionamento espaço-temporal permitiu a visualização perfeita da cronologia e importância dos fatos, facilitaram, e muito, a criação da trama e contextualização dos fatos na extraordinária vida do nosso eterno Prefeito Meirinho.

Ter contribuído pela segunda vez nesse reconhecimento e ser o responsável pela união das competências que produziram esta obra, além de inspirar um dos personagens desta trama, coroam meu propósito de vida, que sempre foi o de tornar público o que a humanidade produz de bom e combater tudo aquilo que lhe é nefasto.

Ao meu querido amigo Gilberto Américo Meirinho, o mais forte abraço que esta obra eternize os altos e inextinguíveis valores morais que o conduziram ao longo de sua vida, servindo de exemplo e inspiração às novas gerações de homens públicos.

Cezar Isolani

NOTA DO HISTORIADOR

No ano de 1974, o Prefeito Gilberto Américo Meirinho propôs uma pesquisa para a rede escolar municipal sobre o tema: Balneário Camboriú 10 anos de construção, para comemorar os 10 anos de emancipação do município. Iniciei pesquisa sobre a História da cidade e até hoje não está completa a meu gosto. Já publiquei diversos livros sobre o assunto, porém nunca deixei de pesquisar.

Agora me dedico a coleccionar informações sobre a administração histórica de Gilberto Meirinho. Com alguns dados coligidos, o escritor Paulo Leme fez uma peça romântica de indescritível beleza literária, emocionante e envolvente.

A simples biografia que eu pretendia fazer, nos moldes tradicionais, seria eficiente do ponto de vista histórico, mas pouco atraente para leitores, em especial alunos, para quem a maioria dos escritores tenta dirigir a leitura de seus livros. Mas muito prazer me trouxe a oportunidade contribuir com minhas anotações, levantamentos, pesquisas, textos e informações para a produção da obra. Na forma de romance, temos certeza que muitos, não só da cidade de Balneário Camboriú, mas de qualquer parte do Brasil poderá conhecer a vida e a obra de um dos mais relevantes personagens do cenário político nacional, porque além do fator informação, existe ainda o valor da boa e agradável leitura.

O enredo envolve como peça principal, um prefeito que suas atitudes corajosas, conduta honesta, visionária, persistente, pode transformar uma cidade e a vida de gerações. Balneário Camboriú, que uma que era uma aldeia de pescadores, hoje é uma cidade moderna, de primeiro mundo, graças o dinamismo e atitudes desse inesquecível prefeito.

NOTA DO HISTORIADOR

Atitudes que hoje, são uma unanimidade. Todos concordam que o prefeito deveria mesmo ter tomado decisões que resultaram na viabilidade do município e lhe abriu as portas do futuro. Mas não foi sempre assim. Não foi compreendido na época. Pra que fazer uma avenida tão larga? Era o que se pensava. Hoje as nossas avenidas enormes já não suportam mais o trânsito. Imaginem se ele não tivesse tomado as decisões que tomou para que as ruelas se tornassem avenidas.

Muitos outros setores da administração pública sofreram severas intervenções para que a cidade entrasse nos eixos. Fico imensamente satisfeito em ter contribuído para que o povo possa entender como a cidade chegou nesse patamar de cidade maravilhosa, por quantas agruras nosso personagem passou, quantas adversidades enfrentou e que valores defendeu de forma intransigente. Vejo-me também homenageado por ter inspirado um dos personagens da trama, neste romance biográfico que une a realidade histórica com a ficção literária, num casamento de um texto leve e envolvente com a rigidez fática dos acontecimentos.

Quiçá a Srta. Orquídea possa nos trazer, em breve, um dos seus maravilhosos trabalhos, reunindo esses incríveis personagens, contando a saga de outros elementos de vital importância para nossa consciência histórica.

Isaque Borba

NOTA DO EDITOR

O Semeador é um romance biográfico que nos traz uma trama interessante, cativante e esclarecedora de pontos por vezes desconhecidos sobre um homem e uma cidade. Em pouco tempo, o autor, Paulo Leme, reuniu tudo que era preciso para contar em vinte e um capítulos a vida e a obra de um dos mais importantes homens públicos de Balneário Camboriú e por que não dizer de Santa Catarina e do Brasil – apesar de ele não se considerar.

Gilberto Américo Meirinho é o personagem central desta trama que revela de forma romântica fatos que marcaram um tempo que não volta mais.

Em O Semeador, Paulo Leme consegue de forma romântica retratar o início nebuloso de uma cidade que hoje é a princesinha catarinense. Essa transformação só foi possível graças ao personagem desse romance, por vezes odiado, por vezes amado, mas sempre respeitado.

Ao adentrar as páginas desta obra, você irá se deparar com nomes como Sr.a. Orquídea, Sr. Figueira, e muitos outros personagens criados para representar pessoas tão importantes no processo de luta e glória tanto do personagem central quanto do cenário.

Um personagem tão faraônico em termos de conhecimento e boa conduta que sua história pessoal se confunde com a história do lugar que ajudou a construir. Atravesse o limite destas linhas e identifique você mesmo fatos e memórias aqui registrados.

Gilberto Américo Meirinho é, antes de tudo um realizador. Mais, muito mais que um semeador, nosso personagem central teve e tem a capacidade de transformar ideias em ações e ações em progresso e prosperidade. Jeremias W. Jenks, acerca da

NOTA DO EDITOR

importância da ação, disse: “A entrada para a mente do homem é o que ele aprende, a saída é o que ele realiza. Se sua mente não for alimentada por um fornecimento contínuo de novas ideias, que ele põe a trabalhar com um propósito, e se não houver uma saída por uma ação, sua mente torna-se estagnada. Tal mente é um perigo para o indivíduo que a possui e inútil para a comunidade.”

Nas páginas de *O Semeador*, o autor e seus personagens mostram de maneira clara e inequívoca, não só a extraordinária capacidade visionária do biografado, como também, sua força e determinação na execução de seus projetos e propósitos.

O que esta obra busca é a verdade, somente ela, vinda de um personagem tantas vezes injustiçado, mas inegavelmente tão respeitado. O autor também se preocupou em respeitar cada personagem real e cada fato verídico, tomando o cuidado de não adulterar a realidade. O homem indignado com a injustiça, revoltado com o mau uso do poder, preocupado com o bem-estar da comunidade é merecedor desta obra por tudo o que fez, sempre buscando o bem de todos. *O Semeador* é uma obra para não ficar empoeirando em uma estante.

Siliana Dalla Costa
Editora Chefe

NOTA DO AUTOR

Quando recebi o convite para transformar em romance biográfico a vida e a obra de um ex-prefeito, eu jamais imaginei que me depararia com um extraordinário personagem. Nem na mais ousada conjectura eu poderia pensar que encontraria tanta densidade, tanto calor, tanta convicção, tanto estofamento moral, tanta postura.

Como uma pessoa bem informada, com vasta experiência no mundo corporativo e acostumadíssimo a ver em noticiários ação nefasta e deletéria de tantos políticos que vivem com as mãos sujas da traição, do roubo, da corrupção, do engano, do engodo, tive uma enorme surpresa ao encontrar um homem que uniu o planejamento, a visão de futuro e a capacidade executiva ao consistente lastro moral e ético que marcam a vida das pessoas de sucesso.

Em nossas conversas, nas entrevistas e pesquisas que fiz para construir o enredo desta história, fui descobrindo um ser humano notável, um homem de incrível conteúdo, um pai amoroso e um marido dedicado. Mas não consegui ver um político nesse homem. Primeiro porque ele não tem nenhum cacoete de político, segundo porque não tem pendores pelas luzes da ribalta. O homem que encontrei, não vive preocupado em estar bem com todos os lados de uma história, não se dedica a procurar uma vantagem em uma situação, não está preocupado com a opinião pública e seu único interesse é o bem comum. Não vi nele nenhum traço de egolatria, de egoísmo.

Pelo contrário, vi um homem indignado com a injustiça, revoltado com o mau uso do poder, preocupado com o bem-estar da comunidade. E o ouvia falando das avenidas que construiu simplesmente porque acreditava que a cidade de Balneário Camboriú estava destinada ao sucesso e deveria comportar um trânsito intenso e volumoso. A prova é vista todos os dias por aqui. Ouvi um homem explicando porque mandou fazer as galerias e triste porque mandaram aterrá-las e hoje nos perguntamos para

NOTA DO AUTOR

onde irá o esgoto cloacal e o pluvial de uma cidade coalhada de edifícios e que chega a receber um milhão de pessoas na alta temporada. Ouvi um homem que não entendia por que seus sucessores abortaram um projeto barato, rápido e sem óbices técnicos para duplicação da faixa de areia da orla.

A meu ver, ele provou que cada coisa que pensou, cada projeto que idealizou, cada lance que previu estavam certos. Todos eles. Há quarenta anos ele olhou para o futuro e visionou esta cidade como está hoje. Acertou na imagem que viu e se entristeceu porque a arrogância e a inveja impediram que as ações corretamente planejadas não fossem implantadas.

No campo das ideias, no campo das convicções, no campo da verdade, este livro será a folha de laranjeira para muitos de seus antigos detratores. Construí cada personagem desta trama na direção de servir à verdade. Dei a eles, uma vida espelhada no exemplo desse gigante. Respeitei cada personagem real a cada fato verídico e, tomei o cuidado para que cada fictício não adulterasse a realidade.

Quando iniciei o romance biográfico, descobri uma pessoa que merecia uma biografia simples e direta, pois sua vida e suas obras eram um romance de cavalaria, fundamentados em bulas de ética e moral inigualáveis. Mas não resisti e criei pessoas que por certo de alguma maneira existiram, para contar essa história. Uma história digna de um romance, a qual ainda me sinto indigno de ter produzido.

Ao Mestre Meirinho, por tudo que me ensinou, por tudo que eu vi e ouvi, por tudo que descobri, meu sincero pedido de desculpas por minha pena não estar à altura da grandeza da sua história. As páginas deste livro contêm uma pálida transcrição de um exemplo eterno de honra e mérito.

Paulo Leme

AGRADECIMENTO

Quando fui surpreendido pela oportunidade de mostrar biograficamente um período importante de minha vida, jamais imaginei que pudéssemos estar diante de uma surpresa tão comovedora quanto a de vê-lo expresso num cenário fiel àquele onde os acontecimentos se passaram e o pouco que contribui na sociedade, resultasse num romance biográfico, cujas tramas se entrelaçam de maneira envolvente.

Mais impressionante ainda, foi a maneira como tais circunstâncias foram retratadas, preservando integralmente meus conceitos de vida, meu idealismo e minha vontade de fazer o certo, de promover a justiça e de preservar o bem comum.

Ver-me, nesta obra, como homem, como pai, como empresário e como homem público, excedeu em muito minhas expectativas iniciais, quando imaginei apenas um retrato histórico das coisas que aconteceram e como aconteceram. Esta obra, na verdade, trouxe à luz, não apenas isso, mas o porquê aconteceu e principalmente levantaram o véu das controvérsias, dando-me a oportunidade de, dissecando os fatos, estabelecer o quinhão da verdade, derrubando os mitos e as distorções da realidade.

No que tange ao romance que entremeou a biografia, no campo da ficção dos personagens que contaram minha história, apaixonei-me pela Srta. Orquídea, pela sua ingenuidade, pela sua busca da verdade, emocionei-me com sua história pessoal, com sua saga familiar, vi-me envolvido com a sua descoberta do amor e pelo consórcio de personagens dedicados a contar a minha história.

As lições de vida do Sr. Figueira, a pétrea moral do amigo Cesar, a redenção da família Moreira através da redescoberta do amor

AGRADECIMENTO

e do perdão foram, para mim, emocionantes e enternecedoras mostras da alma e da psique humana.

Por isso, em nome desses personagens, em nome da minha história pessoal, das pessoas que amo, e principalmente em nome do meu pequeno engraxate, agradeço a Deus por mais esta dádiva e acima de tudo, a todas as oportunidades que Ele me concedeu de praticar o bem e a justiça, através de batalhas que jamais desisti de travar.

Gilberto Américo Meirinho

Quando pôde falar, o Sr. Figueira apenas disse: “É Orquídea, o Cesar é isso mesmo.

Exagerado quando ama, mas é um visionário, está sempre olhando para o futuro. Na verdade é um semeador... acaba sempre plantando algumas sementes em nossas almas que, de uma forma ou de outra, acabam germinando”.

Congelei... Outra vez... De novo... Incrível! Ali estava, outra vez, o “Semeador” dando uma trombada comigo. O que, afinal de contas essa conspiração queria me mostrar ou me dizer?

A resposta veio mais rápida do que o esperado.

CAPÍTULO I

O SERMÃO

Saí da Igreja com as palavras do Padre ainda ecoando em minha mente. Desde a troca do nosso antigo pároco, o já idoso Padre Marquinho, eu retornei ao culto dominical, pois o novo padre, jovem e cativante, dava novos contornos à missão evangelista.

Não que o Padre Marquinho não tivesse esse dom, mas os mistérios e os temas discutidos e abordados na homilia e o sermão dominical estavam muito atrelados à visão religiosa, coisa que o Padre Heitor, nosso novo pároco, fazia com uma abordagem moderna, vinculada à realidade transformada de usos e costumes da sociedade. Sem perder o foco da mensagem divina e da responsabilidade perante seu rebanho, ele dava a nota exata da palavra com os dias atuais, sem se perder no passado bíblico de um Deus que destruía, matava e liquidava os inimigos do povo que o adorava. Ora, se todos somos filhos de Deus e nada é criado, nem um fio de cabelo pode crescer sem que Ele assim o permita, não é crível que esse Deus, de alguma maneira, destrua sua própria criação em detrimento de um povo, por mais fiel que esse possa ser. E, quando Jesus aqui chegou, mostrou a BOA NOVA. A Boa Nova, também incluía o conhecimento verdadeiro de Deus, todo revestido de bondade, de generosidade, de amor, de perdão, de compreensão, de caridade e de fraternidade, para não elencar as setenta e duas qualidades divinas que são atributos dos seres celestiais.

Menos crível ainda, aceitar que pessoas se reúnam e na presença de Deus, clamem por vingança, por justiça pessoal, por seus bens, pela sua fortuna e por riqueza. Isso é deprimente. Não que querer prosperidade e sucesso seja errado, mas fazê-lo através de Deus, como moeda de troca de fidelidade ou por conta de “desafios” ao Senhor, realmente é surreal.

Essa oxigenação em nossa paróquia trouxe consigo a oportunidade de interagirmos com uma religião mais atuante e próxima da comunidade

e de sua realidade. Afinal, o antigo modelo da transmissão da palavra chocava-se enormemente com o ritmo e as ferramentas de comunicação da atualidade. Nos dias de hoje, o conceito deve superar a fórmula e a consciência deve guiar a atitude.

Nossa cidade, Balneário Camboriú, evoluiu muito desde a época de simples povoado, quando nesses idos tempos, a população ainda sucumbia ao Deus do terror e do castigo. Com quase cem mil habitantes, uma cidade praiana, com belíssimos edifícios, é um dos lugares mais procurados por turistas de todo o mundo. Conhecida como uma princesa no território Catarinense, Balneário nasceu da divisão de Camboriú, antiga Vila do Garcia, o município contíguo, que foi criado em 1885 e por isso, merecia um discurso conceitual baseado na essência divina, porém, ajustado à própria dinâmica social do século XXI.

O Padre Heitor, vindo de São Paulo, tem uma postura mais aberta e dinâmica, um pouco distante do hermético Padre Marquinho. Os sermões que faz e os assuntos que aborda, sempre trazem uma contemporaneidade impressionante onde cabem de forma impressionantemente atual, todos os ensinamentos do Mestre Jesus.

Baseia todas as suas falas nos livros sagrados, mas consegue, sem o extraordinarismo de algumas das novas religiões apostólicas, sem os exageros do fanatismo de alguns segmentos mais empedernidos da religião cristã, trazer a interpretação das mensagens do Mestre com o cotidiano.

É estranho como podemos ver tanta gente, pulverizada em centenas de Igrejas, religiões, templos, crendo efetivamente em Deus, admitindo Jesus Cristo como Mestre e Salvador, mas ao mesmo tempo defendendo cisões, divisões, avocando pra si o privilégio de terem o único caminho da salvação. E como o mundo viveu sem elas antes disso? Por acaso teriam os antigos seres humanos perdido a oportunidade de chegar ao Paraíso, por que essas novas igrejas não existiam e então não havia salvação?

Vejo, pela TV, cultos que condenam literalmente toda e qualquer outra linha que não seja a sua, considerando coisa do inimigo (assim chamam o Diabo), qualquer manifestação ou Palavra que não esteja de acordo com o que professam. Condenam a espiritualidade, mas não sabem exatamente o que isso significa.

Falam tanto do batismo, que na falta dele, com certeza o inferno será o destino. Mas, sempre me perguntei: - João Batista disse a todos quantos batizava que ele os batizava com água. Porém, após ele viria Aquele que batizaria com o Espírito Santo. Aquele que seria a Água Viva. Por que, então, todo o estardalhaço do batismo? O batismo, como existe ainda hoje na grande maioria das religiões, trata-se de mera obrigação dos pais. A criança nem sabe o que está acontecendo, nem tem ideia do que está assumindo. Jesus é um caminho maravilhoso, que trilhamos pela opção consciente. Consciente para podermos entender os desígnios do Pai, as mensagens do Filho e as bênçãos do Espírito Santo. Esse é o batismo pelo Espírito Santo – a aceitação de Jesus como único Mestre e Salvador, de forma plena, absoluta e consciente. A água, o mergulho nela, as festividades, a cerimônia é externa, aparente. E o que vale é o recôndito dos nossos corações e a motivação de nossas almas.

E depois de tudo, essas crianças ainda são criadas na devoção das diferenças, do distanciamento entre os povos e dos seguidores de outras vertentes. Acabam por trazer mais malefício do que benefício. Doutrinadas na profissão da exceção, do sectarismo, inconscientemente acabam sendo terra fértil para a sementeira dos pequenos ânimos contrários que as distanciam de outros seres, só porque não pertencem ou frequentam a mesma ordem. Afinal, a pureza de caráter e a grandeza de alma não estão na prática dos rituais e da constância nos rituais e sim na candura, no amor, na fraternidade e na compreensão. Nos valores morais que são impressos e com os quais são impregnados a personalidade que se forma e o entendimento que é necessário. Todos esses aspectos se baseiam na tolerância. E isso, reside no coração dos justos. Por isso, tenho como poucas, mas poucas mesmo, as Igrejas que têm um culto inteligente, consciente, maduro, efetivamente lastreado na fé pelo entendimento e na adoração pela compreensão.

Eu sou católica, mas muitas vezes frequentei o culto de Igrejas Evangélicas que pregam todas as coisas que acredito, sem fanatismo. Nessas vi a chama sagrada de Jesus queimando majestosamente os corações presentes. Nessas, eu vi o fogo fátuo da presença de Deus e a iluminação divina do Espírito Santo. Essas estão além daquelas paredes, além daqueles muros, muito adiante do seu tempo, resgatando a veneração e a adoração verdadeira.

Outro dia perguntei a meu avô se ele não queria ir comigo à missa dominical. Ele me respondeu que a Fé é uma criação de Deus, a Igreja é um ensinamento de Cristo Jesus, as religiões uma armadilha do Anjo Caído. Quando disse que não havia entendido, ele me respondeu que a Fé une e aproxima os homens na Terra, promovendo a paz e a harmonia. A Igreja os reúne em torno de um mesmo propósito, promovendo a fraternidade em Cristo. A religião, porém, os separa e os desagrega, eis que promove caminhos distintos para a mesma coisa e permite interferência humana na coisa divina e vice-versa. Por conta da fé, faz-se justiça e propaga-se o amor. Em torno da Igreja, se promove a caridade e se ensina o amor. Em nome da religião estabelecem-se diferenças quase irreconciliáveis que colocam a humanidade muitas vezes em campos opostos. Guerras santas, disputas ideológicas que tomam perfil de guerras ao longo da história e tantos outros eventos nefastos e deletérios são objeto direto das disputas religiosas. Se isso tivesse ficado circunscrito à fé, chegaríamos facilmente em Deus, em Cristo e no Espírito Santo e, portanto, o perdão e a tolerância impediriam o sangue dos mártires que desnecessariamente fazem parte das altas estatísticas. O mais lamentável é que para provar seu ponto, a morte de inocentes é um dos caminhos eleitos.

No domingo passado, por exemplo, nosso novo Pároco, viajou longamente pela explicação moderna das Bem Aventuranças e eu pude enfim, entender que ser manso é exercitar a tolerância; ser humilde é criar, produzir, fazer, participar e conseguir manter-se discreto; ter sede e fome de justiça, não é rebelar-se contra as dificuldades ou a ação dos “inimigos”, mas sim, indignar-se contra a corrupção, contra os abusos, contra a fraude, contra tudo que é desgraçadamente danoso a uma sociedade justa e equânime. Naquele domingo, senti o verdadeiro significado do mais belo e perfeito libelo de postura moral e rigidez ética já proferida em toda a história da humanidade, pelo Mestre de todos os Mestres.

O deste domingo... O de agora há pouco, foi facilmente assimilado, pois, decorrente do anterior, este versava sobre a sementeira.

“Eis que o sementeiro saiu a semear. E quando semeava, uma parte da semente caiu ao pé do caminho, e vieram as aves, e comeram-na; E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; Mas vindo o sol, queimou-se,

e secou-se, porque não tinha raiz. E outra caiu entre espinhos, e as espinhos cresceram, e sufocaram-na.

E outra caiu em boa terra, e deu fruto: um a cem, outro a sessenta e outro a trinta.

“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. (Mateus, XIII, 3 a 9).

A voz tranquila, pausada, quase paternal do Padre Heitor, trazendo um novo e oxigenado entendimento dessa parábola, deu-me a conhecer a amplitude da mensagem de Jesus. No sermão de hoje, o Padre Heitor deixou nítido o significado de cada situação da sementeira. As que caíram ao pé do caminho e que foram comidas pelas aves do céu antes que nascessem, simbolizam aqueles que, mesmo tendo a oportunidade de fazer algo construtivo e bom, não se importavam em fazê-lo. Estão com o pensamento totalmente voltado para suas próprias necessidades e interesses. Tudo que se relaciona a Deus, ao próximo ou à moral é visto com quase descaso. Jesus compara as aves aos Espíritos maus que aproveitam as más tendências destes indivíduos para atormentá-los e inspirá-los a permanecerem longe do Criador.

Já as sementes que caíram em pedregais, nascendo logo devido à pouca profundidade da terra, lembram os que conhecem o que é justo e perfeito e, como que num passe de mágica, maravilham-se. Mas são os teóricos, que recebem os ensinamentos e não promovem sua aplicação prática. Sua mudança de conduta é instantânea, chegando mesmo a ser radical. Tudo que fazem passa a ser voltado para comunidade e ao próximo e qualquer deslize de atitude é um martírio. Na verdade, como visto, retratam os seres que creram, mas não compreenderam os ensinamentos espirituais. Acreditam estar isentos de qualquer outra dificuldade em suas vidas, por estarem dedicando-se ao extremo no trabalho de Jesus. Porém, a existência não é assim, e logo viram provas e expiações, necessárias ao nosso aprimoramento moral e intelectual. É o sol da parábola, que queimará aquela planta que cresceu sem que tivesse raízes profundas, ou seja, verdadeiro entendimento da vida e suas leis. A pessoa sente-se injustiçada por todos e, incompreendida, acaba cheia de dores e dúvidas. E então, deixa por completo o trabalho solidário e caridoso, abandona atenção à comunidade e se volta para sua descrença, não compreendendo que a natureza não dá saltos, e toda mudança abrupta tende a levar a ser ao ponto inicial.

A parte que caiu entre os espinhos leva-nos àqueles que escutam e entendem o chamamento moral, a ética, a retidão e a lisura. Porém, os espinhos, que são suas preocupações pessoais excessivas com o proveito material, sufocam sua tentativa de entendimento e prática da caridade, afastando-os do comprometimento solidário e do conhecimento espiritual.

Finalmente, há a semente que cai em boa terra, cresce e frutifica. Representa aqueles que, compreendendo que a matéria não é tudo, buscam nos ensinamentos espirituais as respostas às suas dúvidas e o consolo às suas dores, fazendo da prática da caridade um hábito da existência.

Mas alerta Jesus que mesmo entre estes há diferenças de entendimento, pois alguns produzirão mais do que os outros. Caberá a cada homem saber se dará trinta, sessenta ou cem por um. A consciência será seu guia. Quem tiver ouvido de ouvir, ou seja, condição de entender, que assim o faça.

Então entendi que o verdadeiro sentido da semente está na alma do Semeador. Está no propósito de vida do Semeador. É o horizonte vislumbrado por olhos intimamente ligados ao coração do Semeador que produzirá o proveito das sementes espalhadas no campo das ações.

Alguma coisa retinha no fundo do meu cérebro. Onde eu ouvira falar do Semeador? Outro semeador, que não estava atrelado a esse sermão. Por que essa parábola me soava tão familiar?

Mas, a palavra “semeador”, com certeza, faz parte do cotidiano e do inconsciente coletivo e eu poderia até atribuir a isso a estranha familiaridade com o termo. No caminho de volta para casa, lembrei de um trabalho feito sobre a responsabilidade do jornalista e seu compromisso com a verdade, na qual o jornalista Herculano Pinto dizia que os homens que militam na imprensa são semeadores.

Lembrei ainda de ter visto o anúncio da estreia de uma peça intitulada O SEMEADOR DAS ESTRELAS, baseada num personagem que dedicou toda sua vida aos outros, ao bem-estar e o auxílio fraterno. Quando vi o anúncio, imediatamente pensei em assisti-la, já que esse tema muito me toca. Pena que estou em Balneário Camboriú, no estado de

Santa Catarina e a peça estava acontecendo em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Foi pensando em pessoas especiais que fazem coisas extraordinárias que cheguei em casa e o cheiro do almoço dominical preparado pela minha mãe invadiu minhas narinas, fazendo-me esquecer todo o resto.

CAPÍTULO II

O VISITANTE

Nem bem fechei a porta e já ouvi o tradicional chamado de mamãe: “- Di (meu apelido desde pequenina, diminutivo de Orquídea, meu nome), corra aqui e me ajude. Daqui a pouco teu avô chega com teu pai e a mesa nem está posta. Põe a mesa, enquanto eu termino o almoço. Hoje teremos outra visita, o amigo do teu avô, do Rotary. O jornalista.”

Bem, ajudar minha mãe era tarefa comum e o Semeador, por enquanto – ah, se eu já soubesse a verdade – não era uma coisa que pudesse me tirar o sono e, além tudo, havia muitas coisas a serem feitas. Inúmeros trabalhos da Faculdade de Jornalismo, que eu cursava com bastante entusiasmo, estavam pendentes e precisavam ser terminados.

Mas a notícia de minha mãe encheu-me de curiosidade e expectativa, pois eu teria a oportunidade de finalmente conhecer melhor o jornalista Sr. Figueira, a quem já havia sido apresentada rapidamente em eventos sociais, mas nunca tive o prazer de uma boa conversa. Sendo amigo de meu avô, tinha uns oitenta anos, ou bem perto disso. Muito ouvi falar desse homem, tanto pelo meu avô, quanto pela minha mãe. Ele era como um exemplo para eles e era recorrente a citação dos pensamentos, frases, histórias e exemplos que ele dava de uma forma natural e sem afetação. Nas raríssimas ocasiões em que eu o vi, sempre estava cercado de pessoas e, via de regra, era o centro das atenções. Um homem desse porte, um jornalista assim, quanta experiência teria, quantas histórias conhecia, quanta vida para explorar...

Um jornalista da velha guarda, que trabalhava em máquinas de escrever mecânicas – aquelas Remington, Olivetti e outras – que eu só vi no quarto do vovô, em revistas e no museu. Qual teria sido sua maior história? Qual sua maior aventura? Vocês já pensaram que no passado, as pessoas trabalhavam sem telefone celular, sem fax, sem

internet, sem computadores? Não deixaria passar essa oportunidade de me mergulhar em sua tão decantada sabedoria! Telegramas, comunicação por rádio, telefones de qualidade e precisão duvidosas, lugares ermos, sem nenhum tipo de contato rápido com a civilização a não ser por cartas. Como isso acontecia essa seria uma das coisas que eu pensava conhecer através dele.

Vamos lembrar que estamos em 2010 e eles nasceram entre os anos 1930 e 1940. Já imaginaram o que viram e o que passaram? A gente vê o mundo de hoje, mas não dá para analisar e comparar a vida dessas pessoas com todas as dificuldades (frente às facilidades de hoje) que enfrentaram e o mundo que construíram para nós. Há uma geração entre a deles e a nossa, que talvez tenha sido a verdadeira responsável pela perda de tantos valores. Mas, existirão, com certeza, as novas gerações para corrigir e dar novo rumo a tudo.

Assim que cheguei à cozinha, minha mãe, já atarantada com tanta coisa que havia feito, pediu-me mais uma vez o que havia pedido, como se eu estivesse ali apenas por acaso e não por ter ouvido e atendido ao seu chamado de socorro.

Dia de coincidências...

Coincidências? Não sei, mas o fato, é que quando eu fui pegar o queijo ralado na geladeira, dei de cara com aquele calendário seichonoiê com mensagens. Ele sempre esteve ali, na parede, ao lado da geladeira. Há anos que às vezes eu lia uma ou outra mensagem e minha mãe conhecia todas de cor e salteado.

Mas, imagina qual a minha surpresa quando olhei a mensagem daquele dia? Isso mesmo. O SEMEADOR!

“O SEMEADOR – A semeadura é livre, porém a colheita é obrigatória. O criador nos abastece de todas as sementes porque evoluímos no conhecimento do bem e do mal. Porém, o livre arbítrio nos transforma em semeadores. De cada Semeador depende as flores e os frutos entregues ao solo. Saber escolher as boas sementes e plantá-las a serviço do bem é dom e atributo exclusivo do Semeador”.

Ainda estava aparvalhada e ia começar a contar essa estranha coincidência à minha mãe, quando ouvi o mais tradicional e reiterado pedido que ouço nos últimos vinte anos, esteja onde eu estiver, com quem eu estiver, fazendo o que quer que seja:

“Orquídea, minha flor, traz esse perfume aqui e dá um beijo pro vô. Só assim eu sei que a vida vale a pena”. Ainda bem que, desde os 15 anos, ele não belisca mais as minhas bochechas, pensei. Minhas amigas viviam me perturbando com o gesto carinhoso do meu avô.

Hoje, ouço com ternura e me sinto amada quando vovô chega e fala assim. Mas houve um tempo em que aquilo realmente me irritava. Preferia que beliscasse as minhas bochechas falando as coisas que todos os adultos falam para os adolescentes do que *“pagar mico”* de ouvir estrondosamente, até na festa de 15 anos, a frase do vovô, cantada com emoção diferente a cada vez, dependendo da ocasião.

Corri para beijá-lo e abraçá-lo. Não tanto pela emoção, já que o vovô quase não saía de casa, mas porque ele gostava realmente disso. E demonstrar amor e afeto sempre é bom. Infelizmente, há muitos anos, minha avó Cibele evita vir à minha casa quando o papai está. Por causa de um desentendimento antigo, quase não se falam e se evitam sempre que podem. Ela sempre finge que tem problemas, que dói a coluna, que a diabetes está alta e não vai em casa. Mas vovô não quer nem saber. Ele sempre diz que cada um tem que carregar as malas que preparou para sua própria viagem. Na vida não tem carregadores contratados. Você faz a mala e carrega pela estrada. Mas eu gosto dela. Muito. Eu a visito sempre que posso.

Depois do abraço, do beijo e da festa, com certa pompa e circunstância, vovô apresentou-me, acho que pela quarta ou quinta vez, o seu acompanhante, o jornalista Edson Figueira, não sem antes, claro, discorrer, de novo, sobre a minha superioridade sobre todos os outros jornalistas do mundo, apesar de eu corrigi-lo informando que AINDA ERA UMA ESTUDANTE; e das matérias que escrevi e que mereciam Pulitzer, embora eu tenha mais uma vez esclarecido que eram trabalhos de faculdade. Claro que o Sr. Figueira sorria e se divertia com o amigo que há tanto tempo já conhecia.

Quando pôde falar, o Sr. Figueira apenas disse:

“É, Orquídea, o Cesar é isso mesmo. Exagerado quando ama, mas é um visionário, está sempre olhando para o futuro. Na verdade é um semeador... acaba sempre plantando algumas sementes em nossas almas que, de uma forma ou de outra, acabam germinando”.

Congelei... Outra vez... De novo... Incrível! Ali estava, outra vez, o “Semeador” dando uma trombada comigo. O que, afinal de contas essa conspiração queria me mostrar ou me dizer?

A resposta vem mais rápida do que o esperado.

Olhando os dois amigos, era fácil entender por que não se largavam. Com quase a mesma idade, cabelos brancos, altos e sempre sorridentes, pareciam mesmo dois irmãos. O Sr. Figueira ainda guardava um pouco do esplendor da juventude, mostrando traços que indicavam uma beleza madura e serena. Já vovô, a energia em pessoa, sempre bem disposto, caminhava diariamente seus cinco quilômetros pela orla marítima, tinha bom preparo físico e um era um exemplo de cuidado físico e mental.

Ambos de uma inteligência extraordinária, sua vinculação ao Rotary acabou impregnando em suas vidas uma excepcional consciência solidária e, na longa história de dedicação à comunidade, posso lembrar de centenas de situações de desprendimento e entrega total de ambos ao projeto de minimizar as dores do mundo, combater as desigualdades e acima de tudo perpetrar a ordem e a justiça social.

O auge de suas atuações ocorreu nas recentes enchentes que assolaram nosso estado em 2008. Quase não dormiram, prontidão absoluta, organizando coletas, socorrendo flagelados, montando programas de assistência e socorro dos desabrigados. Colocaram para funcionar todo o network que possuem e fizeram de tudo e mais um pouco para abreviar o sofrimento de nossa gente.

Meu avô, um incansável rotariano, tinha no seu círculo de amizades pessoas que exemplificam a nobreza de um ser humano. Nosso convidado, um deles, aliás. Escritor da relativa fama, foi um jornalista respeitado e muito admirado pelo seu texto leve e objetivo. Mas essa leveza e objetividade eram magicamente aparentes. Tinham profundidade, eram densos e repletos de questionamentos, cujas respostas vinham da própria estrutura moral de quem os lia. Não era um contestador. Antes, um postulador. Postulador de ideias, de ideais, de conceitos. Todos baseados na ordem e na ética.

O Sr. Figueira era um solidário desde sua viuvez. Mas não era um ermitão. Ainda se reunia com amigos para deliciosas conversas, todas vagando livremente entre o passado, o presente e o futuro.

Vovô e o Sr. Figueira já haviam viajado o mundo, representaram o Brasil em diversas solenidades da instituição a que pertencem e são reconhecidos como homens livres e justos em busca da perfeição. Tenazes e decididos, travavam os bons combates e levavam a vida sempre na linha dos propósitos que aceitavam para sua caminhada;

O Sr. Figueira, homem de extraordinária cultura e visão, numa dessas ocasiões festivas em que o vi, ocupou a tribuna e de lá discursou brevemente sobre os deuses e os homens, numa alusão a Platão. Disso me lembro de algo mais ou menos assim:

“As mais belas orações e os mais belos sacrifícios agradam menos a Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça para assemelhar-se a ela. Seria uma coisa grave se os deuses tivessem mais consideração para as nossas oferendas do que para nossa alma. Por esse meio, os mais culpáveis poderiam se lhes tornar mais favoráveis. Mas não, não há de verdadeiramente justo e sábio senão aqueles que, por suas palavras e atos, desempenhem-se do que devem aos deuses e aos homens”.

Tê-los ali, disponíveis e acessíveis, para mim era como uma consulta livre à biblioteca da sabedoria humana.

CAPÍTULO III

O ALMOÇO E SUAS HISTÓRIAS

Papai chegou com aquele seu habitual mau humor. Meu pai era realmente um cara estranho. Inteligente, articulado, carinhoso comigo, muito família, jamais um deslize sequer em sua vida. Mas, permanentemente de mau humor. Às vezes, se lhe dessem um bom-dia, aquele olhar estranho que só ele tinha, perguntava mudamente: Por quê?

Nunca escondeu sua frustração. Exímio jogador de futebol (segundo todos diziam), teve sua grande chance ao ser convidado para jogar em Portugal, num grande time de lá, acho que o Benfica. Vieram para levá-lo com mala e cuia, família e papagaio. Foi uma tremenda festa na cidade. Casado com minha mãe há quase um ano, trouxe a boa nova pra casa. Mamãe também ficou contente. Vovô deu o maior apoio. Mas então, tinha minha avó, Dona Cibele. Quando soube da notícia, enlouqueceu. Iriam levar sua filha para longe? Jamais! Não enquanto ela estivesse viva. Brigou, gritou, deixou todos alucinados com a sua fúria incontrolável. Até vovô estranhou. Não que ela não tivesse feito quase a mesma coisa quando mamãe marcou a data de casamento. Vovó conseguiu adiar a data do casamento por três vezes, sempre doente, internada ou sofrendo de males súbitos. Mas agora foi mais sério.

Um dia, depois de casados, quando mamãe disse que iria com papai para Portugal, a vovó tomou um vidro inteiro de comprimidos sei-lá-de-quê e ficou dez dias internada. Imaginem a correria. Atendimento de Pronto-Socorro aqui e depois, vovô gastando o que não tinha para levá-la a um Hospital em Florianópolis para continuar o tratamento. Quatro dias na UTI de lá e depois em recuperação aqui. Os médicos disseram que ela era depressiva e desde aquela época toma remédios para se manter mais “normal”.

Mamãe fez com que meu pai fosse pra Portugal sozinho, enquanto vovó não se recuperava. Meu pai até combinou com ela de que quando

minha vó estivesse melhor, mamãe embarcaria. Mas vovó não deixou por menos. Entrou num processo de depressão profunda, melancólica e abatida, ficou praticamente sem vontade de viver. Tentaram de tudo, até benzedeira, mas nada adiantava. Uma senhora que a benzeu com galhos de arruda e outras ervas, disse pra minha mãe que a cura da vovó dependia dela desistir de viajar para Portugal. Mamãe desistiu de acompanhar meu pai. Dito e feito. Vovó melhorou muito, muito mesmo, a olhos vistos, como se, ao conseguir seu intento, não precisaria mais mostrar a todos o quanto sofria.

Um dia qualquer, vendo a melhora de vovó e contando a ela a novidade da gravidez recém descoberta, mamãe comentou sobre a possibilidade de ir ao encontro de papai. Vovó literalmente pirou. Caiu de cama, não comia, não bebia, não levantava e nem deixava acender a luz do quarto. Só dizia que preferia morrer e morreria mesmo se mamãe não dissesse que nunca mais falaria no assunto.

Aquela mãe da amiga de minha mãe, que benzeu a vovó, espírita kardecista, disse-lhe certa ocasião que era um problema de vidas passadas e isso era um resgate da vovó. Em outra encarnação, foram mãe e filha, em situação inversa e mamãe havia abandonado vovó, ainda bebê, numa dessas instituições antigas. Vovó, naquela vida, cresceu e foi explorada por muita gente, até que descobriu, de alguma maneira quem era sua mãe. Uma fidalga, que na juventude teve um caso com alguém e pariu uma menina que não poderia ser apresentada nem oficializada. Por isso a abandonou. Ao saber de tudo, vovó, naquela vida, acabou por matar mamãe. E o reencontro, agora, era cármico. Acho que foi mais ou menos isso. Esses assuntos são meio que tabus em casa. Ninguém fala deles muito claramente. Seja verdade ou não, não sei. Acho que no final, por essa linha, papai deve ser o homem que engravidou mamãe naquela existência.

Voltando ao meu pai, ele ficou dois meses em Portugal. Foi quando mamãe falou pra ele que estava no quarto mês de gestação e ele então, depois de ter tentado de todas as formas levá-la pra lá, sem que minha avó desse um segundo de trégua, ele desistiu de tudo por lá e voltou para o Brasil, por amor à minha mãe e porque meu irmão, hoje com quase 30 anos, estava a caminho.

Meus avós se casaram em 1959. Vovó depois que mamãe nasceu não quis outro filho e evitava até o contato com o meu avô. Imaginam o

que ele sofreu. Meus pais se casaram em 1978 e meu pai estava se profissionalizando no futebol. A Copa do Mundo havia acontecido na Argentina naquele ano e a energia era muito positiva para esse esporte. Por isso a grande decepção de papai, um ano e meio depois, não pôde seguir carreira.

Depois disso, meu pai não mais foi o mesmo. Conseguiu um emprego aqui em Balneário, nunca mais quis jogar uma partida de futebol desde que voltou de Portugal e só assiste a jogos da Seleção Brasileira. Meu irmão, com muita habilidade futebolística também, herdada do pai e do avô paterno, formou-se em Bioengenharia e hoje trabalha na Europa, numa grande empresa canadense. Meu irmão fez um estágio na matriz em Quebec e logo em seguida, acabou transferindo para a Filial espanhola. Vem uma vez por ano, fica quinze dias conosco, viaja de volta para ficarem, ele e a esposa, alguns dias com a sogra em Dusseldorf. Ainda não tenho sobrinhos. E tão cedo não terei.

Minha cunhada é uma mulher bonita, inteligente – é bióloga marinha – jovem e muito ativa. Adora o Brasil e acha o Balneário Camboriú o centro da beleza mundial. Adora a noite daqui, adora o mar daqui, adora o chopp daqui. Estão a casados há três anos e nessas visitas que fez conheceu de Barra Velha a Florianópolis, e claro, como boa alemã, curtiu muito a Ocktoberfast.

Eu nasci meio que por acaso, segundo mamãe. Ela fala pro meu pai que ele deveria beber um pouquinho mais às vezes. Sempre fui a princesinha, a belezinha, a xodozinha da família. Os pais do meu pai, só os vejo vou à casa deles. Eles nunca perdoaram minha avó materna e minha mãe pela tristeza e frustração de meu pai.

Naquele domingo, papai não estava diferente. Trazia numa das mãos o saco com pães quentinhos da fornada de 12h30 min, isso uma tradução dominical. Na padaria, quando sai essa fornada, já separam o saquinho com 8 unidades e o fazem porque, com certeza, o Sr. Osvaldo os pega. Jamais falhou nos últimos 20 anos. Na outra mão, a sacola com cerveja geladíssima e refrigerante.

Mesa posta, todos sentados e aquela macarronada com o molho especial Bolognesi que minha mãe faz, era o que se pode chamar de extraordinária. “*Bracciolas*”, batatas assadas, salada completa – com os palmitos que tanto amo – e “*murignanas*” (berinjelas) à milanesa, faziam o delicioso conjunto do almoço dominical.

Meu avô, como sempre falante, discorria sobre os enormes problemas que vínhamos enfrentando no campo político nos últimos anos. Segundo ele, uma verdadeira subversão de valores estava assolando nosso País. Antes localizados, hoje estão disseminados por todos os níveis da administração pública, em todos os setores e em todos os partidos. Papai considera um dos elementos que compõem o mundo político. Todos concordavam com ele em suas posições e seus comentários. Louca para ouvir a opinião de um “*urso das letras*”, pedi ao nosso convidado, que como jornalista experiente e que conhece a fundo todas as fases políticas do nosso país, nos desse sua visão sobre o tema.

Terminando sua garfada, já com ares de quem estava pronto para essa indagação, de uma maneira até solene, fez uma pequena pausa e disse:

– O problema que vivemos hoje, já foi diagnosticado em 1931 por um visionário, Adrian Rogers – disse ele com um olhar perdido e uma voz bem pausada.

O Sr. Figueira, mais do que citando, declamou as palavras de Rogers, as quais ouvimos em absoluto silêncio: “ – *É impossível levar o pobre à prosperidade através de legislações que punem os ricos pela prosperidade. Por cada pessoa que recebe sem trabalhar, outra pessoa deve trabalhar sem receber. O Governo não pode dar para alguém aquilo que não tira de outro alguém. Quando metade da população a ideia de que não precisa trabalhar, pois a outra metade da população irá sustentá-la, e quando esta outra metade entende que não vale mais a pena trabalhar para sustentar a primeira metade, então chegamos ao começo do fim de uma nação. É impossível multiplicar a riqueza dividindo-a.*”

Após um silêncio profundo, meu avô complementou:

– Sábias palavras. Atuais, extremamente focadas no Brasil atual. Quem dera pudéssemos acabar com isso, terminar com essa ferida humana, esse câncer social. Mas, os termos da história já nos dizem dessa impossibilidade. Nunca na história desse país, ouviu-se tanta mentira, contada a uma parte do povo, dissociada da realidade, que vê uma pequena parcela de seus problemas sendo resolvidas por conta do suor e do sofrimento de outra parte da população, ao invés de lhes serem dadas oportunidades de integração profissional,

de inclusão social através da honra e da ética, pelo trabalho, pela participação no processo de enraizamento dos valores morais. É triste mas é verdade. Sábias palavras de Adrian Rogers, já em 1931. Como conhecia ele o Brasil do futuro, já naquele longínquo 1931? Em outubro daquele ano, Jorge Amado lançou seu primeiro romance “*O país do carnaval*” e coincidentemente, mesma data em que o Cristo Redentor foi inaugurado no Corcovado. Acho que Adrian foi o primeiro a ler o romance e a entender por que o Cristo nos abençoa, todos os dias, de braços abertos, mostrando-nos que não estamos sós.

O Sr. Figueira retomou a palavra e disse:

- Triste porque jamais se arrecadou tanto. Jamais na história deste país, o Governo pode contar com tantos recursos para construir a nova sociedade brasileira. E ao invés desses recursos atenderem aos programas que a sociedade precisa, ela (a arrecadação) alimenta um duto de corrupção de dimensões inimagináveis. Por isso precisam sangrar a sociedade realmente produtiva. Porque os aristocratas e pensadores do poder atual – aristocratas, não burgueses, aristocratas, frisou com ênfase redobrada – tem que manter a entourage, a corte, os castelos (literalmente), subvencionar seus caprichos, ocupar suas cuecas e meias com algo mais valioso que sua intimidade. Artífices do projeto de poder, que avalizam trambiques e negam a própria assinatura; que recebem carros importados próprios para andar na lama e os devolvem com dor no coração e lágrimas nos olhos; que montam caixa dois e dizem eu é normal. O que essa aristocracia brasileira da era moderna tem em comum com a história? Como na França absolutista, eles privilegiam uma classe ligada ao poder. O corpo da nossa sociedade apodrecendo, está sendo consumido pelos vermes que orbitam em torno desse poder. A todos eles, com certeza falta DEUS. Deus não está e nem esteve com essa gente sem escrúpulos. E é simples saber por quê. São apenas 10 os mandamentos de Deus, mas que não conseguem ser seguidos – nenhum deles sequer – pelos espúrios exploradores da sorte humana.

Eu estava embevecida, viajando nas palavras daqueles dois homens maduros e experientes, que tinham sólida formação moral e espiritual e que discorriam com dor e tristeza, a situação de nossa querida pátria.

Ainda estava embargada quando ouço a voz do meu pai. Normalmente

silencioso e taciturno quando havia gente em casa, principalmente meu avô e os amigos dele, meu pai falou:

- Como podem encarar seus filhos? Como podem dormir? Como podem caminhar com a cabeça erguida? Como conseguem conviver com a dor e o sofrimento que provocam à sociedade? Se forem os exemplos em suas famílias, que geração de celerados está produzindo? Que esperar dessa linhagem apodrecida que descende dessa indignidade humana? Nunca na história deste país houve tanta permissividade, tanta impunidade, tanta desfaçatez, tanta leniência, tanta podridão, tanta vergonha.

- É – acrescentou meu avô – eles conseguiram sugar a energia, a confiança, a alegria, a esperança de uma geração que acredita no trabalho honesto, que teve um sonho de construir uma nação forte e ética, que constituiu a mudança e que, ao final, não se perdoa pelo engano que cometeu e pela responsabilidade de ter entregue a nação a isso que aí está. Fomos zombados! Ludibriados, traídos! “*Dê-lhes brioques*”, chego a ouvir na voz zombeteira dos arautos do Armageddon moral.

Vovô, emocionado e ainda em sua postura de palanque, completou:

- Essa praga se alastra de forma inexorável, endemicamente, mergulhando no buraco profundo da perdição a todos que toca. Precisamos de sangue puro, de um tipo cheio de anticorpos, que tenham Deus no coração, que saibam o que é respeito e honra. Que sejam éticos, talhados no berço do que é justo e perfeito. O Brasil era o país do futebol, do samba, da alegria, das mulatas, do carnaval, da Amazônia, do Pantanal, dos milagres, do futuro e da fé. Agora, somos apenas o país da pizza. O molho? Sangue suor do trabalhador honesto. A cobertura? Dinheiro sujo, muito dinheiro sujo. E pensar que a escalada dessa monstruosidade corruptiva começou com um simples automóvel e hoje representa mais que o PIB dos 50 países mais pobres do mundo juntos. Hoje, somos um país com futuro sombrio e só um milagre nos salvará dessa caterva. E já estamos quase sem fé. Anestesiados. Quase achando isso normal. Temos de reagir. Pintar a cara. Não do vermelho, símbolo do sangue da população e do sacrifício da sociedade, mas com as cores da guerra moral. Sair às ruas, não para fazer arruaça, mas para votar certo, para excluir de nossas vidas essa gentilha podre e sem escrúpulos. Esse lixo humano.

Eu quis participar de alguma forma do debate e reuni aos poucos conhecimentos que possuía, e meio que timidamente falei:

- A gente pega um jornal, lê uma matéria e vê uma denúncia, assistimos na televisão ou onde for os detalhes dos escândalos, revistas de indiscutível credibilidade, apresentam as falcatruas, centenas e centenas de jornalistas sérios revelam a sordidez dos golpes aplicados na população deste país e vemos que são aquelas mesmas pessoas que pregavam a exclusividade de estofamento moral, que eram o último reservatório da dignidade, que vem a público tentar explicar o inexplicável. Justificar o injustificável. Estão sempre juntos, mas negando-se a si mesmos. Escondendo a cumplicidade. Mas não se largam. Como diz o ditado popular, *dize-me com quem andas e dir-te-ei quem és*. Negam-se entre si, mas servem ao mesmo senhor.

O nosso convidado, Sr. Figueira, com ar histórico, deu-nos informações estarrecedoras:

- Na virada do século, no ano 2001 estávamos no 42º lugar na lista dos países menos corruptos do mundo. Saltamos este ano para o desastroso 72º lugar, período em que vieram à tona 102º escândalos políticos. Um recorde vergonhoso. Precisamos mais do que nunca ir para as ruas lutar contra isso, votando em favor das próximas gerações; precisamos dos cara-pintadas mostrando uma juventude alerta e consciente indignada com esse cenário vergonhoso. Precisamos, em última instância, da guilhotina! Acabar de novo com a aristocracia renascida neste milênio, aqui em nosso país. Permitam-me contar uma pequena história que reflete bem o momento que passamos:

Um rato olhando pelo buraco na parede vê o fazendeiro e a sua esposa abrindo um pacote. Pensou logo em que tipo de comida poderia ter ali. Ficou aterrorizado quando descobriu que era uma ratoeira. Foi para o portão da fazenda advertindo a todos. *“Tem uma ratoeira na casa.”* A galinha que estava cacarejando e ciscando, levantou a cabeça e disse: *“Desculpe-me, Sr. Rato, eu entendo que é um grande problema para o senhor, mas não me prejudica em nada, não me incomoda.”* O rato foi até o cordeiro e disse a ele: *“Tem uma ratoeira na casa, uma ratoeira!”* *“Desculpe-me, Sr. Rato, mas não há nada que eu possa fazer a não ser orar, fique tranquilo que o senhor será lembrado nas minhas orações.”* O rato dirigiu-se então à vaca. E ele disse: *“O que, Sr. Rato? Uma ratoeira? Por acaso estou em perigo? Acho que não!”*

Então o rato voltou para casa cabisbaixo e abatido, para encarar a ratoeira do fazendeiro. Naquela noite ouviu-se um barulho, como o de uma ratoeira pegando sua vítima. A mulher do fazendeiro correu para ver o que havia pegado. No escuro, ela não viu que a ratoeira pegou a cauda de uma cobra venenosa. A cobra picou a mulher. O fazendeiro a levou imediatamente ao hospital. Ela voltou com febre. Todo mundo sabe que para alimentar alguém com febre, nada melhor que uma canja. O fazendeiro pegou o seu cutelo e foi providenciar o ingrediente principal – a galinha. Como a doença da mulher continuava, os amigos e vizinhos vieram visitá-la. Para alimentá-los, o fazendeiro matou o cordeiro. A mulher não melhorou e morreu. Muita gente veio para o funeral. O fazendeiro então sacrificou a vaca para alimentar todo aquele povo. Por isso, eu digo:

- Ouçam este velho e experiente ratinho...

Temos uma enorme ratoeira do seio da casa brasileira e mãe pátria foi mordida pela serpente da corrupção.

Meu avô rindo da história, falou em alto e bom som:

- O problema é que neste país, quem sabe que existem ratoeiras em todos os setores públicos, instalados pelos Ali Babás modernos, são os que bem se informam, estão atentos e não caem em contos da carochinha. Os que apoiam e vibram com o que não entendem, não leem jornal, porque acabam dando outra destinação a ele, se é que me entendem...

- Acho que jovens caras-pintadas não poderão fazer muito, pois nossa jovem sociedade desconhece nossas verdades históricas e nossas lutas verdadeiras. Acabaram engolindo as histórias distorcidas que lhes foram contadas. Precisamos mesmo é de um velho e experiente político, que tenha sangue fervente nas veias. Acho que a gente precisa dar a eles um pouco de “Camboriuce...” – disse o jornalista, e riu alto, sendo acompanhado pelo meu avô.

- Como assim? Perguntei aflita e intrigada e vendo os dois se divertirem com o comentário.

- Minha filha – disse meu avô com ar divertido – na cidade de onde nasceu nossa cidade, há muito tempo tivemos um Vereador que foi o precursor do “*impeachment brasileiro*”, quase conseguindo o primeiro da nossa história, o virtual criador de nossa Balneário Camboriú, que

depois se tornou Prefeito dela e que aprontou algumas no seu tempo. Deixou muito poderoso de mãos atadas e fez desta cidade o que ela é hoje. O que a gente precisa dele, é que ele vá até Brasília, arrebente seu segundo cofre e passe um trator por lá – daí, de novo os dois riram até perder o fôlego.

- E que coloque no devido lugar todos os que foram pegos no maior escândalo político-financeiro da história mundial e ainda hoje desfilam por aí, com a cara limpa e ficha suja, sem serem afetados, atingidos, incomodados ou encarados, mas ricos e mais poderosos do que antes, escarnecendo de todos nós, rindo de todas as tentativas sérias e éticas de dar-lhes uma lição, sustentados por uma máquina suja e podre, enquanto se fartam em garrafas e garrafas de Romanee-Conti, tragando charutos de um certo país falido e destruído por um idealismo furado, que atrasou a qualidade de vida do seu povo em décadas, dando guarida a terroristas condenados em outros países.

- Boiei, vovô. Arrebentar o segundo cofre? Passar um trator?

- Pois é, minha flor, arrebentar o segundo cofre. Quando esse cara arrombou o primeiro, a história desta cidade começou a mudar. E quando, segundo dizem, ele passou uma “*patrola*” derrubando certos muros e cercas, o contorno da cidade nasceu e a beleza da praia ressaltou. Mas é uma longa história. Já não se faz homens como ele.

- Do que estamos falando afinal, vovô? Perguntei.

- De um homem que não precisou de mandatos sucessivos para mudar definitivamente a história da nossa terra. De um homem que em apenas quatro anos, desenhou nosso futuro, reescreveu nossa realidade, presenteou-nos com progresso, modernidade, consciência social e esta maravilhosa orla que hoje desfrutamos maravilhados. Estamos falando de um personagem impar que deveria inspirar os homens públicos do Brasil.

Quando eu estava pronta para novas perguntas e com a curiosidade nas nuvens, o papo foi cortado pela entrada de minha mãe. Mamãe estava trazendo a sobremesa, um delicioso tiramissu, um pavê italiano feito com queijo mascarpone, café e chocolate. ÔOOOO delícia! A pausa da sobremesa aliviou a conversa e passamos a elogiar a delícia tipicamente italiana, que estava, digamos (para entrar no clima de saudosismo), supimpa!

Veio o café, vovô e o Sr. Figueira foram para a sala, meu pai pro quarto e eu fui ajudar minha mãe com a louça e a limpeza da cozinha. Podíamos ouvir os dois amigos conversando na sala, ainda sobre o mesmo tema, e de vez em quando, ainda fazendo referências ao misterioso “*velho urso*”.

Quando voltei para a sala, ambos estavam rindo, lembrando de uma caçada que o Sr. Figueira havia feito com esse antigo Prefeito arrombador de cofres, motivo de minha curiosidade. Quis entrar na conversa e ouvir direitinho essa história que os fazia rir tanto.

- Como eu dizia, estávamos entrando em férias, ainda sem programa, quando ele me liga dizendo que o Dr. Jacy Pegorim havia nos convidado para uma caçada em Mato Grosso. Convite este, aliás, há muito tempo prometido. Naquele tempo, a caça era não só permitida, como também uma prática muito comum. Ele era um apaixonado conhecedor e costumava praticante desse tipo de lazer e nós éramos aventureiros por natureza e qualquer coisa nos animava, embora nossa paixão fosse a caça submarina. Ele me disse que o nosso amigo Vadê, de Camboriú, tinha comprado uma Kombi novinha e também queria porque queria, fazer essa caçada.

Combinamos que iríamos todos nessa Kombi. A caçada estava prevista para ter mais de uma semana de duração. Foram convidados também para a caçada o nosso amigo Rudi Krause e mais um parente do Vadê. Pedi-lhe um tempo até o dia seguinte, que eu iria combinar com a minha mulher, que também tinha seu próprio programa. Não foi lá com muita boa vontade, mas ela aceitou que fosse. Ele tinha o mesmo problema com sua esposa e foi a mesma dureza para aceitar nossa viagem. Liguei para ele e perguntei quando iríamos partir. Ele respondeu que com três dias após aquela data pegaríamos a estrada rumo ao Pantanal.

Naquela época, morava em São Francisco e no dia marcado, eles passariam para nos pegar. Perguntei-lhe ainda, que armas teríamos de levar.

- Tens revólver? Perguntou.

- Tenho! Respondi.

- Tens espingarda?

- Não, só com arpão - de caça submarina que ele e eu praticávamos juntos há tempos.

- Então estávamos empatados. Vamos comprar uma espingarda calibre 32 para cada um, duas caixas de cartuchos, cartucheiras, facões, botas, mochilas e só!

- Só? Lá não chove? Não faz frio? Não tem mosquitos?

Ele respondeu:

- O Jacy disse que não chove, não faz frio e não tem mosquitos.

A mulher dele, Dona Zenir, sempre muito 'protetora' e zelosa, já tinha comprado para nós, no dia anterior, um chapéu de vime para cada, com uma proteção de tela de mosquiteiro, amarrado no pescoço com elástico, tipo chapéu de safári. Ele tinha dito que não precisava, conforme afirmou o Pegorim. Mas não teve jeito, tivemos que levar os chapéus. E graças a Deus os levamos. As mulheres sempre sabem tudo de tudo. Comecei a entender o significado das bolsas que carregam e seus conteúdos.

Fomos a Joinville, compramos as cartucheiras, duas espingardas e os cartuchos. Dois dias depois, já cedo, buzinaaram na frente da minha casa. Na Kombi estava uns quatro parceiros. Dali, fomos para casa dele. Quando chegamos lá, a mulher dele tinha preparado um café da manhã de reis pra gente. Ele nos pediu para que saltássemos - Eu estava louco pra descer, mas os outros disseram que não, que tinham pressa em chegar ao destino ainda naquele dia - coisa que não aconteceu e ainda por cima, perdemos um cafézaço.

Tivemos que pernoitar no caminho. Chegamos a Campo Grande, fomos informados que o Pantanal se encontrava totalmente alagado e que para chegar ao destino que pretendíamos, só de avião. O avião, porém, não tinha capacidade de carga para nós todos e os suprimentos que a mulher dele preparou pra gente que ocupou quase a Kombi inteira, e aí começou complicar. Fomos aconselhados a ficar em outra região, também propícia para caça. Foi o que fizemos. Custou um percurso de mais de um dia de viagem com a Kombi lotada de gente, mantimentos e tralhas.

A coisa estava ficando muito cansativa, principalmente para nós dois que não estávamos acostumados. Nunca havíamos feito uma caçada,

a não ser de passarinhos, quando éramos crianças. Estávamos bem informados de que a região era boa de caça e nossa pretensão era anta, veados e onças. Uma região pouco mais povoada, procuramos nos informar com mais detalhes aonde ir e o que fazer. Não tivemos dificuldades em receber boas informações. Fomos parar na encosta da serra que circunda o Pantanal. Confesso que a vista era por demais bonita, linda, porém aterradora. Sem muita experiência e meio na louca, nos embrenhamos na imensidão da selva. Após andarmos bastante encontramos uma cabana de caça - um barraco de paus roliços. Adentramos no barraco encontramos um 'jirau' com capim seco em cima, demonstrando que era uma cama que deveria estar sendo usada. No outro canto, restos de cinzas e lenha queimada.

Paramos a Kombi o mais próximo possível e nos separamos. Uns foram descarregar comida e outros foram olhar um ambiente, buscando lenha para o fogo e para reserva noturna. No bagageiro do carro tínhamos uma despensa. Tudo em caixas ou em latas grandes, inclusive bebidas. Estávamos bem municiados. Na frente desse barraco existia um lago muito bonito e até com o luxo de uma prainha e ficava mais ou menos uns 20 metros de distância do barraco. Ao anoitecer nós já tínhamos jantado e procuramos nos encostar, uns dentro da Kombi e outros numa barraca. Todos muito cansados, prontos para dormir. Desconfiados e com medo de nos aproximar do lago por causa das sucuris, nem o rosto lavamos.

Quando já estava bastante escuro, nosso primeiro susto. Do nada, aparece um mulato pequenino, não tinha mais do que um metro e meio de altura, muito falante com sotaque carioca, que já vivia ali há mais de quatro anos. Todo sujo de andar na mata, com aquele chapeuzinho grudado na cabeça, que mais sugeria um gorro, parecia sacizinho, pulando os galhos e a sujeira do chão, até chegar-se a nós.

Achegou-se ao fogo que acendemos entre a barraca, a cabana e a Kombi, que formavam, entre si, estrategicamente, um triângulo. Contou-nos que vivia ali sozinho e disse que já conhecia Santa Catarina, quando passou por Blumenau na época do seu centenário. Contou-nos que tinha achado um diamante que lhe havia rendido recursos suficientes para essa viagem. Após gastar todo dinheiro, voltou para aquele lugar desolado e continuou garimpando. Esse pessoal geralmente é financiado por alguém do lugar que lhe mantém

em condições de trabalho. Ele lhes entrega o produto e o financiador reverte a renda, deduzindo sua parte. E o curioso é que a coisa é mais séria que o jogo do bicho. Eles cumprem fielmente.

Naquela noite os olhos do mulatinho brilharam com o nosso arsenal de caça e ele nos mostrou a sua arma. Uma espingardinha 22, cano corroído e com apenas dois balotes na mão.

- O que são balotes? Perguntei, ousando interromper a narrativa.

- Balotes são pedaços de chumbo batido rusticamente e, naquele caso, muito mal batidos por sinal. Meia dúzia de cartuchos, já gastos, quase se rompendo. Ao abater uma caça, a primeira coisa que ele fazia, era ir com sua faquinha bem rústica no ferimento do animal abatido e com isso, retirava o balote, que lhe era mais precioso que a caça. Naquela noite, o nosso grande amigo passou para ele a sua própria espingarda e meia dúzia de cartuchos. O mulatinho agradeceu, dizendo que não precisava de tanto cartuchos, bastavam, só três deles.

- Por hoje está bom - disse-nos - vocês querem muita coisa?

- Não, não - o que você pode trazer? Alguém de nós perguntou.

- À noite posso trazer paca e tatu, respondeu o rapaz.

- Tatu não, só paca - recomendei.

Jantou ali o que havia sobrado da nossa refeição, ainda quente, como se fosse um banquete. E tomou o café com muita vontade, informando-nos que aquilo tudo para ele era um luxo quase impensável. Comida boa, armamento de primeira, café delicioso. Fornecemos um pouco dos nossos mantimentos para ele. Encheu o seu farnel e foi para o mato, desejando-nos bons sonhos e recomendando um turno de vigília para cada um de nós, de duas horas no máximo, perto do fogo, onde é o último lugar que bicho bravo ocupa na mata e duas horas acordado não judia de ninguém e é o limite que um sujeito aguenta na noite da floresta.

Depois de nos reunirmos para decidir turnos, e sequência, vimo-nos preocupados com tudo aquilo e ficamos a nos perguntar se não fizemos uma grande bobagem municiando um desconhecido que simplesmente chegou com uma boa conversa. Um carioca, morando sozinho naquela mata toda? E levou todo mundo no bico? Será?

Qual a nossa surpresa, no dia seguinte ao acordarmos, vermos largados em volta de seu rancho, duas placas e a espingarda; porém o misterioso amigo não estava mais ali. Agora ficou mais alarmante a dúvida: o que estaria fazendo esse elemento enigmático, embora alegre e esperto, num fim de mundo como aquele?

Quando voltou, logo à tardezinha, a primeira coisa que ele nos fez, foi pôr à nossa disposição o seu pobre barraco - que coisa querida! Em seguida, passou um sermão danado porque o responsável pelo turno, quando ele chegou ao acampamento, dormia a sono solto. A única segurança que ele disse que tínhamos naquela madrugada é que o ronco do Rudy (nosso vigia dorminhoco) era tão alto e tão estridente, que nem onça ia ousar entrar no acampamento.

Mas nós queríamos conversar mais com ele. Ele nos viu meio “*sujos*” e explicamos que tínhamos um certo receio de sucuri na lagoa. Ele riu baixinho e mostrou que, atrás da cabana, depois da “*casinha*”, tinha um cercadinho com uma caixa d'água pequena, antiga com cano tampado com um pedaço de madeira roliça que funcionava como chuveiro. Ele disse que pegava alguns baldes de água no lago, enchia a caixa e tomava ótimos banhos no verão. Quando estava frio, colocava água para ferver numa caçarola enorme que ele tinha lá dentro, jogava a água fervente na caixa acima do chuveiro, acrescentava água fria até temperar e tomava deliciosos banhos. Mas avisou que banhos mesmo, ele tomava pouco. Gostava de se lavar no riacho.

Já era novamente noitinha, todos tinham tomado um delicioso banho mais pra morno que pra quente, recheados de piadas e sustos uns nos outros. Do nosso rodízio de tarefas, todos já haviam se desincumbido delas e a janta já estava feita. Servimos-lhe comida, bebida e batemos um papo mais pessoal. Ele nos revelou que estava garimpando a mais ou menos 300 m de distância daquele barraco e que no dia seguinte poderíamos “*ir lá ver o seu serviço*”. Coisa de doido!

Como vimos, logo pela manhã em “*seu serviço*” com uma lata velha e toda torta, nosso amigo caminhava para o fundo do lago. Mergulhava, enchia a velha lata de cascalho e trazia para trás do barraco onde já tinha um monte de pedregulhos bastante significativo. Ele era uma pequena máquina, fazia o serviço de forma quase automática. Após ter uma quantidade considerável, ele bateava aquele pedregulho para apurar o chibio ou o diamante de maior quilate.

- O que é chibio? Perguntei de novo, querendo saber.

Vovô respondeu que chibio eram pedras quase sem valor. Diamantes danificados, sem condições de aproveitamento de alto nível, mas com pequeno valor, quase insignificante.

Feito esclarecimento, o Sr. Figueira continuou:

- Boquiabertos, nos entreolhamos, rimos e voltamos para o barraco. Naquele dia, pela sua extrema habilidade, e porque não chegamos nem perto de aranhas na noite passada, nós o convidamos para caçar conosco.

- O que vocês querem caçar? Perguntou-nos. Podemos ir esta noite mesmo caçar anta na beira da encosta.

- E como é essa caçada? Perguntamos cheios de curiosidade.

- A gente se posiciona, cada um fora da área de tiro, numa distância aproximada de 30 metros, entre um e outro. Com espingarda e lanterna. Não pode fumar, nem fazer barulho algum, até a hora da lua sair. Essa semana é uma semana própria para esse tipo de caçada.

Quando chegamos ao local escolhido por ele, lá ficamos todos posicionados a partir de mais ou menos seis horas e trinta da tarde, até para lá das nove horas da noite quando a lua saiu. O medo era aterrador. Tudo no mato fazia um barulho infernal. A sensação é que vamos ser devorados por uma onça a qualquer momento.

Naquela noite ele disse: vocês querem uma caça pequena?

- Não, não. – dissemos. Mas voltamos sem nada.

Disse ainda:

- Eu tenho um saleiro aqui perto.

- O que é um saleiro? – Perguntamos estranhando a palavra.

- É um local onde é colocado o sal para caça vir lambar. É um comportamento próprio nos lugares argilosos.

Na noite seguinte, fomos mais cedo. Pudemos levar a Kombi até mais perto. Cada um levava seu facão, sua espingarda e a lanterna. “À noite hoje é própria” – Prometia o mulatinho.

Lá chegando constatamos que a região era bastante úmida, com alguns arbustos em volta, de mais ou menos três a quatro metros de altura. Tivemos que cortar alguns galhos e levar para cima das árvores, fazendo um jirau com aqueles galhos. Cada um fez o seu jirau.

- O que é um jirau? De novo perguntei.

- Jirau, Di, é uma espécie de suporte. São muitos os usos: há jiraus que servem de camas, suporte para louças ou pia em cozinhas; sobre o fogão, suspendem carnes para serem defumada; sal ao sol, secam frutas. Chama-se jirau também a armação sobre a qual se constrói casas em áreas alagadas da Amazônia, as famosas palafitas. Da etimologia Tupi deduz-se o significado comum: espécie de plataforma, qualquer armação que repousa sobre forquilhas para diversos fins. - É isso - falou meu pai - saindo de sua habitual sonolência.

Ninguém havia percebido sua presença ali na poltrona, entre a sala de estar e de jantar. Estava com uma fumegante caneca de café fresquinho na mão. Minha mãe já estava servindo aos outros, quando a história começou:

- Então nos posicionamos nos jiraus, respeitando a distância de 20 a 30 metros entre nós, sempre de frente para o saleiro onde a tal caça apareceria. Combinamos que quando a lua saísse ou após o primeiro tiro, estava encerrada a caçada. Pelo cálculo do nosso guia, a lua naquele dia sairia lá pelas dez horas.

Muito bem! A noite esfriou bastante e mesmo assim tinha muito mosquito. Ficamos ali mais ou menos, duas ou duas horas e pouco de espera. Cada um no seu poleiro, sem fumar, sem fazer barulho, sem se mexer, sem nada. Aliás, até quase enxergar nada. Da mesma forma que da outra vez, o medo era enorme. E ali pior ainda, por estar mal posicionado, com espingarda e a lanterna na mão sem poder fazer qualquer movimento que produzisse barulho.

Nessa situação, as pernas adormecem, ficam encarangadas. Fica-se torcendo e muito, para que alguém detone o primeiro tiro. A sensação que há uma cobra deslizando pelo corpo da gente, que tem bicho nas costas, que isso que aquilo, é assustadora.

Nada caçamos nesse dia também, porém um fato novo. A lua saiu, todos nós julgamos no mato e saímos correndo para a Kombi e ao chegarmos lá, olhamos para uma árvore que tinha uma lanterna

piscando em sinal de socorro. Fomos até lá ver o que era. Nosso amigo Dr. Pegorin, estava com câimbra nas duas pernas. Para tirá-lo lá de cima, o Vadê, o Rudi e eu nos posicionamos de braços entrelaçados, o meu amigo subiu nas nossas costas, formando uma escada e o mulatinho subiu através da gente, alcançando Pegorin, ajudando-o a descer pelas nossas costas. Foi a maior gozação!

No dia seguinte, o nosso guia marcou uma caçada de onça. Disse que dessa vez não teria erro. Dava pena ver o rapaz tentar nos agradar, fazendo o que sempre fazia e nada dando certo. Nessa nova empreitada, caminhamos de Kombi por mais ou menos uns 20 Km. Lá encontramos um barraco onde morava uma família. As janelas desse barraco eram fechadas com couro seco de caças.

Esse cidadão possuía quatro cavalos, evidentemente magros, que foram postos à nossa disposição. Ele também participaria conosco dessa caçada, só que dessa vez seria de dia.

Já estávamos quase perto das onze da manhã. No centro do barraco, sobre um fogão rústico, tinha uma panela grande de ferro, quase cheia de carne de anta ensopada, com uma gordura bem vermelha. E a dona da casa ainda cozinhou um arroz descascado num pilão.

Enquanto o Dr. Pegorin com sua maletinha médica, consultava as crianças da casa, nós dois saímos por ali pra ver onde poderíamos dormir. Já tínhamos a comida, mas o pernoite...

Não pude me conter e falei pro meu amigo que não dava pra acreditar que ele havia me enfiado nessa roubada. Cadê o romantismo e a ventura das caçadas? Ali estávamos e o que víamos e vivíamos era mesmo numa baita luta pela mínima sobrevivência. Em meio a gargalhadas e xingamentos, fomos andando e fuçando no mato. A Kombi havia ficado muito longe dali, na entrada da mata e a cabana estava dentro dela e então teríamos que improvisar.

Achamos um ranchinho de três por três metros, repleto de espigas de milhos com cascas secas e amontoadas. Já vi que íamos dormir ali mesmo. Ajeitamos o lugar e espalhamos as espigas. Olhei para o teto e vi um couro seco de boi. Estendi o couro sobre as espigas, quando já estava quase escurecendo e esfriando bastante também. Não tínhamos qualquer cobertura - tudo na Kombi! Voltamos para o barraco dos proprietários. Os meus companheiros já tinham acabado

de comer o ensopado com arroz. A dona da casa preparou-nos um prato. Contamos pra eles o que encontramos como abrigo e como montamos as camas improvisadas. Enquanto degustávamos o prato, eles se dirigiram direto ao rancho. Já estava muito frio e caía uma garoa forte. Não era chuva, mas molhava até os ossos. Comemos muito mal ou quase nada, tiritando e lembrando que o nobre Doutor havia dito que não fazia frio, não chovia e não tinha pernilongos.

Quando chegamos ao nosso abrigo, o Vadê já tinha se deitado na parede mais protegida do vento sobre o couro, é claro. No lado dele o Rudi Krause. O Pegorim que chegou depois, permaneceu ao lado dele do Krause e nós, como retardatários - mas que fomos os que tínhamos preparado tudo - ficamos deitados sobre as espigas, fora do couro e com as costas para porta, com muito frio, pingos no corpo e muito mosquito. Muito mosquito mesmo.

O cansaço acabou por dominar a gente. Estava quase dormindo, o Dr. Jacy, que já estava ferrado no sono, puxou aquele ronco irritante. Eu queria dormir e não podia. Olhei pro lado, meu amigo que me trouxe para essa aventura desastrosa sentado, olhava pra mim. Não tendo alternativa, desatamos a rir. Aí ele gritou:

- Jacy, Jacy!!!! Para de roncar, pelo amor de Deus!

- A minha mulher põe a mão sobre a minha testa e aí eu paro de roncar. Disse ele.

Agora veja só: frio, cansaço, sem cobertor e ele com a mão na testa do Pegorim. Com o sono a mão dele caía da testa e o Pegorin voltava a roncar. Que noite de terror.

No dia seguinte, desnoitados, atordoados, totalmente sem noção, saímos para caçar onça. Amarramos os cavalos em volta de uma só árvore e alguém ficou ali cuidando para que eles não fossem atacadas. Andamos por aquela mata das oito horas da manhã até às quatro da tarde. Eu queria encostar as mãos no chão, mas não queria levantar os pés. Foi quando escutamos um tiro. Numa caçada um tiro sempre é bom sinal. Corremos em direção do som. Lá chegando encontramos o nosso guia mulatinho, com seus pés descalços sobre o valioso troféu, envolvendo um balote nos dedos, que já tinha retirado do animal. Ele disse: *“ela estava bem aqui no galho dessa arvorezinha.”* A peça era tão bonita que o Krause - após o nosso *“sacizinho”* pular de um lado

pro outro da bichona e com agilidade espantosa tirar o couro dela – fez uma proposta de compra. O Rudi comprou o couro com a promessa do rapaz que deveria salgá-lo, assim que chegássemos ao alojamento.

Como eu e meu amigo já estávamos cansados de caça e caçadores, deu uma nostalgia danada das tardes tranquilas em que passavam os bandos de papagaios e araras, os quais víamos confortavelmente sentados em cadeiras de balanço no alpendre da casa, tomando um delicioso drink. A minha vontade era de voar e fugir dali. Ao chegar ao alojamento, pegamos todas as nossas coisas e fomos para a Kombi. Enquanto cada um guardava a espingarda, a cartucheira e as caixas de cartucho, o facão, a lanterna nas capas, olhamos pro nosso amigo e vimos que ele havia reunido tudo o que era dele – espingarda, cartucheira, cartuchos, facão, lanterna, farnel, chapéu, tela, saco de dormir – e deu tudo para o mulatinho que não cabia em si de alegria. O homem do barraco que nos acompanhou, ganhou quase tudo o que tínhamos na Kombi, de mantimentos a bebidas. Deixamos só o necessário para a viagem de volta. Era uma festa. Eu de minha parte, dei minhas armas e equipamento à família que nos acolheu aquele dia, na contrapartida de que eles dessem parte dos mantimentos e bebidas pro nosso alegre sacizinho e eles ficaram endoidecidos, agradecidos e feito crianças, dividiram o presente.

Naquela caçada, nós fomos as presas e o troféu pertenceu aos que ficaram por lá – foi tudo o que levamos para a viagem e demos com satisfação.

– Falei pro meu amigo, assim que a viagem de volta começou: meu irmão, o nosso negócio é pescar e não caçar. – com o que ele concordou e prometeu que nunca mais me meteria em confusão.

Quando a narrativa terminou pensei comigo mesma: que almoço... que reunião impressionante. Quanto aprendi ali. Mas, repito, não imaginava como aquela conversa teria desdobramentos e quão importante passaria a ser na minha vida. E acima de tudo, com toda essa história, perdi o fio da conversa que foi interrompida com a sobremesa, mas eu não sabia que não faltaria oportunidade para voltar àquele tema e àquele pessoa.

CAPÍTULO IV

O CONVITE

Meu dia era basicamente frequentar as aulas da faculdade de jornalismo, auxiliar minha mãe em tarefas domésticas, três tardes por semana academia, algumas visitas à praia quando o dia estivesse maravilhoso e curtir algumas noites por mês, as festas que me atraíam. Namorado mesmo não tinha. Tive um na verdade, coisa de adolescente, paixãozinha passageira. Saí com alguns rapazes para um cinema ou uma baladinha, mas nada sério. Ainda achava que primeiro deveria cumprir muitas passagens e terminar muitos compromissos com o futuro, para então pensar nisso. Mas, claro, jovem e saudável, tinha, como disse, uns momentos aqui e outros ali com rapazes que achava interessantes. Nada sério nem profundo. E nem permitia muita intimidade. A beleza nunca foi um detalhe determinante em minhas decisões e pequenas paixões. Muito mais pelo conteúdo do que pela embalagem, sempre fui privilegiada com relacionamentos repletos de inteligência, sagacidade e bom humor. Rapazes com o que eu chamava de “*contexto*”. Antenados, bons de papo, atualizados. E como eu disse, muito humor.

Ah... isso era imprescindível. Bom humor. Gente divertida, que conseguisse ver o lado bom de todas as coisas, sem polianismos, que soubesse aproveitar um bom momento para sacar uma piada de bom gosto, era fundamental. Gente alegre, de alto astral, sempre foram o meu alvo. Gosto da companhia de gente assim. Por isso, meu professor de Metodologia de Pesquisa Científica recebia toda a minha atenção. Nem sei se gosto tanto da matéria dele, mas o importante é que tudo nessa matéria me encantava. Acho que o que o vô Cesar diz tem toda a verdade do mundo: - “*uma história de sucesso depende da voz do contador*”. É uma verdade, ele falava e eu mergulhava na matéria. Sua maneira de dizer as coisas era meio musical, dramática e envolvente. Mas não podemos esquecer que Shakespeare alertou que “*para o êxito de um bom dito, é necessário mais do ouvido que escuta do que a boca*”.

que diz". E meus ouvidos, quando ele falava estavam, sempre atentos. Química forte e poderosa. A voz do contador, como dizia meu avô e os ouvidos que escutam, como pregou o poeta inglês.

Muito bem apessoado, ainda jovem, com trinta e quatro anos, formou-se em jornalismo na faculdade Mackenzie, fez pós graduação e depois mestrado no exterior e era um dos mais queridos da faculdade. Eu e pelo menos mais 99% das alunas do curso, adorávamos o Peter. Na verdade, o nome dele era Pedro, mas era tão charmoso, tão encantador, que o chamávamos de Peter. Um lorde inglês com senso de humor bem brasileiro e de uma cultura invejável. No meu sexto semestre, e era nosso professor mais acessível, mais dedicado e mais amigo de todo o corpo docente. Ele era uma unanimidade.

Pois bem. Esse adorável professor, num determinado dia, ao invés de sua costumeira aula, informou-nos que por problemas de saúde, nosso professor de Instituições Políticas II ficaria afastado por todo o semestre e então ele, acumularia essa cadeira. Discorreu sobre a alegria de poder ministrar as duas matérias à nossa turma e da importância da inter-relação delas. Por isso, como no semestre seguinte teríamos nossa primeira parte do T.C.C. (Trabalho de Conclusão de Curso), ele nos auxiliaria a conduzir nossos trabalhos pautados na pesquisa e na análise histórica, com a sustentação ideológica que construiu os caminhos políticos brasileiros.

Segundo ele, quando colocamos no mesmo cenário a história política de um povo, despida das nuances mitológicas, mas dentro de um rigoroso padrão de pesquisa científica, então podemos entender o comportamento social através dos tempos, os anseios e as rupturas da sociedade de um país.

E era importante esse conhecimento e essa sustentação histórica, para que não fôssemos mais uma massa de profissionais que ao invés de cumprir o nosso papel, preferíssemos, a inconsistência e a irresponsabilidade.

Ouvindo isso dele, já comecei a me sentir como a virtual responsável pela manutenção da verdade histórica da nação. Minha cabeça já dava voltas e eu já me via produzindo textos eloquentes, profundos integralmente revestidos de verdade e isentos de especulações. Vi-me combatendo o uso indevido da imprensa, vi-me presidindo um

comitê ético e punindo todos aqueles que não respeitassem o sagrado código da verdade.

Mas no fundo, ali, as coisas eram mais simples e mais fáceis. Era apenas a pedra bruta que começava a ser esculpida. Quantas vezes ouvi do meu avô que a perfeição é conseguir ser por dentro, exatamente o que se é por fora. A proposta de Peter era que iniciássemos uma pesquisa sobre o panorama político brasileiro. Era um trabalho voltado para o curso de acontecimentos que, de alguma forma, transformaram a vida e a história de algum lugar. Mas não devíamos nos ater apenas aos personagens. Teríamos que traçar paralelos, estruturar ideias, expor os conceitos, suas transformações e, principalmente, a mudança no curso da história por conta dos personagens e vice-versa.

Bem, foi isso que ele pediu. O problema é que todos nós não conseguimos identificar imediatamente o que isso significava. Ele percebeu e propôs que na aula seguinte, cada um trouxesse sua proposta de lugar, época e personagens envolvidos para um debate e então, estabelecer sobre qual tema cada um de nós falaria. Combinamos também que nessas duas matérias, metade das aulas seria dedicada à carga curricular e a outra metade, aos debates sobre pesquisas, fontes e formas e sobre fatos históricos preponderantes.

Karaka... o que seria mais difícil? Fazer a escolha a partir do lugar, do tempo, dos fatos ou dos personagens? Sobre o que eu falaria, sobre o que discorreria? Não podia esquecer que a base do trabalho era a evolução ou situação política no tempo. E colocar todos os ingredientes numa mesma vasilha, misturando-os, sem que eles perdessem sua essência amalgâmica, porém, produzindo um resultado transcendente.

Naquela tarde, quando cheguei em casa, encontrei meu avô sentado no sofá da sala, no silêncio, meio tristonho. Olhou pra mim e surpreendentemente apenas sorriu, sem cantar a ladainha que sempre entoava quando me via. Caminhei lentamente na direção dele, sabendo que algo ali estava errado e beijando-lhe a testa enquanto segurava a sua mão, carinhosamente perguntei se estava tudo bem. Melancolicamente ele disse que, nem tudo estava bem. Contou-me que o nosso convidado daquele memorável almoço, Sr. Figueira, havia sofrido um infarto e estava no hospital, ainda na UTI. Sendo um dos raros amigos contemporâneos do vovô, ele ficou muito abalado com o fato. Disse que foi visita-lo, mas ele estava sedado e não puderam conversar.

Vovô me lembrou que o Sr. Figueira era viúvo recente. Quando Dona Amália morreu, fomos todos ao velório. Papai e eu não fomos ao enterro, cada um por suas razões, mas não fomos. Havia menos de seis meses que a esposa havia falecido e a partir daí, ele perdeu muito da vontade de viver. Erma poucos os momentos em que se mostrava alegre e feliz o que tinha vontade de sair. Vovô contou que havia ficado muito otimista quando o amigo aceitou o convite para aquele almoço e mais feliz ainda quando o viu conversando eloquentemente e percebido que a chama do jornalismo não havia se apagado. Até que relatou – claro, com o seu habitual exagero – de excelente impressão que o Sr. Figueira havia tido de mim. Não considere as costumeiras menções sobre o reconhecimento das pessoas e principalmente do Sr. Figueira sobre minhas aptidões, meu futuro e coisas e tal, já que a maioria delas era fruto do amor do meu avô por mim.

Ficamos ali conversando e eu pude entender que, para o vovô, o Sr. Figueira era o último amigo da mesma era, com as mesmas histórias, com os mesmos significados de vida que ele. Todos os outros amigos do vovô vinham de sua vida no Rotary. Aliás, sem o Rotary, vovô já teria sucumbido à tristeza. Com vovó sempre daquele jeito, ele tinha se agarrado a essa organização com muita vitalidade. Quando se tratava dos eventos dessa Organização, vovô parecia uma criança. Nenhum jovem o superava em disposição e capacidade de realização. Era o primeiro a chegar, cuidar dos detalhes, organizar, acompanhar o desenrolar dos eventos e o último a sair, depois que tivesse a certeza de que tudo estava em ordem. Tudo estava bem.

O Sr. Figueira, seu companheiro de vida e de clube, representava quase cinquenta anos de parceria, amizade, cumplicidade e fidelidade. Eu passei a minha vida ouvindo falar do Rotary e do Sr. Figueira. No Rotary, participei apenas alguns eventos pois meu pai, em seu inalterável mau humor, nunca foi de muitos amigos nem de festas. O Sr. Figueira, conheci melhor naquele almoço, mas já conhecia sua existência e sua importância para o vovô, além do que, sua fama o precedia. Fama justa e merecida, aliás, como comprovei.

Não sei por que, mas disse pro vovô que se ele quisesse, eu iria com ele no hospital para fazer uma visita. Acabamos conversando sobre uma porção de coisas, fui animando o vovô e ele pareceu um pouco melhor quando mamãe lhe trouxe uma caneca de café – o vovô só tomava

café me caneca de porcelana que mamãe guardava – com um prato de bolinhos de chuva. Acabamos por assistir a um filme na televisão a cabo e vovô só foi embora perto das nove horas da noite.

Passados três ou quatro dias dessa conversa, vovô telefonou-me e disse que o Figueira estava melhor, já no quarto e recebendo visitas. Cobrou-me a promessa de ir visita-lo e combinamos para o dia seguinte, uma terça-feira, depois que saísse da escola.

Na manhã seguinte ao telefonema, era uma das aulas de Peter. Desde que eu havia decidido fazer meu trabalho sobre a Polônia de Lach Walesa, eu estava extremamente focada na pesquisa e já havia compilado textos, fotos e informações sobre o tema. Estava agora na composição sobre as origens e objetivos do Sindicato Solidariedade e a conversa com Peter foi altamente esclarecedora. Muitas coisas que não havia ainda coligido foram apontadas, dicas importantes foram dadas, enfim, foi uma manhã proveitosa. Tão proveitosa que havia esquecido do compromisso com o vovô. Quando cheguei em casa, um pouco já passado do horário que costumava chegar, vi o carro dele parado em frente nossa casa e daí lembrei.

Puxa, com tantas coisas pra fazer e eu tinha que cumprir um compromisso que assumi por puro impulso. Mas, vai lá que seja. Respirei fundo, entrei e dei de cara com vovô já ansioso pra ir e já cobrando de mim o atraso. Claro, isso tudo depois de cantar seu poema preferido com a minha chegada, bem diferente da última vez. Comemos rapidamente e embarcamos rumo ao hospital e ao Sr. Figueira.

Ouvindo vovô falando sobre sua indignação com os serviços de saúde brasileiro, vendo-o insurgir-se contra o desrespeito com que os sistemas trata nossos doentes, principalmente mais os idosos, já fiquei imaginando como seria lá no hospital. Vovô ia “sentar a lenha” nas pobres enfermeiras. Vovô é daqueles que não podem ver um caixote jogado no chão e sobe lá e dá discurso. Mas, graças a Deus, nada disso aconteceu. Foi quase correndo que entramos no quarto do Sr. Figueira para uma visita que mudaria completamente minha vida.

Fomos recebidos com um sorriso doce e terno, muito natural nas pessoas que agradecem a uma gentileza com o coração. No quarto, apenas um rapaz, que fiquei imaginando quem poderia ser, já que filhos, não os teve era viúvo. O rapaz estava ali, com certeza de má

vontade pois, assim que chegamos, passou a mão no rosto do Sr. Figueira e disse:

- Parece que seus amigos chegaram e o horário da visita está quase terminando. Tenho mesmo que ir, mas prometo que ainda esta semana volto para vê-lo. Mamãe não consegue sair de casa, por conta da idade e tenho que cuidar dela também. Meu pai virá amanhã. Qualquer coisa me ligue. A administração também tem meu telefone. Cuide-se e descanse, tio. Bem, então era sobrinho do Sr. Figueira. Ao sair, passou por mim e olhou-me de uma maneira que me incomodou. Era como se mergulhasse totalmente dentro de mim através dos meus olhos e o que me deixou ruborizada foi o olhar acintoso que lançou, medindo-me da cabeça aos pés, detendo-se demoradamente em meu colo. Aquilo me deu um misto de raiva e rubor. Sei que sou bonita, tenho bom porte e meu corpo é muito bem delineado. Tenho formas firmes e a academia mantém a flexibilidade dele. Meus pontos fortes são meus olhos, de um verde generoso e o meu sorriso – minha neura é cuidar dos dentes – branco, uniforme e fácil de ver, já que estou sempre sorrindo. Mas, creio que a maioria dos homens, apesar de perceber isso, prefere meus seios. Harmônicos com meu corpo, nem grandes, nem pequenos, são delicados e sensuais. Quando estou na praia, eles são o foco da atenção dos rapazes.

Se não fosse essa atitude ousada, teria me chamado mais a atenção. Jovem, de uns vinte e cinco anos mais ou menos, belo porte, sem ser “*bombado*”, tinha cabelos negros planejadamente em desalinho, olhos negros penetrantes, vestia-se com casualidade e bom gosto. Passou por mim, olhou-me daquele jeito e sorriu. Um belo sorriso. Eu sou fissurada em dentes brancos e perfeitos. E ele os tinha. Sobrancelha bem marcadas, fartas, davam a ele uma expressão máscula sem ser bruta. E uma indiscutível beleza. Vestia calça jeans desgastada, um tênis tipo náutico e camiseta pólo solta por sobre a calça. Pele queimada de sol, suas mãos eram sensuais. Não percebi quanto tempo fiquei pensando nisso, até que vovô me chamou a atenção, perguntando se eu ficaria feito besta na porta do quarto ou entraria pra cumprimentar o doente. Totalmente sem graça e sentindo o sangue encher minhas bochechas, caminhei até a cama e peguei na mão do nosso amigo. Ele sorriu com delicadeza, apertou minha mão e falou, com certa dificuldade:

- Então, menina, qual a grande matéria da semana? Não me diga que está cobrindo o serviço voluntário nos hospitais da cidade. Eu ficaria triste. Você tem potencial para muito mais, ou faz parte do JORNALISTAS DO RISO?

Com o olhar do sobrinho dele ainda em minha mente, demorei pra entender a piada. Mas depois, meio que mecanicamente, pra escapar do flagrante e da emoção daquele inusitado encontro, comecei a falar do trabalho da faculdade, sobre os personagens, fatos históricos, evolução e mudanças provocadas pelo contexto. Estava tão desesperada para dissipar o flagrante que me deram que, não parava mais de falar. Misturei tudo – Peter, Lech Walesa, Solidariedade, Polônia, etc.

Meu avô e o nosso amigo ouviram pacientemente tudo o que despejei. Quando eu parei, mais porque percebi que estavas perdendo o foco e cuspiendo palavras a esmo do que por outra coisa, eles se entreolharam o Sr. Figueira me disse:

- Orquídea, pelo que eu entendi o trabalho que você tem a fazer, eu acho que, apesar da importância do Lech e do momento histórico polonês, foram as mais circunstâncias do que a nação dele que provocaram as transformações internas na Polônia. Ganhou o Nobel da Paz sim, mas porque havia no ar, na época, uma forte tendência mundial de combate ao totalitarismo. Foi presidente, pelas próprias circunstâncias e isso tudo é impressionante. Mas ele não trouxe prosperidade para o país, não trouxe um modelo de governo que pudesse sanar as diferenças e as dores que o levaram ao poder. Seu governo não foi tão brilhante quanto seu movimento na oposição. Tanto que perdeu duas eleições seguidas depois do primeiro governo e acabou saindo do Sindicato e se indispôs com o seu Partido. O trabalho que você tem que fazer, precisa de alguém que tenha mudado o estado das coisas, tenha trazido prosperidade e brilho a um lugar, que tenha, tanto um opositor quanto como governo, conseguido estabelecer sensíveis diferenças, transformando comportamentos e entendimentos e tenha, mesmo que no silêncio da própria consciência, conquistado o respeito e admiração de seus adversários. Você precisa encontrar alguém que tenha sido a mesma pessoas dos dois lados do poder, que tenha colocado em prática seus ideais e não tenha se curvado aos interesses. Hoje por exemplo, temos demonstrações catastróficas do que é fingir ser o

reduzido da moralidade e da decência, ser uma bandeira de luta contra a corrupção e os desmandos e quando no poder, estabelecer padrões de desvios inimagináveis. Precisamos de alguém que nos mostre o que é ser reto, digno e decente em quaisquer circunstâncias.

- De quem eu vou falar, então? – retruquei. Na minha classe já foram escolhidos Nelson Mandela, Ghandi, Getúlio Vargas e mais uma porção de grandes homens que fizeram história. Tem alguma sugestão?

- Tenho sim. Posso te ajudar e muito. Todos os alunos da tua classe falarão de gente que o mundo conhece e isso é até fácil. Nem precisa de muita pesquisa. Basta um clique no teclado e o Dr. Google te dá tudo o que precisa. Para amar o jornalismo, para deixar no sangue o vírus da investigação, para desenvolver a capacidade de entender o ser humano e poder falar sobre ele, eu sugiro que você se utilize de um personagem nosso, aqui da cidade, local, com história de luta e que foi combatido pelos poderosos, mas não capitulou e, enfim, trouxe uma nova realidade à nossa cidade e hoje, se ela é próspera e feliz como você vê, foi porque ele teve coragem de romper com as tradições do poder.

- Aqui em nossa cidade, em Balneário Camboriú? Quem é esse? De quem estamos falando? Daquele personagem do almoço de outro dia? Do caçador? Do tal cofre? Por acaso aqui Balneário alguém ganhou um Nobel? Ri, meio sem jeito, tentando decifrar se era coisa do estado dele ou se ele estava realmente falando sério.

- Não o Nobel, mas o Semeador... um belo e merecido prêmio. O Semeador. Um prêmio cujo nome já mostra toda a extensão de seu valor.

Bum!!! Minha cabeça explodiu. O Semeador. De novo o semeador. Que estranha aceleração... qual a verdade por trás de tantos sinais? Desde pequena ouço minha mãe dizendo que Deus fala conosco de muitas formas. Por isso temos que estar atentos aos sinais.

O Sermão do Padre Heitor sobre a Semeadura e o Semeador, o pensamento seicho-no-iê do dia do almoço do Sr. Figueira em casa sobre o Semeador, o elogio que ele fez ao vovô, naquele mesmo dia comparando-o a um semeador... Agora todas essas coisas voltam, envolvendo exatamente as mesmas pessoas. E de novo uma referência ao Semeador.

Como eles haviam notado minha expressão de espanto e meu silêncio, vovô adiantou-se:

- Flor, o que aconteceu? Você está catatônica... Flor... Flor... está tudo bem?

Saí do meu torpor e lentamente contei tudo que havia acontecido desde aquele domingo, indo do Sermão à frase que o Sr. Figueira acabara de dizer e que disparou meu cérebro.

Eles se entreolharam e o Sr. Figueira, falou bem devagar, já que mostrava espanto e cansaço ao mesmo tempo:

- Uma vez ouvi de um grande amigo que quando o destino tece suas teias os deuses expressam suas vontades, o Universo conspira inexoravelmente. Sei que tudo tem um propósito, sei que todas as coisas estão entrelaçadas e são interdependentes. E esta é uma prova inequívoca que temos que resgatar essas verdades e contar essa história. A história desse personagem singular, impar, desse Semeador.

Meu avô, a seu turno, emendou, quase atalhando o Sr. Figueira:

- Flor, eu acredito em justiça. O homem de quem falamos é nosso amigo e conhecido. Estou te convidando a trocar o teu trabalho, deixando de falar de gente de longe, pra mostrar a verdade de gente de perto. Gente que realmente fez diferença para todos nós. De que adianta cultuar pessoas que não conhecemos e nada contribuíram para conosco, quando temos à nossa disposição, gente extraordinária que fez o curso da história caminhar na direção da justiça e do equilíbrio? E que atingiu nossas vidas com um impacto de modernidade e beleza?

Eu estava aturdida, meio tonta ainda com as coincidências (mas será que existem coincidências?), quando perguntei:

- Mas será possível fazer um trabalho assim?

Foi o Sr. Figueira quem respondeu:

- Tudo é possível quando pessoas especiais fazem coisas extraordinárias. A vida dele permite isso. O teu talento fará o resto. A história dele é assaz interessante e você se divertiu muito quando contei a história da caçada. Ele é o meu amigo, que deu toda a tralha pro mulatinho.

- Puxa vida. Eu realmente adorei a história. E se vocês são amigos dele, então ficaria mais fácil. Mas, vocês têm certeza de que a história dele convence mesmo? Tem conteúdo? Tem densidade? Falei como uma jornalista!

- Di - disse pausadamente meu avô, daquele jeito solene que ele aplica quando quer dar pompa e cerimônia a um fato - é só uma questão de justiça. Nova Delhi, Gdanski, Johannesburg ou qualquer outra cidade do mundo, o que tem de diferente da nossa querida Balneário Camboriú? Tanto aqui como em qualquer uma dessas cidades grandes, coisas aconteceram. Grandes homens que fizeram grandes coisas existem em muitos lugares e em muitos períodos da história. Por que não falarmos de um grande homem nosso? Todos os grandes personagens têm em comum, entre si, a luta pela igualdade, pela justiça e pela ética. Quando você conhecer melhor a história desse personagem, entenderá que na nossa realidade, a cidade é o que é graças a ele. Muitos poderosos tiveram que dobrar os joelhos porque ele os venceu, moral e eticamente. As raposas felpudas da nossa política local tocaram um dobrado porque não o corromperam. Ele mudou a cara da cidade e fez coisas que perduram até hoje. Ele planejou nossa querida cidade para 30, 40 anos. Só recentemente ajustaram os principais planejamentos que ele deixou e que vinham sendo cumpridos. E se você olhar para as principais avenidas da cidade hoje, elas estão sendo retraçadas e reprogramadas para terem a mesma rota e o mesmo destino que ele projetou há anos e só agora, passando tanto tempo, ousaram implementar.

- Enfrentou ameaças - complementou o Sr. Figueira. Sofreu atentados, boicotes, sacanearam com ele até dizer chega, Mas não o venceram. Pelo contrário. Enquanto alguns de seus adversários precisavam de tramoias e conchavos para ganhar dinheiro, ele enriqueceu trabalhando e sendo pioneiro em muita coisa que está por aí. Enquanto muitos outros utilizam o poder público para se locupletar e tirar vantagem, ele pagou contas da Prefeitura com seu próprio dinheiro, avalizou compras pessoalmente, gastou do seu para poder realizar os seus sonhos.

- Mas por que, então, nunca ninguém falou dele? Por que não o conhecemos tanto assim? Onde estão as referências dele? Se ele é assim tão importante para tudo isso, por que pra mim ele é uma novidade? Por que não se fala dele nem nas escolas municipais?

- Filha, às vezes temos que corrigir algumas injustiças. Falar dele publicamente é expor certas situações que seus opositores lutaram para manter em sigilo. Mesmo assim, em alguns setores da sociedade ele é muito reconhecido. Sua coleção de prêmios e condecorações é muito grande. Ele ainda é uma sombra para muitos erros que só não foram cometidos porque ele impediu. Ele é uma lâmina que ainda não deixa fechar certas cicatrizes morais. Quem sabe, por algum motivo, Deus a tenha escolhido para isso. Para corrigir essa lacuna. Traga história dele a público, traga a saga desse homem para o conhecimento da juventude. Tenho certeza de que isso inspirará uma nova fornada de caras-pintadas.

- Ok. Então eu aceito o convite. Mas eu gostaria de fazer isso com a ajuda de vocês — repliquei.

- Acho que temos ajuda melhor pra você do que nós dois, disse-me o Sr. Figueira. Aquele meu sobrinho que acabou de sair daqui, o Ivens, é professor de história. O pai dele é meu irmão. O nome dele é Isaque. O Isaque é um historiador, conhecido e respeitado aqui na cidade. Vou pedir a eles que te auxiliem nas pesquisas. Será bom pra eles também. O Isaque pode até ajudar a publicar esse trabalho e fazer justiça a um grande homem.

Gelei ... gelei total! Como eu conseguiria me concentrar no trabalho se aquele olhar não me saía da cabeça? O que o destino me reservou? A obrigação de fazer o trabalho ou através dele me colocar uma nova situação nas mãos? Só o tempo diria.

- Então, tá! Pergunte a seu irmão quando eu poderei falar com ele. Vou falar com o Peter, meu professor, sobre a mudança.

A conversa derivou, depois de alguns minutos, para outros temas e as enfermeiras já estavam enchendo, há mais de meia hora, sobre o fim do horário de visitas. Somente quando ameaçaram chamar a segurança, resolvemos ir embora.

Quando estávamos saindo, o Sr. Figueira ainda falou:

- Não se esqueça do cofre. Ah ... e tem uma história mal contada ... de um certo caminhão com um trilho de trem na frente ...

E eu saí dali contando os minutos para iniciar minha nova missão. Ou teria outro motivo para isso?

CAPÍTULO V

MUDANÇA DE PLANOS

Peter não entendeu de imediato a minha mudança de planos. Pra ele, tratar de um personagem que recebeu um Nobel e foi presidente de um país que estava mergulhado em problemas estruturais e literalmente contra as liberdades, que ficou preso e mesmo assim mantinha o controle do sindicato que redirecionou a sociedade polonesa, não podia se comparar a um personagem local, alguém de Balneário, com uma história ligada a um ponto perdido no imenso planeta Terra.

Não foi com muita facilidade que eu discorri, integralmente, sobre todas as circunstâncias que me levaram a essa decisão. Ouviu-me detidamente e ele que era, em síntese, uma pessoa extremamente prática, confesso, não mostrou a menor tendência de perceber o tal "*movimento do universo*" e nem compartilhou comigo uma possível linha oculta ou mirabolante de interferência de destino.

Até repeti a frase de efeito sobre a vontade dos deuses, as teias do destino, mas não houve muita receptividade. Mas, num determinado ponto, eu o venci. Repeti, como derradeiro argumento, pura e simplesmente o que um dia ele próprio já havia dito e isso teve um efeito decisivo sobre ele e sua opinião:

"- A diferença entre a mediocridade e a genialidade está em transformar pequenas coisas em grandes obras".

Então, se na opinião dele não dava pra comparar um Prêmio Nobel com um Semeador (que tanto ele quanto eu nem sabíamos ao certo o que era), então, deveriam estar presentes dois fatores para meu "*best-seller*": Uma história densa, repleta de coisas extraordinárias e minha capacidade de reproduzi-la.

Nunca duvidei de vovô. Jamais ficaria em dúvida quanto à visão do Sr. Figueira. Portanto, eu exigi minha oportunidade de fazer esse trabalho. E ele, enfim, cedeu. Não sem antes querer, ele também, participar da empreitada.

Agora sim, ri comigo mesma, eu estava impressionada. Um simples trabalho de escola envolvendo tanta gente importante na minha vida. Vovô, Sr. Figueira, o inesquecível sobrinho dele - Ivens, o pai dele, Isaque e o Peter.

Fiquei muito tempo me perguntando se essa combinação de pessoas, esse elenco de coadjuvantes no meu trabalho era um resultado da minha empatia com eles ou se existia alguma coisa a mais por detrás de tudo isso. Será que esse personagem misterioso de Balneário Camboriú tinha tanta magia e tanta energia que fazia com que as coisas caminhassem nessa direção ou seria mesmo o destino se encarregando de promover a justiça e restabelecer alguns valores, como dizia meu avô.

Quando cheguei em casa, liguei imediatamente para meu avô. Minha avó atendeu ao telefone. Fazia um bom tempo que não conversava com ela. Ela disse que vovô havia saído, ido buscar o Sr. Figueira no hospital para levá-lo pra casa. Para a casa dela. Fiquei contente com a notícia, mas vovó já se pôs a reclamar porque o Sr. Figueira ficaria hospedado por uns tempos na casa deles. Vovô queria o amigo por perto e sabia que sozinho em casa ele acabaria tendo problemas. Por isso, o levaria à própria casa. Hospedaria seu amigo com o carinho e o cuidado que só os verdadeiros amigos podem dar. Vovó, já se sabia, estava pronta para outra crise, outra internação, outra super hiper mega high chantagem com vovô. Quando eu via e ouvia essas cenas, a única coisa que eu podia imaginar era quão gigantesco era o amor de vovó por vovô. Ela não queria nunca ninguém entre eles. O vovô nasceu para ser só dela. Como mamãe também.

Senti o cheiro de problemas no ar e já me dispus a ir pra lá imediatamente, para fazer companhia a ela enquanto vovô não chegasse e para ajudá-la no que fosse necessário. Um pouco porque não queria vovó daquele jeito, outro porque o Sr. Figueira merecia o tratamento, mas também por dois motivos importantes. O primeiro, a fonte de tudo o que eu precisava fazer estaria num só local e com o destino eu não mais lutaria, e, em segundo, que eu poderia ver e falar com Ivens num território, digamos, neutro, se bem que do meu domínio.

E foi bingo!

Vovó de início relutou, pois isso talvez atrapalhasse seu "*petit theatre*",

mas logo em seguida aquiesceu, pedindo-me para ir imediatamente já que ela não estava bem, a ponto de cair de cama, com sua "debilitada" saúde. Voei pra lá.

Quando cheguei, encontrei vovó teatralmente prostrada em seu sofá favorito, com olhos de míngua e atitudes de quase morte. Com cuidado e com carinho, cheguei perto dela, começamos a conversar sobre muitas coisas até chegarmos ao meu trabalho. Esse comentário foi natural e eu quis, na verdade, fazê-la entender que para o vovô, a presença do Sr. Figueira era importante e para mim era essencial. Evitei falar do Ivens, pois para a vovó, os homens só servem para tirarem-lhe os entes queridos. Ela ouviu tudo o que eu contei com um bem disfarçado interesse. Vovó era muito inteligente e perspicaz e pegou rápido tudo o que eu dizia. Mas ela acabou declaradamente se interessando pela situação quando contei que meu trabalho versaria sobre um antigo prefeito, um homem de Balneário Camboriú. Ela fez diversas perguntas que eu não soube responder, até que eu comentei que vovô havia falado de um cofre arrombado. Vovó se transtornou. Olhou pra mim e disse:

- Aquele homem? É daquele homem que vocês estão falando? Ele é um grosso, um mal-educado, um brutamontes. Eu não vou permitir que você faça um trabalho sobre a vida dele. Ele não tem um lado gentil, minha filha. Ele é um grosseirão. Não sei, até hoje, porque teu avô e os amigos dele sempre acharam esse homem um ídolo. Um revolucionário. Tentou derrubar Prefeito, brigou com juízes, discutiu com todos os representantes das classes nobres e bem posicionadas de nossa cidade. Ameaçou parar a cidade, enchendo a Avenida Atlântica em plena alta temporada, de pedras e terra e muito mais que nem me lembro. Por onde passou foi só confusão. Eu não quero você com esse homem.

Vovó ainda estava falando e gesticulando quando vovô chegou com o Sr. Figueira. Antes mesmo das boas vindas, ela disparou, como se eles estivessem presentes desde a primeira frase minha quando cheguei.

- Você não vai. Não mesmo. Se você pensa, Sr. Cesar, que vai colocar minha neta com aquele grosso, você está muito enganado. Por causa dele, meu pai perdeu muita coisa. E vocês ainda deram um prêmio pra ele. Meu pai morreu olhando a Av. Atlântica e pensando nos imóveis que deixamos de ter.

Vovô olhou pra mim e para o Sr. Figueira com espanto e disse pra vovó:

- Ah, mulher, deixa de bobagens. Teu pai era um sonhador e entrou na lábria dos malandros que queriam enriquecer fácil aqui. Se não fosse por quem você agora ofende, teu pai teria perdido o emprego na rádio, não teria recebido nem os salários atrasados. E não esqueça que teu pai ganhou uma boa comissão na troca do terreno do nosso amigo em Santa Lidia com a Dona Nollie em Itapema. A casa que teu pai morou até o fim da vida, e foi herança tua, veio daquele negócio. Ele nem precisava de intermediário, nem precisava pagar comissão, mas teu pai colocou nele e ele, que não é traíra, pagou mais do que devia por ter feito um negócio com uma senhora que ele conhecia há muitos anos. Quer saber mais? Se você não tivesse tanto chique e fricote, teria aposentado na mesma Prefeitura que ele humanizou e deu cara de primeiro mundo. Você teve muitos benefícios lá mesmo na Prefeitura, por conta da bondade e da humanidade desse homem. Vovó ficou quieta, meio de boca aberta, pois para ela o pai era um grande herói. E vovó só ouvia das histórias do pai aquelas que lhe interessavam. Vovó, segundo eu soube, tinha quase a mesma idade do nosso personagem e meu bisavô era mesmo um sonhador. Artista de rádio, corretor de imóveis, faz-tudo na cidade, sempre teve sonhos de grandeza. Vovó era uma jovem que embarcava fácil nos sonhos do pai e até hoje, embora morando muitíssimo bem na Barra Sul, ainda viaja em sonhos que meu bisavô nem teria condições de tornar realidade. Vovó chegou a votar no seu desafeto para vereador, mas não votou nele para Prefeito.

Quando voltou a falar, desatou:

- Para mim, qualquer pessoa que mande derrubar cercas e muros de propriedade particular, na calada da noite, não merece respeito. Além do mais, isso é ilegal.

- Lamento discordar da Senhora, disse o até então calado Sr. Figueira. Ninguém pode provar que foi ele. Primeiro porque a Capitania dos Portos alertou em diversas oportunidades, através de comunicados e portarias, todas devidamente publicadas, sobre a ilegalidade das construções e das ocupações de áreas de Marinha. Por duas oportunidades a Marinha concedeu prazos, determinou aos proprietários que exibissem documentação e autorizações para construções, etc. Ninguém deu atenção. O Ministério da Marinha

foi desrespeitado, a lei não foi cumprida. Quem pode afirmar que foi nosso amigo que mandou derrubar as cercas e restabelecer o direito de todos os munícipes? A Polícia dos Portos avisou que desobstruiria as praias, o Vice-Almirante reforçou essa possibilidade.

Vovô, em auxílio do amigo, completou:

- Mulher, não fale mais do que você não sabe. Independentemente do autor desse ato, se ele não tivesse ocorrido, nossa querida Balneário Camboriú teria quilômetros de praias particulares, sem calçadas e seria um exclusivo ponto destinado a milionários. O povo lamberia a testa e não poderia desfrutar. A Av. Atlântica seria passagem particular, toda quebrada, irregular e não teríamos essa beleza que hoje desfrutamos. Quem quer que tenha mandado fazer o estrago, nós todos fomos beneficiados. Pode ter sido a Marinha, a Capitania dos Portos, o nosso amigo ou todos associados. Que diferença faz? O resultado disso mostrou-se benéfico para todos e os poderosos tiveram que comer o seu orgulho e empáfia com areia. Mas encerremos esta discussão aqui. Todos esses fatos serão mostrados pela nossa querida Flor. Deixe que a história conte a verdadeira história, na visão e nas palavras de quem amamos e confiamos. Vamos cuidar do nosso amigo Figueira, que precisa do nosso carinho e da tua famosa canja de galinha.

Eu, que estava quieta e caladíssima, abri minha boca e falei o que poderia ter sido o desastre do meu trabalho e o fim de minha até ali tranquila existência:

- Vovó, a senhora foi a bibliotecária durante algum tempo. Não quer me ajudar nesse trabalho? Seria bom pra senhora, pra mim e pra verdade dos fatos. Seria bom até pra que de uma vez por todas a gente descubra o que esse homem tem de santo ou de demônio. Ser for um homem justo e correto, nosso trabalho terá valido a pena. Se for o contrário, então também terá. Sabe vovó, uma vez meu pai me disse que tem certas situações que para atingir um bem maior acabamos ultrapassando alguns limites. Pelo que o vovô acabou de falar, não importa quais os limites que foram ultrapassados, se é que foram, o importante é que nossa cidade é um tesouro mundial. E se o meu bisavô eventualmente perdeu alguma coisa, foi sim para um bem maior. O problema de nossa sociedade é a conjugação na primeira pessoa e o foco no próprio umbigo. Temos que evoluir para o "nós", para o cenário global. Quem sabe a história desse homem não seja um belo exemplo disso?

Aquilo teve um efeito extraordinário em vovó. Até eu me assustei. Ela olhou pra mim de um jeito que parecia expressar uma explosão. Mas, enfim, não era. Era de alegria. De alguma maneira, seus olhos mostraram alegria e gratidão. Aparentemente, aquele convite trouxe-a de volta ao mundo dos vivos. Vovó era uma das poucas mulheres de sua época, em nossa cidade, que conseguira formação superior. Estudou, com muito sacrifício na capital e concluiu o curso de Pedagogia, que na época era conhecido como Filosofia, Ciências e Letras, já que, em quase toda a década de 60, os professores eram selecionados por exames de suficiência e quase restritos aos formados em Magistério.

Por conta dessa qualificação, vovó era, em sua juventude, uma mulher que se destacava. Não foi difícil cuidar, durante um curto tempo, da biblioteca da cidade. Ela era responsável, inclusive, pelo clipping de imprensa, tanto oficial quanto dos principais jornais do estado. Estava sempre muito bem informada e era, por conta de sua vida universitária, uma mulher independente e muito assediada. Os homens a temiam, pois nas grandes revoluções daquela década, ser mulher, independente, inteligente, articulada e moderna, levantava barreiras quase intransponíveis em nossa então provinciana cidade.

Sem perder a oportunidade, vovô emendou "*de primeira*", como diriam no futebol:

- Então, Cibele, está na hora de mostrar que ao invés de ficar reclamando do que não sabe, você pode participar do restabelecimento da verdade. Não só para curar sua úlcera de falsas memórias, como também para a oxigenação histórica dessa juventude que hoje curte praia e uma cidade moderna e atuante e nem sabe a quem agradecer. Não precisa nem mexer em computadores que disso a Flor cuida. Só precisamos da tua memória e tua experiência profissional.

- Não sei, não ... articulou muito timidamente vovó. Fazer charme era com ela mesma. Mas aquela situação era diferente. Muito diferente.

- Acho que não darei conta. Sempre doente, não são todos os dias que me sinto bem. Tem as tarefas da casa, tem teu avô que quer tudo na mão e na boca e já são mais de quarenta anos que não trabalho com essas atividades. Não sei não, acho que está fora de cogitação pra mim. O que vão pensar? A velhinha que quer ser moderninha? Não ... sou muito doente. Isso é para vocês. Eu não presto pra mais

nada. Estou aqui contando os dias pra partir desta pra melhor, falou, fazendo até beicinho.

- Vovó - atalhei - será bom você fazer alguma coisa pra se distrair. E me ajudar no trabalho, pode ser bem apropriado.

- Ah, menina. Quem sou eu? Isso é pra vocês. Você precisa de alguém que tenha disposição e tempo de fazer pesquisa, estudos sobre os temas, que saiba classificá-los de acordo com o tempo e a ocasião. Não pode esquecer a pertinência e o encadeamento. Cada assunto, uma pesquisa diferente. E não pode perder os objetivos. Minha filha, você tem que ter todos os tópicos bem claros, bem definidos e ter uma estratégia clara e simples para chegar aos resultados que espera.

Enquanto falava, era outra vovó. Não era mais a D. Cibele que não gostava do Sr. Osvaldo, que choramingava pelos cantos, chantagista e cheia de cenas e truques. Era outra vovó, que eu não conhecia. E vi nos olhos do vovô uma luz, certamente trazida pela vivificação da mulher que um dia brilhou e lhe despertou tanto amor.

A distração de vovó sempre foi a leitura. Meu avô se gaba de ter uma biblioteca com mais de quinhentos livros. Mas ele não leu nem a metade deles. Vovó, ao contrário, foi quem comprou praticamente cada livro daqueles, leu, classificou, catalogou e organizou nas estantes de carvalho. Vovó tem um carinho imenso por eles. Eu mesma, apesar de ter percebido muitas vezes a qualidade da organização e o esmero na conservação, somente me dei conta dessa ligação da vovó com a leitura depois desta nossa conversa de hoje.

Vovô então perguntou ao amigo Figueira o que ele achava da ideia de vovó me auxiliar. Claro que na cabeça dele estava a grande oportunidade de ocupar minha avó com algo e ficar um pouquinho livre das neuras dela. Pode ser também que vovô, perspicaz como era, tenha percebido algo no olhar e no jeito de vovó que remeteu a um passado maravilhoso. Vovô falou muito entusiasticamente quando inquiriu sobre a opinião do amigo.

O Figueira, com sua habitual sabedoria, nos contemplou com mais uma interessante história:

- Contam que uma vez um filhote de caranguejo estava correndo para atender o chamado da mãe e tinha lá suas dificuldades pra chegar. Então a mãe lhe disse: - menino, deixa de andar de lado e venha direto

pra cá. O garoto parou, olhou, pensou e disse: – Sim senhora, mamãe, me mostra como é que eu irei ...

Que silêncio na sala ...

Ninguém falava nada até vovô irromper numa sonora gargalhada. Quase sem fôlego, falou:

– Então, velha carangueja, vai parar de andar de lado? Mostra pra gente como é andar pra frente. Ou tua essência não permite? Você não acha que vale a pena descobrir a verdade sobre esse assunto que ainda mostra ranço na tua memória e, com certeza, na de muita gente? Vamos descobrir quem é essa pessoa de uma vez por todas?

Todos nós rimos, menos vovó. Acho que ela se lembrou que precisava manter a fama que o teatro de anos lhe conferiu. Mas foi com uma certa pompa, que falou:

– Se vocês acham que é possível, então posso dar uma ajudinha. Sem prometer nada, é claro. Todos vocês conhecem minha situação. Já disse. Não prometo, mas uma vez ou outra posso dar um palpitezinho aqui e outro acolá. Mas, me reservo o direito de cuidar da minha saúde, que é precária, todos sabem, antes de me indispor com esse trabalho. Não quero partir desta para a melhor e deixar o meu velho aqui sozinho com esse amigo maluco que ele tem.

É, na verdade vovó mostrava mais uma vez sua grande dificuldade de se desapegar de pessoas. É como se elas fossem uma parte inseparável de sua vida e ela não tinha como entender a individualidade de cada um.

– Agora só falta o anel, falei quase sem pensar. Todos me olharam intrigados. Muito intrigados.

– Que anel, do que você está falando, Di? Meu avô me perguntou.

Dei risada, depois que percebi minha sandice e esclareci a todos essa questão de fazer a comparação com a obra de Tolkien.

– Nada não. Foi só uma brincadeira. É que no livro O Senhor dos Anéis, o primeiro tomo é A Sociedade do Anel. Nove personagens diferentes se unem para destruir o Anel do Poder. Um mago, quatro hobbits, um elfo, um anão e dois homens. Aqui nós já somos vovô, vovó, Sr. Figueira, seu irmão Isaque, seu sobrinho Ivens, professor Peter, nosso

personagem principal e eu. Quem será o nono personagem? Nosso anel parece ser as mentiras que contaram a respeito do nosso biografado, que temos que igualmente destruir.

Como ninguém tinha lido ou assistido o filme O SENHOR DOS ANÉIS, levei quase meia hora explicando o que era. Só parei porque o Sr. Figueira deu a ideia de assistirmos aos filmes, já que ele teria que ficar pelo menos 10 dias em repouso quase absoluto e vovó interessou-se vivamente pelo amor de uma princesa elfa por alguém da raça humana. E estava genuinamente curiosa a respeito dos hobbits, do tal condado e do Mago Gandalf.

Mas, a pergunta do Sr. Figueira ficou em minha cabeça. Quem seria o nono componente de nossa estranha sociedade?

Em breve todos nós descobriríamos. E acho que foi o melhor desta história toda.

CAPÍTULO VI

O GRANDE CHÁ

Por iniciativa de meu avô, três dias depois da chegada do Sr. Figueira na casa de vovô e da inclusão de vovó no projeto, preparamos um delicioso chá da tarde na casa de meus avós, para receber todos os alegres componentes da "*sociedade do anel*", como todos nós já chamávamos o grupo. Assim todos teriam a oportunidade de se conhecer e todos agirem em favor desta pequena "*hobbit*". Nunca imaginei que um trabalho de escola pudesse tomar tamanha proporção. Nem em meus mais alucinantes devaneios (que não eram poucos, confesso) pude me ver numa situação de trazer a história de nossa querida cidade como pano de fundo para resgatar um personagem incrível, que aparentemente tinha histórias fantásticas.

E então, de repente, me dei conta de que até aquele momento, ninguém falava dele pelo nome. Todos o tratavam de "*o velho*", de "*urso*", de "*nosso amigo*", "*o personagem*", etc. Em apenas duas circunstâncias seu nome foi pronunciado - quando o Sr. Figueira me falou dele no final da visita do hospital, e apenas uma vez, eu mesma, falei seu nome para o Peter, quando decidi mudar o curso do meu trabalho.

Presenças garantidas nesse café colonial de final de tarde eram vovô, vovó, Sr. Figueira, pois já estavam no local, eu, a principal interessada, e o Peter. O Peter achou tão insólita e tão engraçada a situação, que estava indo apenas por pura curiosidade e diversão. Para ele, aquela reunião de pessoas em torno de um tema corriqueiro de faculdade, era algo que merecia investigação. Mas não uma investigação sherlockiana. Ele estava mais para Inspetor Closeau, o impagável Pantera Cor de Rosa do cinema. Sendo de fora, de uma grande capital, o Peter não conseguia entender essa mística do personagem de Balneário, que não mudou o cenário mundial, não era referência pública e, segundo ele entendia, era quase ostrascico.

O tio Isaque (como eu já o chamava) e o Ivens não haviam confirmado a presença, mas prometeram que fariam todo o possível. E eu, com certeza, estava rezando para que eles fizessem mesmo mais do que todo o possível e pudessem vir. Não só pelo inusitado da situação, que mais parecia coisa de história infanto-juvenil, mas porque realmente queria ver o Ivens de novo.

No fundo, no fundo, estava achando tudo aquilo mais engraçado do que entusiasmante. Uma situação insólita que nem deveria estar ocorrendo. Meu pai, no seu absoluto e profundo mau humor, havia comentado em um jantar noite dessas que na verdade, aquele trabalho estava envolvendo pessoas que já tinham perdido a razão de viver e então estavam se agarrando a sombras do passado para rejuvenescer, fazendo clara alusão à minha avó, de forma até maldosa. Que eu nada tiraria de proveito disso, mas estava a serviço da caduquice de três ou quatro senis Quixotes.

Como meu pai passou a dizer depois disso, vovô precisava justificar seu ato de premiar um louco. E eu sempre replicava que o vovô tinha uma grande sabedoria e até terminar o meu trabalho e conhecer a verdade, eu firmaria posição na confiança no julgamento e bom senso do vovô.

Se meu pai estivesse certo no aspecto de que eu estava apenas abrindo um armário de velharias e soltando mais fantasmas do que imaginava, mesmo assim valeria a pena por ver, três quase octogenários, se empenhando de novo em um projeto. Mais que isso, nossa querida Balneário merecia conhecer a verdade sobre um ilustre representante da classe dos homens que fazem a diferença na vida. Quanto mais apertavam contrariamente a isso, mais eu me dispunha a descobrir a verdade. A verdade passou a ser necessária.

Eu sempre trato nossa cidade como querida isso ou querida aquilo. Porque para mim ela é mesmo querida. Independentemente da quantidade de aventureiros que vêm pra cá todos os anos, conseguimos fazer dela uma cidade segura e agradável. Cresce com tranquilidade, com civilidade, gente bonita enche as ruas, os restaurantes, os shoppings. Uma juventude bonita, festeira e cheia de vida.

Nunca canso de ouvir de muita gente que passa por aqui, que nossa cidade é um paraíso em todos os sentidos. Lugar bonito, limpo e civilizado. E que aqui não tem gente feia. Só gente bonita. E a beleza,

afinal de contas, tem muito a ver com o estado de espírito. Então, nossa cidade é o melhor tratamento para a beleza que qualquer um pode ter.

Nas primeiras pesquisas que fiz e em pequenas conversas com minha avó sobre nosso querido personagem, ela contou que bem no final da década de 1950, um jovem casal, ele com 27 anos e ela com 19, vieram pra cá. Vinham com um bebê de colo. Funcionário de um importante banco catarinense, o Banco da Indústria e do Comércio de Santa Catarina, assumiu a gerência da unidade de nossa cidade e instalou-se, em moradia, no casarão do Banco, bem no centro da cidade.

Numa das raras ocasiões em que meu pai deu efetiva atenção ao meu trabalho, acabou esclarecendo que Camboriú, a cidade da qual Balneário Camboriú nasceu, nesses meados de 1958, era uma cidadezinha com pendores interioranos, com histórias políticas centenárias. Seus habitantes só se reuniam na Igreja. Fora disso, eram totalmente separados por partidos políticos. Os habitantes, até para se casarem encontravam dificuldades se os noivos eram de famílias de partidos diferentes. Casamentos e confraternizações? Só entre PEDESSISTAS (PSD) ou UDENISTAS (UDN), sem misturas. Naquela cidade tudo respirava política. Dizem os mais antigos habitantes daqui que, apesar de sua tenaz resistência ao envolvimento político com quem quer que seja, o jovem gerente, não conseguiu permanecer tanto tempo isento na imparcialidade. Para ele, recém-chegado, era importante manter boas e proveitosas ligações com ambos os lados e para isso, precisava de muito malabarismo. Por conta de uma enorme e rotunda pressão, acabou se filiando à UDN.

Naquele tempo, o poder era dividido entre poucos em uma cidade do interior. O gerente de um banco fazia parte desse escol. Ser amigo dele, ter boas relações com ele, era imprescindível para os outros poderosos ou aspirantes a tal. A inteligência do nosso personagem, até para que o banco pudesse ter sucesso em sua atividade, fazia com que ele se mantivesse neutro. Mas a batalha pela atenção e apoio dele nas questões políticas resultou numa acirrada disputa na cidade, até que, compelido por fatores éticos, acabou fazendo uma opção.

É desse homem que hoje trataremos. A "*sociedade do anel*" iria começar, nesta tarde, a refazer sua trajetória e contar sua história. Para o bem do meu trabalho e para o bem da própria cidade.

Ainda estava pensando nisso tudo, enquanto ajudava vovó a pôr a mesa, quando a campainha soou. Já estávamos, meus avós, o Sr. Figueira e eu em casa. Meu coração deu uma acelerada pensando que pudesse ser o Ivens e seu pai. Corri abri a porta e respirei fundo para não demonstrar minha ansiedade, aparentemente tão sem propósito. Quando abri, recebi um caloroso sorriso do Peter, meu professor. Ele olhava pra mim com certa admiração e espanto, pois estava acostumado a me ver de jeans e camiseta e hoje, devo confessar, caprichei no visual.

A maquiagem não combina muito com minha beleza natural. Por isso, utilizei apenas um rimel e gloss nos lábios, fazendo uma suave sombra esverdeada por sobre as pálpebras, realçando, e muito, meus olhos verdes. Meu cabelo, sempre preso num rabo de cavalo (que já era minha marca registrada) estava solto e bem escovado. Um vestido que acompanhava as formas de meu corpo davam um ar mais sofisticado à minha figura. Uma sandália de tiras trançadas até o calcanhar deixava meus pés – delicados e muitíssimo bem cuidados – à mostra.

Eu não gostava de usar cores em meus esmaltes e por isso, sempre deixei a base transparente nas unhas. Esse conjunto resultava em mim, naquele momento, uma beleza helênica. E eu, sinceramente já havia gostado do conjunto quando me preparei e agora, percebendo o brilho daquele olhar, senti-me rejubilada. Eu senti mesmo o efeito que estava provocando.

Enquanto olhava surpreso, não conteve o comentário:

– Menina, acho que devíamos fazer mais chás da tarde. Você está deslumbrante ... maravilhosa. Impressionante. Agora entendo por que Menelau enfrentou dez anos de guerra e Páris não abriu mão de uma mulher estrangeira.

Minhas faces ruborizaram e nem bem o convidei para entrar, bem atrás dele, o Sr. Isaque e o Ivens apareceram. Fiquei abobada, atordoada, perdida e parecia que cada membro do meu corpo não só tinha vida própria como também total independência, cada um deles querendo fazer uma coisa diferente dos outros e seguir numa direção distinta.

Nem sei quanto tempo passou nessa situação, mas vovó, providencialmente, ajudou-me a recebê-los à porta e fê-los entrar. Eu não sabia o que fazer nem quem atender. O Peter olhava pra mim

com indisfarçável admiração. Cumprimentei o Sr. Isaque e quando fui cumprimentar o Ivens, ele me lançou um olhar meio admirado meio zombeteiro, puxou minha mão e me deu dois beijos no rosto. Um de cada lado, sorriu um sorriso largo e generoso e sem largar minha mão, cumprimentou a todos. Eu não sabia se puxava a mão ou se deixava ela ali, presa voluntariamente nas mãos do Ivens.

De uma forma ou de outra, ele teve que largar minha mão e fomos todos para o centro da sala, onde vovó tinha deixado os sofás, as poltronas e a cadeira de repouso do Sr. Figueira dispostas em semicírculo, em torno de uma mesinha de centro, baixa, sobre a qual estavam dispostas três pastas com inúmeros papéis e documentos dentro delas.

Não pude deixar de pensar, mais uma vez, no filme O Senhor do Anéis. A reunião onde foi decidida a viagem de Frodo Bolseiro e constituída a sociedade do anel estava viva naquele cenário. Deixei escapar uma risada baixa, que foi percebida pelo Peter, que não tirava os olhos de mim. Curioso, perguntou o que havia acontecido e eu, prazerosamente e já gostando das atenções dele e do Ivens, falei de maneira natural e sem afetação o que estava pensando, a história da "*sociedade do anel*" e tudo mais. Todos riram - agora que meus avós e o Sr. Figueira já tinham assistido aos três filmes da série - e começaram algumas brincadeiras sobre meu avô ser o Mago Gandalf, o Sr. Figueira ser o Rei dos Elfos e como o Sr. Isaque era bem pequenino e usava barba, logo ficou com a alcunha de Gimli, o anão do machado. De repente, ficamos assim, sem saber quem seriam Peter e Ivens. Não que não houvessem personagens. Mas quem seria o belo elfo Légolas e quem seria o másculo Aragorn ou o valente Boromir. Vovó provocou o impasse propositadamente.

Vovó salvou novamente a situação. Sugeriu que falássemos da teoria e dos conceitos do trabalho em torno da mesa, aproveitando o chocolate quente, o café com leite, o suco e as dezenas de guloseimas que ela providenciou com ansiedade e carinho.

Todos, imediatamente toparam. Assim, deixamos a sala de estar arrumada para nós e as pastas preparadas, com certeza por vovó, para depois e fomos lanchar.

De novo uma gostosa confusão. Quem sentaria onde? Ficamos meio que rodando em torno da mesa até que sobraram de pé o Peter, o Ivens e eu. Duas cadeiras, lado a lado e uma do outro lado da mesa.

Os dois rapazes estavam esperando para saber onde eu sentaria e isso me aturdiu. O Sr. Figueira puxou a cadeira ao lado da dele e pediu para que eu me sentasse ali perto dele. Isso resolveu o impasse, mas criou um problema. Fiquei de frente para os dois. Nossos jovens visitantes sentaram-se lado a lado e ambos de frente pra mim. Eu não sabia para onde olhar, já que ambos olhavam insistentemente pra mim. De forma discreta para os outros, pensei. Mas intensiva para mim. A situação não foi percebida inteiramente por todos já que, como o trabalho era meu e a ideia era do Sr. Figueira, seria natural que eu fosse o centro das atenções. Mas eu senti certa malícia proposital do Sr. Figueira fazendo-me sentar de frente para os dois.

- Bem, meus amigos - começou o Sr. Figueira. Todos sabem por que estamos aqui. Não perderei muito tempo tentando explicar o que já é sabido. Aqui, cada um por seus motivos, acabou enredado nesse trabalho. Se for destino, conspiração do universo, casualidade ou qualquer outra coisa, não importa agora. O que é importante é que possamos fazer um bom trabalho e que ele sirva não só para a nossa querida Orquídea, que aliás hoje está deslumbrante, como alguns já notaram, mas também para que Balneário Camboriú possa ter orgulho de um de seus expoentes. Que sejamos justos na história e perfeitos na obra.

Vovô, que adorava sessões solenes, adiantou-se, levantando-se ao falar:

- Estamos aqui para contar a história e a vida de um grande personagem. Estamos aqui para reproduzir uma importante página da história de nossa cidade. Estamos aqui para falar do Gilberto Américo Meirinho, nosso amigo, nosso eterno prefeito, um homem versátil e de muitos atributos. Estamos aqui, para vencer o silêncio de mais de quase cinquenta anos sobre coisas interessantes e intrigantes. Uma oportunidade única. Por isso, pedimos a ajuda de todos vocês. O Isaque, como historiador e honrado membro da Academia de Letras de Balneário Camboriú e da Academia Catarinense de Letras, nos brindará com todo seu preciosismo histórico. O Ivens, claro, nos dará toda sua experiência como Professor e garantirá uma abordagem historicamente útil. A Cibele e eu seremos um AID MEMOIRE do trabalho enquanto que o Figueira será o guia da nossa Flor na verve literária e na obra jornalística. Evidentemente que o Sr. Pedro terá

como encargo nortear o trabalho sob os aspectos pedagógicos que ele exige. O Peter levantou a mão, pedindo pra falar e de certa forma interrompendo o vovô. Acho que não foi nem por maldade, mas ele realmente deixou vovô meio sem graça com a interrupção.

- Da minha parte, disse Peter, eu gostaria de saber por que tanto trabalho, tanto envolvimento, tanto engajamento por um simples trabalho curricular?

Vovô, não perdeu tempo e já disparou:

- Porque pra nós, nossa história é importante. Porque pra nós, já era tempo de esclarecer algumas coisas. E porque pra nós, que nascemos e vivemos aqui, isso é importante. Talvez seja difícil para forasteiros entenderem o que significam as raízes. Mas o tempo dará a cada um a oportunidade de experimentar o prazer de tê-las e vivenciar cada evento importante. Um povo sem história é um amontoado de gente que vê passar os dias e não tem compromisso em construir nada, já que estão só de passagem. Apesar do grande número de imigrantes que recebemos, de tantos forasteiros que acolhemos, nossa cidade tem história e a história desta cidade foi, de uma forma bem explícita, escrita por ele. Vovô estava retomando o fôlego para continuar, quando o Sr. Figueira salvou o Peter do constrangimento. Segurou a mão de vovô que estava do outro lado dele e falou:

- Acho que podemos responder à questão do Professor Pedro de outra forma, Cesar. Podemos lembrá-lo que a mesma motivação de escala global que ele pretendeu expor na pesquisa histórica dos grandes homens da humanidade existe aqui em nossa cidade. E que seria muito importante que ele também conhecesse essa história para então poder entender por que tanta gente envolvida nessa cruzada.

O Ivens, que não poderia de forma nenhuma perder a chance de cutucar e deixar o Peter em maus lençóis, deu sua aula de história repleta de sarcasmo:

- Pedro, a cidade que te acolheu e te dá o pão de todo dia, onde você é respeitado e admirado, vive bem e em paz, tem sua existência ligada à tenacidade e ao ardor no nosso ex-prefeito Gilberto Meirinho. A criação do município de Balneário Camboriú ocorreu apenas em 1964, quando se emancipou de Camboriú passando a ter o mesmo nome, mas com o adjetivo "*Balneário*" incorporado. Há muito tempo, os

primeiros habitantes da região eram indígenas. O que hoje vemos é o resultado da primeira grande iniciativa desse homem em criar esta cidade. Ele foi e semeador que plantou esta frondosa árvore chamada Balneário Camboriú.

- Aqui somos descendentes de açorianos, certo, tio Isaque?

- Não querida. A colonização em Camboriú, município de onde se originou Balneário Camboriú, aconteceu na segunda década do século XIX, com Baltazar Pinto Corrêa, natural da cidade de Lamego, Concelho de Viseu, norte de Portugal. Inicialmente ele veio para Porto Belo. Provavelmente chegou aqui em 1821. Ele requereu uma carta sesmaria para ocupar uma gleba de terra e iniciar um povoamento, que segundo o Historiador José Boiteux, seu conterrâneo, Baltazar deu o nome de Freguesia do Bom Sucesso. Ele recebeu a carta de sesmaria no dia 26 de setembro de 1826, depois de esse documento passar longos anos embaraçado na cretina burocracia da Coroa no final do governo de D. João VI. Essa colonização iniciou-se no Canto Norte da Praia, conforme revela a carta de sesmaria, depois seguiu para a Localidade hoje conhecida como "*Barra*" onde foi criado o Município de Camboriú. Outros vieram mais tarde, sempre atraídos pela fertilidade das terras. Destacamos o colonizador Alferes da Guarda Nacional, Tomaz Francisco Garcia, o primeiro a estabelecer-se com sua família e escravos, na atual cidade, a que, por longos anos, chamaram "*Garcia*", em homenagem ao seu fundador.

- Pertencente, de início, a Porto Belo, integrou mais tarde o território de Itajaí, até a data de sua emancipação, o que se verificou através da Lei nº 1.076, de 05 de abril de 1884. A instalação do município ocorreu em 15 de janeiro de 1885. "*Barra*", foi inicialmente sede do município, mas a "*Vila Garcia*", hoje Cidade de Camboriú, dado o seu crescente progresso, superior ao da "*Barra*", passou a ser o centro administrativo a partir de 1890. O hoje Município de Camboriú foi primeiramente denominado de Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Camboriú até ser elevada à categoria de Vila, passando a ser chamada de Vila de Camboriú. Devido à criação do Balneário Camboriú, hoje é chamado, pelos novos habitantes, de Camboriú Velho. Foi Distrito pela Lei Provincial nº 292, de 26 de abril de 1849, com o nome de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Camboriú e, Município de Camboriú, pela Lei Provincial do Governador Dr. Francisco Luiz da Gama Roza,

nº 1.076, de 5 de abril de 1884. O Município foi instalado em 15 de janeiro de 1885. O significado do nome Camboriú é de origem guarani e vem do termo original CAMBORIGUASSU. Segundo documentos datados desde 1501 e conforme nos revela Luís da Câmara Cascudo em sua obra mais espetacular, Cambori era o termo que os autóctones usavam para denominar um peixe que hoje chamamos de robalo. Os adjetivos guassu, guaçu, açu ou simplesmente ú, significa grande. Tese essa sustentada pelos principais cientistas do século XIX, que estudaram a sua etimologia, entre eles, o botânico Francês August de Saint'Hilaire, Teodoro Sampaio entre outros. Pela lei do menor esforço ou corruptela do linguajar popular num fenômeno que os gramáticos definem como "*metaplasmo de supressão por síncope*", o termo foi aprimorado para Cambriú, nome que consta no autógrafo da lei 1.076. Mais tarde eruditos como vigários e escrivães, aprimoraram para Camboriú, o termo definitivo.

Em 1930, pela situação geográfica privilegiada, iniciou-se fase de ocupação da região preferida pelos banhistas, e, dois anos depois, foi construído o primeiro hotel, na confluência das Avenidas Central e Atlântica. Em 1964, o novo distrito obteve autonomia, passando a município com o topônimo de Balneário de Camboriú, alterado, em 1979, para Balneário Camboriú.

Há ainda mais outras versões quanto à origem do topônimo Camboriú. Uma de origem popular e a do padre Raulino Reitz. Os historiadores mais sérios e determinados estão lutando para corrigir erros antigos da história que não podem nem devem permanecer afinal, o nome Camborí Guassu já existia antes do povoamento.

- Temos ainda que considerar o fato de que, graças ao trabalho do Gilberto Meirinho, foi criado o Distrito de Praia, contra a vontade do Município de Camboriú, que é a verdadeira origem da nossa cidade. Você e muita gente não teriam esta maravilha, essa dádiva de Deus, se não fosse por ele - complementou o tio Isaque, meio que em defesa e solidariedade ao ataque do Ivens.

O Peter estava perdido, meu Deus. Eu tinha que fazer alguma coisa. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, vovô interveio.

- Se você o tivesse conhecido, saberia por que estamos assim, querendo falar dele e contar sua história. Eu tive uma experiência interessante com ele, na época em que ele se filiou à UDN. Depois

de ter aguentado a pressão dos dois lados durante muito tempo ele acabou se decidindo. Eu tive uma conversa com ele, numa certa oportunidade lá no banco, sobre esse tema. A resposta dele foi muito direta. Ele me disse que na vida a gente não pode ficar o tempo todo sem assumir posições. E nesta cidade, ele estava começando a ser visto, não como imparcial, mas como esquivo. E isso, ele nunca foi. Ele preferia correr o risco de tomar partido do que a pecha de "liso". Ele sempre foi um homem de muitas convicções e de posturas firmes. Por isso, se a tal da "luta" como ele chamava o partidarismo exigia uma decisão dele, então ele se definiu.

É verdade, ele não poderia ficar o tempo todo dando razão a todo mundo. Teria que se aproximar, mais cedo ou mais tarde, daquilo que mais chegasse perto do seu modo de ver as coisas – disse o Sr. Isaque.

O Sr. Figueira, por seu turno, disse que no mundo todo, só o Getulio conseguia isso. Pediu permissão para contar uma passagem que dizem ser verdadeira a respeito do "pai dos pobres":

Contam que o Getulio, quando dava audiências públicas e atendia ao povo no Palácio do Catete, certa vez recebeu dois ex-sócios que brigavam incessantemente. Então, do alto de sua cadeira, disse a eles que atenderia um de cada vez. Como ambos se apressaram a querer ser o primeiro, sacou uma moeda do bolso e indicou que seria no cara ou coroa, mostrando a cada um quem seria cara e quem seria coroa. Venceu o "cara" e então o outro se retirou. Durante dez minutos o queixoso contou todos os problemas e dissertou os fatos. Ao final, Getulio lhe disse.

- "OK, amigo. Você tem razão. Você tem toda a razão."

E mandou entrar o outro, que por sua vez, ao ver o semblante altivo e o sorriso de vitória do ex-sócio que se retirava, caprichou nos detalhes quando contou sua versão. Quando terminou, Getulio lhe disse:

- "OK, amigo. Você tem razão. Você tem toda a razão."

Quando saiu esse queixoso, sua esposa, que sempre lhe acompanhava, disse a ele:

- "Getulio, você deu razão aos dois homens. Cada um contou uma história e você nem os reuniu para ver quem estava mentindo. Ouviu um e o outro e deu razão aos dois. Isto está errado."

Quando ela terminou, Getulio olhou bem nos olhos dela e disse:

- "Ok minha querida. Você tem razão. Você tem toda a razão." E se agarrou na cuia e pipou seu mate com querência.

- Pois é, meus amigos. Dei-me por vencido. Vocês têm razão. Vocês têm toda a razão. Capítulo também. Então façamos o trabalho todos juntos. Também por essa razão, vamos restabelecer a verdade - finalizou o Peter, com um sorriso misterioso para mim.

O Sr. Figueira lembrou-nos da importância de mantermos nossas raízes vivas e pulsantes, de estruturarmos nossa história e não deixar morrer nossa origem. Enquanto nos deliciávamos, contou mais uma de suas impagáveis histórias:

- Certa feita, um velho morador de uma cidade estava sentado na escadaria da Igreja da Matriz com seu neto, quando se aproximou dele um recém-chegado e lhe perguntou:

- "Meu velho, que tipo de pessoa encontramos nesta cidade?"

O velho respondeu-lhe:

- "Que tipo de pessoa existe no lugar de onde o Senhor veio?"

- "ah ... lá as pessoas são amargas e cheias de neuras. São distantes e não se relacionam bem umas com as outras."

O velho então retrucou: "Pois é isso que vais encontrar por aqui".

Passaram-se umas duas horas e outro forasteiro fez a mesma pergunta ao velho, que retrucou da mesma maneira. Este, por sua vez lhe disse que em sua cidade as pessoas eram cordatas e cheias de bondade, eram, na maioria solidárias e bons vizinhos.

O velho então respondeu: "Pois é isso que vais encontrar por aqui".

Quando esse segundo forasteiro foi embora, o neto lhe perguntou por que, em duas situações tão diversas, o avô havia dado a mesma resposta. O avô então esclareceu:

- Meu filho, as pessoas são espelhos de suas almas e de suas experiências. Por onde quer que vão, levam consigo tudo que recolheram em suas vidas. Vindo de um lugar qualquer, levam para outro as lições, formas e posturas que tinham antes. Assim, acabam se aproximando dos seus pares ou de seus iguais. É a lei da atração.

Por isso, cada um vai encontrar aqui o que trouxe consigo.

- Mas vovô, então não há como mudar isso?

- Há sim, meu filho. Mas então ambos precisariam ter feito a pergunta certa. Não deveriam perguntar o que encontrariam, mas sim onde estão as pessoas e coisas que buscam. É preciso saber o que se quer para poder mudar, senão, seremos sempre resultados do que já fomos.

Essa história foi contada, segundo o Sr. figueira, simplesmente porque era necessário entender como um forasteiro como Gilberto Américo Meirinho, construiu o que ele acreditava ser possível. Não porque quis encontrar o que já conhecia, mas porque acreditava que podia fazer o novo, o necessário e o essencial. E da mesma forma, um forasteiro como o Peter poderia contribuir muito se acreditasse que a verdade era necessária e essencial naquele caso.

O Peter, de maneira humilde, agradeceu o esclarecimento e propôs-se a despir-se de preconceitos e ajudar a construir a verdade, fosse ela qual fosse.

O lanche daquela tarde transcorreu maravilhosamente bem. Comemos, rimos, conversamos. Eu prestei atenção a tudo o que diziam. Peter conseguiu apagar a primeira imagem e reconquistou a todos com seu jeito e simpatia. O Sr. Figueira lembrou grandes reportagens que fez na década de 60 e 70 e principalmente, falamos do golpe militar de 64 e seus reflexos. Nesse ponto, Ivens nos deu uma extraordinária aula de história. Colocou muitos pontos de forma clara e ele, vovô, Sr. Figueira e o tio Isaque, fizeram daquele chá da tarde uma deliciosa discussão, não sem antes lembrarem de outras histórias do nosso pesquisado.

Quando terminamos o lanche, fomos para a sala arrumada por vovó e nos sentamos. Novamente fiquei de frente para os dois, agora, me fazendo olhar ora pra um ora pra outro, e me peguei gostando do jogo, flertando discretamente ora com um ora com outro.

Vovó então, delicadamente pediu a palavra e disse que iniciaria nossa conversa com uma correção necessária. Contou-nos sobre a preocupação que lhe surgiu de que talvez estivesse sendo injusta com o nosso pesquisado, motivada pela censura que recebeu de vovô e do Sr. Figueira na questão dos muros derrubados e das cercas destruídas. Lembrou também das mudanças na Prefeitura, a alegria dos funcionários que passaram a ter cuidados especiais, uniformes,

alimentação e tantas vantagens nunca antes oferecidas. O próprio pai, que com o dinheiro que ganhou dele, pôde enfim ter um pouquinho de equilíbrio na vida. Revelou-nos então que sua primeira pesquisa foi em documentos que coletou na Biblioteca e outros de solicitação que fez à Capitania dos Portos sobre a questão da misteriosa noite da recuperação das áreas de Marinha e de uso comum da cidade.

- Meus amigos, eu sempre achei que foi uma violência essa derrubada de cercas e muros. Na verdade nunca pesquisei e me deixei levar pelo disse-me-disse dos descontentes, aliás, um deles, meu próprio pai. Então, tenho a revelar pra vocês o que descobri.

- Primeiro, ninguém, em sã consciência, pode dizer que foi ele, o Gilberto Meirinho, que mandou fazer aquilo. E ninguém, em sã consciência, pode dizer também que não foi ele. O que já é, de alguma maneira, a primeira prova da inteligência e da astúcia de nosso amigo. Segundo todos esses documentos, a Prefeitura não precisaria usar a força para botar tudo abaixo, pois desde 24/10/1973, num texto publicado no Diário Oficial, o Governo deu até dezembro daquele ano, prazo para regularização de posse ou propriedade e determinou a apresentação de documentos sobre esses direitos. E reiterou diversas vezes e concedeu mais prazo e de novo e outra vez. Acontece que os supostos proprietários e até alguns invasores foram absolutamente renitentes na recusa e permaneceram unidos contra o progresso e contra o bem comum. Numa matéria publicada no Jornal O Estado, da capital, de 01/12/1973, o comandante Raguffe, Capitão dos Portos de Santa Catarina declarou que com base no Regulamento de Tráfego Marítimo, a Polícia Naval poderia até usar tratores para derrubar os muros da orla marítima (atual Av. Atlântica). Finalizava a matéria dizendo que isso era perfeitamente legal.

- E deveria ser mesmo, confirmou o Ivens. Temos que lembrar que estávamos em plena ditadura, em 1973. Parece que a Polícia Naval teve muito a ver com isso.

- Mas, na época, negaram – disse o tio Isaque. Também o Gilberto Meirinho negou. Todos negaram. Houve alguém que dissesse que colocaram um trilho de trem no para-choque de um caminhão e mandaram ver nos muros e cercas, numa madrugada.

Vovó mostrou-nos cerca de vinte documentos, todos publicados em

diário oficial e ainda matérias de jornal e um contundente manifesto do Vice-Almirante Hilton Berutti Augusto Pereira, intitulado “*As praias são do povo*”.

Com tudo isso, ela, certificou que, tendo sido ele ou não o autor, toda a população acabou se beneficiando. Todos saíram lucrando. A cidade ganhou, a orla ganhou, a população ganhou. Apenas um ou outro especulador sem escrúpulo acabou perdendo.

- A necessidade de muitos supera o interesse de poucos, sentenciou o Sr. Figueira.

O tio Isaque, que prestava atenção a tudo, acabou expressando sua opinião, diretamente ao Peter, quando alertou para o fato de que, a exemplo de D. Cibele, muitos, ou quase todos os habitantes da região deveriam saber da verdade. Assim como ficou, no mínimo, estabelecida a dúvida razoável sobre o assunto dos muros e cercas derrubados, quantas outras situações não mereciam uma versão mais próxima da realidade e, principalmente, dada pela parte que jamais foi ouvida?

- Eu gostaria de encerrar esta minha correção de postura – disse vovó – mostrando pra todos aqui, ao menos dois de tantos documentos que encontrei:

Do Jornal do Estado:

CAPITANIA SOLICITA COLABORAÇÃO DA PREFEITURA: Da Ordem de serviço nº 0362, de sete do corrente, dirigida pelo Comandante Luís Paulo Aguiar Reguffe, Capitão dos Portos de Santa Catarina, aos prefeitos dos municípios litorâneos deste Estado, extraímos os seguintes trechos: “... *para a execução de qualquer obra pública ou particular sobre o terreno de marinha, terá que ser, previamente emitido parecer pelo Ministério da Marinha, através das capitânicas dos Portos, sob pena de demolição da obra, às custas do infrator sem prejuízo da multa prevista, conforme Decreto 50.114 de 26/01/61. Desta forma, várias obras vêm sendo embargadas por terem sido iniciadas sem ter sido emitido o parecer do Ministério da Marinha, através dessa Capitania ou das suas delegacias em S. Francisco Sul, Itajaí, Laguna e Imbituba*” ... “*Solicito, outrossim, que essa Prefeitura informe diretamente à Capitania, os nomes das imobiliárias ou dos proprietários de possíveis obras ou loteamentos, ora em andamento,*

em terrenos de marinha a fim de que seja feito um levantamento geral em toda a orla marítima do Estado de Santa Catarina” A Assessoria de Imprensa desta Prefeitura possui todos os formulários necessários aos pedidos de licença exigidos pelo Ministério da Marinha para essas construções. (boletim nº 37 – 23/05/74)

Ainda mais esse:

MUROS E CERCAS NÃO COMPROVAM POSSE DE MARINHA. Através de Circular nº 46 de 17/01/66, o Domínio da União informa aos órgãos arrecadadores que “*muros e cercas não são considerados benfeitorias para efeito de comprovação de ocupação de terras de marinha*”. (boletim nº 66 – 25/11/74)

À vista de tantas provas, não havia dúvidas que a Marinha, a Capitania dos Portos e o Patrimônio da União estavam em cima do assunto e deixaram claro o que fariam.

- Mas existem muitos testemunhos que foi o Gilberto Meirinho que arrumou o caminhão, mandou colocar um trilho nele, pegou alguns amigos e derrubou tudo – completou o Isaque.

- O difícil é provar. Bem, se foi ele, somos todos gratos. Se não foi, então também somos todos gratos por ele não ter se curvado ao poder econômico da época – falei!

Depois disso tudo, a primeira coisa que estabelecemos foi a estratégia que adotaríamos para fazer o trabalho:

a) Vovô seria o responsável por ligar para o Sr. Gilberto Meirinho e acertar um encontro meu com ele, acompanhada pelo tio Isaque. Isso porque com certeza o antigo Prefeito demoraria a acreditar que alguém tão jovem daria a ele a oportunidade de contar e provar a verdade dos fatos;

b) O tio Isaque e eu faríamos uma varredura completa em arquivos históricos, compilaríamos os dados disponíveis e estabeleceríamos uma plataforma dados biográficos do Sr. Gilberto Meirinho e entregaríamos para a vovó que, por sua vez, os organizaria por assunto, em ordem cronológica, montando pastas, cujos índices contemplassem as referências bibliográficas. Também ficaria por conta da vovó a coletânea de dados para as necessárias notas de rodapé.

c) O Ivens e eu estaríamos dedicados a colocar os fatos e atos no tempo, demonstrando seu impacto na história e na vida do lugar, bem como, os efeitos e desdobramentos até onde nossa extrapolação pudesse alcançar. O Ivens tentaria alcançar até que ponto, como e onde, as ações, atos e a atuação do ex-prefeito influenciaram na região e até além dela.

d) O Sr. Figueira e eu produziríamos a obra, assim entendido, os textos, argumentações, ilustrações e demais itens que compõem um conjunto literário.

e) Peter ficaria com a responsabilidade de dirigir e organizar todo o trabalho. Vovô e vovó fariam a revisão ortográfica e gramatical.

Já eram nove da noite quando encerramos essa adorável tertúlia. Despedimo-nos mutuamente, beijos e brincadeiras, cumprimentos e elogios à vovó e finalmente o último impasse da noite:

- Quem me levaria pra casa?

Ivens adiantou-se, porém Peter argumentou que iria para o mesmo lado que o meu. Ivens insistiu, porém Peter foi categórico – Ivens e o pai iriam para o Pontal Norte e eu morava na Barra Sul. Portanto, seria lógico que a facilidade imperasse. Seria mais fácil que ele, Peter, já no caminho de casa, me deixasse na minha. Eu estava me divertindo vendo aqueles dois homens maravilhosos disputando a possibilidade de estar comigo mais um pouco. Oh, bela noite...

Quando entramos no carro, Peter falou:

- Orquídea, eu nunca imaginei que este dia pudesse ser tão gratificante. Entrei num projeto de uma forma que jamais havia imaginado. E além de tudo, descobri uma Orquídea totalmente diferente da que vejo todos os dias. Uma flor que realmente desabrochou.

- Diferente como? Perguntei.

- Uma mulher sofisticada, interessante e muito bonita. Inteligente você sempre foi, mas nunca percebi esse esplendor que você guarda dentro de si. Ver essa mulher me comprovou que eu não sei mesmo reconhecer o trabalho de Deus.

Nossa, pensei comigo. Se ele souber que eu me produzi por causa do Ivens e agora estava ali ouvindo os elogios e o assombro dele... Mas

foi a proposta dele que me convenceu de que era hora de ir pra casa mesmo.

- Di, que tal a gente dar uma volta na orla? Afinal, ela foi o estopim de tudo. Dá pra imaginar os muros e cercas nessa beleza? Vamos?

- Bem, Peter, acho melhor não. O começo de tudo não foi a orla. Foi um prêmio, o Semeador. E também um tal de cofre arrombado. Esses assuntos ficaram pendentes e nem falamos deles. Mas, voltando a nós, gostaria de ir pra casa. Estou meio cansada e acho que exagerei no garfo. Quero tomar um sal de frutas, um banho e dormir.

E assim fizemos. Ele parou o carro na porta de casa e antes que ele pudesse falar qualquer coisa, dei um beijo no rosto dele, sorri e pulei do carro.

No dia seguinte, mal saí da faculdade e liguei o celular, recebi o sinal de que havia mensagens na caixa postal. Eram do vovô. Duas. Ambas com a mesmo teor.

- *“Flor, liguei para o Meirinho hoje pela manhã e falei com ele sobre tudo que conversamos nesses dias. Ele vai recebê-la hoje à tarde, às 15 horas para conhecê-la e saber da tua própria boca, o que você pretende fazer. Tenho que levar o Figueira ao hospital para exames. Dá um jeito de chegar lá. Vá com Deus.”*

Finalmente o encontro tão esperado.

Cheguei em casa, tomei um bom banho e logo que saí, mamãe falou que um rapaz havia ligado avisando que o pai não poderia vir pegar-me para levar-me à reunião de hoje, por isso ele viria. Passaria em casa às 14h 30min. Olhei para o relógio – 13h 50min. Quando, em algum lugar do mundo, uma mulher consegue se arrumar em apenas 40 minutos para dois grandes encontros? Eu pensei dois?

Ahahahaha ... eram mesmo. O rapaz só podia ser o Ivens e iríamos finalmente conhecer o Sr. Gilberto Américo Meirinho, figura controversa, polêmica, misteriosa, arrombador de cofres, derrubador de muros e tratorista de primeira... Ahahahaha.

CAPÍTULO VII

FINALMENTE O ENCONTRO

Britanicamente o Ivens tocou a campainha. Eu já estava pronta e sem rodeios, saí de casa e ele já esperava ao lado do carro, abrindo a porta do passageiro para que eu entrasse. Assim que cheguei perto do carro, ele me abraçou e beijou meu rosto, elogiando minha pontualidade, rapidez e beleza. Sorri e entrei. Fechou a porta, deu a volta, entrou, deu partida e fomos em direção ao nosso compromisso.

Assim que o carro partiu, ele aumentou o som e pude distinguir claramente a música que tocava. *Blowing In the Wind* de Bob Dylan. Uma das músicas que mais gosto, desde que a ouvi no curso de Inglês. Fiquei meio silenciosa ouvindo e traduzindo mentalmente:

“Quantas estradas precisará um homem andar

Antes que possam chamá-lo de um homem?

Sim e quantos mares precisará uma pomba branca sobrevoar

Antes que ela possa dormir na praia?

Sim e quantas vezes precisará balas de canhão voar

Até serem para sempre abandonadas?

A resposta, meu amigo, está soprando no vento

A resposta está soprando no vento”

Comecei a cantarolar quando Ivens tocou de leve meu braço e disse que havia colocado aquela música propositalmente, pois o trabalho que faríamos trataria de uma pessoa que praticou a arte de ouvir o vento. Contra muitos interesses, contra muita pressão e contra muito poder, ele fez muitas coisas que deveriam ser feitas. A música dava esse contorno sim:

“Quantos anos pode existir uma montanha

Antes que ela seja lavada pelo mar?

Sim e quantos anos podem algumas pessoas existir

Até que sejam permitidas a serem livres?

Sim e quantas vezes pode um homem virar sua cabeça

E fingir que ele simplesmente não ver?

A resposta, meu amigo, está soprando no vento

A resposta está soprando no vento” ...

- Ocupei um pouco desses últimos dias pesquisando esse personagem, disse Ivens, virando o corpo, pegando no banco de trás, uma pasta contendo muitos documentos.

- Iniciei minha jornada pelo local mais evidente: a Biblioteca Municipal. Aproveitei o trabalho da tua avó e comecei a preencher algumas lacunas. Para minha decepção achei a nossa Biblioteca extremamente pobre. Estava mais para um sebo que para uma biblioteca municipal.

Soube que na Enciclopédia “POLÍTICOS CATARINENSES” encontraria alguma coisa. De fato, consegui uma síntese biográfica nas páginas 46 e 47, mas achei muito sintética. Queria algo mais, algo que tratasse não só de biografia comum, tal qual a de pequenos políticos de interior. Queria algo que retratasse, também, os bastidores da administração, conduzida por um personagem que pintavam de “intratável”. A Wikipédia também não foi muito generosa na apresentação da grandeza de nosso ex-prefeito.

Quando se trata de políticos, sempre se espera alguém com outros adjetivos: simpáticos, mesmo que artificiais; sorridentes, ‘lisos’, etc. Esse, por tudo o que ouvi, me parecia ser diferente, mais elevado. A forma como Ivens iniciou a conversa mostrou que ele também assim pensava.

- Busquei alguma coisa na história oral - continuou - perguntando a um e a outro que o conheceu, em busca de informações que os livros e os jornais jamais me dariam. As descrições qualificativas pareciam ensaiadas: grande administrador, progressista, dinâmico, corajoso; porém, intratável, mal-humorado, irritadiço, impaciente e sempre ocupado.

Ao mesmo tempo em que ouvir isso me causava grande pavor, me despertava uma enorme curiosidade de me certificar da veracidade

dessas assertivas que estavam meio obscuras na história administrativa da nossa cidade. Até os embates entre vovô e vovó, meu pai e meu avô a respeito dele. As contradições e mistérios me levavam cada vez mais a querer conhecer essa história a fundo. Enfim, o negócio era “encarar a fera” e tirar isso a limpo. Por outro lado, tinha que levar em consideração meu caráter amadorístico. Mesmo amadora, precisava obter êxito, para poder chegar a um trabalho conclusivo com o meu entrevistado, arrancando dele todas essas coisas difíceis de desenterrar, para finalmente fazer um bom trabalho.

Mesmo contando com tão poderosos amigos e essa nossa estranha aliança, não escaparíamos da personalidade, dos hábitos e costumes do nosso personagem principal. O tempo faz com que os defeitos se acentuem ... minha avó diz isso quase todo dia pro meu avô. E eu não podia deixar de lembrar da história do Sr. Figueira sobre o velho e o neto na escadaria da Matriz.

- Continuei minhas pesquisas – dizia o Ivens em perceber minhas divagações – direcionando-me ainda para a pesquisa arquivística, bibliográfica. Queria fazer um reconhecimento geral, obtendo um embasamento consistente para depois chegar no homem, como disse, com mais base, com mais fundamento.

Enquanto ele falava, eu lembrava os recortes de Jornais que a vovó compilou. Então, se eu achasse outros recortes de jornais sobre todas aquelas outras coisas que falamos, talvez abrisse uma porta para que eu pudesse visualizar melhor o agora, já mais famoso, Sr. Gilberto Meirinho.

Mas, voltando à visita do Ivens à Biblioteca, ele contou que lhe apresentaram o Livro História de Balneário Camboriú, mas para sua decepção, ele não tratou do assunto adequadamente e que a bibliotecária, uma senhora simpática e muito agradável, sugeriu-lhe que procurasse o autor, pois segundo lhe informaram, tinha muito material inédito em casa que talvez pudesse ajudar. De posse do número do telefone, resolveu ligar pra ele.

Muito atencioso, o autor daquele material justificou que não fez abordagens a respeito desse administrador, porque não quis entrar na seara dos prefeitos vivos, alegando que assuntos mais recentes sempre causam especulações, pois os fatos ainda estão muito vivos na memória do povo e sempre um ou outro, traído pela memória, discute

ou discorda do que foi escrito. Esclareceu que a gestão foi densa, repleta de ações inovadoras e os velhos lobos do antigo modelo de poder tinham muito medo dessas mudanças. Falou também que essas pequenas revoluções que punham o interesse do povo no centro dos objetivos, acabavam tirando esse povo eleitor do cabresto e os currais políticos se esvaziavam com facilidade, o que assustava ainda mais o já cambaleante velho modelo.

Nesse ponto, já estávamos quase chegando ao local do encontro e só houve tempo para Ivens dizer que o autor, na ligação, contou-lhe mais algumas histórias do nosso entrevistado, prevenindo-lhe para os humores do personagem, que podiam variar, alertando para que não desistisse e qualquer imprevisto, voltasse a lhe procurar, que iria dar um jeito de ajudar. Segundo o Ivens, filho de historiador e professor de história, a opinião do seu interlocutor, encheu-o de ânimo, eis que acabou dizendo que esses resgates são extremamente importantes para a cultura da cidade.

Enfim, chegamos. Estacionamos o carro bem em frente a uma enorme casa, em estilo colonial, construída num enorme terreno, onde árvores e plantas davam um ar de serenidade e sossego ao local. Olhei bem aquela construção e percebi que de alguma forma aquilo tudo mostrava como era nosso personagem. Um portão baixo, escadas de madeira, alpendre que circundava toda a casa, uma entrada central, de pórtico de madeira pura. Tijolos à mostra, misturados com um harmônico conjunto de madeira natural eram as nuances do imóvel. Ouvi um maravilhoso canto de pássaros. Eram dois ou três no máximo, porém parecia que o bando todo estava lá. Fixei o olhar e os vi, brincando de galho em galho em um formoso Flamboyant, cujas raízes se faziam presentes, mostrando exatamente em que lugar mergulhavam fundo no solo. Sua copa estava se despindo das belíssimas folhas outonais.

- Que lugar lindo, comentei com Ivens. Como alguém que vive num lugar desses pode ser antissocial? Como pode não ter uma bela alma, quem mantém um local assim?

Quando passamos pelo portão e antes de meu acompanhante fazer qualquer comentário, ouvimos uma campainha soar. Percebemos que era um desses equipamentos que constata o movimento e produz um sinal. Olhamos um para o outro, sorrimos e subimos. Eu ainda olhei os pássaros antes de entrar.

Chegamos a uma antessala com uma mesa de trabalho no centro, daquelas que meu avô chama de escrivadinha, com alguns papéis por sobre ela. Porém, ali não havia ninguém. Um segundo depois, fomos recepcionados por uma bela mulher, sua neta soube depois, que de forma extremamente simpática sorriu, nos cumprimentou e pediu apenas alguns minutos para sermos recebidos, pois o Sr. Meirinho estava terminando uma reuniãozinha com o contador.

Perguntou se queríamos algo, deixou-nos à vontade e discretamente, retirou-se. Aproveitamos para prestar atenção nos detalhes da sala. Na parede em frente, havia um armário de vidro com dezenas de premiações, compostas por medalhas, placas de prata, troféus, etc. Não foi difícil tirar uma conclusão que um homem insignificante não teria tantos méritos para ganhar tantos lauréis. Essas observações me geraram mais confiança. Estava no caminho certo. Ainda olhava os troféus quando percebemos que um homem passou por nós, cumprimentou-nos e saiu apressado. Ouvimos então a voz da secretária a nos avisar que poderíamos entrar. Meu coração tremeu. Enfim, o homem!

Quando fomos introduzidos em sua sala, ao contrário e absolutamente ao contrário mesmo de tudo o que eu havia imaginado aconteceu. Não havia ali um urso, ou o “*velho ranzinza*”. Deparamo-nos com um surpreendente homem sorridente, de mãos estendidas, com um jeito especial de olhar pra gente. Sei que ele estava curioso, sei que também devia estar pensando quais seriam mesmo nossos objetivos, mas estava ali, seguro, sorridente, com uma atitude amistosa e uma postura altamente amigável.

Eu percebi uma alma de menino emoldurando as rugas que a idade e as experiências lhe deram. Aquele sorriso largo, aquelas mãos amigas, faziam parte de um conjunto maior, de uma estrutura densa e bem consistente. Impossível olhar para aqueles olhos e não perceber que ainda mantinham luz e viço. O corpo fala. E os trejeitos e a postura indicavam um homem acostumado ao poder, acostumado a mandar. Não havia curvatura, nem seus olhos olhavam para baixo. Era um homem que inspirava respeito.

- Sejam bem-vindos ao meu escritório. Eu não gosto muito de estar na presença de tantos jovens, porque isso me lembra a idade que eu tenho e daí, me encho de saudades da minha juventude.

- Muito obrigada por nos receber. Estamos mesmo contentes em conhecer o Senhor – eu disse com a voz meio tremendo.

O Ivens estendeu a mão, cumprimentou-o e transmitiu o abraço que seu pai havia mandado, além das lembranças do vovô e do Figueira.

- Ah... bons tempos... bons homens – falou com um ar pensativo. Tenho certeza de que ele estava tentando lembrar de algum dos nomes que o Ivens falou. Também poderia ser lampejos de lembranças que aqueles nomes trouxeram. Jamais saberei.

- Mas então, deixe-me dizer uma coisa pra vocês. Aqui ou se toma água, ou se toma whisky ou se comem bombons. Aliás, podem ser os três também. O que vocês querem? Falou, estendendo uma caixa de bombons sortidos.

- Não, obrigado – falamos quase em conjunto, Ivens e eu. Embora minha garganta já estivesse seca o suficiente para tomar um litro de água.

O Ivens começou a falar com ele, nem ouvi direito, pois eu estava olhando cada detalhe daquela sala. A estante por detrás da sua “*escrivantina*”, cheia de livros. Chamou-me a atenção uma tal Enciclopédia Larousse e uma outra de nome Conhecer. Eu já ouvira falar de enciclopédias, mas como vivo no tempo da cibernética, nem imaginava que o que buscamos na internet, tenha estado em tantos volumes. Fui interrompida pela pressão do Ivens no meu joelho.

Sem jeito, pedi desculpas, mas expliquei que fiquei tanto tempo imaginando como seria a entrevista, como seria a “*toca do urso*”... quase gelei... escapou-me a expressão, engasguei, queria consertar, senti o sangue todo subir para as faces... o tempo parecia ter parado

...

Então, inesperadamente, ele riu alto e abertamente e falou:

- Aqui é a parte da toca onde eu seleciono as vítimas. Lá dentro, eu guardo os ossos que sobraram dos que se atreveram a ficar muito tempo aqui ou falaram muitas bobagens...

Falou e riu. O Ivens também. E isso só serviu para me deixar pior. Tranquilamente ele olhou pra mim, ainda sorrindo e disse:

- Senhorita, por favor, olhe à vontade enquanto eu faço um último telefonema do dia.

Peguei o telefone sem fio, discou e saiu da sala para poder falar mais tranquilamente, deixando-nos na sala sozinhos. Como se uma mola estivesse nas minhas pernas, levantei de um salto e fui explorar a “toca”. Numa parede uma impressionante coleção de quadros pendurados. Todos eles, diplomas, certificados, prêmios, menções honrosas, títulos, etc. Juntamente àqueles da antessala, formavam um impressionante acervo de premiações e honrarias. Percebi que já estava faltando parede pra tanta homenagem. Fui deslizando em frente à estante e vendo os livros, verdadeiras raridades. Parei em frente de um exemplar antigo da obra de Cervantes – Dom Quixote de La Mancha. Em três volumes, ricamente encadernados. Interessante, pois sobre sua mesa havia outro livro – Gestão Corporativa no Mundo de Dom Quixote.

- Está explicado – falei pro Ivens.

- O que está explicado?

- Dom Quixote. Ele é um Dom Quixote – falei e ri. Cofres arrombados, cercas derrubadas, muros tombados... só pode ser!

Fomos interrompidos com a volta do Sr. Gilberto Meirinho no exato momento em que eu me deparava com uma estatueta de um homem de chapéu, com uma bolsa a tiracolo, jogando sementes ao chão.

- Esse é o SEMEADOR. De todos os prêmios que recebi na vida, esse é o mais significativo. Foi teu avô quem me deu.

- Esta escultura é o motivo de estarmos aqui. Ela é a razão do meu trabalho. Mas meu avô a concedeu ao senhor? Tem certeza? Como ele não me disse nada? Por que não me falou? Por que fez isso? – disparei, numa série de indagações que ninguém ali entendeu.

O Ivens me falou que já sabia, mas que nada comentou porque achava que eu soubesse também. O pai dele fez até um trabalho sobre o Semeador. O Figueira havia feito uma matéria espetacular sobre o tema. Com tudo aquilo eu sentei, fiquei uns minutos quieta e o Sr. Meirinho, imediatamente, segurou minha mão e falou:

- Minha filha, o Cezar deve ter tido uma intenção quando deixou de te contar. Talvez quisesse que você descobrisse naturalmente. Eu tenho aqui, guardado, o texto do discurso que ele fez quando me entregou o Prêmio. Espera um instante que vou procurar.

Enquanto ele saía pra procurar, eu levantei de novo, peguei a estatueta nas mãos e olhei bem pra ela. Pode ser difícil de acreditar, mas a bandidinha tinha a cara do vovô. A mesma expressão, os olhos, os contornos da face, tudo era meu avô. Mostrei pro Ivens, ele olhou detidamente e concordou comigo. Quem fez aquela estatueta usou vovô como modelo.

Nesse instante, voltou o Sr. Meirinho com o texto do discurso. Fui lendo, linha a linha, e me emocionando. Profundo, dotado de uma força esclarecedora:

“.. a pálida homenagem que o Rotary lhe defere nesta data, tem por escopo o reconhecimento do mérito que pessoas que, com seu trabalho, sem ambições mercantilistas, tenham empreendido esforços e serviços que permitiram acelerar o crescimento e o desenvolvimento de nossa querida cidade...

... homem centrado na família, foi nela que buscou apoio e estímulo para suas atividades laborais. Autodidata por excelência, organizado e organizador, persistente, obstinado, espírito irrequieto e insatisfeito, de pouco falar e muito fazer, enveredou por muitos caminhos na busca de seus ideais.

... investiu na indústria pesqueira, tornando-se armador... foi pioneiro na exportação de pescados em nosso estado... foi conselheiro fiscal de uma das mais antigas e tradicionais indústrias metalúrgicas da região

...

...reconhecendo o destino turístico de nossa cidade, fundou em Porto Alegre uma empresa que destinaria grande fluxo turístico para Balneário Camboriú... participou ativamente do segmento da construção civil ...

...Presidiu e Vice-Presidiu o Conselho de Administração da empresa estatal de eletrificação rural e foi membro do Conselho Fiscal das centrais elétricas do estado...

...eleito vereador em 1958, trabalhou pela emancipação do município de Balneário Camboriú, o que veio a ocorrer em 1964. Seus amigos e correligionários desprenderam oito exaustivos anos no trabalho de convencimento para que aceitasse concorrer à Prefeitura da nova cidade...

...eleito, assumiu a Prefeitura em 1973. Esta cidade não passava de

um amontoado de casas sem infraestrutura viária ou administrativa... brigou na justiça, na “raça e no peito”, para conquistar o direito de esquadrihar a Av. Atlântica, até então nada mais do que um caminho de ratos... perseguiu no convencimento da necessidade de alargar a Av. do Estado, estaqueou e tratorou a abertura da 3ª e 4ª avenidas e preparou o projeto da 5ª...

...elaborou e implantou o Primeiro Plano Diretor da região, que disciplinou o crescimento planejado da urbe pelos próximos vinte e cinco anos eis que, só muito recentemente foi ajustado, demonstrando a visão estratégica e de futuro que possuía...

...qualificou e especializou toda a base administrativa, fazendo com que a massa crítica que servia a população fosse altamente preparada para a missão de gerir o patrimônio coletivo com inteligência e habilidade. Comprovou assim, as teses de R. Grant e Savage Lander:

"Quando você contrata pessoas mais inteligentes que você, você prova que é mais inteligente que elas"

"Aqueles que se sentem satisfeitos, sentam-se e nada mais fazem. Os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo"

...Mostrar o caminho foi o que fez Gilberto Américo Meirinho ao longo desses anos, quando gerenciou o banco com competência, tornando-o elemento fomentador de projetos e de ideias; quando estimulou o desmembramento dos municípios, sendo o virtual criador de Balneário Camboriú; quando organizou a Cooperativa dos Cafeicultores, já mostrando, à época ao IBC, o poder do planejamento estratégico; quando iniciou o trabalho que transformou nosso Vale numa potência pesqueira; quando percebeu, incentivou e desenvolveu a potencialidade turística de nossa cidade; quando enfrentou os poderosos e redesenhou o contorno físico e administrativo de Balneário, humanizando e valorizando o mercado imobiliário; quando planejou a cidade, seu crescimento e sua história para o próximo quarto de século.

Por tudo isso, a cidade, através deste singelo prêmio, diz emocionada: Muito Obrigado!"

Não pude deixar de começar a entender a dimensão daquele prêmio. E daquele homem.

Ele esperou pacientemente que eu lesse o documento. Automaticamente, assim que coloquei os papéis na mesa, estendi minha mão e peguei um daqueles bombons cuja caixa ele havia deixado ali à disposição. Quando olhei pra ele, percebi certo ar de singelo orgulho. Não deveria ser novidade, na vida dele, alguém se interessar pela sua vida e obra. Porém, havia algo de diferente ali. Ele entendeu que o trabalho que eu estava começando a fazer tinha uma enorme diferença sobretudo que já havia sido feito sobre ele.

De repente percebi que ainda estava com a estatueta do Semeador nas mãos. Olhei para os dois, um ao meu lado e outro à minha frente, virei-me pra trás, onde estava sua linda neta e convidei-a a ouvir minha pequena história. Quando ela se achegou a nós, comecei lentamente a recontar o que já havia contado a todos os outros. Desde o sermão dominical até aquele momento. Ouviram calados e pude perceber que os olhos daquele homem ficaram marejados, vermelhos e a neta olhava pra ele com orgulho e admiração. Ele então deu uma de suas risadas - que aprendi a gostar de ver - e pegou uma folhinha tipo calendário, brinde de uma empresa, levantou todas as folhas do calendário, deixando à mostra a base de papelão impresso, onde se podia ler uma grande mensagem intitulada "SEMEADORES", cujo texto falava de pessoas que dedicavam suas vidas a plantar sementes de fraternidade e justiça. Assim que a vimos, ele explicou que sua esposa havia pedido um calendário para colocar em casa e ele, ao chegar ao escritório, pegou aquele, ao acaso, entre tantos ali existentes. Havia tirado as páginas dos meses que já haviam decorrido e, por mera curiosidade, leu a mensagem. Chegamos à conclusão de que o Universo realmente estava conspirando.

Resolvemos então comemorar comendo alguns bombons e brindando com água (três de nós) e com whisky (nosso anfitrião) e quem retomou a palavra foi a neta dele, perguntando-nos:

- Como vocês pensam fazer esse trabalho? Do que falaremos? Quais assuntos serão tratados? Temos que lembrar que vovô é um homem polêmico, que acabou ganhando alguns inimigos de peso, pois contrariou muitos interesses e mexeu em muitos vespeiros.

- Bem, estamos na fase de conhecer adequadamente o personagem, ouvir suas histórias, saber da sua motivação e depois criar um texto que se aproxime, o mais fielmente possível, da pessoa, do homem e

do personagem Gilberto Meirinho. Esse trabalho acabou, como disse, tomando um corpo que nenhum de nós previa. Formamos um grupo interessante e cada qual com sua missão, contribuirá expressivamente para a formatação desse trabalho - disse eu com um pouco de pompa.

- Todo trabalho verdadeiramente histórico começa com pequenas descobertas. Acho que agora, o que temos que fazer é começar de alguma maneira. De uma forma simples e daí irmos progredindo até acharmos a direção certa - disse o Ivens, até aquele momento quase calado.

- Então, meus filhos, como minha vida inteira eu fiz tudo baseado em planejamento preciso, metas e objetivos, eu proponho que nos encontremos, uma vez por semana, todas as quintas-feiras, das 15 até às 17h para conversarmos, trocarmos ideias, falarmos da minha vida, das minhas experiências e para que eu possa contar as minhas histórias. Está bem assim? Propôs o Sr. Meirinho.

- Excelente, respondi.

- Para mim, ótimo - disse o Ivens. Não dou aulas às quintas-feiras. Meu pai também virá, com certeza. Será um prazer pra ele.

- Então, que tal, por hoje, eu contar a primeira história? Do que vocês querem que eu fale? Perguntou nosso entrevistado.

- Do que o Senhor quer falar? Perguntei apressadamente, enquanto ligava o gravador portátil que havia trazido e abri meu caderno de anotações e preparava a caneta.

- Acho que a minha primeira história tem que ser aquela que me inspirou por toda a vida. Tem que falar do maior tesouro que sempre tive em minha vida.

Ao dizer essa frase, recostou-se em sua cadeira executiva, giratória, e disse solenemente:

- Fiz o que fiz, cheguei onde cheguei, vivi o que vivi, porque ao meu lado, em todos os momentos, segurando minha mão, sorrindo carinhosamente quando chorei e chorando de emoção e agradecimento a Deus quando sorri, estava minha maravilhosa companheira de tantos anos, de tantas lutas. Por justiça e por amor, eu quero começar minhas memórias e minhas histórias, com esta feliz união que dura até hoje. Mas por hoje as emoções já foram fortes o suficiente para um

homem como eu, endurecido pela vida. Já são quase seis da tarde e tenho um compromisso daqui a pouco. Teremos muitas oportunidades para falar de tudo. Na próxima quinta-feira, começaremos pelo meu casamento, e viajarei um pouco pela vida familiar. Vamos primeiro conhecer o homem, depois o empresário e por fim o político. Está bem assim?

- Com certeza, afirmei um pouco emocionada.

- Absolutamente combinado, finalizou Ivens.

Levantamos, demos as mãos e eu não resisti. Precisava dar um beijo na face daquele homem. Mostrar minha admiração. Arrisquei e dei o beijo nele e ele sorriu ficando completamente sem jeito.

CAPÍTULO VIII

PRIMEIRAS HISTÓRIAS

Os dias da semana transcorriam quase que normalmente, não fosse o pequeno desentendimento com minha mãe na noite daquele primeiro encontro com nosso biografado, cuja culpa assumo. Eu estava prestes a finalmente entrar no mundo daquele homem, que eu já percebia, era um vencedor. Entre esse meu trabalho, que ocupava todo o meu tempo livre, e minha vida pessoal, as coisas estavam acontecendo em velocidade vertiginosa. Passei a sexta-feira e o sábado meio que brigada com mamãe. Na verdade, o ritmo era ditado pela seguinte dinâmica: eu pedindo desculpas e fazendo chamego e ela flutuando entre amolecida e ainda chateada. Tudo por causa de um pequeno esquecimento meu. Bem, deixem-me explicar:

Desde que iniciamos a fase operacional do meu trabalho, culminando com a nossa visita ao já querido Sr. Gilberto Meirinho, Ivens e eu nos aproximamos bastante. Naquela noite, logo que saímos, já um pouco passado das seis da tarde, resolvemos comer alguma coisa na orla. Ivens sugeriu beliscarmos um delicioso bolinho de bacalhau e tomarmos um chope. O bolinho, minha loucura, eu não dispensei, mas preferi ficar no refrigerante mesmo, pois sou fraquinha demais para beber.

Sentamo-nos numa mesa externa e olhando o mar, num fim de tarde super agradável, fiquei um tempo vendo as pessoas passarem no calçadão da praia, em trajes de caminhada, alguns casais passando lentamente de mãos dadas, outros em passo mais acelerado e, de vez em quando, alguns correndo. Aquele cenário de beleza, também inspirava saúde.

- E pensar que pelo que sabemos isso nem existiria se não fosse o nosso amigo — disse Ivens de forma meditativa.

- Verdade. Será que as pessoas hoje sabem que se não fosse a persistência, teimosia e visão de futuro desse homem, esta maravilha

nem estaria aí? Vovô me disse outro dia que até ameaça de morte ele sofreu. Que quando ele iniciou sua cruzada em favor de Balneário, ele mexeu num vespeiro enorme. As coisas aqui eram feitas no empurrão. Tinha fama? Prestígio? Era o suficiente para virar político. Se administrava bem ou mal era outra coisa. Ninguém aqui se preocupava com o futuro. Curtiam e se embriagavam com o poder e o povo que se danasse. Eram poucos os homens que realmente faziam parte de uma escola diferenciada.

- Balneário Camboriú tem mesmo muitos políticos competentes, muitos empresários corretos, gente séria e honesta. Mas naquele tempo, onde as coisas estavam se ajustando, eram poucos os guerreiros da luz dispostos a lutar contra tantos interesses escusos, pessoais e alguns até, nada recomendáveis.

- Tua avó também tem trabalhado muito, né? Eu vi a montoeira de papéis e documentos empilhados na mesa de jantar. Você já leu tudo aquilo?

- Alguma coisa já. São documentos e mais documentos, recortes de jornal, atas, etc. Muita coisa mesmo. O engraçado é que ela me disse que aquilo poderia ser um bom "*comecinho*". Nem tive coragem de abrir minha boca. Ela está tão empolgada que preferi dar-lhe um beijo e agradecer.

- Ela está mesmo disposta a ajudar você a produzir um excelente trabalho.

- Na verdade, o que ela me disse é que, eventualmente, alguém possa reclamar ou questionar as informações e os dados que eu apresente no trabalho. A melhor coisa é ter como provar cada coisa que falamos. Então, a grande maioria das informações contundentes, ela está se preocupando em reunir. O teu pai, pelo que ele próprio me disse, como historiador, também não cometeria nenhuma loucura falando de coisas que não aconteceram. Assim, apenas algumas histórias ou fatos oriundos da tradição oral podem correr o risco de ser questionados. O mais, com certeza, estará fartamente documentado.

- Você acha que o trabalho deve ser feito com estrita e pétreia consideração histórica e comprovada? Perguntei ao Ivens, com sincera preocupação.

- Eu acredito que não poderemos ser tão circunscritos assim. A

tradição histórica pela transmissão oral também servem de base para a construção de fatos. Existirão coisas que ouviremos, descobriremos, mas não haverá como provar. Nem que sim, nem que não. Quando elas servirem para lançar luz ao trabalho, podem e devem ser aproveitadas. Mas se trazem polêmica e discussões estéreis, devem ser abandonadas. Nosso maior objetivo é mostrar quem ele foi e o que fez. Tudo o que for além disso não pode ser objeto de nossa atenção.

Chegaram nossos bolinhos e as bebidas. Repetimos mais duas porções. Uma de iscas de badejo à milanesa e outra de fritas (as tradicionais). Conversamos muito e de repente me dei conta de que havia muito tempo não ria assim. Estava encantada com o charme e a inteligência dele. Ele evitava aquele olhar maroto que me deixava encabulada, falava sobre diversos temas, contava histórias e por conta disso nem vimos o tempo passar. Quando demos por conta disso, nos espantamos e por fim, deixou-me em casa perto da meia-noite.

Quando nos despedimos, ele segurou minha mão por mais tempo do que devia e quando beijou meu rosto, naquela posição estranha dentro do carro, onde cada um joga uma parte do corpo torcido em direção ao outro, ele acabou me roubando um beijo "*meia-boca*". Não sei se de propósito ou casualmente, metade dos lábios dele se sobrepôs à metade dos meus. Isso me eletrizou. Disparou um mecanismo desconhecido em mim. Imediatamente senti o perfume que ele usava e aquele cabelo em proposital desalinho tocou meu rosto. Eu fiquei meio sem saber o que fazer, mas minha vontade era completar aquele beijo. Ele afastou o rosto de mim, sorriu de novo daquele jeito que eu detestava. Fiquei com a certeza de que ele tinha completo domínio do que estava acontecendo, estava totalmente senhor do que fazia e que havia conseguido o efeito que desejava. E aquele afastamento era só pra mostrar pra mim que as coisas aconteceriam se, como e quando ele quisesse. Odiei-me por estar sentindo aquilo tudo. E mais ainda por estar inerte, esperando ...

Ah ... que raiva me deu. Caí como tontinha, como patinha naquele embuste ... mas, sinceramente ... fiquei mesmo com mais raiva ainda porque estava quase dominada. E não gostei disso.

Desci do carro meio apressada, fechei a porta, abri a bolsa e percebi minhas mãos tremendo na busca da chave da porta. Estava desesperada para entrar em casa e sumir debaixo das cobertas. Fui

salva pela minha mãe. Ela abriu a porta e nem me deu tempo de respirar:

Que aconteceu, menina? Saiu daqui às três da tarde, chega em casa a esta hora, não deu uma ligação, o celular não atende, só cai na caixa postal ...

Céus, pensei comigo. Eu havia desligado o celular durante a visita para não ser interrompida e acabei me esquecendo de ligar. Não me lembrei de nada, de tão envolvida que estava com o Ivens, ou pelo Ivens. Minha raiva dele aumentou. Ou de mim, sei lá ... Pedi desculpas à minha mãe, tentei explicar, mas eu a conheço bem. Primeiro vai disparar a falar até esvaziar e não adianta tentar dizer nada, pois ela não vai ouvir. Depois, vai chorar e se lamentar pelo desespero que passou. Ela realmente, na segunda fase é uma reedição da vovó. Por último, levará a chantagem a um nível tão extraordinário que você precisará, além de confessar a culpa, jurar que vai cometer o suicídio em reparação a tão desastroso dano. Só assim, ela voltará ao normal e ouvirá as explicações.

Exagero meu, é claro, mas com tanta carga genética — vovó e mamãe — eu também não poderia deixar de superdimensionar as coisas. Acabei rindo com este pensamento, o que deixou mamãe mais furiosa ainda. Dei um beijo nela, fiz um carinho, disse que precisava muito ir ao banheiro, corri pro quarto, fechei a porta, tirei a roupa, tomei um banho, me vesti, deitei e ... quem disse que eu conseguia dormir?

Aquele sorriso, a voz, o perfume não saiam da minha cabeça. Esqueci de ligar o celular, de ligar pra casa, da mamãe, de tudo... nossa, eu viajei por quase seis horas, levada pela magia e pelo encantamento daquele homem.

Sem mais nem menos, veio à minha mente a figura do Peter. Durante toda a semana ele foi muito diferente comigo. Atencioso, educado, gentil. Sob o pretexto de nosso trabalho, ligou umas quatro ou cinco vezes e em cada ligação, falou quase trinta segundos sobre o trabalho e nos 40 minutos seguintes, falamos sobre muitas coisas. Eu estava achando tudo interessante, me achando interessante, sentindo o poder que eu tinha sobre o Peter e exercendo esse poder com delicadeza, mas confesso, manipulando meu professor. E agora, com o Ivens, sou uma pequena fantoche.

O sono não vinha e então eu sentei na cama, acendi o abat-jour, peguei na cabeceira do criado-mudo o livro que eu estava lendo e há dias havia deixado de lado. Abri na página onde havia parado. O livro, contava histórias árabes, daquelas com moral e ensinamentos e outras com "cases" e situações motivacionais e de autoajuda. O capítulo que eu lia naquela noite tratava de uma palestra dada por um alto executivo americano sobre equilíbrio na vida:

"Imagine a vida como um jogo de malabares, em que você lança ao ar cinco bolas. Essas bolas são o trabalho, a família, a saúde, os amigos e o espírito. O trabalho é a bola de borracha, se cair no chão, bate e pula. As outras são de vidro. Se caírem, quebram-se e acabam ficando permanentemente danificadas. Por isso:

- Não diminua seu próprio valor. Siamo seres completamente diferentes uns dos outros. Cada ser humano é um planeta com vida e características próprias. Fixe suas metas em cima do que você acha importante. Respeite a opinião alheia, mas não faça dela sua matiz. O melhor pra você, só você pode saber;

- Viva um dia de cada vez. Todo dia é hoje. Ontem é algo que conhecemos, mas nada mais podemos fazer por ele. O amanhã é a expectativa e a esperança de cada movimento nosso. Mas tudo se resume ao hoje. Viver um dia de cada vez é poder viver todos os dias da sua vida;

- Não desista enquanto você tiver uma reserva de força e de convicção. A persistência é a teimosia com propósito e base.

- Não evite os riscos. Enfrente-os. Mas antes do embate, avalie-os bem. Só os confronte quando você tiver dados, informações, apoio e força suficiente para vencê-los. O simples fato de começar a conhecê-los já indica que você não os está evitando;

- Em tudo, o amor deve estar presente. A presença do amor em cada coisa que fazemos, garante a presença de tudo que é bom e perfeito, já que o amor está acima dos homens e é o maior elo com Deus. A presença do amor garante a presença de Deus;

- Descubra qual a velocidade da sua vida. Não dispare por ela desordenadamente, pois isso implica em não perceber o que passou, nem avaliar o que virá. A velocidade certa nos permite participar do cenário a ponto de usufruir dele e até criara nossa realidade com mais facilidade;

- Não acumule peso na viagem da vida. Onde estiver o teu tesouro, lá estará o teu coração. Não se permita carregar tanto peso que o movimento seja quase impossível. O mais leve de todos os tesouros é a sabedoria. Esse tesouro é formado por joias e gemas que são o conhecimento e a observação.

- Três coisas são irreparáveis: a flecha lançada, a palavra dita e o dia de ontem. Saiba onde atirar antes de lançar a seta. Pense no que vai dizer antes de falar e lembre-se que é sempre hoje. Não há dia passado que não tenha sido vivido por você."

O capítulo se encerrava com os exemplos mais contundentes de sua vida, mas o encerramento daquele discurso é que me chamou mais a atenção:

"Uma cachoeira nasce de uma simples gota. Aquele que luta somente por si, nasce gota e morre gota. Mas quem se une a outros pensando em todos, cresce, se torna cachoeira."

Não pude deixar de pensar no trabalho que estava fazendo. De uma forma ou de outra, eu ainda ouviria muitas histórias, mas já sabia que aquele homem, o Sr. Gilberto Américo Meirinho, era a síntese desse discurso. Ele foi uma gota e hoje ... uma cachoeira.

Assim que terminei de ler esse capítulo eu continuava estranhamente sem sono. Então resolvi pegar uma pasta que vovó havia me dado e que, segundo ela, traria as primeiras informações sobre nosso amigo Meirinho.

Folhee aqueles tantos documentos, olhei por cima mesmo. Não sabia exatamente o que estava buscando, mas sabia que estava procurando algo. De repente achei. Uma página inteira de uma entrevista de Jornal com o Sr. Meirinho, cuja foto ali está, mais a foto de dezenas de funcionários, todos uniformizados e outra foto ainda de uma senhora hipersimpática, vestida de cozinheira, ladeada por quatro outras funcionárias e um enorme caldeirão, numa cozinha bem montada. A entrevista era a seguinte:

"Uniforme e alimentação para Funcionários da Prefeitura"

Prefeito Gilberto Meirinho inova e cria condições melhores de trabalho aos funcionários da Prefeitura. Numa atitude inédita, ousada e humanitária, a nova empreitada do Prefeito mostra que o Poder

Público pode ser humano e sensível ao povo, principalmente quando parte desse povo presta seus serviços ao Município. Numa entrevista corajosa, bem ao seu estilo, abre a boca de uma vez e expõe a grandeza das mudanças e as mazelas que enfrentou. Com certeza, depois desta matéria, certos cidadãos estarão cuspidos fogo, mas terão que ficar na "moita" para não se exporem. Nosso Prefeito, além de corajoso é inteligente. Não deixa nada para depois. Confirmam a reportagem.

- E então, Dr. Meirinho, como nasceu essa ideia?

- Diariamente quando saía de casa, eu ia direto percorrer todos os canteiros de obras e aí observei, principalmente nas manhãs frias, que aqueles operários estavam desprovidos de vestuário e calçados adequados. Determinei então que se fizesse um levantamento e se distribuísse àqueles servidores, o equipamento completo: uniforme e calçado.

- Daí, qual foi a reação?

- Notei logo uma sincera manifestação de alegria nesses operários que até então, nunca tinham recebido nenhum benefício social da prefeitura.

- Mas e quanto à alimentação? Por que o Sr. decidiu dá-la também?

- Reparei, numa dessas visitas, na alimentação dos nossos operários. Alguns deles usavam uma latinha de cera como se fosse marmitta. O cardápio invariavelmente era pirão com uma ou duas sardinhas ou um ou dois ovos, que eram consumidos frios, ali mesmo no local da obra. Passei a me preocupar com isso e, alimentação digna, era uma coisa difícil de implantar e administrar. Mas do jeito que estava era uma desumanidade. Lembrei das minhas aulas de história, vi aquele povo parecendo escravo recém-liberto. Fui pra casa com o estômago remoendo. Não consegui almoçar nem jantar naquele dia. Fiquei realmente incomodado e compartilhei essa sensação com minha esposa. Passei a noite pensando naquilo e efetivamente estava disposto a fazer alguma coisa. Só não sabia ao certo o que seria. A resposta veio pela manhã.

- E como o Sr. resolveu a questão?

- Chamei a servente, a Dona Benta, Benta Rocha, uma senhora ativa e muito disposta e lhe expus a minha intenção de servir aos colaboradores da prefeitura, um reforço alimentar de pelo menos um

sopão quente em suas refeições. Já no dia seguinte ela me apresentou um relatório e disse que aquilo não seria problema. Sugeriu-me construir um fogão bem maior na garagem. Solicitou que reservasse uma área para implantarmos uma cozinha e uma dispensa. Solicitou-me uma "bateria" de panelas e me garantiu que atenderia plenamente às nossas pretensões. E ainda disse: - Claro, vou precisar de uma ajudante!

- Mas hoje, todos os funcionários das obras externas, longe da cozinha também recebem alimentação. Como foi isso?

- Sanados todos os quesitos solicitados, fiz um questionamento: como faríamos quando o pessoal estivesse numa obra fora, longe da cidade? Ela me respondeu com serenidade: Lá pelas onze, onze e meia da manhã, nós despachamos para o local o caldeirão com a sopa. Foi uma experiência extraordinária e dona Benta se saiu melhor que eu esperava.

- E os funcionários administrativos. Também passaram a receber reforço de alimentação. Isso estava nos planos?

- Dias depois quando voltei a visitá-la na cozinha, confidenciou-me: "Prefeito, temos um outro problema! A cozinha ficou muito boa, mas falta um complemento ainda. Já estamos recebendo vista de outros funcionários da administração, que vem almoçar aqui. E tem um problema ainda maior: os operários estão trazendo farinha de casa para misturar à sopa, fazendo um pirão e comendo com a carne que é inserida na sopa."

E qual a sua sugestão para melhorar as refeições? — perguntei.

E ela sabiamente me recomendou: "Senhor Prefeito, afirmo que o que vou sugerir não vai encarecer muito e eles ficarão mais alimentados e bem mais satisfeitos.

- Poderíamos fazer três cardápios diferentes por semana, sempre à base de feijão, arroz, farinha, carne de segunda, frango etc." Concedi tudo que pediu, houve um enorme engajamento dos funcionários, a notícia veio trazer mais ânimo e vontade a todos.

- E quais os resultados colhidos?

- Em primeiro lugar, fizemos o que fomos eleitos pra fazer. Trazer prosperidade, qualidade de vida, melhorias, inovações e conseguimos

ainda humanizar a relação de trabalho. A partir daí, dessa nossa empreitada, novamente fizemos escola e nosso município foi o primeiro de Santa Catarina a servir alimentação completa e uniforme para os funcionários. Eu soube que municípios vizinhos vieram conhecer nossa experiência e desejam implantar os mesmos benefícios por lá. Mas foi aqui, conosco, que tudo começou.

- Mas a uniformização dos alunos das escolas municipais e material escolar também foram marcas pioneiras de sua administração, estou certo?

- Também fomos pioneiros em uniformizar os nossos alunos da rede municipal e dar-lhes material escolar. Hoje isso não é mais novidade, faz pouquíssimo tempo que fizemos isso e já estamos sendo imitados, o que é muito bom, já que quem ganha são os alunos, os professores, o ensino e a sociedade, mas quando implantado foi uma grande inovação.

- Há algumas histórias sobre desentendimentos com políticos antigos daqui da região sobre alimentação, uniformes, materiais escolares. O Sr. pode comentar sobre isso?

- Quando tudo começou, sofremos muita pressão contrária de nossos inimigos políticos. Mas eles não suportaram o apoio que eu recebia dos funcionários e da população, principalmente pais de alunos, professores e parentes dos funcionários. As pessoas que trabalhavam na Prefeitura eram cidadãos daqui e tinham suas famílias aqui. A melhoria da qualidade de vida e de trabalho influía na vida pessoal e doméstica. É a corrente do bem. E não tem político estúpido na Terra. Eles sempre vão onde há ondas favoráveis. Então começou uma longa peregrinação à Prefeitura para que eu recebesse o fulano ou o beltrano de tal, que era fabricante de roupas e poderia fazer os uniformes, e outros que industrializavam alimentos, outros ainda com calçados, material escolar, etc. Eu montei uma equipe, para receber todas as propostas de produtos e preços. Todos, literalmente todos os "novos fornecedores" não tinham preços competitivos.

- E qual o resultado disso?

- Continuamos com quase todos nossos antigos fornecedores, apareceu apenas um ou outro novo parceiro. Certo dia, recebi em minha sala um poderoso homem da cidade que, com meias palavras tentava me

abrir os olhos para as vantagens de ser Prefeito e de ter empresários apoiadores. Por isso, eu deveria rever minha posição sobre uniformes, alimentação e materiais escolares que eu não me arrependeria.

- Qual foi sua reação?

- Mandei-o sair. E que ele jamais voltasse a tocar no assunto. Eu estava realmente furioso.

- E agora Prefeito, o que a gente pode esperar?

- Eu gostaria de encerrar esta entrevista com uma pequena história que ouvi em Belém, quando lá vivi. "Contam que um velho muito pobre, tinha um único e magnífico cavalo que um dia fugiu. As pessoas da aldeia logo se solidarizaram com ele pela desgraça. O velho então disse que não sabia se era mesmo uma desgraça. O tempo diria. Duas semanas depois o cavalo voltou e trouxe com ele uma pequena manada de animais selvagens. Todos na aldeia correram e foram solidários com a sorte do velho. O velho então disse que não sabia se era mesmo sorte. O tempo diria. O único filho do velho então começou a domar os cavalos. No terceiro dia, sofreu uma queda e quebrou as duas pernas e não poderia se mover por um bom tempo. Todos novamente correram a se solidarizar com o velho pela desgraça que o acometeu. O velho então respondeu que não sabia se era mesmo uma desgraça. O tempo diria. Ocorre que, três semanas depois o reino entra em guerra e todos os varões foram chamados ao campo de batalha. Nessa guerra muitos jovens valorosos morreram. Menos o filho do velho que estava convalescendo das fraturas e não pode seguir com o exército." Você me pergunta o que a gente pode esperar? Não sei, meu amigo. A sorte e a prosperidade sempre vão depender das oportunidades. O que prometo é muito trabalho e sempre ficar atento a tudo que puder ser mudado. O resto, o tempo dirá!

- Última pergunta. O Sr. é religioso? Reza sempre?

- Quem não tem Deus, não tem amigos. O maior de todos os amigos é Ele, sem dúvida. Rezar? Não sei direito fazer isso, mas todas as noites eu agradeço pelo dia e pela manhã, apenas digo o seguinte:

"Senhor, dai-me serenidade para aceitar o que não pode ser mudado, força e coragem para mudar o que pode e deve ser mudado e acima de tudo, a sabedoria para distinguir uma coisa da outra."

Eu ainda fiquei uns dez minutos, depois de ler a entrevista, pensando na grandeza desse homem. Comecei a entender a parábola do Semeador. Lembrei da matéria que disseram que o Figueira havia feito. Pensei em procurá-la, mas estava cansada. Então, adormeci.

CAPÍTULO IX

UMA SEMANA ATÍPICA

Minha mãe ainda ficou de bico comigo no dia seguinte e no outro também. Mas o importante é que naquela próxima semana, não haveria aulas. Aqui na nossa região, os alunos instituíram a "*Semana do Saco Cheio*", dedicadas à prática de esportes e confraternização, onde rola muita festa e os professores não dão aula.

Aproveitei a folga para me dedicar inteiramente ao Projeto. O almoço de domingo teve muito daquele primeiro onde tudo começou. Mamãe, a contragosto de meu pai, marcou um super almoço para toda a "*sociedade do anel*". Estariam todos lá. Vovó, um verdadeiro milagre, viria também. Aliás, não só viria, como também chegaria mais cedo pra poder ajudar mamãe.

Eu, por conta da minha fé e até pra ver o que acontecia, se mais algum "*presságio ou sinal dos céus*" seria dado no sermão do Pe. Heitor, fui à missa. Só que o Peter fez questão de me acompanhar naquele domingo. Na tarde anterior, num daqueles longos e non-senses papos telefônicos que nos acostumamos a ter, comentei sobre a missa e então ele se prontificou a ir comigo, sob o argumento de que havia muito tempo que estava afastado da Igreja, que havia muito tempo que não assistia a uma missa e que até tinha saudades disso.

Foi até engraçado, na manhã daquele domingo, eu ter encontrado desculpas e ter conseguido sair fora do convite do Ivens para caminharmos um pouco na praia, conversarmos mais e então seguirmos para o almoço. Fui bem delicada, mas com certa dose de maldade, acabei dizendo a ele que estava pronta pra sair e que iria à missa com o Peter - coisa que ele não engoliu bem... rSr.s - e depois ajudaria mamãe com a mesa e o almoço.

Minha manhã foi radiante. Uma pequena vingancinha, mostrando que o Ivens não tinha assim tanto poder sobre mim quanto pensava. Ir à missa e fazer um passeio com um homem interessante, culto, jovem

e bonito para começar, depois a expectativa de um almoço especial e maravilhoso e por fim, um mergulho naquele tema que tanto me fascinava - a vida e obra do Gilberto Meirinho. Tudo prometia ser perfeito.

Quando chegamos à Igreja, a primeira surpresa. Num dos bancos próximos da entrada, mais exatamente no central, que permitia total controle sobre todas as pessoas que entravam e saíam da Igreja, estava Ivens, seu pai e sua mãe. Fiquei em choque, minhas pernas balançaram e o atrevido, ainda por cima, fingiu que não nos via, segurando a mão da mãe.

O Peter olhou pra ele e eu percebi seus olhos semicerrarem-se e os lábios se apertarem. Mas ele segurou a onda. Ficamos sem saber se cumprimentávamos ou não o trio, quando o Peter falou:

- Hummm... parece que você contou onde estaríamos. E ele trouxe reforço. Temos que computar ao Sr. Gilberto Meirinho o crédito de estar fazendo o milagre de trazer muitos fiéis ausentes de volta para a Igreja. O Padre deveria formalizar um convênio com ele. Grande poder o do nosso personagem.

Não pude deixar de rir. E foi minha risada que tirou o Ivens do fingimento e ele olhou pra nós, o que indicava que, de alguma forma estava nos observando, dando de cara comigo e o Peter rindo. Coitado. Olhou pra gente e quase perdeu o reboledo. Adiantei-me e lhe dei um beijo no rosto, cumprimentei o tio Isaque e fui apresentada à Sra. Gilda. Sentamo-nos todos juntos e já estávamos iniciando um papinho à toa quando o sinete do coroinha soou e a missa começou, obrigando-nos ao silêncio e à compenetração.

Pe. Heitor proferiu o sermão dominical e não deixei escapar nenhuma palavra. Percebi que Ivens e Peter também estavam total e integralmente mergulhados nas palavras do nosso pároco.

"Então, meus irmãos - disse ele - nós somos responsáveis por tudo que plantamos. Muitos há que preferem deixar nas mãos de Deus todo o esforço e o trabalho de construir a vida. Essa é a resposta daqueles que não têm força nem têm coragem para construir o seu dia. O mundo é feito, moldado e construído por aqueles que não sofrem do mal da fé fatalista. São aqueles para quem Deus está no comando de todas as coisas sim, mas que isso significa, em verdade, que Ele inspira e

capacita os escolhidos para as tarefas. Eu ouço muito por aí que devemos entregar todas as coisas nas mãos de Deus e sermos pacientes com o tempo Dele. Que tudo que acontece é porque Ele assim o deseja. Mas, irmãos, posso assegurar a todos vocês que Deus tem mesmo todos os nossos destinos em Suas Santificadas mãos e que isso significa que Ele jamais vai permitir que soframos desnecessariamente. Posso sim confirmar a todos que Deus é perfeição e equilíbrio, portanto a pena ou a recompensa jamais serão desproporcionais à culpa ou ao mérito. Mas, da mesma maneira, afirmo que Deus nada dará àqueles que nada fizerem. Deus nada entregará àqueles que nada merecerem. Os fracos, os covardes e os inseguros são o povo que acredita que nossas tristezas, nossas angústias, nossas mágoas, nossa amargura fazem parte dos Planos de Deus. Quem assim prega ou nisso acredita, em verdade vos digo, não conhece a Deus. Deus não tem planos nem urde situações onde soframos ou tenhamos dor e desespero. Esse, que produz esse tipo de mal, com certeza não é Deus.

Deus é pureza santificada e pai amantíssimo. Deus é amor, misericórdia e graça interminável. Como então crer que devamos estar inertes, imóveis, pacientes, quietos, aguardando que Ele atue, que Ele resolva os problemas que nós mesmos causamos? Deus não ensina a preguiça nem a omissão. Nem premia isso. E muito menos quer que abduquemos da responsabilidade de utilizar o livre arbítrio e atuarmos no sentido de nossa evolução. Qual o interesse de Deus em nos colocar aqui para viver e ser o único responsável por tudo que nos acontece? De bom e de mau? Não há lógica nisso e Deus é essencialmente lógico. Acima de tudo temos que entender que em Deus, todas as coisas estão juntas, unidas, de maneira perfeita. Deus não é dual, é único. Posso dizer pra vocês que Deus não é bom nem mau, sob o ponto de vista humano. Deus é apenas justo e perfeito.

A Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus. As coisas humanas pertencem aos homens, as coisas divinas são o palco de Deus. Deus não fará nada que ao homem seja possível fazer, mas tudo aquilo que é impossível ao homem será feito por Deus. Se for justo, se for perfeito, se for positivo, construtivo e abençoado será feito por Deus.

Ao homem cabe consertar seus erros, enfrentar suas dúvidas, vencer seus obstáculos. A Deus cabe incentivá-lo, protegê-lo, abençoá-lo, cobri-lo de glória, graça e misericórdia.

Neste mundo existem aqueles que com nada contribuem para com a família, a comunidade ou para com o próximo. Esses agem então contra si próprios, pois estão contra os ensinamentos. Mas existem aqueles que encontram sua grandeza e então transformam a sua vida e a do próximo, engrandecem a comunidade, e com isso fazem a história.

Deus jamais escolhe os capacitados. Esses receberam os dons e com eles têm que responder à sua responsabilidade. Deus sempre capacita os escolhidos. Pois quando Ele nos inspira a missão, nos dá força e as ferramentas para cumprir essa missão. E não há aquele que missão não tenha nesta vida. Vejam os grandes homens de nossa história, vejam como mudaram a vida de tantas pessoas, de seus países, que fizeram transformações profundas.

Logo estaremos em época de Copa do Mundo. Ela ocorrerá num país até recentemente dividido por uma segregação racial incabível, uma desproporção social inaceitável. Vejam bem a história da África do Sul. Vejam os exemplos que ali temos. Pensem em Ghandi e na independência da Índia e tantos outros. Foram pessoas que ao invés de combater a guerra, pregaram a paz. Fazem parte de um seleto grupo de seres inspirados por Deus para harmonizar este Planeta e fazer dele um bom lugar pra se viver.

Nosso tema de hoje é sobre a indagação dos Apóstolos ao Cristo Senhor, sobre qual deles era o maior. Então, voltando ao que lemos, quando o Mestre Jesus respondendo, falou:

- Os reis dos povos dominam sobre eles e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós sois o contrário. O maior entre vós seja como o menor e aquele que dirige seja como o servo. Pois qual é maior? Quem está à mesa ou quem a serve?

Ouçam, portanto. Quando Deus nos confia uma missão, faz-nos grandes perante os homens e nos transfere também a responsabilidade de servirmos e agirmos como o menor de todos. Sermos humildes, mansos e pacientes.

A quem tem mais se dará e a que não tem, ainda assim se tirará.

Meus irmãos, a quem tem o conhecimento e o poder para realizar grandes coisas, ainda mais responsabilidade a ele se dará. A quem

não possui o poder e não alcançou o conhecimento, que culpa pode ter?... Dele, ainda se tirará qualquer culpa.

Quando nos deparamos com coisas que podemos fazer, que representam benefício para outrem e não as fazemos, assumimos a culpa da omissão. Assumimos que com nada contribuimos naquela situação. E não foi isso que o Mestre nos ensinou.

O sermão seguia por essa linha e eu não pude deixar de comparar com as coisas que estavam acontecendo. Tínhamos a palavra e já podíamos acessar o exemplo.

A missa terminou, saímos devagar e no alto das escadarias da Igreja Matriz, olhávamos para fora e o dia estava lindo. Combinamos nos reencontrar em casa, não sem antes vencer com sacrifício e muita insistência a recusa de D. Gilda. Seus argumentos eram efetivamente que sua saúde não estava muito boa, sua idade e porque a reunião era para discutir o projeto. Nada diferente do que já havíamos presenciado em outras pessoas. É engraçado como esses argumentos são bordões para esquivas. Muito insistimos e finalmente conseguimos convencê-la.

Entramos nos carros e fomos pra casa onde um delicioso almoço nos esperava. De dentro do carro do Peter, liguei pra mamãe e avisei que D. Gilda estaria conosco. Mamãe ainda brincou dizendo que então teríamos problemas haja vista que vovó nunca admitiu que houvesse alguém mais doente do que ela em um ambiente. Ri bastante e contei ao Peter. Ele, por sua vez contou-me sobre um tio que ele tem que é hiper hipocondríaco. Dizem na família que a lápide dele está pronta e diz o seguinte:

“Agora vocês acreditam em mim?”

Ri de novo e estava sentindo muito prazer com aqueles momentos alegres que vinha tendo ultimamente. Nesse instante, pensei naquela tarde/ noite que passei com o Ivens. Que homens fantásticos. Eu estava descobrindo uma realidade deliciosa. A boa companhia. Não pude deixar de ficar entristecida também com o fato de estar assim tão dividida.

Assim que chegamos e entramos, já nos demos conta do esmero e do capricho que vovó e mamãe impuseram à reunião. Na sala já estavam o vovô e o Sr. Figueira conversando animadamente. Mamãe e vovó

entre a cozinha e a sala de jantar, arrumando pratos, copos, talheres, guardanapos, montando a refeição em travessas e porcelanas. Tudo bem italiano. Extraordinariamente italiano. Meu pai, em sua tradicional carranca, sentado numa cadeira de balanço no quintal, à sombra, lendo seu jornal e tomando uma cerveja. Devia ser um dia difícil para ele, pois vovó não só estava em casa como também mostrava uma alegria e uma jovialidade incontida.

Quando todos falaram com todos, eu percebi uma enorme e bem arrumada pilha de pastas. Ao lado delas, muitas fotos separadas em pequenos blocos, por cliques, e eu pude perceber nas de cima de cada monte, imagens de pessoas, de praias, casas velhas, prédios pequenos.

Vovô olhou pra mim, deu um sorriso e falou:

- Tua avó não faz outra coisa. Às vezes penso que era melhor quando ela usava o modelo antigo.

Todos rimos e ela, com ouvidos de tuberculoso, veio querer saber o que havia acontecido, já que ela tinha certeza que o assunto era ela. Daí, rimos ainda mais.

Enquanto mamãe, ela e agora D. Gilda se esforçavam para dar conta de tudo, nós, os outros, nos reunimos na sala em torno do Sr. Figueira e do vovô. Os comentários começaram com o cardápio do dia, composto de uma salada completa de entrada, cujos palmitos e tomates sobressaíam na decoração da travessa, arroz piamontese, costelinha suína assada com batatas à dorê e murignanas (no Brasil conhecidas como berinjelas) à parmiggiana. A carta de vinhos estava caprichada. Graças ao vovô, um nacionalista por excelência e apaixonado pelas coisas catarinenses, tínhamos ali, três belas garrafas do delicioso e especialíssimo Villa Francioni Cabernet Sauvignon, um clássico produzido em São Joaquim, com qualidade e esmero das mais renomadas casas vinícolas europeias.

Vovó preparou petiscos que estavam colocados em mesinhas próximas dos sofás e no aparador. Estavam servidos dois patês – o de gorgonzola com azeitonas pretas e o sardella – com torradas e biscuits, e vovó estava tirando deliciosas panzanelas quentinhas do forno. Taças de vinho e água. Que banquete.

Ah... a sobremesa, com vovó em casa, seria uma daquelas delícias que ela, com maestria sabia fazer. Fui xeretar e descobri uma saborosa torta napolitana - massa de bolo pão-de-ló com sorvetes de chocolate e creme.

Quem poderia falar de coisa séria numa situação assim? Mas, independentemente de tudo aquilo, vimo-nos falando do sermão que acabáramos de ouvir.

- Gente... sério mesmo! Parece que era uma sequência daquele outro sermão. Só que agora ouvimos sobre as pessoas especiais que fazem coisas extraordinárias, como disse Sr. Figueira outro dia - falei com bastante convicção.

- É verdade. Algumas passagens foram bem marcantes. Quando ele falou "*Ouçam, portanto. Quando Deus nos confia uma missão, faz-nos grandes perante os homens e nos transfere também a responsabilidade de servir e agirmos como o menor de todos. Sermos humildes, mansos e pacientes.*" Não pude deixar de lembrar de tudo quanto li no discurso do vovô — que aliás vai ter que me explicar direitinho porque não me falou nada sobre ter sido o criador e o concessor do prêmio ao Meirinho - e da entrevista que tinha lido naquela noite.

Tão pronto sentenciei dessa forma, vovô veio pra perto de mim e falou:

- Minha flor, se eu tivesse contado tudo pra você, você poderia achar que era apenas um sonho de um velho querendo que sua neta amada fizesse um trabalho para destacar um prêmio criado por ele. Você precisava conhecer o personagem, descobrir algumas coisas deles para ter a certeza de que não foi uma vaidade do teu avô, para aparecer no teu trabalho, mas sim, uma justa homenagem a um homem que fez muito por muitos e é tão pouco lembrado. Você mesmo não o conhecia. Tua avó precisava conhecê-lo melhor e tirar aquelas bobagens da cabeça. E acima de tudo, Balneário Camboriú precisa conhecer um verdadeiro líder, um homem que com suor e muitas lágrimas, nos deu o que hoje temos. Alguém como você, com a alma pura e a isenção que o teu caráter permite, seria a ferramenta ideal desse resgate histórico.

- Além do mais, minha querida - disse o Sr. Figueira - ele é tão apaixonado por orquídeas quanto você. Ele é um orquidófilo. Eu sempre falei dele pro meu irmão. Aliás, um dos textos sobre a vida dele foi

produzido pelo Isaque. Meu sobrinho, como professor de história, não tinha a mais pálida ideia de quem ele era. Feliz do povo que conhece a sua história. Feliz do povo que cultua seus heróis. E Balneário tem um herói. Só precisávamos fazer com que o interesse fosse despertado de uma forma natural.

- O Sr. o conhece há muito tempo, não é Sr. Figueira? Perguntei.

- Sim, minha filha. Há muitos anos. Desde o Rio de Janeiro. Eu conheci o Meirinho lá. Uma vez, época de festas juninas, fomos convidados para uma grande festa em Sernambetiba - região distante do centro do Rio mais ou menos duas horas - naquele tempo. Já madrugada, depois de quentões e comidas típicas — já estávamos "*meio de fogo*" — resolvemos pegar o trem de volta. Naquele tempo éramos cinco companheiros e resolvemos que iríamos escalar o Pão de Açúcar no dia seguinte. Dois desses amigos, já faziam parte do Clube dos Alpinistas. No dia seguinte, logo cedo pegamos o trem e saltamos na Central do Brasil e nos dirigimos a pé pela Avenida Getúlio Vargas em direção à Catedral. O Clube ficava ali no terceiro andar de um antigo prédio. Subimos uma escadaria muito íngreme para chegar lá. Porém, por conta dos excessos da noite anterior, estávamos mais para "*cozinhar o galo*", debelar o porre, do que para escalar. E os dois que eram alunos mais um dos companheiros, separaram os materiais. Pegamos o bonde e nos dirigimos para lá. Os três foram para a escalada e o Meirinho e eu decidimos ir com o bondinho do teleférico, onde aguardaríamos, lá em cima, os três escaladores. Deu onze horas, meio-dia e não apareceu ninguém e nós já tínhamos dado uma cochilada em um bar. Chateados, resolvemos descer e ir embora. Em casa tomei um banho e caí na cama. Acho que dormi o dia todo. No dia seguinte fui ao Banco conversar com o Meirinho e o vi catatônico, olhos vermelhos, mãos tremendo e logo que cheguei perto dele, ele simplesmente esticou o braço me entregando um jornal onde estava estampado: "*Três alpinistas que tentaram escalar o Pão de Açúcar, sofreram um acidente. Dois deles com morte instantânea*". Um deles era funcionário do banco e trabalhava com ele, o que deixou todos nós muito abalados.

Ele fez um silêncio que respeitamos e continuou:

- Fiquei extremamente abatido e muito deprimido. Para o Meirinho então nem se fala. Essa passagem influenciou muito no encerramento

da permanência dele no Rio. Ele não conseguia arrancar essa triste lembrança da mente e foi o que mais motivou a intenção de ir embora do Rio de Janeiro. Ele veio embora e eu ainda fiquei mais um tempo. Mas sem ele, um grande companheiro, um grande amigo, ficar por lá também já começava a ficar difícil pra mim.

- Então o senhor ficou com um trauma? Perguntei com vivo interesse.

- Talvez, mas fiquei bastante deprimido e comecei a pensar muito, muito, no que deveria fazer. Aquela passagem alterou toda a vida dele e a minha. Vim embora seis meses depois do Meirinho e até hoje quando olhamos pra qualquer morro, vem à mente esse acidente. Ele deixou o Rio de Janeiro e foi trabalhar em um banco de Santa Catarina com sede em Itajaí.

Ele estava com pena de deixar aquela família tão querida com quem conviveu, porém nenhum de nós podia mais olhar para o Pão de Açúcar.

- Foi fácil pra ele conseguir emprego no tal Banco de Santa Catarina?

- Ele foi ao Banco, falou com o diretor, acho que o nome era Dr. Mário Lins. Ele o recebeu e o aceitou como funcionário. Ficou na Agência desse banco lá no Rio e dois meses depois, pediu transferência para Itajaí.

Mamãe chamou para o almoço e todos nos sentamos. Não precisa ser muito brilhante para saber que eu fiquei, de novo, naquela situação constrangedora. Sentei-me entre vovô e o Sr. Figueira e bem na minha frente meus dois... digamos assim... pretendentes. Tudo outra vez, mas agora eu estava preparada e sabia o que fazer.

Conversamos sobre tudo um pouco. Desde o sermão, novamente, passando pelas minhas impressões da primeira visita, todo mundo falou um pouco, todo mundo deu opiniões diversas sobre uma porção de temas, até que D. Gilda, que tinha se mantido mais quieta, com certa timidez, nos contou como conheceu o Gilberto Meirinho:

- Não sei se vocês sabem, mas eu sou professora aposentada. Na verdade aposentei como diretora de uma escola aqui do Município. Quando o Meirinho foi prefeito, ele teve um problema de saúde e foi buscar na Europa, mais exatamente na Suíça, na cidade de Zurich a solução do problema que tinha. Quando ele terminou o tratamento, voltou para o

Brasil e chegando aqui, chamou o Secretário da Educação e pediu a presença dos diretores das três escolas municipais que tínhamos na época. Contou-nos que em Zurich há uma universidade muito famosa que tem centenas de alunos estrangeiros, muitos brasileiros inclusive. Lá, segundo ele, há apenas um rio, o Limmat e apesar do frio, todos os alunos são obrigados a aprender a nadar e o fazem naquele rio. Ele achava muito importante, nós que somos uma cidade litorânea, com um imenso mar à nossa disposição, não só ensinar nossas crianças a nadar, como ainda, fornecer Educação Física de qualidade nas escolas. Tinha nas mãos um estudo muito bem elaborado sobre os benefícios da natação, sob todos os aspectos. Tecnicamente, é o mais saudável de todos os esportes. Lembro que levamos muito tempo tentando convencer o pessoal das escolas estaduais, mas a pressão política sobre elas era grande e independentemente do benefício, os eternos inimigos descontentes, fizeram todo o possível para boicotar o projeto. Ele não desistiu. Faríamos somente com as Municipais. Ele cuidou de cada detalhe. Desde os professores, os assistentes, o transporte para a praia, uniformes de praia, toalhas, etc. Tudo foi minuciosamente discutido conosco, aprovado e implantado. Trouxe até um professor especialista de Lages. Quando fizemos a primeira ida à praia, os alunos não puderam ter contato com a água, pois havia uma turma de políticos e "*paus-mandados*" dos poderosos que questionaram a segurança. Então naquele dia os alunos ficaram só no exercício físico, sem entrar na água. O Prefeito conseguiu com o Corpo de Bombeiros que um salva-vidas fizessem plantão na praia nos dias em que as crianças lá estivessem. O salva-vidas apareceu no primeiro dia e foi tudo uma beleza. No segundo dia de aula na praia, ficamos esperando que ele viesse, mas recebemos um aviso de que o Corpo de Bombeiros não poderia mais atender ao pedido por "*motivos de força maior*". Ele não desistiu. Tentou de todas as formas até que um dia chamou o coordenador do projeto e perguntou sobre os alunos. Questionado sobre a evolução e os resultados, o coordenador falou que ainda não haviam conseguido colocar ninguém na água, mas os alunos já "*estavam trabalhando muito bem na areia*". Ele quis saber por que não entraram na água e o coordenador falou que alguém, inimigo político do Prefeito, havia conseguido alguns instrumentos musicais e havia convencido as mães da maioria dos alunos a fazê-los frequentar a Banda. Então, nos dias em que havia Educação Física na praia, também havia ensaio da Banda. E contou que estavam tão bem

ensaiados que já estavam tocando o Hino Nacional. O Meirinho não teve dúvidas. Pegou o telefone, falou com seus amigos na capital e conseguiu que a Banda Municipal de Balneário Camboriú tocasse o Hino Nacional na abertura do jogo Figueirense e Vasco da Gama. Daquele dia em diante o Prefeito determinou que, para fazer parte da Banda, não bastava aprender a tocar um instrumento. O aluno precisava ter um preparo físico adequado, por causa do longo tempo consumido em comemorações como 7 de Setembro, 15 de Novembro e outros desfiles, como os da Primavera, aniversário da cidade, etc. Então, passou a ser obrigatória a preparação de acordo com um programa competente. Os professores elegeram a nataçãõ. E finalmente os alunos saíram da areia e puderam entrar na água. E ainda descobriram o amor pela música.

- O Meirinho é assim. Ele faz de um limão uma limonada. Pra ele não tem bola perdida, nem dividida que ele tire a perna. Ele não desiste nunca e tem o poder de transformar as coisas, com muita ginga, completou a D. Gilda.

- O Gilberto Meirinho é bem como aquele homem que foi acusado de um crime que não cometeu. Sabia que seus inimigos estavam aprontando algo e no dia da audiência, o juiz, corrupto e comprometido com os poderosos, escreveu em dois pedaços de papel, sem que o acusado visse, a palavra "culpado". Nos dois papéis a mesma palavra. Dobrou-os bem dobrados e estendeu ao acusado, dizendo: - CADA PAPEL TEM UMA PALAVRA. Culpado e Inocente. Escolha um. O que sair no papel será teu veredicto. Como os dois papéis continham a mesma palavra - culpado - a chance do pobre homem escapar da força era nenhuma. O homem, assim como nosso Gilberto, era astuto e instintivo. Sabia que tinha algo de errado. Então, pegou um dos papéis e antes que qualquer um pudesse fazer qualquer coisa, colocou-o na boca e engoliu. O juiz, furioso, disse: - E agora, como saberemos o que foi que você tirou? O homem disse: - Simples, Excelência. Abram o que restou. Vejam o que está escrito. Se estiver escrito inocente, então eu engoli o culpado e mereço a força. Se nesse aí estiver escrito CULPADO, então eu engoli o INOCENTE e estarei livre.

Rimos bem gostoso com mais uma história do Sr. Figueira. Mas era bem verdade o que dizia. O Gilberto era mesmo assim. Tinhoso, astuto, difícil de pegar desprevenido. Dona Gilda ainda falou:

- O tal que tentou boicotar o projeto do Prefeito teve que aguentar a gozação dos colegas. O coitado ainda tomou o maior prejuízo, pois o Prefeito acabou incorporando os instrumentos ao Patrimônio do Município. Mandou fazer uniformes, bonitos até, e todas as escolas do município, durante um período, tiveram educação física do primeiro mundo e uma belíssima fanfarra. Ou banda, sei lá.

O Isaque chamou a atenção de todos para uma história que o Meirinho contou numa das ocasiões em que estiveram juntos. O ex-prefeito fez uma viagem de avião de Florianópolis até Brasília para resolver uma questão importante do Município. O Meirinho tinha conseguido uma verba especial do Governo Federal, através do Banco Central, junto ao BNH para a construção do novo prédio da Prefeitura. Foi o Isaque que contou, reproduzindo quase que palavra por palavra a história contada pelo Meirinho:

- Isaque, essa aconteceu no ar também, há bastante tempo. Quando eu estava viajando com minha esposa em comemoração às nossas bodas de prata, reservei uma viagem para os Estados Unidos, porém meu destino era a cidade do México, pois desde criança era apaixonado pelos mariatches. Por experiência anterior, transformei minha viagem em milhagens. Era a coisa mais difícil do mundo, pois a Varig sempre relutou em atender esse direito dos seus passageiros. Mas eu já tinha sido anteriormente instruído por um francês, meu amigo, que aqui residia, de que isso era possível e me mostrou os ganhos com essa prática. Quando fiz a viagem para Europa, fui a Florianópolis e fiz as milhagens lá. Peguei o avião em São Paulo para ir ao Equador, Colômbia, saltando e pernoitando nesses lugares. Em Miami, fiz a travessia para o Pacífico passando por Las Vegas. Fiquei quatro dias em Los Angeles e fui parar no México. No retorno, Venezuela, Panamá, Peru, Bolívia e São Paulo. Essa descrição toda é para esclarecer sobre milhagem. Que com o mesmo valor da passagem pode-se viajar muito mais.

Quando pegamos o avião em São Paulo para o Equador, o Comandante anuncia: *"Senhores passageiros, informamos que estamos viajando a 10 mil metros de altura, sobre a região amazônica, área sujeita a muita turbulência. Por isso pedimos que mantenham os cintos afivelados, as poltronas na posição vertical e as mesinhas frontais fechadas. Tão logo estejamos em área mais tranquila, retomaremos o serviço de bordo.*

O Comandante Kleine e sua tripulação, em nome da Varig lhes deseja uma boa viagem".

Eu disse à minha mulher: o Kleine foi meu colega de aeroclube. Passei a mão num cartão e anotei: 'solicito confirmar se o Comandante Kleine é o Manicaca do Aeroclube de Itajaí, aluno do instrutor Adamastor.'

Minha mulher disse: *"É só o que me falta, você aqui, querer achar um conhecido".*

Entreguei o cartão para a aeromoça. Passados alguns minutos, ela retorna e diz: *"O Comandante Kleine pede que o senhor, após a turbulência, se dirija à cabine de comando."*

Chegando lá foi a maior festa. A tripulação era composta de seis pessoas que logo me cederam uma banquetta e fomos conversando, fazendo reminiscências até o Equador. E a mais interessante delas foi um dos voos que fiz. Ingressei no aeroclube para tirar o brevê de piloto. Naquela época o presidente do aeroclube era o senhor Aldo Deschamps, um apaixonado pela aviação. Amava aquele aeroclube que possuía apenas dois aviões para treinamento: um 'Paulistinha' - que era a coisa mais querida e um 'Nice' - avião fornecido pelo governo francês para os aeroclubes do Brasil, mais sofisticado, porém, mais criminoso. Caiam todos, ao contrário do Paulistinha - aviãozinho nosso, todo remendado que sofria todo tipo de agressão... só faltava bengala, mas não caía.

Nosso instrutor, senhor Adamastor, de Joinville, vinha duas vezes por semana a Itajaí para nos dar instrução. Só que o danado bebia muito e nós tínhamos que aceitar aquela condição. Ele como instrutor, no Paulistinha, se sentava atrás e então, transmitia as suas instruções aos gritos e com os piores palavrões. Se o aluno não fosse calmo cairia em desespero. Por exemplo, um dia saímos da pista em voo, ele se encolheu no banco traseiro e deu as ordens:

- Toca em frente! E aí soltou um palavrão.

- Levante o bico! Outro palavrão.

- Põe o avião no nível! Mais um palavrão.

- Toca em frente! Abaixa mais, mais, mais, mais!!! Aí nós tínhamos pela frente um paredão de pedra. Bateu um nervosismo sem tamanho, pois o avião tremia por todos os lados e ele disse:

- Vai em frente! E mais um palavrão.

Nesse momento, eu pensei: *"eu morro, mas esse filho da... vai morrer também"*

Aí quando estava em cima, ele gritou: *"Quer me matar, seu bastardo? Levanta, levanta, levanta, filho da..."*

Aí levantei o avião e segui o voo normalmente. Tinha horas que ele mandava subir, subir e quando estávamos em determinada altura, quando pensei que ele estivesse dormindo, o maluco desligou o magnético e o avião *"placou"* e aí, tive que pôr o avião em nível para planar. Mas como fui pego de surpresa, a reação, ainda como aluno foi demorada e aí vieram as xingações e os palavrões.

Ele perguntava: *"Onde é que vais parar?"*

Com o motor desligado, procede-se dirigir o avião para um lugar mais próprio: uma roça de aipim, milho e se nesse ínterim tiver uma pista limpa, mais plana ao lado é lógico que a tendência é dar preferência a ela, mas não é assim que se deve agir. Depois de planar o avião, depois de definir a área de pouso, não se pode mais voltar atrás, mesmo que ao lado tenha uma pista de pouso. Por conta disso, solei o avião naquele milharal. Mas acabamos pousando adequadamente, fomos taxiando até o hangar e, em seguida ele desceu, sem me permitir fazer o mesmo. Simplesmente disse que com uma pessoa o avião voa melhor, fica mais leve, mais fácil de pilotar.

-"Decola... vai, esperamos você em 20 minutos aqui. Bom voo, garoto"
Foi o que ele disse.

Voei, pousei e tomei o meu banho de óleo, que é o sonho de todo manicacas e só parei de voar quando fiquei noivo.

- Puxa, afinal de contas, quem é esse homem? - perguntou o Peter. Que coisa, quanta história, quanta lembrança. Como é que a gente não sabe quem ele é? Por que ele não é figura pública reverenciada aqui em Balneário Camboriú?

- Então, encerrou o tio Isaque, esse é o homem. Conhecido no céu e na terra. Na floresta e no mar também. Mas isso são outras aventuras que um dia contarei.

Vovó sentou-se em frente àquela quantidade expressiva de pastas e

documentos e começou a explicar-nos o que já havia sido feito, na ânsia de encerrar as reminiscências e mostrar seu trabalho:

- Bem, meu amigos, o que já consegui está aqui. Mas é muito repetitivo e não tem muita coisa. Parece que havia certa tendência de se falar muito sobre outros Prefeitos e pouco sobre o Meirinho. Mas eis aqui as principais matérias, recortes e registros.

- Acho que, antes de qualquer coisa, para podermos falar sobre ele, precisamos conhecer um pouco dele — argumentou o tio Isaque. Por isso, fiz um resumo do currículo dele. Sabendo um pouco da sua vida, poderemos navegar com mais segurança na sua história. Temos que lembrar que na última visita, ele falou pro Ivens e pra Di que primeiro iríamos conhecer o homem, depois o empresário e por fim o político. Deixem-me, com todo respeito à D. Cibele, cortando sua apresentação, mostrar um breve relato sobre o Meirinho:

GILLBERTO AMÉRICO MEIRINHO, nasceu em 12 de outubro de 1929 na cidade de Itajaí - SC. Casado com Zenir Rebelo Meirinho, tiveram 03 filhos. Um varão e duas filhas, de onde vieram netos, netas e bisnetos. Foi funcionário do Banco INCO durante 19 anos e gerenciou a unidade de Camboriú, cidade onde começou também a carreira política como vereador e a unidade de São Francisco. Fundador da Cooperativa dos Cafeicultores de Santa Catarina — Camboriú; fundador da Sociedade de Beneficiamento de Arroz SICLI LTDA. Camboriú; fundador da empresa FEMEPE LTDA. — Itajaí; Conselheiro Fiscal da empresa HOFFMAN METALURGIA S/A. Itajaí; fundador da Empresa EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS ITAPEMA em Porto Alegre - RS; fundador da Empresa "RETA" — Empreendimentos Imobiliários Ltda." — Balneário Camboriú; Vice-Presidente do Conselho de Administração da ELETRIFICAÇÃO RURAL DE SANTA CATARINA S/A; Presidente do Conselho de Administração da ELETRIFICAÇÃO RURAL DE SANTA CATARINA; Conselho Fiscal da Empresa CELESC — Centrais Elétricas de Santa Catarina; Presidente da Associação Agrícola da Camboriú; Presidente do "CONDEST" Consórcio Nacional de Desenvolvimento das Estâncias e Centros Turísticos — São Paulo; Presidente do 1º Congresso Brasileiro de Turismo e Termalismo; Presidente do "COMDENC" Comissão Municipal de Defesa Civil; Presidente do MOBREAL — Balneário Camboriú; Membro do Corpo de Planejadores "OPERAÇÃO SANTA CATARINA"; Idealizador e Fundador da "CITUR RODOFEIRA" — Balneário Camboriú; Membro do Diretório —

Presidente da ARENA 2; Vereador no período de 1958 à 1962 (Camboriú - SC); Prefeito Municipal de Balneário Camboriú - SC no período de 1973 à 1977; Presidente do Diretório Municipal do PDS. Balneário Camboriú (02 gestões); Autor do projeto da criação do Distrito da Praia que acabou sendo transformado em nossa cidade; HONRAS: Diploma — Cidadão Honorário de Camboriú - SC; Diploma e Medalha — Serviço Nacional de Opinião Pública Prefeito da Comunidade de Maior Evolução; Diploma — Honra ao Mérito — Ministério da Educação e Cultura; Diploma - reconhecimento — FEB; Medalha — por bons serviços prestados (Comunidade Camboriuense); Diploma — Reconhecimento Público — como Homem de Turismo de Santa Catarina; Troféu — Manezinho de Balneário Camboriú - SC; Troféu — Papa Siri de Balneário Camboriú - SC; Troféu - Amigo da Cidade - Câmara Municipal de Balneário Camboriú; Título — Sócio Honorário do Rotary Club de B. C.; Diploma - Cidadão Honorário de Balneário Camboriú, Diploma — da "*Comenda do Sol*" símbolo da amizade, da equidade e da e da pureza de sentimentos, destinadas a pessoas físicas, que no campo de suas atividades, tenham contribuído direta ou indiretamente com o engrandecimento do município de Balneário Camboriú; Diploma — de Amigo da Cidade, pela Academia de Letras de Balneário Camboriú e o Troféu "*O Semeador*" por importante contribuição no desenvolvimento da cidade — Rotary Club Balneário Camboriú, objeto deste trabalho.

- Eu fiz esta pequena síntese porque, os dados completos levariam pelo menos duas horas pra apresentar. Peguei os mais expressivos e importantes dados, mas a vida dele, nesses oitenta anos, não cabe num trabalho escolar. Seria necessário um livro — completou tio Isaque.

Ivens manifestou sua opinião:

- Eu acho que um livro, uma biografia, seria a homenagem justa, mas acabaria perdida em uma prateleira de livraria que quase ninguém vê. Precisamos encontrar uma maneira da história ser contada com algum atrativo para o leitor. Assim, ele poderia viajar na vida e obra desse homem, conhecendo todos os detalhes e nuances de como ocorreram;

Vovô, sempre muito ponderado nesses assuntos, nos alertou para algo de extraordinária importância. Lembrou-nos que quase todo mundo

daquela época já está morto e enterrado, segundo palavras dele. E que, muitas coisas que realmente aconteceram, deveriam ser contadas, mas não poderíamos cometer injustiças. Ele foi muito combatido pela oposição que não queria vê-lo trazer essa prosperidade. Mas também teve muito apoio de gente importante e séria. Teve amigos e parceiros fiéis, teve seguidores e correligionários que assumiam os compromissos junto com ele. Ele foi o líder, mas teve um exército — pequeno, é verdade — mas valoroso e muito eficiente. Tinha até um italiano, paulista, chamado Tony.

– O Tony é um amigo fiel do Meirinho. Um cara tão obstinado em fazer as coisas certas que parece um trator. O Tony, era assim — prático e decisivo. Não gostava de embustes, não gostava da força e da violência, mas também não gostava de perder tempo com bobagens. O Tony e a mulher dele formam um casal admirável. Cuidaram durante muito tempo do *"Encontro de Casais na Igreja Católica"*; são pessoas amadas na comunidade onde vivem por seu trabalho social. Os bingos que a D. Bela, esposa do Tony faz para angariar fundos para caridade são famosíssimos. Ela é capaz de decidir, numa quarta-feira, fazer um bingo com chá para o próximo sábado, definir que serão 400 convidados e na sexta-feira antes do meio-dia, todos os convites estarem vendidos e na sexta à tarde estarem doados e entregues mais de 200 brindes. Assim são eles. Muitas das coisas que com certeza o Meirinho não vai poder contar, por conta de sua própria discricção e que eventualmente não tenham pertinência no trabalho, o Tony eventualmente poderia.

Quando vovô contou aquilo, me deu um estalo. Eu havia dito que a nossa famosa *"Sociedade do Anel"* não estava completa. Faltava o nono componente. Ei-lo que surge, então: Tony Chiaro! Preciso achar esse homem.

– Vovô, me fale um pouco desse homem – pedi.

– Não sei como o Tony conheceu o Meirinho, mas ele é mais ou menos uns dezesseis a dezoito anos mais novo que o Meirinho. A primeira vez que o vimos por aqui foi numa passagem do Tony em São Francisco do Sul. O irmão do Tony, acho que chamava José, ou simplesmente Zé, servia as forças armadas na época da Revolução. Parece que o tal de José, ou melhor Cabo Zé, evitou uma confusão pro lado do Meirinho, dias antes da queda do Jango, logo depois de uma visita que ele fez

ao Comandante do Forte Marechal Luz. A história toda eu não sei, tem que perguntar pra ele, mas o Meirinho e dois amigos nossos, o Dr. Valdir Campos, que era Juiz de Direito e o Promotor, Dr. Jairo, foram falar com o comandante, pois estavam preocupados com um monte de coisas e com o boato de que um grande amigo, o Capitão Nelson, tinha sido sequestrado pelos Sargentos da Marinha. O país estava um caos e como o Meirinho era amigo do Jango — naquela altura presidente do Brasil — e muito amigo do comandante do Forte, foram todos, altas horas da noite pra lá. Na volta, houve uma confusão com grevistas e arruaceiros e o Meirinho, quando a patrulha do tal Cabo Zé chegou, reconheceu o Meirinho e debelou o início de conflito. Durante alguns dias a patrulhinha do Cabo Zé passava perto do Banco pra ver se a família do Meirinho estava bem. O Meirinho acabou conhecendo o irmão do cabo, deu algum trabalho pra ele e a amizade começou. Naquela época, o Tony deveria ter uns dezesseis ou dezessete anos mais ou menos, porque logo em seguida, teve que se alistar no exército em São Paulo. É o que eu sei. Se você encontrasse o Tony, com certeza poderia obter mais informações, conhecer mais histórias e ter mais uma opinião a respeito do Meirinho.

- Mas o Meirinho é "*porreta*". Nunca teve medo de nada e jamais deixaria de contar a verdade. Temos que lembrar como ele é organizado. Qualquer coisa que ele disser, com certeza estará fartamente comprovado. Acho que para o que é importante, não precisamos de muita gente contando - comentou a vovó.

- O Tony tem valores morais e éticos muito grandes. É um homem que tem a estatura moral que muita gente neste país deveria ter. Ele e o Meirinho acabaram amigos, pois ambos acreditam e vivem as mesmas aspirações. Para ambos, a política é uma ferramenta que deve ser usada em benefício da comunidade. Para ambos, o político é um instrumento de aplicação da justiça social e do bem-estar da comunidade. Imagino como está hoje o Tony vendo essas barbaridades que estão acontecendo. O Meirinho, com certeza, quando compara a maneira como viveu a política e como ela está sendo usada hoje por esses marginais que conseguiram mandato, deve sofrer muito, muito mesmo. O sacrifício que fez, as agruras que passou, a incompreensão de tantos comparada ao tratamento de herói que os sacripantas diplomados de nossa política recebem, deve feri-lo profundamente.

Concordamos nesse ponto e vovó retomou sua fala, para que não houvesse mais celeuma. Lembrando que nos dias de hoje, os acusadores, os que têm coragem de falar abertamente são tratados não como vítima, mas sofrem penosamente como algozes e têm a caracterização de criminosos. Vovó nos lembrou que o populismo dos últimos tempos tem favorecido os discursos mentirosos, que acabam jogando a opinião pública contra os descontentes e inibindo novas investidas contra a injustiça, a ilegalidade, a desonestidade.

- Eu preparei três volumes idênticos, um para a Di e o Pedro, outro para o Cesar e o Figueira e o terceiro para o Ivens e o Isaque. Aqui estão as principais passagens do Meirinho, inclusive a visita do Dr. Jango a Balneário, quando então eles acabaram ficando amigos. Espero que vocês gostem do tipo de material e principalmente que, à leitura deles, surjam ideias, opiniões e mais fontes de informações. Precisamos de muito mais do que isso para podermos conduzir um trabalho eficiente com ele. Não sei como anda a memória dele, mas é sempre melhor ter uma boa pauta de perguntas, para conseguirmos um bom material.

Passamos as duas horas seguintes conversando sobre tudo o que acontecera até aquele momento e a preparação da segunda visita. De quando em vez, trocava olhares com o Ivens, outras vezes com o Peter. A mãe do Ivens chegou-se muito a mim.

Acho que a boa senhora definitivamente queria saber tudo sobre mim, quem eu era, o que fazia, do que gostava e coisas do gênero. A quantidade de perguntas que me fez, deixaram-me um pouco ressabiada, mas, parecia que ou era uma entrevista de emprego ou estava preenchendo um desses cadastros de agências matrimoniais dos anos 80. Ficou contente com o fato de eu não fumar, não beber, ter namorado apenas uma vez, que eu cozinhava bem e que não tinha nenhum problema de relacionamento com minha mãe.

Insistiu para conhecer meu quarto. Eu a levei pra ver, sem nenhum problema. Aquela senhora olhou a arrumação, viu que as coisas estavam mais ou menos organizadas. O que estava espalhado ali não eram roupas, nem calçados, nem bobagens. Eram livros e mais livros e pastas. Ela perguntou se eu não gostava de colar pôsteres nas paredes. Eu fiquei sem entender. Pôsteres nas paredes? Isso não se faz mais há muito tempo! E eu não sou alienada. Mas enfim, fui respondendo uma

a uma suas questões. Daí, ela me monopolizou inteiramente. Começou a contar sobre sua família, os pais, os avós, a imigração, o casamento e chegou no ponto que queria: O filho!

Sinceramente, se o Ivens fosse a perfeição que ela descreveu, sua história seria extraordinariamente próxima as dos Profetas Bíblicos. Além, é claro, de sua observação sobre a *"beleza angelical e a candura quase infantil"*. Falou das namoradas que o filho teve, do trabalho que deu mostrar pra ele que elas não o mereciam, etc. e tal.

Fui literalmente salva por minha mãe. Literalmente salva. Mamãe, já um pouco *"cheia"* de tudo aquilo, disse à D. Gilda:

- Eu sei bem o que é isso. Tenho tido esse mesmo trabalho com a Di. Fazê-la perceber um lobo em pele de cordeiro é minha maior missão. Nos dias de hoje, as mulheres precisam de homens normais que façam coisas especiais. E ainda não conheci ninguém que mereça a devoção da minha filhotinha.

O papo ia esquentar e a coisa ia ferver. Então, o Sr. Figueira propôs-nos contar uma de suas histórias para encerrar aquele maravilhoso dia:

"- Certo dia um Samurai, que era um guerreiro muito orgulhoso, foi procurar um Mestre Zen. Ao encontrá-lo, por uma razão desconhecida, sentiu-se inferiorizado. E aquilo o incomodou. Então, perguntou ao Mestre:

- Mestre, não sei por que estou intimidado ou inferiorizado perante o Senhor. Até há alguns minutos estava tudo bem. Agora já não me sinto confortável.

O mestre então disse a ele que esperasse todos saírem que ele explicaria. Quando todos saíram, o guerreiro pediu sua resposta. O Mestre chamou-o para sentar perto da janela e mostrando duas árvores falou:

- Veja, nobre guerreiro, aquelas duas árvores. Uma é maior e outra menor. Estão aí há anos e eu as olho durante todo o dia. Jamais as vi discutirem ou uma mostrar que é superior ou inferior à outra. Estão aí e convivem pacificamente.

O Samurai argumentou:

- Isso se dá porque elas não podem se comparar.

E o mestre replicou:

- Então você não precisa mais me perguntar. Você já sabe a resposta.

Moral da história, meus amigos: - quando você não se compara, toda a inferioridade ou a superioridade desaparecem. Cada ser humano é um mundo completamente diferente e absolutamente único. Incomparavelmente único."

As duas matronas ficaram vermelhas. Vermelhas não... roxas. Os homens não perderam a oportunidade e riram muito. Principalmente o Peter. Principalmente ele.

CAPÍTULO X

A PRIMEIRA ENTREVISTA

Conforme combinado, na quinta-feira, 15 horas, chegamos ao escritório no nosso amigo Meirinho. No caminho, as tradicionais indiretas do Ivens, das quais me livreí com certa facilidade, principalmente pela presença do tio Isaque que nos acompanhava. Mesmo porque, por outro lado, não sei dizer o motivo, acabei estreitando o relacionamento com o Peter.

A diferença entre eles era gritante. O Peter era um homem especial, cheio de surpresas, dotado de uma inteligência viva, um humor ferino e era muito hábil com as palavras. Um homem, embora jovem, vivido. Tinha experiências, tinha uma malícia sadia. O Ivens era um jovem que conhecia o seu poder de sedução, tinha uma inteligência acadêmica, dono de uma sensualidade extrema e que, infelizmente, acabava ficando dependente da sua beleza. Peter também era bonito. Mas um bonito comum. O Ivens era um bonito especial. Um bonito bellissimo.

Tem uma máxima que diz que quando você está sozinha, você não é convidada nem pra velório. Pois bem, já não bastasse o Ivens e o Peter, outro dia ainda me liga o meu único ex-namorado. Disse que queria conversar comigo, me ver de novo e coisa e tal. Voltou pra cidade e gostaria de conversar um pouco. Então pensei: estou em maré de sorte, mas é bom não congestionar o meio de campo. Já me bastam os malabarismos que tenho que fazer com os dois. Mais um? Com uma história e um passado comigo? Isso definitivamente me faria perder mais do que ganhar. Saí de lado, disse que qualquer hora a gente se esbarraria por aí, já que a cidade é pequena. Evitei um problema. Com certeza não seria bem visto por quem eu me interesse e mesmo eu não estava com nenhuma vontade de um flash back.

Ainda pensava nisso, quando me vi, de novo, na porta do nosso entrevistado. Senti aquele cheiro gostoso de mato, olhei aquela árvore centenária, ouvi de novo os pássaros e já me enchi de expectativas,

afinal, dali a pouco, começaríamos a falar do homem. E iniciariamos pelo casamento.

Ao entrarmos fomos mais uma vez muitíssimo bem recebidos pela sua neta Thelma. Doce como sempre, cheia de cuidados com o avô, mas atenta aos mínimos detalhes de nossa visita. Vimos uma mesa posta com três copos, uma jarra d'água, uma caixa de bombons aberta, uma garrafa de Natu Nobilis. Três confortáveis cadeiras estavam dispostas frente à mesa do Sr. Meirinho e ele, de pé, com aquele sorriso incomparável, com as mãos estendidas. Foi um cumprimento caloroso. Convidou-nos a sentar, o que fizemos com prazer e depois das tradicionais perguntas e respostas sobre a semana e como todos haviam passado, ele iniciou a reunião daquela quinta-feira assim:

- Isaque! Há quanto tempo, homem. Pra te falar a verdade, só permiti esse trabalho porque tu estavas nisso. Conheço teu cuidado com as coisas. Mas diga lá, como andam as coisas, e a academia? Tem mais algum livro aí pra gente?

- Meirinho, fico lisonjeado com a confiança. A Orquídea me contou como tudo começou e que havia te contado tudo isso também. Tem coisa que a gente não espera, mas acontece. Não adianta tentar fugir do destino, meu amigo.

- Isso é exagero. Na minha vida, tudo o que fiz, fiz com vontade, com afinco, com determinação, como qualquer um poderia ter feito. Pena que ninguém ainda havia agido assim por aqui e, tudo então, tomou uma proporção enorme.

- Isso me lembra uma história interessante. No final das contas você é a reunião dos quatro amigos, na versão certa.

- Quatro amigos? Que história? Que versão certa? Perguntei entusiasmada, só pelo clima amistoso que se estabelecia, bem diferente da lenda urbana sobre a rabugice do Meirinho.

Tio Isaque deu um sorriso largo, deu uma coçadinha no cavanhaque e falou:

- É uma velha história que usamos de exemplo para quando queremos colocar a ação ou a omissão em xeque. Eu não sou tão bom contador de histórias quanto o Figueira, mas vamos lá. Era uma vez quatro amigos que se chamavam TODO MUNDO, ALGUÉM, QUALQUER UM e

NINGUÉM. Havia um importante trabalho a ser feito e TODO MUNDO acreditava que ALGUÉM iria executá-lo. QUALQUER UM poderia fazê-lo, mas NINGUÉM o fez. ALGUÉM ficou aborrecido com isso, porque entendia que a execução do trabalho era responsabilidade de TODO MUNDO. TODO MUNDO explicou que QUALQUER UM poderia ter feito, mas NINGUÉM imaginou que TODO MUNDO não o faria. Daí então, TODO MUNDO culpou ALGUÉM, quando NINGUÉM fez o que QUALQUER UM poderia ter feito. Você, meu amigo, é a reunião desses amigos todos, na versão correta.

- VOCÊ É ALGUÉM QUE FEZ O QUE TODO MUNDO PODERIA TER FEITO E ENTÃO NINGUÉM PODE RECLAMAR DE QUALQUER UM TER DEIXADO DE FAZER O QUE ALGUÉM FOI LÁ E FEZ!

Olha, ficou tão confuso que rimos das rimas. Só algum tempo depois e tendo o tio Isaque repetido a história devagar, pudemos curtir inteiramente a comparação.

- Meus jovens, desde a conversa que tivemos na semana passada, eu me ocupei de tirar o pó e as teias de aranha da memória e fiz, com a Thelminha, uma pequena lista de coisas e assuntos interessantes para conversarmos. Ela separou mais ou menos por períodos e locais. Eu sinceramente não acho que teremos material suficiente para um bom trabalho. Também não acredito que haja tanta coisa de interessante para contar sobre minha vida. Como diz o Isaque, fiz o que qualquer um poderia ter feito e era, aliás, obrigação de todo mundo. Mas já que ninguém fez o que qualquer um poderia ter feito, alguém, nesse caso eu, fui lá e fiz.

O Ivens discordou, quando cessaram as risadas, dizendo:

- Pelo que ouvimos nos últimos dias, há sim muita coisa interessante. Eu mesmo sei de muitas delas, mas foi muito gratificante poder descobrir quanta gente está interessada nessa verdade. Nós gostaríamos, sinceramente, de seguir adiante. De ir do homem ao político, conhecer os detalhes e contá-los, não só para esta cidade, mas para muitos outros lugares.

- É isso mesmo. O senhor vai contando sua vida, sob seu ponto de vista, vai esclarecendo os fatos e a gente vai cuidando para selecionar o que for interessante e de valia para o espírito do trabalho. Pode ficar sossegado que a gente vai cuidar de ficar dentro da verdade,

porque senão, seria um verdadeiro tiro no pé. Como o senhor sabe, há muita dificuldade em se fazer um trabalho assim, pois é muito difícil agradar a todos. As pessoas vão tomando conhecimento do que estamos fazendo e, como cada um tem uma opinião, cada qual quer seu quinhão, acabam dando opiniões, fazendo comentários e coisas do tipo. Temos que manter uma linha, temos que preservar o propósito. Por isso, cuidaremos de como diremos as coisas, de como mostraremos a verdade que nos for possível mostrar e assim evitaremos enganos que possam ferir o nosso próprio pé.

- Por outro lado - falei - por conta desse trabalho, muita gente que já amargou suas derrotas, vai ter que engolir a verdade aparecendo. Mas o maior problema mesmo pode vir de quem não entenda o espírito dessa demonstração pública da verdade e tumultue o processo com colocações descabidas. Mas temos que ser superiores e tentar encontrar a maneira de fazer o melhor.

- A única preocupação que tenho - disse o Sr. Meirinho - é de que estejamos mesmo dentro da verdade para que não nos aproximemos do que eu sempre combati. A mentira ou a falsa informação, no final, causa mais mal do que bem. Se vocês precisarem de ajuda para fazer esse trabalho, posso indicar pessoas que podem colaborar. Minha neta mesmo, a Thelma, ficará à disposição de vocês.

Eu ouvi com atenção e respondi:

- Eu agradeço muito, senhor Meirinho, esse cuidado e essa atenção, mas trata-se de um trabalho que eu tenho que fazer e temos uma boa equipe montada e experiente para isso. Certo que não sou uma profissional ainda, que não tenho a experiência das pessoas que com certeza o cercam, mas prometo que darei o melhor de mim nesse trabalho. Eu sei que estou aprendendo, mas eu farei o impossível para não dar nenhum tiro no pé ao trazer sua história para o público. Eu não quero fazer sua biografia. Quero contar sua história. Se o senhor olhar a Bíblia verá que existem quatro evangelhos, contados por quatro evangelistas diferentes, que falam das mesmas coisas, só que cada um com seu estilo, de forma diferente. E até alguns fatos são citados por uns e não por outros. Às vezes podemos dizer as coisas de forma diferente, mas aí, não seremos nós. Prometo não decepcioná-lo. Pelo menos não muito. Mas com certeza, impossível negar a ajuda da Thelma. Pedirei socorro sempre que precisar. Conversaremos

também sobre coleta de dados. Já deu pra perceber a qualidade da organização que ela tem.

- É verdade, meu velho amigo. Você não imagina como pena um escritor - disse o Isaque. A gente pesquisa, lê, se informa, cria a imagem, produz o cenário e quando tem a obra pronta, o que aparece de palpite, de sugestão, de ajuda para a obra é brincadeira. Uma vez Stephen King declarou que gostaria de escrever com o estilo de Virginia Wolf todas as histórias de Walt Disney. Em cada um de nós existe um escritor, um artista.

- Thelma, já que estaremos mais próximas agora, você poderia me dar teu nome completo pra eu colocar no material? Prometo me referir a você sempre com simplicidade, mas preciso do teu nome para os registros. Nos créditos eu também gostaria de indicar todos que colaboraram com este trabalho.

- Claro, sem problemas — disse ela, nos presenteando com seu já magnético sorriso. Meu nome completo é Thelma Meirinho Cesário Pereira. E podem contar comigo. Vovô merece isso e muito mais. Tenho um grande acervo de documentos, fotos e materiais que lhes serão muito úteis. Inclusive, o clipping que venho montando já está quase que totalmente cronologicamente ajustado. Mas ainda tem muita coisa na casa do vovô que tenho que coletar. Vovó também sempre foi muito cuidadosa com as coisas. Ela tem um bom estoque de documentos guardados. Vou deixá-los à disposição também.

Ouvindo isso, ele sorriu e retomou a fala:

- Então vamos por onde paramos, disse o Meirinho. Certa vez tive que fazer uma inspeção de rotina na agência da cidade de Rodeio. Instalei-me no único hotel da cidade que ficava ao lado do BANCO INCO. Naturalmente por ser um hóspede mensalista fiquei no melhor quarto, de frente para a avenida, com sacada e tudo. Mais ou menos depois de seis meses de serviço naquela agência, vim para Itajaí e me apresentei à direção. O senhor Ari Garcia me chamou. Puxou uma cadeira, mandou que eu sentasse e me disse:

- Então, meu jovem, o que você andou fazendo por lá?

- Por quê? Perguntei - Meu relatório não está certo? Faltou algo? Deixei algo inacabado?

- Não, não, o caso não é assunto do Banco, mas sim de postura sua.
- Por quê? O que houve? Voltei a perguntar espantado.
- É que o gerente daquela agência, mandou uma carta à direção do banco, mais exatamente ao Dr. Rudi Bauer, fazendo relatos de passagens suas, com a filha de um hóspede do hotel.
- Mas que barbaridade! - eu disse - Aquele moleque está com ciúme da moça? Pobre dele, pois ela está noiva e vai casar no próximo mês. Ela é normalista e estava me contando do curso e da possibilidade de conseguir ser professora da escola primária da Prefeitura. O noivo dela trabalha como auxiliar do Guarda-Livros (que é como se chamavam os contadores antigamente) de uma grande empresa e talvez o Banco pudesse aproveitá-lo. O pai dela, bom cliente do Banco em Joinville, chegou a pedir ao Gerente de lá, emprego para o genro. Como o pai dela tinha muitos compromissos ali, pediu-me, por ser "*homem de respeito*", que não a deixasse sozinha se por acaso ele demorasse. Estávamos no mesmo hotel e ficávamos conversando até que o pai chegasse, tomasse banho e fossemos juntos jantar. Eu auxiliei o pai dela em alguns contratos e jamais fiquei por mais de uma hora sozinho com ela. E nunca saímos da recepção do hotel.
- Para, para! Não precisa ficar bravo - confortou-me Ari Garcia. Porque o chumbo virou sobre a cortiça. A carta caiu nas mãos do Dr. Rudi Renaux Bauer, que é amigo do pai da moça e ao saber de tudo, ele usou a mesma expressão sua: "*moleque*" e mandou que o departamento transcrevesse a denúncia na ficha do denunciante. Fiquei muito aborrecido com essa ação medíocre desse funcionário e fiquei sem vontade de voltar para concluir meu serviço na cidade de Rodeio. Fui ao setor de inspetoria, forneci os dados que possuía e voltei àquela cidade apenas para pegar meus pertences e me despedir de alguns amigos que fiz por lá. Como não tinha ônibus naquele dia, pedi ao padre que era meu amigo e possuía um Jeep, para me trazer até Blumenau, onde fiquei no hotel para no outro dia ir ao hospital Santa Catarina, para que fosse examinado por um problema de saúde que já estava me atormentando há alguns dias. Fiquei internado por duas semanas e mandei carta para o Banco comunicando o meu afastamento por motivo de saúde.
- Duas semanas internado? Então a coisa era séria - emendei apressadamente.

- Não, nem tanto. Um pouco era meu desgosto, então "empurrei" a licença pra frente. Outro era o cuidado que havia no atendimento aos pacientes nos hospitais. Naquele tempo, o Hospital Santa Catarina oferecia uma hospedagem e refeição de hotel cinco estrelas. O meu instituto (assistência médica) era o segundo melhor do Brasil em atendimento. A única inconveniência do hospital, era que até às 18 horas, o internado tinha que deixar a porta do apartamento encostada a fim de atender à evangelização das irmãs que em grupo cantavam e faziam orações em cada apartamento. Após a visita delas, o meu apartamento que ficava no térreo, de frente para o jardim, tinha uma janela baixinha que me facilitava saltá-la e sair furtivamente para ir até o centro, visitar alguns amigos e foi numas dessas escapadas que eu conheci a minha esposa.

- Numa noite daquelas, eu saltei para a liberdade e fui para a Praça "paquerar um pouco", fumar um cigarro, tomar um chope. Era uma noite deliciosa, daquelas que não dá vontade de ver terminar. O céu estava quase que totalmente preenchido de estrelas brilhantes, a lua estava esplendorosa. No coreto da praça, as pessoas conversavam, os jovens iam num sentido em torno da praça e as moças no sentido contrário. Havia uma festa lá, do Santo Padroeiro, eu acho. A missa tinha terminado, logo depois da procissão e na Praça da Matriz, barracas com comes e bebes e música da Banda soando alto. Muita gente ali. Algumas pessoas me cumprimentavam, pois me reconheciam. De repente, eu dei de cara com os olhos mais lindos que já havia visto em toda minha vida. Eu já era um homem com certa experiência, já tinha viajado bastante, não era um capiau nem um bocó. Mas quando olhei aqueles olhos e caí naquele sorriso, parecia que tinha virado um estúpido. Ela também ficou magnetizada, ficou parada ali me olhando, enquanto éramos apresentados. Falamos um oi, meio sonso, meio tonto e não conseguimos dizer mais nada um pro outro. Ela foi puxada para ir em outra direção, já que seu pai a procurava e eu fiquei ali, estático, meio abobalhado, querendo segurar a mão dela, não deixá-la ir, mas não consegui fazer nada. Nada mesmo. Voltei para o hospital, entrei pela janela e naquela noite nem dormi direito. Na noite seguinte, quase nem esperei a ladainha das freiras pra escapulir. Havia passado o dia inteiro pensando num jeito de encontrá-la outra vez. Saí daquele quarto e fiquei estupidamente frustrado quando soube que ela tinha voltado para a cidade dela. Não

me contive, suspendi meu tratamento, fui atrás dela, achei a casa na cidade, fiquei rondando por ali, meio sem jeito. Hospedei-me no Hotel Central, fingi que estava tratando de um assunto do banco, consegui todas as informações sobre ela entre outras coisas, fiquei sabendo de sua paixão pelas violetas. Ela estava cursando o último ano do "normal" e me atrevi a ir até sua escola para vê-la sair. Lembrei-me de comprar uma belíssima violeta e levar pra ela. A violeta e eu precisamos de três visitas à escola para poder falar com a minha musa. A violeta já estava judiada e eu apertado com a volta ao Banco, mas não queria sair de lá sem falar com ela. Quando consegui, ela confessou que tinha visto todas as vezes que tinha ido até lá, tinha visto a flor em minha mão, mas acabava se escondendo de vergonha. E que só tinha me deixado falar com ela porque todas as amigas a empurraram e que, se ela não viesse falar comigo, uma amiga dela da escola, jurou que viria e me tomaria dela. Daí ela se encheu de coragem e veio. Pegou a flor e me explicou como cuidar de uma violeta. Durante todo nosso namoro, eu a presenteava com violetas. Minha mulher guardava as pétalas das violetas em páginas de um caderno com a anotação de coisas que fizemos, do que eu falei e do que ela sentiu. Quando fizemos bodas de prata, ela me mostrou esse caderno. Também, desde que perdemos nosso pequeno engraxate, há sempre violetas na janela, na verdade na sacada do apartamento, onde há uma foto dele.

- As violetas também homenageiam o menino? Perguntei.

- Também. É por isso que até hoje as violetas são tão presentes em minha vida. Quando dei a primeira flor à minha mulher, que na época nem era minha namorada, eu não conseguia distinguir tão perfeitamente as flores e seus significados. Hoje, elas representam o elo entre mim e o começo da nossa vida em comum. Minha esposa, até hoje, as cultua como marca de uma época em que tínhamos a vida toda pela frente. Casamos na Igreja Matriz de Blumenau. Os dois primeiros dias de nossa lua de mel, passamos no Hotel Oásis na cidade de Pomerode. Era um hotel muito famoso na época. Partimos de lá, visitamos as praias do norte até Santos, quando voltamos para nos instalar no Hotel Itajaí, onde já estava hospedado há algum tempo.

Levando o copo à boca, tomou um gole de sua bebida e depois de tê-la saboreado, continuou:

- Como era minha intenção transferir-me para Camboriú, resolvi não

fazer muita movimentação. Minha mulher engravidou alguns meses depois que casamos e minha sogra passou a pajeá-la e ela vivia mais em Blumenau que Itajaí. Eu fui para Camboriú e, algum tempo depois que ela teve neném, eu a levei para lá. O menino nasceu em Blumenau. O parto foi feito pelo Doutor Mayerle, excelente médico e grande amigo também.

Ficamos ali, olhando aquele homem, embrutecido por tantas vicissitudes, dolorido por tantas forças contrárias, que lutou contra tudo e contra todos porque acreditava em seus sonhos e porque se fazia algo, fazia direito, olhar para o infinito e pudemos perceber o brilho em seus olhos, resultado de tantas belas lembranças. Havia algo especial na maneira como ele transformava em palavras que sua mente lhe trazia.

- O senhor gosta mesmo de flores. Eu as vejo aqui em todas as partes. E muita área verde também. Um oásis em frente a esse enorme shopping.

- Gosto muito e em todas as minhas propriedades têm muita área verde e sempre algumas plantações.

- Perdoe-me até a ousadia, mas os três vasos aí atrás do Senhor estão precisando de um cuidadinho. O senhor gosta tanto delas e parece que elas estão tristes ali.

Ele olhou pra trás demoradamente. Virou a cadeira e ficou olhando pros vasos e arrumou uma pequena bolsa verde de veludo. Eu percebi que essas violetas tinham relação com a bolsa colocada entre elas. Parecia que os vasos formavam uma espécie de jardim para ela. Há muito tempo eu vinha observando isso, pela distribuição dos vasos.

- Estes vasos têm alguma relação com essa bolsa verde? Falei, não resistindo minha curiosidade. Ela é bonita e delicada e apesar de antiga, está muito limpa e sem manchas.

Ele me respondeu que eu era uma boa observadora e me perguntou com muita convicção:

- Quer mesmo saber o conteúdo da bolsa? Quer saber mesmo? Disse-me ele, repetindo com tamanha veemência, que me deixou até receosa, mas respondi que sim, é claro!

Ele voltou-se para a prateleira pegou a bolsa, colocou em minha frente e disse, num misto de angústia e tristeza:

- Aqui está, veja você mesma.

Vagarosamente abriu e mostrou-me uma caixinha branca bem fechadinha.

Aqui nessa urna estão as cinzas daquele pequeno engraxate que procurava fregueses na Praça de Camboriú. Aqui nesta caixa estão as cinzas do amigo que deveria estar conosco aqui, agora. Aqui nesta urna estão as cinzas do meu varão, meu querido filho, meu inesquecível pequeno engraxate.

Dito isso, duas grossas lágrimas rolaram pelo seu rosto. Senti que para despistar as lágrimas, ele mandou-me olhar para trás e ver as fotos que estavam ali dependuradas na parede. Imediatamente lembrei que na outra ocasião, acabou falando do pequeno engraxate e isso me passou despercebido, já que não liguei a fato nenhum. Mas ele havia, naquela oportunidade, falado do pequeno engraxate com certa dor na voz.

- Aqui estão as cinzas daquele belo rapaz. A foto daquele moço que está ali é dele. Faleceu na semana em que completou 20 anos - esclareceu.

Enquanto eu olhava, ele aproveitou para pegar o lenço e enxugar as lágrimas e disse-me comovido:

- Suas cinzas estão agora esperando por mim; só que tem um problema: a mãe também as quer com ela. Mas no final, ficaremos os três juntos.

- O senhor já definiu onde vocês querem ficar?

- Sim - Minha mulher já sabe! Foi só o que ele me disse.

- Eu não queria fazer com que o senhor viesse a lembrar passagens tristes, porém não tinha ideia que essa bolsa tivesse relação com esse acontecimento que tanto abalou a sua família.

- Não, não se preocupe. A realidade é uma sala de onde não há fuga. Às vezes existe uma janela por onde entra o sol da saudade, mas da sala mesmo, não escapamos. Eu te contarei essa passagem. Cada vez que falo dele pra alguém, sinto que a energia dele se refaz. Talvez seja minha esperança de mantê-lo mais vivo pela quantidade de pessoas que o conhecerem, pensarem nele e o entenderem.

Aos 17 anos de idade, o meu filho iniciou a sua vida um pouco mais separado de nós, quando foi para os Estados Unidos através do intercâmbio "You for standard". Ficou nos Estados Unidos pelo prazo de seis meses. Nessas condições, nós também recebemos e adotamos um jovem americano. No seu retorno, o nosso filho americano ainda estava conosco. Meu filho teve então que ir para Florianópolis concluir o científico e se preparar para o vestibular. Então, foi aprovado na Universidade em Porto Alegre. Matriculando-se, lá ficou instalado provisoriamente em casa de amigos, depois em um hotel, até que sua mãe e eu fôssemos lá para adquirir um imóvel para ele se instalar mais adequadamente e que pudesse nos hospedar quando fôssemos visitá-lo. Ficamos lá por cinco dias e todas as manhãs passávamos o dia procurando apartamento para comprar. Naquela época, em Porto Alegre não existiam kitchnets, pois procuramos em todos os lugares e não achamos. No terceiro dia, eu falei para sua mãe que deveríamos mudar os planos e adquirirmos para ele um apartamento bom, pois ele teria que ficar por ali ainda alguns anos. E depois, se ele não quisesse continuar em Porto Alegre e optar por se transferir para outro lugar, bem poderíamos vender o apartamento e adquirir um novo, nesse outro lugar para onde ele, eventualmente fosse. E assim decidimos. Porém, ele que não era bobo, escolheu o melhor bairro. Contestei de início, mas depois cedi. Combinamos procurar naquele bairro e eu disse: a melhor maneira de comprarmos um apartamento é visitarmos o síndico ou o zelador, tirarmos informações. Perguntar nas padarias, nas mercearias, no comércio local, fazer sondagens.

Nesse momento, pedi licença, deu uma saída, acho que indo ao toalete e enquanto ele estava ausente eu fiquei olhando para aquela bolsa verde, os vasos, a sacola e pensando em meu irmão distante, vivendo sua vida. Como estaria o coração de minha mãe e de meu pai, na verdade? Repercutiu em minha mente a frase que o Meirinho havia acabado de falar: "*Aqui nesta caixa estão as cinzas do amigo que deveria estar conosco aqui, agora*".

Como será que meu pai estava se sentindo, também ele, sem o seu amigo? Muitas pessoas não entendem o valor da vida e o valor que as pessoas que amamos têm em nossa existência, até que as perdemos. De certa maneira, até entendi um pouco minha avó. Por que a gente não valoriza a felicidade quando a temos? Ali, vendo um pai que como homem e como ente político foi inquestionavelmente um gigante,

alguém cuja história é uma assinatura de sucesso, eu não conseguia aceitar essa brincadeira de mau gosto que o destino lhe proporcionou. Senti vontade de chorar e choraria mesmo se e choraria mesmo se ele não tivesse voltado, já retomando o discurso: - Como eu dizia, a mãe foi dirigindo o carro, bem devagar, quase encostada no meio-fio e fui por um lado da rua e ele por outro, visitando cada edifício daquela rua, que se não me foge à memória chamava-se Ramiro Barcelos. Não chegamos a caminhar três quadras e avistamos um moderno edifício com uma frente bem ajardinada, com boa sacada de frente para a avenida e foi esse o que mais nos agradou. Fui informado pelo zelador que ali havia um apartamento para a venda que era de propriedade de um engenheiro agrônomo que estava se transferindo para a cidade de Canoas. O apartamento era de dois quartos, sala ampla, dependência de empregada, duas sacadas de frente para a avenida e telefone. A mãe achou demais, mas eu gostei e ele mais ainda. Nessa hora eu me lembro que fiz uma observação dizendo que gostei do apartamento, mas que ficava muito distante da faculdade. Ele me prometeu eufórico que aquele era o bairro que ele gostaria de morar e que tinha bastante alternativas de condução dali para a faculdade. Demos uma volta nas cercanias, vimos a infraestrutura, "*sentimos*" o lugar. Paramos para almoçar num restaurante próximo dali e discutimos todas as possibilidades. A mãe achava que era demais, eu pensava que era distante da universidade. Mas nosso pequeno engraxate nos convenceu do excelente investimento. Liguei para o proprietário e fechamos negócio na hora. Ele me pediu os dados e eu lhe disse que passaria para o meu filho que já residia em Porto Alegre. Passados mais ou menos seis meses, ele veio em casa e já começou a rodear a mãe, pedindo a interferência dela para que me convencesse a lhe comprar um carro. A princípio relutei, observando que eu já tinha questionado esse caso da distância do apartamento para a faculdade, mas acabei cedendo. Comprei um Volkswagen zerinho e aí, nova alegria. Esses carrinhos quando vinham de fábrica, traziam certa quantidade de acessórios niquelados e certo dia eu fui ao depósito na parte térrea da casa e ao empurrar a porta, caíram todos aqueles niquelados que ele havia tirado do carro. Fiquei aborrecido, mas a minha filha disse que era assim mesmo. Estou lhe contando essa introdução, para justificar a minha isenção de responsabilidade na fatalidade que aconteceu mais ou menos oito meses depois da aquisição do carro.

Neste instante, o Sr. Meirinho fez uma pausa, tomou um pouco de água, enxugou os olhos com um lenço e recebeu um terno carinho nos cabelos feitos pela sua neta. Ele segurou a mão dela, deu um beijo carinhoso, respirou fundo e continuou:

- Era princípio de setembro, quatro dias após o seu aniversário de 20 anos, que era 27 de agosto. Ele ligou, pedindo à mãe que mandasse arrumar o seu 'smoking' que ele viria no dia seguinte para um baile de formatura no Clube dos Bandeirantes em Brusque. Na madrugada do dia quatro de setembro, mais ou menos quatro e trinta da manhã, tocou o telefone e eu me levantei para atender. Do outro lado da linha um amigo nosso de Florianópolis me avisou que ele havia sofrido um acidente no Município de Palhoça e que estava no Hospital de Caridade em estado grave. Perguntei à sua mãe se ele falou que viajaria naquela noite e ela me disse que ele viria naquele dia pela manhã com seu carrinho. Ela quis saber e eu não lhe disse nada. Voltei ao telefone e falei com o amigo. Ele repetiu que eu não tivesse dúvidas porque era ele mesmo. Ele veio com amigo de Porto Alegre. Esse amigo chegou a esperá-lo fazer uma prova para que pudessem vir os dois juntos. Ele deixou o carrinho dele lá e veio no carro do rapaz. Viajaram a noite toda. Estava chovendo muito naquela madrugada e na altura do Morro dos Cavalos, em Palhoça, o carro derrapou, atravessou a pista e bateu noutro carro que vinha em sentido contrário. Era um carro com placa de Laguna e bateu bem no lado do passageiro, onde estava sentado o meu filho e a batida foi fatal. Nesse outro carro também houve vítimas fatais. Estava no final do meu mandato de prefeito e já era época de campanha política e naquele dia iríamos inaugurar a Praça do Pescador no Bairro da Barra. Depois dessa tragédia a minha mulher passou mais ou menos cinco anos deprimida e eu abandonei todos os meus negócios, esperando só terminar o meu mandato para entregar para o meu sucessor.

Eu estava com minha garganta fechando, comecei a lacrimejar, um aperto no peito, ouvindo a história que ele acabara de contar e consegui apenas balbuciar:

- Lamento. Deveria haver uma lei de Deus que impedisse os filhos de morrerem antes dos pais. Eu não teria suportado. Isso é injusto.

Não sei o efeito daquilo, mas simplesmente falei. Pensei em todos os pais que veem seus filhos nascerem, crescerem e que lhes dão amor,

cuidados, proteção e fazem planos, cujas vidas vicejam de expectativas e, de repente, são obrigados a vê-los partir.

Eu não sou fatalista, não sou destinista, mas não consigo aceitar a ideia de que filhos possam partir antes dos pais. É cruel demais. Estava ainda pensando no que eu disse e no que acreditava, quando ele retomou a fala:

- Só me reabilitei depois de passados dois anos, quando as minhas duas filhas me chamaram, me abraçaram e lamentando me disseram que as coisas não poderiam ficar assim e que elas também eram minhas filhas. Envergonhado, achei que elas estavam com a razão. Daí, então começou a minha reconciliação com a vida e tomei a frente dos negócios novamente.

Naquele momento, por puro impulso, eu perguntei por que ele se referia ao filho, desde que chegamos, como "*o pequeno engraxate*". Até lembrei a ele que na primeira vez que nos vimos ele apontou uma foto e falou do pequeno engraxate. E ainda há pouco, falamos das violetas e do pequeno engraxate. Fiquei feliz em ver o sorriso de novo no rosto daquele homem. Foi com certa alegria que ele contou:

- Ele era muito pequenino e queria porque queria trabalhar de engraxate. Tanto insistiu que mandei fazer uma caixinha com banquinho e tudo mais. Lá saiu ele com as suas tralhas para a praça num domingo, à procura de seus primeiros fregueses. Quando cheguei em casa a mãe dele estava chorando porque ele oferecia os serviços e ninguém queria. Alguns lhe enganavam, fazendo de conta que queriam o serviço e tiravam o pé quando ele ia engraxar. Fiquei com raiva dessas pessoas que agindo dessa forma estavam entristecendo meu amado filho. Fiquei com muita pena dele e resolvi interferir. Desci, fui à praça e sem que ele me visse, chamei um menino que estava ali à toa, dei uns trocados para que ele engraxasse os sapatos com meu filho e ainda lhe sobrava uma boa gorjeta. O garoto não pensou duas vezes e foi direto pra caixinha do meu menino. Foi a sua maior alegria, ali com seu primeiro cliente, engraxando um sapato velho e surrado. Quando o menino lhe pagou então, ele ficou muito feliz. Olhava o dinheiro — nem sabia quanto era — mas exultava. A mãe que espiava da janela se acabava em chorar. Fui lá, agradei o jovem voluntário e lhe perguntei como foi o serviço. O jovem me respondeu: "*ele engraxou foi a minha meia toda! Mas gostei dele. Ele é alegre!*". Dei

mais uns tostões pra ele que saiu feliz da vida.

Eu não sei qual seria o final dessa minha história com o Sr. Meirinho, nem como ficaria meu trabalho, mas com honestidade, já não estava fazendo a menor diferença. Estar ali, ouvindo aquelas histórias, conhecendo um pouco mais da vida de um ser humano extraordinário que para mim passava a ser especial, era impagável. Naquele momento eu me comprometi a contar a história dele com todo o ardor e toda a devoção e, não importa o que dissessem ou qual o julgamento que fizessem do meu trabalho, esse ser humano seria mostrado da maneira como eu o estava vendo.

Olhei para o tio Isaque e percebi que além dos olhos vermelhos, ele segurava a mão do Ivens. Aquelas duas histórias mexeram conosco profundamente. Cheguei até a pensar, como disse, em vovó e sua obsessão por minha mãe. Pensei novamente no meu pai, com meu irmão tão longe de casa. Para um pai deve ser muito difícil ver seu varão distante. É como ter um grande amigo e não poder conviver com ele.

Tio Isaque, acho que para cortar um pouco aquele clima, acabou pigarreando e, tentando demonstrar a maior naturalidade do mundo, pediu licença pra falar e disse:

- Meirinho, tem uma coisa que eu sempre tive curiosidade de saber. Muita gente dizia que tu cobravas certa quantia para atender - quem quisesse conversar contigo enquanto eras Prefeito. Até recentemente, quando eu comentei que meu filho estava ajudando a neta do Cesar a fazer esse trabalho, uma pessoa acabou me dizendo que nós preparássemos o bolso porque você não falaria se não recebesse por isso. É claro que foi um daqueles filhos dos tais "empresendedores" do passado, que não conseguiram dobrar tua espinha. Como é essa história?

- Que pena que essas informações não estão à disposição no Arquivo Histórico do Município — disse ele. Muitas injustiças poderiam ser corrigidas ou evitadas se houvesse algum mecanismo que apontasse a verdade cada vez que ela fosse manipulada malignamente. Bebeu um generoso gole de seu Natu Nobilis, pigarreou e continuou:

Prefeito é o cachorro do povo, que quando não tem o que chutar, chuta o prefeito. Prefeito é como juiz de futebol, não pode nem ter mãe. Eu,

principalmente como executivo que administrou com seriedade e com igualdade no trato com todos e até com rigor excessivo às vezes, não poderia ficar imune às críticas - sentenciou com certa amargura.

Recebi, tenha certeza, as maiores críticas e calúnias. Por exemplo, certa vez, tive que me ausentar da Prefeitura para fazer uma pequena cirurgia no hospital Santa Isabel em Blumenau, com o Dr. Mayrlei (o Maier). Foi uma cirurgia rápida, fiquei por lá apenas quatro dias. Quando recebi alta, o motorista que foi me pegar, bastante constrangido me disse: *"Estão dizendo lá em Balneário Camboriú, que o senhor teve um desentendimento com alguém de uma família rival numa boate e um deles lhe agrediu extraíndo aquilo que dizem que o senhor tem roxo"*. Que barbaridade! Mas, como tudo era válido, também não liguei para isso. Ao chegar em casa, fui informado que até a imprensa tinha falado nesse assunto. As minhas irmãs que moravam em Curitiba, ligaram para a minha casa para saber dessa notícia. E você sabe de onde partiu essa calúnia? De um cidadão que se dizia meu melhor amigo. Ele estava enciumado pelo fato de eu ter-me ausentado e ele não ter sabido, já que se gabava de saber sobre tudo nessa cidade. Diz um provérbio que o teu maior inimigo é aquele que diz que já foi teu amigo.

- A oposição era bem *"barraqueira"* — comentei rindo. Que baixaria. Era assim a politicagem em Balneário Camboriú naquele tempo?

O Ivens, bem calado até ali, por sinal, contou-nos que em suas pesquisas com antigos moradores, com conversas fiadas em bares com velhos jogadores de damas das praças daqui e dali, ouviu de um deles o seguinte:

"- Você não tem ideia da diversidade de estratégias e da quantidade de sandices que esse povo era capaz. Quando o Meirinho abriu as diversas avenidas nessa cidade, era comentário corrente que ele fizera isso porque tinha propriedade nas respectivas áreas. Tudo balela, invencionices, maldades. Nunca provaram que ele tinha um metro sequer nessas áreas. "

- Depois descobri que isso vinha de um pessoal que estava espalhando que o senhor iria desapropriar tudo por ali, pagando uma porcaria e que todo mundo ia perder para que o senhor ganhasse. Daí esse pessoal *"fingia"* que trazia compradores de fora pra investir e os donos daqueles terrenos achavam que tinham encontrando um *"trouxa"*

pra ficar com o mico que o Meirinho ia comprar por nada e vendiam por preço um "*pouco acima do que o Prefeito ia pagar*". Esse suposto comprador de fora, era laranja desses especuladores que fizeram fortunas quando as áreas foram valorizadas, depois das diversas avenidas abertas.

- Que barbaridade! — falei. Isso ainda acontece no nosso País, lamentavelmente. Será que a humanidade nunca vai se livrar de gente desse tipo?

O Ivens, rindo acabou dizendo que, se os Maias estivessem certos, a maior parte dos nossos problemas acabaria em 2012. Foi uma risada só.

- Mas voltando ao questionamento do amigo Isaque, quando aprovei o Código de Obras e Edificações copiando o modelo de Curitiba, criei aqui em Balneário Camboriú a tal CONSULTA AMARELA. A Consulta Amarela, nada mais era que um documento que obrigava todo o proprietário que desejasse construir na cidade, apresentar à Secretaria de Obras da Prefeitura, para poder receber autorização ou licença de construção, uma consulta prévia devidamente analisada e aprovada, que denominávamos de Consulta Amarela. Como esse documento dependia de serviços, era cobrada uma taxa de CR\$ 5,00 (cinco cruzeiros) por consulta. Esse instrumento não foi ideia minha. Copiei da prefeitura de Curitiba, que estava bem mais adiantada que a nossa, evidentemente, em matéria administrativa. Por isso, os maldosos diziam que eu cobrava "*por consulta*", deturpando largamente o propósito do controle administrativo. Hoje todo Estado de Santa Catarina, depois que adotamos a Consulta Amarela, passou a adotar também esse tipo de instrumento. Acabamos por servir de modelo, mais uma vez, para todo Estado e até fora dele.

Eu estava inquieta e muito emocionada ainda com a história do pequeno engraxate. Estava mesmo com um nó na garganta. Eu queria ir pra casa, dar um beijo no meu pai, ligar pro meu irmão, falar pra minha avó que eu a entendia. Tomei a decisão de contar essa história para meu pai e pedir pra ele entender o que se passava no coração da vovó. Será que se a mamãe tivesse ido com meu pai eu estaria ali, falando e fazendo as coisas que estou fazendo? Como teria sido nossa vida? Será que nossa família estaria toda reunida? Eu nem sei o que estava acontecendo comigo. Só conseguia olhar para aquela bolsa

verde, aquela caixinha ainda sobre a mesa e a foto na parede.

Depois de ouvir aquela maravilhosa história de como começou a família dele, como ele conheceu a esposa, como foram esses anos apaixonados, ouvir aquela triste história era algo que eu não esperava. Nem sabia por onde seguir o trabalho do dia. O tio Isaque deu uma guinada, amenizando o clima, mas estávamos todos abalados. Profundamente abalados.

Foi o próprio tio Isaque que continuou, ele mesmo ainda tentando afastar da mente aquela dor sofrida pelo amigo. Mais tarde no carro, ele confessou que se sentiu mal porque o Ivens, seu filho, estava ali ao lado dele e o pequeno engraxate não.

- Meirinho, tu és muito amigo do Figueira, né?

- Somos amigos antigos. Ele é um jornalista que sempre ficou do lado da verdade. Nunca se vendeu, nem se deixou patrocinar pelos "empresendedores de Balneário" que sofriam tanto com este Prefeito aqui. O Figueira chegou a perder o emprego em um jornal, pois os interesses ocultos e o poder econômico ameaçaram tirar todos os anúncios do jornal se ele continuasse empregado lá. Cada ataque que a oposição fazia contra mim e à minha administração através da imprensa marrom, o Figueira produzia textos maravilhosos sobre a verdade dos fatos. Passamos poucas e boas juntos.

Novamente lembrei que tinha que encontrar aquele tal texto do Figueira que já havia sido falado tantas vezes. Anotei mentalmente como tarefa prioritária. Já tinha do Figueira muitas informações, mas não havia ainda visto nenhum texto dele. Estranho, mas é verdade.

- Meirinho, nos dias de hoje vemos muitas das coisas que você combateu acontecerem numa escala gigantesca. Estamos fazendo este trabalho valorizando a luta pelo que é verdadeiramente certo, contra a corrupção, contra o uso do povo, contra o uso espúrio do poder e vemos que muito do que você passou ainda acontece. O que você pensa disso?

- Ora, Isaque. Você sabe que eu nunca fugi da briga e nunca dei mole pro que não serve. Mas, sinceramente, meu tempo de luta está no passado. Agora, serão outros a lutarem essas batalhas. Os que concordam com o que está aí, devem ter apenas razões pessoais para fazê-lo. Os que discordam tem duas opções. Combater ou calar.

Não podemos apenas escolher não ficar bem com eles por questões éticas e também não ficar mal por questões pessoais. Por isso, estou afastado. Como para mim, tudo na vida exige posicionamento e postura, distanciei-me disso tudo. Até porque prometi isso à minha família. Mas me sinto mal quando vejo discursos contra o que é errado e, essas mesmas pessoas assumirem posturas "*mornas*", complacentes e neutras no verdadeiro combate ao erro. É como se, de alguma forma, suas oratórias motivassem apenas o povo a elegê-los e no fundo o que eles querem é se dar bem também.

- O Figueira contou de um amigo de vocês, o Tony. Um italiano que durante muitos anos te ajudou. Quem é esse personagem que eu não conheço, quem era o irmão dele e por onde ele anda?

Aquela pergunta me tirou da catatonia. O tio Isaque lembrou do tal Tony Chiaro. O meu nono participante da Sociedade do Anel. Saí do meu estado de torpor e avancei para a mesa, colocando os dois cotovelos sobre ela e olhando ansiosa para o Sr. Meirinho, que meio espantado, falou:

- Ora, ora... quem diria. É mesmo, o Tony. Nossa, há mais de dez anos que ele não aparece por aqui. De onde vocês tiraram isso? E por que cargas d'água a nossa jovem jornalista tem tão vivo interesse nele?

Repeti então a história do Senhor dos Anéis e da Sociedade do Anel. Que eu achava então que o nono componente seria o tal Tony Chiaro.

Já não era mais pra rir de tão repetitiva que estava essa história, mas o pessoal descontraíu um pouco e eu também. Então vieram as explicações:

- Tudo começou em São Francisco do Sul, depois de minha experiência como vereador em Camboriú e no meu tempo de Gerente da Agência de lá. São Francisco do Sul era uma cidade que tinha umas particularidades na sua vida social bastante interessantes. Ela era uma cidade bem fechada até que se conseguisse fazer bons relacionamentos e após conquistar isso, descobre-se um povo maravilhoso e muito inteligente. Por ser uma cidade muito antiga, sua sociedade, por experiência, se tornou mais reservada, o que acabou originando uma elite bem particular. No final de 1963, a cidade começou a ficar agitada com a greve dos principais sindicatos em especial dos portuários e dos terrestres. Eles se reuniam duas vezes

por dia e faziam passeatas na cidade cantando e gritando palavras de ordem. Todas as madeireiras tiveram o portão de seus pátios fechados por piquetes. Os sindicalistas montaram barracas em todos os portões e ali se mantinham de plantão 24 horas por dia. Não entrava nem saía madeira. O porto parou e a cidade parou. O ambiente era péssimo, assustador.

No início de 1964, muitos empresários deixaram a cidade. Os bares e restaurantes ficaram vazios e começou a se criar um clima de desconfiança. Boatos de todos os tipos enchiam os ouvidos e as bocas da população, assustada com tudo aquilo. Nós que sempre nos reuníamos, passamos a nos reservar. Uma informação deveras curiosa chegou uma noite até mim. Alguém me falou que chegara na cidade, já fazia algumas semanas, um senhor de nome Emílio, filho de Itajaí. Era marítimo, piloto de navio e que residia no Rio de Janeiro. Eu o conheci, quando morei no Rio de Janeiro. Ele frequentava a casa de meu cunhado e dele eu tinha ganhado uma estatueta de ébano que ele me trouxe de uma viagem ao exterior. Daquela vez tinha vindo da África. Eu o conhecia e admirava a sua inteligência e simpatia e já fazia para mais de doze anos que eu não o via. Procurei-o e de fato constatei que era o próprio. Ele não me reconheceu de imediato. Também pudera, naquele tempo eu era um menino. Tomamos um chope e eu percebi que ele preferiu se reservar. Ele estava diferente, corrediço, escorregadio, cauteloso. Do meu lado, eu contei, feliz pelo reencontro, todas as minhas agruras e minhas alegrias, minha vida política, minha vida no banco. Percebi que quanto mais eu falava, mais ele se sentia incomodado. Acabei me fechando um pouco e o papo foi esfriando e nos despedimos sem nenhuma promessa de nos rever. Eu jamais poderia pensar que ele havia se transformado em um agitador, mas foi o que aconteceu.

- Dias depois - continuou - eram mais ou menos dez e meia da noite, o telefone de minha casa tocou. Não era comum, a essa hora, uma ligação. Normalmente isso representava problemas ou notícia ruim. Minha mulher pulou assustada. Nós já morávamos nas novas instalações que eu havia construído para o Banco. Fui atender e ao ouvir a voz do outro lado, reconheci que era doutor Valdir Campos - Juiz de Direito da Comarca - cidadão filho de Blumenau e que estava em São Francisco do Sul havia menos de seis meses. Era um cidadão muito popular, inteligente e que mesmo tendo problemas de coluna e

coração, nunca o vi perder o bom humor. Perguntou-me se eu ainda estava disponível ou se já havia ido deitar. Respondi que ainda estava de pé, não tinha ido para a cama. Pediu-me para abrir a porta de baixo que ele queria falar comigo, mas não queria esperar muito na frente do Banco. Pediu-me insistentemente que deixasse essa porta encostada que ele fecharia assim que entrasse.

- Que mistério, hein? Falei meio que num impulso, eu mesma querendo que a história fosse mais rápida.

- Ele conhecia bem a minha casa, pois já a frequentava com outros amigos e com a esposa. Nós participávamos de um grupo de seis casais que se reuniam uma vez por semana para um encontro social, jantar e às vezes um joguinho de cartas. Ele chegou alguns minutos depois, subiu rapidamente as escadas e quando me viu, correu para o meu lado puxando-me pelo braço, quase me empurrando para dentro da minha sala. Sentamos na poltrona e ele muito reservadamente, falando baixinho me disse:

"Eu vim aqui te convidar para irmos ao Forte Marechal Luz falarmos com o Comandante. O Promotor de Justiça, Dr. Jairo, também estava pronto, só esperando a minha confirmação para ver se tu concordavas em ir junto conosco."

- Concordei e ele ligou para o Dr. Jairo, avisando que poderia vir. Era só chegar e empurrar que a porta estaria encostada. Dr. Valdir me disse que na viagem ele e o Jairo me contariam o que estava acontecendo. Fui até o quarto, minha esposa estava ainda acordada, naturalmente curiosa e assustada, louca para saber o que estava acontecendo. Eu lhe disse que era o doutor Valdir me convidando para ir à casa de um amigo dele discutir um assunto de interesse do banco, negociar uma dívida que poderia ser trocada por um terreno. Ela contestou, disse que isso poderia ficar pra de manhã, que não era bom discutir esse assunto à noite. Eu contra-arguntei, dizendo que tinha que ser naquela hora, pois o devedor estava indo para Florianópolis logo de madrugada e queria resolver esse assunto para concluir aquele que iria discutir na manhã seguinte na capital. Na volta daria mais detalhes a ela, prometi.

- Peguei um agasalho e o revólver, discretamente para que ela não percebesse, e o pus no bolso. Nesse ínterim o Dr. Jairo já tinha subido. Perguntei-lhe se tinha fechado a porta. Disse que sim e que inclusive

estava trazendo a chave. Saímos pelos fundos do meu apartamento que dava para a garagem. Eles não queriam ir só, os dois, para não levantar suspeitas.

- Por que o Senhor tinha que ir junto? - perguntou o Ivens

- Nessa época eu era amigo do Comandante. A minha esposa e a esposa dele também eram muito amigas. Todos os anos, eu e um grupo de pessoas éramos convidados pelo Comandante para um lanche no Forte, ocasião em que fazíamos exercício de tiros com fuzis e metralhadoras, que eles chamavam de "*bala vencida*". O coronel quase sempre visitava a minha agência, quando privávamos de um bate-papo gostoso. Ele era muito reservado. No caminho o Dr. Valdir, pedindo o testemunho do Dr. Jairo me disse: "*Meu amigo, a coisa está mais séria que pensamos. Soubemos agora à noite que o nosso companheiro Capitão Nelson está sequestrado pela turma dos sargentos da Marinha*".

- Quem era o Capitão Nelson? Era o comandante do Forte? Perguntei como de costume, atalhando a história e entendendo que aquela era a história que o Figueira começou a contar outro dia.

- Não, o Comandante do Forte era outro. O Capitão Nelson era o Capitão do Porto de São Francisco. Um rapaz novo, casado com uma senhora de nome Mariazinha. Um belo casal de cariocas, bastante simpáticos e que moravam num apartamento da Capitania ao lado do meu prédio. Do meu apartamento eu os via. Muitas tardes ele me ligava após as dezessete horas, me perguntado se eu ia sair, porque ele queria me visitar para dar umas dedilhadas no piano, que ele gostava muito e tocava razoavelmente bem. Como meu expediente terminava às dezoito horas eu o mandava subir. Brincando eu dizia: Vai afinando a voz e o piano, que eu já subo pro whisky! Eles também faziam parte do nosso grupo semanal.

- Imaginem o meu estado de nervos quando o Dr. Valdir me fez aquele relato. A viagem até ao Forte Marechal Luz demorava mais de 30 minutos por causa dos buracos. Lá chegando percebemos que o Forte estava de prontidão. O nosso carro foi cercado, veio um tenente junto com a guarnição que conhecia o Dr. Valdir. Dr. Valdir foi logo saltando do carro e imediatamente se apresentando. Disse que tinha urgência em falar com o Comandante. O tenente nos anunciou pelo rádio ao Comandante e ele nos autorizou entrar. Fomos até a sua residência

escoltados. Saltamos novamente do carro e levados até a entrada da casa. O soldado sentinela abriu a porta e o Comandante nos veio receber. Ao nos reconhecer, cumprimentou, mandou entrar e sentar.

- O que vos traz aqui, a esta hora e aparentemente tão preocupados?

Antes de respondermos, sua esposa apareceu, nos cumprimentou e se retirou. Então o Dr. Valdir, lhe contou o que sabia. Informações colhidas de fonte fidedignas - disse ele.

"Imagino a preocupação dos senhores, pois o Capitão Nelson é amigo de vocês. É um militar muito cortês e polido. Podem ficar tranquilos que a situação está sob controle e seu amigo Capitão Nelson e seus familiares já não estão mais pernoitando na sua própria residência. Estão seguros e bem acomodados"— disse em tom nada convincente, mas também, que mais poderíamos fazer? No fundo, no fundo, o que, afinal de contas, fomos fazer lá? De repente nos deu um clarão de consciência e vimos o absurdo da situação. Lembro-me que eu lhe disse ainda:

- Comandante, até quando nós vamos aguentar esse estado de coisas? Eu por exemplo também sou um trabalhador, assalariado e quando saio de casa me sinto intranquilo porque aquelas pessoas que nos cumprimentavam cordialmente, pessoas estas que às vezes pagávamos chopes, pinga e até uns trocados, já nos encaram como inimigos. Nossos funcionários, as famílias deles nos olham como se fôssemos bandidos. Pregam um estado de coisas, uma mudança, que não conseguimos alcançar. Manobram esse povo todo, com mentiras e um novo cenário que eles próprios não têm a menor condição de conduzir, controlar ou fazer frutificar.

Aí ele disse: "Mas é assim mesmo, em estado de guerra, tudo é inseguro. Os boatos crescem e o terror aflora. Esse pessoal não tem futuro. Precisam do medo, do terror e apostam na preguiça e na indolência adormecida na maioria de nós, para propor uma sociedade onde o governo tudo provê e temos apenas que ficar em casa, de papo pro ar, numa comunidade que nada produz, além de uns poucos donos do poder, através da escravidão mental e moral da sociedade"— terminou. A sua esposa nos serviu café e continuamos a conversa com mais calma e ele continuou falando: "vocês podem voltar tranquilos que em questão de horas, terminará esse estado de tensão"

- Voltamos, deixei os dois cada um nas suas casas. Já passava da uma e meia da manhã. A minha garagem ficava bem em frente da Porta da Capitania, que geralmente era guardada por militares. Quando manobrei o carro para colocá-lo na garagem, fiquei com muito medo. Um grupo de arruaceiros se aproximou e começou a me ofender, chamando-me de burguês capitalista, explorador, sanguessuga, que eu representava a razão da pobreza do povo, que a revolução limparia nossa terra de gente como eu. Eram quatro ou cinco ao todo, todos com casacos e gorros na cabeça. Nessa hora, a luz de um carro apareceu e antes que eles pudessem fazer qualquer coisa, saltaram quatro militares, fuzis em punho, dando ordem de levantarem as mãos e ficarem quietos. Foram todos imobilizados e quase uns 10 minutos depois, chegou uma viatura da Polícia do Exército e eles foram levados para o Quartel.

- Que sorte a chegada deles, não é mesmo? Se eles não tivessem aparecido, talvez o senhor nem estivesse contando esta aventura pra gente — falei de novo, louca pra saber o resto do relato.

- Nada disso, minha filha, não foi sorte. Foi prevenção do comando — retomou a explicação. Assim que saímos do Forte, o Comandante chamou a Patrulha e mandou que nos escoltássemos a distância, para ter certeza de que chegaríamos bem ao nosso destino. Dias depois, quando pude reencontrar o Comandante, ele me disse que um pouco antes de nossa visita ao Forte, o serviço de inteligência havia recebido a informação de que um grupo de agitadores havia chegado à nossa cidade possivelmente para assaltar um Banco e conseguir recursos para financiar a tal da luta. O comando achou que poderia ser o nosso. O cabo e sua patrulha acabaram ficando nossos eternos amigos. O cabo chama José, o cabo Zé. O irmão caçula dele é o Tony. O Cabo Zé era conhecido pela coragem que ele tinha.

- Mas então o Senhor era amigo do Cabo Zé e não do irmão dele.

- Pois é. Eu devia aquela intervenção oportuna pro Zé. Ele um dia me visitou e me falou que o irmão dele, outro cabeça quente, estava tendo alguns problemas e que precisava de novos ares. O Irmão era contra o comunismo, o terrorismo e a forma como essas coisas estavam sendo introduzidas no País. Então, ele havia pensado em trazê-lo pra cá e me perguntou se eu poderia dar uma mãozinha. Eu aceitei na hora. Quando o Tony, cujo nome é Antonio chegou, fizemos logo uma grande

amizade. Ele sempre me pedia pra contar histórias sobre o irmão, o Cabo Zé. As que eu sabia eu contava, pois o garoto só queria falar do irmão. Para Tony, o irmão era um herói. Muitas das coisas que o Tony sempre disse acabaram acontecendo.

Antes que eu pudesse perguntar sobre essas coisas que o Tony havia dito e que aconteceram, o Ivens disparou uma pergunta.

- Mas como terminou aquela noite?

- Minha mulher já estava aflita. Levantou com o barulho e a confusão. Viu aquele monte de gente, a prisão dos arruaceiros e o que mais a impressionou foi o fato de eu ter sido preservado pela ação do Cabo Zé. Contei-lhe, então, o ocorrido no quartel, por que havíamos ido até lá, falei do casal vizinho e amigo e ela chorou nervosa, implorando pra gente ir embora dali. Não demorou muito, o Dr. Valdir me ligou dizendo. "*O Presidente caiu e o Exército controla a situação*". Fiquei satisfeito pela tranquilidade que viéssemos a ter, mas francamente fiquei triste pela queda daquele Presidente que eu não era partidário, mas que pelo convívio com ele, sua família e seus assessores, passei a gostar.

- E onde andam o Cabo Zé e Tony agora?

- O Cabo Zé deu baixa há muito tempo e hoje vive em Jaraguá do Sul. As filhas já casaram, formaram família, têm filhos e ele vive uma vidinha mais ou menos tranquila. Gosta do whisky que acostumou beber comigo até hoje. Sem gelo e sem mistura. Cowboy mesmo. Uma vez ele me disse que o escocês espera o degelo da primavera para colher a água que mistura no malte para produzir o verdadeiro scotch. Daí vem o brasileiro e coloca gelo, guaraná, água de côco e qualquer porcaria para estragar a bebida. O Tony está em São Paulo. Formouse, teve uma carreira profissional brilhante, filhos maravilhosos e uma mulher guerreira como ele. Uma coisa todos podem ter certeza. Não há melhor pessoa no mundo para você confiar a própria vida. Ele é íntegro, austero, severo, corretíssimo, mas é um cabeça-quente. Ele só tem um defeito: - Jamais está errado. Por isso, você precisa sempre fazer com que ele tenha as tuas ideias e que elas brotem como se fossem dele. Daí, com certeza, não há força na natureza para desviar esse trator de um objetivo.

- Eu gostaria de ouvir alguma história engraçada desses bons tempos.

Tem alguma só pra gente poder relaxar e rir?

- O pessoal de São Francisco - já disse - sempre muito alegre, muito divertido e espirituoso, inventa mil e uma coisas. Eles são extremamente pródigos em compor histórias, desde verdadeiras até as mais fantasiosas. Certa manhã de sábado, estávamos no BAR HASS, de propriedade dos irmãos Hass. Um deles, o Leopoldo se gabava que sabia tirar um excelente chope. Ficávamos sempre sentados numas confortáveis poltronas de vime e ali ouvíamos as mais belas histórias, lendas e piadas, tiradas da criatividade inventiva do povo franciscuense. Há menos de duas semanas havia chegado à cidade o tal do Dr. Valdir, Juiz de Direito que muito tempo depois esteve comigo no Forte, acompanhado pelo seu pai, Dr. Alfredo Campos, um ex-deputado estadual, que foram logo recepcionados calorosamente por nós. Após nos ter apresentado o seu pai, o Juiz foi convidado a nos acompanhar numa rodada de chope. Ele prontamente manifestou a sua satisfação de estar atendendo o Fórum daquela comarca, declarando que gostou muito do pessoal da cidade. Assim que declarou que gostou do pessoal da cidade, alguém alertou o meritíssimo que o povo daquela cidade tem um mau hábito de apelidar a todos que aqui chegam, sem distinção de pessoa ou cargo. Dizem que sempre foi assim, desde os remotos tempos de sua colonização quando São Francisco do Sul era uma ilha e não havia ainda a ligação com o continente.

- Naquele tempo, obviamente os juízes chegavam, vindos na sua maioria de Florianópolis, em pequenos navios, saltando no cais do porto e de lá seguiam para o hotel. Geralmente os colegas mais experientes já os preveniam: *"naquela cidade eles não respeitam nem o juiz, chegou já recebe o apelido."* Um navio atracou, certa vez e o comandante chamou um carregador para pegar as malas de um juiz que havia chegado à cidade. O carregador subiu ao navio, pegou as duas malas, colocou-as na vara, uma mala em cada ponta. Atravessou a vara nos ombros e desceu caminhando pela rua em direção ao hotel. No caminho alguém interpelou o carregador perguntando se o navio já havia chegado. Os dois então iniciaram um diálogo.

- Já arrumaste o que fazer para hoje, né? Disse o homem ao carregador.

- Sim, sim!!!

- E de quem é essa bagagem? - especulou o curioso - de quem é?

Ele se vira para trás e à boca pequena diz:

- É do "*mão de gengibre*" que vem aí atrás! Referiu-se a um pequeno defeito físico da qual aquele meritíssimo era portador. Aquele juiz tinha um pequeno defeito nas mãos, denominado de Polidactilia (pessoas que têm um dedo a mais nas mãos ou nos pés). Nesse caso, nosso personagem da história tinha um dedinho a mais, além dos cinco dedos normais da mão, parecendo mesmo uma raiz de gengibre.

A gargalhada foi geral e todos nós ficamos imaginando o tal do juiz em audiência e o povo da cidade, conhecendo o apelido dele, tentando se conter ou não olhar para a mão dele.

- Pois bem, pessoal. Nesse instante o Dr. Valdir Campos que já estava lá há duas semanas disse, surpreendido: - Não vão me dizer que já estou apelidado?

Alguém meio indiscreto disse: "*Infelizmente está!*"

- E qual é o meu apelido?

- Leão de Chácara - disse o atrevido em seco. Todos riram a valer, inclusive o pai dele, o Deputado.

- E por quê? Inquiriu o meritíssimo.

- Dizem que o senhor tem uma empregadinha muito bonita em sua casa. Dizem também que, dia desses, alguns molecotes mexeram com a menina e a colega dela. Eles não conheciam o senhor, que nesse instante chegou e passou-lhes um "*corrido*". Os motoristas de táxi da praça em frente, não perderam a oportunidade de espalhar a notícia.

- Quem mais tinha apelido?

- Eu estava contando essas histórias para vocês saberem como era o clima lá. Que naquela cidade, padre ou juiz tinha o mesmo destino de todos: ganhar um apelido. E continuando a história de juízes, muito tempo depois veio outro, também de Florianópolis que se hospedou no mesmo hotel. Na frente tinha um bar e seus frequentadores repararam que o tal juiz, recém chegado, vez em quando abria a janela, olhava para fora, afastava-se e fechava a janela. Minutos depois, repetia tudo, e de novo e de novo. E assim foi pela tarde toda. No dia seguinte, o Juiz foi se apresentar ao Fórum e conversou com o Dr. Valdir. Eu havia recebido instruções da Matriz em Florianópolis para abertura

da conta corrente dele e então ele tinha uma porção de papéis para assinar. Pedi a um funcionário, que levasse a documentação ao Fórum e colhesse as assinaturas. Quando o funcionário chegou ao Fórum, o tal juiz estava na sala do Dr. Valdir, ele foi autorizado a entrar. O Dr. Valdir então perguntou o que eu queria que ele assinasse. O funcionário falou pra ele:

- Não é com o Senhor não Dr. Valdir. É com o Dr. Cuco.

- Cuco? Quem é o Cuco? Perguntou o Dr. Valdir. Um dos funcionários, muito discretamente, querendo ser gentil, virou pro Juiz recém-chegado e lhe disse com todo o cuidado do mundo:

- Doutor, aqui nessa cidade todos são apelidados, o senhor não estranhe. É um hábito antigo da cidade. Faz parte da nossa cultura.

- Bem - disse o novo Juiz - então não é comigo. Não há nenhuma razão para que eu seja apelidado, pois ninguém aqui ainda me conhece. Cheguei ontem e só saí pra vir pra cá.

Daí o funcionário vira pra ele, com o braço esticado e um monte de papel na mão e fala:

- Então o senhor não estranhe porque já está sendo chamado de "Dr. CUCO", pois passou a tarde inteira abrindo a janela, botando a cabeça de fora e fechando-a em seguida.

Irrompemos numa sonora gargalhada. Então o tio Isaque perguntou qual era o apelido dele na cidade, já que todos tinham um;

- Era Nagib.

- Por quê?

- Porque tenho a cara de turco, embora não seja. E cuidava do dinheiro deles.

- Mas Dr. Meirinho — atalhei — o senhor tem mais filhos, não é? Arrisquei falar e voltar naquele clima de há pouco, mas eu precisava saber mais da família dele. Principalmente porque as filhas foram as responsáveis pelo retorno dele à vida.

- Bem, minha esposa e eu tivemos mais duas filhas, ambas nasceram na maternidade de Itajaí, sendo que ela nunca teve problemas de parto, pelo contrário, tinha muita facilidade para parir. Da mais velha, ela estava nos últimos dias de gravidez e o seu médico era o Doutor

Alencastro. Nos dias de dar à luz, levei minha mulher ao hospital, internei-a e fiz tudo certinho. A enfermeira atendeu, o médico examinou e me disse que o parto demoraria bastante. Então eu disse à minha esposa: *vou à matriz (Banco) levar umas correspondências e já volto, pois o médico disse que o procedimento é demorado e quero estar aqui sem nenhuma outra preocupação para acompanhar você. Fica com Deus. Eu já volto.* Ela concordou e quando eu estava lá pelas repartições do Banco, recebo um chamado urgente do Dr. Alencastro me avisando que, ao contrário do que a gente esperava, a neném tinha nascido. Era uma bela e forte menina. Corada, com bastante cabelo. Nasceu perfeita, graças a Deus e minha esposa passava bem. Corri para o hospital. Minha mulher estava bem, mas magoada, pois segundo ela não deu tempo de avisar, nem de se deitar e a criança quase nasceu sozinha, quase despencou literalmente e isso só não aconteceu porque ela gritou e as enfermeiras vieram atendê-la. Nasceu então a nossa filha Rosilene, no dia 29 de novembro de 1957. Rosilene é formada em Letras pela FEPEVI, hoje UNIVALI, desde 1978, e em Direito em 1983. Agora está cursando Gastronomia. Casou-se em 1977 com o Telmo, homem sério, batalhador, excelente pai, empresário, advogado desde 1983. O casal me trouxe netos e bisnetos: a Thelma, minha adorável secretária e assistente, que é pós-graduada em Educação e Meio Ambiente e atualmente é administradora de nossas empresas; o segundo é o Gilberto que é casado com a pedagoga Sílvia. O casal tem um menino que se chama Bernardo que tem quatro anos. O terceiro é o Marcelo, economista, namora a Patrícia que é farmacêutica e por fim, o Diego, filho da Thelma, meu bisneto, estudante de Ciências da Computação.

- Caramba, todo mundo encaminhado, família estruturada. E a caçula? Novamente estava eu, inquirindo:

- O nascimento da caçula foi um pouco mais traumático. Estávamos em casa, mais ou menos entre meia-noite e uma hora da manhã, minha mulher acordou incomodada disse que não estava se sentindo muito bem. Estranhei porque o médico também havia dito que demoraria. Mas me lembrei da Rosilene. Embora o doutor houvesse confirmado que seria para bem mais tarde o nascimento, fiquei ressabiado e atento. Ela insistiu que não estava se sentindo bem. Fui voando até a casa de uma parenta dela, muito querida, por nome Adamir, a fim de trazê-la para ficar com as crianças e a empregada. Aí foi um corre-

corre danado, arruma as malas, pega a bagagem. Descemos, pegamos o carro e zarpamos a toda, porque as dores se acentuavam. Ela me apressava e eu não sabia o que fazer e ela só me mandava tocar: toca, toca, toca, toca... e eu enfiei o pé no acelerador. Naquele tempo a estrada para Itajaí era de barro e muito esburacada. Ainda por cima garoava forte e fazia frio. Quando chegamos à divisa do município com Itajaí, na Praia Brava, ela estava gritando de dor e desesperada, deixando-me ainda mais atarantado. Era alta madrugada e ela mordida o assento do carro e só me dizia: toca! Toca! Toca! Eu com o acelerador no fundo, nervoso, seguia numa disparada danada. Quando chegou à curva do anzol, no pé do morro o carro morreu. Para complicar ainda mais ela me disse. "*a bolsa está rompendo*". Aí é que eu fiquei nervoso. Abri o capô do carro, chamei inúmeros palavrões, mas não achei o defeito, até porque estava escuro demais para ver alguma coisa.

- Na sua vida, parece que nada é muito fácil - falou o Ivens.

- Nem me diga, rapaz. Eu já estava em total desespero, quando percebi que duas mulheres haviam se aproximado. Elas olharam a cena e uma gritou pra outra:

- *Corre pra casa, mulher. Bota todo mundo pra fora e limpa tudo lá. Manda ferver muita água que tem criança nascendo aqui. Quero cama limpa, lençol novo e muita claridade. Limpa bem uma tesoura com álcool e deixa na água fervente até eu chegar. Bastante toalha limpa. E vê se vocês lavam bem a mão com sabão de coco e depois com álcool. Prepara um café do Doutor aqui.*

A "outra", mais nova, disparou pelo meio da escuridão na direção daquela luzinha no alto da estrada enquanto a que ficou falou pra mim:

- *Doutor, abre as malas da madame aí e me dá pano limpo e se prepara pra carregar ela até a casa que eu ajudo. Daqui uns minutos vai chegar muita ajuda. Não se preocupe que sozinha ela não fica e o neném vai nascer na Graça de Deus. Não se preocupa que desse ofício eu conheço bem.*

Minha mulher, gritando de dor, nem sabia o que estava acontecendo, tinha perdido a noção de quase tudo. Eu já tinha dado a mala para a mulher e me preparava pra pegar a Zenir no colo, quando no meio desse desespero todo, veio um carro na direção de Itajaí para

Camboriú. Nem precisei fazer sinal e eles já foram parando ao nosso lado. Quando desceram, eles nos reconheceram. Era uma turma de cinco homens, dois amigos e outros três só conhecidos. Viram a situação, eu expliquei meio afobado o que estava acontecendo e eles rapidamente entenderam. Manobram o carro deles, um ficou no carro pra nos levar enquanto os outros pediram a chave do meu para encostar no barranco ou tentar consertá-lo até que voltássemos do hospital. O motorista, comerciante de Camboriú, só esperou minha mulher e eu entrarmos no carro e disparou para Itajaí. Ele ficava o tempo todo dizendo: calma... calma... vai dar tudo certo... vai dar tempo... calma... calma...

Quando chegamos ao hospital o motorista correu pra dentro gritando — parecia até que o pai era ele — as atendentes iniciaram os procedimentos ali no corredor mesmo, pois a criança já estava nascendo. Nasceu assim a Silvana. Mais uns segundos e ela teria nascido nos meus braços mesmo. Silvana é a caçula. Ela formou-se em Filosofia, nos cursos de História e Geografia. Assumiu o magistério durante 10 anos. Foi comerciante em Curitiba. Chegou a possuir duas lojas de artigos importados da Índia. Atualmente possui uma pousada em Zimbros, município de Bombinhas. Ela é adepta do vegetarianismo. Tem dois filhos maravilhosos e dois netos lindos: Paulo Fernandes, o filho mais velho, cursa Direito e trabalha num órgão estadual. É casado com Emanuelle Santana, estudante de Engenharia Ambiental. O casal tem um filho que se chama Paulo. Larissa a mais moça, é casada com Pedro Marçal, moram em São Paulo e tem um filhinho que se chama Pedro Henrique.

- E o que aconteceu com o carro e as mulheres que vieram socorrer vocês?

Perguntei, quase engasgando de curiosidade.

- Na correria toda e até que amanheceu o dia, ninguém conseguiu fazer o carro pegar. Depois descobrimos que o defeito era muito simples: naquele tempo o carro vinha com a bobina de cabeça para baixo e com a velocidade e a bucaqueira o cabo da bobina acabou se desprendendo. Era um defeito muito simples, mas com o nervosismo e a escuridão não foi possível detectá-lo. Hoje em dia os fabricantes são mais espertos, as bobinas são viradas para cima, uma coisa bem óbvia, mas quase que me causa um problema muito grande. Com

relação às moças que vieram nos auxiliar, depois que a Silvana nasceu e minha esposa já estava com ela, eu pedi ao Passos, um amigo muito eficiente, que fosse ao mercado e preparasse uma grande compra de mantimentos e levasse pra elas com todo meu agradecimento. A solidariedade e o desprendimento delas naquela noite foram exemplares. Foram humanas e não negaram ajuda. Engraçado como Deus sempre coloca mais de uma maneira de socorrer a gente. A preocupação delas foi genuína e a solidariedade foi totalmente desprendida, como falei. Por isso, quis recompensá-las.

- Que legal — falei. Elas souberam que era o Senhor que havia mandado aquele agradecimento?

- Souberam. Até recebi um recado que elas queriam agradecer e retribuir pessoalmente e então me convidaram para ir até lá.

- O Senhor foi? Perguntou o Ivens rindo e arrancando risadas nossas também.

- Ah... não mesmo. Não que houvesse qualquer maldade nisso, pois elas não pensaram duas vezes em nos ajudar e foram pessoas extraordinárias naquela noite cheia de percalços, mas achei prudente recusar. Eu, delicada e gentilmente, declinei desse convite, deixando claro que tudo o que elas fizeram já tinha sido o bastante.

Então estava explicada e esclarecida definitivamente a história do nascimento da caçula. Mais uma maldade do povo havia caído por terra. Foi mesmo no corredor do Hospital em Itajaí, depois de uma carona de um comerciante de Camboriú. Mas que não invalida a intervenção daquelas senhoras que, de um jeito ou de outro, esqueceram por um momento tudo por conta do auxílio a um desconhecido, numa situação de risco.

Mas mesmo que a história não fosse essa, nada de mais haveria. Seria até louvável a solidariedade e a humanidade da situação, se não fosse a dose de maldade com que tentaram, em vão, conotar essa passagem. Fico imaginando quanto que esse homem incomodou esses gananciosos e corruptos, a ponto de qualquer coisa em sua vida ser motivo para uma maledicência ou uma maldade. E quanto sua esposa e filhos tiveram que aguentar por conta disso. A língua é o chicote da alma e o que destrói o ser humano é que sai de sua boca e não o que entra. Um acidente de estrada, numa noite chuvosa e nada mais do

que isso, mas que, no imaginário maldoso, teve outros enlaces. Pura mentira, maldade e sandice da oposição, que não perdia uma chance.

- Aproveitando esse "*momento família*", o senhor podia nos contar um pouco da sua família, dos seus irmãos. Parece, pelo que vovô falou, que era uma família bem grande.

- Ah, sim! Éramos dez irmãos: o mais velho era o Alípio. Ele morou muito tempo ali no Canto da Praia e já é falecido; depois, pela ordem, vem o Vergílio, também falecido; a Altair, aquela com quem morei no Rio de Janeiro e em Belém do Pará; o Valdemar que era farmacêutico, faleceu em São Paulo onde residia; o Valmor, residia em Curitiba onde faleceu; a Anita, uma que vivia pegando no meu pé quando tomava banho no rio Itajaí. Depois eu, e mais três irmãs. A Odete e a Maria Helena são viúvas e residem em Curitiba e por fim a caçula que é a Claudete Mércia.

Meu pai, Eloi Vicente Meirinho, tinha uma serraria nas margens do Rio Itajaí e eu e a molecada do meu tempo íamos tomar banho escondidos da minha mãe, no rio. No porão da serraria tinha um varal escondido onde deixávamos penduradas as nossas calças que usávamos para tomar banho. Às vezes esquecíamos que já tinham algumas por lá e levávamos outras, tornando aquele porão num verdadeiro roupeiro. Eu tinha uma irmã mais velha que eu, a Anita, como já falei, mais ou menos uns dois anos que muito a incomodava. Qualquer arte que eu fazia ela vinha correndo e mexericava para a minha mãe. Então eu procurava sempre estar o mais longe dela possível.

Minha mãe, Etelvina Cabral Meirinho (Tetéva), senhora muito ativa, disposta mesmo, cuidava dos filhos, do negócio de secos e molhados e ainda fazia questão de temperar a comida. Muito enérgica, ao contrário do meu pai que era calmo e jamais brigou ou bateu num filho, até pelo contrário, quando estávamos fazendo qualquer arte, a reação dele era: "*cuidado com a tua mãe*".

Quando morei com meu irmão e minha cunhada, foi o tempo em que ela engravidou. Eu sempre brincava com ela e fizemos uma aposta. Eu disse que seria menino. Ela era uma cunhada muito querida, trabalhadeira e amiga e eu fiz uma aposta com ela - *Vamos apostar que o teu neném é um menino?* Não apostamos, mas ela ria. "*Vamos ver se vais acertar*" dizia ela. Então, vez em quando eu perguntava: Quando vai nascer o 'João'? Aí, essa história passou a ser uma brincadeira.

Nesse ínterim eu fui morar no Hotel Itajaí. E sempre que eu a visitava perguntava pelo 'João'. Até que um dia o neném nasceu. O pai e a mãe me comunicaram o nascimento dele que, na pia batismal, teve o nome de Carlos Alberto, mas é 'João' para todo mundo até hoje. É o pai do meu querido sobrinho-neto, o André, que eu digo ser meu sucessor político. Com sua eficiência cada vez mais provada, a Thelma já estava com dois álbuns de fotografias antigas da família em mãos e os entregou ao avô. Esse, por sua vez, agradecendo, foi logo abrindo e ficamos ali por mais de vinte minutos olhando as fotos que o Sr. Meirinho nos mostrava, enquanto explicava cada uma delas. Foi uma interessante viagem no tempo.

Naquele dia, após a última foto de família, demos por encerrada nossa visita, não sem antes eu dar uma nova e demorada olhada pra bolsa de veludo verde, os vasos de violeta e a estatueta do SEMEADOR.

CAPÍTULO XI

AS FLORES E O PERDÃO

Passei a sexta e o sábado em frente ao computador transcrevendo minhas anotações. Tudo que os componentes da sociedade do anel compilaram e tudo o que eu havia colhido nas duas visitas com o Meirinho e mais o resultado das pesquisas que fiz, eu tentei colocar em certa ordem, para poder transformar depois em algo inteligível.

Eu havia combinado com o Peter que, depois da missa do domingo, nós deveríamos olhar aquele material todo e todas as minhas anotações para dar um pouco de ordem na quantidade enorme de dados, informações e depoimentos que eu possuía. A gente estava bem próximo, tínhamos ficado muito amigos e a intimidade era flagrante. Já nos víamos falando de nossas vidas, eu soube tudo o que aconteceu com ele e ele soube de tudo o que havia de importante em minha vida, nos poucos anos que eu já tinha. Falei inclusive da ligação e do convite do meu ex-namorado e fui sincera quando disse por que não aceitei conversar com ele. O Peter foi muito bacana, foi muito maduro quando disse que não havia o menor problema em encontrar ou falar com ele. Aliás, os relacionamentos que temos em nossas vidas, servem para nos ensinar coisas, nos fazer amadurecer. É inconcebível que exista no mundo gente que ache que se você terminou um relacionamento então você não pode mais ver, falar, cumprimentar ou ficar no mesmo país do que essa pessoa da qual você se separou. É inaceitável que no mundo de hoje, ainda exista gente com a mentalidade estúpida, que se vê ameaçada por um passado, que é história, que não dá pra mudar, mas que teimam em fazer de conta que não existe. O maior problema é que a fraqueza emocional dessas pessoas afeta profundamente o novo relacionamento, uma vez que transferem para todos à sua volta, a responsabilidade, a culpa ou a justificativa que daria sustentação a essas neuras descabidas. E olha que até pessoas evoluídas, espiritualizadas, preparadas, que conhecem a extensão do poder do perdão e do sentido universal da fraternidade, caem nessa armadilha

de se aprisionarem em casulos onde tentam manter o que não podem controlar, longe daqueles que ama ou deseja. Vivem com medo das sombras, morrem amargurados e descobrem no último instante que o medo de perder foi maior que a coragem de receber. Não amaram totalmente de medo de que a qualquer momento, tudo voltaria ao passado e, depois de vinte ou trinta anos, como isso não aconteceu, acabam, com sua estupidez, provocando muitas vezes, motivos para um desenlace. Não pelo passado distante da outra relação, mas por todo o passado desta relação que nunca permitiu que houvesse hoje ou amanhã. E até torcem por isso, de uma maneira inconsciente, para poder dizer, às portas do túmulo, quarenta anos depois do término daquela primeira relação, a frase vitoriosa: Viu como eu estava certa? Exatamente como a piada do primo do Peter, o hipocondríaco.

Isso porque essas pessoas que temem o passado e vivem em volta das sombras que criaram pra eles, são doentes emocionais que não querem a cura, já que teriam que aceitar sua própria estupidez em viver do passado, não permitindo que o presente seja pleno de alegrias e realizações.

É claro que existem aqueles casos em que a gente tem que ficar bem longe dos "ex". Estamos cansados de ver casos de assassinatos, agressões e outras violências motivadas pela passionalidade de mentes doentias. Não falo desses casos. Falo de seres humanos que por força de circunstâncias, estiveram primeiro na vida de alguém e depois encontraram uma nova oportunidade de viver um grande amor. E vão mitigando seus sonhos de felicidade porque esse novo alguém não permite que o passado fique onde deveria estar. O Peter me disse, de forma bem tranquila que essas pessoas se assemelham àquele sujeito que estava jantando com a mulher, em casa, numa noite de Natal e estavam conversando sobre o ano que tiveram. A mulher discorria sobre os avanços que tiveram e ele dizia que algo não estava certo, que havia algo faltando, que não tinham atingido tudo o que podiam. Então a mulher se calou e ficou olhando a árvore de Natal e as luzes piscando. O homem, vendo o interesse dela falou que a iluminação era muito bonita e o conjunto de luzes vermelhas, amarelas, verdes e azuis, piscando, faziam uma imagem deliciosa de se olhar. A mulher concordou, mas disse que aquela árvore fazia com que ela se lembrasse dele. No meio de centenas de luzes piscando havia uma queimada. Ele era como aquela lâmpada. Ao invés de piscar

de felicidade com as dezenas de coisas maravilhosas que aconteceram naquele ano, ele estava se fixando em algo pequeno e perdido no meio das vitórias obtidas, que não brilhou, que não iluminou nada e não conseguia emitir nenhuma luz.

Não pude deixar de concordar. Quanto sofrimento e quanta dor as pessoas trazem para sua vida quando não são capazes de olhar pra frente e deixar o passado no passado. Quanta mágoa e quanta amargura não são solidificadas no coração e na alma das pessoas que se agarram à tristeza e ao medo de se libertar das opiniões que um dia emitiram. Ficam em desespero, buscando explicações, justificativas, razões plausíveis para sua ignorância e quando não encontram eco, se entristecem, pois o mundo não consegue entender os seus motivos. E ainda acham que toda a maioria é burra porque não pensa como elas.

Nossas conversas telefônicas eram deliciosas e nossos cafés na Faculdade eram cheios de energia. O pessoal já começava a comentar, a falar, a dar indiretas. Já estava ficando incômodo pra mim, mas ele levava tudo numa boa. Havia até uma aluna que dava em cima dele o tempo todo. Ele a tratava com muito carinho e atenção, mas mantinha uma distância bem segura. Ele era muito hábil. Um dia, a menina, meio descontrolada, deu uma indireta, que era bem uma direta, sobre mim e ele. Ele respondeu a ela que seria o homem mais feliz do mundo se eu desse a atenção que ela imaginava que eu dava; que seria o mais completo dos mortais se já tivesse acontecido tudo que ela imaginou que tivesse acontecido conosco. Ele falou isso na frente de pelo menos umas dez pessoas. A menina ficou roxa e foi embora. O resto do pessoal ficou ali de boca aberta. Ele sorriu, acabou de tomar o café e voltou pra sala de aula.

Por isso, ele simplesmente adorou o convite que eu havia feito para a missa e a avaliação do material. Por pura precaução, eu falei com o vovô e o Sr. Figueira. Pedi a eles um apoio no domingo para podermos avaliar o que faríamos com a base que já possuíamos. Naquele mesmo sábado, o Ivens me ligou, dizendo que gostaria de ir comigo à missa. Eu não vi nada demais, falei pra ele que o Peter me apanharia em casa e poderíamos nos encontrar lá.

Eu percebi que ele não gostou nem um pouco. Desde que saímos do escritório do Meirinho naquela quinta-feira, nós não nos falamos. Acho que ele esperava uma ligação minha ou coisa parecida. Com seu

pai presente, ele foi espirituoso e brincalhão, mas nada de objetivo falou. Eu sabia que ele tinha uma viagem com o pai para Curitiba para levar D. Gilda fazer alguns exames. Já fazia muito tempo que ela se tratava lá e mesmo com os avanços e o aparelhamento de hospitais de Florianópolis, Blumenau e Joinville, ela preferia ir a Curitiba. Velhos hábitos. Eles internaram a D. Gilda na sexta e saíram de lá no sábado à tarde. Também por isso acabei achando que ele não ligou. Mas passou. Deu e pronto. Ele falou meio de muxoxo que nos encontraria lá então.

No domingo pela manhã, o Peter apanhou-me em casa e fomos para a missa. Ele estava especialmente bonito naquele dia. Havia trocado a loção. Um perfume mais másculo, mais forte. O cabelo estava meio revoltado e estava todo sorridente. Assim que entrei no carro, ele virou para o banco de trás e pegou uma bela orquídea, acondicionada numa caixa plástica transparente e fina e me entregou. Eu perguntei o porquê daquilo e ele simplesmente falou:

- Pra você nunca se esquecer da beleza que teu nome representa.

Eu fiquei assim meio sem saber o que fazer ou dizer. Apenas sorri e dei um beijo no rosto dele.

A distância até a Igreja não era grande, mas foi o suficiente para ouvir a música que tocava no CD. Não sei se foi de propósito, mas a música era espanhola, com o Sá e Guarabira. Ele apertou o botão do CD e ficou em silêncio enquanto ouvíamos a música. Eu ouvia e olhava para a orquídea, sem coragem de olhar pra ele. Eu sabia que se fizesse isso acabaria me traindo.

E lá ia a música.

"Sempre assim, cai o dia e é assim, cai a noite e é assim, essa lua sobre mim, essa fruta sobre o meu paladar. Nunca mais..."

Te amo espanhola, te amo espanhola, pra que chorar? Te aaamooo."

Quando chegou nessa parte, com a mão direita, ele segurou minha mão esquerda. Sem olhar pra mim, sem me dirigir a palavra. Só segurou minha mão e apertou. E retribuí ao aperto. Eu estava muito sensível.

"eu preciso te falar, eu preciso, eu tenho que te encontrar..."

Quando a música estava acabando, já havíamos chegado à Praça

da Matriz e estávamos buscando um lugar para estacionar, perto do camelódromo. Conseguimos uma vaga, meio na sorte. Paramos e o clima acabou sendo desmanchado. Mesmo assim, quando saí do carro, ele estava do meu lado, já que abriu a porta para que eu descesse e em seguida, pegou em minha mão e fomos para a Igreja. Eu não tive a menor vontade de tirar a minha mão da dele.

Entramos e o Peter tomou o cuidado para não entrarmos pela mesma porta da vez anterior. Astuto. Fomos do outro lado, circundamos toda a Igreja e conseguimos assentos encostadinhos na parede. Os fiéis foram chegando, a Igreja foi lotando e nós ali. Ele não largou minha mão e eu não a tirei. Estava gostando do contato.

Chegou a hora que eu tanto gostava. Mais um sermão do Pe. Heitor.

"O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo."

"O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra".

Assim, meus irmãos, não estamos falando dos bens materiais, das nossas posses ou riquezas materiais. Essas não interessam a Deus e nem fazem parte das suas exigências. A riqueza e a prosperidade são dadas pela abundância da vontade de Deus, pelas Graças do Misericordioso, porém não é condição para encontrar o reino dos céus.

O encontro desse reino e desse caminho está na sabedoria de poder abandonar os velhos hábitos, os velhos costumes e abrir os olhos e o coração para o novo. O reino dos céus é reservado a todos aqueles que conseguem se desprender dos seus grilhões pessoais e se entregarem à fé e à confiança de poder desfrutar do tesouro oculto ou da maior de todas as pérolas.

Abandonar nossos medos e nos convenceremos de poder enxergar o novo, aquilo que Deus nos está entregando, sem olhar para trás, sem procurar a falsa segurança do passado é fundamental para essa descoberta.

O novo, que Deus nos reserva e nos entrega a todo momento é semelhante ao olhar de uma criança. Vocês já notaram que uma

criança tem um brilho nos olhos? Vocês já perceberam como uma criança acredita e não tem medo? Contrariamente a isso, os velhos possuem olhares sem brilho, opacos e temem. E quando falo de crianças ou de velhos não falo da idade, mas do estado de espírito, do coração e da alma de cada um, pois se falasse de idade, falaria de novos e idosos e a abordagem seria outra. Nessa situação, a presença de Deus é o brilho. A vida em Jesus é a fonte da juventude. Quem conhece Jesus e o ama de verdade, bebe da fonte inesgotável da vida eterna. Essa vida eterna não nos envelhece jamais, pelo contrário, nos mantém jovens, otimistas, confiantes e plenos de sabedoria.

Uma criança não gosta de lembrar nada que é triste. Mas ela se empolga e vibra com tudo que lhe faz feliz. Uma festa, uma brincadeira, um jogo. Os velhos têm memória amarga. Pensam na tristeza de seus dias atuais e vagam para o passado, em busca dos folguedos e da alegria infantil. Não falo aqui de quem tem cinco ou oitenta anos. Não é essa a comparação. A comparação é feita pela saúde espiritual. Quando falamos de juventude falamos de ideais, de sonhos, quando falamos de idosos, falamos de sabedoria, de experiência e de fé. Mas, se falarmos de velhos, estamos falando da ausência do brilho de Deus e de Seu Filho amado.

Lembrem-se que Ele disse que era a água viva. Quem dela beber não perecerá, mas terá a vida eterna. Então, se vivermos eternamente, como poderemos envelhecer? O envelhecimento é o primeiro passo para a morte. Viver eternamente é rejuvenescer a cada encontro com as dádivas do Senhor Todo Poderoso.

Temos que nos desprender do antigo, do velho, do passado, para podermos estar livres e direcionar nossos olhos para frente, para o futuro e para o novo. Deus nos guia e nos leva onde está o melhor de nossos destinos. Temos que crer, confiar, acreditar. A fé nos permite levantar a cabeça confiante, olhar para frente e seguir com passos seguros, sem nos prendermos ao passado, aos velhos hábitos.

Havia há muito tempo, dois monges que caminhavam pelo mundo em uma jornada santa. Chegando a um rio que deveriam atravessar, encontraram a ponte caída e na margem uma mulher parada, olhando para a correnteza. Os monges tiraram suas sandálias, amarraram o pouco que transportavam às costas e caminharam na direção do rio para poder atravessá-lo. Um deles olhou para a mulher e perguntou

se ela queria ajuda para atravessar o rio. Ela disse que sim, que tinha medo e que agradecia a ajuda. O outro monge pôs-se a gritar e a dizer àquele que era um sacrilégio tocar numa mulher, que seus votos não permitiam. O jovem monge não deu ouvidos, atravessou o rio levando consigo a mulher e despediu-se dela na outra margem. A mulher agradeceu sinceramente e tomou o seu caminho. Durante dois dias o velho monge imprecou contra o jovem monge e ao chegarem às portas do monastério, o velho monge disse ao jovem que ele não poderia entrar. O jovem perguntou por quê. O velho então disse que ele havia transportado aquela mulher. O jovem retrucou dizendo que, visto dessa maneira, quem não poderia entrar no monastério era o velho, já que ele, o jovem, havia largado a mulher na outra margem do rio assim que atravessaram e o velho não. O velho ainda a transportava na mente, fazendo com que o fardo ainda existisse.

Vejam então o conceito dessa parábola. Vejam a importância de nos livrarmos de pesos desnecessários e ilusórios. Com eles, não podemos atravessar os portões do reino dos céus, assim como o velho monge não pôde atravessar os portões do monastério.

Mas quando carregamos nossos fardos apenas se for necessário, se resultar em benefício de outrem e apenas pelo tempo necessário para que cumpram seu intento, podemos tranquilamente nos livrarmos dele na outra margem e deixá-lo para trás, o que nunca nos impedirá de entrar no reino dos céus, assim como o jovem entrou tranquilamente no monastério, já que seu coração não estava repleto do peso do passado.

Essa é a verdade sobre o encontro dos tesouros, das pérolas e das portas dos monastérios. É poder olhar pra diante, receber as dádivas que nos são dadas por Deus, estar preparados para o Novo.

As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos porque elas não têm fim. Elas se renovam a cada manhã. E para que possamos aproveitá-las temos que nos desprender de tudo que é contrário a elas. Nosso passado, nossos hábitos e nossas crenças devem ser deixados pra trás. Os velhos hábitos, muitas vezes nos impedem de acompanhar o avanço da vida e olhar pra trás nos impede de ver o novo.

Não perdíamos uma só palavra e não desgrudamos as mãos. A missa terminou e saímos. Eu confesso que algumas vezes procurei pela

Igreja e não localizei o Ivens. O Peter até percebeu meu olhar girando pela audiência, mas calou-se, inteligentemente.

Quando entramos no carro, o flanelinha correu para pegar sua "caixinha" e o Peter deu uma nota de R\$ 2,00 para ele. Ele ficou bravo e disse que a taxa era de R\$ 5,00. O Peter então falou que R\$ 5,00 era para carro importado. Carro nacional, popular era de R\$ 2,00. Riu e foi embora. Eu fiquei furiosa. Como pagar para esse pessoal que nem olha pro carro da gente? Só sabem aparecer quando estamos de saída. Não sabem se somos os donos ou se estamos furtando o veículo. Que absurdo, na porta da Igreja, num domingo, estacionamento livre, termos que pagar esses flanelinhas. Meu discurso estava empolgado, quando ele me disse:

- Ei, ei... Calma. Tudo bem, já passou. A gente nem sabe se é de sacanagem ou se é a única alternativa que ele tem. Não seja o velho monge, deixe o flanelinha lá do outro lado do rio.

Não pude conter o riso.

De repente, o Peter parou o carro em frente a uma floricultura. Eu perguntei:

- Mais uma flor? Falei enquanto segurava minha orquídea na caixinha, que eu havia aberto e colocado no fresquinho atrás do banco.

Ele me respondeu que não. As flores seriam para minha mãe. Pasmêi.

Ele comprou um belo buquê de flores do campo. Quando ele entrou com o buquê nas mãos e o ofereceu à minha mãe, ela se derreteu toda, agradeceu, sorriu e correu colocar num belíssimo vaso na mesinha da sala. Vovô e o Sr. Figueira estavam lá e este último prestou atenção em minha mão e viu a orquídea na embalagem.

Elogiando o gesto do Peter, lembrou que não eram muitos os homens jovens que tinham a sensibilidade de presentear com flores. Isso era privilégio de uma casta nobre.

As flores têm significado próprio também. Existem flores até para demonstrar desprezo a alguém! Acreditem — disse ele num tom meio irônico.

- O Senhor entende de flores também? Perguntei.

- Um pouco. O girassol, por exemplo, significa imponência e alegria.

Representa a força positiva do sol, transmitindo calor, força e integridade. A sua cor representa felicidade, alegria, orgulho e amizade. Quando visitar a casa de amigos, leve girassol; o crisântemo - flor que dura mais tempo, também muda o significado com a cor: vermelho - estar apaixonado - muito apropriado para o day after de um encontro especial; amarelo - amor desdenhado - poucas pessoas entendem isso, portanto, evite utilizar; branco - sinceridade - o pedido de paz, desculpas e perdão, depois daquela pisada na bola;

- E a Orquídea, perguntei de novo.

- Ah, a Orquídea - beleza feminina. Representa a sexualidade na sua forma excêntrica e nos seus tons evidentes. Se a noite foi de amor intenso ou se a proposta carrega isso, as orquídeas são suaves, delicadas e ao mesmo tempo selvagens o suficiente para mandar a mensagem.

Eu olhei para a minha orquídea e ruborizei. O próprio Peter ficou sem jeito. O Sr. Figueira, percebendo o embaraço, correu a traduzir o significado de outras flores, tentando debelar a saia justa do Peter.

- Os cravos - são as flores masculinas. Um ótimo presente para homens, seu significado também varia com a cor: vermelho - amor incompreendido. Mulheres revelando sua intenção e desejo a homens que ainda não se ligaram nesse amor. Amarelo — desprezo — resposta direta de uma mulher a um homem do qual não gosta. Ele que entenda. Afinal as mulheres têm linguagens próprias e as flores são o melhor texto para elas. Branco - talento. Quando seu amigo ou o homem que você ama conseguir aquela promoção ou for reconhecido em um projeto, um negócio bem sucedido, essa é a flor ideal. As outras mulheres do escritório saberão que ele tem uma mulher que sabe presentear.

- Eu adoro tulipas, disse mamãe, olhando para os dois amigos. O que elas significam?

- Tulipa? Representa a elegância e a sensibilidade. As suas cores podem adequar-se a qualquer estilo. Seu significado, como a maioria das flores, varia com a cor: vermelha - declaração de amor. No dia de entregar a aliança, na hora de pedir a mão daquela mulher maravilhosa, na hora de comemorar o dia especial do casal, enfim, nessas datas encantadoramente especiais, demonstre toda sua

sensibilidade. Tulipas vermelhas! Amarela - amor sem esperança. Quando você quiser fazer aquele último apelo.

- E as tradicionais rosas que são tão usadas? Perguntou ainda, minha mãe.

- Rosa, antiga flor símbolo do amor. Branca - pureza e amor espiritual, rosa — amor, amarela — Infidelidade, moscada — beleza, solitária — simplicidade, vermelha — paixão.

- Fale de outras flores, pedi.

- A margarida significa inocência, é a flor das crianças. O jasmim amarelo - elegância e bondade. Sua casa merece um vaso com elas, comentou. Branco — amor. Durante o dia, no seu quarto de dormir. À noite, na sala. Sempre bem cuidada.

- E as mais exóticas?

- Acácia branca — significa amor secreto, é utilizada para presentear amantes. A acácia branca foi, durante muito tempo, a flor das suntuosas alcovas das mais famosas cortesãs da Europa. Como a acácia amarela tem um significado místico e está associada a uma grande e ancienta sociedade secreta masculina, cujo poder era exercido no silêncio e no mistério, a branca acabou sendo utilizada pelas mulheres mais poderosas do mundo, que do leito, mudaram o destino de grandes homens e interferiram no curso de grandes nações. A flor de romãzeira declara amizade sincera. Amigas sempre deveriam presentear com essa flor. Seu significado tem milhares de anos. A romã, até hoje, ainda é usada em rituais de passagem de ano, para atrair fortuna e sucesso. A fruta dos deuses. Gardênia - uma flor muito perfumada e tradicional representa a sinceridade. Uma casa inundada com perfume de gardênia, é uma casa livre de energias negativas. Onde não há mentiras, não há discórdia. Por isso, defenda sua casa com muitas gardênias. Gerânio vermelho - consolo. Nas perdas, nas dores, o gerânio vermelho é a mensagem da solidariedade. Amor perfeito - Em francês é "pensée", está associada com pensamentos e recordações. Bodas de prata, de ouro, de diamante, ficam inesquecíveis com o Amor Perfeito. Decore uma festa dessas com eles e cada convidado, com certeza, levará uma para si. É assim que o amor é compartilhado. De forma perfeita entre todos. Íris amarelo ou flor de lis - usada como símbolo dos reis franceses. Para

presentear homens e mulheres realmente poderosos. Presidente da companhia, políticos que assumem cargos públicos de importância e relevância. Cerimônias de posse e transmissão de cargos embelezados com essa flor, atraem sorte e proteção ao homenageado. Há uma simpatia antiga — da época dos reis e nobres franceses — que diz que traz sorte entregar uma flor de lis a um (a) recém-nascido (a), pela primeira pessoa que o vir, depois da mãe e do pai. Como se presenteia com flores, quando a gente não conhece todos esses detalhes e não quer correr o risco de errar?

- Para crianças, procure enviar arranjos pequenos, coloridos com bichos de pelúcias e ou com bombons. Porém, não há restrições na escolha de outros arranjos a seu gosto. Para mulheres - se for o namorado ou esposo que está enviando as flores, escolha a cor da paixão, vermelho com certeza!

- Se você ainda não é o namorado dela — falou olhando nos olhos do Peter, o que me deixou totalmente encabulada — seja mais sutil, escolha cores diferentes da do vermelho. Rosa ou champagne são excelentes cores para buquê de rosas ou então opte por uma cesta ou buquê de flores do campo coloridas. Para os homens — nos dias de hoje não são só as mulheres que recebem flores, e eles ainda adoram o presente — na hora da escolha das flores, você pode enviar quase todas, porém evite cores como rosa e lilás, prefira cores tipo laranja, branco ou amarelo. Escolha e dê preferência às flores como lírios, flores do campo, girassóis e orquídeas plantadas. Em casamentos e noivados, escolha o branco ou os tons pastéis. Um arranjo de lírios brancos seria o ideal, porém arranjos em tons de vermelho ou um finíssimo arranjo em orquídeas também fica ótimo. Nas inaugurações, o importante é enviar de preferência o arranjo mais durável. Os arranjos com flores tropicais ou um belo arranjo campestre com flores nobres seria a escolha mais apropriada. Se possível escolha arranjos de porte maior para que esse apareça bem, e enfeite o novo ambiente, chamando bastante atenção na vitrine ou na recepção da empresa recém-inaugurada.

- E quando crianças nascem sempre ficamos em dúvida que flores levar para as mães.

- Nos nascimentos, a gente não deve presentear a mãe, mas a criança. Flores são sempre um ótimo presente nas maternidades, você pode

escolher à vontade. Você deve enviar o arranjo de acordo com o sexo do bebê, mande tons rosados ou pastéis para bebês meninas e tons azulados ou de amarelos para bebês meninos. Se for possível envie um brinquedo de pelúcia acompanhando o arranjo.

Uau, que aula. Tudo porque o Peter resolveu ser gentil. O Sr. Figueira tinha um conhecimento vasto e muito amplo sobre muitos assuntos. E as histórias que contava então, sempre me davam a certeza de que sua sabedoria ia muito além do que víamos.

Mamãe chamou para o almoço e pudemos perceber uma coisa diferente naquele domingo. Papai estava mais animado, alguma coisa tinha acontecido com ele. Ele estava mais falante, mais... não sei... só estava mais alguma coisa. Indefinível, indecifrável. Mas ele estava diferente. Quando fui pra cozinha ajudar minha mãe com o finalzinho da preparação do almoço, eu perguntei pra ela o que havia acontecido com ele. Ela olhou pra mim e falou pra dar uma olhada na cristaleira da sala. "*Veja o embrulho e o bilhete. Hoje foi o dia dos presentes*", disse pra mim. Eu não tive dúvidas, larguei tudo e fui bisbilhotar.

Cheguei à cristaleira e vi o pacote, um vasinho de barro com uma violeta branca, maravilhosa, cheia de detalhes em roxo e amarelo, meio maltratada é verdade, e o bilhete. Perguntei pro meu pai:

- Pai, posso ver?

Ele respondeu que sim com um sorriso, o que não era muito natural nele. Eu mesma, raríssimas vezes percebi um no rosto dele.

Peguei o pacote e abri. Aliás, já estava aberto, eu apenas redeseembrulhei. Era uma garrafa de Whisky Natu Nobilis. Eu imaginei quem havia mandado. O bilhete estava dentro de um envelope escrito numa letra bonita, bem desenhada, endereçada ao meu pai. Abri e comecei a ler.

"Caro Sr. Osvaldo Moreira,

É com enorme satisfação que faço chegar às suas mãos um singelo mimo em retribuição aos momentos tão importantes que tenho passado na presença da mais bela flor que já tive oportunidade de conhecer, que nasceu e vicejou fora do meu Jardim.

Minhas flores, que cuido com amor, ardor e admiração vieram do seio familiar, são minhas adoradas filhas, minhas netas e netos.

Nunca imaginei que a luz e beleza que ao longo destes anos todos eu desfrutei, pudesse existir fora do meu mundo.

Estes dias e estas visitas da doce Orquídea, deram-me um novo sentido, despertaram em mim o orgulho de ter sido quem fui, fizeram com que eu pudesse olhar pra trás e descobrir tantas empreitadas cuja vitória não havia percebido, entendido tantas lutas cujos propósitos eu ainda não havia alcançado, tantas recordações que eu havia adormecido.

Particularmente na última quinta-feira, senti a emoção nos olhos dela e vi que meu mundo era realmente importante para ela. Jamais pude acreditar que a força e a inteligência da juventude se deteriam em analisar velhas histórias, de um velho rabugento, que da vida apenas quis ver as coisas certas e perfeitas. Que deste mundo quer apenas levar a certeza de que deixou um grande amor pela honra, pela ética e pela justiça.

Jamais imaginei que minha luta pessoal pela igualdade e pela decência pudesse desaguar nesta empreitada que com certeza dará aos meus últimos anos, o vigor da minha saudosa juventude.

Sr. Osvaldo, faço chegar a V.Sa. e à vossa digníssima esposa, os cumprimentos pela extraordinária luz e pela maravilhosa centelha de vida que a querida Orquídea tem trazido aos meus dias. Vejo-me ansioso pela chegada das quintas-feiras, para poder abrir o coração e falar das coisas que amei e das delícias que vivi.

Obrigado a ela e a vocês, pela existência e o carinho dela. Encaminho a ela, um dos três vasos com violetas que tanto impressionaram nossa menina. Permita-me, por favor, chamá-la de nossa menina. Eu gostaria que ela aceitasse o encargo de cuidar das flores que sempre acompanham meu pequeno engraxate.

Somos Semeadores, pois demos ao mundo o campo fértil para que florescessem obras divinas como as que podemos chamar de nossas filhas.

Um grande abraço do sempre amigo

Gilberto Meirinho.

Quando terminei de ler, estava em prantos. Chorava um choro diferente. Um choro meigo, um choro doce. Um choro de felicidade por ter conhecido alguém como ele. Um velho urso sim. Mas um urso

que lutava pela vida da floresta. Cujas garras só fizeram com que os inimigos da decência fugissem apavorados. Cujo urro poderoso, jamais foi contestado à altura. Aquele encargo para mim era o mais especial de todos os pedidos que já me fizeram. Eu peguei o vaso nas mãos, fiz uma carícia nas pétalas da violeta e o coloquei de novo na mesinha. Na verdade, eu, naquele momento, jurei que por toda a minha vida, em minha casa, sempre haveria violetas na janela.

Fiquei um tempo ali e então fui despertada para a gostosa realidade do almoço em família. E fomos todos felizes devorar a mais saborosa lasagna ao molho rose, com files à parmiggiana. Nada como o almoço de domingo na casa do Seu Osvaldo.

À mesa, comentamos rapidamente sobre o sermão, sobre o presente do Sr. Meirinho, sobre as violetas e acabei contando tudo que ouvimos das histórias de família dele. O almoço terminou perto das quatro da tarde porque ninguém quis sair da mesa. Nem meu pai. Ele ouviu quieto tudo o que foi dito. Eu vi que ele quase chorou quando eu contei a sensação que tive e a vontade que me deu de voltar pra casa, abraçá-lo e à mamãe, de ligar pro mano, saber dele. Acabei falando de novo sobre o sermão do Pe. Heitor, mais precisamente sobre os dois monges e pedi pro meu pai largar a mulher que ele carregava no coração, porque ele já havia atravessado o rio há muito tempo e estava às portas do monastério.

Quando contei a história do pequeno engraxate, mamãe irrompeu num choro sentido. Meu pai olhou pra ela e, segurando sua mão, apenas sorriu. Há muito tempo não fazia isso. Há muito tempo não demonstrava carinho. Aproveitei esse momento e do fundo do meu coração, pedi a ele que olhasse pra frente, que ainda haveria tempo para retomar a vontade pela vida e ser feliz. O Sr. Figueira, vendo toda aquela cena, pediu licença e contou uma de suas histórias:

- Contam que um rico turista estava em viagem pelo Cairo e conseguiu ser atendido por um dos mais reclusos e importantes sábios do Egito. O turista ficou muito surpreso quando o levaram à presença do sábio e viu que este morava, há quase cinquenta anos num quartinho apertado, sem móveis e com muitos livros. *Onde estão os seus móveis?* Perguntou o turista. Imediatamente e sem perder tempo, o sábio retrucou: *E onde estão os teus?* O turista olhou meio pasmo e falou: Ora, estou aqui de passagem. O sábio, em cima falou: *Eu também.*

Estávamos todos em silêncio e o vovô disse:

- É, o Figueira tem razão. A vida na terra é só uma passagem, mas alguns vivem como se fossem eternos e esquecem-se de ser felizes. Nossas mágoas são mesmo a mobília que não nos faz falta. Não precisamos delas pra viver. Temos que contar essas histórias de hoje para sua avó também, minha flor.

O Peter, embalado pelas emoções do dia e pelo vinho, olhou pra todo mundo e falou:

Eu não sou um bom contador de histórias, mas gostaria de arriscar contar uma, que acabei ouvindo num curso que fiz. Estávamos falando dos propósitos da vida e o que realmente vale a pena realizar quando passamos por ela.

Todos concordaram e o incentivaram a contar a tal história.

Um homem de avançada idade estava debruçado no jardim, cuidando de uma pequena muda. Seu neto chegou perto dele e perguntou que planta era aquela que ele estava cuidando com tanto carinho. O avô respondeu que era uma jabuticabeira. O neto quis saber quanto tempo demoraria a dar frutos. O velho então respondeu que uns quinze anos mais ou menos. O neto, surpreso, perguntou ao avô se ele esperava viver tanto tempo mais. O velho olhou pra ele e disse que não acreditava que ia viver tanto mais assim, já que estava no fim da jornada e perto dos noventa anos. O jovem com certa incredulidade perguntou qual seria, então, a razão para plantar aquela árvore. Que vantagem levaria o avô com isso. Pacientemente o avô respondeu que não levaria vantagem nenhuma, exceto aquela de saber que ninguém colheria ou comeria jabuticabas, se todos pensassem como seu próprio neto.

Ficamos meio assim, sem entender onde se aplicava aquela história no contexto daquele dia. Fizemos um ar de admiração para "salvar o Peter", mas ele mesmo se ajeitou:

- Nunca é tarde para se plantar uma árvore. Alguém em algum lugar pode se beneficiar disso. Todos nós devemos plantar nossas árvores. Mas temos que cuidar do jardim. Tirar as ervas daninhas e a sujeira da terra. Por isso, seu Osvaldo, tá na hora de fazer as pazes com a vida, dar uma boa limpada no jardim, eliminar as ervas daninhas e

poder, enfim, olhar para um belo cenário que existe em sua vida, mas o senhor não está conseguindo enxergar.

O silêncio foi sepulcral. Foi tumular. Meu pai olhou pra ele e por instantes eu vi todo aquele seu Osvaldo rancoroso. De repente, ele pegou a cerveja e o copo, levantou da mesa, olhou pra todo mundo e disse diretamente pro Peter.

- Talvez você tenha razão. Talvez...

Não sei por que, mas fiquei com a impressão de que aquele trabalho sobre a vida do Meirinho acabaria sendo mais uma grande obra dele. Unir minha família. Em algumas situações que ocorreram no futuro, onde era necessário mais amor e mais inteligência, eu sempre dizia - "Hora da mágica, Meirinho"... e contava alguma história dessas que aprendi nestes dias.

CAPÍTULO XII

UM NAMORADO

Já passava das oito da noite quando o Peter insistiu para que saíssemos e déssemos uma volta. Depois de encerrado o almoço, na verdade, ninguém teve ânimo para ler ou discutir biografia, prefeitos e cidade de Balneário. Ficamos pachorrentamente espalhados no sofá, tomamos um gostoso café e até demos um cochilinho assistindo a um filme. No dia anterior, sábado, eu havia ido até a locadora próxima de casa, A Canal A da Rua 401, para pegar alguma coisa pra assistir à noite e acabei deixando para o domingo mesmo, pois me entreti lendo e separando documentos do trabalho. Eu já sou meio indecisa quando se trata de livros e filmes e acabei seguindo a sugestão do atendente, já que naquela loja a gente encontra mais de quatro mil títulos, desde clássicos até os últimos lançamentos e o pessoal sabe tudo de cinema.

Como eu comentei com a Beth, dona da locadora, que meu avô e o amigo dele estariam em casa, o filme sugerido foi um clássico das comédias, o Quinteto Irreverente. Maravilhoso e imperdível. Aqueles cinco amigos, já de certa idade aprontando tudo o que aprontavam, era uma ótima pedida para uma tarde de domingo, cujos programas de televisão são pra lá de pavorosos e sem conteúdo e futebol em casa estava fora de cogitação – pelo menos por enquanto.

Entre os cochilos e os momentos despertos, percebi o Peter passando as mãos nos meus cabelos e acabei encostando minha cabeça no seu ombro e adormecendo profundamente. Fiquei assim não sei quanto tempo. Quando o filme acabou e mamãe perguntou se alguém queria jantar, o Peter se adiantou e disse que sairíamos para espairar um pouco e escaparmos daquela deliciosa indolência em que mergulháramos.

Eu, querendo continuar ali na preguiça, demorei em concordar, mas ao final, levantei, fui dar uma ajeitada no visual e saímos. Pegamos o carro e, por sugestão dele, fizemos todo o percurso da orla marítima, da Barra Sul até o Pontal Norte. Andamos devagar.

No carro, aquele mesmo CD, gravado por ele somente com as músicas que ele gostava, parecia estar totalmente dedicado ao plano da noite. Pela manhã ouvi Espanhola. E agora ouvia atenta música atrás de música, que eram verdadeiras mensagens cifradas. Pelo menos foi isso que fui percebendo, a julgar pela expectativa que ele mostrava quando olhava pra mim cada vez que uma música começava a tocar:

"Às vezes no silêncio da noite, fico imaginando nós dois. Eu fico ali sonhando acordado, juntando o antes o agora e o depois. Por que você me deixa tão solto? Por que você não cola em mim?..."

Enquanto Caetano Veloso cantava, o Peter simplesmente olhava pra mim e sorria. De vez em quando, numa frase mais contundente da música, apenas levantava o dedo indicador e fazia um sinal, apontando pra mim. E foi bem contundente quando souu:

"Eu tenho meus desejos e planos secretos, só abro pra você e mais ninguém"...

Daí eu ri. Ri gostoso. Senti a delicadeza da mensagem, a forma tranquila que ele estava usando para falar das coisas que eu sabia que ele ia falar mais cedo ou mais tarde. Mas ele permanecia em silêncio. Apenas olhava pra mim. Já estávamos na Praça Tamandaré quando tocou a segunda música:

"Hoje eu me peguei, pensando em você... Te amo e nem sei como eu amo... Quero não lembrar, que às vezes sem querer, me apanho falando em você... Lembranças de amor, um filme de nós dois, que nunca chega ao fim..."

Enquanto a Sandra de Sá cantava, ele apenas sorria. Nem uma palavra... apenas sorria. Eu estava curtindo aquilo. Diferente, muito diferente. Depois de uma tarde como aquela, eu simplesmente estava curtindo a noite e as músicas. Mas, tenho que admitir, estava sendo conduzida a pensar em coisas que eu estava evitando pensar ultimamente.

Estava perdida nos meus pensamentos quando entramos pela 1901 e fomos direto pela Terceira Avenida na direção da BR-101. Fiquei um pouco ressabiada, mas deixei rolar. Ele não dizia uma palavra. Daí veio mais uma música. Outra da Sandra de Sá:

"Solidão, dá um tempo e vá saindo, de repente eu vou sentindo, que você vai se dar mal. Solidão, meu amor está voltando, daqui a pouco está chegando, me abraçando todo meu, meu... meu... "

Já estávamos contornando por baixo do viaduto e indo em direção a Itapema. Mais uma música. Nem ele dizia nada, nem eu perguntava nada... só ouvindo... Quando entramos na BR-101, música no ar, ele segurou minha mão assim que o carro atingiu a velocidade de estabilidade e ele não teria mais que trocar marchas.

Fábio Junior - Alma Gêmea:

"Por você eu tenho feito e faço tudo que puder, pra que a vida seja mais alegre do que era antes. Tem algumas coisas que acontecem, que é você que tem que resolver. Acho graça quando às vezes louca, você perde a pose e diz: Foi sem querer..."

Não pude deixar de rir. Toda vez que eu fazia alguma coisa que não devia ter feito ou falava algo fora de hora, imediatamente eu ria e dizia, *"foi sem querer..."*. Eu estava adorando aquilo, cada detalhe, transmitido em uma música.

"...Carne e unha, alma gêmea, bate coração. As metades da laranja, dois amantes, dois irmãos, duas forças que se atraem, sonho lindo de viver... estou morrendo de vontade de você..."

Veio a repetição do refrão e cantamos juntos, quebrando o silêncio...

"Carne e unha, alma gêmea, bate coração. As metades da laranja, dois amantes, dois irmãos, duas forças que se atraem, sonho lindo de viver ... estou morrendo de vontade de você ..."

Eu olhei pro céu, na estrada escura. A Lua estava esplendorosa, gigante, iluminada, acompanhando nosso passeio. Poucas estrelas no céu, mas era o nosso céu de Santa Catarina. Santa e Bela Catarina. Naquele momento eu estava enlevada, amando cada momento e descobrindo uma emoção nova e gostosa...

Desliguei o ar condicionado e abri a janela pra sentir o vento e o cheiro da noite. Um cheiro delicioso, uma sensação gostosa naquela noite agradável, onde todas as estrelas vieram para serem cúmplices do que estava acontecendo. Ele passou a mão nos meus cabelos exatamente quando começava uma nova música:

"Olha você tem todas as coisas que um dia eu sonhei pra mim a cabeça cheia de problemas não me importo, eu gosto mesmo assim tem os olhos cheios de esperança de uma cor que mais ninguém possui me traz meu passado e as lembranças coisas que eu quis ser e não fui olha você vive tão distante muito além do que eu posso ter e eu que sempre fui tão inconstante te juro, meu amor, agora é pra valer olha, vem comigo aonde eu for seja minha amante, meu amor vem seguir comigo o meu caminho e vivera vida só de amor"...

Quando passávamos pelo posto da polícia rodoviária, entrou mais uma daquelas deliciosas músicas com cheiro e gosto de passado, que eu conhecia, porque mamãe gostava muito:

"Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida

Eu vou te amar

Em cada despedida eu vou te amar

Desesperadamente eu sei que vou te amar

E cada verso meu será pra te dizer

Que eu sei que vou te amar Por toda minha vida

Eu sei que vou chorar

A cada ausência tua eu vou chorar

Mas cada volta tua há de apagar

O que esta ausência tua me causou

Eu sei que vou sofrer

A eterna desventura de viver A espera de viver ao lado teu

Por toda a minha vida..."

E quando o Soneto da Fidelidade foi declamado... eu viajei completamente...

"De tudo ao meu amor serei atento

Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto

Que mesmo em face do maior encanto

Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento

E em seu louvor hei de espalhar meu canto

E rir meu riso e derramar meu pranto

Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama

Mas que seja infinito enquanto dure."

Quando dei por mim, estávamos fazendo a volta, em Itapema e reentrando na BR. Peter parou o carro e disse pra mim que a música a seguir, seria especial, muito especial. Que eu a ouvisse e dissesse algo a ele. Qualquer coisa. Dependendo do que eu dissesse, ele tocaria a música seguinte ou trocaria de CD. Isso me tirou do enlevo em que estava. Até demorei pra entender o que ele havia falado.

Achei estranho, mas embarquei na brincadeira. Olhei pra ele e vi uma seriedade e uma profundidade nunca antes percebida naquele olhar. Ele estava meio trêmulo, meio ansioso e eu vi que a adrenalina nele estava a mil. Ele falava e parecia ter problemas de respiração enquanto falava. Achei que ele ia ter um treco ali mesmo. Ele apertou o botão do aparelho e o CD voltou a rodar:

"Se você quer ser minha namorada. Ah! que linda namorada você poderia ser. Se quiser ser somente minha, exatamente essa coisinha, essa coisa toda minha que ninguém mais pode ter. Você tem que me fazer um juramento. De só ter um pensamento. Ser só minha até morrer. E também de não perder esse jeitinho. De falar devagarinho. Essas histórias de você. E de repente me fazer muito carinho. E chorar bem de mansinho. Sem ninguém saber por quê. Mas se em vez de minha namorada, você quer ser minha amada, mas amada pra valer, aquela amada pelo amor predestinada, sem a qual a vida é nada, sem a qual se quer morrer. Você tem que vir comigo em meu caminho. E

talvez o meu caminho, seja triste pra você. O seu olho tem que ser só dos meus olhos. E seus braços o meu ninho, no silêncio de depois. E você tem que ser a estrela derradeira. Minha amiga e companheira. No infinito de nós dois..."

Aquilo tudo era mesmo muito diferente. Nunca imaginei ser pedida em namoro assim. Eu fiquei alguns segundos muda, tensa, perdida. Durante toda a música eu tinha, evidentemente, entendido a mensagem. Mas apesar de saber que mais dia menos dia a gente ia tocar no assunto, foi o ineditismo da situação que me calou. Ele olhava pra mim com desespero até, coitado. E eu ali, sem conseguir falar nada... sem poder dizer uma palavra. Estava aturdida. Querendo e não querendo.

Ele baixou os olhos, largou minha mão e apertou o botão para tirar o CD do aparelho. Eu lembrei do que ele havia dito. Então, segurei sua mão e pedi com carinho:

- Deixa tocar a próxima música. Não troque de CD. Atenda ao pedido desta sua namorada.

Aquilo teve um efeito sobrenatural sobre ele. Ele ficou sem saber o que fazer, sem ter a menor ideia do que fazer. Parecia que ia descer do carro, não sei... mas ele estava rindo nervosamente. Eu empurrei o CD de volta pra caixinha, levei o skip até a música 9. Olhei pra ele de novo e falei:

- Acho melhor você colocar o carro na estrada de novo. Não podemos ficar aqui parados a noite toda.

Ele concordou com a cabeça, ainda rindo. Pôs o carro de volta na BR em direção a Balneário, enquanto a música 9 tocava:

*"Um jeito, um gesto Um golpe de ternura E a vida volta logo pro lugar
Uma palavra é uma coisa dura Só sentimento pode libertar..."*

O tempo faz o jogo Dos desejos Eu sei que você sabe Esperar

O dia amanhecer Por entre os dedos E aí saber que o sonho É bom demais...

Felicidade! Brilha no ar Como uma estrela Que não está lá

É uma viagem Doce magia E uma ilusão Que a gente não escolhe

Mas que espera viver Um dia...

(Felicidade...)

Quando estou em sua Companhia...

(Brilha no ar...)

E nos seus olhos Me deixou brilhar

(Felicidade...)

Eu vejo aquela estrela Fantasia

Mesmo sabendo que ela não Está lá...

Felicidade! Brilha no ar Como uma estrela Que não está lá

Conto de fadas História comum

Como se fosse Uma gota d'água

Descobrimo Que é o mar azul..."

Ele parou o carro no acostamento, virou pra mim, olhou-me profundamente, aproximou-se e me beijou. No começo, delicadamente, suavemente, fazendo com que seus lábios simplesmente explorassem a delicadeza dos meus. Depois foi crescendo o contato, tomando corpo, ganhando volúpia, até que quase me sufocasse. Eu respondi a esse beijo com muita vontade e muita emoção. Eu poderia dizer que realmente mergulhei naquela paixão. Senti o perfume, o cheiro da pele, o contato das mãos, senti tudo que estava represado em mim vir à tona. Fiquei tonta e feliz.

Nem sei quanto tempo durou aquele beijo, nem que músicas mais tocaram, mas foi bastante tempo. Foram muitos beijos seguidos, todos num só. Cada vez que ele virava pra seguir adiante, ele olhava de novo pra mim e me beijava outra vez. Eu ria, feliz e nervosa.

Quando finalmente pudemos colocar o carro em marcha para Balneário, ele retornou o CD na música 9. Daí por diante, cantamos essa e todas as outras músicas juntos. Mas a música 9, passou a ser nossa referência. Afinal, a felicidade é mesmo como uma estrela que brilha mesmo quando não está lá. E nosso caso era um conto de fadas numa história comum, mas que nos fazia descobrir que éramos gotas d'água descobrimo a imensidão do mar azul.

Um pouco antes de me deixar, ele parou o carro na frente de casa, tirou o CD do player, pegou o estojo dele, colocou dentro e me deu. Eu peguei, sorri e descemos do carro. Na porta, outra vez nos beijamos e conversamos um pouco, até minha mãe aparecer para perguntar se ele queria entrar pra um último café, coisa que ele aceitou na hora.

Minha mãe sacou tudo, percebeu e ainda comentou quando entramos:

- Ufa, demorou pra vocês se acertarem, hein?

- Mamãe... eu disse, meio sem convicção.

- Hoje eu sabia que vocês se decidiriam por algo mais concreto — falou olhando para o Peter.

- É, resolvemos agora há pouco uma coisa importante. Sua filha aceitou ser minha namorada. E eu espero poder ser pra ela, o homem que ela merece. E pra vocês, um motivo de orgulho e satisfação.

Sentamos na sala como dois adolescentes, abraçadinhos. Ele tomava o café, quando meu pai entrou na sala. Minha mãe então, falou pra ele:

- Osvaldo, diga boa noite para o namorado da sua filha.

- Boa noite - disse meu pai. Eu sabia que essa história de Gilberto Américo Meirinho ia dar muita confusão. Tudo que ele chega perto se transforma em confusão. Mas, a julgar pelos resultados que ele obteve na vida e o bem-estar que proporcionou a tanta gente, eu posso dizer que vocês estão bem protegidos energeticamente. Espero que vocês tenham o juízo no lugar. Eu não quero dor de cabeça. Já chega os problemas que tenho.

- Não se preocupe, "seo" Osvaldo. A gente sabe o que quer e como quer. Não haverá dissabores.

Enquanto o Peter falava eu olhava o estojo do CD. O Peter havia feito uma capa muito interessante. A capa tinha uma camisa da seleção brasileira, vista de frente de um lado do estojo e de costas do outro lado. Na frente, o símbolo da seleção brasileira foi substituído por uma espanhola, vestida a caráter dançando, na posição típica de quem toca castanholas, encimada por 9 estrelas. Na contracapa do CD, a camisa da seleção com o número 9 e sobre ele a palavra FELICIDADE. Adorei. Simplesmente adorei aquela criatividade e a confiança que ele tinha no sucesso do plano que traçou.

- Di, eu tenho que conhecer o Gilberto Meirinho e agradecê-lo profundamente pela felicidade que estou sentindo.

Eu ri de novo. Namoramos um pouco mais, conversamos, rimos. Mais uma deliciosa sessão de beijos — aliás, como ele beija gostoso — e ele foi embora. Muito a contragosto, dele e meu, mas teve que ir.

Reuni todas as coisas que ganhei naquele dia — minha orquídea, minha violeta e meu CD e fui pro quarto radiante e feliz. Olhei para a violeta que havia ganhado naquele dia. Acariciei-a com ternura e disse a ela:

- Minha amiguinha. Nem bem você chegou e já me trouxe sorte e felicidade. Muito obrigada.

De repente me dei conta que na aula do Sr. Figueira sobre flores, ele não falou das violetas. Curiosa, liguei o computador, fui ao "Dr. Google" e pesquisei. O que encontrei me deixou bastante feliz:

"Violetas - Lealdade e Modéstia. Violetas Brancas (a que eu ganhei) - significa que uma promessa está sendo feita".

Será que o Sr. Meirinho sabia a mensagem que mandou? Decerto eu perguntaria. Não resisti e pus o CD para tocar, bem baixinho. Apaguei as luzes e fiquei ouvindo todas as músicas outra vez. Adormeci... dormi feliz e realizada sabendo que minha violeta guardiã trouxe consigo uma promessa que eu esperava ver cumprida um dia.

CAPÍTULO XIII

CAMISA 9

O Peter havia insistido para conhecer o Sr. Meirinho e eu então tomei a liberdade de ligar pra ele na segunda-feira à tarde. Falei com a Thelma e ela disse que a gente poderia ir até o escritório no dia seguinte, terça-feira, para falar com ele. Com certeza ele teria o maior prazer em nos receber.

Não foi só pelo pedido do Peter, mas também pelo bilhete, pelos presentes, pela presença dele em nossa casa que eu havia decidido vê-lo. O Peter e eu estávamos quebrando a cabeça, pensando no presente adequado para aquele homem especial. Meu avô havia ligado na segunda-feira de manhã, para avisar que o Sr. Figueira já estava voltando para seu apartamento, pois havia se restabelecido completamente. Contou que ele havia conversado com a senhora que fazia a limpeza duas vezes por semana no apartamento para que ela passasse a trabalhar o mês inteiro. Como a Dona Veridiana (esse era o nome dela) era viúva e morava sozinha, ele ofereceu a ela um bom salário, registro em carteira, todos os direitos e um quarto no apartamento. Ela moraria lá, seria a governanta, a cozinheira, a enfermeira e a amiga dele. Ela falou com as duas filhas e por fim aceitou a oferta. Teria folga aos domingos, dia em que, tanto poderia ir visitar as filhas quanto elas poderiam vir visitá-la no apartamento. Teria liberdade de preparar, nesse dia, almoço e lanches para receber a família.

D. Veridiana, uma senhora evangélica fervorosa, agradeceu ao Senhor Jesus pela recompensa e pela graça recebida, deu seu testemunho e todos nós tivemos que concordar com ela, quando ela nos pediu pra pensarmos quantas vezes situações como aquela aconteciam no dia a dia. Em sua simplicidade ela disse que se Deus tivesse dado a ela o que a maioria das pessoas pede — dinheiro — ou que a fizesse ganhar na loteria, com certeza ela poderia ajudar muita gente, mas não poderia se sentir assim tão útil e talvez continuasse sozinha, já que não poderia ter certeza dos motivos pelos quais as pessoas se aproximariam dela.

Da forma como Deus a recompensou, ela continuaria sendo útil, havia ganhado uma amiga e a vida tomou um novo curso.

Agora, o Sr. Figueira estaria bem cuidado, em sua própria casa. A primeira coisa que ele fez foi convidar-nos para um chá no final da tarde. Mamãe aceitou por todos nós e até meu pai, surpreendentemente disse que iria. Seria o primeiro evento que eu compareceria com meu namorado. Não havia ainda pensado no Ivens. Acho que ele ficaria um pouco decepcionado, mas o que fazer? C'est La vie! E eu estava realmente feliz.

Naquela segunda-feira, quando cheguei na Faculdade, fiquei procurando o Peter. Não que ele não tivesse me ligado às sete da manhã. Segundo ele, o motivo da ligação foi que ele queria estar comigo de alguma maneira antes do próprio Sol. Foi romântico:

- Bom dia, minha flor. Espero que quando você abrir a janela e olhar pro Sol, você se lembre que antes dele, hoje, quem te disse bom dia fui eu. E que o brilho dele é uma pálida imagem comparado ao brilho que você deu aos meus olhos.

- Bom dia, guri - respondi ainda emocionada.

- Te vejo na Faculdade. Eu preciso dormir pelo menos uns cinco minutos. Fiquei a noite inteira esperando amanhecer para poder ligar pra você. Agora posso dormir um pouco.

- Mentira - respondi. Que adorável mentiroso você está me saindo.

- Jamais mentira pra você.

E eu então fiquei preocupada que ele realmente estivesse falando a verdade. Será? Acho que não. Acho que ele estava só brincando. Mas, a julgar pelos últimos dias, era bem provável que estivesse falando a verdade.

Mas, enfim, fui para a classe, já que a primeira aula era dele mesmo. Estava conversando com o pessoal quando o Peter entrou na sala. Quase morri de vergonha. E nem tinha motivo, pois ninguém sabia do que se tratava. Mas eu me traí.

Ele simplesmente entrou na sala, vestindo uma camiseta da seleção brasileira, com uma espanhola no lugar do símbolo da CBF e nove estrelas douradas sobre ela. Quando virou para colocar as coisas sobre

a mesa, fez isso propositalmente, bem devagar, para que todos lessem no verso, o número 9 e a palavra FELICIDADE escrita em cima dele.

Não preciso dizer que o começo da aula foi tomado pelas perguntas sobre a camisa dele. Ele sorria pra todos e dizia que era o centro avante da felicidade do mundo. E jogava pela equipe espanhola. A aula seguiu depois de um tempo, foi normal, dentro do possível pra mim. Ele olhava e sorria, acintosamente. Parece que queria que todos ali soubessem. No intervalo, como sempre, tomamos nosso café. Havíamos combinado ainda não tornar público na Faculdade, por questões lógicas. Mas a gente sabia que ia acabar vazando. Aos domingos, na Igreja, encontramos uma meia dúzia de alunos dali. Passeávamos de carro. O carro dele era conhecido e nós também. As pessoas veriam. Por ele, seria imediato. Ele até falou que conversaria com o Vice-Reitor Pedagógico e comunicaria o RH da Universidade para não ter nenhum tipo de problema. Eu achei prematuro e demais. Mas ele disse que, mesmo que durasse apenas uma semana, ele preferia não ter nenhum tipo de problemas com a Universidade. Tanto para mim quanto para ele. Principalmente para mim. E que ele teria que ser mais rigoroso ainda comigo e eu deveria estar preparada para isso.

Na noite anterior, uma das coisas que conversamos foi sobre a oportunidade que as pessoas têm de fazer a coisa certa em cada situação, mas por diversas razões ou circunstâncias, elas próprias criam barreiras e acabam deixando de fazer o certo para, sob a égide de *"um momento mais apropriado"* deixar escapar a hora certa. Isso porque, seja qual for o caso, o motivo ou o fato ocorrido, nenhum momento é mais apropriado para acertá-lo, explicá-lo ou justificá-lo do que quando ele ocorre. Por conta do medo e da insegurança que às vezes tomam conta das pessoas, elas acabam deixando que o armário da vida fique repletos de fantasmas. E quantas e quantas vezes, não logramos êxito em nos livrar-nos deles antes do fim de nossas vidas; quanto perdemos, quanto deixamos de viver por causa disso. E era por essa razão e essa fé, que ele jamais deixava alguma coisa para depois. Era na hora e pronto.

Durante o café daquela manhã, ele conversou com todo mundo, brincou mais do que o normal, mas não permitiu que eu saísse de

perto dele. Falou que conversaria com o pessoal da Universidade ainda naquele dia. Eu vi que não havia como demovê-lo e então concordei.

Quando voltamos do intervalo, tivemos com ele, a aula cujo professor ele substituía. Completamente diferente da parte da manhã, ele aproveitou a aula para falarmos dos trabalhos que estavam em andamento. Pediu licença aos alunos para informar que o trabalho que eu estava fazendo havia tomado corpo e vulto, por conta de estarmos tratando de uma pessoa da nossa cidade, da nossa comunidade, cuja família e amigos ainda residiam aqui. Traçou em poucas e pequenas palavras, uma síntese desse trabalho e abreviou o currículo desse personagem.

Ali na sala, com efeito, apenas uns poucos alunos ouviram falar dele. Desde que eu resolvi trocar de personagem, do Lech Valessa para Gilberto Américo Meirinho, alguns colegas de classe acabaram por perguntar quem era Gilberto Meirinho a seus pais e seus avós. Quando tratamos disso naquela aula, pudemos perceber a mesma coisa que já sabíamos. Alguns alunos disseram que acabaram sabendo que ele, entre outras coisas:

- 1) ARROMBOU O COFRE DA PREFEITURA
- 2) DERRUBOU MUROS E DESTRUIU CALÇADAS E OBRAS DOS CIDADÃOS DA CIDADE
- 3) QUE COBRAVA PARA FALAR COM OS HABITANTES
- 4) QUE DEU UM "GOLPE DE ESTADO" EM UM PREFEITO, AFASTANDO-O DA ADMINISTRAÇÃO
- 5) QUE TOMOU A PROPRIEDADE DE UMA EMPRESA E FEZ A PRAÇA TAMANDARÉ

Os alunos iam falando, iam comentando e o Peter anotando. Num determinado momento, ele falou pro pessoal:

- Acho que vocês precisam ir ao encontro da verdade. Eu poderia aqui, com a ajuda da Orquídea, falar pra vocês como as coisas aconteceram realmente e como elas repercutiram na vida da gente e da cidade. Por isso proponho convidar o ex-prefeito para um bate-papo com a gente aqui na classe. Amanhã, por conta do trabalho e da minha própria curiosidade, eu estarei com ele e farei o convite. O que vocês acham? Vocês, os futuros responsáveis pela qualidade da informação,

os próximos autores das matérias que manterão o cidadão bem informado, bem que poderiam iniciar essa prática com um exercício de busca da verdade. O que vocês acham?

Todos ali concordaram e de maneira unânime toparam a "entrevista coletiva" com o Gilberto Meirinho. Saí de lá muito contente. Não só pelo fato da homenagem que o Peter havia feito pra mim, ou pra nós, com aquela camiseta, mas porque consegui fazer com que o querido Meirinho tivesse a oportunidade de esclarecer aos jovens e futuros repórteres a verdade dos fatos e a sua própria versão dos fatos.

Saí da faculdade perto do meio-dia, como normalmente. Só que desta vez, quando eu estava caminhando para a saída, o celular tocou. Era o Peter. Atendi.

- Ei, menina linda, eu sei que o meu carro não é uma carruagem dourada que alcança o paraíso, onde é teu lugar, mas ele consegue levar a gente com conforto para casa. Posso te dar uma carona? Estou com saudades de você e vê-la assim, hoje, mais bela do que nunca, me deixou atordoado a manhã inteira.

- Ei, menino lindo, eu adoraria poder ir pra casa com você. Vou ligar pra mamãe e pedir pra ela pôr um prato a mais na mesa.

- Por que você não fala pra ela que a gente vai almoçar fora? Eu quero falar com você.

- Ok. Aviso pra ela então. A gente vai pra onde?

- Recanto da Sereia. Quero falar com você e olhar o mar. Você é a sereia que tem o mais belo e hipnótico canto e eu não tive a precaução de Ulisses. Meus argonautas não me amarraram ao mastro principal e então eu mergulhei no oceano de tuas promessas. O Recanto da Sereia é o teu palco e o meu paraíso.

- Combinado então. Estou ligando pra mamãe e espero você aqui na entrada do estacionamento.

Ele demorou uns quinze minutos e então fomos para o carro. Logo que saímos do estacionamento, ele pegou um pacotinho, embrulhado para presente, do banco detrás e me deu. Abri e o que eu vi? Uma camiseta da Seleção Brasileira, igualzinha a dele. Eu amei o presente. Queria vestir ali mesmo, mas preferi esperar e fazer uma surpresa pra ele. Dei um beijo no rosto dele e disse que adorei.

- Você já está apaixonada ou eu ainda terei muito trabalho?
- Você nunca saberá. Assim eu garanto esse cara especial para a vida toda.
- Nem perca teu sono com isso. Eu prometo que não será assim a vida toda.
- Não será? Perguntei espantada e surpresa.
- Não, não será. A cada dia eu espero estar mais apaixonado, estar mais preparado e mais dedicado a você.

Eu olhei pra ele com ternura. Uma onda enorme de carinho me invadiu e eu me vi totalmente envolvida por ele.

- Será que sempre teremos essa maravilha que você planejou?
- Claro que não. Uma relação de amor é como um jardim. Eu serei como aquele homem que passou o outono inteiro semeando e preparando seu jardim. Quando as flores se abriram na primavera e ele notou que algumas plantas nocivas que ele não havia plantado, estavam crescendo, ele foi lá e as arrancou. Infelizmente, o pólen dessas plantas já haviam se espalhado e mais plantas nocivas cresceram. Ele foi lá e as arrancou de novo. Desesperado, ele pediu a opinião de um especialista e esse disse que aquilo era como o casamento. Junto com as coisas boas, acabam sempre aparecendo algumas poucas inconveniências. O homem então perguntou o que deveria fazer. O jardineiro disse que nada podia ser feito para uma solução definitiva, esclarecendo que mesmo sendo plantas que ele não planejou ter, faziam parte do jardim. E o que ele aconselhava é que o homem cuidasse todos os dias para não permitir que as ervas daninhas acabassem crescendo mais que as belas flores. Só assim, o belo e bom estariam à frente do que causasse dano. Por isso, minha flor, mesmo que coisas que a gente não planejar acontecer fizerem parte do nosso jardim, caberá a nós arrancarmos o que não serve e seguir cultivando nossas belas flores.

Eu olhei de novo surpresa para aquele homem. Ele realmente estava fazendo minha vida ter sentido, me fazendo sentir segurança, sentindo-me querida e amada. Ele tinha conteúdo e dava valor a isso. Eu era uma sortuda. A única coisa que consegui falar foi:

- Tenha certeza de que vigiaremos juntos e essa tarefa será cumprida por nós, todos os dias de nossas vidas.

Ele sorriu e respondeu tranquilamente:

- Muitas vezes essa tarefa caberá a apenas um dos dois. O importante é que saibamos que quando formos inteligentes faremos isso juntos. Mas se um de nós dois ficar ignorante de repente, a missão do outro é cuidar do jardim e ajudar a tudo voltar ao normal. Sem submissão, sem se anular. Apenas por amor.

Estávamos na estrada, na direção do restaurante. Esse lugar era meio mágico, lindo. De frente para o mar, serviam os pratos mais incríveis. Eu tinha uma preferência particular pelos frutos do mar e ali são produzidos os melhores pratos da nossa região. Se há outro melhor no Brasil, eu não sei. Mas duvido. A decoração é agradável, o serviço impecável e tudo é maravilhoso.

Quando chegamos ao Recanto, pedimos uma mesa de frente para o mar, conforme o Peter tinha sugerido antes. Sentamo-nos e ele pediu as bebidas e preferimos saborear as entradas antes de pedir o nosso prato e conversarmos um pouco. Pedi licença a ele fui à toalete.

Fui rindo baixinho pelo caminho. Logo depois que entrei, abri a bolsa e comecei a transformação. Terminei e voltei para a mesa.

Conforme ia chegando perto dela, o Peter olhava mais assustado e mais surpreso. Levantou-se sorrindo, estendeu a mão e me recebeu com um beijo delicioso. Eu cheguei perto dele e observou cada detalhe. Eu estava vestindo a camiseta que ele acabara de me dar, estava com o cabelo preso de lado, no estilo de uma dançarina de flamenco e eu usava brincos de argola, gigantes, metálicos, que eu havia comprado há dias e estava esperando um momento adequado para usar. E de repente, sem querer, o dia chegou. Não foi pela manhã, mas acabou sendo no almoço. Eu era, enfim, a Espanhola da camiseta, da música e da vida dele.

- Você está magnífica, meu amor.

- Os brincos eu já queria ter usado hoje de manhã, mas aí, vi você e a camiseta e fiquei tão aturdida que nem lembrei deles. Só agora, que resolvi colocar a camiseta, decidi também ajeitar o cabelo e colocar os brincos que eu esperava usar para você.

- Os homens daqui estão todos olhando pra você.

- Que sorte a tua então - respondi com um ar de poderosa sedução.

- Que sorte a minha, então. Falou e beijou minha mão.

Ele pediu um prato maravilhoso, composto de lagosta, camarões, frutos do mar, cômgrão, purê de batatas, brócolis, muito bem montado sobre uma chapa de ferro que se mantém aquecida por um fogareiro colocado sob ela. Acompanha o prato dois tipos de arroz — o branco e o de alho — e o tradicional e delicioso pirão de peixe. O Peter pediu um Chateau Blanc du Blans — Sauvignon Blanc. Eu mesmo não entendia nada disso, mas acompanhei-o na conversa com o Maitre, que o elogiou bastante pela escolha, realçando o fato de que era amplo e elegante e bastante equilibrado.

Assim que fomos servidos, enquanto petiscávamos aquelas delícias que eles servem como entrada, o Peter começou a falar.

- Di, eu estive pensando muito nesse trabalho que estamos fazendo. Acho que não podemos deixar simplesmente como um trabalho escolar. Quanto mais a gente afunda nesse assunto, mais a gente descobre o quanto ele fez por esta cidade e o quanto foi combatido por isso. Nós passamos a vida tentando encontrar uma maneira de contribuir para a ética e a moral e transformar nosso país e de repente nos deparamos com uma possibilidade única. Trazer a verdade a este assunto.

- Eu também acho. Eu estou conhecendo esse homem e não acredito que alguém que tenha passado o que ele passou, que fez o que ele fez, possa ter maldade ou más intenções nos seus atos. Você percebeu que as histórias contadas sobre ele sempre vieram daquelas pessoas que perderam suas "*boquinhas*", seus "*esquemas*"? Ficaram muito tempo sem "*meter a mão*" no dinheiro da gente porque ele construiu, fez, brigou e mudou a cara daqui.

- É verdade. Aquele lance dos uniformes para os funcionários, da cozinha industrial, da alimentação dos funcionários, de ter colocado ordem nas construções, só isso já bastaria para ver que o ser humano é que impulsionava o administrador. Ele é um empreendedor, um realizador. E a gente pesquisou um monte de coisas. Não tem um escândalo que ele esteja metido. Não tem um superfaturamento, não tem um cambalacho. Só reclamam das coisas que ele fez e que no fim beneficiaram a cidade.

- Você tem razão. Ninguém até agora conseguiu falar de uma trama

que ele estivesse metido. Muitos municípios de Santa Catarina acabaram adotando as práticas e as ideias dele o que demonstra o valoroso conteúdo delas. Você lembra que foi ele o primeiro a dar material escolar pras crianças? Uniforme para os funcionários? Alimentação de qualidade?

- E não deixou que se fizesse "*o trem da alegria*" nos fornecimentos desses materiais. A corrupção é uma chaga aberta na humanidade há muito tempo, desde os imemoriais tempos das primeiras civilizações. No Brasil, desde o descobrimento temos visto isso acontecer. Governo após governo, temos visto agigantarem-se os corruptos, os criminosos, os deletérios e abjetos seres que enlameiam a raça humana, que são verdadeiros representantes do que há de mais nefasto e podre na alma humana. Quando encontramos alguém como o Meirinho, com sua história, temos à nossa disposição uma gama de exemplos que podem servir de alerta para a sociedade. De toda a história política do nosso país, este é o momento em que mais precisamos de bons exemplos, pois o que vemos por aí é uma realidade catastrófica. Estamos numa carruagem descontrolada, ladeira a baixo, cujo condutor nos abandonou à nossa própria sorte, pois tem lá seus planos de grandeza e de poder. Por onde olhamos, para onde nos viramos, qualquer que seja o lugar para onde tentemos ir, os tentáculos dessa extraordinária sujeira já alcançou as raias do inconcebível e já montaram seus esquemas destrutivos. E hoje em dia eles não correm mais o risco de deixar longe deles o controle da sujeira. Esse controle nos dias de hoje ocorre na sala ao lado do poder.

-Tudo por dinheiro, como diria o Sílvio Santos. Essa caterva faz tudo por dinheiro. E quando nos jogamos nos braços da justiça, esperando que nossas cortes punam exemplarmente essa bandalheira, nos frustramos profundamente vendo as acomodações que acontecem, as manobras que são articuladas. Por isso, hoje, quando você propôs que o Meirinho viesse até a faculdade para falar com os alunos, eu fiquei orgulhosa de você. Eu sei que você estava pensando na verdade e não em um exercício pedagógico ou em valorizar meu trabalho. Eu sei que você fez isso por ele, pela verdade dele e pela possibilidade de fazer despertar em nossa cidade a consciência política e a sensibilidade adormecida nesses tempos de anestésica reação à criminalidade. Amanhã, quando estivermos com ele, vamos mostrar nossos objetivos e eu sei, ele aceitará.

- Não. Não vamos mostrar pra ele o que queremos. Vamos apenas dizer que faz parte do teu trabalho e que o pinga-fogo será uma oportunidade para ele falar do trabalho dele. Apenas isso. Deixemos por conta do destino e da habilidade dele aproveitar a oportunidade. Não podemos lutar as lutas dele, mas podemos colocá-lo num cenário onde ele possa mostrar que está do lado do bem. E com isso, ajudar o povo a recuperar o juízo e poder fazer as comparações necessárias para se manter longe de maus políticos. O exemplo do Meirinho, com certeza acenderá muitas lâmpadas no senso de juízo dos nossos alunos.

- Durante muitos anos — continuou ele — a gente sabia onde estava o foco dessa sujeira toda. Os partidos iam dividindo o controle de diversas áreas e centravam suas negociatas onde faziam base de operações. Então quando havia desvio ou roubo descoberto em determinado lugar, a gente já sabia quem estava por trás. Mas hoje, isso ficou institucionalizado. É como se houvesse liberdade, incentivo e autorização para que saqueiem, roubem, desviem e pilhem tudo, desde que o "pedágio" seja pago. Hoje, inteligentemente, uma elite pensante, articulada e bem treinada amealha parceiros, sócios, cúmplices e comparsas em todos os partidos, em todas as siglas, em todas as ideologias e em todas as plataformas, para que o foco não esteja nítido. Espalhando-se como uma sombra escura, cobre gente de todos os lugares e os carrega para a facilidade da farra e assim, minimizam os efeitos dos danos que causam e mascaram a mão que tudo controla.

- Como assim? Perguntei.

Nos idos tempos, aliás, não muito distantes assim, menos de uma década, os partidos no poder montavam suas plataformas de desvios, enriquecimento e locupletação. Como estavam no poder, tinham a primazia do ataque, o direito ao butim e os outros tinham que se calar ou esperar a sua vez de ocupar o poder e ter direito ao pote de ouro. Nesta década, vimos uma inteligência articulada. De cada lote de falcatruas, desvios e pagas corruptivas, eles destinam um quinhão aos outros, mesmo fora do poder, trazem-nos para a operação, premiam com pequenas parcelas, registram tudo e guardam. Assim que um escândalo contra o poder instituído aparece, entram em cena os registros da participação daqueles que estão nas entranhas da

oposição, obrigando-os a se calar, ou perder muito tempo lambendo suas próprias feridas. Assim, dividir para governar, nos tempos modernos, não se trata de ser o centro e lotear o poder, mas sim, de dividir o saque para controlar os resultados negativos, se necessário.

- Nunca havia pensado nisso. Mas você tem razão sobre a questão do Meirinho vir a público sem que ele saiba exatamente o clima ou o que vai acontecer.

- Combinado então. Deixaremos o Meirinho dar sua versão sobre sua vida e vamos esperar que esse exemplo seja uma grande alerta para o futuro. Com certeza há, e vamos descobrir onde, homens e mulheres capazes de seguirem a cartilha da ética, da moralidade, da lisura, da honestidade e da honra, dirigindo os rumos do nosso país e garantindo a prosperidade de nosso povo. O importante é saber que mal está espalhado, está em todos os lugares e temos que definir pela personalidade e pela história dos nossos representantes para depois elegê-los.

Ficamos uns instantes sem ter o que falar. Tanto eu quanto ele queríamos falar de nós, mas acabamos ficando sem muita entrada, sem muito assunto. Então o Peter lembrou os sermões do Pe. Heitor. Falamos muito sobre a questão de olhar pra frente e estarmos sempre preparados para entender o que Deus nos reservava n futuro. Que muitas vezes a gente fica olhando pra trás na vida e perde o rumo. Minha mãe me diz sempre que a gente tem o péssimo hábito de olhar pra trás todas as vezes que chega a uma encruzilhada. Ela diz que ou a gente aprendeu alguma coisa no caminho que nos ajuda a decidir que direção tomar ou era melhor voltar tudo e refazer a caminhada desde a última encruzilhada.

- Tua mãe tem razão. Ou a gente aprende algo e pode usar nas escolhas que temos que fazer ou é melhor voltar e refazer o caminho. Mas na política é mais difícil. Às vezes nossos erros quando votamos causam tanto dano e tanta destruição que melhor mesmo é olhar pra frente, limpar a área e se reposicionar, colocando gente nova e ficha limpa para mais uma tentativa. Vamos aproveitar bem essa oportunidade e mostrar o tamanho do caráter e da moral do Meirinho para que eles tenham pelo menos um parâmetro para entender que sempre dá pra fazer coisa certa. Sempre há uma maneira de não sucumbir à corrupção.

O Peter me surpreendia mesmo, em tudo. Primeiro, achou graça e não entendeu o porquê da minha mudança de personagem no trabalho. Depois, ingressou no grupo de estudo por mera curiosidade e porque queria entender o processo mais de perto. De repente, foi só sentir a grandeza do momento e, sendo coerente com seus paradigmas, aproveitou a oportunidade que o destino oferecia para uma aplicação muito mais ampla do que havíamos planejado. Não se tratava mais de contar a história de um ex-prefeito, de um político duro, mas correto. Agora, para o Peter, era uma cruzada em defesa do bem e da ordem. Agora, o Meirinho seria uma das ferramentas que poderia ser usada contra o estado de coisas que vemos no País nos dias de hoje. Se o diabo foi pródigo em povoar nosso cenário político com tantos representantes, Deus não nos abandonou e ainda nos permitia exemplos de virtudes. A história do Meirinho, somada aos representantes das virtudes – poucos, é verdade – que ainda temos em nossas casas legislativas, seriam mais que um bom começo. O realce será tão gritante, as diferenças serão tão escancaradas que o povo, com certeza, começará a pensar. No curto prazo, talvez, fique difícil, pois a máquina é poderosa. Mas ao longo do tempo, a verdade triunfará.

– Peter, você se lembra que eu te contei que o Meirinho tem um sobrinho que ele tem certeza de que será seu sucessor político? Lembra que eu te disse que a esperança do velho urso é que um jovem guerreiro assumira seu lugar? Pois bem, exatamente sobre esse ponto que você tocou — sobre o triunfo da verdade — o sobrinho dele falou num dos discursos que fez em época de campanha. O próprio Meirinho me mostrou uma parte do discurso que fizeram. Era uma passagem da peça Rei Lear, do Shakespeare, que falava sobre a verdade oculta.

– Conheço bem. Foi a Cordélia que falou: "*O tempo há de revelar o que se esconde nas dobras da perfídia, aos que disfarçam sua peçonha, ele no fim, sempre expõe a vergonha*". Eu sei quem é o menino. Chama André. Eu dei espaço pra ele falar num dos lugares que frequento. Se você não me deixar esquecer, acho que ainda tenho um manifesto que ele fez sobre sustentabilidade para Balneário Camboriú.

De repente, ele parou. Ficou olhando pra mim longamente. Eu já começava a ficar sem jeito com aquele olhar que ia além de mim, me perpassava e mergulhava em minha intimidade. Eu já estava

incomodada com isso, sem saber o que fazer e pra onde olhar, quando ele falou.

- Eu estou realmente apaixonado por você. Durante muito tempo eu preferi relações superficiais, não me envolvi com nenhuma garota mais a sério. Apenas uma vez eu gostei de alguém, mas ficou pra trás. Eu estava com medo de me apaixonar por alguém tão mais jovem que eu — nossa diferença de idade é de quase quatorze anos — e enfim, quebrar a cara. Há muito tempo eu observo você, você sempre me atraiu. Mas a cada dia que passava eu percebia como você é diferente das meninas da tua idade. É madura, responsável, não é baladeira, não "fica" com os garotos, tem uma família tranquila, pessoas adoráveis mesmo. Tudo em você vale a pena. Este trabalho mostrou ainda que você é politizada e está atenta ao bem comum.

- Eu confesso que nunca havia visto você da maneira como o vejo nos últimos dias.

De onde você tirou a ideia de me pedir em namoro daquele jeito? E com músicas que, sinceramente, fizeram a história de algumas pessoas, mas bem distante da minha época. Não que eu não tenha gostado, pois mamãe ouve sempre essas canções e nos shows de televisão elas sempre são executadas, mas por que essas músicas pra mim? Por que você decidiu fazer assim?

- Ah... eu não tinha coragem de falar contigo tudo o que estava sentindo e querendo. Daí veio a ideia de utilizar a música como minha voz. Fiquei uma semana inteira ouvindo músicas. Haveria umas duzentas delas que poderiam fazer o mesmo papel e dizer o que essas que escolhi disseram. Mas acabei escolhendo as que, de alguma forma, eram mais claras, cuja mensagem não deixasse dúvidas. Parecia que cada vez que eu ouvia uma música para selecionar, havia uma palavra, uma frase que dava outra interpretação.

- Eu gostei da seleção e achei muito criativa a investida. Um dia, quando perguntarem como foi que começamos a namorar, como foi que fui pedida em namoro, eu posso dizer, sem estar mentindo que você levou o Caetano Veloso, o Fábio Junior, a Sandra de Sá, e um monte de artistas e que você não falou nada e ainda por cima o Vinicius de Moraes declamou pra mim. Eles fizeram tudo, pediram por você e eu aceitei.

- Você tem que dizer que a maior parte desse trabalho foi feita pelo Fábio Junior, que mostrou que a gente era alma gêmea, que perguntou se você queria ser a minha namorada e que mostrou toda minha felicidade.

- Ahahaha... continua criativo. Eu estou adorando isso em você.

Nesse momento chegou o nosso prato e então almoçamos com apetite, pois a fome já era enorme. Passamos uns bons momentos ali e no caminho de volta, retomamos a nossa conversa sobre o Meirinho.

- Temos que avisar pra ele que a garotada vai pegar pesado e vai fundo nas questões dúbias. Ele tem que estar preparado para o que vier — falei genuinamente preocupada.

- Eu não tenho essa preocupação. Ele nadou no mar infestado de tubarões e saiu-se muito bem. Tu achas que ele sucumbiria a essa gurizada?

- É, você tem razão. Eles não são páreo para ele. Espero que ele consiga mostrar o lado dele com toda a serenidade.

O Peter me deixou em casa perto das quatro da tarde e minha mãe percebeu toda minha mudança. Ela percebeu e me deu os parabéns pela escolha. Tratei de subir e ajeitar as coisas para o dia seguinte. Como toda segunda-feira, ao anoitecer, eu fui pra academia malhar e, ao contrário da minha índole retraída, eu estava com uma enorme vontade de contar as novidades para minhas amigas. Pensando bem, eu fiz uma revisão e percebi que nesses dias todos eu negligenciei todas as amigas que tinha, que eram poucas, é verdade, mas eram muito legais. Então, já que o Peter ia mesmo falar hoje à tarde com o pessoal da Faculdade, eu quis honrar o compromisso que tinha assumido. Peguei o celular e liguei para todas as amigas que considero muito e dei a notícia. Elas vibraram. Apenas a Thalita não se conformou. Ela era a única que sabia do interesse do Ivens e falou que eu estava louca deixando um gato como o Ivens para ficar com o Peter. Eu tentei explicar, mas ela não entendeu. Então deixei pra lá.

Depois que conversei com a Thalita, eu pensei que seria de bom alvitre e uma questão de respeito também, ligar para o Ivens e contar que amanhã estaríamos na casa do Meirinho e convidá-lo a ir junto, já que o trabalho assim o exigia. Eu o convidaria na esperança de que ele tivesse compromissos que o impedissem de ir. Eu queria estar sozinha com o Peter lá.

Liguei para o Ivens e contei tudo o que aconteceu desde a missa de domingo. Disse que o procuramos e que não o encontramos. Ele me disse que estava lá, mas não quis nos incomodar. Ele viu que estávamos de mãos dadas e achou melhor deixar-nos à vontade. Ele falou aquilo na esperança de que eu dissesse alguma coisa que explicasse que não era o que ele viu. Eu apenas disse:

- É, nós estamos namorando.

- Desde quando? Perguntou ele.

- Desde domingo. Aconteceu.

- Você gostaria de conversar comigo sobre isso? Eu não tive chances de falar com você ou dizer o que estava sentindo. A gente estava indo tão bem, eu pensei que houvesse algo entre nós.

- É melhor não falarmos nisso. O que passou, passou. Você estava na Igreja, ouviu o sermão e deve lembrar que a gente tem que olhar pra frente para perceber o que Deus destinou de bom para nós. Não vale a pena olhar pra trás.

- Eu ainda ficarei à espera de uma oportunidade - falou de uma forma bem incisiva.

- Quanto à nossa visita ao Meirinho amanhã, o que você acha? Quer ir com a gente? Perguntei ansiando pela resposta.

- Irei sim. Pode me esperar. Eu te apanho aí, como da última vez às três horas. Completamente decepcionada e um pouco preocupada pelo tom que ele usou, eu falei depois de alguns segundos:

- Não, não passe aqui. Encontre a gente lá. O Peter vem almoçar comigo e depois iremos pra lá - falei isso mesmo não tendo combinado o almoço com o Peter, mas já sabendo que seria necessário. Por mim, para estar perto dele e para que o Ivens entendesse que eu assumi mesmo o relacionamento.

- Estou com saudades da comida da tua mãe. Perdi você e o almoço dela no último domingo - ele falou.

- Ivens, por favor. Não vamos complicar as coisas. Amanhã lá no escritório do Meirinho. Um beijo e até amanhã.

Desliguei o telefone e não pude deixar de ver minhas duas queridas

flores. Minha violeta e minha orquídea. Lembrei da história que o Peter contou no almoço. Limpei cuidadosamente toda a terra do vaso, borrifei água fresca em ambas e conversei com as duas. Falei que elas eram como irmãs, que me foram presenteadas por dois homens especiais para mim. Com um deles eu estava descobrindo o amor e com o outro, a vida honrada.

- O Peter, falei para a orquídea, fará com que eu desabroche como você. O Meirinho, falei para a violeta, fará com que eu redescubra a força da vida, assim como você.

- Amanhã — falei para ambas, que estavam no meu colo — eles conversarão bastante. Com ambos eu sei que vou aprender muito, crescer, amadurecer e entender o propósito de estar viva e a responsabilidade de produzir algo sólido para a posteridade. Um me contará a história e o outro me ensinará a transmiti-la.

CAPÍTULO XIV

SEGUNDA ENTREVISTA

Na manhã da terça-feira, quando cheguei à faculdade, encontrei com o Peter na porta do Prédio. Na noite anterior, por telefone, ele havia contado como foi a conversa com o Pessoal da Faculdade, da administração e da coordenação. Segundo ele, a conversa foi "punk". O pessoal, apesar de mente aberta, alertou para todos os problemas, todos os "enguiços" e principalmente para o fato de que qualquer medida mais severa ou nota baixa que ele desse em provas ou trabalhos para os outros alunos, sempre comparariam com as minhas notas e sempre diriam que eu sabia dos temas, das matérias e das perguntas. Ele não se abalou e afirmou que mudaria sua metodologia para que as avaliações fossem feitas através de trabalhos e dinâmicas de grupo, de debates e discussões. Assim, a transparência seria absoluta e em nada interferiria na qualidade do curso.

Com muita relutância, eles entenderam. Não havia na terça-feira aula com o Peter, mas ele estava na porta do Prédio me esperando. Logo que eu cheguei, ele me deu um beijo nos lábios, um "selinho", e ao ver minha reação, riu divertidamente. Lembrou-me que não havia mais por que esconder. Eu concordei.

O dia transcorreu normalmente, fomos juntos pra casa e no caminho comentei o ocorrido com o Ivens. Preferi não falar por telefone e então falei tudo exatamente como foi. Ele então se posicionou:

- É compreensível a reação dele. Só espero que ele agora entenda como as coisas estão. Para o nosso bem e para o bem dele.

Foi a única observação que fez.

Chegamos ao escritório do Sr. Gilberto Meirinho na hora marcada e não vimos o Ivens. Ou ele ainda não havia chegado ou pensou melhor e decidiu não ir, pelo menos naquele dia.

Fomos recebidos com toda a elegância e alegria que era peculiar àquele homem. A caixa de bombons já estava aberta, quando apresentei o

Peter para o Sr. Meirinho. Ficava meio estranho apresentá-lo como meu professor e meu namorado, então preferi omitir essa segunda "função" do Peter. Passou apenas como meu professor, até que uma oportunidade de contar a outra faceta da nossa relação aparecesse.

- Então meu jovem, você é o responsável pela Orquídea se interessar por minha vida?

- Não, Sr. Meirinho, na verdade, ela é a responsável por eu me interessar pela sua vida. Ou melhor, ela é responsável por uma classe inteira de futuros jornalistas se interessarem pela sua vida.

- Como é isso, meu jovem? Conte-me como é isso.

O Peter então aproveitou o ensejo para falar pro Sr. Meirinho sobre as dúvidas e a necessidade que os alunos tiveram de poder conhecê-lo e tirar essas questões todas a limpo. O Peter, que não sabia em que pé andavam nossas conversas e nossas entrevistas, sem saber o que era assunto de lá de casa e o que já havia sido tratado com ele, acabou falando do cofre, dos muros, das cercas, da Praça Tamandaré, do impeachment, etc.

O Sr. Meirinho havia recostado o corpo na cadeira de espaldar alto que usava e prestou atenção em cada palavra que o Peter falou. Quando o Peter fez, enfim o convite, ele falou:

- Que bom, meu filho, que esta oportunidade surgiu. Então você pode marcar que eu irei. Pode ser nesta quinta-feira, já que é nosso dia de falar sobre minha vida, que eu estarei lá. E levarei material e todas as informações disponíveis para colocar às claras essas questões todas. Fica assim, então. Estarei lá. Diga a hora que estarei lá.

Combinamos para que fosse às oito da manhã e que daquela hora até o meio-dia ou um pouco mais, se necessário, ele poderia conversar com todo mundo, informar e esclarecer todas as dúvidas. Enfim, colocaríamos em pratos limpos tudo isso.

- E agora, para hoje, o que a Srta. Orquídea pretende?

- Primeiro agradecer sinceramente por tudo quanto o Senhor tem feito por mim, pela oportunidade que está me dando de aparecer aqui, de poder conhecer a vida e a obra de alguém tão especial e ainda por cima, poder ser a responsável pelo aparecimento da verdade em temas tão polêmicos.

- Não seja por isso. A Senhorita fez por merecer a minha confiança.
- Em segundo lugar, fiquei muito emocionada com as palavras do bilhete que o senhor mandou juntamente com o whisky pro papai e a violeta para mim. Vim aqui, pessoalmente, hoje, para dizer que enquanto eu viver, haverá violetas em minha janela.
- Como tudo em minha vida, o que está feito, está feito. E para o nosso trabalho, quais as diretrizes de hoje?
- Já que o Senhor vai falar com os alunos sobre os temas mais polêmicos, que tal hoje o senhor contar algumas histórias mais pessoais, coisas que passaram com o Senhor e que merecem destaque. É verdade que o senhor era amigo do Jango, que ele veio aqui para a região e o Senhor almoçou com ele?
- É verdade sim, minha filha. O senhor Adolfo Fischer, cliente da agência INCO, era um hoteleiro que acabara de construir um hotel no final da praia. Ele ia sempre à agência com sua lambreta. Certo dia veio falar que estava hospedando no seu hotel, um grande político, uma grande autoridade com toda a sua família: esposa, dois filhos, uma secretária e alguns assessores. Tratava-se do Dr. João Goulart. Seu Fischer convidou-me para conhecê-lo. Fiquei meio na dúvida, pois ele era do PTB e eu da UDN. Talvez ele não fosse simpático a mim — pensei. O Fischer esclareceu que eu seria apresentado como o gerente de banco e não como vereador da UDN. O Fischer tanto insistiu que aceitei o convite. Num final de tarde fui visitá-lo e ele me apresentou o Dr. João Goulart, sua família e seus assessores. Tive uma recepção agradabilíssima. O Dr. Jango convidou-me para entrar na sala - eu entrei. Convidou-me para sentar à mesa com eles - eu sentei. Sobre essa mesa estava posta uma garrafa de cachaça com alguns copos, daqueles específicos para pinga. Cachaça da boa, de primeira. Amarelinha como o mel. Ele me ofereceu a bebida — eu aceitei — evidentemente, não faria cerimônia. Nem ao Dr. Jango e muito menos à pinguinha — falou rindo.
- A mesa estava alegre, com piadas e informações políticas. Todos riam muito, estavam bem à vontade. O assunto geral, virava e mexia, era o da campanha presidencial, da qual o Dr. Jango era candidato a vice-presidente numa das chapas. Ele concorria com o General Teixeira Lot, porém meu candidato era seu concorrente, Jânio Quadros. Ele falava

muito na sua ânsia em vencer, pois seria o mais novo vice-presidente da História do Brasil.

- Como assim, perguntei. Se ele substituiu o Jânio Quadros e era vice, como ele concorria contra o Jânio?

- Naquele tempo as candidaturas de cabeça de chapa e vice, eram desvinculadas e os candidatos corriam independentes. Podia-se votar num candidato para presidente e no vice do outro. Os votos valorizavam as pessoas. E apesar de meu candidato ser o Jânio, acabei simpaticizando com o Jango, que era vice do outro.

Assim, nossas relações foram aumentando e melhorando a cada dia, assim como foram aumentando as rodas de aperitivos com aquela pinguinha especial. Nós nos encontramos muitas vezes depois dessa oportunidade.

- Ele morou aqui? Vinha muito aqui então ou era o Senhor que ia a Brasília? Quis saber o Peter.

- O futuro presidente João Goulart tinha uma particularidade que me chamava a atenção. Ele olhava para as pessoas de lado, de esguelha, como uma pessoa desconfiada. Ele não encarava as pessoas diretamente, olho no olho. Mas era bom de papo, excelente carisma e muito popular. Cheguei ir à cidade de Luís Alves comprar pinga envelhecida para presenteá-lo. Ele gostou tanto daqui que construiu uma casa na nossa praia e um campo de pouso, onde é hoje o final da 5ª avenida, para pousar seu avião. E depois disso estivemos outras vezes juntos.

- O senhor alguma vez aproveitou essa proximidade para conseguir algum benefício — perguntou o Peter. Eu quase mergulhei na poltrona de tanta vergonha. Isso era pergunta que se fizesse? Mas eu comecei a ver que ali estava um repórter fazendo o seu papel e um homem duro e sério, pronto para qualquer enfrentamento, por mais embaraçoso que fosse.

- Pelo contrário, meu jovem. Eu nunca pedi nada a esse homem, que eu considerava um bom amigo. Pelo contrário. Numa dessas reuniões ele me disse: *"O senhor é funcionário do banco do velho 'colono' e eu gostaria que o senhor, fosse intermediário de um convite meu para ter um encontro com ele. Posso mandar o meu secretário com o senhor para marcar o local e condições"*. Comprometi-me em procurar o

"*velho colono*" e viabilizar esse encontro. No dia seguinte liguei para o Dr. Eduardo Santos Lins (o Pimpa) e narrei-lhe a pretensão do Dr. João Goulart. Pimpa se encarregou de falar com o senhor Irineu Bornhausen, Diretor Geral do Banco. No outro dia, Pimpa

me ligou e disse que eu poderia ir com o secretário do Dr. Jango à sua residência em Cabeçudas, que o Senador Irineu Bornhausen iria recebê-lo. Seria então para sábado às dez horas. Às nove horas passei no Hotel Fischer, apanhei o secretário com o meu carro, um DKW que eu tinha na época. Peguei o secretário e fomos para a casa do Pimpa em Cabeçudas. Ao chegar à sua casa, fomos informados que o senhor Pimpa, estava na praia e que iriam chamá-lo. A governanta da casa nos serviu whisky enquanto esperávamos.

- Então o homem marcou um compromisso e na hora de atender vocês foi pra praia? Já me adiantei, surpresa.

- Acho que ele já estava lá desde a manhã, não sei. Logo em seguida o Pimpa chegou e ligou para o Senador Irineu, que também morava em Cabeçudas. Como o senador demorava a chegar, Pimpa voltou a ligar. Não ouvimos a conversa, pois o telefone ficava em outro cômodo da casa. Só sei que Pimpa veio com a informação de que o Senador havia viajado às pressas, fora de programação, por um assunto muito importante e não poderia nos atender naquele dia, como combinado. Fiquei imensamente desapontado. Conversamos mais um pouco e voltamos para o Hotel Fischer. Chegamos ao Hotel, apresentamos o relatório que não foi interessante para ninguém. Desmotivado eu queria ir embora, mas incentivado pelo doutor João Goulart, que insistentemente me convidou para ficar e saborear uma feijoada, acabei ficando. Fiquei por ali mais algum tempo, mas a tarde não foi boa para mim por causa da frustração do encontro com o Senador. Não gosto de estar em compromissos que não se realizam. Não gosto de assumir e não honrar. Era um assunto do banco, eu era o gerente, o responsável pelos negócios. Naquele instante nada havia de político no encontro. Era essencialmente comercial.

- Isso abalou a confiança do Jango no senhor ou passou batido? Perguntou o Peter novamente.

- Não. Abalar não abalou. Mas não sou homem de aceitar situações como aquela. Passei então a diminuir as visitas e quase não fui mais ao encontro com o doutor Jango. Deveria haver uma razão para o

encontro não ter acontecido. E como nada me informaram, nada me falaram, eu fiquei na minha, não toquei no assunto e também não mais me expus.

O senhor sendo o gerente do Banco não reclamou com ninguém, não postulou a tremenda desfeita com ninguém no Banco?

Como eu disse, fiquei totalmente na minha, esperando qualquer informação ou justificativa. Mas, toda moeda tem dois lados. Veio a eleição e o Senador Irineu perdeu aqui no Estado. João Goulart venceu a eleição nacional e tornou-se Vice-Presidente do Brasil. Jango passou o processo eleitoral, a apuração dos votos aqui em Camboriú e sua vitória foi comemorada aqui no hotel Fischer. O Vice fez uma grande festa no hotel. Ele mandou me convidar, mandou me chamar e fui lá cumprimentá-lo. Eu estava feliz, pois meu candidato Jânio Quadros também havia vencido. Passado algum tempo, Jânio renunciou e o Jango assumiu a Presidência da República. Tempos depois, um alto funcionário do banco veio me procurar na agência e me perguntou se eu ainda tinha amizade com "aquele" secretário do João Goulart. Respondi que depois daquele desencontro com o Senador e ter passado a vergonha que passei, havia me afastado dele. Perguntei a razão do interesse e ele me respondeu que o "nosso Banco" (O INCO) tinha 13 agências para serem instaladas e esta autorização depende da SUMOC — você sabe — não sabe? Perguntou-me no repique o alto funcionário do banco. Sim, claro, respondi para ele, já imaginando onde ele queria chegar, pois naquela época as agências de um banco precisavam de carta-patente que era emitida por um órgão do governo chamado SUMOC. A SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito) foi a autoridade monetária anterior a criação do BACEN - Banco Central do Brasil — órgão fiscalizador dos bancos, que por sua vez, façamos justiça nasceu basicamente com funcionários do Banco do Brasil.

Então ele me perguntou, indo um pouco mais adiante na conversa:

-Agora me diga: você sabe quem é o novo presidente da SUMOC?

- Não. Respondi mesmo sabendo quem era, claro...

- Então caia para trás — disse-me ele — é o tal secretário do Jango que você levou na casa do Pimpa. Por isso estou aqui.

- Porque ele é o novo presidente da SUMOC, com certeza, os processos

das agências estão a cargo dele. E então, o banco precisa de uma reunião com ele para discutir o assunto? Perguntei meio que na sacanagem.

Ele respondeu que a decisão não era política, mas técnica. E tecnicamente o banco estava perfeitamente embasado na documentação. Apenas queria abreviar o tempo de análise. Uma reunião para mostrar a importância da abertura daquelas agências e coisa e tal.

Então eu disse para esse funcionário:

- Que pena, hoje nem pinga eu bebo mais, que dirá falar com ele! De mais a mais, ele deve ser um homem muito ocupado. Capaz de a gente ir lá falar com ele e ele tenha precisado viajar de última hora... será uma viagem perdida. Lamento, mas nem falo mais com eles. Não posso mesmo ajudar. Se ainda eles tivessem algum negócio com o banco, mas até essa oportunidade perdemos. Acho que teremos que esperar o desenrolar normal dos fatos.

O Peter, segurando uma risadinha marota, perguntou o que aconteceu depois disso.

- Ele foi embora sem saber o que fazer. Ele sabia que não tinha argumentos. Mas os negócios do Banco iam tão bem que tivemos que abrir um escritório na Praia. Naquela época a Praia ainda não comportava uma agência. Esse escritório ficava na Avenida Central, onde funcionou, anos mais tarde, a "Casa da Sogra". Quanto às treze agências, acho que foram todas abertas. Devagar, uma a uma, mas foram todas abertas. Primeiro porque o banco era um importante veículo de prosperidade onde quer que se instalasse e segundo porque o Dr. Irineu sempre fui um homem destinado ao sucesso.

que fim deu o Banco INCO? Perguntei tentando parecer uma repórter.

O Banco Inco que foi um grande banco catarinense, foi vendido ao Bradesco. E a senhora sabe de uma coisa? Eu não fui vendido junto porque havia me demitido dois anos antes para ser pescador — pescador — não sementeiro.

Pescador? Eu vi nas suas informações que o Senhor foi o fundador da FEMEPE. Essa empresa é uma das maiores do Brasil e contribui fortemente para geração de empregos e renda em nossa região. Foi para isso que o Senhor saiu do Banco? Continuou o Peter.

- Quando eu dizia para minha mulher que não queria morrer bancário - e olha que nessa função passei momentos felizes, de progresso, de conceito e mordomia - a minha mulher dizia: "*claro que não vais morrer bancário, porque pela lógica vais te aposentar antes. Vais morrer é aposentado mesmo*", sempre ironizando minha ansiedade e vontade de mudanças. Aí eu a corrigia: Quero dizer, não vou nem me aposentar bancário e ela me respondia: "*onde é que vais conseguir melhor colocação que esta?*" Não sei! Eu respondia. Mas existe sim e vou dar de cara com ela mais cedo ou mais tarde.

Mas o senhor estava desencantado com o banco ou com a sua profissão?

- Não, pelo contrário! Por eu me achar realizado é que me dava essa reação: tinha que fazer alguma coisa nova. Tinha que encontrar um novo desafio. Tinha que ver a vida sob uma perspectiva diferente. Na vida, em síntese, temos que ir realizando coisas até nos esgotarmos, esse é o meu ponto de vista. Eu não queria mudar de profissão, eu queria inventar outra coisa pra fazer, um novo desafio mesmo. No fundo, eu queria mesmo é agir sem a zona de conforto debaixo dos meus pés. Eu buscava uma oportunidade de ultrapassar algum limite e testar minha capacidade de realizar. Era muito elogiado no banco, todos os empresários com quem fazia negócios respeitavam minha postura e admiravam a maneira como eu conduzia os negócios. Mas no fundo mesmo, eu achava aquilo tudo comezinho, um palco onde era fácil representar o papel de alguém de sucesso. Mas as regras estavam todas lá. Os limites também. Eu queria poder ir além disso e vencer por conta da minha capacidade de enxergar além do horizonte. Minha cabeça ficava o tempo todo desdobrando acontecimentos, produzindo situações alternativas para o futuro, como se eu vivesse num tabuleiro de xadrez. O trabalho no banco me permitiu criar muitas ferramentas, aproveitar as oportunidades, desenvolver sistemas e operações rentáveis para o banco, ao mesmo tempo em que serviam de alavanca de desenvolvimento. Quando eu agia assim, eu visualizava a perspectiva do cliente, como ele poderia progredir com o apoio e em que momento o investimento do banco retornaria em segurança sem obstruir o caminho da prosperidade do meu cliente. Eu pensava nos funcionários desse cliente, na empresa dele, no mercado em que ele atuava, nos clientes desses clientes. Mas era pouco pra mim. Eu queria algo que realmente me motivasse e me desafiasse mais.

- Então o senhor é inconstante?

-Acho que não. Não sou inconstante, nem irresponsável, porque sempre procurei com zelo e com capricho tocar todos os negócios que assumo. Certo dia, um amigo lá de São Francisco me disse: "*Você gosta de pescar, não gosta? Demais - respondi*". "*Pois bem - disse ele - Lá em Joinville tem um senhor que tem um barco que é uma beleza. Ele serve para a pesca de traineira (rede de cerco) com uma tripulação de quatro pessoas e quer vendê-lo. Se você der uma olhada nele, vai adorar*"

Aí eu disse: mas quem falou que eu quero comprar barco?

"Não, eu tenho uma proposta - continuou o meu amigo - eu comprarei contigo em sociedade. Você pode usá-lo para as suas pescas submarinas eu administro a produção comercial."

Quando eu vi o barco, gostei muito e vi que também não iria usá-lo com muita frequência pra pesca submarina. Ficaria mais tempo em serviço do que à minha disposição. Como provavelmente o próprio barco se pagaria, eu preferi a sociedade no negócio em si, na produção e na operação comercial, mas estava consciente que pelo valor dele, nós teríamos que tirar dele uma produção relativamente alta.

Compramos o barco. Não custou pouco. Alegria de comprar e a desilusão de possuir. A tripulação era muito ruim, só incomodou e deu muito prejuízo. Falei com o meu sócio sugerindo vendê-lo e ele concordou porque também concordava comigo. Ele se encarregou de negociá-lo. Vendemos para a cidade de Santos, para um senhor que era conhecido do meu sócio. Nunca recebi um tostão da minha parte na venda. Não foi pequeno o prejuízo, mas dei graças a Deus por me ver livre daquele negócio. Por causa desse mau negócio, peguei raiva até de meu hobby que era a pesca.

- E onde começa a história da FEMEPE?

- Não se apresse. Já me propus a lhe contar toda essa história. Aquele meu ex-sócio no barquinho que acabei de falar, tinha um barco de pesca em Itajaí, embora morando em São Francisco do Sul. Ele é de família franciscuense e tinha toda a sua economia lá. Interessante citar que os negócios com o barco dele iam muito bem. A "*nossa*" era uma embarcação de 24 metros que pescava em alto mar desde o Rio Grande até o Rio de Janeiro. E apesar de termos fracassado no

negócio anterior, nos aproximamos muito, até familiarmente, quando me convidou para ser padrinho de seu primeiro filho. Nesse dia ele voltou a insistir que devêssemos construir um barco em sociedade. Falou que em Itajaí haviam chegado dois espanhóis que montaram um grande estaleiro e que estavam disponíveis.

Perguntei se ele estava louco, depois da surra que levamos e o prejuízo que tivemos, para me convidar para contratar a construção de outro barco. Para eu aceitar uma proposta dessas – só seu eu estivesse louco também – não é mesmo? Porém ele garantia que não era a mesma coisa. O que nós tínhamos era um barquinho e agora ele me propunha uma embarcação de grande custo, mas que tem todo esse mar para pescar. Eu disse pra ele:

- Vamos combinar uma coisa: vamos ser compadres, bons amigos, mas jamais parceiros na pesca. De pesca, sempre que me convidar. Mas NA pesca, não mais.

Certo dia, num sábado, ainda em São Francisco, meu sogro estava me visitando e saímos os dois para um chope no famoso Bar Hass (aquele do alemão, o Leopoldo) quando chegou esse meu ex-sócio, que já conhecia meu sogro, lhe disse: *"Seu Zé, estou convidando o seu genro para um negócio muito bom e ele não quer nem que eu fale"*, e aí lhe contou toda a proposta que vinha me fazendo. Meu sogro dirigiu-se a mim e disse: *"Eu sei que estás assustado com assunto de barco, mas você é inteligente, pare um pouquinho para analisar"*. Retruquei alegando que não iria por tudo o que tenho, para naufragar no mar com as minhas economias. Quem vai sofrer é a sua filha e seus netos.

E continuando eu disse:

- Não, não — vamos tomar mais um chope para ir embora e ninguém me fale mais nem de barco nem pescaria. Já nem pesco mais mesmo!

Passado uns dias, o meu insistente amigo foi no banco convidar-me para irmos a Itajaí e vistoriar o estaleiro, os espanhóis e o projeto que eles se propuseram executar. Quando cheguei, vi, gostei, mas não me demovi. Certo dia fui convidado pela minha comadre para um almoço de aniversário em sua casa de Praia em Ubatuba. Enquanto a família desceu à praia, ficamos conversando e o assunto acabou entrando na importação do motor que naquele tempo só poderia ser importado por ordem do Banco do Brasil, a CACEX (Carteira de Comércio Exterior). Era

um motor Caterpillar. Eu me dispus a apresentá-lo ao Paulo Bornhausen, diretor do Banco do Brasil. Fomos ao Rio de Janeiro, na sede do Banco. Lá, Paulo Bornhausen nos encaminhou à sua assessoria, a quem apresentamos todas as vantagens da importação, a necessidade dela, os empregos gerados, o tipo de operação que seria feita e tudo o mais que a área técnica exigiu saber. Eles enxergaram a viabilidade e nos prometeram liberar a importação, depois de cumpridas mais algumas formalidades. Ida e volta de conversa, comecei a sentir que a coisa até que valia a pena. Principalmente que, para provar pro Banco do Brasil a viabilidade econômico-financeira do projeto, eu pude tomar conhecimento de muitos dados que desconhecia, a capacidade produtiva, o ciclo de produção, o custo e o faturamento esperado. Tudo isso, na minha cabeça, foi tomando forma e eu pude enxergar claramente a dimensão do negócio, quando tratado em escala. Minha mente já criou o cenário não artesanal do negócio.

Por coincidência nessa época o proprietário de um posto de gasolina na cidade me procurou e propôs com certa insistência, a compra de um posto de gasolina que eu tinha em sociedade. A proposta era boa, haja vista que eu não havia faturado valores mais expressivos como bombeiro. Além do mais, minha política de crédito aplicada no banco, não tinha os mesmos resultados no varejo e acabei amargando um pequeno prejuízo. Então, seria recompensado pelo resultado da venda. Fechei negócio!

Esse meu compadre acabou me desafiando com uma frase:

- É, Meirinho... até que para quem gosta de desafios, você não está muito disposto a inovar.

Aquilo mexeu comigo profundamente. A partir daí, quem já estava maduro por aquele negócio do barco era eu. Voltamos a Itajaí, fechamos contrato em sociedade e marcamos o início da construção do barco. Minha vida nada mudou, mas a minha preocupação mudou muito. Comecei a apurar o que tinha de reserva, principalmente na área imobiliária, porque sabia que iria precisar muito de dinheiro. Planejei o meu fundo de caixa, elaborei um plano de contingência criando um fundo de reserva e estabeleci os limites nos quais eu operaria a nova empreitada.

Quando o dito barco estava quase pronto para a prova de mar, minha preocupação aumentou ainda mais. Agora vinha a parte de

acabamento e equipamento do barco. Só a rede custa uma fortuna. Quando me lembrava que no pequeno barquinho tinha só quatro tripulantes e já era uma barra pesada, imagina agora que seriam vinte e quatro tripulantes. Imagine o tamanho da minha preocupação. Cheguei então ao dilema de Hamlet: *"to be or no to be"*. Mas como a besteira estava feita e era séria, envolvia quase todas as economias da minha vida, o jeito foi encarar o desafio de ser ou não ser um pescador de fato. Revisei meu fundo de contingência e fui até o limite máximo do risco de capital. Fiquei perigosamente na linha do limite aceitável e parti para a finalização do projeto.

Parti do principio de que o olho do dono é que engorda o gado, nessa fase aguda. Após semanas e semanas de preocupação que eu evitava transferir para a minha mulher, resolvi tomar a decisão. Se eu dissesse para qualquer pessoa normal que iria deixar o banco para ser pescador, qualquer um me chamaria de louco. Quando contei para o meu irmão o que estava fazendo e que deixaria a gerência do banco, ele pôs as mãos na cabeça e pediu para que eu não fizesse aquilo.

Desci a Itajaí e procurei o departamento pessoal do Banco, com o meu grande amigo Ari Garcia e disse: Senhor Ari Garcia, vim lhe comunicar que vou deixar o Banco para ser pescador. *"Estás louco?"* Disse-me ele espantado - *"Não é verdade. Conte-me: aconteceu alguma coisa na tua agência?"* Não — está bem de clientes, de funcionários e de depósito - garanti a ele. Até venho lhe pedir para mandar para lá, o mais breve possível, um substituto e um inspetor que eu quero entregar sem qualquer preocupação ou dúvida. Mas eu precisava dessa liberdade de ação e também do dinheiro da indenização.

O Banco levou mais ou menos uns longos 30 dias me enrolando. Até mandou um inspetor meu amigo para minha agência, que passou uma semana tentando me demover da asneira que eu estava fazendo. Ao final dessa semana, almoçamos juntos e voltamos para o banco e iniciamos o processo de desligamento. Senti-me como um padre que abandona a batina.

Iniciei a mudança e a transferência para uma casa que eu tinha em Balneário Camboriú. Como eu era amigo de Nadico, filho de senhor Truppel que tinha um escritório de despachante marítimo em Itajaí e São Francisco, consegui com ele, alugar um imóvel. O escritório deles aqui estava fechado por falecimento do senhor Truppel. Então aluguei

a casa e fiquei com um dos seus antigos funcionários e comecei a organizar ali a sede da minha nova empresa.

Meu sócio que já tinha um barco, me propôs a inclusão desse em nossa sociedade. Depois de muitas conversações, contas e ajustes, eu aceitei. Daí já tinha ultrapassado a linha de contingência e minha obrigação era fazer tudo dar certo. Iniciamos então com dois barcos e por consideração de que ele já havia começado a sua frota com o nome de Ferreira, concordamos que assim continuasse, mas que o nome da Empresa fosse FEMEPE. Era então a Ferreira Meirinho.

- Foi na caruda mesmo, sem apoio externo, sem financiamentos, sem apoio do governo que vocês fizeram isso? Não havia incentivos ou financiamentos subsidiados na época? Peter estava realmente atento a tudo.

- Naquela época o governo havia criado um estímulo para a pesca. Esse era feito por intermédio da SUDEPE e eu e meu sócio decidimos não entrar nessa. Nessa altura e graças a quase dezoito horas de trabalho por dia, já estávamos com o quarto barco, um pequeno frigorífico, um entreposto com trapiche na beira-rio em Itajaí e mais um estaleiro na Barra do Rio, para reparo e construção de barcos. O nosso ponto de vista não era coincidente com os dos demais empresários que vinham de fora estimulados pelo incentivo fiscal. Achávamos que devíamos continuar pequenos, mas com nossos próprios recursos. Nessa época já estávamos na construção do quinto barco, o FERREIRA V.

Analisamos da seguinte forma: porque largar o rabo do peixe, tirar as nossas botas, colocar sapato e gravata para percorremos os corredores da SUDEPE e escorregar na casca de banana para vermos despachadas parcelas do nosso financiamento? Iludidos, alguns empresários, por inexperiência, outros por ingenuidade e outros por esperteza, partiram para a absorção daqueles incentivos, tornando a ser esmoleres de verbas daquele órgão que até hoje não disse para que veio. Nós não aderimos e aquela empresa que nasceu de forma despreziosa, a FEMEPE, é hoje uma das maiores empresas de pesca da América do Sul.

- O sucesso é sua marca pessoal? Perguntou o Peter.

- Meu filho, no início, a minha passagem nessa área não foi de flores, nem de mar de almirante. Não tinha horário de trabalho. Era de

manhã à noite, com sol ou com chuva. Eu tinha que atender os barcos. Fazíamos rodízio, eu e o meu sócio, nas idas, principalmente para o Rio Grande do Sul, Santos ou Rio de Janeiro para atendermos a pesca ou a descarga dos barcos. No Rio Grande do Sul onde era efetuado o maior período de pescaria, especialmente da tainha e da enchova, nós ficávamos mais tempo. Cheguei a ficar por lá até mais de dois meses direto. E no período da safra, que às vezes era bom, às vezes era ruim, eu tinha que estar lá e atender mais ou menos 60 a 70 homens que, pescassem ou não pescassem, precisavam ser atendidos. Ainda tinha os barcos que deveriam ser abastecidos e reequipados e ainda, atender as famílias dos pescadores que cá ficavam. Muitas vezes, tinha até que pagar pelo mau comportamento deles. Nós éramos seus patrões e às vezes fazíamos o papel de protetores. Na cidade de Rio Grande onde era a sede dos barcos, nós nos hospedávamos no Hotel Charrua, principal hotel da cidade. Pela manhã quando descíamos, os porteiros que já conheciam o comportamento dos tripulantes dos barcos antecipavam: *"A procura de dinheiro hoje vai ser grande pelo movimento que apareceu na portaria!"* Outras vezes nos diziam: *"Pelo movimento da sua tripulação lá fora, o senhor vai ter problemas de assistência médica"* Isso era uma constante. Quando não era esse problema de saúde, eram problemas com a polícia e, muitas vezes, tivemos até que pagar despesa deles em bordéis.

- Bordéis? E as famílias? As esposas?

- As suas esposas ligavam reclamando mais recursos, pois seus esposos não teriam feito as remessas. Era um verdadeiro inferninho, você não acha?

- E como o senhor, um homem de negócios, de grandes relacionamentos, de história de poder e influência, acostumado a mordomias, se adaptou a um ambiente desses? Perguntei.

- Muito simples: ou aceitava ou desistia. Eu tinha optado por esse negócio. E te digo minha filha, como pescador eu me saí muito bem. É claro que me tornei um homem mais rude, fiquei mais estúpido e grosseiro, mas gostei. Prova que a nossa empresa estava crescendo sempre e construía um barco por ano. Compramos um terreno na Rua República Argentina, da família do Doutor Liberato, de frente para o rio, onde construimos um trapiche de atracação dos barcos. Construí um prédio de dois andares para o escritório, frigorífico e almoxarifado.

Compramos um terreno na Barra do Rio do senhor Bento Dauer e construímos ali em estaleiro e uma oficina de reparos. Também adquirimos dois caminhões frigoríficos para o transporte do peixe.

- O que o Senhor acha que o difere de outros empresários, de outros políticos, ou seja, de outras pessoas, que fizeram coisas parecidas e não conseguiram tanto sucesso?

- Não sou diferente não. Sou igual a todos. Exceto nas implantações de meus negócios, onde sou extremamente dedicado. Minha mulher chega a dizer que sou um aventureiro, porém realizador, mas que depois do empreendimento concluído não gosto de dar sequência às minhas obras. Até certo ponto ela tem razão. Não gostaria de dizer que sou um pioneiro, mas é quase isso.

- Seria por acaso um semeador? Um semeador de negócios, de oportunidades? Perguntei romanticamente.

- Pode ser, minha filha. Pode ser. Eu creio firmemente que nossa história tenha que ser escrita de forma a trazer benefícios. Qual o sentido de passar pela vida sem ter tentado ter filhos, sem ter plantado uma árvore, sem ter escrito um livro? Eu sei que plantei muitas árvores pela vida e o livro, quem sabe, não seja esse que você está produzindo e que poderá colocar um pouco do que fiz, vi e vivi? Um empreendedor é um semeador. Um sonhador ou idealista é um semeador. Mas a qualidade dele como tal, depende essencialmente da qualidade das sementes que espalha pela terra.

O Peter parou as anotações e olhando para o Sr. Meirinho disse:

- Eu sei bem como é esse espírito empreendedor. A grande aventura está na construção até o sucesso. Depois, quando tudo é uma questão de manutenção, o sangue ferve, quer mais, quer outro desafio, quer coisas novas. Somente construindo, produzindo, empreendendo, essas pessoas encontram a felicidade e a alegria. É muito difícil entender e conviver com pessoas assim. A maioria das pessoas à volta dos que têm sucesso, querem se agarrar aos frutos e às vezes esquecem-se da árvore. Meu pai era assim. Sempre inovando, sempre criando, ganhando e perdendo, mas fazendo. A vida era uma quando um projeto dele estava implantado e outra quando ele começava algo novo. A energia em casa flutuava na medida em que ele iniciava uma nova aventura. Quando ele abraçava um novo desafio, a cabeça

dele ficava o dia inteiro nos detalhes, nos mínimos detalhes. Ele se antecipava aos problemas, ele tinha os passos seguintes todos sob controle. Vejo que o senhor é assim. Como é sua família? Sofreram muito com o Senhor?

-Aminha família também não entende bem essa coisa do empreendedor em mim e também não assimila a minha postura. Como diz aquele apresentador "*eu não sou louco*" mas gosto sempre de inventar coisas novas. Lógico que sempre com muita responsabilidade, razão porque a minha mulher me apoia e confia em mim. Mas com certeza, a incerteza do processo os abala, pois se contrapõe à necessidade de segurança e domínio da zona de conforto que precisam para ter paz. Eu, para ter paz, preciso perder essa zona de conforto e me desafiar.

- Mas hoje o senhor não é mais dono da FEMEPE. Como isso aconteceu? E por que aconteceu? Perguntei, vivamente interessada.

- Isso tem muito a ver com a minha volta à política. Foi um desafio se sucedendo a outro. Eu me encontrava na cidade de Rio Grande administrando na ocasião três barcos, já para mais de um mês e pouco, quando minha mulher telefonou-me com insistência, dizendo que já não aguentava mais as constantes procuras e telefonemas dos meus amigos políticos de Balneário Camboriú. Perguntei o que eles queriam e ela me respondeu que estávamos na véspera de decisão de indicação de prefeito e pediam que eu viesse para decidir o que fazer. E ela já emendou: "*Quero que você venha, mas diante dessa situação, prefiro que você fique aí mais alguns meses*". Cada vez que ela telefonava, repetia a mesma história: "*Já estou ficando preocupada, a insistência é grande. Deixo aos teus cuidados o que fazer, mas por mim, nada mais de política, por favor.*"

- Diga-lhes que eu não quero mais nada com política, nem sei onde fica a prefeitura. Sei que a administração é péssima, mas porque eu? Serei o salvador do mundo? Eles que resolvam; quem pariu o Mateus que o embale. Disse a ela exatamente assim, com essas palavras. Ela, coitada, permanentemente agoniada, me pedia pelo amor de Deus para que eu não me metesse em política outra vez. Na última ligação sobre o assunto, minha mulher me disse "*Continuam cada vez mais insistentes. Não estou aguentando tanta encheção aqui em casa.*"

Resolvi que tinha que fazer alguma coisa e pus o meu sócio a par do assunto e pedi para que ele fosse me substituir lá no Rio Grande do Sul.

São situações que são criadas sem que nós tivéssemos participação, mas que acabamos sendo envolvidos e tínhamos que dar uma solução com dignidade.

-Já era a decisão de concorrer à Prefeitura?

- Não, não, pelo amor de Deus, nunca cogitei isso. Estava sendo envolvido sem qualquer pretensão. De repente me elegeram um líder que eu não era, nem por ação, nem por presença. Fizemos uma reunião, lhes informei que não havia de minha parte nenhum interesse em concorrer a qualquer cargo eletivo, principalmente por não conviver com a vida política da cidade. Eu conhecia bem o comportamento do administrador da época. Sabia por informação que ele era, digamos assim, meio acomodado e que apenas vinha cumprindo tempo para a aposentadoria (era funcionário público) e que o resto, "*o tempo acertaria*". Palavras do próprio ex-prefeito, Sr. Pedro, que me atrevo aqui a reproduzir.

Propus aos meus companheiros que procurassem alguém com disposição para concorrer. Sugerimos o nome do Dr. Cleones Bastos, que era secretário de estado, muito inteligente e que ajudara muito a esta cidade, com verbas do Estado, em administrações anteriores. Sugerimos também o nome de Avelino Alvarez, proprietário de uma empresa de terraplanagem que vinha prestando grande serviço aqui. Sugeri o nome de Moacir Noveleto, engenheiro que era funcionário do Estado. Eram todos do partido da oposição, mas se queriam alguém que administrasse com responsabilidade, seriedade e honestidade, esses eram excelentes nomes. Eu tinha que ser rápido, pois o trabalho na empresa me reclamava e também porque eu não era político e não tinha nenhuma ambição política. E eu julgava que aqueles nomes apresentados estavam muito mais adequados ao mandamos que me empurravam.

- E como foi que se passou essa transformação do senhor não querendo, acabar sendo; e o senhor sendo, sem poder ser, se elegendo? Perguntei meio confusa, mas eu realmente queria que ele chegasse a esse ponto.

- Mal eu sabia que aquela vinda para Balneário Camboriú seria a minha condenação em ser prefeito dessa cidade e que meus companheiros já sabiam disso. Já fui proclamado candidato pelo meu diretório, a ARENA I e ARENA II, antes da convenção. Independentemente de

toda minha argumentação, aquele circo já estava armado. Já haviam decidido pelo meu nome, mas como me conheciam bem, sabiam que não bastava apenas me informar disso. Eu tinha que ser convencido. Principalmente depois da decepção que passei como vereador.

- Mas ao final eles conseguiram. Qual o argumento vencedor deles?

- Reagi contra eles, mas não resolveu. Minha mulher quando soube o que estava acontecendo, também caiu em desespero e eu disse: *"que coisa mais boba, Balneário Camboriú hoje como Município se encontra numa situação política mais fanática que seu município de origem, Camboriú!"* E olha, era isso mesmo! Senti que era uma preocupação dos que me cercavam, que queriam mudar aquele estado de incompetência e os meus adversários mais fanáticos ainda lutavam para manter aquela posição de liderança e domínio que vinham exercendo. Situação nada diferente de Camboriú: muitas brigas, fofocas, calúnias. Ai você vai se envolvendo e mesmo olhando por outro ângulo, ou seja, por capricho ou por raiva, não quer deixar o poder.

Infelizmente, admito, isso aconteceu comigo também. Acabei me igualando com eles. O chamado foi forte, toda aquela gente falando meu nome, dando-me valor e importância, acreditando que eu podia fazer a diferença. O argumento que *"matou"* minha resistência foi a frase dita por um correligionário, já falecido. Ele olhou pra mim quando eu perguntei por que meu nome naquela situação e ele me disse com muita singularidade: *"A gente acredita que você vai entrar nessa com as mãos limpas e sair dessa com elas e a consciência mais limpa ainda"*

Aquilo me tocou profundamente. Liguei pra casa e simplesmente falei pra minha mulher que não havia conseguido escapar. Meus brios estavam em jogo. Falei pra ela que agora que eu estava na chuva, tinha que me molhar, não dava mais para desistir.

- E o que ela falou?

- Só me disse que Deus olhasse por mim. Desligou o telefone e eu achei que ela estivesse chorando.

- E a empresa?

- Meu sócio ficou no Rio Grande e eu permaneci aqui e sem anunciar

que indiretamente eu já estava envolvido na política partidária, naturalmente. Ele não gostou, como eu também não gostaria se isso acontecesse com ele. Mas seja o que Deus quiser - pensei comigo - vamos em frente! Veio a convocação. Fui indicado e a minha candidatura aceita sem a menor oposição na minha ala. Pelo contrário, muito pelo contrário.

- E as perspectivas junto ao eleitorado. Quais eram? Naquele tempo não havia as pesquisas de intenção de votos e os candidatos tinham que colocar o radar pra funcionar e os resultados, no mais das vezes eram pura surpresa. Como foi para o Senhor?

- A situação também indicou seu candidato. Já existia o MDB, porém menos expressivo, que não lançou candidato a prefeito. Mesmo assim elegeram dois vereadores. Como candidato, eu fui classificado como o mais fraco. Por isso já absorvi desde logo para mim, como símbolo de campanha, a figura da zebra e o chapéu de palha. Eu fiz a campanha na maior parte do tempo sozinho. À tarde, quando vinha de Itajaí, mais ou menos às seis horas da tarde, já vinha visitando todos aqueles moradores da divisa de Itajaí para o centro. Fiz quase todo o Bairro das Nações, sozinho. Quando meus companheiros, candidatos a vereador da minha ala descobriram, se aborreceram e enciumados, começaram a reclamar a minha presença com eles. Então nos dividimos em grupo para atendermos às diversas regiões do município, e para que eles pudessem me acompanhar.

- Mas e o povo, como estava reagindo? O senhor sentiu a vitória nas ruas ou foi uma surpresa nas urnas?

- Fui feliz na campanha, pois comecei a receber um número grande de adesões do pessoal da outra ala. Por infelicidade minha, me elegi. Dias antes da votação, eu andava pelas ruas e sentia o povo perto de mim. Eu podia ver os sorrisos. Aquilo me indicava que a energia das mudanças estava se espalhando. Eu ia pra casa e minha cabeça já estava fervilhando de ideias. Eu ia vendo tudo o que estava errado e que eu tinha a obrigação de consertar. Nas andanças da campanha, eu fazia poucas promessas para o povo. Eu as fazia pra mim mesmo. Eu dizia: "*vou consertar isso, vou arrumar aquilo, vou acabar com essa situação, vou resolver esse problema*" e assim por diante. Enquanto eu andava pela cidade e o povo ia mostrando sua confiança eu ia assumindo meus compromissos silenciosos com eles. Só comentava

desses compromissos pessoais que eu guardava na mente e no coração com minha mulher. Eu fazia um exercício de memória para ir repassando sempre todas as situações que tinham que ser mudadas.

- Teve algum momento, durante a campanha, que tenha sido determinante para sua vontade vencer?

- Muitos. De cara porque já não gosto de perder. Depois porque quando eu resolvo fazer alguma coisa, eu coloco tudo nas peneiras.

- Peneiras? — perguntei curiosíssima.

- É. As três peneiras. A primeira é a da VERDADE. Tudo o que ouço ou falo, eu passo por essa peneira. Depois, coloco no filtro da BONDADE e por último o da UTILIDADE. Ao fazer a campanha, eu não utilizei a estratégia de atacar o inimigo ou o adversário simplesmente porque eu não sabia se tudo o que tinha chegado a te mim era mesmo VERDADE. Então não ataquei ninguém. Mas falei apenas a verdade a eles. A minha verdade, as coisas que eu acreditava. Durante todo o tempo que passei com as pessoas, com o povo, em campanha, eu olhava pra eles e buscava o que eles estavam sentindo, o que almejavam, o que queriam. Então, eu os via com os olhos da BONDADE. Ou seja, se o poder viesse para minhas mãos, eu daria a todos o que fosse bom para eles, dentro do possível. A luta seria minha, mas a vitória seria deles. E por último, se eu não fosse útil ao povo, também não seria útil a mim mesmo. Eu então me empurrava pela peneira da UTILIDADE, olhando e prestando atenção a tudo que era necessário fazer para ter uma gestão útil.

- E quando veio a vitória, o que o senhor pensou?

- Ah... Aí veio a reflexão: que besteira que fiz. Acovardei-me ao ponto de não acompanhar, nem participar com meus companheiros da festa da vitória no dia da eleição. Só mais tarde, na diplomação, é que participei das festividades com os companheiros, junto com a "zebra". Como não tinha uma zebra original, transformamos um cavalinho branco, que era do meu filho, numa zebra. Trabalho de arte do meu saudoso companheiro Sílvio que era um grande artista. Mesmo depois dessa festividade, eu não me achava conformado. Estava naquela posição de "*não sei se caso ou se compro uma bicicleta*", sabe?

Peter, ainda muito compenetrado, perguntou:

- Então, podemos perceber que pela primeira vez o senhor estava em dúvida sobre o que fazer. Isso não é natural em pessoas com o seu perfil. Tem alguma explicação?

- Nunca tive dúvidas sobre as posições que tomei na minha vida, mas dessa vez eu 'balancei'. Confesso que por diversas vezes pensei em desistir e só não o fiz por vergonha. Como não tinha mais retorno, procurei o meu sócio, contei-lhe a história, pedi-lhe desculpas e disse-lhe que as minhas cotas da empresa ficavam à sua disposição. Dias depois, transferei a minha parte para ele. E a partir daí, com raiva, passei a aceitar a situação de quem iria governar um município. O prefeito de então, que já era acomodado, ao perder as eleições, parou de vez. Não que não fosse um bom homem, longe disso. Mas suas aptidões naturais não conseguiram vencer o poder constituído. Mas o fato de ter parado de vez com a administração do município, fazendo apenas o essencial, já me deu sinais de que os problemas não só permaneceriam vivos, como também estavam se acumulando.

- De onde veio esse medo?

- Do que eu vi e percebi na campanha e dos compromissos que assumi comigo mesmo que levaria a cabo. Quando repassei mentalmente toda a loucura que vi, todo o desequilíbrio de forças, toda a especulação, os arranjos, a situação geral, eu cheguei à conclusão de que eu prometi a mim mesmo fazer muito mais do que, em sã consciência seria possível. Era muita coisa pra arrumar e não dava pra fazer uma coisa de cada vez. Eu tinha que passar por aquele período como um rolo compressor.

- Ou um caminhão com para-choques de trilhos de trem — brincou o Peter.

O Meirinho só olhou e sorriu, dando mais dúvidas do que certezas sobre aquele episódio das cercas.

- Parece que o primeiro desafio foi a luta contra a indolência e a irresponsabilidade do Poder Público perdedor, algo muito comum ainda nos dias de hoje, comentei.

- A coisa ficou num abandono tão grande, ao ponto dos funcionários da Prefeitura virem me informar que uma empresa havia pedido à justiça a busca e apreensão de uma patrôla que a prefeitura havia adquirido deles, que eram revendedores da Caterpillar em Blumenau, por falta

de pagamento. Mesmo sem ter tomado posse, chamei um empregado daqueles da minha confiança e mandei recolher a máquina para um recanto da garagem. Ordenei que passasse uma corrente grossa, dois cadeados e recomendei que redobrassem a vigilância da portaria da garagem e não deixasse entrar nenhum estranho. Veja só a senhora, a irresponsabilidade daqueles homens que se diziam administradores dessa cidade. Era de assustar. O resto nem preciso enumerar. - Esse foi o começo de minha mais arrojada aventura. E o descaso era tanto, que mesmo não sendo eu ainda o Prefeito empossado, ninguém na Prefeitura impediu ou mudou a ordem que eu dei?

- E ficou por aí? Como terminou esta história? Insisti.

- Pra resolver a situação de vez, eu mandei um recado para o pessoal da empresa para que esperassem a minha posse, porque assim que eu assumisse, as coisas seriam acertadas. Mandei avisar que eu precisava de uns dias para tomar conhecimento de tudo. Já me conheciam, eu era cliente deles e então ficou mais tranquilo.

- Por falar nisso, como foi a posse?

- Então, houve a transmissão na Prefeitura. Nesse ato, o prefeito atual passa para o seu sucessor o cargo de Prefeito e o novo, então, é oficialmente empossado, certo? Isso num ato oficial, transcrito em ata. A transferência da gestão e do poder já vinha sendo executada por assessores e pelos futuros secretários. Eu nunca tinha entrado naquela prefeitura. Nunca tive sequer a curiosidade de conhecê-la. Terminada cerimônia, que foi rápida e o protocolo nem foi cumprido à risca, tamanha era a resistência da oposição que o povo se afastou depressa, foi embora e ficaram apenas os funcionários de carreira, os contratados e os principais secretários, que já começaram a preparar os ofícios e nomeações. Meu vice nesse instante chegou para mim, que ainda nem estava sentado na cadeira de Prefeito, em pé em frente à mesa e me disse: "*Qual é a minha sala?*". Lembro bem que eu lhe disse delicadamente: Você se sinta provisoriamente na cabeceira desta mesa aqui e fica aqui despachando comigo, até que acalme esse movimento todo e nós possamos resolver esse problema. Eu, menos que você, conheço essas instalações. Você já esteve aqui diversas vezes, eu entrei aqui hoje, pela primeira vez. Nem sei onde fica cada coisa aqui. Daqui a pouco a gente resolve isso. Com calma.

- Qual a reação?

- Olha, para mim já foi a primeira decepção: meu vice saiu e quando eu deixei a prefeitura mais tarde, me veio a informação de que ele havia saído naquele dia e que não retornaria porque eu não havia cedido uma sala para ele. Mais tarde fui informado que a dita sala do vice-prefeito sequer existia. Mas essa ação do meu vice, provocou um rompimento.

- Parou por aí?

- Um pouco depois acabei descobrindo que assim que meu vice saiu da sala, ele foi interpelado e lhe disseram todos os absurdos do mundo, que ele era o Vice-Prefeito e não poderia deixar isso em branco. Foram os mesmos que correram espalhar a notícia entre os funcionários e avisaram outras pessoas fora da Prefeitura de que o novo Prefeito tinha sofrido a sua primeira baixa.

- Como o Senhor reagiu a isso?

- Diante disso e para me prevenir, chamei o futuro Secretário de Administração e determinei que me apresentasse uma relação de funcionários da prefeitura. Dei posse aos secretários e aos dos cargos de segundo escalão. Determinei que fosse levantado o patrimônio da prefeitura, principalmente máquinas, veículos e móveis. Determinei ao Secretário da Fazenda que me aprontasse um balanço financeiro. Não havia informações disponíveis, tudo era difícil de se saber, de se conhecer. Ficamos dias rodando em círculos tentando descobrir onde estavam os dados sobre isso, sobre aquilo, coisas do tipo. Aparentemente ninguém sabia direito como funcionava o conjunto. Sabiam alguma coisa do que faziam e olhe lá. Os mais experientes e comprometidos, graças a Deus, cerraram fileiras conosco e nos deram um apoio e um suporte crucial para os levantamentos que eu pedi. Mas a qualidade da informação era mais que sofrível. Não se encontrava nada que pudesse nortear um trabalho dirigido.

- Por acaso era a filosofia da Terra Arrasada dos romanos, na Prefeitura? Perguntou o Peter.

- Quase, quase isso. Mas acho que até último momento a oposição achava mesmo que iria vencer e por isso, não se preocupou muito com a possibilidade de me deixar sem condições de governabilidade. Foi mais acidental do que intencional. Foi mais um resultado do estilo impregnado nos últimos anos na Prefeitura do que uma orquestrada

armadilha administrativa. Foi por isso também que eu venci a eleição. Muita gente conhecia meu estilo de administrar empresas e conduzir negócios. O que eu herdei, naquele instante, foi um descalabro administrativo e a bagunça generalizada. Não tinha bomba de efeito retardado plantada pra explodir durante a minha gestão. Não havia, efetivamente maldade na situação, penso cá com meus botões, ou prefiro pensar assim. Eram apenas os reflexos de uma administração caótica e despreparada. O Ghislandi era um excelente orador, uni grande catedrático, um professor extraordinário, criou a Secretaria de Turismo. Era uma pessoa agradável, íntegra. Mas, perdeu-se em meio assessores incompetentes, e por conta dos compromissos políticos que assumiu, teve que aguentar gente de todo tipo na Prefeitura. Ele deixou o caos pra mim, por culpa dos próprios assessores e dos seus colaboradores mais próximos. Eu, ao contrário, devolvi a ele uma prefeitura equilibrada social e financeiramente. E uni prédio novo, que só faltava terminar.

O senhor perdeu a eleição seguinte, quando tentava colocar seu sucessor. Consegue avaliar por quê?

Difícil precisar com exatidão esse ponto. Mas a soma de diversos fatores. A perda do meu pequeno engraxate diminuiu e muito meu ânimo geral. A teimosia e o jogo baixo e sujo, que ia frontalmente contra os interesses do povo e esse povo, de certa forma, consumiu a lenda ao invés da verdade e aceitou que o que acontecia naquele momento não teria um impacto fantástico no futuro, como vocês podem ver. Uma campanha difamatória, uma ação sibilina, subterrânea e muito dinheiro jogado na campanha adversária contribuíram para a perda da eleição. Temos que lembrar que muitos interesses, mas muitos interesses mesmo foram atrapalhados pelas minhas ações. Tudo se resumiu a conduzir uma parte da população, como gado, na direção do atendimento desses interesses. Até alguns dos funcionários que foram premiados com as melhorias no ambiente e nas condições de trabalho votaram contra nossa administração. Isso também porque em minha administração eu dava, mas exigia. Eles tinham que produzir mais, trabalhar mais, justificar o salário e contribuir para o bem estar da população. Na minha administração, a Prefeitura funcionava como uma bem azeitada empresa e isso significava que a tradição do serviço público havia sido rompida.

Vendo que o nosso entrevistado mostrava sinais de tristeza e mágoa, o inteligente Peter mudou de assunto estrategicamente.

- Mudando um pouco de assunto, e a famosa patrola acorrentada?

- No dia seguinte à posse, ao chegar à Prefeitura, me aparece um funcionário da empresa vendedora da máquina, com o Oficial de Justiça e de longe, uma daquelas duas velhas raposas que falei, observava tudo. Tenho certeza que estava torcendo para que levassem a patrola que foi comprada em prestações, das quais não haviam pagado nenhuma. Como eu já era cliente daquela empresa, como disse, pois comprava dela motores e peças para os barcos, e já tinha mandado aquele aviso antes de assumir, tentei contornar. O funcionário lamentou o que vinha acontecendo, mas como se tratava de assunto que eu era o ordenador primário, ele levaria ao conhecimento da direção da empresa tudo o que eu havia falado e me retornaria. Telefonou-me mais tarde dizendo que retiraria da justiça aquela ação e renovaria o prazo desde que eu, pessoa física, assumisse a responsabilidade dos pagamentos das parcelas. Assim foi feito e por incrível que pareça, as duas primeiras parcelas foram pagas de meu bolso. Eu soube depois que aquela raposa ficou furiosa com o Oficial de Justiça que não retirou o equipamento de lá. Soube também que havia, na garagem onde a patrola estava "acorrentada", o fotógrafo de um jornal, que prefiro declinar o nome, esperando a remoção para fotografar. Até a matéria sobre o fato já estava pronta. Deram com os burros n'água.

- Tem uma situação muito peculiar no início de sua gestão com relação aos funcionários da Prefeitura. Eu li num dos artigos de jornal, que o Senhor demitiu uma quantidade expressiva de funcionários logo que assumiu. Inclusive gente que tinha votado no Senhor. Como foi isso?

- Nesse dia da visita do pessoal da empresa, o segundo dia da minha gestão, o diretor de administração me apresentou a relação de funcionários. Tinha mais gente lotada fora da prefeitura que na ativa. Tinha funcionários em disponibilidade no fórum, na delegacia e em diversos outros órgãos do Estado; tinha funcionário fazendo curso fora da cidade, outros à disposição em Florianópolis e até em Curitiba. Todos pagos por nós. Não havia um funcionário sequer nessas condições que estivesse em licença não remunerada, era um verdadeiro carnaval. Mandeí convocar a todos e, alguns sim, foram demitidos. Os que

demiti, demiti com critério. Muito critério. Por sinal com o Fórum, tive um pequeno mal-estar, o que me levou a ir ao Tribunal de Justiça com o Juiz da época, para justificar a minha ação. Por aí, meus amigos, vejam a situação que eu criei com aquele órgão e também com o Governo do Estado. Paguei caro, mas não me arrependi! Era uma das promessas feitas a mim mesmo durante as andanças da campanha que eu acabaria com todos os excessos de gastos.

- E o resto da máquina pública, como estava?

- Escutem essa. Foi-me apresentado em seguida, pelo Secretario de Obras, um relatório sobre aquele departamento que tratava das máquinas, veículos e motores. Palavras finais desse relatório: *"Senhor prefeito, nas condições em que se encontram a frota e as instalações, recomendo que sejam todos disponibilizados e leiloados como ferro velho. Considero tão precária a situação que junto estou lhe entregando minha carta de demissão"*.

- Como é que funcionava antes? Perguntei-lhe. Ao que ele me respondeu:

- Segundo fui informado, na época de temporada vinham caminhões de Itajaí, Brusque e até Blumenau. O Município de Balneário Camboriú antes de minha gestão, vivia de caridade - que vergonha! Uma cidade com tamanho potencial, se acomodar e ficar dependendo de seus vizinhos e realmente obrigado a se subordinar a essas lideranças, permitindo ficar vulneráveis a barganhas. Um município jovem, muito jovem e já com seu patrimônio deteriorado, destruído.

- A questão das terras já era um problema? Perguntou Peter, olhando para o relógio de pulso, talvez avaliando tempo e o encaminhamento das questões.

- Como naquela época havia uma corrida para a implantação de loteamentos, qualquer terreno mais expressivo virava pedido de regularização. Por lei, nesses loteamentos, era obrigado a ser disponibilizado para o município certo percentual de lotes para as benfeitorias públicas, como praças, jardins, áreas comuns, preservação, etc. Porém, nada encontramos dessas terras remanescentes nos pedidos aprovados e até em alguns novos ali pendentes de solução. Começamos então uma cruzada contra a ocupação desregrada desse solo e começamos a exigir a parte pública. Comecei a ganhar os

primeiros inimigos poderosos aí. Outra promessa de campanha feita a mim mesmo e a que mais dor de cabeça me deu. Toda aquela área, que pertencia ao município e por via de consequência ao municípe, não existia, tinha sido apropriada pela ganância. Devolver ao povo o que lhe pertencia era uma obrigação minha. As crianças terem suas praças para as brincadeiras, para os passeios e para a preservação da nossa bela natureza era uma imagem viva em minha mente. Não só isso, mas áreas estratégicas para a construção de postos de saúde, de escolas ou creches — que já era uma ideia minha que tive muita dificuldade em implementar. Aliás, nem consegui. Isso virou realidade muito depois de mim. Seria a Prefeitura a serviço da comunidade. A ideia da creche nasceu porque eu via muitas de nossas funcionárias tendo problemas com a conciliação do trabalho com seus filhos pequenos. As pessoas trabalham por necessidade e as crianças merecem o respeito e o respaldo do governo. Naquele tempo essa prática era embrionária nos municípios brasileiros, mas já despontavam aqui e ali movimentos para implantá-las. Em São Paulo as indústrias de tecelagem foram as pioneiras. Desde 1943, a CLT já previa as famosas salas de amamentação mas, na década de 70, os movimentos da mulher trabalhadora se acirraram e outras leis também vigoravam nesse período em que os movimentos sociais e as lutas feministas reivindicavam creche para a mulher : a Portaria n21, de 15/1/1969 e a Portaria n21 de 6/1/1971, baixadas pelo Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho/DNSHT meio que iniciaram o processo de regularização.

- O seu mandato começou em 1973 e os movimentos para implantação de creches no país eram, de certa forma, bem recentes. O senhor, além de tudo, era um homem bem informado e moderno, diferente dos padrões de políticos da época. Houve algum movimento ou situação que o levasse a tentar colocar uma creche aqui?

- Foi a criação da Creche Francesca Zácaro, mais precisamente em 1972, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, identificada como a primeira creche de universidade federal. Isso num período marcado pelo acirramento profundo das contradições na sociedade brasileira em consequência do advento da ditadura militar. Eu acompanhei aquela luta—porque foi uma luta mesmo— e me solidarizei com o movimento.

- Mudando novamente de assunto, os seus opositores o acusaram de ter doado terras públicas, da prefeitura, para órgãos públicos. Disseram que o Senhor adquiria terras e as repassa para ter ganhos políticos. Isso é verdade ou mais uma invencionice?

- Nesse tempo, a Prefeitura devia valores expressivos para a Celesc e para a Casan. O caixa da Prefeitura estava um desastre e não víamos, no curto prazo condições de honrar tantos compromissos que se acumularam. A Celesc chegou a ameaçar de corte de energia. E eu me irritei tanto com esse órgão que cheguei a não recebê-los mais em meu gabinete. Eles deveriam ter cobrado do governo anterior, mas isso não aconteceu e também ninguém deu solução. Assim que eu assumi, começaram as pressões e eu soube, por fonte fidedigna que o movimento para que a Celesc cortasse a nossa luz, partia daqui de dentro mesmo. Eu peguei pesado, na época e fiz ameaças que eu cumpriria se aquela patifaria não terminasse. Como estávamos em período de ditadura militar e eles sabiam das minhas boas relações com a Marinha e com a Capitania dos Portos, eles ficaram acuados e vieram para um acordo. E também porque havia dentro da Celesc uma ala que queria a solução do problema, que realmente agia com profissionalismo e senso social e não queria que ela ficasse no meio desse tiroteio político. Uma das coisas que chegaram até mim foi que um dos diretores de lá defendeu um acordo pois eu era um homem sério e pagador e que a CELESC não poderia se colocar como ferramenta de manobra política. Os interesses da empresa e da população deveriam ser maiores do que os conchavos meramente políticos.

- Então foi o bom senso que imperou, afinal - sentenciei.

- Mais ou menos. Parece que aquele diretor contava com os pareceres de auditores financeiros da Celesc para embasar seu pleito de acordo. Fui a uma reunião com eles acompanhado de dois oficiais e só então fui recebido pelo alto escalão da empresa. Esse diretor estava presente e encaminhou a reunião para o acordo. A partir daí, eles me apresentaram nova proposta: que lhes fosse dado em pagamento uma área que possibilitasse a construção de suas sedes aqui na região. Não tínhamos essas áreas, mas procuramos adquirir, por ser menos oneroso para nossos combalidos cofres. Foi o que fizemos. Até hoje, onde estão as instalações desses dois órgãos foram áreas que eu lhes disponibilizei e transferimos por pagamento de dívida. E os meus

opositores ficaram ainda mais desprestigiados, pois o serviço aqui na cidade melhorou e muito. As áreas foram compradas por preços justos e entregues em acordo para quitação dos débitos, que eram bem superiores aos valores dos imóveis. Ou seja, resolvemos os problemas das dívidas, conseguimos bons descontos e melhoramos o atendimento da população e a relação com eles, que enfim, excluídos os problemas políticos, tinham em suas fileiras funcionários preocupados com a comunidade e os serviços que prestavam.

- Mas, em termos gerais e rapidamente porque já está ficando tarde e estamos tomando o seu tempo, como, em algumas palavras, o senhor encontrou o resto da administração e o que fez?

- Primeiro o arruamento. Parecia que ainda estávamos na época da colonização. Balneário era uma cidade de "coitadinhos" - apenas uma praia de banho sem grandes aspirações de futuro. O meu governo se propôs a tornar essa cidade em um centro turístico de fato. Tínhamos aqui ruas de 5, 4, 3 e até de 2 metros de largura, algumas delas permanecem até hoje nessa situação, pois não deu mais para consertar. Tínhamos ruas de até 1.550 metros de comprimento sem sequer uma transversal e com apenas 5 metros de largura. Era de arrepiar. Os problemas eram tantos que eu não sabia por onde começar a resolvê-los. Mandeí desenvolver um plano viário, onde ficou determinada a largura e as transversais das ruas, isto é, daquelas que ainda se podia acudir e modelar. Mas não só planejamos, também executamos e mantivemos uma fiscalização rigorosa para que fosse tudo cumprido direitinho. Adquiri uma patrula, um trator, uma retro escavadeira, dois caminhões caçambas, um compactador de lixo, dois veículos para a fiscalização, ferramentas e equipamentos diversos. Como tínhamos uma visão muito mais ampla e ambiciosa para o futuro da cidade, contratamos uma empresa de Curitiba composta principalmente de professores da Universidade Federal do Paraná para criar o Plano Diretor Físico e Territorial, o Código de Normas e Instalações (antigo Código de Posturas), o Código de Obras e Edificações e o Código Tributário.

- Há uma história de que o senhor recuperou o subsolo da cidade e garantiu uma qualidade sanitária quando impediu a CASAN de utilizar materiais de péssima qualidade e inadequados para a rede de água e esgotos. Tem algo a ver com uma denúncia junto ao governo federal, estou certo?

- O saneamento básico era um caos. Naquela época, a Casan, que, sob minha opinião bem pessoal, nunca foi modelo de boa empresa, vinha expandindo suas redes de água até com essas mangueiras pretas flexíveis. Isso nos levou a denunciá-la junto ao BNH, órgão financiador e fiscalizador na época, que entreviu no processo e isso tumultuou a relação. Dizia-se naquele tempo que o solo de Balneário Camboriú estava podre porque era um escoadouro de fossa. Isso tinha que ser corrigido imediatamente e assim, por conta do que encontrei na prefeitura, contratei uma empresa para fazer a reforma administrativa e, na mesma época, contratei o projeto de galeria de águas pluviais e, paralelamente, o projeto de esgoto cloacal, que culminou com a razão da continuidade da Avenida Brasil nas duas extremas. Fizemos o alargamento do passeio da Avenida Atlântica para seis metros. Implantamos a 3ª, 4ª e 5ª avenidas e fizemos o alargamento da Avenida do Estado - todas com 26 metros de largura e com um canteiro central de três metros. Sob esse canteiro deveriam passar todo o sistema de infraestrutura da cidade: o nosso projeto de esgoto cloacal e esgoto pluvial, que por serem obras relevantes tinham que ter financiamentos do então BNH.

- E na situação corrente, o senhor conseguiu o financiamento?

- Por conta de nossas observações, denúncias e da qualidade do nosso projeto, conseguimos não só a aprovação do projeto físico, como também do financeiro, pelo mesmo órgão, evidentemente após passar pelo congresso e com o aval do Governo do Estado. Esse trabalho foi todo elaborado contra ferrenha resistência da Casan na época, pois a forma como vinha desenvolvendo sua expansão estava trazendo sérios riscos à população e não poderia continuar. O maior problema era a substituição dos materiais e dos fornecedores. Nossa administração quis acompanhar todas as fases e comprometeu-se a isso. Sofremos muito para substituição dos materiais e muito mais ainda para substituição dos fornecedores. Foi uma guerra.

Quem financiou essa obra, então?

- Por determinação do BNH todo esse projeto teria que ser executado com a participação de 50% desse órgão (BNH), 25% do Estado e 25% do Município. Entregamos à CASAN o projeto aprovado e com todas as verbas liberadas. O sistema de águas pluviais que seria desenvolvido para o Município, o tivemos liberados já no final do meu governo.

Tenho até hoje as provas e a documentação referente a todos esses processos.

- Mas isso não aconteceu, afinal de contas - afirmou o Peter.

- É que meus sucessores, na volta ao governo, deixaram perder essa verba, bem como também deixaram de implantar o sistema, perdendo as verbas liberadas e as áreas disponibilizadas para a implantação da obra. A Balneário que eu planejei e aprovei, foi pensada para 50 anos. Foi coisa de primeiro mundo. Mas aqui as coisas corriam de maneira diversa. Balneário era um curral político, na acepção da palavra. Eles preferiram parar o que estava andando, prejudicar toda a sociedade a dar valor ao que ali estava. Os canteiros estavam prontos e eles os fecharam, recusaram as verbas e deixaram morrer o benefício da comunidade. Houve destinação diversa das verbas que o município já tinha reservado para isso, os 25% de nossa contrapartida. Com isso todo o processo se desfez, para o regozijo de alguns.

- O senhor está dizendo que depois de aprovado o projeto, depois de entregue à CASAN, obtidos os financiamentos, feito o provisionamento de verbas na Prefeitura, depois de abertas as avenidas com canteiro de três metros de largura, abertos os espaços destinados à galeria de águas pluviais, seus sucessores além de não implementarem a obra ainda fecharam os ditos canteiros e utilizaram as verbas da prefeitura para o projeto em outras, digamos, "*prioridades*"?

- É verdade. E mais, sem nada ter sido implantado nos referidos espaços. Só plantaram postes e árvores. Definitivamente, nesse caso, o interesse de poucos, superou a necessidade de muitos. O que é uma pena, pois como estamos aqui apenas de passagem, deveríamos prestar o melhor dos serviços ao próximo. Já que vamos fazer, por que não fazer direito? Foi uma pena que a nossa luta, nesse aspecto, acabou sendo infrutífera. Quem perdeu e muito, foi o povo, foi a cidade, foi a higiene e a saúde pública.

- Planejamento e sustentabilidade já eram uma preocupação sua naquela época?

- Verdade. Eu já falei do meu sobrinho, meu sucessor político, o André Furlan Meirinho. Ele, contra tudo e contra todos na família e até contra meu próprio conselho, acabou se metendo com a política e sua plataforma é a sustentabilidade. Ele defende o que eu defendi—que

Balneário Camboriú tem que ser sustentável. A maior de suas lutas é a retomada dos projetos que dariam sustentabilidade à cidade. Segundo o que ele próprio diz sempre, sustentabilidade é a concretização da capacidade visionária de um administrador. O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades. Balneário Camboriú, em minha gestão, foi planejada para meio século de crescimento e as bases que implantaríamos, dariam às gerações futuras a possibilidade do complemento de suas necessidades e ainda uma plataforma segura para o futuro.

- O André, como seu sucessor político, como o senhor mesmo diz, se aconselha com o Senhor, vem buscar inspiração, debate as necessidades da população? O que ele tem aprendido com o Senhor? Eu quis saber, não por pura curiosidade, mas para entender como seria essa coisa de sucessor político.

- Bem, ele tem identidade política própria, é um ser essencialmente comunitário e em toda a sua vida ele viu e ouviu o que eu fiz e o que eu não pude fazer, mesmo querendo. Esperem um minuto que eu vou buscar um documento de compromisso que ele fez com a sociedade na época em que foi candidato e vocês poderão tirar suas próprias conclusões.

Dito isso, ele se levantou e saiu da sala por um instante, acompanhado da sua neta, a Thelma, cuja solicitude e dedicação ao avô causam inveja. E não é só porque ela está em todo lugar que ele precisa. É pela forma. A doçura no olhar, a meiguice dos gestos, a delicadeza no tratar e a competência em fazer as coisas. Esse conjunto mostra que existem mesmo pessoas especiais no mundo. E ela é uma delas.

Eu aproveitei o momento para andar um pouco pela sala, já que estávamos sentados há bastante tempo. Andei na direção da janela da sala e fiquei olhando o flamboyant e procurando os pequenos pássaros. Olhei pra mais longe e vi o contorno da Avenida, o shopping novo, recém-construído. Vendo aquele movimento, aquela densidade de vida, não pude deixar de ter a certeza de que se o Meirinho não tivesse feito o que fez, se não tivesse lutado como lutou, se não tivesse transformado nossa cidade no que ela é, com certeza nosso destino teria sido o de ser mais uma dessas cidadezinhas praianas sem

muitas opções para turismo ou para crescimento. Imaginem se os interesses daquela época tivessem vencido e o Meirinho se curvado... Como seriam nossas praias? Hoje podemos desfrutar desse mundo de beleza e atrativos simplesmente porque ninguém conseguiu vencê-lo. Tentaram sim, não deram continuidade às sementes que ele plantou, por pura vaidade pessoal jogaram fora projetos e recursos obtidos à custa de muito suor e trabalho, puniram a população, comprometeram o futuro, mas não o venceram.

Lembrei, naquele momento, de uma frase fantástica que li em algum lugar, não lembro bem onde, mas que sempre me acompanha:

"Atem minhas mãos, agrilhoem meus pés, amordacem minha boca, vendem meus olhos, imobilizem meu corpo, mesmo assim as sementes que plantei germinarão. Jamais minha alma se calará, nunca meus pensamentos e ideias serão vencidos."

Vendo o Meirinho falar do sobrinho-neto com tanta esperança e percebendo sua alegria com as convicções de seu herdeiro político, dá pra entender melhor essa frase. Além do mais, o trabalho que estamos desenvolvendo, devolverá a consciência e restabelecerá a verdade à nossa população e isso, com certeza, será uma benção para todos, ao final.

Ainda estava absorta em meus devaneios quando o nosso anfitrião retornou com duas folhas de papel nas mãos. Estendeu-as ao Peter e pediu para que lêssemos os apontamentos de um dos discursos do André.

-"Boa Noite, Balneário Camboriú..."

... Sou André Furlan Meirinho candidato a vereador pelo Partido Verde...

V olha quem está aqui, o nosso grande Prefeito, meu tio-avô Gilberto Américo Meirinho, o responsável pelo planejamento desta cidade, pelo sistema viário e por obras feitas em sua gestão há mais de trinta anos e que até hoje repercutem em benefícios nossos...

...Foi dele a luta e a batalha para o alargamento para 6 metros de calçada na Avenida Atlântica, a abertura da Terceira, da Quarta e o início da Quinta Avenida...

...Também foi dele o projeto e a execução das obras de alargamento

da Avenida do Estado, da abertura da Estrada da Costa Brava, hoje Interpraia e do projeto de esgotos sanitário e pluvial...

...De sua gestão nasceu o reconhecimento e a eleição de nossa cidade como MODELO NACIONAL DE PLANEJAMENTO TURISTICO...

...Mas, infelizmente, não se deu continuidade à execução das obras necessárias já detalhadas e detidamente projetadas nesse vitorioso e consistente planejamento, e a cidade caminha inexoravelmente para situações insustentáveis...

...Será que com esse crescimento desordenado, a qualquer custo, há estrutura que se sustente? Será que há trânsito, água, esgoto que aguente crescer de qualquer forma? Sem planejamento e cuidados de infraestrutura?

Não, não há! É preciso buscar harmonia, é preciso encontrar o equilíbrio entre viabilidade econômica, justiça social e respeito ao meio ambiente, desde o momento de estabelecer as prioridades até a disseminação das benfeitorias e a solução dos problemas, o que permitirá o nascimento de gestões preocupadas com a prosperidade, o bem estar, a qualidade e a quantidade de vida dos nossos cidadãos...

Uma sociedade próspera e feliz faz florescer uma nação pujante, consciente, pois quando se alcança esse equilíbrio, aí sim também encontramos o rumo correto, o caminho certo e sustentável...

...e assim, haverá distribuição equânime de renda, saúde-referência, educação empreendedora, ensino de qualidade, situações essas que estimulam os sonhos, constroem ideais. Isso é sustentabilidade em plenitude...

...então nossa cidade será absoluta e totalmente segura, com uma administração que redescobrirá a importância de ouvir a população, que saberá atender aos seus cidadãos...

Sustentabilidade é planejamento, é consciência, é cuidado, é bem-estar. Foi o que este cidadão, meu tio-avô fez. Ele pensou em 20 ... 30 ... 40 anos à frente de sua época. Ele acreditou no futuro, olhou pra ele e preparou esta cidade para tal. E aí está...

sustentabilidade é ter um trânsito harmônico, inteligentemente distribuído, com ciclovias e transporte coletivo eficiente, rápido e que não fique passeando pela cidade sem objetividade...

...É ter nossos rios e praias limpos e despoluídos. Se Balneário Camboriú é o que é hoje, se deve à Praia Central. As pessoas vieram pra cá por causa dela e nós devemos respeito a ela...

...Ser sustentável, é investir no esporte. O esporte forma o caráter do cidadão, tira as crianças da rua, dá objetivos, ensina a importância das metas em nossas vidas. É saúde, é integridade, afasta da criminalidade. Uma sociedade que cuida dos seus jovens, previne os desvios de caráter. Crianças atendidas, assistidas, acompanhadas, apoiadas pelo poder público jamais serão adotadas por criminosos, jamais estarão disponíveis para o caminho do erro...

...É ter uma cidade arborizada, preservada e inteligente, que saiba utilizar a energia solar que a nós é pródiga e constante, que saiba reutilizar a água das chuvas, reciclar o lixo, formar e instruir ecologicamente os catadores hoje conhecidos como agentes ambientais, dando-lhes dignidade e foco em seu trabalho, planejar a reutilização dos resíduos da construção civil, transformando-o de grande problema ambiental em solução econômico-social...

...agindo agora e pensando no futuro, para mais 20, 30 ou 40 anos, como já foi feito um dia ..."

Pela leitura desse verdadeiro manifesto, pudemos entender porque o Meirinho disse ter encontrado seu sucessor político. Não mais pela aguerrida luta que travou, não mais pela coragem que foi necessária naquele tempo para enfrentar os poderosos inimigos. Mais do que isso - já que se necessário for, com certeza o DNA falará forte - mas pela inteligência, coerência e conectividade demonstrada em cada palavra daquele discurso.

Coisas verdadeiras, simples, coerentes, inteligentes. Não um plano de ação, mas uma postura consciente de vida. O discurso do André estava coberto de coisas factíveis e politicamente corretas. O Peter não queria perder o foco da entrevista e então retornou abruptamente ao assunto, no ponto em que paramos:

- Quando o Senhor assumiu, Balneário Camboriú tinha quase dez anos de vida. Partiu praticamente do zero. Então, não é admissível que não tenha sido possível fazer tudo direito. Como funcionava então a administração? Repito o questionamento para conseguir entender essa inadmissível situação.

- A administração não funcionava, ela era "tocada". Para a senhora ter uma ideia - falou olhando pra mim - não tinha lhe falado antes, encontrei arquivos, um cofre e armários em uma pequena sala, todos lacrados pelo temido SNI (Serviço de Segurança Nacional). Passados três prefeitos antes de mim, nenhum deles teve a disposição ou viu a necessidade de abrir aqueles móveis, o que veio a ser feito só na minha gestão. Como poderiam esses cidadãos administrar o Município sem conhecer ou ter acesso aos principais documentos, que provavelmente ali estavam?

- E como o Senhor fez para passar pelotão temido SNI?

- Eu, ao tomar conhecimento desse estado de coisas, chamei meu assessor jurídico e discutimos quais as providências a tomar. Decidimos dar conhecimento ao SNI, em Florianópolis, e pedir providência e autorização para abertura daqueles objetos. Uma semana depois recebemos uma visita de um representante daquele órgão, que cientificado do assunto, nos autorizou, na sua presença, a abrirmos todos os móveis, pastas e documentos e relacionarmos o que ali existia, separando as peças mais importantes para uma futura fiscalização, as quais foram empacotadas, rubricadas e guardadas em local reservado, ficando liberados os documentos mais indispensáveis da administração municipal. Somente a partir daí conseguimos completar as lacunas dos dados mais essenciais da história da nossa Prefeitura. Só a partir dali. E eram realmente importantes e fundamentais para, inclusive, refazer a contabilidade geral.

- Quais foram as reações quando esse "pacotes" foram abertos?

- Foi um Deus nos acuda. Quando assumi, fiz uma declaração à imprensa e a repeti ao representante do SNI *"A minha responsabilidade pelos bens municipais iniciou-se a partir de minha posse. Não voltarei a mexer nas ações dos governos que me antecederam."* E foi o que fiz. Fui eleito com minoria na Câmara. Governei sem o esforço ou a ajuda dos vereadores da ALA I da ARENA, que até então eram meus opositores, com exceção de um. As coisas foram acontecendo, a verdade ia sendo revelada, as pessoas de bem começaram a ver o meu trabalho, a minha dedicação e o senso ético que me guiava. Aos poucos, foram aparecendo os apoios dignos de cidadãos balneocamboriuenses. Sem esse apoio que foi sendo conquistado, eu não teria conseguido realizar tantas coisas.

- Mas, houve crescimento no apoio interno? O senhor conseguiu plataforma para governabilidade do município?

- Os demais, de outras vertentes, aderiram aos poucos e espontaneamente à minha administração, não só apoiando na aprovação de projetos como participando da implantação deles. Graças à atitude desses vereadores me foi fácil vencer as etapas de reformas, desapropriações e de implantações de obras. Foram seis os vereadores que participaram da batalha da transformação dessa cidade: Walter Eillers, Valmor Manoel Germano Corrêa, Laércio Lúcio dos Santos, Narbal Andrade de Souza, João Jorge Pio e Wilson Pires Achutti. Graças a eles, conseguimos caminhar bastante no campo minado que enfrentamos naqueles dias.

- O Prédio da Prefeitura também é obra sua?

- Há um comportamento, que posso dizer, é generalizado em nossa cidade, que é o gosto que se tem, de se amontoarem numa organização tornando a cidade num aglomerado. Procurei desde início adquirir uma área afastada da cidade para a instalação da nova Prefeitura. Adquiri o terreno e determinei ao nosso Departamento de Obras que executasse um projeto e que iniciasse os serviços de terraplanagem e urbanização da área. Pleiteei junto ao BNH, através do Banco Central os recursos para a execução da construção do novo prédio da Prefeitura, que deixamos quase pronto, na fase de cobertura. O projeto previa que o prédio fosse todo envidraçado num estilo bastante moderno e até hoje permanece lá, apesar de algumas modificações no fundo, mas o prédio principal ainda é o mesmo.

- Mas ele não é envidraçado, falei de forma até infantil.

- Como não tive tempo de concluí-lo e aguardava o financiamento que veio quase no final do meu governo - chegou a aprovação nos últimos meses - infelizmente o meu sucessor fez as coisas voltarem ao que eram rapidamente e aceitou a "*ajudinha*" dos empreiteiros e eles entijolaram o prédio todo, ficando um caixão feio e de mau gosto e, por cima, o município ficou devendo a eles. Por ações desse tipo que os administradores não têm autoridade de exigir o cumprimento de normas à sociedade. E é com o argumento de "*parceria*" que só um lado sai ganhando e o poder público, órfão, leva sempre a pior e por isso não deve haver esse tipo de situação, coisa, aliás, extremamente comum nos dias de hoje.

- Mas em todo lugar do mundo as obras trazem prosperidade, trabalho e aproveitamento de mão de obra. Por que o senhor tinha esses embates com os incorporadores?

Alguns incorporadores, não eram todos diga-se por justiça, justificavam que era para favorecer a mão de obra e gerar emprego aqui na região, o que não era verdade. Acompanhamos de perto a realidade dessa situação e vimos um cenário bem diferente do que pregavam, porque a maioria deles trazia seus operários da cidade de onde vinham. Quando assumimos, a maioria dos investidores trazia seus projetos, seus peões, seus operários e até material, tudo de fora e quando era construção de casa, esses já vinham com um caminhão com todo o material. Demos um basta nisso. Para construir tinha que se inscrever e se licenciar na prefeitura. E com a eterna desculpa que estavam favorecendo a mão de obra, vinham prostituindo a cidade com a favelização, acomodando o pessoal que eles traziam de qualquer maneira, de qualquer jeito.

- Eu vi uma matéria sobre a história do Bairro das Nações. Como ele se transformou. Era ele que abrigava esse pessoal?

- O Bairro das Nações, que é hoje um dos melhores do Município, peguei-o em estado calamitoso. Era a favela do Município. Casas construídas sem a mínima preocupação de higiene, sem banheiros. Em alguns casebres, os banheiros eram levantados até com gabinetes de geladeiras, sem respeito ao alinhamento e sem comprovar o direito de propriedade. Implantamos nosso sistema viário e mandei por todas aquelas ruas no alinhamento e criei um sistema de casa popular.

- O primeiro projeto daquelas casas é seu?

- É. Casas de 30, 35, 40 e 45 metros quadrados, que poderiam até ser de madeira, deveriam possuir banheiro de alvenaria e quando o proprietário não tinha condições a prefeitura fornecia além da planta da obra, o material do banheiro. Liberei as taxas, qualquer taxa, quando o proprietário recebia até um salário e meio. Somente assim conseguimos, com muita dificuldade e até sofrendo ameaças, desfavelizar aquele bairro. O mesmo foi feito na entrada da Avenida do Estado. De onde está instalado o Hospital Santa Inês, até a divisa com Itajaí, era outra sequência de favelas, que conseguimos eliminar com a implantação corajosa da Avenida do Estado, que projetamos de Camboriú até Itajaí. Aquilo que era uma estradinha de terra de apenas

sete metros, alargamos para 26 metros com um canteiro central de três metros. Você me perguntaria se sofreu ameaças?

- O senhor me economiza a pergunta, estava louca pra fazê-la, falei.

- Não foram poucas. Diria à senhora que praticaram violência e nos ameaçaram até com armas de fogo, obstruções das estradas com veículo e caminhões por várias vezes. E fomos obrigados a resistir. Tivemos casos em que houve intervenção pessoal de algumas autoridades. Pedimos que essa autoridade esperasse a questão ou a 'causa' chegar à sua área, porque até ali, a responsabilidade era minha.

- É verdade que o Senhor tinha capangas e guarda-costas andando com o Senhor?

- Não, isso não é verdade. Eu tinha alguns amigos que não tinham medo de cara feia. Aqueles adversários que tínhamos só eram valentes quando estavam agindo em conjunto. Aliás, isso é muito normal. Quando estavam sozinhos, eram cordeiros, mansos, amigáveis. Eu não tive nenhum inimigo que tivesse sucesso nas empreitadas. Levei tiro à noite, indo pra casa. Furaram a lataria do carro, mas não me acertaram. Houve um caso, quando estávamos terminando com certa favela, em que colocamos funcionário nosso para fazer visitas e conhecer os principais problemas daquela comunidade. Ele era corajoso e destemido e descobriu como funcionava o sistema de "envenenamento" da população contra nossos projetos. Então, ele ia, com cuidado e muita habilidade, conversando com as pessoas, mostrando o lado bom. Ficou lá o tempo suficiente para ajudar a "minar" aquele veneno todo. Uma das coisas que ele "plantou" ali foi que a comunidade pedisse aos "envenenadores" um apoio e ajuda maiores do que o que a Prefeitura estava oferecendo, para que eles mostrassem então que o Projeto deles era melhor e a solução mais adequada e vantajosa para a comunidade. Eles acabaram sufocados com o próprio veneno. A população é crédula. A voz insidiosa tem um efeito imediato. Mas a verdade, que é profunda e tem raízes fortes, quando se estabelece, derruba a ventania que a maldade e a mentira causam. Eram trabalhadores, donas de casa, seres humanos que estavam sendo enganados. Quando viam a verdade, caminhavam em direção a ela. Muito se deve também à religiosidade dessas pessoas. Quem pratica a mentira, não tem Deus no coração e na vida. E o povo

crente em Deus, reconhece a tempo a sombra do malvado. E assim, a própria essência de quem lutou contra nossas ideias e nossas ações acabaram sendo o veneno que os destruiu.

- Mas todos eram proprietários ou havia invasores nisso?

- Não fizemos nada, sem antes convocar o ocupante da área para que se apresentasse à Prefeitura com a documentação e prova de propriedade para uma conversa amigável. Porém alguns deles, instigados ou inspirados por politiqueiros e oposicionistas, reagem contra as ações de trabalho, como eu falei. O que interessava para alguns oposicionistas era o total abandono daquelas áreas, uma vez que, não mexendo com quem estava ali instalado, proprietário ou não, as áreas circundantes, que estavam sendo ocupadas por ordem deles, não seriam discutidas.

Afora o caso da Avenida Atlântica e esse que o senhor está levantando agora da Avenida do Estado, o senhor teve problemas na defesa nas demais obras do sistema viário?

- E como, minha filha. Em toda a extensão do Município, desde Camboriú até a divisa com Itajaí, mas principalmente no Bairro das Nações como já lhe disse. Também na implantação da Estrada da Costa Brava, depois de muitas reuniões com os proprietários, que eram todos de muitas posses, teve momentos em que nós, para darmos andamento àquela que eu considero uma grande obra, tivemos que usar força psicológica e até ameaça de uso de força física, e nem sempre fomos bem sucedidos, mas nunca desistimos.

-A Prefeitura não tinha poder para mandar fazer e pronto?

- Para iniciarmos e concluirmos aquela estrada, além da interferência contrária do Estado e de alguns proprietários, fomos bastante ameaçados, obstruídos por automóveis e até caminhões. Um fato que lamento muito nessa ação, foi um caso de que participou um parente de um cidadão muito distinto que deve ter seu nome engrandecido por seu ato de desprendimento, ao doar ao município, quando solicitado, uma área de 80.000m², às margens da BR-101, para a implantação da Rodofeira, projeto criado e executado na nossa gestão.

O parente desse homem, ainda jovem e afoito, por conta disso mesmo e também motivado por politiqueiros covardes, atravessou um caminho carregado de paralelepípedos na frente do trator. A obra estava no

fim, no Bairro da Barra, considerando que ela havia começado no Mato Camboriú e acabou ali na Barra e foi nesse local, no pé do morro, que ele atravessou o caminhão. Eu já havia tratado antecipadamente tudo com o doador da área, inclusive a forma de pagamento da indenização, que seria paga com serviço público de aterro e cercamento de uma grande área de terras de sua propriedade, contíguas à área doada. Não havia portanto, nem embaraço, nem dívida pela área doada.

Fui chamado para lá, de repente, pelo pessoal da obra. Tentei falar com o "*novo inspirado*" e não consegui, pois o jovem estava violentamente alterado e "*envenenado*" contra a obra. Pude perceber também que ele não possuía todas as informações a respeito e acreditava piamente que havíamos "*enganado*" seu parente. As máquinas estavam a mais de 10 metros de seu caminhão. No alto de uma pequena elevação ali próxima, dois opositores e um policial civil da cidade de Itajaí, bem conhecido na região, estavam observando tudo e fazendo questão de que eu os visse. Começou juntar gente ao lado deles e nesse instante eu fiquei até mais enlouquecido, haja vista a agressividade do jovem em frente ao seu caminhão. Ordenei que os tratores tocassem adiante. Quando o barro chegou ao rodado do caminhão, ele ligou o motor, saiu acelerado e desobstruiu a área. Os dois observadores mostraram um profundo descontentamento, olharam de um lado e de outro, a população que se reuniu começou a aplaudir, os funcionários da obra vieram me cumprimentar pela coragem e isso os deixou mais furiosos ainda. Saíram dali com o rabo entre as pernas vendo mais uma tentativa de me desmoralizar em público fracassar. O policial veio falar comigo algum tempo depois e mostrou que desconhecia a totalidade dos fatos e que estava lá porque foi solicitado a ele que auxiliasse na manutenção da ordem.

Após esse ato, fui procurar o doador do terreno, aquele grande benemerente do Município de Balneário Camboriú, para justificar a minha atitude extremada. Ele, meio constrangido, pediu desculpas, dizendo que trataria pessoalmente de evitar que o parente andasse em más companhias e sucumbisse ao veneno delas. Assim é que foi aberta aquela estrada. Só a título de informação, quero dizer para a senhora que gastamos nessa obra 40 toneladas de dinamite.

- Bem, Di, acho que por hoje está bom. Foi muito instrutivo e bastante esclarecedor este nosso papo. Mas, antes de ir embora, eu gostaria de fazer uma última pergunta ao nosso amigo Meirinho:

- Fique à vontade meu jovem - respondeu solicitamente o nosso entrevistado.

- O trabalho da Di será publicado como TCC e com certeza, com o Isaque e o Ivens junto com a gente no Projeto, então tudo isso que estamos falando virá à tona. O Senhor teme alguma represália ou o direito de resposta de alguém?

- Meu filho, você sabe que tudo o que falo está amplamente documentado. Eu consigo provar que sim. Eles conseguiriam provar que não? E mais, eu não estou falando nenhuma mentira, nenhuma invencionice. As coisas são assim, aconteceram assim e não podem ser mudadas.

- Mesmo assim, os fatos aqui narrados, quando vierem a público, não podem atingir alguém?

- De que maneira? Estou falando de coisas que aconteceram há cerca de 40 anos, não há nenhum ferimento à memória de ninguém. Eu só contei como as coisas aconteceram. Só isso. Durante esses anos todos, eu convivi com as mentiras que contaram a meu respeito. Nunca fui a público desmentir ninguém, nem me preocupei em lutar contra essas sombras para mostrar a minha verdade. Eu a conhecia, minha família a conhecia, meus amigos, aliados e colaboradores a conheciam. As pessoas que foram beneficiadas a conheciam. O trabalho de vocês apenas dará mais amplitude a isso, sem emocionalidade, sem partidarismo, sem sectarismo. Eu confio nisso. As principais feridas desse tempo já foram cicatrizadas. Se houver algum desafio que ainda mantenha essa ferida aberta, eu pedirei a ele que olhe para nossa cidade e então julgue meus atos. Que ele observe e pense no que transformamos nossa cidade e então repense se vale a pena manter a ferida aberta por tanto tempo. Eventualmente, alguém que tenha perdido com minha preocupação com o bem público, com a população, com a cidade, não poderá, em sua consciência vir a me contestar pela transformação da cidade. Teve quarenta anos para isso. Não o fez ou porque está feliz com a cidade que eu ajudei a dar a ele ou porque não teria como me culpar pela preocupação com o bem comum. Pode ser até que pelo fato de as mentiras estarem até hoje de certa forma fazendo parte do imaginário da população, ninguém se preocupou com a verdade. Então eu pergunto: Se eu aguentei quarenta anos de mentiras, será que eles não aguentariam uns poucos anos da verdade?

- Podemos contar com o Senhor na quinta-feira, para atender à demanda dos meus alunos? - Pode contar com isso. E levarei farta documentação. E muitos bombons. Levantamos e rimos bastante. Quando chegamos ao carro e começamos a andar, o Peter falou:

- Di, não se preocupe com ele na quinta. Ele vai engolir a molecada, além de conseguir mais trinta fãs incondicionais. Ele é ótimo. E fala com segurança. É mais do que o Dom Quixote que você o comparou. Ele é um misto de Dom Quixote com Robin Hood e Ivanhoé.

- Eu sei disso. Eu sei.

CAPÍTULO XV

O PINGA-FOGO

Nada de muito extraordinário aconteceu durante aquela terça ou na quarta-feira além da visita do Ivens à minha casa. Ele apareceu na quarta-feira, depois que eu havia chegado da Faculdade. Naquele dia o Peter não quis almoçar em casa, pois não queria saturar o pessoal com a presença dele, como ele mesmo disse. O Ivens chegou perto das três da tarde. Tinha um bom material debaixo do braço. Algumas pastas com mapas, plantas, documentos, recortes e um bocado de fotografias. Logo que chegou, depois dos cumprimentos, pediu desculpas pelo dia anterior. Disse que D. Gilda teve que voltar pra Curitiba e como o pai não pode acompanhar, ele a levou e voltou bem tarde da noite. Mas estava ali para dar continuidade ao trabalho.

Ficamos ali pelo menos uns vinte minutos olhando papéis, documentos e fotografias. Minha mãe trouxe um café com biscoitos. O café estava uma delícia, os biscoitos foram dispensados. Num determinado momento, o Ivens mostrou uma foto de jornal, com um monte de gente na porta de um prédio e parecia haver muita confusão ali. O Ivens então me explicou que essa era a foto da bagunça toda, do tal cofre. Eu expliquei para o Ivens que essa e outras questões bem cabeludas, o Meirinho ia esclarecer num pinga-fogo com alunos da minha classe de jornalismo. Expliquei e contei muitos detalhes da conversa do dia anterior e o convidei para, na quinta-feira, estar presente nessa "*mesa redonda*".

Ele gostou da ideia e principalmente de poder ouvir, num clima como esse, a versão dos fatos, pela boca do autor. Graças a Deus, o assunto mais delicado que eu queria tanto evitar passou batido. Dali até a reunião com os alunos da minha classe, sobre esse assunto não houve nada digno de nota a não ser o fato de que, a cada dia, o Peter estava mais apaixonado — e eu também — e me surpreendia a cada instante. Na noite da quarta-feira, por exemplo, fui convidada por ele para saborear um jantar feito pelo próprio. No apartamento dele, ele passou

o final da tarde e o comecinho da noite cozinhando pra nós. Quando cheguei, ele me recebeu e eu olhei para aquele homem encantador de um jeito todo especial. Vestindo uma calça jeans clara que lhe caía muito bem e uma camisa azul um pouco mais escura que a calça, com os dois primeiros botões abertos, mostrando uma parte do peito nu, ele estava vestido com simplicidade e ao mesmo tempo com muita beleza. Beijou-me com muito carinho e ternura, diferentemente do ardor costumeiro dos seus beijos. Sorriu expressando uma felicidade que eu ainda não havia visto nele. Não daquela forma. Não sei dizer, era simplesmente especial. Entrei pela primeira vez em seu apartamento. Simples, discreto e aconchegante, tinha uma pequena sala de estar, onde estavam duas bergeres e uma mesinha entre elas, de frente para uma TV de Plasma de umas 32 polegadas, acho. Contiguamente, uma sala de jantar, com uma mesa redonda e quatro cadeiras. Um conjunto bonito, haja vista que estava decorado e arrumado para nosso jantar. Uma toalha de linho branco, guarnições também de linho e os pratos de porcelana — fundo e raso — com uma fina decoração dourada e os talheres delicada e acertadamente posicionados. Os copos, de água e vinho, arrumados harmonicamente e um porta vinho de prata com uma garrafa do rose Francês Chateau Du Aveillan.

Conversamos por alguns minutos enquanto ele terminava a preparação dos pratos. Foram temas relacionados ao jantar, às ervas aromáticas, aos pratos, à seleção dos ingredientes e alguns truques de cozinha. Não pude deixar de admirar aquele homem. Jovem, bonito, culto, letrado, delicado no trato, sensualíssimo, ardente e ainda um gourmet. Que mais eu poderia querer?

Só para constar, o cardápio era composto de uma entrada de ostras frescas, servidas geladas com purê de maçã, levemente temperado com um vinagre de ervas, produzido por ele mesmo, em um prato e em outro, mais quatro ostras apenas com gelo picado e rodela de limão, cujo sumo deveriam ser deitados sobre elas. Uma garrafa de 500 ml de uma champagne MOët & Chandon, geladíssima, servida em duas taças de cristal.

Falamos muito sobre as ostras e seu significado afrodisíaco e se isso tinha alguma mensagem cifrada naquele instante. O Peter ainda me falou de outras receitas com ostras e o porquê da lenda do afrodisismo das ostras. Daí, eu o lembrei de que Casanova comia uma dúzia de

ostras frescas todas as manhãs e só depois disso saía para suas conquistas.

Os pratos quentes não deixaram por menos. Um levíssimo brodo de legumes, de sabor excêntrico, temperado com ervas aromáticas, com cogumelos shiitake e nirá (legume oriental muito usado na cozinha japonesa). Esse prato é para ser degustado sem ingestão de nenhuma bebida. Ouvi e aprendi. Saboreei intensamente o brodo. Assim que terminamos, ele se levantou, retirou os pratos e não permitiu que eu fizesse nada. Apenas estivesse ali, com ele, naquele jantar delicioso. Falamos dos ingredientes, da arte da cozinha e do bom gosto dele.

Então veio o prato principal — Cômgrrio ao molho branco de legumes, catupiry e alcaparras, com arroz de alho. Delicioso, muito bem preparado, muito bem servido. A mistura dos aromas e dos sabores fazia um conjunto extraordinário. Daí a explicação sobre o vinho. O vinho escolhido tinha um leve sabor de avelãs, o que exponenciava o paladar do prato principal. O vinho estava numa temperada adequada, nem muito gelado, nem à temperatura ambiente, descendo suavemente e volatizando o paladar do champagne que havíamos consumido com as ostras.

A sobremesa era uma coisa que, além de exótica, jamais será esquecida. Um bolo de frutas secas, servido com sorvete de creme. As frutas secas em pedaços — papaya, ananás, manga, kiwi e lichia — num tradicional bolo inglês, coberto por sorvete de creme e fartamente banhado em calda fervente de morangos naturais. Gente, que coisa do outro mundo. Só comendo pra saber. Aquele finalzinho da champagne gelada que ele guardou na garrafinha, encerrou o jantar.

Nem consigo lembrar de todas as coisas que falamos, do que rimos, mas rimos bastante mesmo. Eu estava totalmente apaixonada por aquele homem e ele, aparentemente, também por mim. Ficamos um tempão lavando a louça e guardando cada coisa em seu lugar. Eu pude então perceber como ele era organizado e cuidadoso. Transformamos a lavagem e guarda da louça num ritual de comunicação. Falamos e falamos sem parar. Tudo era assunto.

Quando nos sentamos na sala de estar para conversar um pouco antes de ir embora, mais uma vez ele me surpreendeu trazendo um delicioso chá digestivo chinês, de folhas verdes, servido a uma temperatura agradável. Nem morna nem fervente. Ensinou-me a bebê-lo.

- Di, amanhã teremos um grande dia - falou o Peter, assim do nada.

Como eu ainda não tinha voltado ao mundo dos mortais, eu demorei a entender que se tratava do nosso querido Meirinho. Só quando ele explicou é que eu entrei no clima terreno de nossa missão do dia seguinte.

- Há muita expectativa com relação a isso. Alguns professores amigos nossos gostariam de assistir a essa sessão extraordinária da história de Balneário Camboriú.

- Acho que tudo bem. Está na hora mesmo de saberem a verdade, dita pelo próprio autor. Eu confio nele e na forma como vai colocar as coisas. Ele é tranquilo, está trabalhado pelo tempo e tudo agora é uma questão de justiça. Dar a ele o direito de dizer como as coisas aconteceram de fato. E não podemos esquecer a lógica extraordinária das últimas frases dele sobre as feridas cicatrizadas e o contraste entre o antes e o depois dele.

Os alunos ainda acham que ser repórter é ser agressivo nas perguntas e contundentes nos questionamentos. Isso é um problema que só é superado pela experiência. Ainda acham que têm que contestar qualquer posicionamento como se o jornalismo fizesse parte de um treinamento inquisitivo. Eu tenho receio de como abordarão os temas mais delicados.

- Você não será o mediador do encontro? Não fará a condução? Então tudo correrá bem.

- Minha preocupação é que, como mediador, eu precise intervir mais efetivamente em algum ponto e alguém questionar isso também, por conta de que o trabalho, na verdade, é teu.

- Você tem habilidade e moral suficiente para não permitir que isso aconteça. Se acontecer, o que vamos fazer? Estamos fazendo as coisas da melhor maneira possível. Deixemos isso para amanhã. Você me apanha em casa?

- Claro. Iremos juntos. Agora vou levá-la pra casa porque amanhã o dia começará bem cedo e bem diferente dos demais.

É verdade que namoramos uns minutinhos, mas, depois de um jantar daqueles, quem não faria isso? Cheguei em casa perto da meia noite. Foram quase cinco horas de encantamento e muito carinho.

Minha mãe ainda brincou comigo quando me disse para pegar um limão na geladeira e chupá-lo. Eu, na minha inocência, perguntei por que eu deveria fazer isso. Ela então, com toda sua sagacidade, falou:

- *"Se você dormir com esse sorriso na cara, amanhã terá problemas sérios para fazer a boca voltar ao normal."*

Não deu pra não rir. Eu era mesmo unia transparente pessoa. E até que minha mãe tinha razão. Eu não conseguia parar de sorrir.

No dia aprazado, às oito da manhã, na nossa sala de aula totalmente preparada para o evento, estavam presentes todos os alunos e, pasmem, quase cinquenta convidados. Quando vimos a situação, imediatamente decidimos utilizar um dos auditórios com capacidade bem maior do que aquela. Não foi difícil para o Peter conseguir isso, mas ao final das contas, o auditório teve que ser bem maior que o esperado. Tínhamos perto de duzentas pessoas interessadas nesse trabalho.

Eu estava me sentindo vitoriosa. Ali naquele auditório preparado às pressas, estavam todos os envolvidos no meu trabalho. Até minha avó estava presente. Recebemos a visita de professores, vice-reitores, alunos da área de administração (queriam, segundo eles, lições de administração pública) alunos de história e muitos outros visitantes. Percebi alguns políticos naquela sala e muita gente que jamais vi, porém, com idade avançada. Vim a saber, depois, que eram parentes — avós, tios e tias — dos alunos da minha classe. Como eles se prepararam para esse embate, acabaram falando com muitas pessoas que conheciam e elas acabaram vindo para esse encontro. Alguns amigos dos bons tempos do Sr. Meirinho também ali estavam. Vieram congraçar a oportunidade de um guerreiro vitorioso falar ao povo que hoje desfruta de sua visão estratégica, de seu planejamento de vanguarda.

Corremos para recebê-lo, assim que ele chegou. Estava acompanhado de sua neta, a belíssima naquele dia, diga-se de passagem, e super gentil Thelma — com diversas pastas e inúmeros documentos — o filho dela, o Diego, um jovem gênio da informática, com lap top e uma bolsa de equipamentos eletrônicos e o sobrinho-neto, o André, seu sucessor político. Olhando aquela família eu entendi a frase bíblica, dita por Jesus:

"Pode a figueira dar uvas?"

A competência e beleza da Thelma, o porte e a inteligência do André e a precocidade e genialidade do Diego, faziam do Sr. Meirinho, independentemente do seu passado, um homem com grandes motivos para se sentir realizado.

Muito simpático e agradável cumprimentou-nos e quando viu o auditório em quealaria e a quantidade de pessoas ali presentes, ele ficou bem retraído e um pouco emburrado.

- A senhorita não disse que se tratava de uma conversa com seus colegas de classe?

- Pois é, seu Meirinho. Era pra ser. Mas parece que o Senhor ainda é um assunto bastante polêmico e aparentemente sua missão na terra é causar alvoroço. Essas pessoas foram aparecendo do nada.

-Vô, o que o Senhor quer fazer? Perguntou a Thelma preocupada

- Eu nunca fugi de uma boa briga. Já enfrentei inimigos piores. E armados — respondeu o Meirinho, dando aquela risada característica.

Enquanto o bisneto dele, filho da Thelma, ligava todos os equipamentos e preparava toda a apresentação, colocando em ordem diversos DVDs, a mãe dele colocava em ordem as pastas e os documentos que trouxe para auxiliar nas explicações.

O sobrinho neto, preocupou-se com a organização e as disposições à mesa onde sentaria o avô. Providenciamos dois lugares a mais — um pra ele e outro pra Thelma. Sobre a mesa dois microfones e ao lado dela um microfone de pedestal para o Peter conduzir a entrevista.

Todos sentados, água nos copos, o Peter tomou a palavra:

- Meus queridos alunos, professores, Sr. Vice-Reitor, convidados, hoje nossa Universidade faz história através do nosso curso de Jornalismo. Como vocês sabem, estamos trabalhando no sentido de conhecer pessoas que não só fizeram parte, como também mudaram o curso da história do seu povo e do seu país, transformando o status quo vigente, através de sua ação diligente, sua determinação, seus ideais e seus sonhos. Eu gostaria de poder trazer aqui, todos esses expoentes que estão sendo trabalhados por nossos alunos, tais como o Mandela, Ghandi, Jesse Jackson, George Washington, Princesa Isabel, Getulio

Vargas e tantos outros que deixaram marcas indeléveis na lembrança de seus conterrâneos e um respeito indiscutível da população mundial. Seres humanos que com sua história de vida, mudaram a história da vida da humanidade. Lamentavelmente não podemos fazer isso por questões óbvias. Mas podemos dar nossa contribuição para nossa própria cidade, nosso próprio berço, trazendo uma das mais importantes e polêmicas figuras de Balneário Camboriú. O ex-prefeito Gilberto Américo Meirinho, cuja vida e obra é o foco de um dos nossos trabalhos, conduzido pela nossa colega Orquídea, aqui está para responder a perguntas, contar sua versão nos fatos e atender à curiosidade dos que aqui vieram hoje. As regras, a maioria de vocês já conhece. Somente meus alunos poderão fazer perguntas e eles já têm suas instruções. A ordem dos alunos já foi sorteada, à exceção da Orquídea que fará a primeira pergunta. Máximo 30 segundos para a pergunta, tempo livre para a resposta, direito a repregunta de 30 segundos e tempo livre para resposta. Terminada a fase das perguntas aos alunos, teremos um espaço para perguntas dos convidados, limitadas a quatro, pela ordem de inscrição, que será feita diretamente ao nosso funcionário, o Sr. Leivas, na mesa colocada no final do auditório.

Nem bem o Peter falou isso, pelo menos umas quarenta pessoas se levantaram e já iam formando uma fila em frente à mesa indicada, quando ele retomou a palavra.

- Senhoras e senhores, calma, por favor. Não serão feitas as inscrições agora. Por favor, voltem aos seus lugares que reveremos essa questão, haja vista a confusão e a vontade que foi demonstrada aqui. Tentemos dar uma sequencia organizada a tudo isso. Agora, por favor a palavra de nosso Vice-Reitor Pedagógico.

Eu olhava para o Meirinho e ele estava absolutamente impassível. Tranquilo, olhar sereno, esperando o desenrolar dos acontecimentos. Eu podia perceber certa agitação e preocupação da Thelma e do André por conta daquele pequeno alvoroço. Decerto sabiam e conviviam com a personalidade, as histórias e a vida do avô, mas a dava pra sentir que seria a primeira vez que participariam ativamente de algo assim. Quanto ao Meirinho, acho que a única coisa que ele estava sentindo falta naquele momento era sua dose de *Natu Nobilis*. Meus pensamentos foram interrompidos pela palavra do Vice-Reitor:

- Senhoras e senhores, muito bom dia. Meus especiais agradecimentos ao nosso ilustre convidado e seus acompanhantes. Tudo quanto hoje foi dito pelo Professor Pedro, carinhosamente chamado por todo mundo de Peter, é verdade e tem um peso de essencial importância para nossa cidade e nossa vida. Lamentavelmente eu não estive presente nessa época, sou filho de outra cidade, mas aprendi a amar esta terra abençoada. Desde que eu soube da iniciativa da turma de Jornalismo, eu me empolguei com a possibilidade de estar frente a frente com um dos mais polêmicos políticos do país. Confesso que me inteirei um pouco mais da história e me deparei com algumas contradições que espero ver esclarecidas neste histórico encontro. Aos presentes eu desejo um grande encontro, um grande embate e um registro definitivo da verdade, o que elevaria nossa Instituição a uma categoria importantíssima no cenário nacional, porquanto será a ensejadora de iniciativas idênticas em outras praças onde, eventualmente, ocorreram marcos históricos como o que hoje discutiremos. Não querendo "*furar a fila*" ou de respeitar a ordem estabelecida, eu gostaria de passar a palavra ao nosso ilustre convidado, já formulando-lhe a primeira pergunta, se isso me for permitido pelo mediador

- Será um enorme prazer iniciarmos os trabalhos de hoje dessa maneira. E tenho certeza também de que a Orquídea não tem nada contra. Muito pelo contrário, isso abrilhantarão o registro da reunião.

O nosso convidado, permanecia impávido, cômico e ciente da importância do momento e atento a todo o protocolo improvisado. Confesso que fiquei enlevada pelo ar cerimonioso que o Sr. Meirinho estava mostrando. Compenetrado e solene, dirigiu o olhar como os antigos Césares romanos faziam aos seus tribunos. Sem afetação. Apenas porque conhecia a grandeza do momento e a importância dos fatos. O Vice-Reitor retomou a palavra:

Sr. Gilberto Meirinho, é um imenso prazer recebê-lo aqui. Eu gostaria de passar-lhe a palavra fazendo-lhe também a primeira pergunta do dia: Por que cargas d'água o senhor resolveu enfrentar essa meninada aqui, todos afiados para discutir a história, além da visível presença de pessoas que de alguma forma, aparentemente, fizeram parte dos eventos?

Ele falou num tom tão amistoso e tão jovial que a maioria presente riu da pergunta.

- Muito bom dia, jovens, senhoras e senhores aqui presentes. Sinto-me lisonjeado e honrado com a presença de todos e principalmente com a oportunidade de conversarmos sobre a história da minha vida. E também da história de Balneário Camboriú, por que não? Espero poder atender a todas as expectativas e responder todas as perguntas. Gostaria ainda de me reservar o direito de que, se alguma pergunta ferir a memória ou a imagem de alguém que não esteja presente, não responderei. Esclareço por que peço isso. É que não farei com meus adversários e meus desafetos o que fizeram comigo. Não falarei de nenhum pelas suas costas e muito menos direi algo que qualquer um deles não possa se defender de imediato. Uma simples questão de ética e de justiça, coisa que não tiveram a gentileza de fazer comigo. A segunda coisa que preciso pontuar é que, com a medida que me julgarem, serão julgados. Com a força que me atingirem serão atingidos. É um direito. A história tem suas facetas e minha vida é pública. Estou aqui para esclarecer fatos e dar a verdade sobre eles. Portanto, velhos resquícios, velhas feridas ou rancores do passado, se surgirem de forma violenta, assim serão tratados. De minha parte, o passado é apenas história, sem mais nenhuma emocionalidade. As coisas são hoje o resultado do que foram. Para mim não há mais inimigos. Apenas desentendimentos sobre pontos de vista que ficaram no passado. Espero que essas pessoas entendam isso e deixem os rancores, as mágoas e as dores, mortas e enterradas. Quanto à pergunta do Sr. Vice-Reitor, respondo que, simplesmente decidi vir aqui para que a verdade triunfe, afinal.

Houve a primeira irrupção de aplausos e assovios. Parece que, de cara, já causou impacto. O Peter, semblante eufórico, passou para mim a primeira pergunta:

- Orquídea, sua vez. Trinta segundos, por favor.

- Obrigado Peter. Sr. Meirinho, eu tenho a honra de conduzir o trabalho e é por conta dele que o senhor hoje está aqui. Agradeço sua presença e do pessoal que lhe acompanha. Apesar de privar da sua companhia, há uma pergunta que eu gostaria de fazer. Como é que o Senhor, um Prefeito que passou por cima de tudo para implantar suas ideias e cumprir seu compromisso com a população, pode ser o autor do quase primeiro impeachment da história brasileira? Por que o senhor, que enfrentou tanta oposição, quis afastar o Prefeito de Camboriú no seu primeiro mandato de vereador? Isso não é incoerente?

- Senhorita Orquídea, começando assim eu já posso ter uma ideia do que me espera. Antes de responder à sua pergunta, eu gostaria de alertá-los de que o trabalho que a senhorita está levando a cabo e esta reunião aqui, está abrilhantado e agigantado pela presença maciça dos seus colegas de classe. Como o Sr. Pedro disse que não seria possível dar a todos os alunos a oportunidade que a Senhorita está tendo, gostaria de pedir ele, como Professor, que premiasse cada aluno aqui presente com uma bonificação em nota, um ponto ou dois talvez, para recompensar o apoio que estão dando ao seu trabalho.

Imediatamente houve uma explosão de aplausos, de assovios, bater de pés e aclamações dos alunos presentes. O Peter, pego de surpresa, chegou-se ao microfone e disse que a presença naquele evento garantiria a todos um ponto sobre a média do bimestre. Mais aplausos, mais assovios.

Eu, cá comigo, pensei imediatamente naquela figura que com um simples pedido, cujo benefício era geral, já havia transformado toda a energia e todo o cenário da reunião. Eu olhava em volta e via todos os meus colegas aplaudindo e assoviando e via que estavam literalmente conquistados. Com um simples ato de justiça, ele já mostrou por que fazia as coisas como fazia. Com um simples movimento de reconhecimento e distribuição de uma justa recompensa pela participação no trabalho, ele mostrou que sabe o valor do "*um por todos e todos por todos*":

- Senhor Meirinho, parece que o Senhor já conquistou os seus pontos — disse o Peter.

- Meu filho, somente quem está disposto a dar, pode querer receber. Esse mérito é seu e não meu - respondeu o Mestre Meirinho.

Todos irromperam em riso. Ele estava de bom humor e isso era bom. Estava preparado para aquilo, ou o Peter tinha razão. Ele iria "*engolir*" todo mundo fácil, fácil.

- Agora a resposta. Naquela oportunidade em Camboriú, ganhamos a eleição para Vereador mas não emplacamos o prefeito. O prefeito eleito, assim que assumiu, começou a distanciar-se do apoio e da convivência com os demais membros da Câmara, ao contrário do que fiz quando governei. Passaram-se anos e esse prefeito foi se tornando mais arrogante, prepotente e autoritário Recusava-se

terminantemente, sem nenhuma razão aparente, em prestar conta com a Câmara, não remetendo periodicamente os balancetes como mandava a lei, coisa que prezei e respeitei sobremaneira em meu mandato municipal. Todo mundo ficou cansado daquela petulância, principalmente os vereadores de oposição. Era presidente da Câmara, o Senhor Luís Vieira dos Santos, que, embora fosse da UDN, era parente por via colateral desse Prefeito. Nem o Presidente da Câmara, conseguiu suportar tamanha cobrança da população e dos vereadores e talvez não querendo criar uma situação constrangedora na família, numa atitude extrema, licenciou-se do cargo de vereador. Com a licença do Presidente Luís Vieira, a escolha do novo presidente recaiu sobre um jovem vereador que hoje está aqui prestando contas de seus atos a vocês. No exercício da nova função de Presidente da Câmara, esse jovem procurou desenvolver o partido, ampliar a base de sustentação da oposição na Câmara, trazendo mais dois vereadores para a sua causa. A situação, com o Prefeito, se conturbava mais a cada dia. Simplesmente nos ignorava e não dava a menor atenção aos reclamos que fazíamos. Houve um descontentamento geral na cidade e um grande sentimento de tirar o prefeito do seu posto. Uma pressão popular sobre os vereadores começou a tomar corpo. O jovem bancário, agora investido do cargo de Presidente da Câmara, atraiu para a si a grande e complexa responsabilidade da engenharia política para resolver esse problema. Foi então, primeiramente, em busca de uma solução diplomática, pacífica. Tínhamos que encontrar uma maneira legal de fazê-lo honrar os compromissos públicos de transparência. Eu possuía uma casa de veraneio na Praia de Camboriú, situada atualmente, na rua 1701. Esse grupo liderado por mim, passou a fazer algumas reuniões nessa casa da praia para debater o assunto com serenidade e sem a emocionalidade da câmara municipal. Os opositores de nossa iniciativa chamavam essas reuniões de "secretas". Era um empreendimento político magistral e não poderia haver erros, pois não queríamos, nem a casa, nem o prefeito nem nosso grupo desmoralizados. Acertamos que deveríamos fazer todas as ações da operação "*transparência*" da forma mais legal possível. Contratamos um advogado para nos assessorar e passamos a agir "*silenciosamente*" nessa casa de praia, sem que ninguém nos viesse perturbar. Esses parceiros, mais ou menos um mês depois de cumprirem todos os trâmites que acharam legais e seguindo todos os passos recomendados pelo advogado, apresentaram o resultado dessa

decisão ao Prefeito. Ao contrário do que se esperava, o Prefeito tornou-se ainda mais irredutível e negou-se terminantemente a apresentar as contas da Prefeitura. O grupo liderado pelo Presidente concluiu que não havia solução pacífica para o caso, somente uma atitude mais drástica resolveria o problema. Marcaram então o dia "D" para o afastamento do Prefeito, caso ele persistisse em manter a todos no "escuro". O grupo contratou uma cozinheira e ficaram dias confinados na tal casa de praia e só saíram de lá, na noite da reunião da Câmara. Todos com seus discursos preparados e conscientes da função que teriam naquela reunião, que culminaria no primeiro "*impeachment*" da história do nosso País, caso fracassasse a solução pacífica. Foi uma ação ousada e muito cara em todos os sentidos. Porém o grupo permaneceu unido e confiando plenamente em cada um dos seus membros. Como eu disse, qualquer desliz, a ação seria fracassada e seriam desmoralizados perante a opinião pública. Esgotadas todas as possibilidades amigáveis e negociadas da abertura das informações, partiu-se para a via litigiosa. Quando declararam o '*impeachment*', o grupo situacionista se retirou do plenário. Já passava das onze horas da noite e o Presidente da Câmara, este que vos fala, declarou "*sessão permanentemente aberta*" para voltarem no dia seguinte às 08 horas. Antes, porém o Presidente preparou todos os ofícios ao Prefeito pedindo toda a contabilidade e prestação de contas. Mesmo assim, nem o prefeito, nem seus assessores se manifestaram e aquele grupo de oposição resolveu permanecer com a sessão permanentemente aberta por quase dois meses. Após esse período sem que nada acontecesse e sem qualquer comprovante que o condenasse, sem qualquer contestação legalmente sustentada, sem qualquer coisa mais palpável do que a grita geral da situação, o Presidente se reuniu com todos os vereadores e ainda chamou o delegado da cidade, senhor Abílio Goulart e mais diversas testemunhas da comunidade, para presenciarem um ato extremo. Com as portas da Prefeitura abertas e com todo o povo assistindo, trouxeram um chaveiro, mas ele não conseguiu abrir o cofre. Contrataram então um broqueiro da cidade, para que com um punção e martelo iniciasse a abertura do cofre. E assim, perante mais de uma dezena de testemunhas, inclusive o delegado da cidade, o cofre foi aberto.

- Então essa é a história do tal cofre? Perguntou o Peter, antecipando a questão de uma colega presente.

- Antes de falarmos do cofre, o Senhor poderia nos dizer como foi finalizada essa tentativa de impeachment? O que aconteceu com o Prefeito? Perguntou o Peter.

- Bem, passados mais ou menos dois meses, a justiça o reempossou. Com pouca prática pública e sem malandragem política, me decepcionei profundamente. Meu advogado quis recorrer mas não aceitei. Reuni-me com meus companheiros vereadores e alguns partidários e propus que desistíssemos, pois estávamos a três ou quatro meses de uma nova eleição e o desgaste emocional não compensaria. Lançamos uni candidato a prefeito e o preparamos para elegê-lo a todo risco. Comprei um JEEP novinho e botei na estrada. O candidato que apoiamos foi o senhor Amadio Dalago, que teve que aceitar sua candidatura na marra. Era um homem muito sério, honesto, muito querido da população, porém muito tímido. Conseguimos elegê-lo com boa margem de votos. O povo queria seriedade e respeito e não estava muito preocupado com discursos. A timidez do Amadio era conhecida, mas sua honradez reconhecida. Venceu com certa facilidade.

- Elivelton, você é o segundo sorteado. Sua pergunta, por favor.

- Sr. Meirinho, é um verdadeiro prazer estar aqui falando com o Senhor. Eu tenho um tio que trabalhou com o Senhor na Prefeitura de Balneário Camboriú e sempre conta que o Senhor foi um grande Prefeito e que cuidava dos funcionários como se fizessem parte de uma grande família. Eu tinha uma pergunta pronta, mas à vista deste começo, vejo-me forçado a mudá-la. Há uma janela bem grande entre a vereança em Camboriú e a Prefeitura em Balneário Camboriú. O que aconteceu nesse meio tempo? O que o Senhor fez?

-Terminado o meu mandato, pedi à direção do Banco Inco, onde eu trabalhava, a minha transferência para outra cidade e abandonei a política, completamente decepcionado pela forma como ela funciona. A direção do meu banco, não tomou conhecimento ou fez que não tomou e o meu conceito continuou bom perante a direção. A minha volta à política foi imposta "*goela abaixo*" como fizemos com o Amadio. Eu tinha dado outro rumo à minha vida, mas não teve jeito de escapar. Acho que no fim, guardadas as devidas proporções e com o devido respeito aos personagens, cada um do seu jeito e cada um da sua forma, a situação era meio que parecida. Por isso, nem tive condições de me aferrar na negativa e acabei voltando à política aqui

nesta cidade, cujo nascimento eu participei ativamente e fui um dos responsáveis.

- Repergunta, Elivelton?

- Sim. Daí o Senhor veio para Balneário para ser Prefeito? O que fez?

- Passaram-se mais ou menos três meses daquele meu pedido ao Banco, veio a minha transferência para São Francisco do Sul. Registro ainda que na minha passagem pela Câmara de Camboriú, entre outros projetos, desenvolvi, com o apoio do vereador Domingos Fonseca, a Criação do Distrito de Praia. Trabalho muito difícil, pois o Município de Camboriú não queria. E na administração do Banco eu construí o prédio da agência onde vivi dois anos. Ah! E não esqueça que vereador naquele tempo, NÃO ERA REMUNERADO e não recebia qualquer vantagem. Se quisesse assessoria, teria que bancar por sua conta. Não era essa festa que existe hoje no cenário político, onde existem verbas para contratação de staff, muito menos cartões corporativos tão prodigamente utilizados atualmente e sem o menor constrangimento, com o povo pagando tudo, sem poder reagir. Então, naquela época, tudo custava para o próprio vereador. Não como hoje que os políticos contratam gente que nunca apareceu para trabalhar e os proventos mensais são "*devolvidos*" ao parlamentar pelo "*fantasma*". Quando um grupo de vereadores tivesse interesse em aprovar um projeto, tinha que se cotizar para mandar buscar e levar em casa os vereadores do interior que não tinham condições de se deslocarem. E tem mais ainda — dependendo do caso, tinha que pagar o almoço ou a ceia. Em compensação, naquele tempo, o político no exercício do mandato recebia em troca, muito mais respeito da população como verdadeira autoridade, pois não cobrava nada do erário. Ser político, antigamente, era participar de uma casta de respeito, cujos ideais eram propostos com os interesses voltados para a população. Os embates eram ideológicos. Claro que existiam, como sempre existiu e existirá, o interesse espúrio, os sacripantas que se locupletam com o exercício do poder. Isso não é uma coisa nova. É do tempo em que os macacos desceram das árvores e os homens constituíram os primórdios da sociedade. Não quero aqui ser tendencioso nem focar o ataque nessa forma moderna de fazer política que se instalou no país, mas nunca tivemos os exageros e o gigantismo da sujeira que vemos hoje. Nem em nossos piores pesadelos do passado vimos essa doença tão espalhada e tão disseminada.

Nesse momento, houve uma explosão de aplausos. Todos ali com certeza concordavam com o que ele dizia. Era só ler as principais revistas do país, qualquer jornal de bairro, qualquer canal de televisão e tudo isso era cristalino e transparente para qualquer um que fosse bem informado. O problema é que a grande massa eleitora ainda não lia o suficiente e se iludia com pouco. Mas eu me lembrei da estratégia do próprio Meirinho, fazendo chegar ao povo a instrução da verdade e eu mesma me senti mais otimista. Um dia, mais cedo ou mais tarde, a sociedade cresceria como um ente solidário e todo esse lixo seria incinerado de nossas vidas.

- Que outras coisas o Senhor fez no tempo de Camboriú, como era sua vida profissional fora da política e como o senhor passava o seu tempo? Foi a pergunta de uma colega de turma.

- Pois bem. Quando cheguei a Camboriú, peguei uma agência meio parada. Como a cidade tinha a sua economia baseada principalmente na agricultura do arroz, procurei o Dr. Roberto Bornhausen, filho do então senador Irineu Bornhausen, que era engenheiro agrônomo. Apesar de pertencer à alta direção do banco, era um homem simples e muito competente na área agrícola, para lhe propor a adoção da cédula pignoratória. Ele concordou e implantamos. A minha agência foi a primeira agência do Banco—entre as cento e tantas filiais— que adotou na carteira agrícola, a cédula rural pignoratória (CRP), com base na penhora da safra. Isso foi o maior sucesso. Nosso trabalho serviu de modelo para as demais agências. Ganhei muito prestígio com isso e me aproximei ainda mais da diretoria do banco. Outro fato interessante, dentro das diversas coisas que aconteceram comigo em Camboriú, foi a de um cidadão de Itajaí ligado à radiodifusão. O dito abriu uma estação de rádio em Camboriú. Como não deu conta do negócio, transferiu esse "pepino" para o Banco, seu maior credor. A responsabilidade da gestão desse negócio coube a mim. A partir daí, passei a ser tratado como gerente de rádio também. Tivemos inclusive que transferir a sede da rádio para o apartamento que o banco mantinha na agência. Aí então não tive mais sossego. Dirigir uma rádio naquele tempo era estressante. Tinha que administrar o financeiro, os radialistas, atores, artistas com suas esposas que viviam sempre sem dinheiro. Sem contar com a administração da Agência, como gerente bancário. Aguentei isso por uns dois anos, depois transferi para um colega de Blumenau. Ainda sobre a minha passagem por Camboriú,

eu construí o prédio da agência onde vivi dois anos. O movimento do banco aumentou bastante e por esse motivo fui autorizado pelo banco, através do Dr. Genésio Miranda Lins, a adquirir um terreno para implantara nova sede na cidade de Camboriú, com um apartamento para o gerente e outro para hóspedes. Adquirimos o melhor terreno da cidade, lembro-me bem, era propriedade do senhor Justiniano da Silva Neves, comerciante local. O terreno localizava-se na esquina da praça central e ali construímos, sob a minha administração, um prédio moderno com dois pavimentos. Fui presidente da Associação Rural de Camboriú e adquiri o terreno onde ela foi instalada. Em sociedade, fundamos duas grandes indústrias de beneficiamento de arroz; e em sociedade com o Dr. Rodolfo Renaux Bauer, diretor do Banco, fundamos a Cooperativa dos Cafeicultores de Camboriú, da qual fui diretor e secretário. E construí ainda em sociedade com o senhor Amadio Dalago o loteamento MEIRAMADI, (Meirinho e Amadio) no centro de Camboriú. Estás vendo como foi próspera a minha curta passagem por aquele município?

- Repergunta?

-Sua vida só foi focada no trabalho?

- Parece que eu só trabalhava não é? Mas não. Eu ia todo o fim de semana para Blumenau na casa do meu sogro, com a minha mulher, meus três filhos e depois, mais um menino que eu tinha adotado - o Martinho. No verão preferíamos ir para uma casa de praia que eu tinha numa península, em Itapema, onde hoje é o Plaza Hotel. Pelas condições da época, era uma casa de praia, mas também de campo. O "*turismo de praia*" ainda não era muito levado em conta, em especial na Itapema. Nessa casa eu mantinha um caseiro e uma grande criação de caprinos, algumas vacas e um cavalo que era do meu filho. Naquela época estavam abrindo a BR 101. Eu deixava o carro em Itapema, no pé do Morro do Encano e pegava um carro puxado por uma junta de bois que levava as nossas tralhas e a minha família até a casa. Para as crianças era a maior farra. Lá iniciei meus primeiros exercícios de caça submarina, mais tarde um forte hobby em minha vida. Aquele lugar favorecia muito a prática desse esporte. Havia muita lagosta e eu comecei a iniciar meu filho também. Essa belíssima península eu adquiri de uma senhora muito conhecida em Itapema chamada "*Nolli*". Essa senhora estava precisando de um terreno para lavoura e

criação e eu tinha um sítio próprio para isso na localidade de Santa Lídia em Itajaí, desde quando era solteiro. Então trocamos de imóvel. Em Camboriú tive grandes amigos, tanto do lado da UDN quanto do PSD: Luís Vieira, Francisco Barreto, Pedro Saut, Amadio Dalago, Clésio Simas, Anastácio Pereira, seu filho o Bento, Luiz Cruz, família Testoni entre outros. Do outro lado tinha o Antônio Fadei Filho, um grande cidadão, o Elói Garcia, Andrônico Pereira, Francisco Duarte, o Nemésio e outros. Foram bons tempos os da minha passagem por Camboriú, tenho boas lembranças, desde coisas mais simples, até mais complicadas.

- E quanto ao tal cofre? Arrombou ou não arrombou? Dá pra contar essa passagem?

Foi a primeira pergunta contundente. Ele não se abalou e seguiu:

- Como eu estava dizendo logo na primeira questão formulada aqui, a necessidade de descobrirmos o que se passava e a verdade afinal foram imperiosas nessa situação. A Prefeitura de Camboriú guardava num cofre toda a documentação fiscal e os comprovantes, além de rendas e outras coisas. Se vocês consultarem os anais da Câmara Municipal está registrado em atas, que o senhor prefeito negou-se a apresentar os balancetes porque os vereadores eram, segundo as próprias palavras dele, "*uns burros e ignorantes e não mereciam crédito*". Isso apenas acirrou nossa vontade de descobrir o que lá havia que era tão inacessível ao nosso conhecimento. Chegamos então ao cofre, outra vez. Depois do "*afastamento*", fomos à prefeitura e na presença de muitas testemunhas, como falei, partimos para a abertura. Apesar de ser o cofre de concreto, o broqueiro recomendou que o estourassem, pois estava muito difícil de quebrá-lo com um simples ponteiro e marreta. Então o cofre foi estourado na frente de todos e, sem pressa, depois que o delegado analisou e avaliou o conteúdo, retiramos do cofre apenas três livros, sendo um livro caixa, um diário e um livro razão. Na parte superior, apenas duas caixas de sapatos, cheias de vales de todos os tipos, formas e tamanhos. Encontraram até vales feitos em pequenos selos de maços de cigarro, retirados pela esposa do então Prefeito. Aquilo representou um desastre para a cidade. Relacionaram todos os vales, numerando-os e colando-os em folhas de papel almaço, sem pautas. Só isso já deu um belo volume, que juntamente com os livros, foram remetidos ao

judiciário, que naquele tempo ainda pertencia à Comarca de Itajaí. A cidade se dividiu, a polêmica se estabeleceu e fomos pela primeira vez, notícia nacional. Portanto, esse 'arrombamento' não tem esse caráter de individualismo que as pessoas quiseram dar conotação, quando disseram "*o senhor arrombou*". Não foi uma iniciativa pessoal, foi uma ação conjunta da maioria da Câmara de Vereadores e da maioria do povo que queria ou o esclarecimento e a informação transparente ou o afastamento do Prefeito. Também não foi por dolo, não foi por que quiséssemos prejudicar alguém. Foi fruto de uma investigação, feita à luz do dia, na presença de muitas pessoas e com a melhor das intenções, de tirar o domínio da cidade das mãos de um prefeito que não queria prestar contas de sua gestão, o procedimento mais básico da administração pública.

- Então, dizer que "*o senhor arrombou*" foi apenas um jeito de falar, maledicência ou munição política contrária?

- Eu sei que o maior uso dessa história aconteceu quando da minha candidatura a Prefeito de Balneário Camboriú e durante minha gestão como tal. Posso dizer que arrombar o cofre foi uma maneira de falar, dotada de grande maledicência e utilizada como ferramenta política contra mim. Muita gente, ainda hoje, gosta de dar conotação pejorativa a esse fato, como que querendo dizer que eu arrombei de má fé, sozinho ou por perseguição a alguém ou mesmo para roubar alguma coisa. Eu nunca precisei disso.

- O Senhor enriqueceu por conta da política? Como o Senhor explica essas associações com tanta gente famosa e importante nas cidades onde passou? Perguntou um dos alunos.

- Eu poderia responder de forma simples que a competência e a dedicação trazem o resultado, mas isso certamente não atenderia à sua expectativa. Muitas pessoas que enriqueceram através de conchavos ou herdeiros das fortunas que foram construídas aqui nesta cidade à base de falcatruas, arranjos com políticos, invasões de terras e tantos outros artifícios que não o trabalho enobrecedor podem achar estranho alguém ser procurado por parceiros por causa da competência que possuem. Podem achar estranho que alguém que rejeita os parcerismos da política, possa progredir e prosperar. Para você entender o que isso significa, no Brasil houve um grande político de nome Jânio da Silva Quadros, que, quando concorreu à Prefeitura

de São Paulo, anos depois de ter sido eleito Presidente do Brasil, visitou uma grande universidade, como eu que estou aqui agora, e foi indagado da mesma maneira. Ele parou, olhou profunda e atentamente para toda a plateia e disse: - *Quero fumar*. Imediatamente apareceram na frente dele vários maços de cigarros de diversas marcas, de onde ele pegou apenas um e disse:

- *Quero fogo*. Da mesma maneira, isqueiros e fósforos acesos se aproximaram do cigarro que ele levou à boca ainda apagado. Então ele deu uma tragada longa e saborosa, soltou a fumaça, olhou para o aluno e perguntou:

- *Está respondida sua pergunta?* Da mesma forma eu posso dizer que quanto mais a minha fama de pessoa séria e honesta crescia, quanto mais eu mostrava que não me curvava aos grandes interesses e que a minha integridade moral estava acima dos interesses escusos, mais gente séria tinha interesse em compartilhar comigo a competência que vinha mostrando. Os negócios em que me envolvi, os negócios que fiz, como posto de gasolina e indústria de pesca não tinham nada a ver com a minha vida política. Eu nunca busquei, por exemplo, facilidades de financiamentos ou dinheiro público para construir barcos, pagar salários ou vender pescado. Todas as sociedades e parcerias que fiz, foram baseadas em competência empreendedora, capacidade administrativa e qualidade de gestão. Tanto é assim que até hoje, passados quase quarenta anos de minha passagem pela política, meu nome nunca esteve envolvido em qualquer tipo de escândalo. Eu nem preciso usar o jargão de que nada foi provado, pois de nada, nunca fui acusado. As coisas que existem, pelo contrário, dão conta da minha luta contra tudo que abomino, que é o uso indevido do poder público, da máquina do estado em proveito próprio ou de negócios que não sejam claros, transparentes e típicos da vida privada. Meus loteamentos foram exemplares em documentação, em registros, em legalidade, com todas as exigências cumpridas e, por menor que fossem, totalmente providas de atendimento. Os sócios que tive, sempre tiveram ilibada reputação, inatacável postura e comportamento e até hoje são exemplos de ética e honestidade. Evidentemente que, como o Jânio Quadros, muitos cigarros foram oferecidos, porém jamais abri mão do direito de escolher a marca. Muitos fósforos e isqueiros foram apresentados, mas eu nunca permiti que ninguém decidisse por mim, qual tipo de "*fogo*" eu aceitaria para acender meu cigarro.

Todas as minhas empresas atuaram no comércio ou na indústria, como fornecedores do mercado direto. Eu já tinha uma experiência empresarial sólida quando ingressei na política e no tempo em que ali estive mais perdi do que ganhei. Até contas da prefeitura, que nunca fui reembolsado eu paguei. Se você quer saber se existe algum político que veio para dar e não para pegar, pode dizer que acabou de conhecer um. Existem mais, eu sei. Mas estou falando pra você que perguntou, que aqui existe um político que deu muito, mas muito mais do que recebeu. O que recebeu foram vencimentos públicos. O que deu foi resultado de esforço pessoal e anos de trabalho.

Depois do profundo silêncio que se instalou no ambiente, o Sr. Meirinho, calmamente, retomou a palavra e seguiu com seu raciocínio.

- Essa pequena história do Jânio mostra pra você que muitas vezes, os bons são procurados por aqueles que querem melhorar. Minha experiência como gerente de banco — o que naquela época não era fácil — minha iniciativa de dinamizar a economia local e minha coragem em enfrentar problemas, trouxeram-me parceiros que viram no jovem que eu era, algum talento para os negócios. E aparentemente não estavam errados, pois construí o que construí — pouco é verdade, mas sólido — com trabalho honesto e afinco. Determinação, vontade e muita concentração nos resultados. Independentemente da política, mas porque nela, mostrou que tudo pode ser feito da maneira certa. Se eu não sucumbi ao fascínio do poder, nos negócios seria muito mais fácil fazê-lo. Isso atraiu parceiros para o meu negócio.

- Réplica? perguntou o Peter.

- Tenho sim. Poeticamente explicado. Mas eu gostaria de entender um pouco desse seu "dom". Como foi que o Senhor conseguiu a prosperidade, estando envolvido com tantas coisas?

- Já que você falou em poesia, talvez certo conto lhe explique melhor como alguém consegue ser próspero na vida. Contam que um homem muito poderoso, via seus negócios irem cada vez pior. Então decidiu encontrar-se com um sábio que vivia recluso em uma montanha. Lá chegando, contou ao sábio que suas colheitas estavam cada vez menores, seu gado desaparecia ou morria com facilidade, a produção do leite estava diminuindo e ele não conseguia bons preços nos seus produtos devido à baixa qualidade deles. Então o sábio abriu uma pequena cortina na parede da caverna, deixando à mostra um nicho

onde havia uma caixa de madeira antiga, mas belamente decorada. Disse ao homem que durante seis meses, ele deveria levantar-se antes do sol surgir, pegar aquela caixa e visitar cada um dos seus negócios pessoalmente e com a caixa debaixo do braço, perguntar a seus funcionários tudo sobre cada coisa ou lugar que visitasse. Quando saísse de cada lugar, no caminho para outro, contar à caixa tudo o que ouviu. No cair da tarde, deveria voltar a cada lugar e repetindo as perguntas discutir cada coisa outra vez. Assim deveria fazer por seis meses. Ao final desse tempo, o homem subiu a montanha para devolver a caixa mágica ao sábio. La

chegando, o sábio perguntou-lhe sobre o que havia ocorrido. O homem então disse que a caixa era realmente mágica e que ele queria comprá-la de qualquer maneira. Contou que suas plantações nunca produziram tanto, seu gado nunca deu tanto leite, que a morte e o sumiço de suas reses havia quase desaparecido, que o preço dos seus produtos voltou ao que era e que então ele estava mais rico do que nunca. Disse ao sábio para por preço na caixa que ele compraria. Então o sábio disse que a caixa não estava à venda, pois era o presente de seu avô, um pobre carpinteiro da aldeia que havia morrido há muito tempo. Mas o conteúdo da caixa o homem poderia levar sem custo nenhum. O homem então, avidamente, abriu a caixa e deu de cara com um pequeno pergaminho. Abriu e leu. Estava escrito: "*Quem não vigia, não prospera. O gado engorda nos olhos do dono*". Está poeticamente explicado?

Risadas gerais. Além da grande lição, uma esplendorosa demonstração de sabedoria.

- E de onde vem o apelido Sr. MURINHO? Algo a ver com a destruição do patrimônio alheio? Por acaso é fruto da violência cometida contra empresários e suas posses, impedindo-os de construir no que era deles? Perguntou um jovem, herdeiro de empreendedores antigos na região.

- Meu jovem, meu jovem. Teve tudo a ver com a destruição do patrimônio alheio. Na verdade, o apelido MURINHO veio de um jornalista que fez uma dessas conotações maldosas com a verdade dos fatos. Tudo o que eu fiz teve a ver com a destruição do patrimônio alheio. Vejo que o senhor tem uma pele bronzeada. Deve curtir muita praia. Mas se curte a praia em Balneário Camboriú, deve saber que isso só é possível

porque eu combati a destruição do patrimônio alheio. Maus cidadãos, homens de cobiça gigantesca e invasores de terra, trataram esta cidade como butim. Por eu ter combatido a destruição desse patrimônio da humanidade que é nossa cidade, é que essa história apareceu. A derrubada dos muros aconteceu sim. A Avenida Atlântica não existia como é hoje, era um recorte de favela carioca. Hoje nenhum jovem é capaz de imaginar a vida sem um computador, um telefone celular ou jogos eletrônicos, mas esquecem que até há algum tempo isso era impensável. Então, vocês passeiam na orla marítima de Balneário Camboriú e não têm a menor ideia de como isso era. Acusaram-me de despotismo, de violência e de desrespeito. Mais tarde não só a população concordou com esse procedimento, como também é hoje é uma unanimidade que, se não fosse essa providencial derrubada dos muros e cercas, teríamos uma avenida horrível; como os próprios donos de imóveis retiraram suas queixa na justiça e outros inclusive vieram no gabinete cumprimentar pessoalmente e reconhecer que estávamos corretos, a cidade encontrou calma. Os únicos 239 descontentes, acredito, são aqueles que até hoje acham que foram lesados no suposto direito de invadir terras e se apropriar do que pertencia a todos. Minha fama teve a ver com o fim da destruição do patrimônio alheio. Ou seja, o senhor até que está certo no conteúdo, porém erra redondamente no contexto. Meu apelido veio do fato de eu ter conseguido impedir a destruição do patrimônio alheio, ou seja, o patrimônio do povo, da cidade, da humanidade e não do contrário, como me pareceu a sua conotação.

- Mas, como o Senhor explica aquele vandalismo todo? Foi o Senhor ou não o responsável por aquilo? Foi a pergunta.

- Bem, para explicar isso, vou te contar uma história: em meados dos anos 70, eu morava aqui em Balneário Camboriú e tinha que me deslocar para a minha empresa em Itajaí diariamente às sete horas da manhã. Saía nesse horário porque levava meus dois filhos para estudar no Colégio São José. Voltava ao meio dia com as crianças. Almoçava e voltava para Itajaí. Tinha pouco ou quase nenhum contato com a vida política de Balneário Camboriú. Somente alguns sábados quando meu tempo permitia mediante as minhas obrigações com a empresa, eu conseguia me reunir com alguns amigos para um bate-papo ou uma roda de aperitivos no Restaurante Mariluz do saudoso Ewaldo Bentihen na Avenida Central. Lembro-me muito bem, numa

dessas rodas de aperitivos, estava o senhor Cleones Bastos, Diretor do PLAMEG do Governo Celso Ramos, que residia aqui em Balneário Camboriú e era um grande batalhador por esta cidade e que trouxe para cá muitas benfeitorias do Estado. Nossas esposas também tinham excelentes relações de amizade. Estava também o Dr. Arnaldo Mendes, arquiteto, homem apaixonado por esta terra e que dedicou alguns serviços gratuitamente a esta comunidade na área de planejamento, principalmente na minha administração; Avelino Alvarez, proprietário de uma grande empresa de terraplanagem que na época estava executando obras na Avenida Atlântica, construída pelo Estado, entre outras pessoas que não lembro mais. O Dr. Cleones Bastos, na continuação da conversa disse-nos: *"Estou preocupado hoje: fui convocado pelo Prefeito a participar de uma reunião no Hotel Marambaia, às 15 horas, com proprietários de imóveis da Avenida Atlântica. O Prefeito está inseguro porque está havendo uma grande reação por parte desses proprietários. Não estou com medo, mas gostaria bastante de vê-los lá, nessa reunião, para pelo menos eu ter com quem sorrir"* concluiu. Prometemos que iríamos e ainda nos propusemos levar mais alguns companheiros de nossa confiança. Lá chegamos e encontramos o Hotel 4ip Marambaia superlotado, com mais gente que imóveis na Avenida Atlântica. Aquele grupo trouxe gente de toda a parte do Estado e fora dele. Eram arruaceiros profissionais, treinados para conturbação dos ambientes, nada 240 diferente dos expedientes utilizados por certos partidos políticos que querem esconder suas reais intenções atrás da cortina de falsos direitos. Os agitadores estavam ali, dando sinais uns pros outros e começaram a se espalhar no ambiente, ocupando lugares estratégicos ao lado daqueles que, sabidamente eram favoráveis à humanização da Avenida Atlântica. Essa estratégia era utilizada para não permitir que eles dessem seus testemunhos ou posições favoráveis, calando-os pelo barulho que esses baderneiros profissionais faziam ou pela intimidação que provocavam. Eles tinham um porta voz que estava discursando quando eu cheguei. Convocado a dar uma explicação sobre a queda de alguns mourões de cerca e canto de muro que quebraram em virtude das obras que o Estado vinha fazendo na Avenida, o senhor prefeito da época não conseguiu iniciar o discurso e foi estrondosamente vaiado por esses contratados que nem daqui eram. E o pior: só não foi espancado porque o Dr. Cleones Bastos, homem de fina cultura, inteligente, pediu a palavra e com muita

dificuldade começou a falar. Como o Cleones era muito respeitado, nós, os amigos dele, fomos encarando os baderneiros e não demos chances a eles de continuarem a farsa. O Cleones então justificou que o Prefeito não tinha culpa pelo que estava acontecendo. A culpa era dos funcionários da empreiteira. Como eram homens de pouca cultura, ao abrirem o leito da avenida, batiam com as máquinas em partes dessas cercas e também porque tinham pressa de acabar a obra que era verba do Estado e que essas benfeitorias iriam beneficiar enormemente os proprietários da Avenida Atlântica. Lembro bem que ele disse que se pudesse trocar esses homens, tratoristas e motoristas por pessoas de curso superior isso não aconteceria. Prometeu que iria recomendar a empreiteira para que tivesse mais cuidado com essas construções avançadas na Avenida Atlântica. Colocou com cuidado que, aos olhos daqueles trabalhadores e na leitura das plantas e das instruções de serviço pelos mestres de obra, qualquer coisa que estivesse fora do padrão ou não estivesse considerada nas plantas e desenhos, seriam tratadas como inexistentes e irregulares e por isso, quanto mais rápido fossem feitos os acertos e regularizações melhor poderiam trabalhar aqueles pobres funcionários que não conheciam nada além do mister de seus ofícios. A ação dos proprietários e a ação dos Dr. Cleones Bastos me marcaram muito e eu disse a mim mesmo: que tristeza, onde vai parar essa cidade, com administradores tão acomodados e uma comunidade tão gananciosa, sem o menor espírito público. E a partir daí, o alinhamento do meio fio, do lado do continente ficou parecendo uma escada: hora o meio-fio parava na margem do muro, hora o muro ficava dentro da avenida. Era a coisa mais feia do mundo. Se não tivesse acontecido o "*desastre da derrubada dos muros e das cercas*" hoje a Avenida Atlântica seria uma pista de sete metros de largura, com passeios de 1,5 metros e te afirmo que à época, já tinha muitas edificações aprovadas e licenciadas para execução, com esse alinhamento todo tortuoso. Quando assumi a prefeitura, reuni os secretários e dei minha posição sobre o assunto. Suspendemos todas as licenças de construção na Avenida Atlântica por mais de um ano. A mídia financiada pelos incorporadores 'deitava e rolava' sobre o assunto, dizendo que estávamos afugentando os incorporadores. E eu concordei: os maus incorporadores deveriam mesmo sair de Balneário Camboriú, que não faziam falta nenhuma. De mais a mais, desde antes que eu assumisse a Prefeitura, a Capitania dos Portos e o Ministério da Marinha já vinham tentando por ordem naquilo, mas não tinham força

administrativa para fazê-lo. A preocupação com essa área antecedeu minha gestão. O que ocorreu, na verdade, é que na minha gestão as coisas foram "endireitadas".

Independentemente das regras estabelecidas, o "herdeiro" disparou:

- Dizem que a ordem recebida pelo demolidor era de atacar somente os muros e as cercas das propriedades que não tivessem morador nas mesmas ou próximas. Por isso pergunto: Por que algumas propriedades não foram agredidas e por que o ataque tinha que ser feito na calada da noite. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

O Peter quis interferir, dizendo que a regra era clara, mas o Meirinho calmamente disse que não tinha problemas em resolver a questão. Estava ali pra isso e iria responder pois achava que era do interesse de todos a informação completa e que não fugiria dessa responsabilidade por conta de uma regra que lhe permitisse escapar. Enfrentou balas e gente brava de verdade. Responderia!

- Meu filho, eu não sei, mas pelo que parece e ficou demonstrado é que o ordenador sabia que se fosse provado que ele tinha praticado aquela ação, todo o trabalho seria perdido, pois o responsável seria obrigado a reconstruir cercas e muros no alinhamento anterior. Talvez por isso o autor preferisse o anonimato. De uma forma ou de outra, é importante que se frise que eu, como Prefeito não precisava ser o autor daquele ato. Até hoje ninguém provou que fui eu e também eu não provei que não fui. Então fica assim. Mas preciso apresentar a vocês os documentos que comprovam que eu não precisava agir daquela forma.

Dito isso, olhou para a neta e o bisneto. As luzes foram apagadas, o data show aceso, e as primeiras imagens apareceram enquanto ele falava:

- Eu, como prefeito, apesar do curso que alguns proprietário deram nas suas ações na justiça comum e o estranho entendimento do judiciário nessas causas, tinha ao meu lado aliados bastante poderosos, todos preocupados com o bem comum. Mas, aqui, nesse caso, o interesse de poucos sobrepujou a necessidade de muitos. A prova disso é a decisão do Tribunal Regional dando ganho de causa aos proprietários. Não sou advogado, mas repito, sempre achei que esta causa deveria ser julgada pela Justiça Federal por se tratar de Patrimônio da União, mas...

Começaram a aparecer na tela, documentos da Capitania dos Portos, recortes de jornal, matérias, boletins do Ministério da Marinha, Portarias:

- Vejam esse Boletim, por exemplo, e atentem para o alerta veemente:

"Dia 22 de fevereiro de 1974 — O Boletim de nº 03 "MARINHA ALERTA" "A Capitania dos Portos está alertando que todas as obras públicas ou particulares construídas sobre as águas e terrenos de marinha, poderão ser demolidas, se os construtores não consultarem previamente o Ministério da Marinha, através das Capitancias dos Portos para obterem licença. Esta advertência baseia-se no texto do art. 102, do decreto federal nº 50.114 de 26 de janeiro de 1961. A partir de março, as capitancias dos portos desenvolverão intensa fiscalização, visando regularizar esse tipo de construção considerada clandestina". (Jornal de Santa Catarina de 20/02/74)

- Continua a mesma matéria sobre o boletim:

Sobre essa oportuniíssima nota divulgada pelo Ministério da Marinha, disse o prefeito: "Se não fosse o valioso apoio que venho recebendo do Ministério da Marinha, através do Quinto Distrito Naval e respectivas capitancias, assim como do Domínio da União, já agora teríamos construções até em cima da areia da praia e garantidamente possuiríamos uma rua cercada de estaquetas... É impressionante a falta de colaboração de certos proprietários dessa Praia que, embora tenham as suas propriedades valorizadíssimas com o alargamento das respectivas calçadas, gastam milhares de cruzeiros na justiça para impedir que as terras de marinha que ocupam ilegalmente, sofram pequenos recuos para que as calçadas possam ser alargadas. Conheço um multimilionário — conclui — que está questionando há mais de um ano para refazer uma cerca podre, que o tempo e a falta de conserva destruíram naturalmente".

- Um mês depois outra nota no Diário Oficial do Estado foi publicada com o seguinte teor:

ALERTA: TERRAS DE MARINHA. Na primeira página do Diário Oficial do estado de 19 do corrente, sob o título "**Capitania orienta sobre terreno de marinha**" foi publicada a seguinte nota: "A Capitania dos Portos do Estado de Santa Catarina, para fins de orientação sobre terrenos de marinha, está alertando sobre o que dispõe o texto do artigo 102,

do decreto nº 50.114 de 26 de janeiro de 1961 o mencionado artigo preceitua que, para a execução de obra pública ou particular sobre a água em terreno de marinha ou marginais, deve ser previamente ouvido o Ministério da Marinha, através da Capitania dos Portos. O parágrafo segundo, o oitavo artigo, esclarece que o não cumprimento dessa disposição legal implicará na demolição da obra, sem prejuízo da multa a ser aplicada ao infrator, pela Capitania dos Portos. (boletim nº 27— 22/03/74)

Ao seu sinal, o bisneto ia fazendo rolar as telas enquanto sua neta distribuía para o mediador e o Vice-Reitor, pastas com os documentos apresentados.

- Mais esse:

ALMIRANTE BERUTTI: "AS PRAIAS SÃO DO POVO." O Vice-Almirante Hilton Berutti Augusto Pereira, Diretor da Diretoria dos Portos e Costas do Ministério da Marinha, em portaria 014/1972, de 18 de agosto de 1971, assim define o uso das praias: *"De acordo com a legislação brasileira, as praias são bens públicos de uso comum do povo e os terrenos de marinha são bens públicos patrimoniais. Como bens públicos de uso comum, as praias são sagradas, em caráter de perpetuidade, à utilização geral dos habitantes do País. Sobre os terrenos de marinha a União exerce poderes de proprietário, mas o proprietário das praias é o povo, a coletividade. Por esta razão, as praias não podem ser alienadas. Assim, muros ou cercas que delimitam fisicamente terrenos de marinha, aforados ou não que contenham praias não devem ser estendidos à superfície de areia ou cascalho que define. A areia ou cascalho expressam fisicamente a demarcação natural das praias até de marés astronômicas ou nas ressacas, as águas atingem..."* "... por parte das Capitánias dos Portos e suas delegacias e agências, a fim de que seja efetivamente evitada em todo território nacional a ocupação de praias para uso privado."(boletim nº 32-25/04/74)

- Tem mais:

CAPITANIA SOLICITA COLABORAÇÃO DA PREFEITURA: Ordem de serviço nº 0362, de sete do corrente, dirigida pelo Comandante Luís Paulo Aguiar Reguffe, Capitão dos Portos de Santa Catarina, aos prefeitos dos municípios litorâneos deste Estado: *"... para a execução de qualquer obra pública ou particular sobre o terreno de marinha, terá que ser, previamente emitido parecer pelo Ministério da Marinha,*

através das capitânicas dos Portos, sob pena de demolição da obra, às custas do infrator sem prejuízo da multa prevista, conforme Decreto 50.114 de 26/01/61. Desta forma, várias obras vêm sendo embargadas por terem sido iniciadas sem ter sido emitido o parecer do Ministério da Marinha, através dessa Capitania ou das suas delegacias em S. Francisco Sul, Itajaí, Laguna e Imbituba"...

"Solicito, outrossim, que essa Prefeitura informe diretamente à Capitania, os nomes das imobiliárias ou dos proprietários de possíveis obras ou loteamentos, ora em andamento, em terrenos de marinha a fim de que seja feito um levantamento geral em toda a orla marítima do Estado de Santa Catarina" A Assessoria de Imprensa desta Prefeitura possui todos os formulários necessários aos pedidos de licença exigidos pelo Ministério da Marinha para essas construções. (boletim nº 37-23/05/74)

- Ainda mais esse:

MUROS E CERCAS NÃO COMPROVAM POSSE DE MARINHA. *Através de Circular nº 46 de 17/01/66, o Domínio da União informa aos órgãos arrecadadores que "muros e cercas não são considerados benfeitorias para efeito de comprovação de ocupação de terras de marinha". (boletim nº 66— 25/11/74)*

- E esse:

VISITA DE AUTORIDADES DA MARINHA — *No último dia 09, o prefeito municipal esteve em Itajaí em visita ao Comandante Luiz Paulo de Aguiar Raguffe, Capitão dos Portos de Santa Catarina, ocasião em que convidou oficialmente aquela autoridade naval a visitar o município. O Comandante Raguffe aceitou o convite e, na próxima segunda-feira...*

A Prefeitura oferecerá ao mesmo e aos seus convidados um almoço no restaurante Panorâmico do 102º andar do anexo do Hotel Marambaia. Nessa oportunidade, o Comandante Raguffe e seus convidados visitarão em companhia do Prefeito, as obras que a Prefeitura Municipal está realizando na Avenida Atlântica (calçadão), a Estrada Costa Brava, a duplicação da Avenida do Estado e a abertura das Avenidas Santos Dumont e Frei Edmundo, as três com 26 m de largura e duas pistas de rodagem". (boletim nº 69-10/12/74)

- O Senhor não acha, meu jovem, que com todos esses argumentos e todas as informações dos boletins, não precisava o Prefeito tomar

uma atitude tão violenta? Era a voz do poder, dizendo que as normas deveriam ser seguidas e o que era da União não poderia ser expoliado. Aqui não estava em jogo nem o direito dos demais cidadãos. Estava apenas o direito da União.

- Se o senhor tinha todo o apoio das autoridades das áreas que administram as terras de marinha do Governo Federal, por que o senhor usou de violência de mandar quebrar as cercas e os muros, às escondidas e altas horas da noite? Retiniu o jovem, agora nem tão exaltado, mas ainda tentando se agarrar ao pouco que restou das versões que com certeza ouviu em casa:

- O Senhor leu toda a sequência dos boletins sobre o assunto?

-Sim, senhor, já estou bem informado - respondeu com má vontade o rapaz.

- Com o que aconteceu e está nos boletins, teríamos resolvido o problema dos recuos dos muros, mas não é verdade. Peço que o senhor preste atenção no que eu vou mostrar agora.

Imediatamente apareceu na tela um recorte de jornal.

PREFEITURA PERDE RECURSO SOBRE MUROS - *O Tribunal de Justiça do Estado confirmou decisão de Primeira Instância, permitindo que os ocupantes de terras de marinha da Avenida Atlântica reconstruam muros fora do alinhamento previsto pelo Código de Posturas desta Prefeitura. Sobre o assunto, o Prefeito disse que não lhe cabe discutir a justeza da decisão judicial, mas tudo fará para que o Código de Posturas não se transforme numa cartilha de inutilidades. "Até hoje", disse o Prefeito- "temos contado com valiosíssima colaboração do Ministério da Marinha, que através da ordem de serviço nº 0362, da Capitania dos Portos do Estado determina que "...para execução de qualquer obra pública ou particular sobre terreno de marinha terá que ser previamente emitido o parecer do Ministério da Marinha, através das Capitâncias dos Portos, sob pena de demolição da obra, às custas do infrator, determinando que as prefeituras denunciem qualquer tentativa de violação dessa disposição". E continua o Prefeito: "todos esses muros que se pretende reconstruir fora do alinhamento estão localizados em terras de marinha e estou certo de que o Ministério da Marinha compreenderá a justeza e o superior interesse público da nossa exigência de seis metros de calçada para a principal avenida*

da cidade". E conclui: "paralelamente a esse indispensável apoio que espero das autoridades da Marinha, estou sancionando decreto que considera a faixa de seis metros a partir do alinhamento da rua como utilidade pública para desapropriação de benfeitorias que, na verdade, não existem. A lei não permite que se desapropriem terras de marinha, mas apenas as suas benfeitorias. É isso que estamos fazendo." (boletim nº 63-06/11/74)

- Você entendeu? A Justiça foi contra nós, contra a Prefeitura. O principal dos poderes, no fim das contas, foi conta o município em favor de uma casta de gente ambiciosa que não queria ver o bem da cidade. Vejam então o próximo documento:

O PASSEIO PÚBLICO DA AVENIDA ATLÂNTICA. Pelo Decreto nº 707 de 17 de fevereiro findo, foi declarada de utilidade pública para fins de desapropriação, o "domínio útil" e benfeitorias que foram encontradas na faixa de terras de marinha com a largura de seis (6) metros, medindo do meio fio, lado oposto ao mar, em toda a extensão da Avenida Atlântica que se destinará, de conformidade com o Plano Diretor da Cidade, à construção e alargamento do passeio público na área litorânea. A assessoria jurídica já ingressou com as necessárias ações expropriatórias dessas benfeitorias, sendo as primeiras dirigidas aos senhores Arão Rebelo e Paulo A. Carvalho, proprietários de imóveis fronteiros àquela Avenida e que recentemente obtiveram mandado judicial autorizativo de seus muros dentro daquela faixa. (boletim nº 100— 18/03/76)

- Veja, meu jovem, o caso do Médico Paulo Carvalho de Blumenau e seu gesto, nesse "release":

GESTO NOBRE. Conscientizando-se com o progresso de Balneário Camboriú, que muito admira e aqui está e há longos anos escolheu para as suas férias e horas de lazer, o Dr. Paulo A. Carvalho, conceituado facultativo da vizinha cidade de Blumenau, esteve em visita ao Prefeito e em cordial palestra, solucionou pendência que desnecessariamente se prolongava por falta, unicamente, de mera aproximação. E deste modo concluiu-se que o desentendimento a que se chegou foi devido à interferência de maus e intransigentes conselheiros, o que poderia ter sido facilmente evitado. Referimo-nos ao malfadado problema da "quebra de muros", faixa litorânea, na privilegiada "pérola do litoral", como foi denominada a capital do turismo pelo Governador do Estado.

Foi assim que o Dr. Paulo A. Carvalho, cedeu parte da fronteira de seu terreno, para que seja construído, também em frente à sua propriedade, o vistoso e confortante passeio público que aos poucos vem se alongando por toda a Avenida Atlântica da nossa maravilhosa praia. Oxalá outros sigam, e dentro de pouco, como sinceramente esperamos, o exemplo nobre do Dr. Paulo A. de Carvalho. (boletim nº 110-16/08/76)

- Explico por que necessitávamos de atos como o do Dr. Paulo: é que administrativamente todos aqueles órgãos que vocês leram nos tópicos dos boletins, nos concediam direitos e poderes, porém na prática não era assim que era visto pela Justiça Comum, que para mim, repito, não era o órgão competente para julgar o referido caso, uma vez que se tratava de propriedade federal. Não tivéssemos nós, na ocasião, disposição e gana, teríamos perdido a causa e hoje a Avenida Atlântica seria um caos. Sabíamos antecipadamente por manifestações prévias de certas autoridades que, se essa causa fosse parar no fórum local, a Prefeitura iria perdê-la. Então, paralelamente a essa questão, desenvolvíamos o nosso **CÓDIGO DE NORMAS E INSTALAÇÕES** que previa calçadas de seis metros para a Avenida Atlântica. O acontecido da queda dos muros e cercas, só veio corroborar com ganho de tempo entre a decisão judicial de 2ª Instância, não permitindo a construção de prédios e casas naquela área. A segunda instância, longe dos interesses locais, decidiu favoravelmente ao povo, à União e ao bem comum.

O Peter interrompeu mais uma intervenção do "herdeiro" que estava monopolizando a entrevista. De forma firme, mas delicada, disse que o material que ele havia acabado de ver poderia dar chances a ele de rever as posições em casa e refazer as perguntas com base nos documentos e nas afirmações do Sr. Meirinho. Passou a palavra pra nossa colega Karen, uma das melhores, se não a melhor aluna do curso. Porém, antes da pergunta o Sr. Meirinho ainda disse:

- Meu jovem, a melhor parte do trabalho de um jornalista é a pesquisa. Por isso, por favor, busque o texto completo do Acórdão de Segunda Instância e você entenderá tudo o que eu falei.

- Sr. Meirinho, sinto-me privilegiada por participar deste momento. Eu gostaria de saber a história da Praça Tamandaré. Segundo minhas pesquisas ela nasceu por acaso e o Senhor quase acabou preso por

causa dela. E também ameaçado de morte. Teve demissão sumária de assessor político e outras coisas. Pode nos contar essa história?

- No início do meu governo, o meu assessor jurídico, um cidadão por quem eu tinha grande consideração e respeito pelo seu enorme conhecimento político, sempre acompanhava os assuntos mais espinhosos e sempre estava atento às soluções mais práticas e menos onerosas para a Prefeitura. O caos encontrado era extraordinário e eu precisava de todos atentos e com ideias. Ele era homem de excelente oratória política. Ele era suplente de Deputado Estadual, que mais tarde veio a assumir o cargo. Certa vez ele pediu uma audiência à minha secretária que lhe foi marcada imediatamente. Era pela manhã ainda, quando dito secretário adentrou ao meu gabinete acompanhado de mais três senhores que me foram apresentados, mas eu já os conhecia. Esses senhores se diziam proprietários de um terreno onde é hoje a Praça Almirante Tamandaré - pobre Praça Tamandaré. Instalados, mandei servir café e já prevendo o pior, me lembro bem, pus as duas mãos estendidas na mesa e disse àquele assessor: por favor doutor e seus acompanhantes, o que é que os senhores querem? O meu secretário disse: *"Eles são proprietários da área que se diz ser uma praça na Avenida Atlântica. E se propõe a acertar com o senhor um bom acordo para que eles possam concluir a obra que já tinha sido aprovada pela prefeitura no governo anterior e já com um canteiro de serviços implantado."* Bati com as duas mãos na mesa e disse: essa obra a que o senhor se refere, está sendo implantada sobre uma lagoa em área pública. Se eu não conhecesse esse Município, até aceitaria suas argumentações doutor. Disse isso sem olhar na cara dos pretensos proprietários. Quando assumi provisoriamente o governo na cidade de Camboriú a qual essa praia era parte integrante, eu liberei para o Intendente na época o senhor Olávio Mafra Cardoso, uma quantia de quatro mil cruzeiros, para que fosse construída ali uma ponte para dar acesso à população, pois uma forte ressaca havia ligado a praia à lagoa no centro da cidade. Disse a eles que mostrassem as escrituras, os registros ou os contratos que dessem a eles a propriedade e um silêncio estranho ficou no ar. Então eu falei: *"Senhores, com o meu respeito, sobre esse assunto, estamos entendidos. Nada posso fazer, a área é pública e ali não se pode construir."* Levantei-me e estendi a mão me despedindo. Após a saída deles, chamei o Secretário Chefe de Gabinete, lhe dei ciência do fato e o autorizei por ofício a comunicara demissão daquele assessor.

Após a malfadada audiência, determinei que o setor competente se dirigisse ao local e levantasse o que estava acontecendo na área. Junto ao Departamento de Obras, investiguei se o projeto existia e o que dizia, já que estava sendo executado. Não existia projeto aprovado regularmente. Mandei levantar com o Departamento de Cadastro, documentos que determinassem a posse ou escrituras da área e constatamos que não existia nada em favor daqueles senhores e que aquela área era mesmo da Prefeitura. O que o Departamento de Obras encontrou e relatou, foi um belo canteiro de obras, cercado e bem cercado de tapumes. Havia uma instalação de cabagem de alta voltagem, da qual não se tinha qualquer dado na Prefeitura. Já estava também estaqueado e com ferragens de uma polegada exposta, o que era uma afronta, uma invasão às terras públicas sem o mínimo respeito às mais mezinhas normas. Uma agressão! Mandei contatar com a Celesc, através daquele diretor conhecido, para nos informar com que base foram instalados cabos de alta tensão naquela área, beneficiando o quê? Exigimos que se não justificassem a obra, fossem retiradas em 48 horas, aquelas instalações o que logo foi atendido, sem nenhuma explicação, sem nenhum contato e sem nenhuma informação oficial da CELESC. Eles simplesmente levaram quatro ou cinco dias, mandaram uma porção de funcionários, dois caminhões e tiraram tudo dali rapidinho. Foi um pandemônio. Determinei ao Departamento de Obras a derrubada dos tapumes e que o estaqueamento fosse enterrado, porque aquilo era uma violência, uma invasão de terras públicas. Imediatamente entrei em contato com o Serviço do Patrimônio da União e mandei fazer levantamento da área consagrada como área pública. Comuniquei ao Ministério da Fazenda e iniciei um processo administrativo contra aquele vergonhoso projeto. Mandamos fazer, para evitar de imediato mais agressões naquele lugar, um desvio na Avenida Atlântica, por detrás daquele espaço e calçar a estrada com paralelepípedos, para evitar mais as invasões. Mandei fazer isso rapidamente para que não houvesse tempo de reação e da intervenção do judiciário de nossa cidade que talvez pudesse dar ganho ao incorporador, mesmo contra o fato de serem, indiscutivelmente, terras públicas. Em função disso, o "*proprietário incorporador*", por entendimento de seu advogado, procurou-nos e depois de fazer muitas conversações, entramos num acordo de compensação, com a devida autorização da Câmara, para que ele pudesse aumentar em mais dois andares, outro prédio

que estava sendo construído na esquina. Formalizado o acordo, vimos aí que deveria ser terminada a demanda. Ledo engano. Assim pensávamos, mas assim não ocorreu. Com o desvio da Avenida que seria provisório, eliminamos a invasão, porém mal sabíamos nós, que eram tantos os interesses envolvidos e que a demanda continuaria. Só não invadiram mais a área, por causa das providências que tomamos em favor da praça, mas a briga continuou. Isso implicou mais de cinco viagens ao Rio de Janeiro na sede do Ministério da Fazenda em virtude de ações contra o Patrimônio da União, Prefeitura e Prefeito, motivados por aquela grilagem vergonhosa.

- Repergunta?

- Consta da minha investigação que o senhor sofreu coação e ameaças. Procede? Quais foram os autores?

- Quando derrubávamos o canteiro de obras daquela área, fui chamado por um advogado da empresa dos incorporadores. Infelizmente, ele estava acompanhado de um magistrado que por sinal era até meu amigo e eles me pediram que tolerasse a obra, que entendesse a importância do assunto, que a prefeitura era algo passageiro, mas que, como cidadão, eu ainda permaneceria na cidade e coisas do tipo. Eu lhes disse: doutores, fui eleito para cuidar da parte político-administrativa do meu Município e o farei, mesmo sofrendo ameaças e mal-estar. A estas alturas, disse-lhes ainda, que eu já estava esgotado e até sem mais saber o que fazer com tantos abusos e que até uma cassação me seria mais saudável. Que eles reunissem o pessoal incomodado e gastassem um dinheirinho para insuflar a Câmara e a população e me cassassem por ser contrário ao poder estabelecido. Eu pedi ao senhor magistrado, que enquanto isso não acontecesse, que ele esperasse esse assunto chegar à sua esfera de atuação, para depois então sim, a sentença ser prolatada de maneira formal e nos alicerces da lei, e não ali na rua, já antecipando sua decisão. E se eles conseguissem minha cassação eu não reagiria e nem contestaria a decisão. Devolveria a cidade à desordem e aos desordeiros.

- Mas isso não se encerrou ali — ainda perguntou nossa colega, rapidamente para não ser interrompida pelo Peter. Falou, sorriu para o Peter e sentou-se fazendo um sinal na boca, como se estivesse fechando um zíper.

- Surpreendido, acompanhei até há uns cinco anos passados, a

sobrevivência de uma sentença condenando o Município à indenização. Porém, graças a um julgador responsável, que analisou essa vergonhosa ação em instâncias superiores, deferiu em favor do Município. E veja a senhora agora, depois de tantas lutas e sacrifícios, exposição de conceito, para quê? Para os meus sucessores transformarem aquela Praça Tamandaré, tão trabalhosa de ser implantada para ser depósito de camelôs. Outra coisa ainda é que todos os meus sucessores, até agora, ainda não se acharam para alterar a posição da avenida que circunda a praça, que só foi colocada assim circunstancialmente, por necessidade imperativa da proteção do bem público.

- Muito bem gente, vamos dar uma brecha para o convidado tomar uma água, enquanto assistimos a uma apresentação preparada pelo bisneto do convidado, com fotos de Balneário Camboriú da década de 60 e 70. Uma pequena pausa de cinco minutos.

Enquanto o material era exibido, fomos conversar com o Sr. Meirinho. Já a Thelma, atenciosa e extremamente zelosa com o avô, deu-lhe água e falava ao seu ouvido enquanto nos aproximávamos. Nesse momento, seu sobrinho neto André foi convidado pelo avô para falar logo após a exibição do data show.

Terminada a apresentação, com os aplausos de praxe e os elogios à qualidade tecnológica do material exibido, o Peter anunciou o sobrinho neto do Meirinho na tribuna. Tomando a palavra, o André dirigiu-se à plateia:

- Bom dia a todos vocês aqui presentes. Em nome da minha família, da família Meirinho, sou o porta-voz dos agradecimentos que transmitimos a vocês pela presença e pelo carinho com que receberam nosso mais ilustre componente. Sinceramente não é fácil para quem quer que seja, chegar ao poder e manter-se distante da volúpia com que ele consome a moral e a honra dos idealistas. Diferentemente de vocês, eu conheço a história de meu tio-avô, o que me inspirou a seguir na trilha de deixar para as próximas gerações um legado como o que ele deixou. Por onde passo, vejo as pessoas de bem, as pessoas de estrutura e estatura moral elevadas falarem bem dele. Nas ocasiões em que pude estar em contato com referências negativas, elas vieram de quem deixou de ganhar de maneira, no mínimo duvidosa, alguma coisa. Conheci pessoas que o reconhecem como o melhor governante de nossa cidade e que graças a ele, Balneário Camboriú possui avenidas

planejadas há quarenta anos para comportar a demanda atual. Ouvi que pessoas ainda lembram que Gilberto Meirinho foi o prefeito que lhes deu calçados, uniformes e alimentação e que isso foi adotado por diversas cidades em nosso estado. Ele foi o pioneiro. Sinto-me orgulhoso em saber que os empréstimos da Carteira Rural, criados quando gerente do Banco Inco, pelo meu tio avô, garantiram emprego e alimentação e foram a salvação de muita gente. Conheci gente que me disse que ele enfrentou todo tipo de oposição, que dele falavam sem que ele pudesse se defender. O que tirei de tudo isso? Que não importa o quanto digam a respeito de alguém, o que importa é como aqueles que conhecem a verdade os guardam na memória e no coração. Os maus são odiados. Os bons são abençoados. E ele, por tudo que ouvi e vi, é um abençoado. Um velho jornalista sempre comenta que Gilberto Meirinho conhece o significado da paz. Permito-me aqui reproduzir a história que ele me contou sobre essa paz. Aproveito que ele aqui está, para fazer minhas suas palavras. Contou-me ele que certa vez um rei tinha que decidir qual, entre duas pinturas, representava a paz perfeita. Uma das pinturas mostrava um lago muito tranquilo, águas cristalinas quase sem movimento. No perfeito espelho que as águas formavam, refletia-se a beleza das montanhas que o rodeavam. Sobre elas encontrava-se um céu azul com tênues nuvens brancas. Não havia dúvidas quanto a essa tranquilidade reinante. A segunda pintura tinha montanhas também, mas eram escarpadas, quase despidas de vegetação e mostravam pedras e desolação. Sobre elas um céu cinzento escuro, salpicado de raios, mostrando uma tempestade. As águas torrenciais desciam montanha abaixo, tornando o lago ao pé do monte, um redemoinho revoltado de águas agitadas. Tudo isso era nefando. O rei estava prestes a decidir pelo primeiro quadro quando percebeu que, na segunda tela, por detrás da cascata formada pela fúria da tempestade, aparecia um galho seco de árvore e preso nele um ninho de um falcão. Aconchegado no ninho, o falcão mostrava calma e tranquilidade. O rei ficou alguns minutos olhando para aquele falcão e então disse que escolheria o segundo quadro, pois paz não significa estar num lugar sem ruídos, sem problemas, sem trabalho árduo ou sem dor. Paz significa que, apesar de se estar no meio da tormenta, permanecemos calmos em nossa alma. Esse é o verdadeiro significado de paz. A paz em nossas almas. A paz em nossos corações. Por isso, meus amigos aqui presentes, quando olho para a história desse homem, desse símbolo, eu tenho cada vez mais a certeza de

que ele é um homem que vive em paz. Encontrar a paz é sentir-se próximo de Deus, apesar da loucura que o cerca. Viver a paz é não ter que aceitar valores e interesses materiais para dirigir sua jornada. Ele é um homem que jamais perdeu a paz. Obrigado a todos vocês pela oportunidade que estão nos dando para mostrar como a verdade que, embora muitas vezes tarde em se mostrar, não se perde no caminho e nem permite uma eterna injustiça. O maior de todos os ensinamentos dessa jornada que ele trilhou foi não ter perdido a paz, pois os resultados e os propósitos foram maiores, bem maiores que os percalços que o acometeram. E, se um dia Deus me premiar com a oportunidade de produzir o bem de tal forma a servir ao povo e atender suas legítimas aspirações, nenhuma dessas lições será esquecida. Obrigado a todos.

Ele foi aplaudido intensamente. Mais uma prova de que o Meirinho sabia que o André seria mesmo seu sucessor político. Ele havia entendido plenamente a mensagem. Para você fazer a coisa certa tem que estar em paz. E a paz é um estado de espírito que não se abala pelo meio, mas pela forma.

O Peter retomou o curso da nossa reunião e agora as pessoas estavam um pouco mais à vontade para seguir com as perguntas. Era a vez do Nilton. O Nilton era um daqueles caras tranquilos, que tem um senso crítico extremado. Fiquei preocupada com sua pergunta, mas mais uma vez veio a chance do Meirinho explicar outro fato.

- Para abrir a Terceira e Quarta avenidas o senhor também teve problemas com proprietários, isso a gente já sabe de tanto ouvir falar, mas o que não se sabe ou pouca gente sabe é que essas avenidas foram projetadas para ir ainda mais adiante, numa distância ainda maior, mas que pela exiguidade do tempo o senhor não pode concluí-las até o fim. Principalmente a 42 avenida, que no seu projeto pretendia ir até a rua 3.700 e do túnel até a Avenida Atlântica, não é? O que houve exatamente? Porque a gente não tem esse corredor fabuloso construído em nossa cidade? Hoje olhamos para essa possibilidade e fica muito claro que seria uma obra de extraordinário efeito positivo para a cidade. Onde "*pegou*"?

- Após ter implantado a Terceira e a Quarta Avenida, nós afirmávamos que o saldo das áreas remanescentes desapropriadas, poderia tranquilamente pagar com folga, todos aqueles projetos. A Terceira

Avenida, conseguimos implantá-la até o 22 túnel da BR 101, na rua 3100. A Quarta Avenida, também implantamos até o túnel na rua 2.500, sendo que ambas as pistas deveriam ter seguimento até o túnel. A Quarta além de formar um grande entroncamento com a BR 101, se estenderia para frente bem como, também para o leste, em direção da Avenida Atlântica. A Terceira Avenida terminaria somente na rua 3.700, frente ao Rio Camboriú. A Quarta Avenida sofreria uma intersecção com as ruas 2.500 e 2.550 e fariam parte de grande rótula que envolveria a BR-101, as marginais e se constituiria no principal acesso à cidade. As duas marginais, leste e oeste, com a Construção de mais um túnel, completariam um complexo de acessos formando uma enorme rótula que assumiria o principal fluxo de saída e entrada da cidade. Esse projeto dependia de aprovação de órgãos federais. Foi um belíssimo trabalho realizado pelo nosso departamento de Planejamento sob a Direção do Engenheiro Oswaldo Pine Brantes. Esse projeto foi aprovado pelo DNER na época, hoje DENIT, com louvor e com promessa de participação financeira na abertura do 29 túnel que ligaria a rua 2.550. Então teríamos duas ruas de acesso, um pela Rua 2.500 e outro pela rua 2.550 com áreas preservadas entre essas duas ruas que a médio e longo prazo, seriam desapropriadas até a Atlântica. Nosso departamento de planejamento, que era algo que nós mais preservávamos por termos ali projetos preciosos que, mesmo que não fossem executados imediatamente, serviriam como orientação futura. Por descuido, desinteresse, incompetência, má intenção ou preguiça, deixaram que se perdessem esses e aqueles outros projetos da Terceira e Quarta Avenidas porque, quando mais tarde os mandei requerer, já não estavam mais nos arquivos daqueles departamentos. Hoje eu fico muito triste e lamento muito quando passo às seis horas da tarde no final da Quarta Avenida e vejo aquela área que era para ser o principal acesso da cidade, totalmente tomada por edificações e com um engarrafamento monstruoso perturbando a vida dos que transitam por ali. Hoje tem ali um "*desviozinho sem vergonha*" que desmoraliza os responsáveis pelo sistema viário do Município, quando poderíamos ter a mais ampla avenida de Balneário Camboriú. Seria uma ampla avenida, com enormes canteiros ao centro e um enorme ajardinamento nas laterais.

- O que exatamente impediu isso? Como o senhor explica sua capacidade de enfrentar problemas e realizar obras tão importantes

para a cidade, não ter conseguido vencer esse obstáculo? Nós sabemos como algumas coisas funcionam por aqui, mas naquele tempo, como foi possível esse impedimento?

- Para explicar isso melhor, eu prefiro que o Isaque, aqui presente, apresente uma entrevista recente, feita com um dos nossos mais efetivos companheiros da época, o Sr. Jorge Cachel.

Passada a palavra ao Sr. Isaque e com o auxílio da Thelma e do seu filho, este solenemente dirigiu-se à tribuna montada, ocupando o microfone do mediador e, pedindo licença a ele, dirigiu-se ao público:

- Meus amigos e amigas, cidadãos e cidadãs de Balneário Camboriú, alunos desta conceituada Universidade, Sr. Vice-Reitor, componentes da mesa e demais presentes, antes de mais nada tenho o compromisso de exarar minha enorme satisfação em estar presente num dos mais importantes momentos da história desta cidade. O Sr. Meirinho, aqui presente, foi uma das mais importantes figuras do progresso de nossa cidade. Se hoje somos o que somos e estamos neste nível de qualificação como centro turístico de referência e nossa qualidade de vida atingiu este padrão, é porque esta cidade, desde 1973 foi planejada, discutida e implementada por esse homem e sua reduzida equipe. Como historiador, escritor e um amante da verdade, vejo-me na responsabilidade de trazer luz a questões indigestas ou mal versadas de nossa evolução. Recentemente estive com o Sr. Jorge Cachel e gravei, na presença do Sr. Meirinho, o depoimento que vocês ouvirão. Esse depoimento, acredito, pode suprir o interesse e responder aos questionamentos que ainda seriam feitos neste dia. Ele foi editado para esta exibição, por motivos óbvios. Deixamos o contexto e o conteúdo do depoimento ficarem claros, porém, nos reservamos o direito de não permitir que os nomes das pessoas envolvidas fossem revelados. Ouçam esse interessante depoimento, feito de maneira simples e direta. Esse depoimento não foi curado ou editado no aspecto da verbalização ou da expressão do entrevistado, permanecendo fiel ao ocorrido.

Apagando-se as luzes, o telão apresentou a primeira imagem e as caixas de som reproduziram a conversa:

DEPOIMENTO DE JORGE CACHEL PARA O HISTORIÓGRAFO ISAQUE

PRIMEIRA PARTE - Acerca da abertura da Avenida do Estado — frente

a uma empresa Madeireira JORGE CACHEL relatando a conversa com o advogado da parte ocupante do terreno:

Jorge:

Foi dado prazo por escrito para o (*xxx ruído xxx*) aparecer lá e mostrar a escritura. Ele está ocupando um terreno que é da Prefeitura. Que é dela, salvo prova em contrário.

Ao que o Advogado respondeu:

- Pois é, isso tem tempo. Eu vou com ele lá.

Jorge:

- Pois é, mas já esperamos demais, eu não posso voltar aqui, porque o Prefeito disse que eu, pra voltar na sala dele, só depois de cumprida a missão.

(Esclarecimento do Jorge para o entrevistador: Era assim que ele (Meirinho) falava: "Tu tens polícia, tu podes pegara polícia.")

- Os comissários — continuou contando no adendo - quando eu chegava na delegacia, né, aquela delegacia que está aí até hoje, os comissários já fugiam, porque eles tinham o constrangimento, porque eles eram amigos de todo mundo e sabiam o que é que eu queria fazer com eles. Eu era seco, eu dizia: Ah não quer obedecer? Comissário, faça o seu serviço. Daí eles respondiam: "*Mas doutor esse aí é o (ruído...), (outro ruído...)*".

Então eu falava pra eles:

- Eu não sei quem é, eu não sou daqui, eu vim de Porto Alegre faz dois meses, eu tenho que cumprir minha missão. O senhor não quer preservar seu emprego?

- "*Quero*" — era a resposta de todo mundo.

- Eu também! Então o senhor faz a sua missão! O que é que o senhor tem que fazer? O senhor está desobedecendo a uma ordem direta do Prefeito!

Esclarecimentos do Jorge Cachel:

- Com o (*xxx ruído xxx*) que eu falava com o advogado, não foi assim. Esse ficou assistindo. Ele se fechou naquela casinha de madeira que tinha onde ele atendia o pessoal — tinha uma casinha de madeira no

terreno — e não se mexeu, nem discutiu. Só ficou assistindo. Tentamos dialogar, ele nem deu atenção. Ficava só olhando. Então avisamos e botamos todas as toras pra lá para a rua 10, com um trator. Dali a pouco ele saiu a pé, foi lá pra Central, eu não assisti, me contaram, que começou a berrar na janela, pro Meirinho descer. Pro Meirinho descer pra Brigar.

–“Desce daí! Vem cá!” Dizia ele pro Meirinho. Começou a chamar de ladrão de terra, disso daquilo, diziam as pessoas que estavam ali na Prefeitura.

Foi aí que a Carminha, que era a secretária lá, me disse que o Silveira Júnior e mais um outro ali, tiveram que trancar o Meirinho no gabinete dele, pra ele não descer. O Meirinho quase explodiu. Queria descer de qualquer jeito e resolver a parada do jeito que o (xxx ruído xxx) queria. O Silveira contava isso pra todo mundo. Dona Carminha também. Se não fosse ele fechar a porta, ia ter consequências trágicas.

Ai o (xxx ruído xxx) gritou, gritou, gritou e foi embora e a Avenida passou.

Se tu falares com o (xxx ruído xxx) um dia, pergunta se ele não foi na prefeitura pedir briga com o Meirinho. Ele era amigo do Meirinho. Ele apoiou. Era amigo. Mas com o Meirinho nunca teve essa de amigo ou não amigo. Se precisava fazer o que era certo, se era correto fazer, ele fazia. Um dia falou pra nós que amigo que é amigo, entende que quando a gente faz o certo, não está ferindo ninguém. E o (xxx ruído xxx) tava errado. A terra era do Município, ele sabia disso, mas achava que o Meirinho ia ser como os outros que pro amigos dava um jeito. Com o Meirinho não tinha jeito não. Se estava certo, o Meirinho entrava na briga e defendia com unhas e dentes. Se tava errado, ele não queria saber quem era.

Nessa hora, o Sr. Meirinho, que está quieto assistindo à apresentação, pegou o microfone e falou:

– Ele era muito meu amigo, me ajudou na campanha. Trabalhador, homem bom. Mas tava errado. Na tela, perdido um pedacinho da fala do Cachel, o som voltou a ser ouvido: CACHTEL, no som ambiente: – Quem assistiu toda essa história e pode te explicar é o Dário Demonti, trabalhava na garagem (da prefeitura) ele morava em frente. Nesse instante, mais uma vez o Sr. Meirinho, pediu a palavra e suspenderam a transmissão da entrevista: MEIRINHO no auditório:

- Nós não fomos uns bandidos, nós nos propusemos tornar Balneário Camboriú uma cidade turística e moralizar o que existia aqui. Vocês todos que aqui estão, acabaram sendo beneficiados, e muito com todo esse processo. Vocês devem lembrar que hoje moram numa cidade maravilhosa, que podia até estar melhor, já que eu não consegui vencer todos os inimigos, todos os contrários e não moralizei totalmente a questão das terras aqui. Mas avançamos muito e sinto que fiz o que deveria ter feito e não me arrependo de nada.

Nosso Instante, foi aplaudido pelo público presente e então, continuamos a apresentação da entrevista:

CACHEL - Cada caso, cada caso. Quando o cara reagia, ameaçava, aí sim que ia. A gente botava forte mesmo. Antes de a gente ir pra cima, todas as áreas da Prefeitura e do Jurídico já tinham garantido que era invasão, que era grilagem, que aquela área era pública. Que as terras eram da Prefeitura. Não fomos a nenhuma que não fosse terra pública. Agora tinha uns mais diplomáticos, eles iam à prefeitura e acertavam — *"já vou tirar, preciso de um tempinho, é muita coisa pra arrumar"* Daí a gente ia negociando, dava prazo, ajudava até {...}. Tinha uns e outros de oposição e advogados espertos que iam *"botar pilha"* no pessoal, daí dava encrenca. Mas depois passava. Um exemplo gritante que ficou para trás. Um exemplo gritante que hoje dá pra ver é o final da Quarta Avenida.

Havia um projeto no túnel da Quarta Avenida, porque não tinha nada ali. Ali ia até a praia, tinha umas duas ou três casas. Não tinha o posto de gasolina, não tinha a propriedade do falecido (*xxx ruído xxx*), que tinha ali uma boa gleba de terras. Não tinham. Só moravam umas pessoas ali, que estão até hoje. Aquilo ali ele vislumbrou, que do túnel até a Avenida Atlântica era uma reta só, era um projeto para quatro pistas. Não tinha aquelas casas no meio, né. Eram duas ruas. A 2500 e a 2550. Ia sair direto na Avenida Atlântica. Tava previsto executar isso aí, quando terminasse a Quarta Avenida. Ai com essas broncas, que havia, que não era só isso que tava se fazendo, tava se fazendo a Costa Brava, Terceira Avenida, Avenida do Estado, a Quinta Avenida, que chegamos a botar os postes de luz; a Prefeitura, a Rodofeira, era tudo obras que estávamos fazendo. No meio disso tudo ainda o filho dele faleceu. Então atrasou muito o negócio. Então a Quarta Avenida quando chegasse no final ele ia fazer aquelas quatro pistas. Aí deu um problema no pulmão dele, ele ficou doente.

Nesse meio tempo o (*xxx ruído xxx*), que substituiu o Prefeito, acho que não aguentou a pressão, nem tinha o tutano do Meirinho, me afastou. Decididamente me afastou do cargo. Depois ele (o Meirinho) voltou e tinha o problema dessa Avenida do Túnel. O que aconteceu ali. Como chegou na Quarta Avenida muito no final do mandato. Quando chegou ao final da Quarta Avenida, tinha uma casa ali na esquina que morava o (*xxx ruído xxx*), aquele construtor. Um que foi mestre de obras. Ele tinha uma mulher que era costureira e morava naquela casinha bem na esquina e estava torcendo para que nós não chegássemos lá. Então naquela época começou um movimento, fim de governo, o (*xxx ruído xxx*), que tinha me afastado e outros, para eleger o Armando, e todo mundo trabalhando para eleger o Armando . Todo mundo se juntou tudo pra eleger o Armando.

Havia uma bronca que o (*xxx ruído xxx*) estava fazendo aquele prédio, o (*xxx ruído xxx*) era o engenheiro, o Edifício (*xxx ruído xxx*), que o Meirinho estabeleceu uma cota para não aumentar. Que já estava construído e não podia passar se não me engano de 15 andares. Ele queria fazer 20 andares. Vinte andares né? Foi embargada a obra. O (*xxx ruído xxx*) gastou o chão para ir lá no (*xxx ruído xxx*). Não havia jeito. O Meirinho chegou até a se atritar com o (*xxx ruído xxx*) porque ele queria permitir, forçou e tal, mas o Meirinho não cedeu. É que o próprio (*xxx ruído xxx*) vendeu o terreno pro (*xxx ruído xxx*). Então havia aquele clima de eleger o Armando prefeito e aí se o Meirinho não conseguisse concluir a Quarta Avenida, aí o Armando iria deixar do jeito que estava. Resultado: aquela casa ficou ali. E como estava no fim não havia nada o que fazer, o Meirinho determinou que calçássemos, aliás que abrissemos a Quarta Avenida. Nós abrimos a Quarta, eu abri. Calçar não, quem calçou quem botou as pedrinhas foi o Armando. Abrimos a Avenida, botamos meio-fios e inauguramos numa carreata. Nós fomos por ali e voltamos pela outra faixa. Foi inaugurada a Quarta Avenida.

A única casa que ficou foi a do (*xxx ruído xxx*). Tu localizas essa casa hoje, tu vais pela Quarta Avenida e tu dobras para ir pro túnel, pra uma casa bem na esquina, uma construção que agora reformaram, fizeram duas salas, bem no final da Quarta. A Prefeitura embargou porque era da Prefeitura, estava no caminho, foram lá e embargaram, eles não obedeceram ao embargo, aí eles falaram com o (*xxx ruído xxx*), com a turma lá e conseguiram liberar. Liberaram, fizeram lá, não sei como

é. E o que o (xxx ruído xxx) fez? Ele pegou uma caçamba no dia que o Camargo perdeu e encheu de folhas de laranjeira. Por isso não me esqueci - eu não sabia o que significava aquela caçamba de "folha de laranjeira". Aí eu estava, não me lembro onde é que eu estava, eles me encontram e vieram tudo cheio daquelas folhas. Aí eu pensei, eles vão me surrar. Agora vou apanhar de criar bicho. Aí um deles dizia: "*Viu Cachel, sabe quando tu vai passar ali? Sabe quando tu vai tirar o pessoal dali? Sabe quando? Nunca! Agora é o seu Armando viu, agora vocês - ó tchau pra vocês, viu!*". E jogou um monte de folhas de laranjeira em mim. O Camargo na época era o candidato do Meirinho e me elegeu como seu maior cabo eleitoral, o mais forte dele, inclusive ele botou no jornal que considerou o meu trabalho, dos que estavam trabalhando, na Prefeitura com o Meirinho, o que mais se esforçou para elegê-lo. Ai o que acontece, eu não sabia o que era folha de laranjeira, ai agora quando eu passo por ali pelas seis horas da tarde vejo que o Meirinho estava certo. Aquilo é uma vergonha. Agora que eu sei o que significa a folha de laranjeira eu entendo porque eu precisaria dela. É só olhar praquilo e saber.

Ouve-se a voz de Isaque na entrevista:

- No lugar do canteiro ficou um carreiro de casa, é isso?

CACHEL - O (xxx ruído xxx), em eleição, o filho dele era desenhista, ele ficava na porta do João Goulart e pedia: "*Não vote no Cachel, é um favor que está pedindo o amigo aqui. Eu só te peço um favor, não vote no Cachel, porque ele era o carrasco no tempo do Meirinho*". Falava assim!!! Porque o terreno deles ali ia se transformar numa saída da cidade, uma obra pro futuro, pro povo. Quando eu vou ali às seis horas eu me lembro dessa história. A gente nota aquela fila e me quebra a cabeça, como vamos arrumar aquela situação. Uma fila grande, porque tem que ir pro túnel, tem que dobrar, vem o outro de lá... Aquilo é uma vergonha! Chega no túnel, não tem, não tem saída. O que seria aquilo? Aquilo seria uma fonte de saída, do Balneário. O problema é que ele ficou só quatro anos. E se continuasse ele iria continuar com a Quarta Avenida, ele ia abrir, foi uma obra que pode ser considerada que não foi terminada pelo exíguo tempo que o Meirinho ficou no governo: quatro anos. E outras coisas ainda seriam feitas. Mas ele não quis ficar. Daí colocou o Camargo.

Isaque - E tudo aprovado pelo DENIT!

CACHEL - Tudo feito, tudo arovado pelo DENIT (DNER), tudo certinho, elogiado e incentivado.

Isaque - O nosso canteiro, virou carreirinho de casas, então?

CACHEL - E só tinha uma casa ali, era de um cara de Toledo, tava louco que indenizasse que saísse a avenida. Ele ia na Prefeitura e me perguntava: Não vai sair aquela avenida lá? Ele queria dinheiro, queria ser indenizado, mas a casinha dele não valia grande soma, mas ele queria indenizar. Se não fossemos nós naquele tempo, fazer o que fizemos, hoje em Balneário Camboriú, não se andaria nem a pé. Imagina ruazinha de 2 metros.

ISAQUE - Ou iríamos pagar muito caro.

CACHEL - Se depois de 40 anos não abriram mais nenhuma rua, nenhuma avenida, não fizeram nada, você pode ver a importância das obras do Meirinho. Era só chegar e dizer que esse negócio aqui ia ter uma avenida para desafogar isso aqui. A primeira coisa que eles fizeram quando assumiram, depois do Meirinho, foi queimar tudo o que era projeto, tirar das pastas e rasgar. O código tributário, chegaram a esquecer, só que eles não sabiam como cobrar, então acabaram usando o tributário. E por incrível que pareça usam até hoje. O (xxx ruído xxx) naquele terreno onde ele fez aquela casa dele, como todos que construíram na época, estava ignorando a rua 2400. Acho até que por causa dela, matou o Loteamento do (xxx ruído xxx). O velho queria a rua ali e o (xxx ruído xxx) foi construir no terreno e estava avançando com um muro de pedra e fechou tudo. E o velho era sempre um cara mais calmo. Um cara correto, lá e tinha rua ali no projeto. E o terreno dele era atrás daquela continuação ali, depois da 2.400, famoso Loteamento, ele tinha algum interesse ali. Então fechou a casa dele ali na frente com aquelas pedras de granito. Foi uma das primeiras coisas que eu fiz. Daí me chamaram, só porque eu tinha recém chegado. Aí o Brantes já dizia, isso é com o Cachel. Seu Cachel vai lá que estão fechando a rua 2400, não pode, não sei o quê. O Brantes estava estourado com aquilo, irritado, mas não foi. 'Foi aí que eu vi os comissários fugindo de mim de tudo quanto é lado. Eu já tinha participado de algumas coisas. Especialmente na Rodoviária, meu amigo hoje. Ele sofreu na minha mão. Mas ele não se revoltava. Ele deixava embargar e ficava trabalhando botando terra na betoneira pra dizer que ele estava trabalhando e nós estávamos atrapalhando o trabalho dele. Hoje ele é amicíssimo do Meirinho.

ISAQUE - Mas e a prisão do (*xxx ruído xxx*)?

CACHEL- Aí, o que aconteceu? O (*xxx ruído xxx*) estava na fazenda eu não conhecia ninguém. Eu já tinha a fama de que quando chegava na obra os pedreiros já fugiam, porque se não parasse a obra, o comissário já pegava e botava no fuskinha (VW da década de 60) ou no camburão e levava lá pra delegacia Era uma caminhoneta que tinha ou um fuska. Aí fui lá, quando eu fui lá para embargar, eu me lembro que eu cheguei pro pedreiro e falei: O senhor vai parar essa obra agora, o senhor não vai continuar. Aí o cara se apavorou deixou a colher ali em cima e já saiu correndo pra dentro da obra, lá pro fundo. Ai veio um senhor, de suspensório que nem o meu assim, meio barrigudo com os dentes de ouro, falando meio alemão e disse: "*Não vai parar nada aqui, aqui não se para nada, isso é meu e ninguém vai mandar parar*". Eu pensei, esse deve ser o mestre de obras. Por aquele jeitão caipira dele né, eu não o conhecia, pensei: isso deve ser um mestre de obra, né? Então eu disse: Como é que o senhor falou? "*Não vai parar nada aqui*", ele respondeu olhando dentro do meu olho. Estava o Zé Augusto, não sei como ele foi parar lá. Ele me puxou de lado, o Hélio, me puxou. Todo mundo tentando me tirar dali, me arrastar pra fora. O Zé Augusto me disse: "*O Cachel tu é novo aqui, esse é o ...*"

Daí eu respondi pra ele: - Eu não sei quem é, o Zé, eu tenho que parar essa obra, se não vai parar, vai pro camburão. O Hélio disse: o senhor nem parece que é engenheiro, sei lá o quê.

O Zé Augusto junto, junto, defendendo aquele homem, me deixando sem saída porque eu não sabia que era o (*xxx ruído xxx*), né, que me dizia sem parar: Não vai parar!!!

Aí eu olhei pro comissário e disse: Faça o seu serviço! Ai ele disse: "*Mas seu Cachel!!!*" e olhava pro Zé Augusto, pro Helio, pra um, pra outro. Ai o Hélio fez um sinal para ele, e disse: "*o senhor entra aí. Vá que eu vou na delegacia e resolvo lá, que com esse aí não dá pra falar*". "*Com esse aí não dá pra falar?*" — falou o (*xxx ruído xxx*)

ISAQUE; Ah quem visse o (*xxx ruído xxx*) entrando num camburão ... não dá pra acreditar!

CACHEL - Não era um camburão, era uma caminhonete que eles tinham. Não era um camburão fechado de levar preso. Mas era u m carro da Polícia! Foi preso, foi levado. Parou a obra, foi aquele

escândalo, aí o Hélio foi atrás. Todo mundo foi atrás. Quando o carro foi pra delegacia todo mundo foi atrás dele. E o Zé Augusto me dizia "*tu vai te incomodar, tas começando aqui, tas começando mal.*" o Zé Augusto sempre falava, né. O Zé Augusto trabalhava na Prefeitura! Era o diretor contábil da Prefeitura. Mas era gente que eu não conhecia na época. Eu só gravei o Hélio. E esse foi o episódio. Um baita figurão até hoje, que foi pra delegacia e a obra foi embargada. Depois que a gente embargou essa e foi todo mundo pra delegacia, muita gente desistiu da resistência e sabia que o Meirinho não tinha medo de ninguém e eu tava ali pra fazer o meu serviço e cumprir minha missão. Se eu não fizesse isso tava traindo o Meirinho e todo mundo. Então, quem tava errado tinha que aguentar o rojão. Eles não estavam acostumados com a ordem, com a autoridade. E o Meirinho não abaixava a cabeça. O homem foi preso foi levado e eu não sabia quem ele era. Depois que eu cheguei na prefeitura, os caras começaram rir, né, o Brantes. Pô, tu prendeste um dos maiores empresários que tem aqui, como é que pode Cachel?

ISAQUE: E a história da Costa Brava? Como é que foi?

CACHEL: - Quando foi aberta a Costa Brava foi contratado um tal de Maneco, que tinha um trator. E o trator dele foi pro pau. Um funcionário dele perdeu um braço. Ele era careca. Perdemos dois tratores ali. E esse Maneco, esse careca, viria ser um grande amigo do Meirinho, quando ele teve o problema com o filho dele, parou na casa dele em Florianópolis e ficaram amigos porque o Maneco no fim, se entusiasmou pela obra. Porque quebrava muito trator, estava tendo prejuízo, mais como era uma boa obra, conforme ia sendo feita, ia ficando bonita. Era uma obra grandiosa. O Estado interferiu contra. O (xxx *ruído* xxx) foi um dos que mais brigou depois ficou brabo, ele queria manter seu sítio ali. Então ela ganhou esse nome de Estrada Geral da Costa Brava porque era só pedra, pedra, muita pedra. Aconteceu um fato recente muito bacana até. Na inauguração da Costa Brava foi feita uma olimpíada com os estudantes, uma maratona. Eu já era vereador agora, depois de tanto tempo, estávamos discutindo que aquilo não era Rodovia Rodesindo Pavan, aquilo era Estrada Geral da Costa Brava. Eu estava falando com o vereador Santa, estava pedindo aparte, e aí, eu cheguei e disse: inclusive eu inaugurei com esse nome, quando era engenheiro da prefeitura. Conteí como é que inauguramos a estrada. Fizemos a festa, todo mundo comemorou. Era fim da tarde. Estava

eu o Meirinho e o Nilton Russi. O Nilton Russi tinha uma cabaninha ali na Praia das Laranjeiras, que passava o fim de semana; não era nem dele, mas ele que cuidava. Era sim do Artenir Werner. Daí, tava o seu Meirinho, o Nilton Russi e o seu Meirinho, tava invocado porque corria uma história pela cidade que numa saída de noite dele, o (*xxx ruído xxx*), ou alguém do pessoal do (*xxx ruído xxx*), deu uma surra nele e cortou-lhe a partes baixas. Daí Ele ficou indignado com isso, Ai ele pegou, tinha ido todo mundo embora, era o final da inauguração da Estrada geral da Costa Brava, ai ele chegou e disse: Eu agora vou mostrar como esses caras mentem. Tirou a roupa e botou a mão ali nos bagos e mostrou para nós, e dizia: *"tá aqui ó — o saco que cortaram, onde é que está a o saco que cortaram...?"*{...} Ai lá na praia ele pulava nas ondas e mostrava. Aquela praia era deserta, já estava quase escuro, isso marcou a inauguração da costa Brava. Daí que acabou a conversa da tal surra que nunca aconteceu. Que foi só mais uma bravata daquele pessoal.

Nesse instante, houve uma explosão de risos na sala. Todas as pessoas ali gargalharam com a história que estavam ouvindo. O próprio Meirinho riu alto. A neta dele ficou meio constrangida, mas todo mundo riu alto. O bisneto, que controlava as imagens e o som, deu uma pausa e esperou que tudo voltasse ao normal.

O Peter, para manter o clima e mostrando estar contente com os aparentes resultados da iniciativa, pegou o microfone e disse que essa era mais uma vantagem do Meirinho com um presidente brasileiro. Além de o Meirinho ter sido responsável pelo quase primeiro impeachment no Brasil, ainda mostrou, quarenta anos antes, o que era um saco roxo. Daí, todo mundo riu de novo. Deitou uma tremenda falação na sala, que ele teve que pedir silêncio e voltarmos ao depoimento do Cachel.

CACHEL - Aí eu estava na Câmara de vereadores e isso foi agora - o Tatá era vereador- comecei a discussão. Eu não aceito que chame de Rodesindo Pavan, né, porque o que houve foi apenas uma adequação da estrada e o asfaltamento.

O verdadeiro nome da Estrada é Estrada Geral da Costa Brava. Esse é o nome e contei a história. Inclusive foi inaugurada com olimpíada. Aí o Santa, disse: *"não, não, isso era um caminho, só um caminho, o Pavan que abriu tudo"* - O Santa, o vereador Santa que disse. O Tatá pediu um aparte, - o Tatá é muito correto nesse ponto, talvez por orgulho, ele

disse o seguinte : *"sobre esse ponto eu sou obrigado a concordar com o vereador Cachel, realmente houve a maratona e houve a inauguração com o nome Estrada Geral da Costa Brava. Eu sei que quando houve a maratona, porque eu tenho uma medalha até hoje. Fui o vencedor da maratona. Eu era estudante"*.

CACHEL: - Ele estudava no Laureano Pacheco. Ele participou da maratona e ele disse ganhou uma medalha na maratona. Se ele foi vencedor ou não foi, não sei, ele falou na Câmara que foi. Ele disse que tem a medalha, até hoje. — o Tatá. Aí terminou a discussão na Câmara. Foi inaugurada a Estrada Geral da Costa Brava e havia testemunhas vivas disso.

ISAUQUE: (interrompendo) Eu também participei dessa maratona. Não ganhei nada, mas participei da festividade. Fui lá para assistir. Todas as escolas foram.

CACHEL: Uma coisa que merece registro, é que a gente ia lá todo dia para ver aquela coisa linda e acusavam o seu Meirinho de ter terras lá. Então ele dizia que não tinha terras, lá, nunca teve nem nunca vai ter terras lá. Podia até comprar, mas não comprou. A Praça Tamandaré que tu falaste, eu não participei propriamente, eu não tinha chegado aqui ainda. Eu cheguei no começo de 1974, o Meirinho já era prefeito desde 1973.

ISAUQUE - Então não foste tu que participaste do episódio?

CACHEL - Não participei daquele episódio da Construtora (xxx ruído xxx) que já tinha estacas cravadas. Participei depois. Ele quis fazer a praça e tinha um pessoal que tinha uma faixa de terra, poderosos todos eles. Tinham várias faixas ali, que se intitulavam donos, várias faixas, mas o que mais incomodava era os (xxx ruído xxx). Tinham um amigo naquela época, um Juiz, que advogava esses casos pra eles. Não tenho provas contra ele, não tenho nada, não sei se levava alguma vantagem ou não. Acho até que não, era tudo amigo, acho que é isso. Nem posso dizer, mas ele estava presente em qualquer problema que eles tinham. Só sei que no episódio que eu vou contar, era ele o que tava tomando conta de uma boate ali e que tentou fazer um impeachment contra o Prefeito porque entrou nas terras da boate. Da Boate na Avenida do Estado. Era um Clube na verdade. Ali na Tamandaré, eu quero me lembrar o nome de um calceteiro famoso – aquele – um negrão enorme...

ISAQUE: Cândido!

CACHEL: O Cândido! Esse você se lembrou. O Cândido era um cara fabuloso, um cara ligeiro, era uma cara que pegava forte no trabalho, não almoçava. Era leal também. Ficava batendo com aquele martelo. Então o Meirinho para segurar a Praça Tamandaré das investidas dos caras e das jogadas que estavam armando, fez ele calçar, nem botou meio-fio. Foi botando meio-fio e calçando atrás. Calçando em redor, dobrava ali onde hoje tem o Hotel Mercury. Isso, fazia a volta contornando e saía na Avenida Atlântica de novo. Ai ficava o terreno limitado pela pelas quatro ruas da Avenida Atlântica, cercado por todos os lados. E o Cândido vinha batendo, não queria nem saber. Ai o juiz mandou o oficial de justiça lá,. Nós para isolarmos os (xxx ruído xxx), nós passamos por trás, que está até hoje ali. É a coisa mais ridícula do mundo, que ninguém entende por que ficou. Mas ficou. Era pra firmar posição e preservar o patrimônio da prefeitura. Só isso, devia consertar depois. Mas ficou.

ISAQUE: Aquele contorno?

CACHEL: É. Foi feito, na ocasião, para a proteção da área.

ISAQUE: Só pra isolar a área?

CACHEL: É o que estou falando, a área fica ali de frente para quatro ruas. Foi uma emergência. E tava chegando a temporada, até. E ele {Meirinho} queria aprontar para a temporada isso. Ai começou a fazer o calçamento. Eu me lembro que o oficial de justiça foi lá e disse pro Cândido parar, se não parasse ia sair a prisão dele. Então o Cândido disse: *"então manda o patrão vir pra cá.. Só paro se o patrão mandar"* Era um cara legal. E fui eu corno engenheiro de obra. Fui lá! Aí eu disse, não, não eu não repasso ordem. Não assino nada e vamos tocar. Foi bem assim. Daí eu falei pro Cândido continuar. Aí saiu uma ordem de prisão, pelo menos me falaram, por eu ter desobedecido. E o Cândido continuou trabalhando. Aí quando o Prefeito soube do negócio e pra chamar a atenção, tomou urna atitude extrema, porque ali ele estava brigando com o juiz. Ele não estava brigando com o (xxx ruído xxx), nem com (xxx ruído xxx) nem com o (xxx ruído xxx), ele estava brigando com o juiz. Aí ele (o Meirinho) disse: *"Vou parar a cidade:- em plena temporada - Vamos parar a cidade para chamar a atenção das autoridades, porque eu quero abrirea rua e o meu poder aqui de prefeito, de postura {não posso usar} e judiciário"*

está querendo impedir". Aí os caminhões saíram, mas encheram de terra toda a Avenida Atlântica. Montanhas de terras para não passar ninguém na Avenida Atlântica. Fechou a Avenida Atlântica. Fechou tudo. Uma montanha de terra.

SAQUE: Fecharam tudo, tudinho?

CACHEL: Fechamos toda a Avenida Atlântica. Aí veio autoridade, veio o Estado, veio polícia. "*Só abro se a obra continuar.*" Respondeu o Meirinho. "*Senão vai ficar fechada*". A temporada tava vindo, os hoteleiros tinham que faturar. Fechou, fechou e estava fechada. Esse foi o primeiro embate com o judiciário, com a Justiça. O outro foi no famoso Country Club.

ISAQUE: É o prédio, o prédio na Praça.

CACHEL: Ali quando eu cheguei já tinha estaca, já estava embargado. Já tinha ferro de uma polegada, esperando um prédio de 20 andares. O (*xxx ruído xxx*) que é meu amigo hoje. Ele estava lá. Justamente esse contorno que foi feito, foi para isolar essa praça. Aí eles entraram na justiça e o Meirinho entrou com a desapropriação, dizendo pra que era, pra que queria o terreno. "*O Silveira lembrou ao Meirinho que aquela área já tinha nome de Praça Almirante Tamandaré*", e a marinha já tinha feito de tudo para tirá-los dali e não conseguiu, sempre aparecia um jeito uma manobra jurídica e eles ficavam lá. Era terra de marinha. Era mais fácil a Marinha dar preferência ao público que para um particular que estava levantando um prédio. Foi quando o Sr. Meirinho conseguiu o embargo por intermédio do Patrimônio da União e então se desenvolveu um processo contra o Sr. Meirinho, contra a Prefeitura e contra o Patrimônio da União. Olha aí a maior confusão, porém o Sr. Meirinho nunca cedeu, fez inúmeras viagens ao Rio de Janeiro, sede do patrimônio da União. Até hoje ele diz não entender como o Prefeito anterior e a câmara de vereadores da época aprovaram aquele projeto que estava sendo executado. Aquilo era um mistério. Alguém ligado ao poder público municipal, era conivente. Disso nunca tivemos dúvida. Aí a Marinha ia ganhar uma praça com o nome do Almirante que era o Deus deles, falou o Silveira. Aí, né, a Marinha iria interceder a favor, porque ele tava sozinho, contra a justiça, aí foi que deram o nome de Almirante Tamandaré. Pra segurar a praça contra um particular. Aí parou. Aí parou, terminou ali. Porque a Marinha mostrou a garra e ficou tudo certo.

ISAQUE: Mas não havia um Decreto do Prefeito anterior fazendo a reserva dessa área para uma praça? Não tinha já sido dado um destino para a área e a Marinha já não tinha sido informada disso ainda no governo anterior?

CACHEL: Pois é. Isso que é mistério. Já tinha um decreto, já tinha uma reserva, já era pra fazer a praça, a Marinha já sabia, a Prefeitura já sabia. Não daquele jeito que ficou porque ela ficou assim por causa da emergência. Mas então, já tinha sim o decreto fazendo a área como reserva para a praça. Como conseguiram a obra? Aí que está o mistério. Mas o Meirinho tem o decreto e só fez o que já tinha sido reservado. Nunca achamos nenhuma revogação do Decreto. Por isso, ele fez a praça. Fez do jeito que deu.

ISAQUE: E o caso da oficina?

CACHEL: Mas um segundo episódio feio com a justiça foi justamente no (*xxx ruído xxx*). Já tinha passado (a estrada — Avenida do Estado) pelo (*xxx ruído xxx*), já estava esperando ali na frente, à esquerda um mecânico famoso na época. Que tinha os carros tudo ali na frente.. Ele já tinha visto e exemplo do (*xxx ruído xxx*) e dos outros, que não adiantava espernear, sabia que vinha pra ele, mas ele garganteava "*não! comigo vai ser diferente, comigo aqui ninguém vai afastar meus carros*". Mas não tinha chegado lá ainda. Ele era um pouquinho depois da boate. Ai quando chegou lá, derrubou aquele muro, porque aquela boate tinha o muro avançado. Aí derrubou aquele muro. Aí o Juiz entrou com um pedido de impeachment. O Juiz cuidava daquilo. Se ele tinha interesse naquilo e eu não sei se tinha, mas isso não interessa agora, acho até que não. Eu me lembro alguns fatos, seu Meirinho estava na prefeitura, ele saía assim meio isolado da Prefeitura. Aquilo chocava a gente, pois estava passando um momento difícil, com tudo o que tinha acontecido e o homem querendo só o bem de toda a população, o bem da cidade e o pessoal fazendo aquilo tudo, uma briga atrás da outra. Antes do Meirinho aqui era quase terra de ninguém. Depois ficou bem moralizada. Hoje em dia fala em impeachment, que tem governo, tem tribunal, que tem partido protegendo, o pessoal tira de letra, mas naquele tempo não tinha isso. Impeachment a gente imaginava que era derrubada mesmo. O Poder Judiciário pedindo o impeachment. Perder o cargo e ser responsabilizado por tudo aquilo que já tinha sido feito? Se fosse derrubado naquela época, aí ia ter

que responder sozinho, mesmo com a indenização que tirou um de lá, que derrubou o muro do outro, da Avenida Atlântica. Tava todo mundo esperando que o administrador desse uma tropeçada, para todo mundo massacrar. Pessoal de Blumenau, o cara da (*xxx ruído xxx*), muita gente torcendo. De um lado, gente grossa querendo ver ele cair. Do outro os que sabiam que era bom o que ele tava fazendo torcendo pra ele ficar.

- Aí o seu Meirinho saiu da Prefeitura, ia lá no fórum para prestar depoimento. Aí tava aquela onda que ia cair, o Vilson Santos se preparando para assumir, toda aquela fofoca. Ele era forte, não curvava. E a Dona Zenir, esposa dele, firme, uma rocha, não deixava ele fraquejar, mesmo porque ele não era homem disso, nunca foi. Isso foi importante. E a estrada continuando, continuando, derrubou o muro e continuou. Aí foi o Teixeira que derrubou, o Teixeira derrubou e não foi num sábado, foi no fim da tarde. Tava demorando muito, tava indo, aí os outros da frente já iam se preparando. Olha, aí vem o pessoal, nós vamos perder isso aqui. Alguns já iam para prefeitura: "*Seu Cachel eu não quero encrenca, onde eu tenho que sair, mande o topógrafo lá, vamos ajeitar numa boa*". Teve caso que de gente que fez na boa. O (*xxx ruído xxx*) aqui, em frente à garagem procurou antes, recuou. Pediu em troca para reconstruir a casa dele, a casa foi reconstruída, foi recolocada, ficou contente. Não teve problema. Ele tinha um armazém que avançava. Na Praia Brava teve uma mulher que mudamos a casa para trás com ela dentro. Os homens da Prefeitura levantaram a casa no muque e passaram a casa da velhinha para trás com ela na janela. Depois ela recebeu os direitos dela direitinho.

Nesse instante, a pedido do Meirinho, a projeção e o som foram desligados e as luzes acesas. Retomando a palavra, o Meirinho disse:

- Bem, minha gente, o que meu sobrinho neto quis com essa divulgação, foi mostrar pela boca de gente séria, correta e que participou de tudo junto comigo, como realmente as coisas aconteceram e o que foi que nós enfrentamos. Hoje, tenho muitos amigos que na época me combateram. Hoje, tenho certeza de que, o que fiz, fiz por todos vocês, sempre dentro das coisas que sempre acreditei, sempre dentro de tudo que mais prezei na vida. Minha consciência, minha visão de futuro, minha convicção do que seria esta cidade. Nós não podíamos arriscar a ser uma bucólica cidadezinha praiana ou uma

caótica região de lazer. O que eu tinha em mente, e esta realidade mostram que eu tinha razão, é que esta cidade nasceu para ser o que é. Um ícone da beleza brasileira. Um lugar digno da fama que possui. Pedi para suspender a exibição porque gostaria de voltar a responder pra vocês, já que foi isso que vim fazer aqui. O que vocês ouviram já dá uma enorme noção do que significa ou do que significou minha passagem como Prefeito de Balneário Camboriú. Estou à disposição para continuarmos.

Liderados pelo Vice Reitor, uma calorosa salva de palmas seguiu-se ao aparte. O Peter passou então a reconduzir o encontro.

- Sr. Meirinho, o senhor é um daqueles homens que fazem política com paixão?

- Não meu filho. Eu nunca fiz política com paixão. Eu administrei com paixão. Política eu nunca fiz. Administrar eu administrei. Quando você está à frente de um projeto que foi planejado, estudado, discutido e bem definido, ele só terá sucesso se você não fizer política. Tem que administrar.

Peter agradeceu e deu a palavra ao próximo inscrito que perguntou:

- Sr. Meirinho, o que ouvi até agora tornou minha pergunta desnecessária e até perdeu o objeto. Então me permito fazer outra. O que significa a folha de laranjeira que jogaram no vereador Cachel?

- O Chá de folha de laranjeira é uma tradição na Região de Camboriú em época de eleição. Os partidários dos vencedores, expunham galhos de laranjeiras para caçoar do adversário perdedor. Dizia-se que era para fazer chá, para acalmar entende? Isso se dava no tempo da eleição contada por cédulas. Demorava muito e o perdedor tomava um calmante de folha de laranjeira. À medida que as apurações avançavam e aumentavam as diferenças, os vencedores preparavam galhos de folhas de laranjeira para mostrar aos adversários. Hoje em dia o resultado é tão rápido que não dá tempo nem de esquentar a água, que dirá de tomar o chá.

Risadas e o Peter seguiu dando vez a cada um dos inscritos.

- Eu fiz uma pesquisa de assuntos não ligados à política e descobri certo jogo de futebol em que o Senhor foi o responsável direto pelo resultado. O futebol tem muitas lendas, mas a questão de resultados

arranjados não são incomuns, dentro da verdade dos clubes. O senhor declara que jamais em sua vida política envolveu-se com a "mala preta". E no futebol, já?

- Ah, guri. Que história você desenterrou, hein? Mais uma lenda urbana sobre Gilberto Meirinho. Mas eu vou te contar a verdade. Só vou poupar o nome dos clubes por razões mais do que óbvias. Não que eu tenha medo de alguma coisa, mas eu escapei por anos de todos os inimigos e não posso, no final da vida, dar mole. Foi assim que aconteceu:

- Foi num domingo pela manhã, eu era ainda só o gerente do banco. Toca o telefone e a empregada atende e logo me chama e diz: "*É um senhor de Itajaí que quer falar consigo. Disse que é o Presidente do Clube tal*". Fui atender. Do outro lado da linha ouço: - *Meu amigo! Aqui é o Presidente do time tal. Você é torcedor da gente, não é?"*

- Sou sim, mas não fanático.

- Pois é, você vai ter que colaborar comigo e com o nosso querido clube que hoje vai jogar aí na tua terra com o time xis. Esse time é igual ao teu América do Rio de Janeiro, que não joga nada, mas sempre estraga prazer dos outros. Já por diversas vezes esse timezinho da tua cidade tirou o campeonato da gente. Mas eu sei que ele está mal, muito mal financeiramente. Não tem honrado o pagamento dos Jogadores, mas que jogando contra nós é sempre um perigo. Quero te pedir um favor: Te dás com o Presidente desse time?

- Sim, respondi. Ele era meu vizinho de frente quando eu morava ainda no outro prédio. É uma pessoa tratável, bom falante e PTB fanático. O que você quer?

- Que você marque um encontro hoje ainda com ele até as 11 horas quando chegarei por aí. Ó... vou almoçar contigo hoje, hein! Quero fazer um acerto com ele.

- Eu não quero me meter nisso, nem me comprometer. — respondi.

- Não, não! Eu chegarei aí, já desembarco na tua casa e aguardarei o presidente.

Liguei, de fato para o Presidente do tal time, falei sobre o assunto e o presidente concordou, desde que o encontro fosse à minha casa de forma muito discreta. O Presidente do time grande chegou, liguei para

o Presidente do outro, da minha cidade, avisando. Ele me respondeu que logo chegaria também. Falei que a porta estava só encostada, era empurrar, abrir, entrar e subir. Apresentei um ao outro, pedi para que sentassem, servi whisky para eles, botei dois copos e deixei a garrafa sobre a mesa. Disse que os deixaria à vontade. Que conversassem o que quisessem e que eu não queria nem saber do que se tratava. Recomendei ainda à minha esposa que lhes servissem uns salgadinhos. Depois de uma hora mais ou menos eles me chamaram. O Presidente do time pequeno, meu vizinho, foi embora e o outro Presidente ficou.

- Olha deu tudo certo - disse-me ele. O juiz não seria a pessoa certa, mas o goleiro com o salário atrasado há mais de quatro meses, com esposa, filhos, aluguel e todos os problemas, é presa certa.

- Nem quero ouvir nada. Considera só o favor que eu fiz apresentando um ao outro. Do resto, não quero nem saber.

Próximo ao horário do jogo - ele insistiu que eu assistisse ao jogo - lá fui com ele ao campo. Como o jogo estava muito chato, já quase no final do segundo tempo e não saía gol nem de um lado nem de outro, resolvi sair. A torcida do time local já estava enlouquecida. Eu disse ao nosso amigo Presidente do time grande: já estou indo embora. Despedi-me e fui para casa. Mas estava curioso para saber o resultado. Perguntei então para um taxista ali da praça.

- Não ouço fogos, o que está havendo? Perguntei parecendo melo desinteressado.

O taxista disse: O time tal (o time grande) ganhou de 1 a 0, gol no finalzinho de tudo, mas o pau comeu feio. A torcida cercou o time, quebrou o ônibus do time visitante e a polícia teve que intervir. Dias depois, muito reservadamente, procurei me encontrar com o meu vizinho, no Clube Cruzeiro, que ficava ali ria praça. Ele me pegou pelo braço, levou-me para um canto e disse: *"pois olha Reclamei com o goleiro que não estava colaborando e ele me respondeu: "Que podia fazer, se os caras não chutavam em gol? Pra fazer aquele golzinho eu ainda tive que ajudar! E muito."*

Peter chamou mais um inscrito:

- Sr. Meirinho, é verdade que o esgoto fecal da cidade não corre solto pro mar por causa de dois argentinos?

- Ahahaha ... mais ou menos isso. Mais ou menos isso. Num determinado dia recebi a visita de dois diretores do Hotel Marambaia. Estes, com suas razões, lutaram em me demover da preservação da lagoa ali existente, pois desejavam ampliar suas instalações, e para isso teria que avançar na lagoa alegando que os mesmos teriam feito muitos favores ao município, o que era verdade e não dava nem pra discutir esse fato. Gente espetacular. E eu até os considerava e muito, eram dois cidadãos importantes, principalmente em Itajaí e que mereciam todo o nosso respeito. Muitas das dificuldades que os Prefeitos que me antecederam e as minhas mesmo, encontraram solução no apoio que eles nunca nos negaram. Este era, segundo me parecia, o primeiro pedido que faziam, sempre colaboraram e nunca haviam pedido nada. Esse era um pedido justo, justo mesmo. Porém, eu precisava negar e isso me doeu no coração. Como já havia dito, ali se formava um belíssimo estuário e as áreas limítrofes já vinham sendo preservadas e por isso foram incluídas no nosso projeto de galerias de águas pluviais. Essa área estava já no projeto, toda bonita, toda urbanizada, com muros de arrimos e uma parte cercada com gramas e arborizada. Assim nós tínhamos previsto e registrado, no projeto, para ser aprovado. Isto eu argumentei aos referidos cidadãos, justificando a nossa negativa de aprovação, pois qualquer projeto sobre a área só podia ser da Prefeitura. Eu até, para ilustrar a minha negativa, lhes disse que a preservação daquela área com a urbanização prevista no projeto só lhes iria favorecer, pois aquele lugar, serviria como uma área de decantação dos detritos vindos dos bairros próximos ajudando na despoluição da praia. No final, indeferi, naturalmente, com algum constrangimento, é claro, às suas pretensões. Adiantei-lhes que se não houvesse essa preservação, eles que estão no final da lagoa, receberiam todos os detritos ainda sólidos e isso os iria incomodar muito, pois acabariam despejados *"in natura"* no mar, em frente ao seu hotel. Fiquei muito antipático aos cidadãos, claro que não gostaram. O pedido deles era simples frente ao que já haviam dado ao Município, mas tive que negar. Passados dois meses, com a temporada, os jornais estamparam: *"Hóspedes argentinos nadando na frente do Hotel Marambaia, reclamaram que tiveram que afastar os 'marinheiros' boiando naquele local."* Na Prefeitura, recebi a visita de dois turistas argentinos, um paisagista e um arquiteto, que passavam férias aqui. Ficamos por duas horas conversando, eles apontaram todos os erros e enganos daquele ponto. Mostrei a eles nossos

projetos. Eles elogiaram e reconheceram a necessidade da obra e sua aplicação prática. Os comentários e as sugestões dadas por eles acabaram permitindo um pequeno ajuste mais específico no projeto que apresentei a eles. Foi uma contribuição especial a desses dois argentinos. Agora, não sei responder pra você se os dois argentinos que nos visitaram na Prefeitura eram os mesmos que corajosamente afastaram os "*marinheiros*" na praia.

- Mas onde está esse projeto, então?

- Depois de criar tantos atritos e enfrentamentos, tantas ações, incômodos, mal-estar com sequelas na saúde, veja o que aconteceu com essa cidade logo na minha saída: lagoa aterrada, Plano Diretor de respeitado, normas e instalações não aplicadas, áreas do Plano Viário interrompidas, algumas áreas já indenizadas como por exemplo a Avenida Beira-Rio - que esta eu prefiro nem fazer qualquer comentário porque aí foi o ápice do abuso e a tolerância administrativa — e tantas outras coisas, planejadas por pessoas dedicadas, que representaram meses de discussões, ajustes, consultas, análises, tudo isso botado fora, somente para que alguém que pensou em tudo isso não fosse lembrado no futuro. Tanto benefício público negado à população por conta do ego clamante de políticos não comprometidos com o bem público. E aí que eu me arrependo de ter sacrificado o meu patrimônio e a minha saúde o meu bem-estar e da minha família. Digo com tristeza: essa cidade - não exata mente a cidade em si - mas uma parte do povo, não merecia o meu sacrifício.

- Isso quer dizer que nesta cidade não há políticos competentes e comprometidos?

- Não. De maneira alguma. Tem gente séria, trabalhadora, correta. Tem gente que senta naquela cadeira e olha pro povo. Mas eu estou falando dos embates políticos comigo. Porque eu estava dando outra linha e outro contorno à cidade e ao conceito de proteção do bem comum. É que eu evitei que o patrimônio da cidade fosse utilizado como moeda de troca. Se não fossem os bons políticos, tudo isso já tinha ruído desde aquela época. É do conjunto dos bons que se faz uma nação próspera. Eu tive apoio sim e mesmo depois que eu saí, muita gente boa lutou pela continuidade dos meus projetos. Mas, infelizmente, a má influência prevaleceu. Infelizmente, os representantes mais recentes do povo não tiveram acesso ao que eu deixei ou pelo menos,

do que restou do que eu deixei. Minha tristeza é que, a julgar pela grande impulsão de progresso que a cidade teve na minha gestão e pela defesa intransigente que fiz do que era justo e perfeito, eu acreditava que pudesse servir de orientação ou pelo menos de fonte de informação sobre todo o planejamento. Pouquíssimas vezes fui procurado e nas vezes que isso aconteceu, algumas coisas boas, que já tinham sido planejadas há 10 ou 20 anos, foram implementadas na cidade. Concluindo, se não fosse por bons políticos que esta cidade sempre teve, o estrago seria enorme. Ao contrário do que alguns pensam, eu não lutei sozinho. Tive apoio e dos bons. Na verdade não apoiaram o Gilberto Américo Meirinho. Apoiaram as ideias, o planejamento e os ideais do Prefeito Meirinho.

Este talvez tenha sido o momento mais crucial de toda a entrevista. Sentimos a emoção e a sinceridade nas palavras de um homem que sacrificou sua vida pelo bem da cidade, mas que parte de seus homens públicos, lutou bravamente para impedir que ele realizasse o seu trabalho em prol da transformação urbana dessa cidade. Gente, que a exemplo de hoje, tomava partido por conta de uma rodada de cerveja ou um benefíciozinho extra. Nada diferente de hoje, nada distante do que vemos em um nível nacional. Hoje, muitos que admiram e elogiam sua beleza arquitetônica, acham a cidade linda, não sabem que isso custou um sacrifício hercúleo, de um homem que no final só não ficou absolutamente sozinho, porque sempre há aqueles que amam a cidade com sinceridade.

Sentindo o "peso" do momento e usando de sua incrível habilidade, o Peter reencaminhou a entrevista, dando-lhe novo contorno, assumindo ele próprio a próxima pergunta:

- Sr. Meirinho, conte-nos, por favor, a história do Hotel Plaza Itapema. Por que ele se instalou em Itapema e não em Balneário Camboriú?

- Muito boa lembrança, moço. Começarei essa resposta com uma frase de uni caboclo que falou comigo no dia da inauguração do Hotel. *"Ora, senhor, aqui não é Itapema! Essa zona é de Balneário Camboriú, sempre pagamos nosso impostos em Balneário Camboriú, desde o tempo do falecido Pio. Por causa do Plaza é que resolveram mudar. Dizem que isso aqui é Itapema, isso nunca foi Itapema"*.

- Então pergunto ao senhor se esse fato é verdadeiro. Essa situação que esse nativo afirmou.

Quando eu era prefeito, estava em andamento uma ação política junto à Assembleia Legislativa sobre a divisa do Município com Itapema. A extrema se dava na Lagoa dos Sapos, um córrego que despejava exatamente na extrema com a ilha, um acidente geográfico que na verdade é uma península. Eu sei disso porque as minhas terras extremavam justamente na Lagoa dos Sapos. Por ali passava a divisa desses dois municípios. A península foi por muito tempo o meu sítio que depois vendi para o Plaza e outra grande área, que mais tarde fizemos sociedade com o senhor Carlos Henrique Schmidt, dono do Plaza Hotel e o Senhor Amador Aguiar, presidente do Bradesco. Naquela época, um movimento de empresários de Balneário Camboriú, tentava impedir a construção de um complexo Hoteleiro de grande porte. A administração anterior por pressão desses hoteleiros criou as maiores dificuldades para a implantação de uma unidade dessa rede de hotéis. Essa empresa, o Bradesco, uma gigante já naquela época, então fez uso de seu poder político e econômico a ponto de interferir nas divisas do nosso município, que acabou por perder a batalha na Assembleia Legislativa e com isso perdemos uma boa parte da nossa região sul, próximo ao Mato Camboriú. Mesmo após abrirmos uma demanda judicial, mesmo assim não conseguimos reverter esse caso. Alguns empresários fizeram Balneário Camboriú rejeitar o projeto. Então eles foram lá e mudaram as divisas do município. Perdeu o Município, perdeu a população, perderam os empresários, perderam todos. Uma grande perda que lamentei muito, pois nossa área territorial já era muito pequena e acabamos perdendo para outro município uma grande extensão territorial, por egoísmo de alguns empresários nossos e tolerância de nossos administradores. Além da arrecadação e do perfil turístico, que seria ampliado e sofisticado já naquela época.

- Esse foi um dos motivos da tentativa de reunificação de Balneário Camboriú com Camboriú? Sendo o Senhor o virtual criador de Balneário Camboriú, isso não é um contrassenso? Perguntou um dos alunos inscritos, mudando sua pergunta original, mas seguindo no tema, mostrando que um bom repórter tem que estar atento ao momento jornalístico.

- Por causa da minguada área territorial do nosso Município, no início dos anos 80, defendíamos a reunificação dos municípios de Balneário Camboriú e Camboriú por entendermos que o crescimento

trepidante desse balneário não comportaria a demanda. Depois de passado todos esses anos, ainda afirmo que é indispensável para a sobre-existência de ambos os municípios a reunificação, em termos de sobrevivência ecológica, sanitária, econômica e administrativa, inclusive permitindo o replanejamento urbanístico e estrutural da região. O assunto era tão sério ontem como é ainda hoje. Faço isso não por “*mea-culpa*” ou justificativa por ter criado o Distrito de Praia de Camboriú, não, mas por querer a evolução do Município, enquanto região, e uma administração mais descentralizada, para permitir um crescimento mais planejado. Na época eu dizia que Camboriú não sobreviveria com crescimento efetivo e nem Balneário Camboriú sobreviverá com expansão racional, sem Camboriú. São almas gêmeas que se interdependem. Hoje já sentimos um crescimento tal que fica difícil falar em reunificação. Mas sob o ponto de vista da racionalidade administrativa, do planejamento econômico financeiro da região e da diversidade social, é uma solução lógica. Talvez o cenário não permita mais essa unificação, porém meu entendimento para os próximos anos, é que seria adequado pelo menos discuti-lo.

- Existem registros históricos que apontam o seu governo à frente de Balneário Camboriú como o marco da explosão turística na região. Foi planejado, acidental ou decorrente da nova situação econômica do país, vivendo o “*milagre econômico*”?

- De 1968 a 1973 o PIB brasileiro cresceu a uma taxa média acima de 10% ao ano, a inflação oscilou entre 15% e 20% ao ano e a construção civil cresceu, em média, 15% ao ano. Durante essa fase, o grande arquiteto e executor das políticas econômicas no Brasil foi Antônio Delfim Netto, que chegou a ser chamado de “*super-ministro*”. Em análises posteriores justifica-se esse grande crescimento afirmando que os mercados em que os investimentos se concentraram eram todos (usando a expressão inglesa) Green Field Market, ou seja, novas áreas para se investir. O mesmo ocorre nos dias atuais na República Popular da China. Mais do que uma consequência de política econômica bem planejada (apesar de muitas vezes pouco ética), o crescimento chinês é fruto do fato de muitos novos setores estarem se abrindo, possibilitando um rápido e vertiginoso aumento da atividade econômica. A partir de 1973 o crescimento da economia brasileira diminuiu, e em 1974 ocorreu o primeiro choque do petróleo, quando seu preço foi elevado abruptamente de US\$3,37 para US\$11,25

por barril. A crise do petróleo provocou uma aceleração da taxa de inflação no inundo todo e principalmente no Brasil, onde passou de 15,5% em 1973 para 34,5% em 1974. O crescimento diminuiu no período 1974-1979 passando a 6,5% em média; na época do "milagre" as taxas de crescimento eram, em média, superiores a 10% anuais, tendo alcançado picos de 13% anuais. A única saída era efetivamente o setor de serviços. Nós unhamos praias belíssimas, iniciávamos uma forte ocupação de espaço com construções voltadas ao turismo e aos investimentos particulares em moradias, nosso elenco hoteleiro já visualizava a evolução dos negócios, o turista internacional, principalmente os argentinos estavam chegando cada vez em maior número. O que fizemos? Simplesmente planejamos e criamos estratégias para não só absorver, como também incentivar esse mercado. Ao incentivarmos o turismo, ativamos todos os mecanismos de negócios decorrentes da infraestrutura necessária, tais como hotéis, restaurantes, bares, vida noturna. Claro que isso demandou construções, reformas, prestação de serviços de contabilidade, serviços bancários e muitas outras atividades. Era uma expansão natural e previsível. O que nós fizemos em nossa gestão foi "empurrar" as atividades básicas, por que assim, as outras viriam atrás. Não tínhamos que atuar em todas, bastava incentivar o crescimento e dar condições de agregar serviços. Tínhamos que criar o cenário para que elas viessem de livre espontânea vontade. A única coisa que não descuidamos mesmo foi que, quanto mais atividade chegava, mais infraestrutura a gente fornecia. Era a cenoura na frente do burro. A gente criava o palco, eles vinham e atuavam. Muitas vezes ficávamos reunidos com o pessoal de infraestrutura e planejamento, discutindo ações específicas de fomento da atividade na cidade. O que poderíamos fazer, como faríamos e quais os resultados esperados. Por isso, no período de meu governo, houve a acelerada evolução da atividade econômica aqui. Baseados na vocação turística, desenhamos todos os desdobramentos econômicos.

- Em termos efetivos, quais foram essas ações?

- No início do nosso governo, o Município de Balneário Camboriú vinha carregando um grande fardo administrativo com advento maciço dos turistas argentinos. Nessa época conforme já dissemos, nós disputávamos a condição de cidade turística, apenas com a cidade de Blumenau. Aquela cidade com seu comércio diversificado e muito

famoso na sua gastronomia, com bons restaurantes e confeitarias. Mas ela foi perdendo para nós a condição de liderança no turismo, especialmente depois que implantamos os planos viários e diretor, saneamento básico, fluvial e cloacal. Melhoramos a oferta de água, pressionando a célebre Casan a implantar novas áreas de captação, tratamento e reservatórios. Partindo dessa movimentação passamos a ser um dos maiores centros turísticos do sul do Brasil e ajudamos a eleger Balneário Camboriú como município exemplo nacional de planejamento de turismo, com moção aprovada na 6ª reunião do CONDEST, no Rio de Janeiro, considerando, como digna de exemplo, a nossa filosofia de planejamento e legislação básica no setor. Isso foi fundamental para que as agências de turismo de todo o mundo olhassem para nós. O CONDEST era acompanhado pelos empresários do setor, sempre ávidos para descobrir novos roteiros, que fossem seguros, confortáveis e belíssimos. Analisamos detidamente a administração dos municípios da região, entendemos como pensavam e quanto tempo demorariam para desenvolver políticas expansionistas. Então, nos mantivemos à frente deles, com aplicação da implantação acelerada dos planos de crescimento. Se queríamos ser os melhores tínhamos que fazer diferente, mais rápido e mais efetivamente tudo que era feito pelas nossas co-irmãs. Foi um período de comparar, analisar e fazer melhor e muito mais do que fazíamos.

- O que era o CONDEST e o que representou essa moção? Interrompeu o Peter.

- O CONDEST era o Consórcio Nacional de Desenvolvimento de Estâncias e Centros turísticos e essa moção era no sentido de que esse município fosse tomado como modelo turístico no Brasil. Nessa época, fizemos um apelo por intermédio da Revista Cruzeiro onde dizíamos que Balneário Camboriú vinha carregando sozinha o peso do desenvolvimento turístico no Estado, porque até então o Governo estadual não considerava o turismo como de muita importância e nem faziam constar nos seus planos de governo, qualquer noção de incentivo ou melhoria das condições turísticas do Estado. Como estávamos vindo com todo o embalo, dizíamos que, quem não é maior tem que ser o melhor. Com a moção e o reconhecimento do CONDEST, a matéria da Revista Cruzeiro, o aumento do movimento de turistas em nossas estradas, aeroportos e tudo mais, não deu mais pro governo do estado desconsiderar a realidade que se descortinava. Daí, ainda

por cima, a gente estava aqui planejando e construindo uma cidade diferenciada das outras que já existiam. Nós éramos bem novos como município, mas pensávamos como veteranos. Quando nossa equipe de planejamento se reunia a gente levava o calendário para 20 anos adiante.

- Houve algum Projeto expressivo nesse sentido aqui em Balneário? Foi a repergunta.

- Tocamos um estudo que nos foi apresentando por um grande catarinense e amigo de Balneário Camboriú, Silveira Júnior, pedindo a ele o seu voto em nossa administração que nós iríamos conseguir uma área que fosse suficiente para instalação daquele seu projeto denominado de RODOFEIRA. Silveira Júnior me perguntou: "*Você pode ou tem condições de desenvolver esse projeto?*" Afirmei-lhe que sim e com a melhor das notícias: será às margens da BR-101. Pode confiar que conseguirei e tenho a impressão que até sem ônus para os nossos cofres. Ele sorrindo me disse: "*you é louco? —Acha que alguém vai ceder algum terreno à margem da BR, uma área tão valorizada?*" Respondi que não achava, tinha certeza. "*Se você diz eu acredito, porque fazendo o que você está fazendo por esse município com os poucos recursos que temos, sou obrigado a acreditar.*" Disse ele.

Pedi-lhe, então, 60 dias e no final desse tempo ele me cobrou e eu lhe afirmei que 80 mil metros quadrados - o que já era muito além e até bem maior do que havíamos projetado - já me haviam sido comprometidos como doação, para a realização desse nosso sonhado projeto. Ele nem acreditou e me disse: "*porque não botamos logo as mãos à obra?*" Respondi para o meu amigo Silveira que, "*quando se desenvolve um projeto como este, que estamos nos propondo, temos que olhar grande.*" E o que você quer? Perguntou-me ele meio incrédulo. Que a área seja bem maior, respondi com convicção. "*Sei que você não é louco, porque venho lhe assessorando há tempo e conheço a sua disposição e a confiança que alguns municípios lhe depositam*". Disse-me ele, bastante emocionado.

Reuni além de nossos diretores, técnicos e mais alguns senhores benemerentes desse município como Dr. Arnaldo Mendes, Orival Feres, Dr. Oziel Moura dos Santos, Dr. Nicolau Leopoldo Obladen e os coloquei à disposição do grande idealizador do empreendimento da Rodofeira, o companheiro Norberto Cândido da Silveira Júnior. Trabalhamos

nesse projeto alguns meses com a filosofia completamente diferente dessa que hoje está ali implantada.

Nesse ínterim, implantei toda a infraestrutura da área, a topografia do terreno e iniciamos o projeto de comercialização das ações. Já tínhamos aí o que oferecer. Urna área de 80 mil metros quadrados adquiridos por doação do Senhor Hermínio Longo e 40 mil metros recebidos também por doação do senhor Pedro Alves Cabral (Pedro Reis). Quero destacar que as respectivas áreas foram a mim confiadas sob procuração em meu nome, pessoa física.. Não fomos muito felizes na parte da colocação das ações no mercado. Nosso plano era vender 150 lojas em todo o Estado de Santa Catarina, para que ali, essas cidades expusessem e vendessem seus produtos típicos produzidos em suas regiões. Como não conseguimos oferecer toda a quantia do total dos recursos necessários, tivemos que oferecer ao Governo do Estado e este, através do seu Secretário da Indústria e Comércio, Sebastião Neto Campos, nos recebeu de braços abertos, porém condicionando a aquisição de 51% do capital para o Estado que assumiria aquela obra. Isso porque o Governo do Estado entrava com seu projeto, mas ficamos de dar resposta posterior. Reunimo-nos, naturalmente, meio desapontados, mas concordamos, pois vimos que o nosso projeto foi aceito. Quando disse que compreendia o sentimento daqueles senhores, mas como não se tinha condições de tocar, deixamos que o governo tocasse, porque com isso o município sairia ganhando. Todos fecharam posição comigo e cedemos para o bem da região. Não éramos pessoas que necessitávamos das glórias e dos louros. Éramos pessoas comprometidas com a realização e com o crescimento da cidade. O Governo do Estado transferiu aquele projeto para a CITUR — órgão oficial do turismo em Santa Catarina — e autorizou que ela fizesse novo projeto. Quando nos foi apresentado esse novo projeto, tivemos novo desapontamento, mas aceitamos finalmente. E foi assim.

- Olá, Dr. Meirinho. Sou o neto do Granja. Meu avô e o senhor eram grandes amigos do Espiridião pai. Aliás, meu avô manda um abraço e sente muito não poder estar presente hoje. Ele contou que o Sr. recebia visitas constantes do Espiridião e que era constantemente elogiado. É verdade que o filho dele, ex-prefeito, ex-governador e senador fez um estágio com o Senhor?

- Ahahaha - uma risada bem solta foi ouvida na sala. Não foi bem assim.

Não houve estágio, não. Isso sempre foi uma brincadeira do pai dele. Marcaram-me muito na minha administração as constantes visitas que recebia desse visitante de Florianópolis chamado Esperidião Amin, pai do então futuro prefeito da Capital de Florianópolis e depois governador e senador Esperidião Amim Helou Filho. Nas suas constantes visitas ele não se cansava de elogiar a nossa administração e me dizia que ele queria que seu filho fosse futuro prefeito de Florianópolis e que copiasse o nosso modelo. Algumas vezes que ele vinha de São Paulo e o porquê eu não sei, sempre me trazia daquela cidade de Itu, uma lembrança, um souvenir de tamanho exagerado, típico daquele lugar. Ainda me lembro bem que numa data festiva, quando comemorávamos o término da cumeeira do novo prédio da Prefeitura, ali no Morro do Senhor Carlos da Rosa, ele chegou outra vez. Estávamos promovendo uma churrascada para os funcionários e operários quando eu lhe mostrei as novas instalações. Ele se emocionou e disse: "*Ainda quero ser seu eleitor*". E eu lhe respondi: Senhor Amin, isso não vai mais acontecer, porque noutra eu não caio. E não cáí mesmo. Eu lembrei a ele daquilo que ele sabia melhor que eu — que Florianópolis possuía as melhores condições: topografia maravilhosa, recursos naturais e mais de quarenta e tantas praias. Condições mais que perfeitas para ser o maior centro turístico do Brasil e, talvez do mundo, mas que o município estava de costas para esse setor e que se tirasse de lá a capital, aquela cidade viveria faustosamente sem depender de ninguém. A capital migraria para o continente e então todo aquele espaço fervilharia com vida turística e arrecadaria milhões para os cofres públicos e para o empresariado.

- E o que foi que ele disse? Foi a repergunta.

- Ele era muito inteligente e espirituoso e me disse:

- Meirinho, você sabe por que Florianópolis é a capital mais perfeita do Brasil e Santa Catarina é o estado mais pujante? Eu respondi que não. Ele então falou. Nossa capital é fora do continente. E quem está de fora enxerga melhor.

Quando ele disse isso, houve mais uma demonstração de reconhecimento. Aplausos e risadas por quase um minuto. Já estávamos há mais de duas horas e meia ali conversando, eram quase onze da manhã e o Peter propôs uma paradinha para um descanso, para usarmos os banheiros e tomarmos uma água e um café, ofertas do Sr. Meirinho.

Como o Meirinho não é de fazer economia quando se apresenta em um projeto, enquanto estávamos ali sentados conversando e debatendo sua vida e sua obra, chegaram duas vans e uma pequena camionete trazendo biscoitos, salgados, águas, refrigerantes, sucos, bolos, mini pães de queijo e docinhos. É que quando a Thelma viu toda aquela gente esperando o avô, ela cochichou no ouvido dele, e eu me lembro de ter visto isso, perguntando o que fariam naquela situação. Tanta gente vindo vê-lo, homenageá-lo, merecia urna retribuição. Falou com o André e decidiram então providenciar esse pequeno coffee-brake. Em minutos, justificando sua inegável competência, fez duas ou três ligações e acertou tudo Isso.

Quando saímos para o pequeno intervalo, deparamo-nos com mesas postas, três garçons disponíveis, impecavelmente trajados, uma recepcionista gentil e sorridente, de extrema beleza — a beleza da mulher catarinense — e sobre as mesas, águas, sucos, refrigerantes gelados, garrafas térmicas de café, leite e chá e uma enormidade de guloseimas. Foi uma surpresa enorme. Dona Zenir em pessoa estava lá, do lado de fora, organizando tudo. Todo mundo ficou de boca aberta. Pensávamos como aquele homem era surpreendente e como sua família se dispunha a fazer de tudo para que ele continuasse sendo o que sempre foi. Quando vimos a família toda, harmonizada e consoante naquele evento, entendemos o significado da frase bíblica que diz que as figueiras não podem dar uvas. Eram mais que uma família, eram um clã no entorno do Patriarca, na luta pela revelação da verdade e da consumação da justiça. O passado e o futuro político ali demonstrando que os ideais, os valores e o sangue empreendedor lado a lado com a competência, a dedicação e o esmero de duas gerações de mulheres Meirinho e um jovem geniozinho focados na perfeição de cada detalhe. Dona Zenir e a Thelma mostraram com maestria e sobejo, como sabiam receber. Atentas a tudo, a cada detalhe, mantendo a ordem e a organização, desfilavam, ou melhor, deslizavam pela ante sala com leveza e suavidade, discretamente, mas com uma presença bem marcante. Dona Zenir, pela própria presença, inspirava respeito e admiração. Um mulher acostumada a receber, que já havia estado em lugares e cerimônias diversas, mostrou pra todo mundo como um simples coffee-brake podia se transformar num evento de classe e qualidade. Nas mãos dela e da neta Thelma, café era champagne ... patês eram caviar russo. Que família, que mulheres.

Fiquei ali imaginando as duas filhas do Meirinho. Minha mãe me disse que quando a gente quisesse exemplos de classe e sofisticação, sem afetação e "não-me-toques", tínhamos que pensar nelas, nas filhas do Meirinho e da Zenir. Minha mãe me falou uma vez, quando iniciamos os trabalhos, que elas tinham DNA nobre, sangue azul. E eu, pela amostra que estava tendo, como duvidar?

Enquanto comíamos e bebíamos, o Peter se aproximou de mim, de minha avó e do meu avô e disse:

- Não te falei que ele ia engolir todo mundo. Ele é um mestre. Viu que organização? Viu como tudo funciona perfeitamente onde ele está? Parece um grande maestro regendo uma orquestra. Tudo funciona com perfeição onde ele está. Como pode? Exerce um poder incrível só com a presença.

Eu sei. Estou emocionada. Nunca pensei que meu trabalho, um simples trabalho chegasse a isso. Você viu que tem jornalista chegando? Você viu que continua chegando gente, que tem alunos de outras faculdades vindo pra cá? Meu Deus, temos que terminar isso logo senão será o caos.

- Não se preocupe, filha. Essas coisas são assim mesmo. Muita gente aqui veio por causa da comida.

Rimos todos, mas vovô não deixava de ter razão. Começamos a comentar que em nossa cidade a gente vê uma porção de políticos que nada ou quase nada fizeram por nós e vivem reclamando de como são tratados pela imprensa, que não são reconhecidos, que mereciam muito mais atenção. Por outro lado, vem o Meirinho, que aceitou críticas durante anos, nunca foi a público se defender e de repente está aí, colocando tudo em pratos limpos. O Sr. Figueira, que acabava de chegar ao grupo, pediu licença para contar uma pequena das suas fantásticas historinhas e falou:

- Um garoto passeava com o avô pela praça de uma cidade quando deram de cara com um homem vociferando contra um sapateiro. O sapateiro ouviu calado as críticas, olhou bem o calçado que havia consertado, percebeu que o problema não era o seu trabalho, mas sim o uso que o homem dera ao calçado. Ao invés de retrucar, simplesmente pediu desculpas e prometeu refazer o serviço, desde que o homem tomasse o devido cuidado com o calçado dali por diante. Avô e neto

continuaram passeando e pararam para comer um lanche em um lugar onde viram o garçom pedir para que um cliente movesse sua cadeira para abrir espaço para os outros clientes. O homem irrompeu numa torrente de imprecações e negou-se a mexer-se do lugar, deixando o garçom e a todos ali atônitos. O avô então disse ao neto: - Nunca se esqueça do que aprendeu hoje. O sapateiro aceitou uma reclamação, mesmo não sendo o responsável e fez algo para a solução da insatisfação do cliente enquanto o homem aqui se queixou sem razão e recusou-se a colaborar com os outros, não contribuindo em nada com a maioria ali presente. Os homens úteis, que fazem algo útil, não se incomodam de serem tratados como inúteis pois as respostas que precisa ser dada estão nas suas obras. Mas os inúteis, esses sempre se julgam importantes e escondem toda sua incompetência atrás da falsa autoridade e do poder que imaginam possuir. Ficamos alguns segundos pensando em quanta verdade havia nisso. O Meirinho não era dado a discursos, mas fez coisas impressionantes. Grandes e nobres oradores nos encantam com verdadeiras obras primas da comunicação e jamais vimos uma obra sequer desses grandes faladores.

O Peter então, olhando no relógio e vendo que já era quase meio dia, pediu a todos que voltassem para o auditório. Colocou-se novamente em sua posição, esperou que o Sr. Meirinho ocupasse seu lugar, agora acompanhado de D Zenir, que a muito custo consentiu em nos brindar com sua presença na mesa principal, enquanto a Thelma e o Diego, seu filho, ficaram do lado de fora para acertar os detalhes da retirada do material, não sem antes ter recebido a orientação do Meirinho:

- Thelminha, manda entregar o que sobrou em alguma escola ai do Município para o lanche da tarde das crianças. Se faltar alguma coisa, se tiver mais criança do que o que estamos mandando, compra mais.

Assentindo com a cabeça, saíram, ela e o filho, para cuidar disso. O Diego, aliás, enquanto o bisavô respondia às questões, já havia desligado e recolhido o material e já estava tudo arrumado, separado num canto. Pegou tudo o que havia trazido e levou consigo. O Peter então retomou o pulso da reunião, pedindo silêncio e atenção:

- Meus amigos, este encontro ultrapassou as expectativas. Viemos desde as oito da manhã num pique gostoso e muito esclarecedor e quase não houve necessidade de intervenção, graças ao nível de

civilidade e construtivismo de todos vocês, que estão buscando a verdade dos fatos. Pudera eu trazer todos os personagens dos trabalhos que estamos fazendo. Seria uma viagem inesquecível ao mundo da história. O que diria cada um deles? Bem, isso é um sonho que, de alguma forma, estamos conseguindo concretizar em parte, hoje. Assim sendo, peço a todos que compreendam que teremos que mudar um pouco os planos. Teremos apenas mais uma hora de debates, para que os alunos do curso possam fazer seus questionamentos e deixaremos de lado o debate aberto com os demais presentes.

Seguiu-se um "uhhhhhh" da plateia, meio de desapontamento, meio de arremedo de vaia mas, com o bom humor que lhe é peculiar, o Peter tirou de letra:

- Aqui estamos exatamente frente a uma situação parecida com a daqueles dois senhores no cemitério. Diferenças de opiniões, diferenças de opções e respeito às formas distintas de se ver um fato são ferramentas da civilidade que acabei de elogiar. Infelizmente fomos obrigados a tomar essa decisão até por conta do inusitado das presenças e da amplitude inesperada do evento. Sei que alguns não gostam, mas terá que ser assim.

Alguém da plateia então gritou lá do fundo:

- Qual é a situação dos dois homens no cemitério? O Peter olhou e como mais gente queria saber, dispôs-se a contar:

- Rapidamente, então. Um sujeito estava colocando flores num túmulo e então apareceu um chinês e deitou-se a colocar um prato com arroz e algumas frutas em um túmulo ali perto. Inconformado com aquilo, o homem perguntou ao chinês se ele achava mesmo que o morto viria comer o arroz e saborear as frutas. O chinês olhou pra ele e disse:

- Virá sim, logo que o seu vier cheirar as flores que o senhor está deixando aí... Risadas gerais e todos entenderam a mensagem. Retomando a reunião, o Peter olhou a lista e convocou o próximo aluno inscrito:

- Todas as suas obras foram direcionadas ao interesse da cidade e ao bem estar da população e, como vimos, com foco no turismo. Uma cidade praiana, turística, que chega a receber um milhão de pessoas na alta temporada e que não tem uma faixa de areia adequada a esse fluxo. O senhor se esqueceu desse detalhe?

- Muito bem jovem. Muito bem mesmo. Não só pela pergunta, mas pelo aspecto que ela carrega em seu bojo. Não esquecemos disso e trabalhamos nesse sentido. Essa história é um pouco longa e eu peço desculpas pelo tempo que ela vai tomar.

- Numa reunião na cidade do Rio de Janeiro, no Hotel Nacional, num encontro de Prefeitos, onde estavam sendo tratados assuntos administrativos da área municipal, tivemos a felicidade de sentarmos junto do Diretor de Obras do Governo Carlos Lacerda. Apresentamos e ele me disse que, de nome, já conhecia a nossa cidade, mas ainda não havia tido oportunidade de conhecê-la. Eu estava fazendo referência às qualidades da nossa cidade e lhe adiantei que havíamos recentemente aprovado um plano diretor e que, embora esse plano já chegasse meio tarde, prevíamos um recuo de até 30 metros, para uma altura máxima permitida em edifícios de 20 andares, porque tínhamos a preocupação com a preservação do sol vespertino na praia. Tínhamos, porém, um problema que para nós era insolúvel, que era a pouca extensão da areia da praia, porque no início do povoamento da cidade, houve uma invasão muito agressiva sobre a faixa de areia e que achávamos que esse problema não conseguiríamos superar.

Ele pôs as mãos no meu ombro e disse: "*vamos almoçar juntos que eu vou lhe ditar a solução disso que o senhor está me dando como problema.*" O almoço aconteceu, procuramos nos isolar e eu, principalmente porque me encantei com a possibilidade de uma solução para o nosso caso, busquei a melhor localização para que não fôssemos interrompidos. Ele me disse: "*Senhor Prefeito, fui Direta de Obras do Governo Carlos Lacerda e aqui no Rio de Janeiro tínhamos um problema seríssimo na Praia de Copacabana. O senhor conhece?*" - Sim, sim - disse - conheço, morei aqui 13 anos. Pois ele continuou: Contrataram os serviços de uma companhia portuguesa para o projeto de execução do aterro daquela praia. Custou para o governo uma fortuna. E o que é natural, levou longo tempo, anos, para ser concluída toda a obra. Aparentemente era um pavor, porque, analisando, vimos que existiam interesses escusos, que faziam aumentai os custos. Resolvemos, num grupo de técnicos, até então considerados incompetentes para tal, projetarmos a praia de Botafogo aproveitando as instalações que eram nossas e que lá existiam. Todas as teorias pré-existentes, os estudos, projetos e execuções tão caras, tão misteriosas, até então apresentadas, se esvaziaram de forma impressionante quando

concluímos nossa proposta e nós ficamos até com vergonha dos gastos que foram despendidos para a Praia de Copacabana. Resolvemos, por iniciativa nossa e com apoio do secretário, executar mais obras nessa direção. Praia do Flamengo, Avenida Beira-Mar, Caju e Penha. Concluímos esses trabalhos o mais rápido que pudemos e claro que isso era uma preocupação do nosso governador, que estava ausente quando tomamos a decisão e comunicamos o fato. No seu regresso do exterior, preocupado por ser ele um homem muito ativo e apressado, pedimos ao seu motorista, para que na sua chegada segurasse um pouco o carro para que nós nos aproximássemos dele e o levássemos para visitar as obras de aterro que havíamos feito naquelas praias. Foi o que fizemos. Ele saltou do carro e com as duas mãos na cabeça vociferou: "*vocês querem me acabar?*" *Cadê as verbas para tudo isso?*" E nós lhe dissemos: "*Governador, todo esse trabalho foi executado pela Secretaria de Planejamento do seu governo.*" Concluindo então, senhor Prefeito, o seu caso para mim é a coisa mais simples que existe. Isso vinha no tamanho exato de nossa forma de atuar. A partir de nossa área de planejamento e com os recursos que dispúnhamos. Nenhuma aventura ou exagero.

- Abracei-o e disse: doutor, o senhor e sua equipe, são meus convidados para visitar o meu Município. Fique lá quantos dias forem necessários para analisar a viabilidade desse ambicioso - para nós - trabalho. Fica à sua disposição, inclusive da sua esposa e equipe, a estada lá. Passados mais ou menos 20 dias ele me ligou dizendo que viria acompanhado da esposa e eu lhe perguntei a data e mandei reservar um apartamento no Hotel Marambaia e comprar as passagens. No dia marcado mandei pegar no aeroporto com meu secretário de planejamento. Recepcionei e mandei minha esposa acompanhar a dele e já iniciamos o trabalho de estudo. Almoçamos juntos e ele nos deu todas as coordenadas.

- Por exemplo: as ondas e as marés, retiram areia do aterro? Não; O serviço é demorado? Não; Uma praia como esta de vocês, o serviço seria feito de acordo com as suas pretensões no máximo de 30 a 60 dias, todo o alargamento de 150 a 200 metros. O material será extraído do próprio local, que vocês aqui têm em abundância.

Então perguntei por onde começaríamos.

- Por um estudo técnico que eu deixarei com o seu departamento

de engenharia, com todos os detalhes. Por exemplo, iniciaremos verificando o regime das marés, a corrente do rio, as correntes marítimas. Nessa região, pela minha experiência, as correntes marítimas correm para o sul. Mediremos a profundidade até a Ilha, em espaços de dois em dois metros; e mais outros detalhes que vocês deverão adquirir junto à Companhia Brasileira de Dragagem, com o nosso engenheiro de planejamento. Nesse momento a COBRASIL vem executando obras no Porto de Itajaí no sentido de melhorara barra do Rio Itajaí, portanto você poderá conseguir com o Dr. Benjamim, dados técnicos à execução do seu projeto, além de receber dados que ele já compilou sobre toda esta região.

Os detalhes por ele pedidos, foram feitos em consonância com o conhecimento técnico do Doutor Colombo Machado Sales, engenheiro especializado da área e colaborador efetivo da ideia.

- E no meu retorno, recomendarei aos técnicos da Companhia Brasileira de Dragagem a vir visitá-los e trazê-los a proposta de viabilidade dos serviços de dragagem que inclusive é feito com financiamento em longo prazo sem grandes dificuldades.

Já tínhamos nessa época, um estudo das nossas pretensões de um alargamento e 150 a 200 metros. Todo esse processo de planejamento, projetos para o desenvolvimento da execução, conseguimos sem qualquer ônus para o município. Também conseguimos todos os dados técnicos junto à COBRASIL e junto ao Engenheiro Colombo Machado Sales, como previsto. Até ali, a solução para a faixa de areia havia custado duas passagens aéreas, um par de hospedagens e combustível de um veículo para buscaras informações.

Fizemos todo o trabalho recomendado por aqueles técnicos e lembro-me bem, despejamos três tambores de óleo com cores diferentes no Rio Camboriú, num espaço de seis em seis horas e que foram acompanhados por voos de teco-teco contratado no aeroporto de Itajaí, pois naquele tempo não tínhamos helicópteros por aqui. Esse trabalho foi feito pelos técnicos que faziam a localização daqueles materiais oleosos, fotografavam e os situavam com as coordenadas das linhas meridionais. Já tínhamos nessa ocasião, um excelente departamento de Planejamento que era para mim, naquele tempo, o setor mais importante da Prefeitura. Tínhamos uma riqueza de estudos e planejamento e eu me sentia realizado e orgulhoso com

essa área. Todas as análises, todo o planejamento, todo o projeto e os estudos de viabilidade econômico-financeiras, bem como as origens e aplicações de recursos e a dotação orçamentária para execução da obra, o cronograma físico-financeiro e tudo mais estava pronto. Com um custo irrisório, um prazo minúsculo, sem trazer nada de fora, teríamos feito tudo e a obra daria a esta cidade a mais espetacular orla marítima do nosso continente.

- E o que fizeram desses projetos? Se hoje em dia se fala em milhões e milhões só para fazer o projeto, imagine a execução! Por que o senhor não implantou essa faixa, se era nessas condições que poderia ser feito? Reperguntou o jovem colega.

- Esses trabalhos certamente devem estar esquecidos no arquivo morto da Prefeitura. Não duvide disso. Se procurarem vão encontrá-lo. Mas são obras que fazemos com poucos recursos e com economia substancial, o que não deve interessar muito. Mas se buscarem por isso, encontrarão. E verão que com muito pouco, faremos muito mesmo. E só não foi implantada por conta de um tempo em que, parte daquelas mesmas pessoas, olhava uma eventual perda, não conseguia olhar o conjunto, não conseguia ver o benefício total. Era final do meu mandato e essa obra foi anunciada também para que ocorresse nos exercícios seguintes. E não foi adiante pois era uma obra com a cara do Meirinho e isso eles não poderiam admitir. Novos homens no poder dando continuidade—e por via de consequência - razão ao Meirinho. Essa foi a pá de cal no projeto.

- Houve alguma ferramenta de marketing importante no período de sua gestão que justificasse a afluência dos turistas? Foi a pergunta seguinte.

- Naquele tempo os jogos de futebol eram transmitidos somente pelo rádio e a maior torcida do mundo era a do Flamengo. Então quando o Flamengo jogava, a audiência era gigantesca. Na nossa gestão na Prefeitura, tivemos um serviço promocional muito importante e gratuito através da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, por intermédio do locutor Washington Rodrigues, o Apolinho, que todos os sábados e domingos na hora da transmissão de jogos, citava o nome da nossa

cidade e do nosso diretor de Turismo o Jornalista Nagel Melo. Fazia referências elogiosas à nossa cidade. Ficou amigo nosso e da cidade, quando a prefeitura o recepcionou na sua vinda a Itajaí. Nessa época

o jogador Zico estava se revelando um grande craque e veio se apresentar em Itajaí contra o Marcílio Dias e o Washington Rodrigues veio acompanhando a equipe do Flamengo e transmitir desde Itajaí, o jogo contra o Marcílio Dias. Naquela oportunidade oferecemos a ele e toda a sua equipe um almoço no Hotel Marambaia e um passeio pela nossa cidade. A partir daí o grande repórter esportivo tornou-se um grande divulgador da cidade de Balneário Camboriú. Suas transmissões de sábado e principalmente as de domingo, formaram importante canal de divulgação da cidade. Imaginem um locutor famoso, transmitindo de dentro do Maracanã, na Cidade Maravilhosa, falando das praias e das belezas de nossa cidade, numa das emissoras de maior audiência do país.

Meus queridos alunos e alunas, pelo tempo escasso, deixaremos as reperguntas e faremos um pingue-pongue com nosso convidado. Temos mais quatro alunos inscritos e esses farão as suas perguntas. Ok? Vamos adiante então.

- Atualmente o senhor ainda trabalha? Trabalha muito, com muita constância? O senhor está inventando algum negócio?

- Atualmente eu só administro o meu pequeno patrimônio que se limita a alguns imóveis alugados e um saldo de alguns lotes em dois condomínios fechados. Faz mais ou menos cinco anos, criei uma empresa de envasamento de água mineral, pois na minha propriedade foi pesquisada a existência de água mineral de excelente qualidade. Fiz um grande investimento e, após ter conseguido a licença de pesquisa de lavra, dei de cara com o primeiro problema com o meu químico responsável que insistia que, para a tranquilidade e segurança do produto, eu deveria inserir ozônio, pois segundo ele, todas as empresas envasadoras que ele conhecia, adicionavam ozônio na água. Sabendo que o ozônio tira todas as propriedades minerais da água, com exceção do flúor, não aceitei a sua recomendação e me vi forçado a demiti-lo. Daí por diante, passei a enfrentar problemas com fiscalização, agentes sanitários, autoridades de toda sorte. Disse-lhes que se fosse aceitar as sugestões todas, eu deveria antes de tudo trocar o rótulo da qualidade da minha água. Aquele investimento me causou grande prejuízo e descontentamento, me obrigando a fechar o negócio.

- O senhor fez política com muita seriedade num País que não leva

política a sério. Foi por isso que não quis mais se envolver com ela?

- Nunca fiz política. Eu administrei. O mundo político permite concessões que num sempre agradam a todos. Administrar é atuar na base da igualdade para todos. Se servir para um serve para todos. Se não pode para um não pode para ninguém. Aliás, acho que isso é socialismo. Acho que isso é comunismo. É o comum de todos e para todos, não é meu filho? Mas não quis e nem quero mais saber disso. Acho que já dei minha cota. Abandonei esse campo da administração que envolve a política faz tempo e como nem os meus filhos, nem os meus netos tiveram interesse por política, se apresentou um sobrinho meu que, embora muito recomendado para não entrar nessa área, ele é muito entusiasmado, inclusive foi candidato a vereador. Ele não me ouviu e quer porque quer fazer política partidária. Ele tem predicados, é um moço novo, inteligente, sério e que tem um currículo escolar e profissional muito bom. Promete ser meu herdeiro político. Prestou seu compromisso a mim de jamais se deixar levar pelos interesses escusos, pela ganância e pela podridão que grande parte do mundo político pratica. Disse a ele para que esteja sempre ao lado dos bons, dos corretos, dos honestos. São poucos é verdade. No cenário político brasileiro há muito pouco do que se orgulhar. É uma indecência o que temos visto. E nossos jovens anestesiados. Eu resisti a tudo o que resisti porque os tempos eram outros. Se fosse hoje, com certeza já teriam conseguido encher de lama meu nome, através de mentiras e falsos testemunhos, dossiês falsos e coisas tão comuns na guerrilha política de hoje. Já teriam matado gente da minha família. Aquele tempo era difícil, mas as pessoas conheciam os limites de suas investidas. Havia um certo respeito pela vida e pela família dos opositores. Havia a dignidade que impedia que as diferenças pessoais de pensamento ou ação jamais ultrapassassem a linha da pessoalidade. Hoje não. Os treinados nessa guerrilha, aqueles que despedaçaram este país tão recentemente, escolhem o caminho da difamação, do ultraje para se fazerem de bonzinhos. Mostram que os outros são piores e que dos males, o menor. Chamam de contrainformação. Atribuem-se o rótulo de grandes defensores da dignidade, mas mostraram em pouquíssimos anos que são capazes de um esbulho jamais imaginado em qualquer tempo histórico.

- Meirinho é apelido que foi juntado ao nome, como Xuxa, Lula e outros?

- Ah sim, o meu avô paterno morava em Itajaí e ocupava além da função de Cirurgião da Guarda Nacional, a função de Oficial de Justiça, que antigamente era denominada de "*Meirinho*", que acabou se incorporando ao sobrenome da nossa família. Seu nome era Vicente da Costa, filho de José Bento da Costa e Maria Ignácia de Jesus e teve muitos filhos. O nome do "*meio*", Meirinho, foi incorporado depois, como eu disse, por conta da profissão. Quando meu avô faleceu, já era viúvo e um dos meus tios assumiu a guarda de meu pai que tinha de 10 para 11 anos de idade. No advento do registro civil, eles, os dois, o meu tio e a minha tia, registraram meu pai como o filho do Meirinho, perdendo portanto o sobrenome "*da Costa*". Segundo meus pais, o saudoso seu Eloy e a querida dona Teva, não deu nenhum problema de herança, nem nada, porque o meu avô tinha feito o inventário em vida. Uma coincidência que você poderia anotar é que o avô de minha mulher, um personagem bastante histórico nessa cidade, inclusive é patrono de uma rua no Bairro Vila dos Pioneiros, que se chamava Domingos José Cabral, apelidado de Mingote Serafim, também foi da guarda nacional com patente de 1º tenente.

- Eu gostaria de conhecer o homem por detrás do empreendedor, do político, do empresário. Queria saber da sua infância e dos lugares onde viveu.

- Muito obrigado, senhorita. Isso realmente me fará bem. Depois desses assuntos todos, poder viajar em direção ao meu passado mais distante, isso é gratificante. Sr. Peter, posso me estender um pouco nessa resposta? Gostaria de encerrar minha participação aqui com ela.

- Esteja à vontade, Sr. Meirinho e tome o tempo que quiser.

- Obrigado. Como criança, fui um molequinho como qualquer outro. Alfabetizei-me na escola próxima à minha casa, na Rua Blumenau em Itajaí. Minha primeira professora foi dona Bibiana. Com ela, nos dois primeiros anos, aprendi a ler e a escrever e até caligrafia, naquele célebre caderninho de linhas estreitas. Usei lousa, fui castigado, levei reguadas no pescoço. Naquele tempo que elas nos batiam, batiam, mas tenha a certeza que educar, educavam! E aprendíamos a fazer o que hoje são os computadores e as calculadoras que fazem. Se alguém tem dúvida que repare no comportamento de qualquer animal por mais selvagem que seja. Seus filhotes saltam, mordem seus pais,

porém quando eles incomodam demais sempre levam um corretivo, uma boa patada. Mas hoje não podemos mais utilizar os métodos corretivos. Isso é papel da justiça e do governo, que não dão nenhuma condição de vida para as famílias que tem filhos com problemas e depois se arvoram o direito de decidir seus destinos. Mas, da escola da dona Bibiana, passei para ao Grupo Escolar Victor Meirelles e ainda no curso primário, tive lá, naquele colégio, as primeiras noções de inglês e francês. Até hoje, depois de passar por diversos colégios, após tantos anos, ainda sei cantar o hino francês e o hino inglês, que aprendi naquela escola, no curso fundamental. Hoje em dia, nem o Hino Nacional Brasileiro as crianças conseguem cantar corretamente. Meus pais eram comerciantes e tínhamos uma casa de secos e molhados e um caminhão em que meu pai e um motorista viajavam naquele tempo, mesmo com estrada ruim, até Lages, levando e trazendo mercadorias. Minha mãe, muito ativa, era quem ficava à frente dos negócios e cuidava dos 10 filhos e ainda atendia à sua mãe, que padecia de doença mental, adquirida com a morte de seu marido, meu avô. Naqueles tempos, quase todas as propriedades tinham um pasto para o gado leiteiro, um quintal, uma horta, uma criação de aves e um curral para porcos. Além disso, nossa casa tinha uma garagem para o caminhão, um rancho para as carroças, estrebaria para os cavalos e outro rancho para o estoque de mercadorias. Vou te contar ainda outro detalhe da minha vida que muito me marcou. Por aquele tempo estavam transferindo o cemitério central de Itajaí para o Bairro Fazenda. O cemitério ficava onde é hoje a Igreja Matriz. Os familiares foram chamados para retirarem os restos mortais de seus parentes para a posterior transferência para o cemitério da Fazenda que estava sendo implantado. Minha mãe providenciou toda aquela operação de retirada dos seus parentes e olha que não eram poucos e dentro de caixas de querosenes trouxe para a nossa casa, quatro caixas, com oito parentes em forma de ossos. E nós, crianças, brincávamos em redor daquelas caixas que a princípio nos causava medo.

Meu pai tinha uma serraria nas margens do Rio Itajaí e eu e a molecada do meu tempo íamos tomar banho escondidos da minha mãe, no rio. No porão da serraria tinha um varal escondido onde deixávamos penduradas as calças, que usávamos para tomar banho. Às vezes esquecíamos que já tinham algumas por lá e levávamos outras, tornando aquele porão num verdadeiro roupeiro. Eu tinha uma

irmã mais velha que eu, mais ou menos uns dois anos que muito se incomodava comigo. Qualquer arte que eu fazia ela vinha correndo e mexericava para a minha mãe. Então eu procurava sempre estar o mais longe dela possível. As águas do rio por serem salobras, deixavam o cabelo duro e emaranhado, denunciando a nossa peraltice. Então, para chegar em casa, um dos meus maiores cuidados era lavar o cabelo antes que ela visse.

- Quando estava com 11 anos, minha irmã que era casada e que estava morando no Rio de Janeiro, veio a Itajaí nos visitar e sugeriu à minha mãe de me levar com ela. Fui consultado e aceitei, cheio de curiosidade. Lembro-me bem: cheguei lá de calça curta quando por lá toda a rapaziada já usava só calça comprida. Nos colégios, os uniformes da garotada já eram calças compridas. Então todas as minhas calças curtas ficaram sem uso, perdidas. Serviam apenas para brincar ou jogar uma pelada de futebol. Minha irmã me matriculou no colégio Instituto Brasileiro que ficava em São Cristóvão, bairro em que morava. Lá eu completei o curso ginásial. A casa que nós morávamos era propriedade de uma família de portugueses que moravam ao lado. Dentre os seus filhos, tinha dois rapazotes que regulavam mais ou menos com a minha idade. Então, continuei a minha infância bem movimentada, morando nessa casa, que ficava na rua São Januário, próximo ao campo do Vasco da Gama. No Rio de Janeiro uma das primeiras artes que a molecada aprendia, mesmo escondido dos pais, era a de embarcar e saltar dos bondes em movimento. Nessa brincadeira passávamos horas e horas jogando para ver quem entrava e saía dos bondes em movimento. Era muito perigoso e aí daquele que não soubesse praticar a brincadeira. Já naqueles tempos também era proibido soltar pandorgas ou pipas, outra brincadeira que fazíamos com muita habilidade, usando a garagem de uma casa dos pais de um dos nossos amigos. Era uma verdadeira bagunça devido à movimentação de linhas, papéis e taquaras que usávamos na fabricação dessas pipas ou pandorgas. Ninguém soltava uma pandorga, sem que tivesse colocado cerol na linha. Quem não fizesse isso, era o mesmo que jogar fora todo o trabalho. Cerol era um tipo de "cortante" que se passava na linha, feito de cola e vidro moído, para cortar a linha das outras pipas que estavam no ar.

Para fazer o cerol, fazíamos com pó de vidro, como eu disse. Como fazíamos? Quebrávamos cacos de vidro e levávamos nos trilhos dos

bondes, para que os triturassem até ficar em ponto de massa. Depois peneirávamos e misturávamos à cola que era feita de polvilho, água e vinagre. O vinagre servia para espantar as baratas para que não atacassem e não roessem a pipa. Em época de festas juninas, o céu do Rio de Janeiro tinha mais balões que estrelas, embora já fossem proibidos de soltar naquele tempo. Éramos também habilíssimos na confecção desse brinquedo. Alguns saíam tão grandes, que usávamos barbantes para resistir ao peso e ao tamanho da boca. Algumas vezes, usamos arco de barril na confecção do balão. Era mesmo uma verdadeira violência. Os balões, nós construíamos religiosamente a cada época. Na sua confecção também usávamos vinagre por causa das baratas.

- Desculpe o aparte — disse o vice-reitor — mas, um político como o senhor, naqueles tempos de mudanças, não participou de nenhum movimento estudantil?

- O Rio de Janeiro, já naquele tempo era muito agitado. Qualquer ação governamental que desagradasse o povo ou que fosse coisa supostamente irregular, logo provocava uma agitação e que geralmente começava com a UNE—União Nacional dos Estudantes e acabava contagiando a população. Muito diferente de hoje que somos roubados, vilipendiados, ambulâncias superfaturadas, dinheiro nas cuecas, desvios provocados por uma enorme quadrilha e como são eles mesmos que ainda controlam as principais agremiações do país, nada mais acontece. Mas naquele tempo, os membros da UNE eram sempre muito ativos e eles envolviam todos os colégios em todo os bairros para fazer parar as aulas para acompanharas passeatas ou agitações. Se o colégio resistisse, eles faziam uma algazarra danada, batendo em bumbos e fazendo gritaria. Não havia colégio que não fechasse. As crianças menores eles separavam e mandavam para casa e os marmanjos eram obrigados a acompanhá-los a pé ou de bonde para determinado ponto onde seria a concentração. Em poucas horas eles paravam o comércio do Rio de Janeiro. Dependendo da movimentação, portas de aço, vitrines, placas de lojas eram quebradas. Os bondes então, nem se fala! Os adultos logo aderiam, era a coisa mais feia que se podia ver. Havia muitas lideranças e todas querendo se destacar em suas pregações, cada um com discurso melhor que o outro. Os bondes, coitados, que eram de madeira, eram as primeiras vítimas daquela movimentação e sofriam as mais diversas formas de agressões. Por

falar em bonde, me lembro que dentro deles existia uma propaganda num quadro grande com os seguintes dizeres: "*Veja ilustre passageiro, o velho tipo faceiro que o senhor tem ao seu lado; no entanto acredite, quase morreu de bronquite, salvou-o o rum creosotado*"; Essa era a publicidade da época. Mas eu participava somente quando a causa era válida. Quando era simples marola eu nem aparecia. Só brigava por aquilo que eu acreditava. Nunca fui rês de manada.

- Desculpe e obrigado. Pode voltar às suas lembranças da infância — agradeceu o vice-reitor.

- Bem, ainda estamos no Rio, pois não? A esposa do senhorio da casa onde morávamos, era cunhada do irmão da Carmem Miranda. Ele era ligado em todos os meios de comunicação e clubes sociais. A cunhada dela, dona Madalena dizia que ele não trabalhava e que vivia dos recursos que a irmã lhe mandava. Mas para nós isso não interessava. Importante é que em época de carnaval, ele trazia muitos ingressos para os filhos de Dona Madalena e alguns desses ingressos acabavam sobrando para nós, alguns até dos melhores clubes da cidade. Então na semana de carnaval, durante o dia, saíamos em blocos de sujos e à noite após o jantar, descansávamos um pouquinho e logo já íamos aproveitar aqueles convites com os quais fomos brindados por aquele ilustre senhor. No Rio, um dos maiores sacrifícios que eu tinha era quando aparecia algum parente que queria conhecer a cidade. Geralmente o tal parente já ia citando os locais que queria conhecer: o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar, Copacabana, a Quinta da Boa Vista, o Museu Nacional e o guia era sempre eu. Alguns, inclusive, queriam que eu os levasse a Petrópolis no Museu Imperial. Haja paciência! Meu cunhado que era maquinista da marinha mercante e trabalhava na costeira (hoje isso não existe mais), naquela época foi convidado para administrar dois navios, que eram de propriedade do Governador do Paraná, o Moisés Lupion. Esses navios foram usados durante a Segunda Guerra e foram adaptados para transportes de cargas e que faziam o serviço no Rio Amazonas, de Belém ao Acre. Meu cunhado teria que transferir a família para lá. A minha irmã resolveu me incluir porque não queria que eu ficasse sozinho no Rio ou que voltasse só para Santa Catarina. Em Belém, onde ficava a sede da empresa, ficamos morando no Hotel Central que ficava na avenida do mesmo nome que dava acesso ao porto. Lá prestei serviço na empresa, sinal que já estava ficando bom até demais. Já estava até gastando por conta. Existem lá,

dois ou três bairros que eram denominados de cidade antiga. Toda a cidade é cercada de jardins de mangueiras centenárias, que apesar de belíssimas, eram uma grande ameaça às pessoas, em especial nos meses de novembro a janeiro, época em que frutificavam e nessa época, se passasse por debaixo delas estaria sujeito a um acidente.

No hotel em que estávamos hospedados, por que razão eu não sei, apareciam muitos viajantes, geralmente calmos, de fala mansa que lá se hospedavam, quase sempre com destino ao Rio de Janeiro - Capital do País. Como eram muito falantes, não escondiam - nos bate-papos - a sua missão. Vir à capital do País com objetivo de adquirir financiamentos para projetos de aproveitamento de jutas, babaçu, criação de búfalo e outras coisas mais absurdas. Diziam que vinham para conseguir aprovar seus projetos de financiamento fabulosos, pois eram amigos de ministros que em suas casas, entravam pela porta da cozinha. Que barbaridade! E eu que a tudo aquilo assistia, jovem ainda, pensava comigo mesmo: pobre de meu Estado, que pelo que eu sabia, só se falava em projetos de construção civil. Aquele povo já era favorecido grandemente pelas facilidades governamentais. Pobre Santa Catarina. Pobre sul do País.

Curioso é que no norte todos os cidadãos vestiam ternos de linho branco, camisa e gravata. Se você, por qualquer circunstância encontrasse alguém com ternos de outra cor, é porque não era de lá, e, se de lá fosse, não o reconheceriam de imediato, pois era muito acentuado o hábito do uso da mesma roupa. Meu cunhado comprou uma peça de linho e mandou fazer dois ternos, um para ele e outro para mim, porque eu estava usando roupas de cores, trazidas do Rio de Janeiro. Mais tarde apareceu um tecido denominado caroá — já de cor puxando para o bege, que por ser mais barato, foi se tornando mais usado pela classe média. Depois apareceu o caroá azul. Qualquer paraense de classe média conhecia mais Nova Iorque que a nossa classe média conhecia São Paulo, porque lá existia a base aérea da FAB e os voos eram constantes para os Estados Unidos.

- O Senhor foi militar? O Senhor sempre teve uma aproximação muito forte com o militarismo, não é verdade?

- Eu já estava completando 18 anos e tinha me alistado no Rio de Janeiro e me apresentado na Junta de Serviço Militar com a intenção de me livrar do serviço. O fato de eu ter que servir ao Exército no Pará,

deixava a minha irmã nervosa, pois segundo informações, os recrutas quase sempre iam servir no interior do Estado e isso estava deixando ela angustiada. Meu cunhado tentou com pessoas Influentes fazer com que eu escapasse, mas isso não aconteceu e eu tinha apenas dois ou três dias para me apresentar. Minha irmã achou melhor eu servir no Rio, porque tínhamos uma tia que morava lá e assim ficaria mais fácil. No dia 19 de janeiro embarquei num avião misto da Varig - daqueles que os passageiros sentam num banco comprido, no sentido longitudinal do avião. Esses aviões possuem no centro uma rede comprida, onde vêm amarradas as bagagens. Levamos um dia inteiro para chegar ao Rio. Quando cheguei já era noite. Peguei um ônibus e me dirigi para a casa da minha tia, para no dia seguinte me apresentar. O que não aconteceu, porque esse dia era feriado no Rio de Janeiro, dia de São Sebastião. Comecei a ficar preocupado, pois eu já estava submisso ao Exército. No dia seguinte - dia 21 - me apresentei ao quartel general, na Avenida Presidente Vargas, onde fui cadastrado e o oficial me disse que eu já estava submisso. Deu-me os documentos e mandou que eu me apresentasse no 22 Regimento de Infantaria, na Vila Militar. Lá me apresentei e passei a ser o mais novo recruta. O meu batalhão ficava ao lado do 1º RI, batalhão este, cheio de honras e respeitado porque dali partiram os pracinhas que foram para a guerra na Europa. A FEB era essencialmente o 1º Regimento de Infantaria. No exército, eles dão grande valor ao soldado que tem alguma qualidade esportiva. Esse tipo de soldado é tratado com certos privilégios: quase não dá guarda e goza de algumas folgas. Quando estava no ginásio, os alunos a partir dos 15 anos eram convocados para praticarem aulas de ginástica. A ordem unida era comandada por um oficial do Exército. Esse exercício era feito com um bastão de madeira fazendo o papel de arma. Dizia-nos esse oficial que esse curso pré-militar, iria nos isentar de meio ano de serviço militar. E não é que esse treinamento me fez servir por apenas cinco meses e pouco? E por já termos prática de ordem unida, fomos indicados para participar de um exercício de ordem unida que era chamado de balalaica. Toda a movimentação era feita com armas e sob os acórdãos da banda da Companhia. Quando eram feitas as mais variadas coreografias. Era uma apresentação muito bonita e dependia de muito treinamento. Todas as apresentações e festividades cívicas, nós éramos chamados para nos apresentarmos. Um dia, após uma marcha de 42 quilômetros, quando havíamos saído do batalhão às seis horas da manhã, voltamos quase às oito da noite

mortos de cansaço. Fomos dispensados do serviço militar no dia seguinte. E quer saber francamente? Eu já estava gostando daquilo. Estava fazendo bem para minha condição física e estava aprendendo muito sobre companheirismo, sobre organização, sobre direitos e sobre a segurança. Essas coisas que aprendi me mostraram tudo o que eu poderia fazer se tivesse um bom grupo comprometido com a seriedade e a honra. Os militares têm valores muito profundos de honra e ética.

- Desculpe a insistência, mas o senhor acaba de mostrar que aceita o período da ditadura militar no Brasil como algo bom. Por que razão então tantas pessoas dizem o contrário?

- Meu filho, gostaria de fazer uma comparação para que você entendesse. Naqueles tempos, vivíamos sob um regime militar, que não permitia a implantação do comunismo em nosso país. Então, as viúvas desse regime dizem até hoje que os direitos foram tirados da população, a voz do povo foi calada, a tortura foi implantada e tantas outras coisas. Não vou entrar no mérito de maneira alguma. Vou apenas pontuar:

a) A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era dirigida pelos militares baseados em Moscou. Eram Generais, Brigadeiros, Marechais, Coronéis e todo o corpo militar dirigindo a vida das nações do bloco soviético. Como no nosso caso, lá eram os militares no poder. Aqui tínhamos um contingente pequeno comparado ao volumoso e extraordinário aparato militar soviético;

b) A União Soviética tinha a sua poderosa, feroz e temida polícia política, buscando, torturando, matando qualquer cidadão das repúblicas que não aderissem ao regime. Prisões famosas para prisioneiros políticos são até hoje lembradas. Livros e livros foram escritos no mundo inteiro sobre isso. Os livros que falam de nossa ditadura, são bem locais, não têm nenhuma repercussão mundial.

c) Nesses paraísos comunistas, gente que queria liberdade de expressão, que queria voz na vida política do país, gente que discordava do regime, era presa, torturada e morta. Os inimigos do regime eram eliminados. Aparentemente, como aqui. Nós tínhamos o DOI CODI, eles suas polícias políticas. Nossos porões eram os porões deles. Até aqui nenhuma diferença. Todos os países da chamada cortina de Ferro eram governados por militares. E todos os estados tinham sua

polícia política. Todos os descontentes com os regimes eram presos, torturados e mortos. Lá muito mais que aqui, não tenha dúvidas. O mínimo que podemos dizer é que aqui o tratamento era de inimigos, lá de traidores.

d) Não consigo me lembrar de campos de trabalhos forçados aqui no Brasil. Quantos gulags podemos citar por lá?

e) Cuba é um regime militar. E o que eles fazem com os dissidentes? Até os dias de hoje!

f) Coréia do Norte, China e etc. ... todos governos militares. E como são tratados os que querem liberdade? Até os dias de hoje!

Mesmo no período de ditadura militar no Brasil, qualquer cidadão tinha direito de trabalhar livremente, desenvolver atividades produtivas e com o resultado desse esforço, adquirir bens de consumo, automóveis, ter mais de um imóvel, ter seu apartamento na praia, viajar em férias. E lá? Vocês já pararam pra comparar, olhar, analisar? Falei isso apenas para lhe devolvera pergunta—

“- Então mocinho, o regime militar pode ser defendido? Se puder, então vale pra cá e pra lá também. Se não puder, também deverá valer pra cá e pra lá. Se ambos defendiam suas ideologias através da força e da opressão, porque agora tentar classificar um de bom e outro de mau? Em sua opinião, por que será que o governo militar totalitário, autoritário, perseguidor e torturador do Brasil estava errado e o desses países todos não? O que há de certo no totalitarismo, no autoritarismo, na perseguição, na eliminação dos direitos, na censura, na tortura e no assassinato nesses países que deu errado no Brasil? Você, particularmente, que tem seu carro, estuda, decide o que comprar, quanto pagar e como usar; que pode viajar livremente, que tem a vida que tem, que pode navegar na internet, que pode ter qualquer coisa de qualquer lugar do mundo, gostaria mesmo de viver na Coréia do Norte, em Cuba ou na China? E, para finalizar, por que a nossa juventude que nem engajada está, cultua a memória de um momento histórico, sepultado há mais de vinte anos, em detrimento do momento atual? Já que quando o poder militar terminou no Brasil e os militares se calaram, por que estamos aqui discutindo essa questão que só é alimentada pelo revanchismo de uma minoria que se apoia nessa questão para sobreviver? Assim como os hippies de Woodstock hoje são bem sucedidos operadores de Wall Street, os nossos antigos

guerrilheiros, hoje são políticos que pregam a democracia, mas são os que mais envolvidos estão nos escândalos atuais."

Ali se instalou um silêncio sepulcral. Ninguém falava, ninguém respirava. Todos ali estavam acostumados a discutir o que não vivenciaram e a dar ouvidos a histórias bem contadas. Por isso o silêncio. Eu sei que todos estavam pensando que o romantismo propalado dessas lutas sem objetivo positivo superou a realidade. Afinal o tempo passou e aqui estamos nós, muito melhor do que aqueles que acreditaram na mentira, no berço do "movimento".

- E o que podemos fazer para mudar isso, então? Perguntou urna senhora no meio da plateia, tirando o aluno do "espeto" que o Meirinho havia imposto ao pobre rapaz que apenas repetiu o que a propaganda produziu ao longo do tempo.

- Temos que, como diz meu sobrinho André, deixar de polarizar, deixar de tendencialismos, socialismo, comunismo, liberalismo, seja qual for a ideologia, precisamos da sustentabilidade do desenvolvimento para que essas oportunidades de crime e desvios desapareçam. Quando o sistema puder dar sua própria resposta ao crescimento e funcionar como autorregulador da prosperidade, a interferência dos interesses pessoais com certeza diminuirá. Ele, com quem venho aprendendo muito ultimamente, sempre diz que o desenvolvimento sustentável é a evolução das ideologias. A sustentabilidade é uma poderosa arma de estabelecimento do equilíbrio e da igualdade. Na sustentabilidade reside a máxima de que a necessidade de muitos sempre deverá superar o interesse de poucos. A sustentabilidade e o respeito ao Planeta não tratam do umbigo de ninguém. Pelo contrário, é uma ação de alcance global.

O Peter, mais uma vez, interveio, como bom coordenador, desviando o foco da discussão para situações mais agradáveis:

- Sr. Meirinho, por favor, o Senhor obteve formação acadêmica no Rio de Janeiro, não é?

- Verdade. À noite estudava no colégio Amaro Cavalcanti que ficava no Largo do Machado que leva a uma praça situada no outro lado da Rua do Catete, onde ficava o antigo Palácio do Governo. Nesse palácio, morava e trabalhava e o Presidente Getúlio Vargas. Foi nesse lugar também que ele se suicidou. Para alegrar um pouquinho a nossa

conversa e amenizar o ambiente, vou lhe contar uma piada da época. Naquele tempo, Gustavo Capanema, baiano, intelectual, era Chefe de Gabinete de Getúlio Vargas. Benedito Valadares que era Governador de Minas Gerais era um homem de muito prestígio político, porém, segundo diziam, de cultura mediana e era tido por muitos, como "coronel da roça". Como velho político, era muito badalado. Ele tinha audiência com Getúlio Vargas e foi recebido pelo Gustavo Capanema. Nesse dia, Valadares entrou no palácio de óculos escuros. O Capanema então lhe perguntou:

- Que isso, Benedito? Óculos escuros? Que houve?

- Eu estou com conjuntivite nos olhos - respondeu.

Gustavo Capanema rindo lhe disse: "*Governador — conjuntivite nos olhos é pleonasma.*"

Ele só ouviu, não disse nada e Gustavo Capanema encaminhou o Governador Valadares para o Gabinete do Presidente. Assim que adentrou, o presidente fez as mesmas perguntas que o Capanema lhes havia feito. Governador Benedito Valadares respondeu: "*Eu fui ao médico e ele me disse que eu estava com conjuntivite nos olhos, mas o Gustavo Capanema como é metido a intelectual, me disse que não é conjuntivite nos olhos - é pleonasma.*"

Após esse pequeno rodeio, para espairar um pouco, eu só queria te dizer que aquelas nossas peraltices de criança, subindo e descendo os bonde andando, me foram úteis mais tarde, quando me faltava dinheiro para ir ao colégio e fui obrigado a fazer uso dessa prática.

- E depois da baixa do Exército? — emendou o Peter, já percebendo a poeira baixar e o clima ruim esvanecer-se.

- Ao dar baixa do Exército, minha irmã insistiu que eu voltasse para Belém e minha mãe não queria que eu ficasse no Rio de Janeiro - e agora? Passei uma semana indeciso: vou para o norte ou para o sul? Como eu já estava me considerando um "*homem*" - resolvi ficar. Minha tia tinha dois filhos e um era mais velho que eu e trabalhava no Banco União Comercial e se propôs a me apresentar nesse Banco para que eu pudesse fazer um teste. É claro que eu topei. Já podia começar à tarde. Naquele tempo os bancos tinham dois expedientes. No banco fiquei amigo com bastante afinidade de um rapaz que regulava a minha idade e que era criado pelos avós. Uma família de portugueses que acabei me

aproximando e passei a visitá-los com mais frequência. Foi a segunda família de portugueses que eu convivi de forma tão próxima. E posso garantir que é um povo acolhedor e amigo. São atenciosos e de cozinha farta. Fui convidado por esse amigo a ir morar com eles, pois para ir ao banco era só pegar o bonde ou um ônibus, pois eles moravam na rua Real Grandeza em Botafogo. Já na casa da minha tia, tinha que pegar duas conduções. Esse meu amigo se chamava Joaquim e a sua avó era extremamente maternal e me tratava com o mesmo carinho e cuidado com que tratava o seu neto. E a coisa para mim começou a ficar mais fácil porque eu fazia todas as refeições em casa. O maior cuidado dela conosco era cuidar das nossas namoradas na vizinhança. Ela tinha um ciúme enorme do neto, que acabou transferindo a mim também. Ela era muito boa cozinheira, atenciosa, mas chamava qualquer menina de "essas *peladas*". Certa vez apareceu na varanda que contornava a casa em que morávamos, uma pecinha de roupa íntima de mulher. Você nunca viu uma mulher louca como aquela ficou! Era hábito dela, recolher as nossas roupas sujas de dois em dois dias para lavar. Era seu hábito também, todas as noites deixar na mezinha de cabeceira um copo de leite ou café com leite com pão ou uma fatia de bolo. Com o aparecimento da tal peça de roupa íntima feminina, ela deixou o pacote de roupas sujas ao lado da cama de cada um. Foi muito triste pra mim porque eu já não tinha muitas roupas para usar e por cima ela não mandava as sujas a lavar, a minha situação ficou muito difícil. À noite na nossa cabeceira não tinha o leite nem o acompanhamento. Para piorar, passou o dia inteiro brigando e ninguém sabia o porquê. Após perguntarmos para todos o que estava acontecendo, a nora dela, a Dona Rosa, esclareceu. Então explicamos que não tínhamos nada a ver com aquilo. Dois dias se passaram nessa agonia. A comida já não me fazia falta, pior era a roupa. Então, a vizinha que morava no 2º piso do prédio ao lado e que tinha o seu varal na área de serviço, percebeu que haviam caído umas peças de roupas no pátio de nossa casa. E pediu à dona Rosa, pegar para ela. Foi quando dona Rosa perguntou se não havia faltado uma pecinha íntima. Ela respondeu que sim. Ao mostrar a peça ela reconheceu que era da filha dela. Daí fui ao encontro da vovó - Dona Orlandina - a abracei e disse: - Que injustiça que a senhora fez conosco! Ela sorriu amarelo, meio envergonhada, não teve o que dizer, somente sorria. Com esse castigo, tive que recorrer à trouxa de roupas sujas e tirar uma camisa usada para poder vestir. É curioso que eu hoje, posso ficar sozinho em casa — nada me

incomoda ou e atrapalha — nem comida nem limpeza, mas o que me desespera é ver roupas sujas à minha volta. Fiquei traumatizado com isso. Dona Orlandina fazia uso desse tipo de repressão cada vez que queria nos castigar.

- Na mocidade, tudo normal? O Peter com essas perguntas ia esvaziando os ânimos mais exaltados e colocando as coisas no lugar.

- Tive uma mocidade muito alegre e movimentada em Itajaí. Tínhamos nossa turma e naquele tempo graças ao amigo Sebastião Reis, não perdíamos bailes e nem festas. Rio do Sul, Blumenau, São Francisco, Indaial nós íamos sempre, porque os companheiros se encarregavam de fazer a programação. Tivemos nossos problemas, porque nem tudo é perfeito. Alguns de nossos colegas, se excediam e não poucas vezes nos causavam certos problemas em bailes, como em Joinville, São Francisco e no Guarani em Itajaí. Mas tudo contornado. Juventude normal, sadia e que me trouxe até aqui com boas recordações.

Sentindo o clima voltar ao normal e ainda para que ficasse tudo em ordem mesmo, o Peter dirigindo-se à plateia disse:

- Bem, meu amigos, esta maravilhosa oportunidade chegou ao fim. Infelizmente, dado ao tempo e aos compromissos do Senhor Meirinho, da ocupação desta sala e das demais exigências de nossas vidas, esta encantadora, esclarecedora e histórica entrevista chega ao seu final. Agradeço a todos pela participação e pelo apoio e espero que tenha agradado a todos tanto quanto me agradou. Senhor Meirinho, a palavra é sua.

O Sr. Meirinho levantou-se e de frente para todos, olhou-nos com uma dignidade e um porte que bem me lembravam a figura dos reis em filmes épicos. Ele pareceu agigantar-se e sorrindo com uma candura incrível, falou:

- Contam por aí que um homem ia andando sobre um cavalo e seu filho ia puxando o animal pelas rédeas. Passando por uma rua, duas senhoras vendo aquilo, disseram:

- *"Olha que homem insensível. Andando sobre o cavalo e deixando o pobre menino caminhar sob esse sol forte"*. Ouvindo aquilo, o pai falou para o filho. Filho, é melhor você subir aqui para ninguém mais dizer que sou cruel. E assim fizeram. Logo mais à frente, um homem idoso falou para o jovem que o acompanhava: - *"Veja a indolência da*

juventude. O jovem, mais forte, bem que poderia poupar seu pai de caminhar nesse Sol escaldante". Novamente o pai olhou para o filho e disse: "Desce daí filho, vamos caminhar juntos, pois assim não damos chances a ninguém de falar de nós". E assim fizeram, até que chegaram a uma praça onde alguns homens conversavam e um deles falou pra eles: "Deixem de ser burros. Tens o cavalo para auxiliá-los e andam a torrar as solas dos pés no calçamento?" O pai então olhou para o filho e sem dizer nada, montou no animal e colocou o filho na garupa. Andaram uns cinquenta metros e novamente duas mulheres pararam ao vê-los e disseram: "Que crueldade. Dois homens pesados, neste sol, sendo carregados, judiando do pobre animal". Moral da história: eu sei que nunca vou agradar a todos, mas espero que as respostas e as experiências que trocamos aqui hoje possam dar a vocês uma nova visão da verdade. Aos que não a conheciam, podem ter certeza de que foram apresentados a ela, em sua total essência, sem mentiras. Aos que a conheciam de forma diferente, saibam que foi assim que tudo aconteceu. De minha parte, eu agradeço por estar aqui e vou me retirando sabendo que muitas perguntas deixaram de ser feitas. Só posso dizer então que esperem pelo trabalho da Srta. Orquídea para que possam ver um pouco mais de tudo isso. Boa tarde a todos e até uma próxima oportunidade, deixando a todos o convite para me fazerem uma visita, sempre que quiserem.

Irrompeu-se um estrondoso aplauso, assovios e pés batendo no chão, deixando a todos muito emocionados. Aos poucos as pessoas iam levantando e aplaudindo de pé. Aquilo durou uma eternidade, não paravam de aplaudir e assoviar. Dona Zenir, pareceu ter derramado algumas lágrimas, com certeza lembrando-se das agruras por que passaram. A Thelma, já de volta, abraçou ternamente o avô e o André, seu herdeiro político, ladeou o avô, cuidando dele naquela avalanche de pessoas que queriam apertar sua mão, darem-lhe um abraço e dizer alguma coisa. Alguns queriam apenas tocá-lo. Levamos ainda quase vinte minutos para tirá-lo de lá, mas pude perceber enorme alegria que seguia em seu semblante. A vida pulsava forte naquele homem e a seiva da juventude ainda estava presente naquele velho carvalho.

Convidou-nos, num impulso, para almoçarmos e ele disse que deveria ser em grande estilo. Pegou em minha mão com muita ternura e perguntou onde eu gostaria de almoçar e quem eu gostaria que

estivesse conosco no almoço. Fiquei lisonjeada e sem jeito com a prerrogativa que ele havia me dado ali. Talvez porque eu estava imensamente orgulhosa do desempenho do Peter e me sentia privilegiada por ter aquele homem em minha vida sendo o espelho de uma vida dedicada à luta e à verdade. Também num impulso eu disse:

- Já que tem que ser especial, que tal o Recanto da Sereia? Assim eu também poderia reviver alguns momentos de um dos mais importantes dias de minha vida - cruze, falei sem pensar e todos olharam para mim, principalmente o Peter. Fiquei vermelha.

- Ótima escolha. Quais serão os seus convidados? Da minha parte iremos, a Zenir e eu, a Thelma, o Diego e o André.

- Acho que o Peter, eu, vovô, vovó, o Sr. Figueira, o Ivens e o Isaque.

- Ah, minha filha, lamento, mas não poderemos ir—falou minha avó. Teu avô está com um pequeno problema de saúde e ternos consulta às 14 horas e já passou da uma da tarde. Não será possível.

O Ivens pediu desculpas, mas teria que preparar duas aulas e uma prova à tarde e já estava atrasado para isso. Disse isso com muita sinceridade, todos percebemos que ele estava mesmo frustrado. Ah, cabe esclarecer que eu acho que toda a tristeza dele pela ausência era representada pela perda da oportunidade de estar mais tempo ao lado da Srta. Thelma. Durante todo o evento, ele não a perdeu de vista e mostrou-se vivamente encantado com ela. Não aquele encantamento superficial que havia, tão recentemente demonstrado por mim. Era um certo deslumbramento mesmo. Ele a olhava sem perdê-la de vista. Não teve o sorriso maroto, nem frase de duplo sentido nem nada. Foi puro encantamento. Nada mais justo, levando-se em conta quem é a Thelma que eu aprendi a conhecer. O maior problema é que ela nem o notou ali. Pra ser bem sincera mesmo, a Thelma chamou a atenção o tempo todo daquele público masculino. Afinal, não é sempre que vemos uma mulher tão bela e tão doce ao mesmo tempo, demonstrando uma competência que, via de regra, afasta os homens. Se eu tivesse que apostar eu diria que ela foi a responsável pelo clima até ameno da reunião. Parece que os rapazes estavam mais preocupados em agradá-la do que impressionar o professor.

O Sr. Figueira agradeceu a oportunidade de colocar em ordem a conversa com o grande amigo. Confirmou a presença e o Diego,

discretamente, escapou do compromisso, alegando que a galera tinha outros planos e ele já havia assumido compromissos anteriores.

Então, o grupo ficou reduzido ao Meirinho, dona Zenir, Thelma, André, Peter, Sr. Figueira, tio Isaque e eu. Fomos em três carros, o do André, o da Thelma e o do Peter. Assim que entramos no carro, o Peter ligou o CD e já começou a rolar as músicas do "camisa 9", nosso CD particular. Olhamos um para o outro e começamos a rir como dois bobos. O Sr. Figueira, no banco de trás, sem entender nada, achou que estávamos contentes pelo resultado do encontro. Não era bem isso, mas não seria eu a esclarecer os fatos pra ele.

De repente, na maravilhosa interpretação da Simone, ouvimos a música do Roberto Carlos, Eu preciso de você. O Peter segurou minha mão e cantou no ritmo dela, numa voz de contralto. Uma faceta que eu não havia percebido. Como ele cantava bem. Agora, as festas lá de casa, não seriam mais o porre comigo cantando. Cantaremos juntos como cantamos essa canção.

Eu preciso de você Porque tudo que pensei
Que pudesse desfrutar da vida sem você não sei
Meu amanhecer é lindo se você comigo está
Tudo é mais bonito no sorriso que você me dá
Eu não vivo sem você Porque tudo que eu andei
Procurando pela vida agora eu sei
Que andei sabendo Que em algum lugar te encontraria
Pois você já era minha e eu sabia
Como abelha necessita de uma flor Eu preciso de você e desse amor
Como a terra necessita o sol e a chuva eu preciso de você
Mas eu preciso de você Porque em toda minha vida
Nem por uma vez amei alguém assim Você é tudo é muito mais do que
eu sonhei pra mim
E é por isso que eu preciso de você.

O Sr. Figueira, quando acabamos de cantar, disse-nos:

- Crianças, vocês são cantores extraordinários. Vocês cantam com a alma. As vozes são afinadíssimas, vocês são urna dupla fantástica. Acabei lembrando de uma dupla italiana, Wess e Dori Ghezzi. Eram incríveis. Assim como vocês foram agora.

Nós nos divertimos com aquele comentário. O Peter então tocou no assunto do encontro.

O Sr. Figueira, depois de um breve silêncio, começou a falar sobre o evento de há pouco.

- Foi baba pra ele. Vocês ainda não viram o Meirinho num pega-pra-capar, disse ele.

- Ele esteve sempre seguro, com uma memória incrível e aquela entrevista com o Cachel resolveu tudo - ponderou o Peter.

- O tio Isaque é um cara esperto mesmo — disse eu. Sabia que ficaria um pouco delicado pro Meirinho falar sobre tudo aquilo, sobre todos os temas, sem parecer que estivesse na defensiva, se justificando ou coisa parecida. Então, providenciou, sem que a gente soubesse, aquela entrevista, que ele gravou. As imagens foram um conjunto de fotos das obras executadas, de tratores, pedreiras, discursos, palanques, canteiros centrais e de diversos personagens da história local. Assim, as pessoas ouviam a entrevista e viam as obras e os locais a que se referiam os diálogos.

- Mas ainda falta muita coisa. É que é praticamente impossível tu contares a vida e a obra desse homem em um ou dois dias. É muita coisa. E olha que o período foi estabelecido praticamente durante sua gestão como Prefeito daqui. Eu pergunto, quantas pessoas têm assunto e material de vida que vale a pena ser discutido, oriundo de um período de quatro anos, suficientes para um trabalho desses? Concluiu seu pensamento.

- Verdade. Mas o importante é que ele tem. Falou o Peter. Chegando ao Restaurante, Peter e eu entramos de mãos dadas. O Sr. Meirinho que não sabia de nossa ligação, ficou olhando com um sorriso maroto nos olhos. Quando balançou a cabeça no sentido afirmativo, eu me apressei a falar:

- É, Sr. Meirinho. Isto também é mais uma obra sua.

Todos riram.

OUTRAS HISTÓRIAS

Assim que chegamos à mesa a nós destinada, o Sr. Meirinho pediu uma garrafa do melhor champagne, bem gelada e as taças para começarmos as comemorações. Também pediu seu tradicional *whisky*, sem gelo — bem *cowboy* — deixando-nos à vontade para pedir as bebidas que quiséssemos. Dispensamos o vinho sugerido e fomos para águas e refrigerantes. Ele, cavalheirescamente, permitiu que decidíssemos sobre os pratos e então, fomos para as Tainhas à moda do Chefe e um camarão, que confesso não lembro o nome, mas divino, no molho branco, gratinado. Pratos fantásticos.

A música estava adequada e de bom gosto e o restaurante não estava muito cheio, o que era uma surpresa pra nós. A Thelma dirigiu-se a nós e com sua simpatia, abriu um belíssimo sorriso e agradeceu a todos pelos momentos que o avô havia vivido naquela manhã. Em seguida, Dona Zenir posicionou-se:

– Quando meu marido chegou em casa e falou o que estava acontecendo e que ele iria para a Universidade conversar com os alunos, tenho que admitir que fui contra. Para mim, essa história de política tinha que ficar no passado. Muitos dos melhores anos de nossas vidas nós deixamos de viver e aproveitar por causa da ingratidão de tanta gente. Gente que hoje investe nesta cidade e se orgulha de viver aqui, que bate no peito dizendo que está aqui desde o principio, mas quando o Meirinho fez tudo isso que vocês viram, eram algozes empedernidos, eram perseguidores implacáveis. Eu senti um calafrio de lembrar que fomos contra os interesses de tanta gente poderosa, que até juízes, abertamente, combatiam a gente. Quantas noites eu sentia o amargor no coração dele. Quantas noites silenciosas, ele passou sentado na sala, a madrugada avançando, tentando entender porque o que era justo e correto tinha tanta dificuldade em ser respeitado e aplicado. Quantas vezes eu precisei dizer a ele que tudo o que ele fazia estava certo. Ele, me questionando sobre o que eu pensava de

suas decisões, de suas atitudes e eu dizendo que só via um grande homem tomando grandes decisões. Que os motivos que o levavam adiante, eram motivos mais que justificados. Houve uma vez em que eu o fiz lembrar-se da mudança que ele provocou nos funcionários da Prefeitura. Calçados, uniformizados e alimentados. E os alunos da rede municipal? Uniformes, merendas, materiais, educação de qualidade. O serviço sanitário. A luta contra a poderosa Casan, exigindo e negociando um serviço à altura do povo de Balneário Camboriú. A Celesc, as construtoras, os empreendedores e incorporadores imobiliários, todos tendo que se curvar à razão e à pertinência de cada obra. E tudo isso pra quê? Pra depois, a maledicência, a maldade humana, atacar e tentar enlamear com mentiras e armações? Os amigos mais próximos do Meirinho davam a ele a certeza de que ele estava no caminho certo e então ele se enchia de otimismo de novo e daí que ninguém conseguia dobrá-lo se a causa não fosse boa. O Meirinho nunca aceitou nada que não pudesse ser dito em público, que precisasse ficar escondido. Ele só aceitava o que poderia ser do conhecimento de todos.

- Vó, tudo isso já passou. O vô tá aí, forte e vitorioso. Eles passaram, o vô ficou - disse a Thelma.

O André, até um pouco calado, desde o discurso no auditório falou:

- Ela tem razão, prima. Ela tem razão. A política é uma arma de pacificação, mas também, em mãos erradas, é um instrumento de destruição com alto poder de fogo. É só olhar o que vem acontecendo no país, é só perceber o que estamos passando. E não dá pra atacar este ou aquele partido, esta ou aquela tendência. Infelizmente, estamos atravessando um momento em que essas coisas vêm de todos os lados. Estamos enfrentando, por conta disso, denúncias engavetadas, políticos não comprometidos com a ética e sem nenhuma condição moral, denunciados, réus em processos criminais ainda disputando cargos até em Tribunais de Contas dos Estados. Meu tio citou o discurso da deputada Cidinha Campos no Rio. Você já viu? Temos sim que fazer alguma coisa para mudar esse estado de coisas. Quando acompanhei o tio hoje, eu queria ver a história contada na sua verdade intensa. Estava pronto para intervir, pronto para qualquer situação, pois penso como a tia. Eu sei de tudo que ele passou, pois me conta e me alerta todos os dias. O passado é como o bezerro que

se perdeu e um dia precisou voltar para o seu rebanho e atravessou a floresta sozinho. Foi procurando o caminho, subindo e descendo, parando olhando, virando à direita e à esquerda, buscando se orientar, até que achou, depois de muitos ziques e zagues, o caminho de volta, mas já no pé da montanha, depois de passar pela floresta. Mas tinha deixado uma trilha atrás dele. No dia seguinte, um cão que por ali passava, viu a trilha e a seguiu, acreditando que assim atravessaria a floresta. Fincou as patas e marcou mais um pouquinho a trilha. Depois foi a vez de um cavalo, líder da manada, que fez com que os seus cavalos bravios seguissem por esse caminho, alargando e marcando profundamente a pequena trilha. O caminho então estava aberto, alargado e bem pisoteado, mas continuava torto e sinuoso. Uma ampliação fortalecida do que o bezerro deixou. Muito mais tarde, além dos animais que instintivamente usavam a trilha, os homens começaram a utilizá-la para atravessar a floresta, mas praguejavam contra o sentido e a forma da trilha. Mas nunca fizeram nada para mudá-la. A trilha virou uma estradinha campestre, que se transformou numa rua, daí a rua principal de um pequeno povoado que se formou em volta dela, e hoje é a principal artéria de uma enorme cidade. Mas manteve seu contorno, suas curvas, seus desvios, exatamente como o bezerro deixou há muito tempo. Comparativamente, isso mostra que muita gente discute política, reclama dela, ataca e pragueja, mas só faz crescer o mesmo caminho que nasceu por acaso, por engano e por desconhecimento. A cidade é o comportamento que se forma em torno do caminho que um dia alguém colocou e ninguém nada fez para mudar. Ter estado lá hoje, pelo menos nos deu a chance de mostrar como realmente foi feito tudo aquilo. E não adianta a gente falar, como eu disse, deste ou daquele partido, deste ou daquele modelo de administração política, desta ou daquela ideologia. O que precisamos é de uma resposta adequada para tudo isso. Temos que criar um novo caminho e assim ao invés de praguejar contra e errar e cantar o certo. Basta apenas um novo modelo que possa ser implantado de forma que o que estiver errado sucumba de vez e o que é certo vingue e triunfe. O conjunto dos bons cidadãos, dos bons políticos de todas as vertentes, poderá produzir uma massa de idealistas e de empreendedores sociais que, com certeza, criarão uma nova sociedade. Somente esse escol de homens de bem é que poderá dar o modelo que a população irá preferir e nas urnas os consagrarão. Dessa forma, o caminho do erro será afastado do poder e poderemos curar nossas feridas. O bezerro

fez o seu papel e achou o seu caminho. Agora, temos que dar um novo sentido a tudo isso. De forma sustentável. Esses novos homens e essa nova filosofia estarão amparados na sustentabilidade. Mas não apenas na questão ambiental ou sócio econômica. Mas, no respeito à diversidade, à heterogeneidade cultural, na moral e na ética. Onde cada detalhe do desenvolvimento servirá ao próprio projeto social do futuro, como alavanca de consciência ecológica, planejamento estruturado e foco na qualidade de vida. Como Leonardo Boff manifestou, o "eu" sem o "nós", leva ao individualismo capitalista e o "nós" sem o "eu", ao socialismo estatal. A marcha da evolução, a meu ver, passa efetivamente pelo equilíbrio e, ainda segundo Boff, *"hoje precisamos de uma hiperdemocracia que valorize cada ser e cada pessoa e garanta a sustentabilidade do coletivo que é a geosociedade nascente"*.

- Meu filho, disse o Sr. Figueira, teu tio acredita que você será o sucessor político dele. Sinceramente espero que você tenha o tutano dele, a coragem que ele sempre demonstrou e jamais se deixe levar pelas ilusões do poder. Conchavos, acordos, negociatas, sempre deságuam nos que mais necessitam. Tudo isso sempre acontece em detrimento de quem não tem como se defender. Lembre-se sempre disso.

- Sr. Figueira, o político é como a carroça, que é reconhecida pelo barulho. Quanto mais barulho faz, mais vazia está. Tem gente que grita, bate no peito, fala aos quatro ventos para se justificar. Mas tem gente também que trabalha e trabalha e trabalha e seus resultados mostram o peso que tem. Carroça pesada não faz barulho. Minhas obras serão meus argumentos, minhas lutas serão minha carga e a prosperidade desse povo será minha recompensa.

- Talvez a melhor carga dessa carroça sejam esses homens de bem — ponderou a Thelma.

- Verdade de novo, prima. Edmund Burkediz que *"otriunfodomal repousa na inércia dos bons"* Eu espero poder conscientizar essas pessoas a vir fazer parte da política sadia. Só assim, as sombras abandonarão o poder, seja de onde quer que elas venham. Particularmente eu acho que essa generalização que se faz dos homens públicos colocando-os todos na mesma faixa de consideração, não é justo para aqueles que realmente pensam e agem no espírito da criação de boas leis, de

bons instrumentos de governabilidade. Quer me parecer que aqueles que representam o bem e a justiça estão agindo esparsamente, de forma individual enquanto a banda podre acaba sempre encontrando um jeito de estar unida. Se tivermos uma coerência positiva, cada vez mais o cenário ficará menos propício às falcatruas e aos desvios. Segundo o pensador Eduardo Galeano, "*somos o que fazemos, mas, somos, principalmente o que fazemos para mudar o que somos*".

O Meirinho que a tudo assistiu com tranquilidade, sorriu ao ouvir isso, tocou a mão do André e para não mostrar o quanto estava emocionado, virou pro Sr. Figueira e disse:

- Meu velho amigo, você se lembra da nossa caçada? Aquela no Pantanal?

- Claro, até contei a eles, outro dia num almoço. Por que você pergunta?

- O André é o nosso negrinho da caçada. Nosso guia, lembra? Estou dando pra ele a 22, os cartuchos, as botas, o chapéu, o mosquiteiro, os balins, enfim tudo. Agora, ele vai caçar sozinho porque eu não quero mais ficar pendurado em árvores e andar de Kombi no mato. Chega de política pra mim.

Todos nós rimos com vontade.

- Sem contar de política, até hoje o senhor não contou pra gente se houveram atentados contra sua vida. Eles existiram de verdade? Perguntei curiosa e louca pra falar também, já que durante toda a entrevista eu estive contida esperando que todos falassem.

- Eu tenho um anjo da guarda forte mesmo. Tenho uma proteção divina ou é um anjo especial que me protege. Uma outra vez, eu estava com meu Jeep na estrada, vindo de Itapema, tarde da noite, na discussão com o caso do Hotel Plaza Itapema e um caminhãozinho, desses Ford 59 ou 60 veio direto pra cima de mim. Eu quando olhei no retrovisor, só vi as luzes do carro que vinha em alta velocidade. Encostei um pouco porque ele saiu pra me cortar e eu só estava achando que era algum louco. Quando ficou do meu lado, eu percebi que alguma coisa estranha ia acontecer. Dei uma freada sem qualquer razão, por puro instinto, por pura inspiração divina ou pela proteção do meu anjo, sem qualquer motivo específico, no exato momento em que ele jogou o carro pra cima de mim. Eu brequei e reduzi a marcha, mas ainda assim peguei no paralamas traseiro dele e ele, com o impacto, rodou.

Eu fui pro acostamento e desci a rampa com o Jeep. O azar dele é que bem atrás de nós vinha um conhecido. O amigo estava com um caminhão da Prefeitura, vinha numa velocidade bem menor e saiu um pouquinho antes de mim. Eu o ultrapassei na estrada, e esse Fordinho também. Quando ele viu de longe, ele acelerou o caminhão ao máximo. Era um Chevrolet de cara grande. O cara, motorista da caminhonete, do nada, saiu de dentro dela e começou a correr pro barranco. Nem olhava pra trás. Simplesmente fugiu. Eu já tinha saído do Jeep, mas graças a Deus o homem se embrenhou no mato, foi pra dentro dele e ninguém mais viu o sujeito. A caminhonete ficou ali uns dois dias, no acostamento, que nós empurramos pra lá. Depois apareceu o dono. Ele tinha feito um Boletim de Ocorrência, no dia seguinte ao acidente, à tarde, dando queixa de furto. Disse que tinham roubado a caminhonete dele. Se isso era verdade ou mentira, eu não sei. Mas que era encomenda pra mim eu não tive dúvida.

- Mas, ô Figueira, você anda escrevendo alguma coisa? Faz tempo que não vejo nada teu.

- Eu quase já escrevi meu epitáfio. Estou só esperando para redigir o trabalho em conjunto com a Orquídea para poder descansar em paz. Será o último rugido do leão. Será meu testamento para o mundo jornalístico.

- Que é isso homem? O que você quer dizer com isso?

- Ontem eu estava relendo o poema Máquina de Escrever e acabei tomando para mim as palavras do poeta Giuseppe Ghiaroni . Querem ouvir?

-Claro - exclamamos quase em uníssono.

O Sr. Figueira, como é de seu costume, empertigou-se, colocou as mãos sobre a mesa, levou o olhar para muito distante e deforma pausada e sonora, declamou o poema. Percebemos que enquanto declamava, tirava do fundo do peito uma emoção incontida e lágrimas rolaram de suas faces:

- Mãe, se eu morrer de um repentino mal, vende meus bens a bem dos meus credores:

a fantasia de festivas cores que usei no derradeiro Carnaval.

Vende esse rádio que ganhei de prêmio por um concurso num jornal do povo, e aquele terno novo, ou quase novo, com poucas manchas de café boêmio.

Vende também meus óculos antigos que me davam uns ares inocentes.

Já não precisarei de duas lentes para enxergar os corações amigos.

Vende, além das gravatas, do chapéu, meus sapatos rangentes. Sem ruído

é mais provável que eu alcance o Céu e logre penetrar despercebido.

Vende meu dente de ouro. O Paraíso requer apenas a expressão do olhar.

Já não precisarei do meu sorriso para um outro sorriso me enganar.

Vende meus olhos a um brechó qualquer que os guarde numa loja poeirenta,

reluzindo na sombra pardacenta, refletindo um semblante de mulher.

Vende tudo, ao findar a minha sorte, libertando minha alma pensativa para ninguém chorar a minha morte sem realmente desejar que eu viva.

Pode vender meu próprio leito e roupa para pagar àqueles a quem devo.

Sim, vende tudo, minha mãe, mas poupa esta caduca máquina em que escrevo.

Mas poupa a minha amiga de horas mortas, de teclas bambas, tique-taque

incerto.

De ano em ano, manda-a ao conserto e unta de azeite assuas peças tortas.

Vende todas as grandes pequenezas que eram meu humílimo tesouro, mas não! Ainda que ofereçam ouro, não venda o meu filtro de tristezas!

Quanta vez esta máquina afugenta meus fantasmas da dúvida e do mal,

ela que é minha rude ferramenta, o meu doce instrumento musical.

Bate rangendo, numa espécie de asma, mas cada vez que bate é um grão de trigo.

Quando eu morrer, quem a levar consigo há de levar consigo o meu fantasma.

Pois será para ela uma tortura sentir nas bambas teclas solitárias um bando de dez unhas usurárias a datilografar uma fatura.

Deixa-a morrer também quando eu morrer; deixa-a calar numa quietude extrema,

à espera do meu último poema que as palavras não dão para fazer.

Conserva-a, minha mãe, no velho lar, conservando os meus íntimos instantes,

e, nas noites de lua, não te espantes quando as teclas baterem devagar.

Quando ele terminou de declamar, estávamos todos tomados por sincera emoção. Olhei ao redor e na mesa ao lado um casal em silêncio sorveu cada palavra. O garçom de pé, com os pratos a servir, não se atreveu a uma palavra sequer dizer. Todos com as gargantas embargadas e o peito apertado, olhavam para aquele velho jornalista e o admiravam pela beleza e pela profundidade do poema declamado.

Um respeitoso silêncio que ninguém tinha coragem de quebrar. O garçom enfim se mexeu e serviu os pratos e o único ruído era o que ele produzia. O Sr. Figueira estava ainda com o olhar distante, com a visão perdida.

O Meirinho, tomado de um profundo sentimento de respeito e solidariedade disse:

- Meu bom amigo, teus anos são tantos quantos os meus. Já preparaste teu poema. Mas, ajuda-me então e diga-me qual seria o meu? Tua vida foi escrever e reproduzir a verdade em todos os tons que ela possuía. E eu, que para a vida só entreguei, qual seria meu poema? Eu que entreguei meus sonhos, meus ideais, minhas lutas, minha fé, meus melhores dias e meu querido e inesquecível pequeno engraxate, o que poderia declamar?

O Sr. Figueira saiu do seu torpor e a expectativa de todos ali aumentou com o pedido do Meirinho. A Thelma segurou a mão do avô e o André abraçou carinhosamente Dona Zenir. Eu segurei a mão do Peter e o tio Isaque pôs uma mão solidária e reconfortante no ombro do velho amigo Figueira. Este, sorriu um sorriso de menino e disse:

- Meu querido amigo, tuas lutas eu conheço. Tua vida é uma passagem de ida para a justiça. Justiça que você trouxe para o povo. A ti, a poetisa Claudia Almeida já deixou a merecida homenagem:

Deus planta o belo e entre vocês, as sementes. Onde mora o seu jardim?

No outono ou na primavera, o tempo faz a vida brotar

E na hora de nascer, aquelas mãos são suas

A terra, a colheita, o pescador

E o semeador pensativo na parábola colhe tudo que plantou

Ele se lembra do céu e que todos os frutos são divinos

Nós somos colheita na mão do semeador...

Os amigos se deram as mãos e um sincero reconhecimento de mais de meio século de amizade ali se estampou. O tio Isaque também fazia parte desse círculo, mas de forma mais recente. Todos ali, emocionados, deixamos a conversa e os pensamentos de lado e nos deliciamos com aqueles pratos servidos e tão magistralmente preparados. A emoção era a personagem principal daquele momento.

- Se eu quisesse consertar o mundo, o que eu deveria fazer? Perguntou o André aos três amigos.

O primeiro a responder foi o Meirinho:

- Eu vou te contar uma história. Um arquiteto recebeu uma missão importantíssima de seu chefe e deveria ficar todo o final de semana produzindo os esboços do novo projeto que seria apresentado na segunda-feira bem cedo aos investidores. Durante todo o sábado, ninguém o perturbou. No domingo, o filho acordou logo cedo, com uma bola na mão e o chamou para ir ao campo jogar com ele. O pai, que ainda estava debruçado sobre o projeto, explicou que não podia sair de casa, que tinha uma enorme tarefa a cumprir. O filho então

insistiu e lembrou ao pai que ele havia feito uma promessa que no domingo eles iriam jogar. O Pai levantou, pegou o filho pela mão, colocou-o na poltrona do escritório, pegou um mapa-múndi desses de enciclopédia, de papel, e picou em diversos pedaços. Feito isso, disse ao filho: – Meu filho, remonte este mapa. Coloque tudo no lugar certo. Cada continente no seu lugar e cada país no seu continente. Quando você terminar eu largo tudo que estou fazendo e vou contigo aonde for. O filho olhou para o pai entristecido e disse: Mas você prometeu. O pai respondeu que ele não estava descumprindo a promessa. Estava apenas colocando uma regra. Dito isso, voltou para a prancheta e continuou o trabalho. Depois de uns dez minutos o filho falou para o pai: Pai, eu terminei. O pai então, olhou para o filho e disse: Meu filho, eu disse pra fazer tudo certinho. Volte lá e faça direito. O filho continuou com a mão estendida e o mapa-múndi colado. O pai resolveu olhar e ficou espantado. Tudo certo. Ásia na Ásia, Europa na Europa, Oceania, África, tudo certo. Todos os países no lugar. O pai não se conteve e perguntou: como você foi capaz de fazer isso? Você tem oito anos, como conseguiu refazer o mapa perfeitamente e em dez minutos. O menino então respondeu: Pai, do mapa eu não sei nada. Mas do outro lado da página tinha um homem. Eu refiz o homem e então pude refazer o mundo. Assim, André, você tem as duas maiores lições da vida: – se quiser consertar o mundo, reconstrua o Homem. E a outra é que você não deve jamais quebrar uma promessa.

Logo em seguida, sem a peteca cair, o Sr. Figueira emendou:

– A contribuição que posso te dar, encontra-se em outro poema, escrito em 1875 e publicado no ano da libertação dos escravos, 1888. Não é por acaso, portanto, que foi o poema que inspirou Mandela, nos anos de cativeiro. Foi escrito por William Ernest Henley e chama-se *Invictus*:

*De dentro da noite que me cobre,
Negra como a cova, de ponta a ponta,
Eu agradeço a quaisquer deuses que sejam,
Pela minha alma inconquistável.
Na cruel garra da situação,
Não estremeci, nem gritei em voz alta.*

*Sob a pancada do acaso,
Minha cabeça está ensanguentada, mas não curvada.
Além deste lugar de ira e lágrimas
Avulta-se apenas o Horror das sombras.
E apesar da ameaça dos anos,
Encontra-me, e me encontrará destemido.
Não importa quão estreito o portal,
Quão carregada de punições a lista,
Sou o mestre do meu destino:
Sou o capitão da minha alma.*

- Seja então, sempre o capitão da sua própria alma, seja o Mestre de seu destino. Não se curve, acredite, mantenha a fé e caminhe na trilha da honestidade e dê o exemplo.

O tio Isaque que esteve estranhamente quieto, falando apenas de vez em quando, falou de forma simples:

- Tire a juventude de frente das máquinas e da indolência das facilidades e faça-as ganhar as ruas. Desperte na nossa juventude o prazer de lutar por seus ideais e as defenda dos falsos ideais. Mostre-lhes a diferença entre a prisão psicológica promovida por qualquer projeto de poder e assumo o compromisso de devolver a essa juventude a liberdade de criar uma sociedade livre dos aproveitadores, dos ladrões, dos gananciosos, dos corruptos, daqueles que desviam dinheiro público, destinado aos idosos e às crianças. Meu menino, se essas pessoas têm coragem de desviar dinheiro de merenda escolar, de remédio para doentes terminais, para a saúde do povo, imagina o que não fazem com construção, com publicidade e com outras facilidades que a máquina pública totalmente dominada pela sujeira em que eles se emporcalham e chafurdam há décadas é capaz de fazer. Faça sua voz atingir altos brados na decência e na ética. Empunhe uma espada capaz de cortar, na raiz, esse câncer que domina a humanidade.

Nesse momento eu aplaudi e fui seguida por bastante gente ali. O tio Isaque falou alto e emocionado, motivado por todos os acontecimentos do dia e então, bastante gente ali ouviu e aplaudiu também.

- E você, minha jovem - falou o André olhando pra mim - o que me aconselha?

- Que você honre a memória política do teu tio-avô. Só isso já te levará a ser diferente da maioria dos que ai estão. Se você se dispuser a fazer, então faça. Não se venda, não se alugue, não seja transigente com a quadrilhagem que está aí.

- Mais alguma sugestão? - perguntou o André, já rindo de bom gosto.

- Filho, eu sei o que passei com teu tio - disse a Dona Zenir. Eu sempre me orgulhei do homem com quem casei. Ele é íntegro, correto, honesto e acima de tudo, é um homem honrado. Um dia você estará casado e terá teus próprios filhos. Lembre-se que tudo o que teu tio fazia, ele não perdia de vista a obrigação de entrar em casa de cabeça erguida e jamais permitir que eu ou nossos filhos sofrêssemos qualquer constrangimento. Hoje você viu um pouco do que isso significa. Sempre e quando você quiser dar um passo, não seja como esses políticos que ai está, que transformaram nosso país em uma nova Tortuga, a ilha paraíso dos Piratas. Lembre-se como o líder desses novos bucaneiros os abandona e os deixa à própria sorte quando são descobertos. Entre eles não há honra ou respeito, pois estão unidos apenas pelo butim. Fuja disso, fique longe disso, mantenha-se distante dessa corja. Eles são como seres das sombras, que vão envolvendo os incautos e os crédulos, arregimentando-os para serem simples peças nos seus jogos de poder e riqueza. Nós sofremos muito por termos sempre evitado essa enganosa sedução, mas valeu a pena. Hoje estamos felizes porque sobrevivemos a tudo isso com dignidade. O caminho da honestidade e da correção não é um caminho fácil. Ele é tortuoso e exige muito de cada um de nós. Entregue o que você tiver de melhor sempre. Mas entregue aos seus ideais. Não se iluda com o canto da sereia. A voz desses artífices da desgraça do nosso povo é sibilina, enganosa. Não se engaje nesses quadros cujo único propósito é o benefício de poucos. Vigie sempre e não mude de rota.

- E o amigo Peter, tem algo a dizer?

- Tenho sim, André. Você é um jovem de talento e tem uma herança genética de alta qualidade. Hoje, teu tio-avô falou sobre o fato de que essa doença chamada corrupção atinge o DNA de uma casta de políticos que foram forjados na mentira, no engano, nas sombras e na traição...

- Foi a Cidinha Campos que falou— atalhou o Meirinho.

- Sim, a Cidinha Campos. Você não tem essa infecção em sua genética. Mantenha-se livre do contágio. E escolha qual a coragem que te motivará. Aqui existem grandes contadores de história e grandes fabulistas. Eu conheço uma ou outra, mas uma delas fala da dimensão de nossa coragem. O homem é aquilo que crê e está preparado para ser. Essa lenda conta a história de um rato que morava na casa de um mago. Esse rato temia o gato e então o mago o transformou em um gato. Em seguida, percebeu que o rato transformado em gato, vivia apavorado, com medo do cão. O mago então o transformou em um cão. O cão temia, e muito, a pantera que vivia no bosque próximo e o mago então o transformou em uma delas. Mas naquele mesmo instante, o rato que foi transformado em gato, depois em cão e em seguida em pantera, tremia de medo por causa dos caçadores. O mago então voltou a transformá-lo em um rato e lhe disse que nada poderia fazer por ele, já que ele tinha apenas a coragem de um camundongo. Escolha então, meu amigo, qual a dimensão da sua coragem e assuma os riscos daquilo que você puder realmente realizar. Uma promessa cumprida, por menor que seja já é muito mais do que temos aguentado nos últimos anos.

- A minha prima, que conselho pode me dar?

- André, eu nunca gostei de política. Primeiro pelo que eu sei que vovô passou, segundo porque eu ouço as histórias da minha avó. Mas o mais revoltante nessa história toda é você pegar uma revista, a Veja ou a Isto É, pegar um jornal, qualquer um, de qualquer dia, assistir ao um noticiário de TV e ver que as quadrilhas só fazem aumentar. Quadrilhas de corruptos, sujos com a doença e a miséria do povo porque sugam o que pertence a eles e em manobras vis, acabam por desviar o recurso sagrado, vindo do próprio povo, para seus bolsos. O Brasil é uma grande caverna onde Ali Babá e seus quarenta ladrões ser banqueteiaram no roubo, no superfaturamento, no desvio, nas negociatas, nos acordos, conchavos e na purulenta opção de vida que fizeram. O que dizer pra você? O que pedir pra você? O que eu posso pedir é que você não enverede por essa senda. Que você seja um daqueles pouquíssimos entes políticos que agem com sabedoria, decência e idealismo. O que eu posso dizer pra você? Que você honre a tradição desta família, que você ilumine ainda mais os passos do vovô e que, a cada dia que

você pra casa volte, todos nós podemos sentir o orgulho de recebê-lo, sem constrangimentos. E mais importante ainda, que você saiba sempre que a luz ofusca a escuridão, que o brilho afasta as trevas. Eu nunca soube ser possível colocar um ponto de escuridão na luz. Mas é muito fácil colocar um ponto de luz na escuridão. Seja o ponto de Luz. Quando todos nós estivermos sob a iluminação dessa essência de dignidade, nossas casas, nossas famílias estarão protegidas e assim venceremos os artífices da maldade, do engano e da mentira. Lute para que as verbas das crianças cheguem a elas, dos idosos cheguem a eles, combata o mal, combata as trevas, cujos maiores representantes estão na política. O Grande Inimigo, depois de milênios, conseguiu estabelecer no mundo uma legião de seguidores, que se faustam na prática de todo tipo de maldade, de engodos, de traição, do roubo e de todas as mazelas que os levam diretamente ao seio do Maligno. Mostre que Deus também tem seus representantes aqui. Mostre que Deus também está presente, na defesa dos seus filhos, incomodando esses demônios com atitudes de dignidade e honra. É o que eu posso pedir a você. Seja o voto da esperança, seja o voto da redenção, seja o voto que vem do âmago deste povo sofrido e vilipendiado.

- Bem, guardarei com carinho cada uma dessas opiniões, dessas sugestões, desses alertas e desses conselhos. Desde já, não duvidem de que carregarei, como sempre fiz, a bandeira da honestidade, da ética, da moral e da honradez, com mais determinação e cuidado. Estarei sempre atento para a realidade de que a necessidade de muitos sempre há de superar o interesse de poucos. E que não me curvarei frente à sedução e ao oportunismo.

E assim, aquele delicioso almoço acabou sendo uma grande oportunidade para sabermos por que o Meirinho considera o André seu sucessor e como veem e sentem as pessoas próximas a ele, depois de vivenciarem profundamente os anos de luta do velho mestre.

CAPÍTULO XVII

UM ANEL DE VERDADE, UM DEUS ÚNICO E AS MORADAS DO PAI

Os dias que se seguiram foram de frenética produção. Com todo o material que eu havia coletado, enormemente engrandecidos pela contribuição da vovó, do tio Isaque e do Ivens, eu me coloquei na direção de concluí-lo. Depois de tudo que vi, assisti, ouvi, presenciei e descobri, seria até uma obrigação minha fazer esse trabalho de memória, de livre punho. Mas eu queria que esse trabalho não contivesse erros ou enganos. Passei e repassei os depoimentos, os documentos, as declarações, enfim tudo outra vez.

Marquei com o Sr. Figueira para iniciarmos a parte final e a confecção da obra. Ele se entusiasmou com isso e já definiu que poderíamos trabalhar por cerca de duas por dia, deixando apenas o sábado e o domingo livres, segundo ele, para que o Peter pudesse viver seu sonho também. Só que o sonho era conjunto, eu corrigi. Eu também estava profundamente apaixonada por aquele homem especial e magnético. Simples, mas envolvente. Com predicados extraordinários e que, principalmente, sabia como me fazer sentir menina e mulher.

Por falar no Peter, naquela noite, chovia com uma intensidade gigantesca, mas ele veio até em casa. Jantamos com a simplicidade de um dia comum e chuvoso, se é que posso me referir a alguma dia chuvoso como algo simples. Sentamo-nos e conversamos bastante sobre tudo o que tinha acontecido naquele período. Repassamos, como num filme, todas as coisas importantes com que fomos presenteados. Resolvemos então, discutir os personagens de nossa pequena história para avaliar o que havia acontecido com cada um. Era importante poder sensibilizar essa mudança, pois o nosso trabalho estava focado em um homem que consideramos um SEMEADOR. Então, a passagem dele, obrigatoriamente, deveria ter resultado em boas sementes plantadas, mudas em crescimento e frutos deliciosos. Se a gente estivesse realmente certo, então ele teria influído mais do que pensávamos na vida de todo mundo.

Um semeador é um ser dotado da capacidade de colocar a semente certa no solo adequado. O Peter pegou a Bíblia e relemos a parábola do semeador e chegamos à conclusão que aquela parábola tinha morais dentro de morais. Primeiro, a mensagem clara de que devemos semear em terra fértil, onde as raízes possam ser profundas. Mas também que, qualquer que seja o solo, pelo menos por algum tempo, a beleza e a vida podem existir até de forma esplendorosa.

Então, o semeador também seria alguém que pode ensinar outras pessoas a serem semeadores. Os iniciantes, os que têm pouca prática, acabarão deitando sementes entre os espinhos e em terra árida, mas acabarão descobrindo o enorme prazer de semear e plantar. Isso é o que importa. É a corrente do bem.

E nesse aspecto, o que esse homem acabou fazendo por cada um de nós? Como estão hoje nossos personagens, em particular, a "sociedade do anel"? Começamos a identificar, um a um, os nossos protagonistas e avaliar o que cada um ganhou com tudo isso, que não podemos negar, foi maior do que esperávamos. Muito maior. Foi a descoberta de um tesouro e, em breve, estaríamos dando à cidade, a oportunidade de descobri-lo também.

Mamãe, por exemplo. Sempre se sentiu culpada por causa do papai — da frustração do papai — e da vovó — das chantagens da vovó. Desde que iniciamos esse trabalho e que vovó se engajou nele, a mudança foi profunda. Vovó passou a frequentar com mais assiduidade nossa casa, por causa das discussões do trabalho e das reuniões da sociedade do anel, sem se preocupar com meu pai que, por sua vez, sentiu a energia daquele processo e saiu do seu mutismo e da sua carranquice habitual. E foi o Meirinho, o assunto Meirinho que propiciou esse resgate. Por conta da entrada dele em nossas vidas, descobrimos a doçura e a meiguice de que vovó era capaz. Vovó revelou-se sim, mas positivamente, ganhou vida e pudemos encontrar uma mulher inteligente, forte, ativa, focada e muito articulada. Vovó reviveu o esplendor de sua juventude, mostrando a argúcia e o preparo que pessoas especiais possuem. Havia guardado isso por conta de feridas que manteve abertas. Mas agora, essas feridas não tinham mais sentido e ainda havia tempo para viver uma deliciosa vida. E era o que ela estava fazendo. Uma mulher excepcional que ainda por cima, dava luz ao meu amado avô.

Já que falamos em papai, desde que o Meirinho mandou aquele bilhete, a garrafa de whisky e a violeta, papai mudou, entendeu um pouco mais todo o processo de vida. Naquele dia, o Peter disse a ele que estava na hora de rever os conceitos, de assumir a possibilidade de perdoar. Papai parece ter entendido mesmo que situações novas requerem atitudes novas, e passou a curtir os almoços de domingo, os chás da tarde e aquelas reuniões que fazíamos para discutir o trabalho. Ele se inteirou mais do assunto, pesquisou e perguntou pela cidade, para amigos, para antigos moradores e, nos momentos em que a gente estava debatendo certos temas que alcançavam as informações que ele tinha obtido, então participava, fornecendo dados importantes que nos colocavam no tempo histórico dos fatos, ou vice-versa. Conseguiu um amigo em Peter. Eles batiam longos papos, falavam de muitas coisas e descobriram até algumas afinidades. O Peter nem gostava muito de futebol, mas aprendeu a assistir aos jogos de domingo à tarde com meu pai, coisa que meu pai, efetivamente não fazia mais. Porém, como o Peter achava que papai jamais deixou de amar o futebol e só precisava de uma desculpa pra voltar a assistir, então o Peter fez meu pai acreditar que era um amante do esporte e que precisava de um companheiro. Deu ao meu pai a saída honrosa, depois de tantos anos, para tardes deliciosas de futebol. E isso já estava avançando para a quarta-feira. O Peter já estava em minha vida, por conta da faculdade, mas foi o Meirinho que colocou o Peter em minha vida de maneira especial, no meu futuro. E o Peter resgatou, com sua perspicácia, a prática e o gosto de meu pai pelas coisas que sempre amou mas que por uma estúpida questão de posicionamento, não curtia mais.

O Peter fazia patês incríveis e meu pai adora beliscar. Durante os jogos, era meio que um ritual. Patês, cervejas, meu pai e Peter, eu agarrada ao Peter e minha mãe sentada ali, adorando o que estava acontecendo. Minha mãe não sabia nem quem era o juiz, mas estava ali, se deliciando com a mudança de meu pai. O responsável por isso? Meirinho! Ou uma das sementes que ele acabou plantando em minha casa, no jardim do meu coração e da alma de meu pai. Devo lembrar que meu pai, depois de tudo o que passou, só assistia a jogos da Seleção Brasileira. Meu pai acabou usando o suposto interesse do Peter, como eu disse, a quem ele declaradamente queria agradar, comunicando que, por causa do filho que havia recebido em casa, então ele faria companhia para os jogos de domingo. O Peter entendeu que era a "escada" para

a mudança de comportamento do papai. O Peter percebeu que papai precisava que a vontade de assistir aos jogos fosse dele para que o papai fizesse o que sempre quis fazer, mas não fazia, para punir durante longos anos à minha pobre mãe, por ela ter ficado com vovô e não ter ido com ele. Enfim, resumindo essa confusão didática, meu novo pai é um fruto das sementes do resgate que o Meirinho plantou. Enfim, estou sendo repetitiva, mas minha alegria é tamanha que só posso pensar que o Peter foi um presente dos céus, vindo através da vida e obra do Gilberto Américo Meirinho.

O Peter ficou tão amigo do papai que eles juntos faziam quase tudo. Como o Peter adorava consertar coisas e o papai detestava essas tarefas, o Peter assumiu esse papel em casa. E tamanha era a criatividade dele para essas tarefas que o papai só o chamava de Prof. Pardal em alusão ao personagem de Disney. E eu, claro, era a Lampadinha, a assistente do Prof. Pardal.

Vovô, por sua vez, sentiu-se mais vivo e mais intensamente recompensado, pois viu, finalmente, reconhecida a visão que teve quando criou o prêmio O SEMEADOR, para entregá-lo a alguém que efetivamente fez a diferença. Durante anos, muitas pessoas pensaram que ele havia criado o prêmio, havia dado ao Meirinho por questões políticas ou por qualquer favorecimento que a gente desconhecia. Quando mergulhamos, todos nós, na vida e obra e Gilberto Meirinho, pudemos entender a extensão da visão do vovô e das coisas que ele acreditava. Não só na nossa família, mas na comunidade, na faculdade e para alguns amigos, pudemos mostrar a grandeza do trabalho, a essência da vida e o acerto do meu avô, primeiro, criando o Prêmio, segundo, dando-o a quem realmente merece. Meirinho foi para o vovô, a semente da certeza e para o prêmio, a semente do sentido de plenitude do próprio prêmio.

O vovô, ele também, apesar de criador do prêmio, deveria receber um deles. Eu quero um dia contar detalhadamente a vida e a obra desse grande homem, desse magnífico ser humano. Um dia farei justiça ao sementeiro que criou o prêmio O Sementeiro. Se entendermos plenamente o conceito da sementeira, então vovô é o SEMEADOR do prêmio, porquanto buscou outros sementeiros para que suas obras pudessem inspirar as pessoas, trazendo exemplos que criassem novos sementeiros.

O Sr. Figueira é um homem vivido, experiente, amigo de priscas eras do Meirinho. Um jornalista premiado, com matérias maravilhosas, que dedicou toda sua vida à verdade e à justiça. Combateu fortemente em suas letras, a opressão, a corrupção e a criminalidade política. Muitas vezes foi calado pelas forças que se sentiam prejudicadas quando os escândalos eram por ele denunciados. A população, naquele tempo, já estava adormecida, anestesiada. Via, ouvia, lia e nada podia fazer, pois elegia gente nova que, em pouco tempo, já tinha sucumbido aos delírios do poder. Perdeu a esposa, sua companheira de toda a vida, adoeceu, quis se despedir da vida e, de repente, encontrou uma razão para uma prorrogação nesse jogo de viver. Assumi o papel de meu guia, aceitou-me como sua discípula, ensinou-me as técnicas da investigação madura e consciente, da ética na produção de provas, a seleção do real frente ao imaginário e de todas as habilidades latentes em mim e tão vivas e atuantes nele. Graças a ele sei que serei, um dia, uma grande profissional. Rever o amigo e trabalhar por ele foram eflúvios vivificantes para o guerreiro combalido. O trabalho seria, como ele mesmo disse, o último rugido do leão. Mas quem foi o responsável por essa nova determinação? Meirinho! O Sr. Figueira foi mais um jardim onde o Semeador plantou suas sementes. Graças a esse trabalho, ele sentiu pulsar a vida e ardor do jornalista. Meirinho foi o Semeador que deitou carinhosamente a semente da utilidade e do vigor nesse velho amigo. E, até onde eu saiba, o Figueira sempre caminhou pela trilha da ética. Desde sua juventude, não importa onde estava o erro, UDN, ARENA, MDB, PC, PDT ou qualquer partido da era moderna, ele dizia o que era necessário ser dito. Não que fosse o dono da verdade ou o depositário da moral — já que vimos que isso é só uma questão de oportunismo político — mas porque onde estivesse o erro, ele o expunha. Fez isso durante o período militar, o governo Collor, o Governo Sarney, o governo Ita mar, o governo Fernando Henrique e, infelizmente, está adormecido nestes tempos atuais onde teria muito assunto para abordar.

Tio Isaque? Não dá pra falar no tio Isaque sem falar no Ivens e na Dona Gilda. Foi tão importante a participação nesse trabalho que o Ivens decidiu, juntamente à Dona Gilda, fazerem parte de um Grupo de estudo liderado pelo tio Isaque para duas novas investidas literárias. A primeira delas, trata do Evangelho de Tomé. Tio Isaque defende uma interessante tese baseada em antigas cartas de jesuítas, nas

quais se relata a presença desse apóstolo na América. Segundo ele, mais de vinte jesuítas peregrinaram pelas Américas em busca das informações que o santo teria legado a seus sucessores. Tio Isaque advoga a tese de que São Tomé teria não apenas viajado até a Índia, como teria estendido seu périplo às "Índias Ocidentais", atual América. O segundo projeto trata da incrível biografia de Dom Paio Peres Corrêa, 36º Grão-Mestre da Ordem de Santiago de Compostela. Abaixo de reis, ninguém fez o que ele fez na Europa. O medo que os reis tinham de arder no fogo do inferno, faziam prestar uma submissão muito forte à igreja. Porém, a igreja estava sendo ameaçada pelos muçulmanos e as ordens militares é que davam proteção à igreja. Assim, papas e reis acabavam prestando muito respeito às ordens, que eram militares, porém religiosas. As ordens mantinham as duas forças mais poderosas do mundo cristão. Assim sendo, um grão-mestre poderia ter poderes e influências capazes de mudar a história. Ele conjurou contra reis e rainhas, ajudou a depor reis, empossou outros, foi empossado por reis; desmanchou casamento entre reis, casou outros reis; pacificou reinos, destruiu outros tantos. Esses dois encantadores temas serão os próximos trabalhos da agora equipe familiar do tio Isaque. Ele convidou o Figueira, a mim e ao Peter para fazermos parte desse time. Eu fiquei entusiasmada e o Peter também. Como pode ser comprovado, uma nova equipe, dedicada ao estudo e publicação de diversas obras de fundo histórico havia acabado de nascer. E quem semeou essa possibilidade? Quem foi o Semeador? Mais uma vez Gilberto Meirinho.

- Até para o André — falei — a vida e obra do Meirinho foi uma semente importante. O Meirinho semeou na genética do André, toda essa força, decência e dignidade que possui. Creio que, se o André seguir os passos do tio-avô, claro que adaptando-os à moderna tendência da razoabilidade, então, com seu firme propósito de atuar no conceito da sustentabilidade, as convergências aconteçam. Quem sabe não tenhamos, um dia, um líder desse caminho de sabedoria e um governante que não precise ficar contando vantagem pelo que supostamente faz, mas sim que seja admirado e respeitado pelos resultados que produz; que não precise lustrar incessantemente um ego clamante e estrepitante para encobrir os meios que usa para chegar onde quer, mas sim que motive seus pares a seguir a senda do benefício social permanente na via da prosperidade; que seja simplesmente ético, justo e leal a todos os que o elegeram. Que seu

discurso seja sua prática e que honre os compromissos que assumiu, sem ter que, com a cara mais deslavada deste mundo, fingir que não sabia de nada do que acontecia à sua volta. Quem sabe não possamos ter, enfim, um governante capaz de representar a humanidade, exatamente como aquele modelo que Deus criou, à sua imagem e semelhança. Isso é fruto dessa genética, mas também é resultado de convicções pessoais.

- E a mudança do pessoal na classe, então? Nunca vi tanta gente discutindo política, avaliando o comportamento dos nossos políticos. Você viu? Ao invés das piadas que sempre fizeram parte do nosso cotidiano, estão falando seriamente, estão mostrando indignação, estão fazendo comparações. Quantas casas, quantas pessoas não foram contagiadas com o exemplo vivo do Meirinho? No pinga-fogo que fizemos, ele espalhou milhares de sementes, abriu um buraquinho em cada um dos presentes e depositou a semente da consciência. Isso é incrível. Fico aqui pensando nessas pessoas na próxima vez que forem às urnas. Sábio Meirinho.

- E quanto a você, Orquídea?

-Ah... quanto a mim? O Semeador plantou em mim a semente da autoconfiança, do propósito de vida, da capacidade de empreender e de fazer. Deu-me sentido histórico porquanto, somente através do plano investigativo, podemos separar o joio do trigo, ou seja, a verdade do mito. Ele provou que está além e acima da maldade que tentaram contra ele e que, pacientemente esperou a oportunidade de esclarecer tudo isso. Ele sempre soube que Deus está no comando de tudo. E ele confiava de que, quando a sociedade estivesse madura para saber da verdade, ela apareceria. Muitas vezes as pessoas acham que a verdade tarda a aparecer, mas tudo faz parte de um magnífico plano divino. A verdade quando surge no momento do calor da mentira, acaba se perdendo em meio ao furacão que a mentira provoca. A mentira causa furor e a verdade serenidade. Então, quando o tempo se acalma e as energias se aquietam, a verdade surge tranquila e majestosa. Foi o que aconteceu na vida do Meirinho. E para mim, ele foi o Semeador desse conhecimento e da minha própria descoberta. E pra você, meu amor?

- O Meirinho me trouxe você. Não me deu uma semente. Deu-me uma frondosa árvore da vida, cheia da seiva da felicidade e da realização.

Para mim, o Meirinho não semeou. Deu-me a árvore, carregada de frutos.

Assim que ouvi aquilo, pulei em seu colo e dei-lhe o maior beijo da minha vida. Acho que quase o eletrocutei. Eu olhava pra ele e o beijava de novo. Olhava mais uma vez, beijava seu rosto, seus olhos, seu nariz, olhava de novo, segurava seus cabelos e o beijava sem parar, deixando-o sem fôlego e sem reação.

A chuva continuava forte e o Peter foi até a cozinha conversar com minha mãe, no exato momento em que meu pai chegava em casa. O Peter dispôs-se a ajudar mamãe no jantar. Ele queria algo simples e informal, mas fariam juntos, porque ele precisava dizer algo naquela noite e queria um jantarem família, bem gostoso.

Durante o jantar, a conversa foi bem gostosa. Comentamos tudo o que percebemos na mudança das pessoas ligadas ao projeto, por conta do Meirinho. Daquilo que ele fez direta ou indiretamente. Quando já havíamos jantado, o Peter me pediu para trazer a violeta que o Meirinho havia dado a mim. Eu estranhei o pedido, mas ele foi feito de uma maneira terna, porém, sem condições de recusa. Nem perguntei por quê. Só levantei e fui buscar minha querida flor. Enquanto fui buscar a flor, o Peter pediu à minha mãe para que pegasse o Espumante Frascati que ele havia deixado na geladeira outro dia, quando disse que era uma reserva estratégica para qualquer eventualidade e trouxesse taças adequadas. Nós já estávamos acostumados a essas coisas do Peter e não estranhamos. Eu particularmente achava que brindaríamos ao sucesso de nossa empreitada até ali e estaríamos homenageando as sementes que o Meirinho plantou em nossas vidas. Quando voltei, o Peter colocou a flor num dos lugares à mesa, pediu licença a todos, levantou-se e falou:

- Seu Osvaldo, dona Margarida, Orquídea, eu gostaria neste momento de tratar de um assunto de enorme importância para mim. Pedi à Di que trouxesse a violeta que o Meirinho deu pra ela, para que ela o representasse neste momento. Como vocês sabem, sou um homem de hábitos simples, sem vícios e sem pendores para exageros.

Todos rimos, principalmente meu pai.

- Retomando — disse ele — sem muitos exageros. Desde que tive a ideia de propor aos alunos aquele trabalho, eu jamais imaginei que

esse fosse o caminho que Deus escolheu para que eu encontrasse todos os prêmios que minha vida poderia alcançar, de uma vez só. Começando pela Di, o amor que jamais em toda minha vida imaginei que alguém fosse capaz de sentir. Sempre fui cético em relação ao amor e até romances eu nem gostava de ler ou assistir, pois não acreditava muito nisso. Sou o mais feliz dos homens hoje, podem ter certeza. Segundo, participar da vida de uma família tão linda e maravilhosa quanto a de vocês. Vocês são uma espécie rara, em extinção. Uma família equilibrada e que se respeita. E tem a grandeza de seus componentes. A Senhora, dona Margarida, por ter levado tantos anos da vida, sobrevivendo a um massacre psicológico, sempre questionando se tinha ou não o direito de ser feliz, mas mesmo assim, jamais deixou de dar amor, carinho e proteção a todos. O senhor, seu Osvaldo, conseguiu superar a amargura e hoje é um homem completamente diferente. Mas mesmo quando vivia nessa treva da frustração, sempre trouxe exemplos de amor à família e sempre poupou a todos de dissabores tão comuns àqueles que não conseguem superar seus traumas e transferem suas fraquezas e problemas à responsabilidade dos outros. Nesse período em que convivemos, eu vi um homem inteligente, sensível, delicado e muito astuto. Fiquei muito feliz de participar desse seu reingresso à vida. Ao Sr. Meirinho, aqui representado pela dona Violeta ...

Rimos de novo, mas ele não se abalou, continuando como se nada tivesse acontecido. Até me arrependi da risada.

–...eu gostaria de agradecer profundamente, pois foi o verdadeiro responsável por toda essa situação que hoje vivemos. Obrigado, Senhor Meirinho pela felicidade de Dona Margarida, pelo renascimento do Seu Osvaldo, pela paz que trouxe para o Cesar e a D. Cibele, para a Di, que dispensa comentários, e para mim, que me sinto vivo e pleno. Portanto, neste momento...

Parou, foi até a poltrona onde havia deixado a blusa com que veio, pegou no bolso lateral um pequeno embrulho, com um laço delicado, no formato de uma pequena caixa, voltou para a mesa e continuou:

...gostaria de, neste momento, pedir de todo coração e alma, a benção de vocês para o meu pedido para a Di..

Virou-se para mim, olhando-me diretamente nos olhos, estendeu a mão me entregando a caixinha e disse:

Di, das coisas que acontecerão em minha eu nada sei. Daquilo que vou ganhar ou vou perder a cada dia, eu nada sei. Do que vou construir ou destruir, conquistar ou perder, eu nada sei. Mas a única coisa que sei, sem a menor sombra de dúvidas é que eu te amo com profundidade e ardor, que não sei mais viver sem você, que não tenho a menor condição de planejar o futuro sem que você esteja nele. Di, eu quero que você seja minha esposa, quero que se case comigo, quero que você seja a única mulher em toda a minha vida, já que já é a mais importante. Eu gostaria que você aceitasse este anel, simples mas escolhido com o coração e que com ele, você aceite ser minha esposa.

Silêncio... todos olhando um para o outro. Meu pai olhando pra ele, minha mãe chorando e eu ali, pasma, estática, estupefata, atordoada, a cabeça dando voltas. Olhei para o Peter e ele ali ansioso, esperando uma reação minha. Lentamente abri a o embrulho, abri a caixa e vi um solitário ao lado de duas alianças de ouro.

Eram dois conjuntos de joias. O solitário, lindo, mostrava um brilhante encravado em uma armação de ouro branco ou platina, não pude definir na hora. As alianças, mais tradicionais, tinham encravados nove pequenos brilhantes e dentro uma inscrição — "Te amo, espanhola". Eu olhei para o Peter, senti que estavam rolando lágrimas dos meus olhos e o beijei terna e delicadamente.

- E então? Perguntou-me ele.

- Eu quero estar ao teu lado para que você jamais perca nada do que conquistar, que não destrua nada do que construir. Quero que você seja meu marido, quer ser sua esposa.

Minha mãe começou a bater palmas e meu pai acompanhou. Meu pai levantou-se e foi dar um forte abraço em Peter, dizendo:

- Meu filho, seja bem-vindo a esta família. Eu os abençoo para toda a eternidade. Que o amor de vocês ultrapasse o limite da vida e que vocês sejam apenas uma alma no que há de vir depois deste mundo.

Minha mãe já tinha corrido para mim, me abraçado e chorado comigo.

- Parabéns, minha filha. Quando você for mãe, descobrirá por que é tão importante para uma mãe que seus filhos encontrem pessoas dignas e maravilhosas como o Peter, na vida. Com ele, eu saberei que você estará bem e segura. E fique tranquila. Se você tiver que acompanhá-

lo para longe daqui, irá com meu amor e minha bênção. Esta cidade é pequena para o talento e o destino de vocês. Vivam e sejam felizes.

Dizendo isso, foi ao Peter e disse:

- Eu te abençoo, meu filho. Sejam muito felizes. O Pedro então retomou a caixinha de joias de minha mão, pegou o solitário e o colocou em meu dedo anelar da mão direita, dizendo:

- Di, este anel é um solitário. É pra você sempre lembrar que você é a única mulher que terei em toda minha vida. O brilho dele é o brilho que você traz em minha vida. Eu sou a armação que sustentará tua beleza e tua luz. Seja sempre minha única mulher;

Eu estava sem fôlego, mãos tremendo. Ele pegou a aliança de ouro, colocou no mesmo dedo e disse:

- Di, são nove brilhantes deitados numa estrada de ouro. São nove promessas que te faço: amor eterno, fidelidade, cumplicidade, dedicação, companheirismo, respeito, honestidade, compreensão e tolerância. Essas serão as colunas que sustentarão a nossa vida.

Eu nem sabia o que fazer. Estava ali olhando pra ele totalmente enlevada. Queria estar em Xanadu, em Shan-gri-lá ou em qualquer lugar onde o tempo não passasse, onde a eternidade fosse uma realidade. Eu queria aquele momento para sempre. Estava parada ali olhando para ele e sentindo cada palavra que ele disse. O nove nos acompanhando. Nove promessas, nove músicas. E lembrando agora, cada música tinha a ver com cada promessa que ele fez. Eu estava extasiada com a maneira que ele fazia as coisas. Lindo, mágico e maravilhoso.

Minha mãe me deu um cutucão e disse:

- Filha, põe a aliança na mão dele.

Eu voltei para a realidade, dei uma risada nervosa, misturada com lágrimas, olhei para minha mão, vi os dois anéis, pequei a aliança e comecei a colocar no dedo dele, e disse:

- Eu só te faço uma promessa. Você será o homem mais feliz do mundo.

-Te amo, espanhola - ele respondeu.

- Te amo, trovador - foi o que eu consegui dizer.

Dito isso, o Peter beijou-me os lábios, me abraçou por uns dois minutos, mais ou menos, daí sorriu aquele sorriso que só ele tem, pegou a garrafa, abriu o Frascati, serviu as taças enquanto mamãe corria à cozinha e pegava na geladeira, uma sobra de uma torta de limão que ela havia feito há dois dias. Colocou um pedacinho em cada prato, inclusive o da Dona Violeta (como chamávamos a flor que ganhei do Meirinho) e brindamos àquele momento especial. O Peter colocou água na taça de D. Violeta e carinhosamente, na hora do brinde, despejou a água na terra do vaso e um pouco sobre ela própria, dizendo pra ela: -Tim Tim!

Ficamos conversando até bem tarde e papai disse ao Peter para dormir ali, porque a chuva tinha aumentado e com certeza muitas das ruas de Balneário estariam alagadas, dificultando a travessia, mesmo próxima, até a casa dele. Ele ficou meio sem jeito, principalmente porque não havia trazido nada. Mamãe então disse que tinha escovas de dentes na embalagem, sempre à disposição para as amigas que eu trazia de vez em quando e que o papai tinha algumas camisetas pólo quase sem uso e meias novas na embalagem. O quarto de empregada, que nunca foi usado por uma, mas que estava preparado para hóspedes, dava a ele privacidade pois o banheiro da lavanderia, ao lado do quarto, poderia ser utilizado plenamente, já que estava completo. Bastaria fechar a porta que separava a cozinha das dependências de empregada e da lavanderia. Dali por diante, mamãe arrumou o quarto de outra maneira e durante muito tempo, aquele passou a ser o quarto do Peter, onde ele deixou guardados, para "emergências" que criávamos todo final de semana, roupas, calçados, agasalhos, cuecas, meias, perfumes, desodorantes, cremes, etc. e etc. e etc.

O Peter então aceitou ficar naquela noite. Minha mãe foi dar os retoques no quatinho, colocar toalhas limpas no banheiro, verificar se tudo estava em ordem e enquanto isso sentamo-nos na sala já que meus pais nos deram uma folga para conversarmos a sós. - De onde você tirou isso? Por que não me falou nada? Que surpresa linda, mas você poderia ter dito algo. E se eu não aceitasse? E se eu tivesse outros planos, se achasse que ainda era muito nova ou sei lá o quê? Por que você correu esse risco? E se meu pai ou minha mãe fizessem um discurso contrário? Que loucura?

- Que amor verdadeiro não está repleto de loucura? E de mais a mais,

se eu não acreditasse no que eu sinto, não teria dado passo nenhum adiante. E se você foi plenamente sincera esse tempo todo, eu não teria por que temer. Não foi loucura. Se você tivesse dito não hoje, eu não perguntaria o motivo. Simplesmente perguntaria quando você estaria pronta para mim. E esperaria. Amor de verdade não morre. É paciente e persistente. Eu acredito no que sentimos. E depois você é inteligente o suficiente para não me deixar à toa, por aí.

- E por acaso já está nos seus planos a data do nosso, digamos, enlace matrimonial? Perguntei meio divertida, cutucando o peito dele com o dedo que tinha os anéis, mais para mostrá-los do que por outro motivo.

- Eu gostaria que fosse no teu aniversário. Eu já pesquisei tudo o que aconteceu de importante no dia 18 de setembro. O evento mais importante foi o teu nascimento. Mas, outras coisas aconteceram no mundo. Essa data é muito expressiva.

- O que, por exemplo, aconteceu nessa data? Perguntei curiosa.

- Por exemplo, foi o dia em que George Washington assentou a pedra fundamental do Capitólio — e uma grande nação nasceu dali; O Chile declarou sua independência — e mais uma república livre nasceu; o Brasil passou a ter uma bandeira oficial - e nos emocionamos quando a vemos e cantamos para ela; foi inaugurada no Brasil a primeira emissora de TV — a TV Tupi de São Paulo — e as telenovelas começaram sua saga; nasceram, o Imperador romano Trajano, Foucault, Greta Garbo; é dia nacional da televisão e dos símbolos nacionais. Viu? Só coisa importante. Por isso é um bom dia. Um grande dia.

E, será no meu aniversário, mas de que ano estamos falando?

- Boa pergunta. Eu imaginei que depois da tua formatura seria um bom tempo. O curso terminará em breve, no meio do ano que vem. Será uma dupla comemoração. Tua formatura e o casamento. Também teremos tempo para comprar um apartamentozinho bem aconchegante e gostoso pra gente, mobiliar do nosso gosto e começar a vida na boa. Devolvo o apartamento pra minha mãe e vamos fazer nossa vida independente. Eu economizei e guardei alguma coisa durante esse tempo todo. Acho que consigo pagar mais da metade do apartamento como entrada. O resto financiamos direto com a construtora.

- Desde que eu nasci — falei entusiasmada — meu pai põe todos os meses, um pouquinho numa poupança que tenho. Lá deve ter perto

de R\$ 90 mil, porque nos meus aniversários, o vovô e a vovó fazem um depósito lá. E meu irmão, quando eu entrei pra faculdade – ele estava aqui com minha cunhada – deu-me um presente de dois mil dólares. Eu os tenho guardados aqui.

– Do jeito que as coisas estão, compraremos e mobiliaremos à vista. E não terei que vender o carro.

– Sobre o carro... eu tenho habilitação, mas estou sem carro. Papai tem medo de comprar um pra mim. O vovô quer me dar um de presente de formatura. Situação de dois carros resolvida. Parece que só temos a agradecer a Deus por tudo isso. Quanta Graça e quanta Misericórdia. Encontramo-nos num momento especial, ou por um momento especial. E todas as coisas estão perfeitas. Tenho até medo de pensar nisso. Olhando para o lado e vendo o mundo ai fora, tenho até medo de ter tanto aqui em nosso mundinho.

– Não pense nisso. Temos o que merecemos, estamos onde decidimos estar e vivemos o que nos preparamos para viver. Tudo faz parte de um grande movimento do mundo espiritual para nossa evolução.

– Isso parece meio espírita, das crenças de reencarnação e essas coisas.

– Pois é isso mesmo, Di. É a crença das sucessivas vidas para o resgate de nossos erros passados e as sucessivas chances que o Pai Celestial nos dá para evoluirmos em direção à perfeição, até que sejamos recebidos no seio da eternidade, vivendo onde queremos, onde escolhemos estar. E você em minha vida, é como expressou Chico Xavier num poema que psicografou do espírito Emanuel;

Alma gêmea de minha alma Flor de luz de minha vida

Sublime estrela caída Das belezas da amplidão.

Quando eu errava no mundo... Triste e só, no meu caminho,

Chegaste, devagarinho, E encheste-me o coração.

Vinhas na benção das flores Da divina claridade,

Tecer-me a felicidade Em sorrisos de esplendor !!!!

És meu tesouro infinito. Juro-te eterna aliança

Porque sou tua esperança, Como és todo meu amor !!

Alma gêmea de minha alma Se eu te perder algum dia...

Serei tua eterna agonia, Da saudade nos seus véus...

Se um dia me abandonares Luz terna dos meus amores,

Hei de esperar-te, entre as flores Da claridade dos céus.

- Que bonito, Peter. Que coisa sensível. Tenho ouvido muita gente falar mal do espiritismo, mas nunca vi nenhum espírita falar mal dos outros credos. O que há de especial no espiritismo?

- A diferença básica entre todos é que cada um se julga o caminho certo, o único caminho, a única alternativa, a única forma, o único meio. O kardecismo, que é como se chamam os espíritas seguidores de Alan Kardec, pratica o que ensina. Ensina a tolerância, ensina a compreensão, ensina o perdão, ensina o amor incondicional, ensina a caridade pura, sem a qual não há amor. O espiritismo em todas as suas mensagens sempre demonstra o papel do homem na reconstrução da sociedade, através do trabalho dedicado e contínuo, do benefício ao próximo através da doação pessoal, da palavra de alento, da luz que vem, gratuitamente do céu. O espiritismo se alimenta da presença de Deus, e comunga com Jesus, nosso Mestre e Salvador, através do trabalho incessante das hostes dos mensageiros espirituais, dos mentores iluminados, das correntes que praticam e atuam no bem em toda a esfera vibratória deste Planeta.

Eu sempre tive curiosidade de conhecer a filosofia e a doutrina espírita. Sempre me pareceu menos excludente que as demais, sempre me pareceu a que mais permite que a vontade de Deus se expresse, quando nós é que temos que mostrar o quanto O amamos, através de atitudes decentes, coerentes e dentro das premissas Dele. É triste ver o que vemos em muitos lugares aí, onde as pessoas olham de cima ou de soslaio para outros, simplesmente porque não estão nas mesmas Igrejas não têm os mesmos padres, não têm o mesmo pastor.

- É, infelizmente vemos os católicos combatendo os evangélicos, os muçulmanos combatendo os católicos, os evangélicos combatendo todo mundo, o judaísmo recluso em si mesmo. Vemos todos combatendo o que não alcançam nem entendem. Deus é Deus e único Senhor e Criador do Universo, em todas as religiões, não importa o nome que tenha, ou o livro que O revela. Jesus Cristo é o Nosso Senhor, o Nosso Salvador, o Nosso Mestre, o filho perfeito do Pai Celestial em

todas as religiões cristãs. Não há o porquê de tanta disputa pelo lugar privilegiado de ser o certo. Jesus nos disse que a casa do Pai tem muitas moradas. Isso tem diversas significações teológicas, mas com certeza também indica que onde houver DOIS OU MAIS FALANDO EM NOME DO SENHOR, LÁ ELE ESTARÁ PRESENTE e então ali será uma casa do pai. Mas deixemos essa discussão de lado. Qualquer dia desse eu te levo para assistir uma palestra de um dos nossos preletores.

- Nossos preletores? Você nunca disse que era kardecista. Você vai comigo todo domingo à Igreja. Por que você não me contou?

- Porque tudo tem o seu momento certo. Eu vou à Igreja todo domingo, como poderia ir todo dia a um templo evangélico, a um templo budista, ou coisa parecida. Sabe por quê? Porque todos esses lugares são a casa de Deus. Em todos, Jesus está presente. E em todos esses lugares, meu coração continuará limpo e cristalino, puro, isento de maldade e más intenções. Por isso sou aceito por Ele em todas as suas moradas. Porque eu sou Seu filho amado em todas as circunstâncias. Se eu estiver numa sinagoga, Deus estará presente e me reconhecerá. Se eu estiver numa mesquita, Deus estará presente e me reconhecerá. Porque eu jamais reneguei seu nome, jamais deixei de amá-Lo, jamais deixei de seguir os ensinamentos que recebi, principalmente aqueles em que Jesus nos dá a consciência de que, não importa de onde venhamos ou do que façamos, somos todos irmãos e como tal devemos nos tratar. Ele nos ensinou que devemos amar nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem, para sermos filhos do Pai Celeste.

- Tudo o que você fala tem muita lógica. Eu acho que tem que ser assim mesmo, deve ter essa dinâmica, senão, não teríamos um rumo voltado totalmente para o bem e para a igualdade se, na crença que temos e na religião que praticamos, já fazemos errado.

- Existem muitas contradições. Por exemplo, a única oração que Jesus nos ensinou, a única que Ele disse que devemos orar, quando quisermos falar com o Pai, que é o Pai Nosso, nunca é orado ou dito nas Igrejas Evangélicas. Sabe por quê? Só porque ela é uma tradição católica. Quem tem o direito de excluir a palavra de Jesus, expressa na Bíblia, no novo testamento, que é a palavra dos evangelistas, só porque não quer validar uma prática de outra corrente e ao mesmo tempo se valer do que Ele disse quando pregam o evangelho. Isso não seria uma censura ao próprio Jesus? Imagine que na maioria

das novas igrejas, dessas que pululam a torto e a direito por ai, eles pedem a proteção de Deus contra os espíritos malignos, das trevas e não aceitam que Deus tenha um exército de espíritos benignos, da luz para auxiliá-lo. Então devem imaginar que o demônio tem milhões de asseclas prontos a absorver a alma dos incautos e não acreditam que Deus, que tudo criou não tenha também uma legião de seres de luz, campeando em defesa de seus filhos? O problema da condução dos assuntos religiosos está na mente dos homens e não na essência de Deus. Mas, deixemos isso pra outra hora.

- Não, não vamos deixar não, eu quero saber um pouco mais. Então, como ora um espírita?

Ele deu uma sonora gargalhada.

- Di, como qualquer um que queira realmente conversar com Deus. Como qualquer um que precise mesmo se sentir próximo de Jesus e trilhar os Seus caminhos. Vou te dar um exemplo, com uma oração que o Chico deixou:

Senhor, no silêncio desta prece, venho pedir-te a paz, a sabedoria e a força. Quero sempre olhar o mundo com os olhos cheios de amor. Quero ser paciente, compreensivo e prudente. Quero ver além das aparências, teus filhos, como tu mesmo os vê. E assim, Senhor, ver somente o bem em cada um deles. Guarde a minha língua de todas as maldades, só de bênçãos encham minha alma. Que eu seja tão bom e alegre, que todos aqueles que se aproximarem de mim sintam a Tua presença. Reveste-me, Senhor, de tua beleza. E que no decurso deste dia eu te revele a todos. Assim seja.

- Uma das mais belas páginas do espiritismo é a Prece de Cáritas, continuo o Peter, totalmente enlevado:

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dê a força àquele que passa pela provação, dê a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade! Deus dê ao viajante a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai, dê ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai! Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que não vos conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte, a paz, a esperança,

a fé. Deus! Um raio, uma faísca do Vosso Amor pode abrasar a Terra; deixa-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor. Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh Poder!, oh Bondade!, oh Beleza!, oh Perfeição!, e queremos de alguma sorte merecera Vossa Divina Misericórdia. Deus dê-nos a força para ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dê-nos a caridade pura, dê-nos a fé e a razão; dê-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem. Assim Seja.

Assim que terminou, explicou-me mais alguma coisa.

- A prece, denominada De Cáritas, tem sido querida e contritamente orada por várias gerações de espíritas. CÁRITAS era um espírito que se comunicava através de uma das grandes médiuns de sua época - Mme. W. Krell - em um grupo de Bordeaux (França), sendo ela uma das maiores psicógrafas da História do Espiritismo. Na prosa, recebeu ela mensagens de O Espírito da Verdade, Dumas, Larcondaire, Lamennais, Pascal, e dos gregos Ésope e Fenelon. A prece de Cáritas foi psicografada na noite de Natal, 25 de dezembro, do ano de 1873, ditada pela suave Cáritas, de quem são, ainda, as comunicações: "Como servir a religião espiritual" e "A esmola espiritual". Todas as mensagens que Mme. W. Krell psicografava em transe, e, que chegaram até nós, encontram-se no livro *Rayonnements de la Vie Spirituelle*, publicado em maio de 1875 em Bordeaux, inclusive, o próprio texto em francês (como foi transmitido) da Prece de Cáritas.

- O texto da prece é lindíssimo. Vou cobrar de você um conhecimento maior sobre esse tema. Mas amanhã, teremos missa. Vamos, não é mesmo?

- Claro, meu amor. Ou você acha que porque descobriu que sou espírita eu não iria mais à missa? Eu estarei em qualquer lugar onde Deus esteja e seja adorado. Eu estarei em qualquer casa onde reinem os ensinamentos de Jesus. Amanhã, o Padre Heitor nos dará a mensagem da semana.

Foi difícil dormir naquela noite. O Peter revelou mais uma faceta dele. Quanto mais eu descobriria sobre esse homem fantástico? Mas, acordamos, tomamos um café delicioso que minha mãe tinha

preparado especialmente para nós e quase nem conseguimos sair para a missa: Acho que mamãe já estava na porta do mercado quando ele abriu. Tinha um monte de coisas deliciosas. Um café da manhã de hotel cinco estrelas. Ovos mexidos, queijo derretido com molho de tomate e temperos (uma especialidade dela), bolos, salgados, pão de queijo, suco de laranja, café, frutas, tudo. Ela estava radiante. Logo que cheguei à sala de jantar, onde estava posta a mesa, encontrei o Peter e ela conversando. Nunca vi minha mãe rir tanto. O Peter já tinha conquistado mais do que seu espaço. Tomamos o café e saímos para a Igreja Matriz.

A igreja estava lotada. Atrasamo-nos um pouco com aquele lauto banquete matinal e tivemos que assistir a missa em pé. Tudo correu como sempre e estávamos esperando o sermão, para podermos captar a mensagem que nos acostumamos a ouvir e interpretar. O Peter sempre diz que o sucesso da vida consiste em captar os sinais.

"Os verdadeiros milagres são de Deus, não pertencem ao homem. Um milagre é uma exibição do poder divino de maneira incomum e extraordinária. Jesus Cristo certa vez alimentou mais de cinco mil pessoas multiplicando cinco pães e dois peixes. Todos se maravilharam da Sua obra. Mas, todos os dias Deus alimenta milhões com os frutos da terra, e ninguém se maravilha. Por um processo abreviado, Cristo transformou água em vinho, e também nesse caso todos se maravilharam. Mas, diariamente Deus faz vinho de maneira usual, nos vinhedos, em quantidades quase ilimitadas, e ninguém se admira. O milagre divino, quando quer que seja operado, sempre é para curar, para salvar e chamar atenção para o poder divino. Os milagres de Cristo eram dessa natureza. Destinavam-se a chamar a atenção para o Seu ministério, e provar que Ele era o esperado Messias. A vinda de Cristo havia sido predita pelos profetas, séculos antes. Os milagres que Ele operou eram evidências da Sua divindade, e para ser acreditado como sendo o Enviado de Deus. Deus prometeu a vinda de Cristo ao mundo. Ele devia vir como Filho de Deus, com poder divino. Ao Jesus vir a esta terra, não veio para fundar uma religião, mas para cumprir as profecias do Antigo Testamento e as revelações já recebidas pelo povo de Deus. Os discípulos de Cristo, que testemunharam Seus milagres, não fizeram desses milagres a base de sua fé. Alguém poderá querer refutar esta afirmação citando João 2:23 "Muitos, vendo os sinais que fazia, creram no seu nome." Mas a Bíblia declara a seguir:

"Mas o mesmo Jesus não confiava neles porque a todos conhecia. . . ele bem sabia o que havia no homem". Versos 24-25 Em outras palavras: Ele recusava reconhecer tais discípulos. O verdadeiro discipulado baseia-se nas Escrituras Sagradas, e começa com o novo nascimento. "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus. "I Pedro 1:23 Era natural que a doença, a dor e a morte deixassem de existir na presença de Cristo, porque Ele é o Filho de Deus, o Príncipe da vida, "o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos pelo diabo." Atos 10:38 Foi por isso que Ele operou milagres. Alguns incrédulos falam como se o Senhor fizesse milagres para silenciar a descrença. Mas, a verdade é justamente o oposto. A Bíblia nos declara: "E não fez ali muitas maravilhas por causa da incredulidade deles." Mateus 13:58. Cristo enfrentou todo desafio chamando a atenção de Seus oponentes para as Escrituras Sagradas, nas quais estava predita a Sua vinda e a Sua obra. Os milagres não foram dados para provar os ensinamentos de Cristo, mas para acreditá-Lo como Ensinador da verdade. Os seus milagres eram da natureza que o povo de Israel devia esperar fossem operados pelo Messias. No seu sermão do Pentecostes, Pedro disse: "Varões Israelitas, escutai estas palavras: Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmo bem sabeis; vós matastes, crucificando-o" Atos 2:22 e 23 Os milagres eram para testemunhar da Sua divindade, da Sua qualidade de Messias. Em João 7:31 nos diz: "E muitos da multidão, creram nele, e diziam: Quando o Cristo vier, fará ainda mais sinais do que os que este tem feito?" Os milagres de Jesus não eram apenas maravilhas: Eles eram maravilhas de cura, de bênção, e de ajuda. Os homens que viram as Suas obras disseram: "Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os mudos". Marcos 7:37 e Mateus 4:23 assim relatam: "E percorria Jesus toda a Galileia ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo". Pelos seus milagres o Salvador procurava ensinar fé no poder de Deus, não só para sarar o corpo, mas também a alma. Certa vez, quando alguns de Seus críticos o condenaram por dizer a um paralisado: "Os teus pecados te são perdoados", Jesus lhes disse: "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra poder para perdoar pecados, - disse ao paralisado - a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama, e vai para tua casa." Lucas 5:24 O poder que perdoa pecados é o mesmo que pode

criar e curar. O efeito dos milagres do Senhor era atrair os homens para Deus. Podemos depender totalmente de Cristo. Ele cuidará de nós. Com segurança podemos confiar-nos a Ele para a vida presente e para a eternidade. Aos que confiam nEle, Jesus diz: "Eu sou a ressurreição e vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto viverá; e todo aquele que vive; e crê em mim, nunca morrerá." João 11:25 e 26. Os milagres de Cristo o identificaram como o Filho de Deus. E na manhã da ressurreição, a manhã do dia final, o Seu poder de operar milagres introduzir-nos-á no lar celestial. Creiamos em Cristo como o Filho de Deus. Como o nosso Salvador pessoal. O mesmo Cristo que operou milagres no passado, é o mesmo que pode operar milagres na sua e na minha vida. É só aceitar o convite de Cristo: "Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos que eu vos aliviarei". Mas, irmãos, só isto é o bastante? Temos que repensar nossas decisões a cada momento, rever nossas vidas, praticar o livre arbítrio com a consciência de que somos todos irmãos em Cristo e não podemos, em nenhuma situação, negar o direito à salvação a quem quer que seja. Deus faz o Sol brilhar e a chuva cair sobre todos sem distinção. E Nosso Senhor Jesus em Cristo, caminhou entre todos, dando a cada um a oportunidade de conhecer a Boa Nova e a Palavra. Ofereceu o novo Reino, o Reino dos Céus. Não fez os milagres para provar que falava a verdade, mas porque os sinais deveriam ser perpetuados na Terra. Perpetuados porque somos humanos e como tal, acabamos nos esquecendo da essência do sacrifício Dele e esses sinais nos reaproximam do equilíbrio e da ponderação. Como seres humanos, sempre corremos o perigo de assumir posições extremas. Este perigo ocorre também no âmbito religioso. Sempre quando estudamos a Lei de Deus, precisamos nos precaver de dois erros: 1º) tentar pelos próprios esforços agradar a Deus. Isto resulta numa grande falha que está no senso de justiça, onde julgamos obter salvação pelos nossos atos. 2º) é pensar que a fé em Jesus isenta da obediência. Este erro é tão prejudicial como o primeiro. Os apóstolos que, inspirados por Deus, escreveram vários livros da Bíblia, nos ajudam a compreender onde está o ponto de equilíbrio deste assunto. Vamos ler o que encontramos em Efésios 2:8 a 10 – Porque pela graça sois salvos mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura de Ele, criados em Cristo Jesus, para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” Se atentarmos bem para o texto,

poderemos ver que a primeira declaração é que somos salvos pela graça de Deus, e este dom não vem de nós. Isto coloca de imediato a verdade, que o ato de salvar a humanidade procede de Deus. A salvação, portanto, é uma dádiva de Deus para o homem. E foi Seu Filho quem nos premiou com a Graça. E Ele, repito, que já promoveu milagres no passado, pode continuar promovendo milagres diariamente em nossas vidas. Mas temos que perceber os sinais, não cometer os excessos e tentar, por entendimento estrito e pessoal, despejar todos os nossos esforços, tentando agradá-lo fazendo coisas que apenas imaginamos que Ele gostaria que fizéssemos. Tudo o que Deus quer que façamos, já nos disse nos textos sagrados através de homens inspirados pelo Espírito Santo e pelos sinais que Nosso Senhor Jesus Cristo nos deixou. A salvação não brota a partir do pela forma como "sente" que Deus se agradaria dele. Por mais que uma pessoa seja dada a fazer o bem, por mais que suas obras sejam excelentes, a salvação não vem de si mesma. A Salvação é um ato da graça de Deus. O que é a graça divina? E como esta graça atua em nossa vida? Graça é definida como favor, misericórdia, perdão. A graça é um atributo, uma característica divina exercida para com os seres humanos. Não a buscamos, porque ela nos foi dada por Deus. Foi-nos confirmada por Seu Filho e a nós não compete decidir ou definir quem tem direito a ela e quem não tem. Quem conhece os insondáveis mistérios da vontade Dele? Ao cair em pecado, o homem experimentou as amargas consequências da transgressão. Nessa condição, não havia nada que pudesse fazer para modificar a sua situação. Não fosse a intervenção divina, e a humanidade estaria condenada a uma miserável existência e por fim a morte, sem nenhuma esperança de vida verdadeira. Deus, sabendo que o homem por si só nada poderia fazer, já havia estabelecido um plano para a salvação, caso o pecado entrasse no mundo. Deus em sua misericórdia executou fielmente o seu plano, e Jesus veio até nós, pagou o preço que o pecado exigia: a morte. Com Sua vida santa e sem pecado, e com Sua morte em sacrifício, Jesus adquiriu o direito de salvar perfeitamente a todos quantos crerem no Seu nome. Tudo o que Deus poderia fazer para salvar a humanidade da condição de pecadores, Deus realizou. O sacrifício de Jesus foi perfeito e completo. Sua ressurreição, e ascensão confirmam e provam isto. Assim, o homem, não poderia fazer nada para se salvar, porque era impossível para ele, mas Deus providenciou de maneira maravilhosa. E esta maravilhosa graça Deus oferece a todos. É um

presente divino para humanidade. Somente um amor inexplicável é capaz de executar este plano maravilhoso e oferecer gratuitamente, sem que precisemos fazer absolutamente nada. Agora, nós que fomos criados com a capacidade de escolher o que queremos para nossa vida, poderemos ou não aceitar este precioso presente divino. Está em nós, aceitar ou não este sacrifício de amor. Afirmamos que receber a graça de Deus e a salvação em Cristo Jesus, sem acrescentar a isto qualquer coisa mais, é o único meio que a Bíblia apresenta, pelo qual devemos ser salvos . Agora que entendemos que somos salvos gratuitamente quero perguntar: O fato de termos sido agraciados com a salvação em Jesus, elimina ou isenta a vida de obediência? A segunda parte do texto lido no princípio esclarece a nossa pergunta. É-nos dito que, somos feitura de Jesus, criados para boas obras, preparadas por Deus para andarmos nelas. O fato de termos recebido a salvação em Cristo Jesus pela fé, não isenta de termos uma vida de obediência. Os mandamentos de Deus retratam o Seu plano de vida, a Sua vontade para o ser humano. Deus deseja que sigamos por esse caminho. Justamente é isso que o homem não consegue fazer separado de Jesus. Mas, quando a pessoa aceita a Sua graça salvadora, não só recebe o perdão dos pecados, mas recebe também poder para viver segundo a vontade do Senhor. Assim sendo, a vida de obediência não compra a salvação. A vida de obediência é uma consequência natural de alguém que está salvo em Jesus. Em São Mateus 7:20 a Palavra de Deus nos lembra: "Pelos seus frutos, os conhecereis". Uma boa árvore frutífera, bem enraizada, deverá produzir bons frutos. Só saberemos, no entanto, se assim é, no momento em que ela produzir. Com o cristão não é diferente. Sua fé se assemelha à raiz. Não pode ser vista. Mas quando a raiz do cristão está bem aprofundada e bem plantada em Jesus, os frutos surgirão. Os frutos de uma vida segundo a vontade de Deus, são os frutos da obediência. Uma vida sem Jesus é uma vida vazia. O problema não está na lei. O problema não está em Jesus. A dificuldade não está na obediência. O problema está quando alguns querem obedecer a lei por suas próprias forças, e pensam com isso estar agradando a Deus e tornando-se merecedores da salvação. Esses, invariavelmente acreditam que são os únicos detentores do caminho da salvação e escarnecem e sectarizam os que optaram pela fé e obediência de forma distinta. A salvação é um presente de Deus. E presente é de graça. Aqueles que aceitam este precioso presente, que é o perdão divino, passam a viver uma vida de conformidade com

a vontade do Senhor. Deus também dá poder para que se possa ter uma experiência vitoriosa. Quando isso acontece como resultado da presença de Jesus na vida, a obediência não é exercida para salvar. Mas como consequência, como resultado de um coração renovado, e salvo pela graça do Senhor Jesus Cristo. Um coração renovado é um coração capaz da tolerância, da caridade, do amor e do perdão. Quando nos tornarmos semelhantes a Jesus, nossa conduta refletirá o retrato do nosso relacionamento com o Salvador. E temos que agir como ele, que nos disse: "Se amarmos somente aqueles que nos amam, que recompensa teremos?" A obediência não se tornará um fardo, e sim alegria. O cristão sabe que os mandamentos de Deus não são pesados, e que, como um Pai amoroso, que só deseja o bem dos seus filhos, nosso Pai celestial jamais nos pediria algo que não fosse para nos tornar felizes. Que possamos refletir o amor de Cristo, e que nossa vida produza o suave perfume que emana de Jesus. Assim, amemos a Deus sobre todas as coisas e a seu único filho como nosso divino Salvador e ao próximo como Ele nos amou.

Peter e eu estávamos de mãos dadas e ouvimos cada palavra daquele sermão, que na verdade havia se dividido em duas partes. Sábias advertências a de Jesus, quando nos disse "ouçam os que tiverem ouvidos, vejam os que tiverem olhos". E o mais impressionante é que neste sermão, fomos alertados para ver os sinais, reconhecer a obediência e agir com fraternidade, compreensão e tolerância, coisas que, na noite anterior, discuti com o Peter. Todas as coisas que falamos estavam incluídas naquele sermão. Estavam implícita e explicitamente abordadas. A salvação é um presente de Deus. Não do homem. Nenhum homem na face da terra pode conceder a salvação. São nossas atitudes, nossos pensamentos, nossa obediência. É, enfim, o nosso coração.

Caminhamos até o carro, entramos e fomos pra casa, com um gostinho gostoso de paz e tranquilidade no coração. Quando colocamos pela milésima vez o nosso CD, eu olhei para o anel e a aliança, dei um sorriso para o Peter e pedi a minha canção, Imediatamente, a música número 9 foi selecionada — Felicidade. Fui ouvindo feliz a música até em casa.

ENFIM O TRABALHO

Na terça-feira que sucedeu ao meu noivado, Peter e eu fomos ao escritório do Sr. Meirinho para apresentar-lhe todo o esqueleto do trabalho e, através dos tópicos desenvolvidos, o cerne da apresentação. Ele nos recebeu com a habitual energia e alegria, colocou a caixa de bombons na mesa e mandou trazer sucos. Quando falamos ao que viemos, chamou a Thelma para participar e acompanhar todo o trabalho, colocando-a à nossa disposição para qualquer complementação ou material que precisássemos.

Com efeito, tínhamos uma enorme lista de fotos que gostaríamos de reproduzir no trabalho e uma série de dúvidas que tínhamos que aclarar sobre datas e pessoas. Ela pegou nossas anotações e com sua já reconhecida gentileza comprometeu-se a entregar em no máximo dois dias. A julgar pela sua capacidade, indiscutível capacidade, aquele material estaria à nossa disposição no dia seguinte.

Confesso que pela primeira vez em minha vida senti insegurança com relação ao Peter. A Thelma estava tão bonita, tão radiante e com tanta luz, que cheguei a sentir uma ponta de inveja. Eu aqui, uma menina e ela ali, dominando todo o ambiente, linda e maravilhosa. Seu rosto tinha uma impressionante marca de beleza e a roupa que vestia, dava-lhe um ar soberano. A forma como falava, como recebia as pessoas, como fazia as coisas. Que mulher impressionante. Fiquei insegura e senti ciúmes do Peter. Eu tenho certeza que ele olhou pra ela mais vezes do que era necessário. Mas ela é uma dama. Uma mulher de classe, altiva e serena. Nem de longe me passou pela cabeça qualquer coisa que não fosse ciúmes da maneira como o Peter olhou pra ela. E, depois, passado esse momento, como criticá-lo? Ela é mesmo linda.

Debatemos um pouco a estratégia de apresentação do trabalho, o conteúdo foi repassado, a construção cronológica e a forma da abordagem. Tudo acertado, passamos para o ponto de maior importância no trabalho:

- Tudo nasceu do prêmio O SEMEADOR. E nem falamos dele esse tempo todo. Acabamos viajando por sua vida, suas obras, suas histórias e deixamos essa importante parte fora do alcance de nossos encontros. Acho que está na hora de tratarmos disso para podermos justificara origem de tudo—disse o Peter de forma bem objetiva.

- Pois é meus jovens. O prêmio. O que vocês querem saber? Respondeu o Meirinho naquelas tradicionais tiradas que rebatem a bola e nos deixam sem saber por onde começar.

- Eu quero saber tudo. Preciso que o senhor me conte sua visão do prêmio — falei de impulso.

- Então está bem. Mocinha, um semeador é um sujeito importante na vida de um jardim, de uma plantação. É dele a responsabilidade de preparar a terra, arar, selecionar as sementes, depositá-las e cuidar. para que germinem e frutifiquem. Eu não sei se fiz isso, mas entendi, quando o recebi, que era por conta da minha trajetória como Prefeito de Balneário Camboriú. Quando lá cheguei, percebi que era por conta de minha vida dos vinte sete aos cinquenta anos. Então, ou eu não fui um semeador antes e depois desse período, ou foi só isso que eu fiz na vida. E essa dúvida me assaltava até que tu e essa sociedade do anel que foi criada, me deram uma nova perspectiva de minha vida. Esse trabalho que está sendo feito, mostrou pra mim e para a minha família, que as sementes que plantei germinaram sim, deram frutos e esses frutos acabaram por polinizar o solo e outras sementes produziram outros frutos, sementes essas que caíram das que plantei, ou as aves as levaram, ou o vento as carregou. Mas o importante é que coisas ainda acontecem ao redor e em decorrência de minha vida. E isso me faz feliz.

- Que coisas aconteceram que o fizeram pensar assim?

- Ah... muitas. Esse compromisso de vocês, essa demonstração de amor que nasceu da necessidade de contar a minha história, meus amigos que voltei a encontrar, aquele pinga-fogo na faculdade. Até minha esposa que tão e tanto sofreu nos anos de nossas lutas, hoje está contente de ver que, finalmente nossos sonhos puderam ser entendidos por muitas pessoas e nossa vida valeu a pena. Sobrinhos, sobrinhas meus parentes mais próximos, todos na expectativa de ver o trabalho, discutindo tudo, querendo auxiliar, participar. É uma homenagem que me emociona.

- O nosso trabalho vai focar tudo isso e será apresentado daqui a seis semanas. Gostaríamos que o Senhor estivesse presente, com a Dona Zenir, a Thelma, o André e o Diego. Seria bom se suas duas filhas também pudessem comparecer. Ah ... leve quem o senhor quiser. Eu farei uma apresentação especial e sua presença será um enorme diferencial porque, pelo que eu sei, ninguém conseguirá trazer o Ghandi, nem o Mandela, nem ninguém.

O Meirinho riu com vontade e a Thelma também. Ela que sempre é muito discreta e reservada, pareceu mais solta naquele dia. E riu um belíssimo sorriso.

- Eu queria tomar a liberdade de fotografar o Flamboyant ai da frente e o prêmio para compor a capa do meu trabalho. Também gostaria de poder colocar os

créditos no trabalho com todas as pessoas que colaboraram com o trabalho e finalmente, e não menos importante, convidá-lo e à dona Zenir para serem os padrinhos do nosso casamento.

O Sr. Meirinho levantou-se de um salto, um sorriso gostoso e fraterno, os braços abertos para nós e disse:

- Meus filhos, meus parabéns. Que honra para mim. Claro que aceito. Claro. E a Zenir vai gostar muito também. Vocês são meus convidados para um almoço lá em casa. A Zenir acabou de voltar de uma cirurgia que fez em São Paulo, no hospital Sírio-Libanês e minha filha quer porque quer que eu faça uma tainha especial pra elas.

Pegou o telefone, discou um número e conversou com a filha sobre o estado de saúde da esposa e ela avisou que o falou com o médico, que estava tudo bem, que ele havia confirmado e ela comprou todos os remédios. Contou que haviam sido convidados por nós para serem padrinhos de casamento, mas que ainda ia demorar um pouco. Falaram mais um pouco e ele avisou do almoço. Combinaram tudo e daí voltou a falar comigo.

- Ela foi à peixaria, comprou três tainhas e queria uma recheada, uma frita e uma assada na grelha com escama, mas que não se lembrou que era uma terça-feira e que eu iria para lá somente na sexta-feira, quando seria nosso almoço. Então ela pediu para eu ir mais cedo.

- A sua filha não está aqui com o senhor?

Ele respondeu que não, que por causa da operação, a mãe está em recuperação. Ela (a mãe) agora fica um período com uma filha, depois com outra, o que ela gosta, porque as filhas lhe tratam com muito carinho. Ela agora se encontra na Praia de Zimbros, que ela aprecia especialmente. Temos essa casa lá há mais de 40 anos.

- Até aí tudo bem — continuou ele — mas veja a senhorita, como tudo tem que correr em volta do velho pai. Ela diz que comprou três tainhas. Não foi uma, não, quer satisfazer seu paladar com três sabores, mas me está esperando para preparar.

- Ainda bem que foram três, já que o Senhor nos convidou, não é mesmo? Falou o Peter.

- É verdade. Está um corre-corre danado com essa situação. A filha mais velha foi com a mãe para São Paulo para acompanhar a cirurgia. Telefonava diariamente mandando depositar valores que o hospital pedia para uma coisa ou outra e ela estava inconformada com tanta despesa de hospital e disse para o pessoal do hospital: "Vocês vão curar minha mãe, mas vão matar o meu pai do coração". Olha minha filha, mandar um parente seu doente para São Paulo, só se você estiver muito bem de espírito ou de recursos pois é o mesmo que pedir para morrer pobre depois do tratamento.

- Já tinha ouvido falar nisso, um senhor amigo nosso teve que penhorar o seu apartamento, coitado! Falei.

- Só espero que isso não seja necessário com o senhor, pois, nessa idade e trabalhando como trabalha, também não seria justo - complementou o Peter.

- Não, não, minha filha, ninguém está preparado para depois de velho despende de tantos recursos. Nossos políticos deixaram que a Previdência Social ficasse nesse estado caótico. Eu contribuí mais de 30 anos com a Previdência Social e contribuo faz mais de seis anos para um plano de saúde, top de linha e na hora da maior necessidade tive que desembolsar valores que afetaram sensivelmente as nossas reservas.

- Graças a Deus o senhor está tirando isso de letra, não é verdade? Mas voltando ao assunto: o senhor é cozinheiro?

- Ora, ora, só não gosto de roupas sujas, não sei lavá-las, mas as demais coisas eu faço tudo. E eu lhe pergunto: quem não é cozinheiro? A senhora sabe esquentar água, não sabe?

- A minha mãe diz que é sei fazer muito bem muitas outras coisas também. E o Peter é um verdadeiro cheff de cuisine. Cozinha maravilhosamente.

- Aqui em Balneário Camboriú, quem tem algum recurso, não tem problema, pois em cada esquina tem algo para comer, mas nem todos os lugares são assim. Eu sempre me virei bem na cozinha, pois sabia que isso seria muito útil quando encontrasse a mulher dos meus sonhos - disse o Peter.

Saímos de lá com o almoço marcado. Na sexta-feira estaríamos na casa de praia em Zimbros para saborear as Tainhas. O Peter se comprometeu a levar duas garrafas de um delicioso vinho verde, que acompanha muito bem a Tainha no forno.

Chegamos em casa e já nos debruçamos sobre o trabalho. O Sr. Figueira já havia chegado e meu avô estava com ele. Passamos pra eles tudo que havíamos conversado com o Meirinho e como tínhamos combinado a apresentação.

- Então é hora do leão rugir. Di, eu darei pra você o meu melhor rugido. O mais forte e mais alto rugido da velha fera. Você assume o comando do teclado, que não é minha praia e eu vou ditando o conteúdo principal dos tópicos, de forma que você possa complementá-los com sua sensibilidade, sua vivência pessoal com ele e sua veia jornalística fará o resto. Eu te darei a experiência e te ensinarei pequenos truques. A tua habilidade fará o resto. Deixe nascer a estrela, deixe florescer a jornalista. Assuma o comando do teclado e vamos em frente.

- Antes de tudo tio, deixe-me perguntar uma coisa pro vô. Por que o senhor resolveu dar o prêmio para o Meirinho?

- Eu conheço o Meirinho há muito tempo. Estou no Rotary há quase cinquenta anos. Durante esses anos todos, nós os Rotarianos, contribuimos largamente com a comunidade e com a população de Camboriú e depois Balneário Camboriú. Acompanhamos passo a passo tudo o que acontecia. Da maneira que podíamos, minimizávamos o impacto negativo das ações dos opositores do Meirinho. Mas percebemos uma coisa — ele jamais desistia, jamais recuava. Às

vezes dava uma volta ou outra, mas jamais recuava. Uma ocasião eu disse a ele – Meirinho, deixa de ser teimoso. Deixa isso andar. Ele me respondeu com muito humor. "— Eu sou persistente. A teimosia é determinação sem propósito. Eu tenho bons propósitos".

O Sr. Figueira então tomou um aparte e falou pro vô:

– Você se lembra da história em que fizeram uma manobra lá para que os salários ficassem atrasados, só pra por fogo no pessoal e eles irem pra cima do Meirinho? Lembra o que ele fez?

– Não lembro exatamente. Não sei se isso realmente aconteceu ou é mais uma lenda urbana a respeito da vida dele. Só me lembro que falaram que estavam até com carro de som escondido esperando pra aparecer, não lembro como terminou. Aliás, nunca perguntei a ninguém se isso era verdade ou mentira.

– Acho que nem importa. O que vale aqui é o que dizem que ele fez. Eu te conto o que me contaram. Não posso afirmar nem que aconteceu nem que não aconteceu. Nessa época eu estava em Porto Alegre a trabalho, mas falaram mais ou menos o seguinte pra mim, no dia em que eu voltei pra cá. Você sabe que o Meirinho de bobo nunca teve nada. Ele foi gerente de banco, respeitado, e eles, aparentemente, subestimaram o homem. Criaram um problema sério com documentos no banco, e o tesoureiro da Prefeitura não conseguiu fazer a liberação dos recursos a tempo de programara folha de pagamento. A rádio peão já tinha soltado a noticia de que era culpa do Meirinho. Tava todo mundo em pânico e ele, no começo da tarde, chamou dois ou três assessores na sala dele, trancou a sala, ficaram um tempão fechados e de lá saíram quatro pessoas. O pessoal da oposição já estava juntando gente na lateral da antiga prefeitura quando veio a noticia de que, todo mundo que estava nas obras e nos setores internos, já havia recebido um envelope com o salário. Os secretários foram pessoalmente nos departamentos com os envelopes dentro de pastas que eles carregavam. Dizem, mas ninguém prova, que o pessoal lá de fora quase linchou a turma que havia montado a presepada. Acontece que no dia anterior, quando ele soube do problema, já ligou pras agências do banco que ele trabalhou em Itajaí, Blumenau e São Francisco e pediu empréstimos pessoais. Quando ele reuniu o pessoal e fechou a porta da sala dele, já tinha todo o dinheiro ali com ele. Antes de a confusão acontecer, o pagamento da turma saiu numa boa

e só os que estavam na armação e os agitadores é que não receberam naquele dia.

- Caramba, que rápido, que ligeiro que ele era — falei.

- Pois é. E o mais interessante é que só não recebeu quem estava na aglomeração que estava sendo formada. Ele não deu nem satisfação para esse pessoal, que teve que ir buscar o pagamento lá no Departamento Pessoal, só quando o Banco resolveu a pendência — que eles correram pra ajudar a acertar porque a batata deles assou — e assinarem recibo e justificarem por que não estavam no posto de trabalho. Havia uma porção de funcionários na porta esperando pra ver os colegas que quase deixaram todo mundo sem dinheiro.

- Será que isso aconteceu mesmo? Tenho que perguntar pra ele qualquer dia desses, completei meu pensamento.

- A Prefeitura naquele tempo, parecia time de futebol. O presidente pagava do bolso um monte de coisas e nem tudo ele conseguia receber de volta. O Meirinho pagou algumas parcelas do acordo que fez de uma patrão que já estava com busca e apreensão, financiou as primeiras compras de uniformes, pagou uma folha inteira de salários, emprestou dinheiro — que nunca mais viu — para funcionários com problemas sérios. Ele foi, sem exagero, um cara especial.

- Tio, o senhor acha que se meu trabalho vier a público, alguém pode contestar essas informações?

- Acho que sim, filha. Tem gente que até hoje não se conforma com o que ele fez. Tem gente que perdeu muita coisa — claro que quase que a totalidade de quem perdeu, nunca foi o proprietário legítimo ou os pouquíssimos que o eram foram devidamente indenizados. Acho que não perderão essa derradeira oportunidade de contestar, dizer que é um amontoado de mentiras, querer contar a história do jeito que inventaram lá atrás. É claro. Isso faz parte do caldo de cultura da humanidade. É o ranço que não se acaba. É aquela coisa que fica e que acompanha o indivíduo em outras vidas, vai pro além e ele não desgarrar disso. Não tenha dúvidas que você será contestada. Mas acho que não será de forma contundente.

Creio que plantarão uma coisa aqui e outra ali, pela imprensa ou por algum meio de comunicação, mas acho que você se incomodará ou pelo menos ficará entristecida.

- Mas o que eu farei, farei baseado no que está escrito em um monte de lugares, com depoimentos de pessoas que estiveram lá e fizeram parte de tudo. Além do mais, o próprio Meirinho nos deu muitas informações. O senhor acha que mesmo assim ainda discutirão meu trabalho? É que estou pensando em transformar isso num livro.

- Seria maravilhoso se um livro nascesse dessa história. Mas posso te dar um sugestão? Perguntou o Sr. Figueira.

- Claro, respondi.

- Faça um romance baseado na vida e obra dele, derivado dessa biografia que você está fazendo. Aproveite todo esse material histórico e real e construa um romance sobre tudo isso. Não saia da linha da verdade, mas aproveite para transmitir também os ensinamentos que você recebeu enquanto o fazia. Conte o que sentiu, dê aos seus personagens a marca dos sentimentos que demonstraram, das atitudes que tiveram, fale de tudo o que cercou esse trabalho. Só assim, ampliando o horizonte do frio documento histórico da vida e obra dele é que você poderá mostrar às pessoas tudo o que você fez e passou para obter esse maravilhoso trabalho.

- E quanto a ele, não tenha medo de falar a verdade. Fale do que ele fez e como ele fez.

- Por que o Meirinho colocava dinheiro dele mesmo, tirava de casa e da família para cumprir o compromisso, se todos os outros entram para tirar? A gente vê por aí os escândalos que os jornais, revistas, rádio e TVs mostram quase todos os dias. Prefeitos, vereadores, deputados, senadores, governadores envolvidos em desvio de verbas de merenda escolar, de ambulâncias e mais um monte de coisas - gente, um crime, tirar de crianças que dependem disso como única alimentação do dia muitas vezes — de remédios, destruindo a saúde pública, provocando mortes em estradas graças a obras superfaturadas de péssima qualidade, um absurdo. E ele vem e põe. Um exemplo a ser seguido. - Filha — disse meu avô — tem mais gente que faz isso que ele fez, no mundo político. Mas são poucos os que estão realmente preocupados com a qualidade de vida do povo. A ética e a honestidade, embora sejam obrigações morais não fazem parte dos atributos de muitos dos parlamentares que vemos por aí. Os poucos que possuímos são aqueles aos quais a Bíblia chama dos poucos trabalhadores que são recrutados para vencer a grande messe. Quanto ao crime contra

as crianças, o castigo será enorme, gigantesco. Jesus, quando aqui esteve, deixou claro que qualquer um que contra uma criança agir, melhor seria que lhe pendurassem uma grande pedra de moinho ao pescoço e fosse afogado no fundo do mar.

- Atitudes que nos levam ao benefício geral só nos trazem benefícios também. Você imagina que alguém que encontra uma situação complicada em algum lugar e pode contribuir com algo para solucionar o problema, deixando todos satisfeitos, quando vai embora, acaba levando algum benefício também. Malba Tahan, um escritor maravilhoso, no seu livro o Homem que Calculava, tem uma parábola interessante sobre a divisão da fortuna entre três irmãos. Se a gente transpuser isso para valores morais, quando colaboramos com outras pessoas, sempre lucraremos de forma natural, pela própria vitalização das virtudes.

- Que história é essa? Perguntei.

- O Homem que Calculava e seu amigo viajavam para Bagdá. No caminho, encontraram três homens que discutiam acaloradamente ao pé de um lote de camelos. Por entre pragas e impropérios gritavam possessos, furiosos:

- Não pode ser!

- Isto é um roubo!

- Não aceito!

O inteligente Beremiz, que era o homem que calculava, procurou informar-se do que se tratava.

- Somos irmãos — esclareceu o mais velho — e recebemos como herança esses 35 camelos. Segundo a vontade expressa de meu pai, devo receber a metade, o meu irmão Harned Namir uma terça parte, e, ao Harim, o mais moço, deve tocar apenas a nona parte. Não sabemos, porém, como dividir dessa forma 35 camelos, e, a cada partilha proposta segue-se a recusa dos outros dois, pois a metade de 35 é 17 e meio. Como fazer a partilha se a terça e a nona partes de 35 também não são exatas?

- É muito simples — atalhou o Homem que Calculava. — Encarregome de fazer com justiça essa divisão, se permitirem que eu junte aos 35 camelos da herança este belo animal que em boa hora aqui nos trouxe!

Neste ponto, o acompanhante dele resolveu intervir na questão:

- Não posso consentir em semelhante loucura! Como poderíamos concluir a viagem se ficarmos sem o camelo?

- Não te preocupes com o resultado, ó Bagdali! — replicou-lhe em voz baixa Beremiz — Sei muito bem o que estou fazendo. Cede-me o teu camelo e verás no fim a que conclusão quero chegar.

Tal foi o tom de segurança com que ele falou, que o amigo não teve dúvida em entregar-lhe o seu belo jamal, que imediatamente foi reunido aos 35 ali presentes, para serem repartidos pelos três herdeiros.

-Vou, meus amigos - disse ele, dirigindo-se aos três irmãos -, fazer a divisão justa e exata dos camelos que são agora, como veem, em número de 36. E, voltando-se para o mais velho dos irmãos, assim falou:

- Deverias receber meu amigo, a metade de 35, isto é, 17 e meio. Receberás a metade de 36, portanto, 18. Nada tens a reclamar, pois é claro que saíste lucrando com esta divisão. Ganhaste meio camelo a mais.

E, dirigindo-se ao segundo herdeiro, continuou:

- E tu, Hamed Namir, deverias receber um terço de 35, isto é 11 e pouco. Vais receber um terço de 36, isto é, 12. Não poderás protestar, pois tu também saíste com visível lucro na transação.

E disse por fim ao mais moço:

- E tu jovem Harim Namir, segundo a vontade de teu pai, deverias receber uma nona parte de 35, isto é, 3 e tanto. Vais receber uma nona parte de 36, isto é, receberás 4 camelos, mais do que tinhas antes e portanto, nada a reclamar, pois teu lucro também foi notável. Só tens a agradecer-me pelo resultado!

E concluiu com a maior segurança e serenidade:

- Pela vantajosa divisão que fiz entre os irmãos Namir— partilha em que todos três saíram lucrando — couberam 18 camelos ao primeiro, 12 ao segundo e 4 ao terceiro, o que dá um resultado (18+12+4) de 34 camelos. Dos 36 camelos, sobram, portanto, dois. Um pertence como sabem ao bagdáli, meu amigo e companheiro, outro toca por direito

a mim, por ter resolvido a contento de todos o complicado problema da herança, dando a cada um mais do que possuíam antes de minha intervenção!

- Sois inteligente, ó Estrangeiro! — exclamou o mais velho dos três irmãos. Aceitamos a vossa partilha na certeza de que foi feita com justiça e equidade!

E o astucioso Beremiz — o Homem que Calculava — tomou logo posse de um dos mais belos "jamales" do grupo e disse ao seu companheiro de viagem, entregando pela rédea o animal que lhe pertencia:

- Poderás agora, meu amigo, continuar a viagem no teu camelo manso e seguro! Tenho outro, especialmente para mim!

Quando o tio acabou de contar a história, o Peter estava visivelmente fazendo as contas de cabeça, para entender a matemática da questão. Já ia falar algo, quando o Sr. Figueira falou:

- Não perca seu tempo, Peter. O importante nessa questão é que o Homem que calculava parou, entendeu o problema, contribuiu, deu um pouco do que tinha, resolveu e foi embora deixando todos felizes, satisfeitos e ainda saiu lucrando com isso. O prêmio não foi só a recompensa pela felicidade que provocou nem o aparente lucro que tiveram os herdeiros. Nesse caso foi também o ganho de um camelo. No caso do Meirinho foram pessoas que foram calçadas, uniformizadas, alimentadas, crianças que melhoraram suas condições de vida, empresas que cresceram, geraram empregos, contribuíram com impostos, trouxeram divisas para o país, aumentaram o poder de circulação de moeda com as receitas que ficaram na cidade e, além de centenas de outras coisas, a inegável maravilha que nossa cidade se transformou, pelos muros derrubados, pelas avenidas e ruas abertas, pelas obras irregulares embargadas, pelas invasões revertidas, pelo saneamento básico melhorado, pela qualidade dos serviços públicos implementada. Ou seja, no caso dele, foi uma bonificação em Cascata.

- E pensar que ele poderia ter tirado muita vantagem disso e não o fez. Nunca o fez —disse o vovô.

- Isso também é uma grande verdade e tem que ser considerada com justiça. Já que estamos falando de Malba Tahan, eu acho que outra fábula dele cabe bem aqui, falando sobre a possibilidade que algumas pessoas têm de auferir ganhos pessoais, mas não se locupletam com

isso, abrindo mão dessa oportunidade, por conta do bem comum. A fábula que vou contar pra vocês, mostra que, assim como o personagem, o Meirinho não só contribuiu com grande parte de sua vida para o progresso, o desenvolvimento e a prosperidade de pessoas e da cidade, como também jamais se aproveitou disso em benefício próprio. Ouçam lá:

- Três dias depois do evento do encontro com os herdeiros dos camelos, aproximavam-se os dois amigos das ruínas de pequena aldeia denominada Sippar — quando encontraram caído na estrada, um pobre viajante, roto e ferido. Socorreram o infeliz e dele próprio ouviram o relato de sua aventura. Chamava-se Salém Nasair, e era um dos mais ricos mercadores de Bagdá. Ao regressar, poucos dias antes, de Báçora, com grande caravana pela estrada de el-Hilleh, fora atacado por uma chusma de nômades persas do deserto. A caravana foi saqueada e quase todos os seus componentes pereceram nas mãos dos beduínos. Ele — o chefe — conseguiu, milagrosamente escapar oculto na areia, entre os cadáveres dos seus escravos. E, ao concluir a narrativa de sua desgraça, perguntou com voz angustiada:

- Trazeis por acaso, ó muçulmanos, alguma coisa que se possa comer? Estou quase, quase a morrer de fome!

-Tenho, de resto, três pães— respondeu o companheiro do Homem que calculava. -Trago ainda cinco! — afirmou o próprio Homem que Calculava.

- Pois bem — sugeriu o sheik -, juntemos esses pães e façamos uma sociedade única. Quando chegar a Bagdá prometo pagar com 8 moedas de ouro o pão que comer!

Assim fizeram. No dia seguinte, ao cair da tarde, entraram na célebre cidade de Bagdá, a pérola do Oriente. Ao atravessarem a vistosa praça, deram de rosto com aparatoso cortejo. Na frente marchava em garboso alazão, o poderoso Ibrahim Maluf, um dos vizires. O Vizir ao avistar o sheik Salém Nasair chamou-o e, fazendo parar a sua poderosa guarda, perguntou-lhe:

- Que te aconteceu, ó meu amigo? Por que te vejo chegar a Bagdá, roto e maltrapilho, em companhia de dois homens que não conheço?

O desventurado sheik narrou, minuciosamente, ao poderoso ministro, tudo o que lhe ocorrera em caminho, fazendo os maiores elogios aos seus companheiros de viagem.

- Paga sem perda de tempo a esses dois forasteiros— ordenou-lhe o grão-vizir.

E, tirando de sua bolsa 8 moedas de ouro, entregou-as a Salém Nasair, acrescentando:

- Quero levar-te agora mesmo ao palácio, pois, o Comendador dos Crentes deseja com certeza ser informado da nova afronta que os bandidos e beduínos praticaram, matando nossos amigos e saqueando caravanas dentro de nossas fronteiras.

O rico Salém Nasair disse-nos, então:

- Vou deixar-vos, meus amigos. Antes, porém, desejo agradecer-vos o grande auxílio que ontem me prestastes. E para cumprira palavra dada, vou pagar já o pão que generosamente me destes!

E dirigindo-se ao Homem que Calculava disse-lhe:

-Vais receber pelos 5 pães, 5 moedas!

E voltando-se para o outro, ajuntou:

- E tu, ó bagdáli, pelos 3 pães, vais receber 3 moedas!

Com grande surpresa, o calculista objetou respeitoso:

- Perdão, ó sheik. A divisão, feita desse modo, pode ser muito simples, mas não é matematicamente certa! Se eu dei 5 pães devo receber 7 moedas; o meu companheiro bagdali, que deu 3 pães, deve receber apenas uma moeda.

- Pelo nome de Maomé! — interveio o vizir Ibrahim, interessado vivamente pelo caso. — Como justificar, ó estrangeiro, tão disparatada forma de pagar 8 pães com 8 moedas? Se contribuístes com 5 pães, por que exiges 7 moedas? Se o teu amigo contribuiu com 3 pães, por que afirmas que ele deve receber uma única moeda?

O Homem que Calculava aproximou-se do prestigioso ministro e assim falou:

- Vou provar-vos, ó Vizir, que a divisão das 8 moedas, pela forma por mim proposta, é matematicamente certa. Quando durante a viagem, tínhamos fome, eu tirava um pão da caixa em que estavam guardados e repartia-o em três pedaços, comendo cada um de nós, um desses pedaços. Se eu dei 5 pães, dei é claro, 15 pedaços; se o

meu companheiro deu 3 pães, pela mesma lógica, contribuiu com 9 pedaços. Houve, assim, um total de 24 pedaços, cabendo, portanto, 8 pedaços para cada um, pois todos fizeram as mesmas refeições com as mesmas porções. Dos 15 pedaços que dei, logicamente comi 8 e dei na realidade, 7 ao querido Salém Nazair; o meu companheiro da mesma forma, produziu 9 pedaços, e, comeu também sua parte, ou seja, 8 pedaços, dando apenas 1 ao nobre Salém. Os 7 pedaços que eu dei e o único que o bagdali forneceu ao grupo, formaram os 8 que couberam, como provado, ao sheik Salém Nasair. Logo, é justo que eu receba 7 moedas e o meu companheiro apenas uma. O grão-vizir, depois de fazer os maiores elogios ao Homem que Calculava, ordenou que lhe fossem entregues sete moedas, pois ao outro cabia, por direito e pela real contribuição, apenas uma. Era lógica, perfeita e irrespondível a demonstração apresentada pelo matemático.

- Esta divisão — retorquiu o calculista — de sete moedas para mim e uma para meu amigo, conforme provei, é matematicamente certa, mas não é perfeita aos olhos de Deus!

E tomando as moedas na mão dividiu-as em duas partes Iguais. Deu uma dessas partes (4 moedas) ao seu companheiro, guardando para si, as quatro restantes.

- Esse homem é extraordinário — declarou o vizir. — Não aceitou a divisão proposta de 8 moedas em duas parcelas de 5 e 3, em que era favorecido; demonstrou ter direito a 7 e que seu companheiro só devia receber uma moeda. E agora as reparto de forma igual entre ambos.

E acrescentou com entusiasmo:

- Mac Allah! Esse jovem além de parecer-me um sábio e habilíssimo nos cálculos e na Aritmética, é bom para o amigo e generoso para com o companheiro. Tomo-o hoje mesmo para meu secretário!

- Poderoso Vizir—tornou o Homem que Calculava -,vejo que acabais de fazer 32 vocábulos, com um total de 143 letras, o maior elogio que ouvi em minha vida, e eu, para agradecer- vos, sou forçado a empregar 64 palavras nas quais figuram nada menos que 286 letras. O dobro, precisamente! Que Alá vos abençoe e vos proteja!

Com tais palavras o Homem que Calculava deixou a todos maravilhados com sua argúcia e invejável talento. A sua capacidade de calculista ia ao extremo, ao contar as palavras e as letras de uma frase que acabara

de ouvir. Ficamos ali entretidos com a beleza e a profundidade da fábula contada pelo Sr. Figueira. Ele próprio contente pelo efeito que causara, prometendo naquele instante que na próxima vez que me encontrasse, me entregaria um exemplar do livro O Homem que Calculava, que ele guardava havia já muitos anos.

- Este trabalho está me dando a oportunidade de aprender muito. Ter vocês como mestres é impagável. Toda a minha vida será dedicada a amearhar o conhecimento que vocês adquiriram e torná-lo útil de alguma forma, como vocês estão fazendo comigo agora.

Essa frase do Peter trouxe-nos outra realidade, que ainda não havíamos percebido, apesar de ter sentido. A de que estávamos acumulando conhecimento. Muito conhecimento. E essa, com certeza é a maior das sementes que plantamos em nossa vida e esperamos vicejar.

Estávamos novamente falando em sementes. E falar em sementes é imaginar o Semeador. Assim sendo, mais uma benesse trazida pelo Meirinho às nossas vidas. A oportunidade de aprender. E aprender com a sabedoria dos tempos, a sabedoria de muitos lugares e de muitas pessoas;

- Peter, o conhecimento sem aplicação é nulo mesmo. Na vida, buscamos a verdadeira alquimia que é a transformação do chumbo do conhecimento no ouro da sabedoria. Havia um sábio que declarou que o caminho da sabedoria consiste em três passos fundamentais: ensinarmos tudo que sabemos; praticarmos tudo o que ensinamos e aprender tudo o que desconhecemos — sentenciou com absoluta propriedade meu avô.

- Eu gostaria de saber uma coisa, vô. Depois de tantas agruras, de tantas amarguras, de tanto sofrimento, tanto combate, tanta luta, será que o Meirinho não se tornou alguém machucado e rancoroso? Será que ele próprio não guarda mágoas contra essas pessoas, quando vê a beleza que nossa cidade se tornou?

- Difícil saber. Nesses anos todos eu não o vi falar sobre isso. Ele conta suas histórias, atendo-se aos fatos, ao que efetivamente aconteceu. Eu vejo que ele leva bem na esportiva e se diverte em lembrar quantos planos ele frustrou. Ele não tem inimigos, eu imagino, pois hoje todos veem a cidade que existe, as vantagens e os benefícios que decorreram das atitudes que tomou e principalmente de quantos

ganharam verdadeira e honestamente com isso. Se o estado de coisas que existia na época do Meirinho continuasse como estava, hoje não teríamos uma diversidade tão grande no campo imobiliário e hoteleiro. Muito provavelmente, seríamos uma cidadezinha litorânea, com uma praiazinha sem atrativos, invadida por construções, sem uma orla bem delineada e produzida como a Av. Atlântica que temos. Ou, se tivéssemos evoluído nesse sentido, para estarmos perto do que somos hoje, o custo das desapropriações e das obras urbanísticas e principalmente as de correções seria astronômico. Mesmo assim, graças a ele, podemos dizer que hoje possuímos imóveis valorizados na casa dos milhões de reais, como justa medida do valor real do metro quadrado da nossa cidade, que é uma das mais belas do mundo. Hoje, paga-se aqui em nossa cidade, o preço de viver em uma cidade bem estruturada, bonita, cheia de recursos e opções, atrativa do ponto de vista econômico e social. E tudo isso começou com ele, mesmo contra algumas pessoas que hoje, estão muito melhores do que estariam se tivessem concluído seus planos de combate ao pioneirismo, à visão e ao idealismo do Meirinho. Creio ser muito difícil crer que ele tenha inimigos hoje. Se a gente lembrar da história dos camelos, o Meirinho aumentou e muito a parte na herança desta cidade àqueles que um dia o combateram.

- Então, vamos terminar esse trabalho— propus finalmente.

CAPÍTULO XIX

O CHÁ DO FIGUEIRA

Cumprindo sua promessa, o Figueira nos convidou para o chá especial em sua casa. Realmente ele havia acertado em cheio na escolha de Dona Veridiana como sua governanta e amiga. O apartamento estava um primor, a disposição dos móveis havia mudado, havia flores no ambiente que aliás, estava perfumado. A mesa posta para o nosso chá concorria fortemente com a de mamãe e vovó, tal o esmero com que foi montada. Diferentemente de nossa casa, onde as coisas eram postas à mesa, ali, D. Veridiana montou-a apenas com o serviço, cujas porcelanas, cristais, talheres de prata e guardanapos de linho, foram dispostos de maneira harmoniosa e decorativa. Sobre ela ainda, os bules com chá, café e chocolate. Em um aparador colocado na parede lateral da mesa de jantar, encimado por um belíssimo quadro com a face de Jesus, estavam dispostos os salgados, os pães, os bolos, doces e diversos tipos de bolachas. No carrinho de chá que decorava a sala, colocado ao lado do aparador, estavam jarras de sucos, refrigerantes e dois tipos de licores. Maravilhoso.

Fomos recebidos pelo Sr. Figueira à porta e fomos chegando aos poucos. Primeiro Peter, papai, mamãe e eu. Cerca de cinco minutos depois, vovô e vovô e logo em seguida tio Isaque e o Ivens. Foi um momento delicioso, todo mundo falando com todo mundo, todos falando ao mesmo tempo. Depois de uns dez minutos assim, onde o assunto era o trabalho, vovó sugeriu que nos sentássemos à mesa, a fim de que todos pudessem participar de toda a conversa.

O Sr. Figueira pediu que aguardássemos um momento mais, pois estava esperando que uma pessoa chegasse. Uma surpresa para nós. Quisemos insistentemente saber de quem se tratava. Pensamos no Sr. Meirinho, mas ele negou veementemente que fosse ele. Ainda brincávamos com o assunto, com quem poderia ser que não soubéssemos — até vovô que sabia de tudo da vida do amigo se surpreendeu com aquilo — quando a campainha soou. Sr. Figueira

levantou-se e dirigindo-se à porta, já iniciou a apresentação enquanto a abria.

-Senhoras e Senhores, apresento a vocês, o Cabo Zé e o Tony Chiaro!

Abriu a porta e ante nossa mudez e estupefação, surgiram dois ultra simpáticos senhores, com um sorriso gigante e, o mais velho dando passagem ao mais novo, entraram na sala onde estávamos.

Vovô levantou-se de um salto e nós ficamos inertes. Então esses eram os famosos Cabo Zé e o Tony, os irmãos que fizeram parte da vida do Meirinho? Eu queria levantar imediatamente — e o fiz — para cumprimentá-los e enchê-los de perguntas. Eu que havia vivido recentemente a saga do Meirinho, olhei para o que achei ser o Cabo Zé e queria abraçá-lo, para agradecer sua intervenção e dar-lhe um beijo. Olhei para o Tony e ele era exatamente o que diziam. Um homem de verdade. Postura, olhar, gestual, tudo lembrava um daqueles importantes e poderosos homens do cinema americano. Se estivesse de uniforme, diria que seria o de um General. Não menos que isso.

Apresentando os dois irmãos a todos nós, o Figueira pediu que nos sentássemos e, quando todos estavam acomodados, tomou a palavra.

- Meus amigos, o trabalho que a Orquídea está fazendo é mais do que um simples relato histórico. É uma justa homenagem a um grande personagem. Mas isso já está batido. Então, eu pensei comigo: *Para ser completa essa homenagem, eu tenho que trazer esses dois pra cá.* E assim, liguei pro Zé, falei com ele e prontamente ele se dispôs a vir conversar conosco. Comprometeu-se a falar com o irmão e aqui estão.

Não pude deixar de me antecipar a todos e disparei a falar com eles sobre o trabalho, o que eu sabia deles e tudo mais. Foi muito engraçado, aqueles dois homens olhando pra gente, que ainda pouco ou quase nada haviam falado, ouvindo meus disparos (coisa que aliás todos já sabem que faço quando estou empolgada).

Quando tiveram a chance de falar, mostraram o quanto estavam contentes em estar ali, por causa do Meirinho. Falaram do tempo que conheciam o velho mestre, o quanto gostavam e respeitavam aquele ex-prefeito. Fomos conversando sobre uma porção de coisas, fui perguntando e eles respondendo, falamos sobre suas vidas, o que estavam fazendo agora e essas coisas todas.

Vovô e o Figueira mataram a saudade do passado, mais com o Cabo Zé do que com o Tony, mas, num determinado momento, o Peter perguntou ao cabo Zé o que houve mesmo naquela primeira noite da porta da casa do Meirinho, depois dele ter saído do quartel, juntamente ao Juiz e o Promotor.

O cabo Zé contou então que havia um cuidado muito grande do exército, naquele tempo, com a proteção de pessoas importantes e influentes, já que eram os alvos primários da guerrilha. O Serviço Reservado do Exército já havia interceptado comunicações dos grupos que estavam se infiltrando no país, contaminando uma boa parte de nossa juventude. Disse ele:

- Para nós era uma grande tristeza ver nossa mocidade, nossa juventude sendo iludida e enganada, para aderir a um sistema que os faria perder totalmente o direito individual. Saber que nossos meninos estavam sendo cooptados por uma campanha baseada na promessa em um mundo diferente, filosoficamente melhor, cheio de igualdades, onde o estado fosse o responsável pela garantia dessa tranquilidade, assumindo o papel de provedor e mantenedor de um estado de prosperidade que, nós sabíamos, jamais chegaria a ser realidade pois, uma vez no poder, essas organizações solapariam os direitos individuais e a liberdade como um todo, como aliás foi o que aconteceu em todos os lugares em que foi vitorioso esse movimento . E isso, definitivamente, foi provado em todos os lugares em que foi implantada. Literalmente todos. As forças armadas estavam mesmo muito preocupadas. Nós, lá no quartel recebemos informações reservadas sobre pessoas engajadas no movimento, que vieram para Santa Catarina implantar células e aparelhos destinados a praticar ações de guerrilha, de terrorismo e levando em seu bojo, sob a desculpa do "movimento", risco considerável a cidadãos brasileiros que jamais nem chegaram perto do campo político. Seus alvos preferenciais eram os empresários, os bancos e os diplomatas. Os empresários representavam o risco capitalista da iniciativa privada e do lucro. Os bancos eram o símbolo do capitalismo e isso então era uma ótima desculpa para justificar a transferência do dinheiro dos bancos para as mãos dos guerrilheiros que precisavam desse mesmo dinheiro que abominavam para financiar sua luta. Então, nosso comando dedicava especial atenção a esses alvos potenciais, no sentido de protegê-los e às suas famílias. Por isso, naquela noite, logo que saíram, o oficial

do turno, um tenente jovem e competente, "sentiu cheiro de confusão no ar" como ele mesmo disse e determinou que eu e minha patrulha déssemos cobertura, à distância, para o grupo que acabava de sair do quartel. Isso posto, entramos no Jeep, demos uma dianteira a eles e seguimos, faróis apagados, por aquele caminho, guiando-nos pelas luzes do carro do Meirinho. Vimos quando ele deixou os seus acompanhantes em suas casas e seguimos adiante. Logo que o Meirinho parou o carro para abrir o portão, um soldado desceu o carro e aproximou-se, escondido nas sombras. Nós tínhamos combinado um sinal. Ele deveria aguardar pelo menos cinco minutos para se retirar, depois que o Meirinho entrasse em casa em segurança. Caso contrário, se houvesse algum problema, ele deveria piscar a lanterna que tinha na mão, duas vezes. Assim que ele piscou a lanterna, demos partida no Jeep, acendemos os faróis e voamos pra lá. Chegamos no exato momento em que o pequeno grupo de arruaceiros chegava no Meirinho, com mais ênfase. Imobilizamos o pessoal e levamos para o Quartel.

- Eram só arruaceiros ou estavam nesse movimento? Perguntei.

- Isso não sei, porque foram recolhidos e interrogados longe da gente. Nem sei o que aconteceu, mas correu na caserna que eram efetivamente gente de fora de Santa Catarina, um deles constante da lista que tínhamos de líderes de uma célula paulista. Coisa boa não era, podem ter certeza.

O que vocês fizeram depois disso?

Logo em seguida, caiu Jango, as forças armadas entraram em prontidão e intensificamos o patrulhamento, principalmente por causa do porto. Ficamos em prontidão absoluta durante quase seis meses, recebendo relatórios de São Paulo, Rio, Minas e do Nordeste, onde o problema era maior. Pensávamos em nossos parentes, na segurança deles. Os quartéis cuidavam das pessoas públicas, do patrimônio público, da segurança da população e da nossa própria. Nossas ordens eram para detê-los e evitar confrontos armados. Estávamos pela lei e pela ordem. Mas lutávamos contra pessoas que não pensavam da mesma forma. Corríamos risco todos os dias. Os cabeças do movimento raramente apareciam, estavam sempre ocultos pelo manto da escuridão e das sombras. Enquanto nós tínhamos nomes, endereços e família, eles eram incógnitas. Eles usavam os jovens, os estudantes, como massa

de manobra. Nunca apareciam de forma transparente para defender o que acreditavam. Mesmo o mais empedernido revolucionário tem a consciência de que as sombras nunca guardam o que é bom. Basta ver a história da civilização. Quem acredita no que faz e pratica o que prega, está à frente, dando exemplos. Os covardes, os que precisam da ocultação para atuar, não podem estar com a verdade. A história provou.

- Sr. Tony, mas por que, então, tanto se fala sobre o "movimento", sobre a revolução, sobre a clandestinidade como se isso fosse um momento de heroísmo no país?

- Na verdade, Orquídea, é o romantismo que se aplica às questões onde a mídia pode atuar. O imaginário é um palco onde desfilam a fé e a crença de uma maneira geral. Temos que separar a filosofia da prática, o abstrato do concreto. A maioria das conquistas perenes e proveitosas da humanidade aconteceu com a paz e não com a guerra. Sempre devemos preferir a conquista pacífica àquela motivada pelo ódio, pelo rancor e pela morte e pela ambição do poder. Platão imaginou a sociedade perfeita, mas ela era isenta do poder e da ambição. Quanto tempo já se passou desde esse momento e ela ainda não chegou. Isso porque o ser humano ainda não atingiu o estágio da sabedoria. Os regimes totalitários ainda existentes no mundo, são resquícios do autoritarismo que supostamente era combatido por esse malfadado "movimento", têm modelos de gestão baseados na perenidade dos seus líderes, que não se desligam do poder. Precisam silenciara imprensa livre e séria, abolir os direitos individuais, sufocar o campo das oportunidades pessoais. Substituem a força dos argumentos pelo argumento da força. Veja, por exemplo, as oportunidades da atualidade. A democracia e a liberdade nunca estiveram tão atuantes. Não seria, por acaso, num palco desses, que essa filosofia do "movimento" encontraria um cenário propício para suas aspirações? Mas, lamentavelmente, o que vemos é quando esses "revolucionários" chegaram ao 356 poder em diversos lugares do mundo, inclusive no Brasil, explodiu uma extraordinária onda de opressão, de corrupção e de esbulho do patrimônio das nações.

- Ouvindo isso, engraçado lembrar que os meios de comunicação fazem com que a gente pense o contrário. Falou o Ivens. Até os livros de história contam os fatos de maneira a mostrar as forças armadas como vilões absolutos do período.

Nesse momento, quem falou novamente foi o Tony. Sua firmeza na fala e sua segurança de argumentos foi crucial pro nosso entendimento.

- Antes de tudo, é bom lembrar que o Exército assumiu o controle da nação POR CAUSA DESSE MOVIMENTO. Não foi o movimento que veio por conta dos militares. Se não fosse essa conturbação da ordem, o Jango teria completado seu mandato, outro presidente teria sido eleito e a vida correria normalmente. A própria renúncia do Jânio teve a ver com a aproximação desse movimento e sua recusa em utilizar as forças armadas para "*prevenção política*". Mesmo assim, quando da renúncia, o Brasil admitiu o Regime Parlamentarista e, sob a liderança do Tancredo Neves, uma nova página começou a ser escrita. Infelizmente, o movimento comunista recrudescia suas ações e o regime onde o parlamento estabeleceria a nova ordem acabou sucumbindo. O mesmo Tancredo Neves que anos mais tarde seria levado à presidência pelos mesmos elementos que o sabotaram, já naquele instante tentou traçar novos rumos de regência política ordenada e participativa. Então, mesmo antes dos militares assumirem, ainda houve duas governanças civis — a de Tancredo e a de Jango. Há alguns anos, tive o prazer de conhecer uma senhora, muito próxima da família Quadros, de nome Iza, que nos contou que o Dr. Jânio sofria pressões de um lado para autorizar uma ação contra esse movimento que vinha se ampliando nos subterrâneos da nação e de outro para politização e aparelhamento do estado. Como ele era literalmente contra a violência e entendia que devia aproveitar o melhor de cada extremo e, porque acreditava piamente que a população brasileira não seria tão estúpida a ponto de aceitar esse movimento que reprimia a individualidade, pensou em propor sua renúncia, por conta dessas "*forças ocultas que queriam desestabilizar o estado brasileiro*", imaginando que o povo iria às ruas pedir sua permanência e com isso, de forma pacífica e essencialmente política fortaleceria sua posição e sufocaria o movimento através de um cenário solidário e confiante no então presidente, além de pacificar, pelo menos momentaneamente, os ânimos das duas vertentes. Mas assim não foi e o Jango assumiu. Em todo o tempo, então, a preocupação sempre foi com a ordem. Daí, o "*movimento*" explodiu e começou a agir mais abertamente. Como toda ação exige reação, as forças armadas aumentaram a pressão. E daí, ele aumentaram a deles e os militares a sua. Foi só isso. Uma contenda filosófica que ganhou contornos físicos. Como o movimento

engajava mais poetas, escritores e menestréis que os militares, a história foi escrita pendendo para um dos lados. Quanto ao fato de a mídia de uma forma geral não espelhar a verdade, vale ressaltar que apenas estampavam a ação militar sem, no entanto, mostrar o outro lado dessa guerra.

- Mas tudo que se vê ou ouve por aí, mostra o contrário - disse minha avó.

- Quando o movimento se iniciou no Brasil, eles cuidaram para antes de ir às ruas, ter controle sobre canais de comunicação, jornais e etc. Apelaram para o romantismo da situação para criar um clima de grandes heróis brasileiros. O Brasil é um país que não tem história. A História que temos é pobre, não se parece com a França da tomada da Bastilha, não se parece com a Índia de Ghandi. Então precisávamos do pouco que tínhamos para insuflar uma juventude ávida de heroísmo e martirização por uma causa. Nossos jovens eram, infelizmente, heróis sem causa. Daí, as grandes confusões. O melhor exemplo a ser dado é que quando o exército lutava contra os comunistas, era contra comunistas e seus partizans e não contra a população civil. Quando os comunistas lutavam contra o exército, eles não atingiam só militares. Enquanto as bombas lançadas eram de efeito moral, as contrárias eram caseiras, com pólvora e pregos. Pregos... imagine você acreditar em pessoas que usam pregos para atacar seus próprios concidadãos. Mataram civis, gente como nós e tratavam isso como "dano colateral" e justificavam os atos dizendo que a "causa estava acima de tudo" e ainda diziam que "os inocentes serão tratados como mártires". Que sociedade justa precisa de mártires? Que causa vale mais que a vida humana? Assaltavam bancos e casas para financiar um regime que já provou ser podre e vazio. E até hoje uma parte da população, que aprendeu muito nas prisões brasileiras com os "presos políticos", descobriu como assaltar um banco, praticar sequestros, manter pessoas como reféns, roubar o dinheiro ali disponível e ainda serem tratados como heróis. Sequestravam pela causa e por isso era válido, porém quando algum de seus participantes era detido, aí sim era um crime contra a pessoa, contra a liberdade. Como vocês veem, as penas que escreveram essa parte da nossa história não disseram toda a verdade. Pelo menos o crime da omissão cometeram. A mais importante das verdades é que as forças armadas vieram às ruas por causa deles e não o contrário. O País era um de Juscelino a Jânio.

A partir daí, virou de cabeça pra baixo. O país era pacífico, ordeiro e tranquilo. Tinha seus problemas, mas implementava projetos, havia pensamento democrático. Os descontentes eram poucos. Os movimentos contrários eram apenas "marolas". Hoje, o Brasil é uma potência graças principalmente aos programas e projetos criados, desenvolvidos e implantados nos primeiros quinze anos depois da ditadura. Com erros e acertos, com tentativas e muito sacrifício, mas foram sendo ajustados e acertados. E vemos, no cenário mundial, que o formato defendido pelo "movimento" morreu em grande parte do planeta e onde ainda existe, continua sacrificando a população de forma desumana.

- O que está errado no comunismo? Qual o problema de deixar essas pessoas que gostam da submissão, do aprisionamento psicológico, que gostam de passar necessidades, de não terem direito a nada, viverem sua vida? Uma vez um amigo do meu filho que está na Europa disse que se um dia os países do mundo decidissem não acolher gente fugindo desses modelos políticos, eles fundariam uma republica no meio do oceano, aprenderiam a beber água salgada e comeriam peixes, mas não voltariam pra de onde fugiram - disse meu pai.

- O erro consiste na desobediência da máxima de que a necessidade de muitos deve superar o interesse de poucos. A grande maioria necessita de liberdade e de oportunidades, o que é veementemente negado nesses regimes. O que temos da antiga União Soviética? Nada. Um oco. E Cuba? O que existe em Cuba? Gente tentando fugir do regime em botes? Gente que prefere o risco da morte no oceano do que o tal regime da perfeição? Em Cuba ainda existe a "caderneta de suprimentos" e tudo é racionado. Dá pra dizer em sã consciência que queríamos isso para o Brasil? E agorinha mesmo, o governo cubano anuncia que vai demitir mais de quinhentos mil trabalhadores pois não consegue mais mantê-los. Onde está o estado de prosperidade tão prometido? A Coréia do Norte deve ser um bom exemplo para essas viúvas do regime. A China, por acaso não é o maior país capitalista do mundo? Por que se intitulam um país comunista? Porque quando se trata de economia, são selvagens capitalistas e promotores das maiores indústrias de falsificação de produtos de marca do mundo. Mas quando se trata das liberdades individuais, são comunistas. Quando se trata de direitos pessoais são bem comunistas. Bem comunistas. Porque a

única coisa em comum entre esses países é que mais de um bilhão de pessoas estão a serviço de umas poucas milhares, assim como era o Politburo, uma expressão de riqueza, fausto, corrupção, luxúria e privilégios muito maiores do que no tempo dos Czares, que foram depostos por viverem da mesma maneira que viveram, posteriormente, os líderes soviéticos. Então por que não terem mantido a monarquia e pacificamente instaurado um parlamento, como fizeram Japão, Bélgica, Inglaterra, Espanha, Suécia, Dinamarca, Noruega. Você sabia que até o Canadá é uma monarquia? Pois é. Os países do mundo que buscam melhores condições de vida e prosperidade para seus povos, optaram por mudanças de regime político, mas que preservassem todos os direitos humanos e que não esbarrassem no absolutismo.

- Então o militarismo no governo brasileiro foi mais uma consequência do que um ação direta?

- Não podemos pensar de forma tão simplória, mas é quase isso. Temos que lembrar que deixamos de ser monarquia e passamos a ser república por conta das forças armadas. Nossos primeiros presidentes foram militares. Mas sempre foi uma obrigação de quem mantém a ordem e a justiça, impedir que um hipossuficiente sucumba às manobras que o levariam à tristeza e à privação. Quando se trata de honra, ética e lisura, não há instituição no mundo que se compare aos valores respeitados pelas forças armadas brasileiras. Não é por acaso que as forças brasileiras que compõem o efetivo da ONU são consideradas as mais ordeiras e mais exemplares de todo o contingente. A que servem os batalhões do antigo bloco comunista? Para promover guerras étnicas. E os nossos batalhões? Promover a paz e a recuperação de países atingidos por catástrofes. A história dos militares brasileiros sempre esteve repleta de exemplos desse papel. E deve ser respeitada por isso.

- E não existe mesmo nenhum país desses que praticam ou praticaram o comunismo que deu certo, ou seja, que tenha cumprido seu compromisso de dar qualidade de vida ao povo, com crescimento e prosperidade? Perguntei, já que aparentemente os mais velhos sabiam a resposta.

- A senhorita sabe, por exemplo, quais são os 10 países mais prósperos do mundo? Então vou lhe dizer, o que a senhorita pode encontrar facilmente na internet e as fontes são os estudos da ONU e do Banco Mundial:

1º) Finlândia; 2º) Suíça; 3º) Suécia; 4º) Dinamarca; 5º) Noruega; 6º) Austrália; 7º) Canadá; 8º) Holanda; 9º) Estados Unidos e 10º) Nova Zelândia.

Casualmente, sete países que fizeram transição pacífica de modelo de governo, não mataram nem se tornaram absolutistas e mantiveram a imagem de seus reis e hoje são monarquias parlamentares e democráticas.

E não é por acaso que entre os 20 países mais corruptos do planeta, indicados pela organização novo mundo e pode ser conferido na internet, estão, além do Paraguai e de países africanos, a Ucrânia, a Geórgia, o Tadjiquistão, o Turcomenistão e o Azerbaijão. Sabem de onde vêm esses países? Sabem a que bloco pertenciam? São os que combateram o absolutismo dos outros e implantaram o seu próprio absolutismo e quando tudo acabou, aplicaram o exemplo que veio de cima.

O Ivens ainda contrapôs, timidamente, que temos que colocar as coisas dentro de um contexto histórico. Nesse momento, meu avô lembrou que o Meirinho havia dito que a corrupção está no DNA das pessoas.

- A Cidinha Campos disse isso - corrigiu minha avó.

- É, a Cidinha Campos. Mas mesmo com o contexto histórico, temos que visualizar a estrutura social da população para perceber os danos desse modelo de privilégio de poucos. Ponderou o Sr. Figueira.

- Veja então, dentre os 10 países cuja população mais encontra prosperidade e riqueza, nenhum tem características comunistas. E aqueles que mais praticam a corrupção vêm dessa ideologia. São desdobramentos dela, são derivativos dessa ordem de poder. O socialismo verdadeiro, se o senhor prefere amenizar a questão, não inclui as práticas de corrupção e venalidade que assistimos em nosso país e naqueles que ainda militam nessa hipócrita e ultrapassada ideologia política. A maioria desses 10 países não tem nem 10% das condições que temos aqui no Brasil para serem prósperos e o são. Mas eles conseguiram sim, pois a população conhece os aproveitadores de longe e já os baniram de seus meios políticos e os que ali pregam o socialismo, o fazem com espírito realmente voltado para o bem comum. Isso um dia vai acontecer conosco também. Tenho fé nisso.

Os homens públicos desses países, sentem vergonha de errar, de ferir a dignidade dos que os elegeram. Quem sabe quando eliminarmos a podridão do nosso país, não possamos ter também políticos que sintam vergonha de errar e não queiram ferir a dignidade de seus eleitores.

- Mas o Meirinho enfrentou esse tipo de gente? Perguntou a Dona Veridiana, até ali, servindo e ouvindo com atenção.

Foi o cabo Zé quem respondeu:

- Vocês gostaram de ouvir sobre as conquistas dele, sobre as obras dele, sobre a cidade que ele ajudou a construir? Então saibam que naquela época ele enfrentou também uma corrente comunista-socialista ou sei lá o que, de esquerda, que não queria a população atendida. Não que em outras tendências político-sociais não tenhamos pessoas comprometidas somente consigo mesmo, contra o bem estar da população, mas os que fazem o combate mais duramente à prosperidade geral são aqueles que precisam da pobreza, do sofrimento e da preguiça para servirem de "pais" e atendê-los, garantindo assim a perpetuação no poder. Eu ouvi de um desses artistas da nova ordem revolucionária, que o povo não poderia receber as coisas como ele estava dando, pois não saberia o que fazer com elas. Que a base, a massa, deveria receber apenas o necessário para que todos os pecados materiais desaparecessem. Foi mais ou menos isso que eu ouvi. E o que eu vejo hoje? Essa mesma prática, essa mesma ideologia da década de 70, ser aplicada no dia a dia da população. Eu nos vejo elegendo criminosos do passado que se mantêm vivos por conta das lendas criadas a respeito da ditadura no país. Tivemos problemas? Tivemos sim. Mas sobrevivemos a tudo por conta da legitimidade de nossa posição política e do compromisso com a ordem e a prosperidade. O Brasil de hoje, tendo uma carga tributária exorbitante, uma fiscalização das mais severas do mundo, punindo exemplarmente qualquer cidadão que não pague seus impostos, deixar passar em branco sua responsabilidade de promover uma devassa de uma quantidade expressiva de políticos que zombam das leis e se locupletam dia a dia, juntando-se em bandos para perpetrar a criminalidade social. Isso é acintoso, é provocativo, é desleal. Eles nos desafiam jogando em nossa cara tudo o que fazem, simplesmente pra mostrar que detém verdadeiramente o poder e nada podemos fazer contra isso. E é esse pessoal que ainda teima em falar contra os

militares e que se esquece de falar dos seus atos passados. Prestem atenção. Pregam sua luta do passado, mas em época de eleição, escondem esse fato, ou desmentem suas fichas criminais. E, quando eleitos, sambam no solo sagrado do nosso parlamento, comemorando desavergonhadamente quando, por espírito de corpo, um mau político é absolvido intramuros. Quando eleitos e pegos em escândalos de grandes proporções, acham caixa dois uma "situação normal", que cuecas e meias são bons lugares para se guardar dinheiro que não se explica, que parentes que fazem fortuna repentinamente, são apenas contingências de capacidade empresarial e coisas do tipo.

- Para encerrar, quando o militarismo brasileiro deixou o poder, deixou a semente da democracia e infraestrutura de crescimento. Foi uma transição pacífica e ordenada. O que aconteceu com a União Soviética quando acabou? Transição litigiosa e miséria. Um vazio, um oco. Aqui tivemos ordem e tranquilidade. E os países da extinta cortina de ferro? Alemanha Oriental, Polônia, República Tcheca, Hungria, Bulgária e Romênia, como foi essa transição? Aqui, por acaso tivemos guerra civil? Dissensões étnicas? Religiosas? Aqui não tivemos isso porque não tivemos caldo de cultura do combate à fé e à religiosidade, tão expressivo nesses países. A Alemanha Ocidental, quando o muro de Berlim caiu, quase exauriu seus recursos para recuperar a qualidade de vida e implantar a modernidade na Alemanha Oriental. Polônia, República Tcheca e outros países anteriormente vinculados ao regime comunista, se libertaram, aderiram aos blocos ocidentais, devolveram liberdades individuais, fazem parte da ONU e hoje já demonstram muito mais prosperidade do que em todo o tempo que estiveram atrelados ao comunismo. Mas analise o custo social de tudo isso, provocado por um regime que nada trouxe de bom ou permanente. Adianta um regime ser chamado de "igualitário", se oprime o povo e anula a liberdade individual e combate a liberdade de imprensa até hoje?

- Então, o senhor acha que o comunismo não pode trazer nada de bom? Perguntou vovó.

- A senhora acha que num regime comunista você poderia estar aqui discutindo política? A senhora acha que o nosso militarismo mais empedernido dos anos 70 passaria com um tanque por cima de alguém que pedisse liberdade? Ora, convenhamos, quando o mundo inteiro

celebrou o fim da União Soviética, a queda do Muro de Berlin, estava comemorando a vitória do capitalismo? Não, definitivamente não. Estava comemorando o início de uma era de liberdades individuais, o princípio de uma nova oportunidade de crescimento, de prosperidade. Comemorava o fim de regimes fechados, punitivos, autoritários e que só premiavam uma elite de poderosos governantes totalitários.

- Eu lembro como o povo comemorou o fim de tudo isso. Foi emocionante ver a população destruindo o muro da vergonha — completou vovó. Era uma histeria provocada pela liberdade, não foi? De onde vem a Máfia russa, por exemplo? Não foi do povo que se libertou, foi?

- Um bom exemplo. Um excelente exemplo. Não, definitivamente não veio do povo soviético. Veio sim, dos deslocados pelo fim do autoritarismo. Por outro lado, você conhece alguém querendo fugir de qualquer país não comunista? E quanta história se viu e se leu a respeito de atletas esperarem as Olimpíadas para tentarem asilo político em outros países? As comitivas dos países do bloco comunista tinham três ou quatro centenas de componentes. Uma centena de atletas e duas centenas de soldados vigiando-os para que não fugissem. Se algo é bom pra você, você tenta fugir de lá? Precisa de soldados e de homens de segurança para impedir você de fugir?

- E esses nossos brasileiros que dizem ter pegado em armas, lutado. O que há de efetivo nisso? Enquete.

- Hoje, todos os que se intitulam os guerrilheiros do passado e se orgulham de ter lutado por um regime comunista, por que alardeiam sua participação mas escondem seus atos? Por acaso participaram de um movimento daqueles, mantendo-se inertes? Ou será que são esses os bons comunistas que apenas faziam panfletos mas não tinham ação efetiva. Conte-me um desses personagens que hoje não esteja rico à custa deste mesmo país livre que um dia quiseram amordaçar. Deveriam, antes de tudo, lembrar que o regime que defendiam, traria o fim das liberdades individuais, o fim da iniciativa privada, o fim das oportunidades e o fim da riqueza que hoje possuem. Traria o silêncio dos meios de comunicação, traria o silêncio dos que amassem a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Não teríamos o povo livre para escolher sua religião e professar sua fé, nem pra votar nesses calhordas, cínicos e aproveitadores. E quanto à liberdade religiosa que estamos falando, só recentemente, nesses países que citamos,

essas práticas puderam retornar. Igrejas fechadas, fiéis perseguidos durante todo o tempo em que vigoraram os regimes comunistas. Todos esses países defendiam a inexistência de Deus seja por qual religião ele fosse admitido. Sabem por quê? Porque um povo que tem fé, que conhece a Deus, também sabe o que é digno e o que certo. A religiosidade de um povo o defende dos tiranos. Impedir a profissão da fé é fundamental nesses estados totalitários. Quanto mais distantes de Deus, mais distantes da consciência. Quem no mundo, além dos chineses, poderia condenar um Dalai-Lama? Quem no mundo além de Kim Il — sung — o presidente eterno da Coreia do Norte — e seu filho, o atual governante, Kim Jong-il, condenaria à morte qualquer demonstração pública de religiosidade e de fé? Assim, só pra não mais me estender, qualquer um que faça parte desse modelo de filosofia política, nada mais é do que alguém que está longe da modernidade, longe da atualidade, que defende um sistema de privilégios para poucos e com certeza, querem estar nesse palácio de favores.

- Ao longo da história — disse vovô — vimos que grandes e importantes organizações de homens livres e pensadores, foram importantes para a evolução da humanidade. Nos regimes comunistas, não só a religião e a fé foram e são proibidas. Também organizações como o Rotary, o Lions, A Maçonaria, os Rosa-Cruzes e tantas outras ordens filosóficas e operativas foram proibidas e perseguidas. Vocês acham que homens como Abraham Lincoln, Benjamim Franklin, D. Pedro I, Rui Barbosa, Beethoven, Bach, Mozart, os palhaços Arrelia e Pimentinha, só para citar pessoas que são de todos aqui conhecidas, seriam pessoas negativas? Isaac Newton, Benjamin Constant, Joaquim Nabuco, Charles Chaplin, Voltaire e muitos milhares de outros grandes nomes seriam banidos dessas oligarquias. Só essa constatação já seria suficiente para ver que há algo de errado nisso tudo. O Rotary, apenas como registro, tem atuação mundial no combate às doenças — erradicou a pólio no mundo - às desigualdades sociais e às grandes necessidades do mundo e não pode atuar nesses lugares. Só para constar: gostaria de ouvir um nome, vindo desses regimes, não por nascimento ou aprisionamento, mas que efetivamente o adotasse e fosse seu seguidor, que eventualmente tivesse feito algo em prol da humanidade. Em prol do mundo como um todo.

Voltando a palavra ao Tony:

- A qualquer um que cospe ideologia baseada nesses modelos que já morreram e foram literalmente destruídos pelo bom senso e pela consciência humana, que de alguma forma se alinha com esse absolutismo totalitário, o destino deverá ser o de, antes de tudo, PEDIR DESCULPAS FORMALMENTE AO POVO BRASILEIRO pelo atraso que quiseram provocar, pela tentativa de transformar todos os nossos cidadãos em gado sem vontade. Tem que pedir desculpas de maneira contundente pelos crimes que cometeram, pelas atrocidades que levaram a cabo, pelos civis que atingiram, pelas famílias que destruíram, pelos jovens que enganaram e fizeram destruir. Tem que lutar, já que sua própria filosofia e pensamento são de obrigação comum, para que todos os civis e todos os militares que morreram no tempo da ditadura militar, TAMBÉM RECEBAM INDENIZAÇÕES MILIONÁRIAS como as que estão sendo pagas a esses "perseguidos do regime". Afinal, por pura questão de lógica, esse regime que tentou ser implantado, também perseguiu civis e militares que não se coadunavam com seu pensamento. Se a extrema direita é um erro, não seria também a extrema esquerda outro erro de igual ou maior proporção? Finalizando, a crucial diferença entre o regime militar que enfrentamos e o que vemos por aqui nestes tempos, é que um comandante militar assume qualquer erro de seus comandados e resolve a questão de forma exemplar enquanto que os líderes atuais, ocultam a verdade, traem de maneira escancarada tanto os que fazem parte da caterva quanto o povo que acredita que é possível desconhecer qualquer fato importante dentro de uma cúpula criminosa, por conta da eternização no poder.

- Você está demonizando o regime comunista— replicou o Ivens.

Mas desta vez, quem respondeu foi vovô:

- Eu me orgulho de ser rotariano. E nesses países, como disse, o Rotary foi proibido. Conheço a filosofia e o alcance do Rotary, seu trabalho social, sua abrangência. Como pode uma organização tão séria e solidária como o Rotary ser proibida em países assim? Repito, e a Maçonaria? E tantas organizações de homens livres que praticam o bem e a verdade, que buscam a justiça e a perfeição, como podem ser impedidos de existir em países como esses? Ora, por uma simples dedução ... é impossível crer que tudo que julgamos bom seja ruim. Então, onde está o erro? A mentira? Mas não fiquemos por aí. Digam-

me quem souber aqui, quantos cidadãos do mundo, por afinidade à ideologia desses países foram pra lá? Pode alguém aqui me dizer se as fronteiras desses países são protegidas pelas forças armadas porque querem impedir que adeptos ao regime entrem ou porque querem impedir que a mão de obra escrava escape de lá? A imigração ilegal é um problema sério e o Brasil também sofre com isso. Diga-me um país desse bloco que tenha tido qualquer tipo de problemas com a imigração ilegal.

Sr. Figueira, complementou:

- Na época da ditadura militar no Brasil, todos os que foram exilados, partiram para países onde NÃO HAVIA O COMUNISMO IMPLANTADO. Vocês sabiam disso? Buscaram Inglaterra, Espanha, Portugal, Itália e países afins. Quem foi pra Cuba, União Soviética, China ou qualquer outro país da cortina de ferro? Da nossa ditadura militar, quem quis ir embora foi. E qual foi o tratamento dado nesses países comunistas para quem quis ir embora de lá? Prisão, trabalhos forçados, fuzilamento e o tratamento de traidor. Tem palavra mais dura e mais pesada do que a de traidor? O Muro de Berlim era pra evitar a entrada dos alemães ocidentais ou impedir a saída dos orientais? Vamos mais adiante, já que estamos nessa seara. Por acaso algum de vocês conhece algum momento no Brasil, FORA DO TEMPO DE GUERRA, em que a população teve que utilizar alguma caderneta de racionamento? E lá, nesses países, naqueles tempos?

- E o que diziam os que conseguiram escapar?

Então foi o Figueira quem falou:

- Victor Kravchenko os denunciara num livro intitulado na sua edição em inglês como *I Choose Freedom* ("Eu preferi a liberdade", 1947). Além de afirmar que *"a ditadura comunista na URSS não era exclusivamente um problema do povo russo, ou somente das democracias, senão que da humanidade inteira"*, ele revelara que os comunistas haviam erigido um Estado-PoliciaL como poder discricionário sobre os cidadãos. Do livro dele, editado em 1947, ao "Arquipélago Gulag" de Soljenitsin, traduzido no Ocidente 27 anos depois, muita desilusão se dera em relação às grandes bandeiras daquele regime.

- E qual sua opinião sobre os Estado Unidos? Perguntei curiosa, ao Cabo Zé, para saber se havia tendências direitas exageradas.

- Ah... quando falamos de países totalitários como China, Cuba, Coréia do Norte e os Países da extinta União Soviética e da Cortina de Ferro, falamos de regimes que fazem mal e muito mal mesmo ao seu povo, a todos aqueles que adotam sua prática, filosofia, atitudes e crenças. Falamos de um mal localizado, concentrado, que vai morrendo aos poucos e seu destino é serem apagados da face da Terra. Mas quando falamos dos Estados Unidos, falamos de um mal mundial. Sua arrogância, sua prepotência, sua política intervencionista, seu nacionalismo excludente são um problema universal. Todos sofrem com a presença deles no mundo. Sua indústria armamentista precisa de conflitos para sobreviver e os políticos americanos vivem para mantê-la viva. O dano que provocaram e provocam no Planeta Terra tem proporções desastrosas. Os comunistas não destruíram o Planeta em que vivemos. Apenas destruíram a alma e a esperança de um tanto de seres humanos que embarcaram nessa furada, mas sempre mantiveram a beleza e os recursos naturais que possuíam. Exceção feita à China, claro. Os Estados Unidos, ao contrário, destroem o tangível e o intangível, o concreto e o abstrato. Onde houver um desastre ecológico, onde houver um cataclismo biosférico, ali estarão os americanos. Arrogantes, inatingíveis, inimputáveis. Os comunistas tiram a riqueza de seu povo, empobrecem sua população para enriquecer o sistema e dar boa vida aos seus dirigentes. Seu dano econômico e financeiro só atinge os que creem na ilusão desse modelo altamente seletivo. Os americanos, por sua vez, empobrecem o mundo. Tiram a riqueza de países inteiros, para manter seu sistema e beneficiar seu povo. São predadores. Criam realidades, martelam o planeta com suas histórias mirabolantes e põem seu contingente de tropas para "fazer girar a roda da fortuna". O mundo, depois da segunda guerra mundial cometeu dois grandes erros. O primeiro foi aceitar os Estados Unidos como a nação da libertação, mesmo permitindo a divisão do planeta em dois blocos. O segundo foi aceitar que sua moeda fosse o padrão internacional do dinheiro. Essa união de dois enganos mergulhou-nos num aterrador cenário de instabilidade política mundial. Sem contar com o sacrifício humano de Hiroshima e Nagasaki, talvez o maior absurdo humano depois do antissionismo do Terceiro Reich.

- Uau, Sr. José, nunca ouvi ninguém falar assim. Já ouvi muita frase produzida, gente falando o que não sabe, mas dessa maneira, com

tanta ênfase, nunca ouvi — mamãe falou com certo entusiasmo.

- Os conflitos no Oriente Médio, por exemplo, tem mais ou menos cinco mil anos. Sempre foi um problema localizado, sempre foi uma situação de tensão bem específica. Daí, quando os EUA resolveram se meter ali, sob a mais estúpida bandeira da "missão salvadora", então o problema ganhou proporções mundiais. Alguém aqui, por acaso já leu o Alcorão? Poemas fantásticos, repletos de lições de amor e perdão, cheios de exortações à fraternidade entre os homens, ao respeito pela vida. O militarismo no Brasil, como vimos, foi uma reação. A guerra santa, de certa forma, também. Perguntar-me se acho isso certo? Nunca, jamais! Mas olhe para o Brasil. Veja as colônias que aqui vivem. Aqui, árabes e israelitas vivem em paz. Muçulmanos, católicos, budistas, espíritas e todos os religiosos vivem em paz. Nossos árabes são melhores que os de lá? Não. Simplesmente estão num lugar onde reina a paz, a harmonia e o respeito. O espírito brasileiro é repleto de carinho, de amor, de fraternidade e de religiosidade. Nós amamos todos os nossos imigrantes. Gostamos do Abud, do Salim, do Jacó, do Kim, do Manoel, do Joaquim, gostamos de todos. Amamos o povo japonês. Por tudo isso acho que o comunismo aqui seria a maior furada de todos os tempos. Aliás, se tivéssemos implantado o regime aqui, ele seria tão descaracterizado da sua origem, tão humanizado, tão espiritualizado, tão aperfeiçoado em termos de fraternidade e respeito, que em pouco tempo, ou a pedido do próprio Nikita Krushev ou pelo exemplo mundial, os próprios comunistas desistiriam do Brasil. Seria bom de ver!

Rimos muito com isso. Afinal, não podemos esquecer que todos esses povos fazem parte da nossa sociedade e amamos cada um deles.

- Então, Sr. José, qual o melhor regime político do Planeta?

- O brasileiro. Que permite ao povo, cometer erros sucessivos, dando-lhe a chance de rever o que fez e mudar. E o brasileiro faz isso com uma indignação alegre, com muita picardia. O brasileiro vem amadurecendo dia a dia. Vem sofrendo com todas as desgraças da criminalidade, da sujeira que os nossos políticos vêm jogando na nossa cara, vem sofrendo com a impunidade imposta, com a corrupção que atingiu níveis jamais imaginados em qualquer parte do planeta, mas vem amadurecendo. Chegará o dia que o brasileiro, que já tem o código do idoso, do jovem e do adolescente e o código do consumidor, crie

o código da moral e da ética cuja penalidade não seja a prisão, mas simplesmente a devolução. Enquanto não mexer no bolso dessa gente, não haverá resultados. Presos não irão porque o espírito de corpo é enorme. Então, quando forem pegos, terão que devolver o valor da mutreta corrigido monetariamente, com multa de 2% e juros de 1% a.m. Tudo dentro da lei que burlaram ou desobedeceram. O valor da mutreta volta para o caixa do Ministério ou da empresa estatal que foi esbulhada. A correção, a multa e os juros, formarão o fundo da saúde e da educação do país. Tenho certeza que seremos o maior centro de excelência em saúde pública do Planeta, os Planos de Saúde privados perderiam suas funções e as escolas e universidades particulares teriam que fechar as portas frente ao volume de recursos aplicados na construção de unidades educacionais públicas. E tenho certeza de que ainda sobraria muito dinheiro para aplicar em bolsas de estudo no exterior para quase todo estudante brasileiro. Só com as multas e os juros oriundos da corrupção. E ainda, instituiremos o BUSTO DA VERGONHA. Em cada escola construída, colocaremos o busto do político responsável pela verba repassada, com a seguinte inscrição:

"FULANO DE TAL, PATRONO DESTA UNIDADE, POR CONTA DOS RECURSOS ORIUNDOS DE SEU DESCUIDO QUANDO DESCOBERTO NO ESCÂNDALO DO DESVIO DAS VERBAS DA MERENDA ESCOLAR"

- Ou dos remédios vencidos, das obras superfaturadas, dos contratos sem licitação, das ambulâncias sem equipamentos a preços de UTIs móveis, dos caixas dois, e tantas outras coisas—falou vovô.

- Só acho que eles não compareceriam à cerimônia de descerramento da placa... falei.

Ficamos uns dez minutos variando sobre esse tema. Jamais pude imaginar que o Cabo Zé e o Tony Chiaro fossem tão inteligentes, articulados, espirituosos e bem informados. Falaram tudo sem ranço, sem ódio, sem revanchismo. Muito diferente dos discursos que temos ouvidos nos anos mais recentes, em cadeia nacional. Foram apenas constatações, sem emocionalidade. Apenas a justa-posição dos fatos históricos frente à realidade lógica.

- Mas, vocês acham mesmo que não existe nada de bom nesses regimes? Perguntei mais uma vez.

Quem me respondeu foi o Tony:

- Menina, a única coisa que esse regime tem de bom é a qualidade das pessoas que genuinamente acreditam nele. Os líderes, de certa forma, estão ali "arrumando" sua caminha para desfrutar do poder e da riqueza, do luxo e das vantagens do sistema. A massa que os sustenta, são pessoas que acreditam mesmo, que vivem assim porque creem que estão fazendo parte da história, estão construindo um mundo melhor. Mas, ainda assim, cabe perguntar. Se nesses regimes a fé e a religiosidade são abolidas, então o que resta é a matéria. A simples e pura matéria. Do corpo e da vida. Então, seus próprios conceitos os levam a agir na direção que nada mais há depois da morte física, que não existem outros planos de evolução, que alma inexistente. Assim, vale apenas o agora e o que se puder desfrutar. É o campo onde fervilham os desmandos, a luxúria, o prazer, a mentira, a cobiça e todas as coisas que brotam em lugares onde Deus não é lembrado. Quando abolem a presença de Deus, também eliminam tudo o que ele representa. Principalmente no campo moral e filosófico. Não é verdade? Quem quer a paz, prega a paz. Os muçulmanos, considerados por alguns como inimigos da humanidade, tem no Alcorão sua razão de existir. E lá, Jesus é tratado como um profeta pelo nome de Issa. E é citado dezenove vezes, com muito respeito e admiração. Nem isso os comunistas fizeram. Simplesmente não consideram Jesus. Ser muçulmano não significa ser terrorista. Ser muçulmano não significa ser inimigo da humanidade. Temos que lembrar que se assim fosse, a Igreja Católica já teria sido destruída por conta de sua atuação no passado de perseguição e morte de inocentes. Ser católico não é concordar com os anos negros da Igreja Católica. Ser católico é descobrir constantemente a Deus e seus mandamentos. Ser muçulmano, da mesma forma, não é concordar com os movimentos radicais. Ser muçulmano é seguir Allah em Seus magníficos preceitos e inspirar-se nas palavras do Profeta. Ser comunista não significa ser uma pessoa má ou desprovida de valores morais e éticos. Aqui eu só falei do regime e das pessoas que o criaram e impuseram. Mas bilhões de pessoas envolvidas nesse regime não podem ser tratadas como vilões. Eles são, antes de tudo, grandes vítimas. Se o comunismo, na sua essência, fosse uma forma de viver, seria perfeito. Mas, infelizmente, é um regime político. E como tal...

A discussão e a conversa estavam ótimas. Estávamos tendo uma lição e tanto sobre verdades históricas e mitos plantados em nosso

inconsciente. A conversa nessa linha meio que parou e fomos para descobrir tudo sobre os adoráveis Cabo Zé e o seu irmão, Tony.

Mostraram-nos fotos da família, dos filhos e filhas, dos netos e netas, contaram de suas vidas, de suas vitórias e de seus fracassos. Uma das fotos chamou a atenção das mulheres presentes. O Filho mais velho do Tony, formado e empresário, também ganhava a vida como modelo profissional. Vimos as fotos dele e, sinceramente, que homem bonito!

Olhei longamente para aquela foto, fiz perguntas e senti o ciúme do Peter. Ah... como é doce o gosto da vingança. Há poucos dias eu sofri com os olhares e a reverência dele àquela maravilhosa mulher, neta do Meirinho, a Thelma. Agora era minha vez...

O Tony contou que seu filho era casado com uma mulher maravilhosa, que ele era todo família, que a dedicação dele às filhas era imensa. Mas aproveitou o embalo e mostrou a foto dos outros dois filhos, dizendo que esses eram solteiros, bonitos e que qualquer dia os traria para nossa fantástica cidade.

A conversa foi bem longe, até tarde. Dali mesmo ligaram para o Meirinho para dizer que estavam por ali e o Meirinho desesperou-se, pois estava em Bombinhas e fê-los prometer que no dia seguinte estariam no escritório dele, sem compromissos por todo o dia, porque eles iriam almoçar juntos, tomar um bom whisky, jogar conversa fora e tudo mais.

O Meirinho ficou extasiado com a visita dos amigos de tão longo tempo. Com certeza esse encontro seria maravilhoso. Até fui convidada por eles para acompanhar, mas preferi que esses grandes amigos, juntamente com vovô e Sr. Figueira tivessem seu dia de glória.

Quanto ao Cabo Zé, um amor de pessoa. Gentil e cordato, cheio de histórias. Acabamos pegando de brincadeira até muito tempo depois que ele partiu, o hábito de falar: "tem uma coisa que você não sabe".

O Tony é mesmo um general de ferro. Austero, firme, sóbrio, de poucas brincadeiras. Um homem que deve ser respeitado. Meu avô contou a história de um apelido que ele tem, mas me prometeu jurar que jamais repetiria esse apelido. Nos dias de hoje, somente a mulher dele, a Bela, é quem o chama pelo apelido. Vovô contou a história desse apelido. Não vi nada de mais, porém... manias são manias, gostos são gostos e eu não tenho nenhum motivo para chamá-lo pelo apelido. Bonito

até, soa bem, italianíssimo, mas se ele não gosta, nem vou repetir. E, pelo apelido, eu não estava errada. Ele parecia mesmo um general beeeeeem italiano.

CAPÍTULO XX

A APRESENTAÇÃO

Estava emocionada e particularmente nervosa e um pouco insegura, pois daqui a algumas horas eu estaria apresentando meu trabalho. Alta madrugada e eu ali, na cama, pensando e repassando todo o processo, toda a dinâmica e toda a apresentação. Estava deitada e havia colocado Dona Violeta (a plantinha que ganhei do Meirinho), no criado-mudo ao lado da cama e conversava com ela, debatendo os pontos mais difíceis da apresentação. Outros alunos já haviam apresentado Os seus trabalhos, mas como se tratava de pessoas famosas no mundo inteiro, personalidades de grande impacto na história da humanidade, os temas abordados, os assuntos realçados, as realizações e tudo mais já eram de conhecimento de todos e por conta disso, mais fácil de ser assimilado. Pelo contrário, meu assunto era único — um personagem local, que representava a verdadeira criação e construção de nossa estrutura urbana e social, que teve que romper barreiras, lutar ferozmente, entregar de si, para poder, muitas vezes incompreendido, fazer valer a visão que tinha do futuro.

Amanheceu e eu pouco dormi. Estava tensa. O Peter dormiu em casa, no seu quartinho, para poder me acompanhar desde o primeiro instante. Chegamos ao auditório. A apresentação da vida e obra do Meirinho não seria como as demais de minha classe, na própria sala, com alguns convidados dos alunos apresentantes. A curiosidade e a importância da apresentação faziam com que o evento tivesse mais atrativos que os demais. Por isso o auditório, e distribuimos convites. Foram cento e cinquenta convites - 20 para meus convidados, 20 para os convidados do Sr. Meirinho, 40 para os alunos da classe, 30 para professores e acadêmicos da universidade e outros 40 foram entregues a pessoas que nos haviam pedido e que estiveram, em sua maioria, no evento do pinga-fogo.

O trabalho não poderia ter sido mais preciso e bem elaborado. O Sr. Figueira, o autor intelectual do texto; o tio Isaque um competentíssimo

revisor histórico e colaborador incansável; o Ivens um colaborador eficiente e revisor ortográfico e gramatical; vovô e vovó como grandes organizadores das informações dos dados e dos registros apurados; mamãe e agora papai também, como responsáveis pela intendência, alimentação e suprimentos de todos nós; o Peter, meu maravilhoso homem, como o incentivador, o apoiador, o orientador e o mais cúmplice de toda a equipe.

Naquela manhã, eu não poderia estar mais bem amparada. Um amigo do vô Cesar, do Rotary, O Gilberto Funk, que é produtor de TV e vídeo, produziu um pequeno "movie" para a abertura do apresentação, com nove ou dez minutos, e o Diego, o filho da Thelma, me assessorando em toda a parte tecnológica da apresentação, responsável pelos equipamentos e pela produção quase artística dela. Trilhas sonoras, Power Point do Trabalho, apresentação do movie - tudo controlado e coordenado por ele.

Na plateia eu via muita gente conhecida, inclusive o Meirinho e sua família. O sorriso de apoio e de incentivo que recebi de D. Zenir foi fundamental para minha autoconfiança. O Meirinho estava sério, compenetrado e deu pra perceber, profundamente emocionado. A Thelma, com aquele olhar amigo e o sorriso encantador, mostrou sua gratidão, acenando com a mão e fazendo sinal de positivo. Evitei olhar para meus familiares, mas percebi, emocionada que meu pai ali estava também. E ao lado de minha avó. Naquele momento só pude pensar: *"Obrigado Meirinho, meu querido Semeador, pelas pontes que você construiu em minha vida."* Aliás, a abertura do meu trabalho tratava disso.

Ao lado do Meirinho, aquelas figuras que eu acabara de conhecer, mas de quem já era fã incondicional. O Cabo Zé e o irmão dele, um verdadeiro General. Um certo General italiano.

Todos acomodados, o Peter assumiu o microfone e anunciou:

- Senhoras e Senhores aqui presentes, hoje teremos a oportunidade de acompanhar a apresentação de um trabalho que tomou as atenções de quase todo o semestre. A nossa querida Orquídea mostrará a todos nós a vida e a obra de um dos maiores personagens desta cidade. Seremos premiados hoje com a apresentação de uma história que se confunde com nossa própria história. Foi dele a ideia e a liderança para o movimento que criou o embrião de nossa cidade e foi dele a

gestão que a colocou no século XXI. Não há aqui demérito no trabalho de outros administradores, legisladores e prefeitos. Mesmo porque estamos vendo, nesta gestão, obras e ações da nossa Prefeitura que estão marcando o ano de 2010 como um dos mais positivos dos últimos anos. Mas, inegavelmente, sua coragem e determinação foram de crucial importância para chegarmos hoje a esta indiscutível beleza que é esta cidade. Não veremos apenas sua vida como Prefeito, mas conheceremos o homem, o pai, o marido, o empresário, o guerreiro, o visionário e o grande Semeador. Com vocês, nossa querida Orquídea e sua apresentação.

Seguiu-se a isso uma estrondosa salva de palmas. O Tony foi o primeiro a levantar para me aplaudir de pé. Daí o Cabo Zé e de repente todos estavam aplaudindo de pé. E antes da apresentação começar. Aquilo me deixou mais nervosa ainda. Da primeira fila, o Tony fez um sinal com a mão para eu tocar pra frente. Isso me encorajou. Eu fui meia trêmula e cambaleante até a frente da plateia, olhei para todos e me detive no Sr. Meirinho. Ele estava olhando pra mim de uma forma especial e juro que pude ver ao lado dele, em pé, uma silhueta brilhante, envolvendo-o. Talvez fosse aquele anjo que ele falou que o acompanhava, talvez fosse o seu mentor, como me explicou o Peter. Talvez fosse apenas o seu próprio brilho, sua aura feliz e realizada. Talvez fosse um mensageiro de Deus, mostrando o agradecimento por tudo quanto ele fez. Mas eu acho que bem podia ser o pequeno engraxate. Não importa, havia aquela luz que eu estava vendo. Não sei se alguém mais a via, pelo menos não parecia haver. Mas eu a via. Ele olhou para mim, repito, de forma delicada. e agradecida e estendeu as mãos, num gesto de quem diz: *"agora é contigo"*. Foi difícil não chorar. Lembrei rapidamente da oração que o Peter me ensinou e daí que foi difícil segurar o choro. A única coisa que me lembrei foi de pensar: *"Por favor, pequeno engraxate, socorra esta pequena jornalista"* e, de repente, senti-me calma, tranquila, confiante. Senti um agradável calor me invadindo e uma lucidez que jamais tive. Olhei para aquela luz em volta do Meirinho outra vez e mentalmente agradeci. Agora tinha certeza. Era o pequeno engraxate, abraçando o velho pai.

- Quando tudo isso começou eu não tinha a menor ideia de onde chegaríamos ou do que faríamos. Tudo foi muito diferente, tudo foi muito intenso, tudo foi muito especial. Não só pelo fato de conhecer alguém ímpar, forjado em uma têmpera extraordinária, que fez coisas

incríveis, mas por ter visto minha vida também mudar com isso. Hoje, com certeza, a homenageada sou eu, por ter a honra de retribuir, neste trabalho, o muito que recebi ao fazê-lo. Hoje, a recompensa é minha, pois até hoje não havia visto minha família tão unida. Hoje o benefício é meu, pois encontrei a pessoa que amo e vi todas as feridas que acompanharam a vida de minha família serem cicatrizadas. Quero, de alma repleta de reconhecimento, agradecer de maneira especial ao vô Cezar que me trouxe a obra pra fazer, e que fiz com grande satisfação, ao tio Isaque que me premiou com um preciosismo histórico, com uma riqueza de detalhes e com histórias fantásticas, com proveitosas conversas e um apoio fraternalíssimo, a quem eu reputo o sucesso que este trabalho possa ter e à Thelma, cuja presença facilitou o trabalho e que sempre manteve a empolgação nessa jornada. Não posso esquecer-me do André Furlan Meirinho, seu sobrinho-neto, que se manteve sempre atento para que eu jamais fugisse da realidade histórica e cuja maior preocupação é ver, enfim, a verdade revelada.

Hoje eu peço licença a todos vocês para apresentar a vida de um SEMEADOR, de um grande homem que até hoje realiza grandes obras na vida daqueles que o cercam, do que sou exemplo vivo. Hoje eu quero mostrar a vocês, quem é na verdade Gilberto Américo Meirinho.

Silenciei e as pessoas irromperam em novo caloroso aplauso. Olhei para o Sr. Meirinho e o vi com lágrimas nos olhos. E aquela luz que o rodeava estava intensa, forte e poderosa. Agora estava envolvendo o Mestre Meirinho e a doce Zenir. Eu precisava de um tempo. Estava muito emocionada. Fiz sinal para o Diego e ele, de onde estava, apagou as luzes e ligou o equipamento, fazendo surgir no telão, o "movie" preparado pelo Gilberto, amigo do vovô. Nessa gravação, eu fazia uma introdução de 10 minutos ao trabalho que, em seguida seria apresentado em lâminas de Power Point, daí, já com minha locução pessoal e ao vivo. Isso me daria tempo para me recompor. Quando o recinto ficou no escuro, juro que vi inúmeras luzes invadindo aquele lugar. Diáfanos, leves, volitavam pelo local. Uma enorme euforia invadiu-me e a partir dali, eu soube que tudo daria certo. Que a justiça triunfaria e a verdade seria aceita afinal.

Na tela, em primeiro plano eu aparecia falando enquanto imagens da cidade, antigas e novas, canteiros de obras, o Meirinho, palanques políticos, inaugurações e outras imagens iam desfilando enquanto eu fazia a introdução.

"Meus amigos, bom dia. Eu não sou muito boa para contar histórias, mas preciso, aplicando o que aprendi com a equipe que me auxiliou, contar pra vocês o conceito que me trouxe a este trabalho.

Certo dia uma mulher pobre, com uma criança no colo, passou diante de uma caverna e escutou uma voz misteriosa que lá de dentro dizia:

- Entre e apanhe tudo o que você desejar, mas não se esqueça do principal. Lembre-se de uma coisa: depois que você sair, a porta se fechará para sempre e você não poderá mais entrar. Portanto, aproveite a oportunidade, mas não se esqueça do principal.

A mulher entrou na caverna e encontrou muitas riquezas. Fascinada pelo tesouro ali existente, pôs a criança no chão e começou a juntar, em desespero e ganância, tudo o que encontrava pela frente, depositando tudo no seu avental. Então ouviu novamente a voz dizendo que ela só tinha mais dois minutos. Passado esse tempo, a porta começou a fechar e ela correu para fora carregando tudo o que podia. Saiu com seu tesouro e a porta se fechou para sempre. Lembrou-se então que a criança havia ficado fechada lá dentro para sempre. A riqueza da mulher durou pouco, mas o desespero dela pelo filho que deixou foi eterno. Carregou quanta riqueza pode, mas infelizmente, esqueceu do principal.

Essa história nos dá uma importante lição sobre a vida. Muitas vezes nos vemos diante de oportunidades de riqueza e do fascínio da grandeza e vamos coletando tudo o que podemos e nos esquecemos do principal. A moral dessa história é a simplicidade da descoberta. Quando descobrimos a diferença entre o efêmero e o perene, entendemos a diferença entre a alegria e a felicidade. A alegria é condição humana e a felicidade é atributo da alma. Nosso personagem teve alegria ao fazer tudo aquilo? Com certeza em apenas alguns momentos. Mas a felicidade de ter realizado tudo, ninguém lhe roubou.

O trabalho de hoje mostrará a vida e a obra de alguém que, mesmo entrando na caverna, saiu dela sem ter esquecido o principal. E hoje, na plateia, com certeza, ele está reunido com essas pessoas que são as mais importantes coisas de sua vida. Ao ter entrado num mundo onde a corrupção e o poder seduzem, ele conseguiu seguir ileso e imaculado na trilha dos seus sonhos e de suas visões de futuro. Conheçam agora a história do meu personagem real, que mudou a história da cidade e fez história com sua vida, inclusive a minha história recente:

GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO!

Fiquei assustada com a quantidade de aplausos, assovios e gritos da plateia. Ele próprio ficou. Olhou para os lados, levantou a mão timidamente e quem estava próximo percebeu as lágrimas em seus olhos. Ele era aplaudido enquanto no salão ecoava um fundo musical extraordinário. Nada previsto ou combinado. Foi natural.

Enquanto eu falava no vídeo, a música de fundo era WHAT A WONDERFULL WORLD e as pessoas vendo e ouvindo a abertura, quedaram-se emocionadas. Tão pronto a exibição do vídeo cessou, e os aplausos silenciaram, começou a exibição dos slides do Power Point, e minha locução, em off, aconteceu, numa excelente dinâmica. Foi uma apresentação emocionante, quando discorri por todos os aspectos que coligi durante aquele tempo todo. Tudo foi organizado de forma cronológica, as histórias, os fatos, a vida e os acontecimentos todos organizados no tempo e no espaço dando corpo e dimensão ao trabalho.

As lâminas, muito bem elaboradas, deram vida à apresentação, até que, chegando à última delas, quase uma hora e meia depois, pedi a atenção de todos para o encerramento, que era uma surpresa especialmente preparada para aquele dia. Pedi silêncio e muita atenção. O Diego apagou todas as luzes e ligou o projetor mais uma vez e um novo vídeo foi exibido.

O vídeo tinha uma abertura, mostrando um campo enorme, bonito, com duas casas aparecendo em campos opostos, separadas por um rio, porém unidas por uma ponte. No auditório soou alto a música IMAGINE, de John Lennon, e então numa locução em "off" feita pelo Gilberto Funk, cuja voz é absolutamente extraordinária, rolou um texto, lenta e tranquilamente. Enquanto a música soava e a imagem de fundo ia apresentando um homem caminhando em direção ao infinito naquele campo e iam surgindo dois outros homens saindo das casas e indo em direção à ponte, o texto dizia:

"Conta-se que um fazendeiro estava havia muito tempo sem falar com seu irmão, que morava do outro lado do rio, por conta de uma severa discussão que tiveram num passado distante, quando o pai deles dividiu as terras que possuía entre eles. Ele acordava e olhava para o outro lado do rio, praticamente todos os dias, e via a casa de seu irmão. Ambos prosperavam. Mas continuavam distantes e entre si,

não se falavam. Esse fazendeiro tinha uma considerável quantidade de madeira estocada, para uma única finalidade: fazer uma cerca bem alta a fim de que nunca mais conseguisse ver a fazenda de seu irmão, do outro lado do rio, nem tivesse contato com ele. Um dia, ao amanhecer, apareceu um homem à fazenda dele dizendo ser carpinteiro e necessitar de trabalho. O fazendeiro se animou:

- Olha, vê aquela madeira ali? Quero que faça uma cerca bem alta. Assim, nunca mais verei a fazenda nem a figura do meu irmão. Não verei a cara dele e isso me basta. Nem me comunicarei mais com ninguém de lá e isso já será um conforto para mim.

-Tudo bem - respondeu o carpinteiro.

- Vou ficar ausente por dois dias - disse-lhe o fazendeiro. - Você encontrará na oficina toda a ferramenta que precisar. Lembre-se: quero que faça uma cerca bem alta!

O carpinteiro anuiu com um balançar de cabeça que "sim". O fazendeiro se afastou com a família e deixou-o a construir a cerca. Só que, ao final do segundo dia, quando voltou, em vez da cerca, o fazendeiro encontrou uma ponte ligando as duas margens do rio. Já ia blasfemar contra o carpinteiro, quando viu o irmão sobre a ponte, vindo para sua fazenda. Ele correu ao encontro do irmão para brigar com ele. Porém, ao contrário, se abraçaram e choraram muito, dizendo um ao outro:

- Quando vi esse homem utilizando o material da tua fazenda, imaginei que ele iria construir um muro para nos separar. Ao invés disso, percebi que você mandou fazer uma ponte, para nos unir. E eu vi o quanto estive errado. Perdoe-me meu irmão. Nunca mais iremos nos separar! Eu te amo, meu irmão!

Sem saber o que dizer, o outro irmão apenas balbuciou, chorando de vergonha:

- Eu te amo também, meu irmão! Depois disso, o fazendeiro voltou para agradecer ao carpinteiro e pedir a ele que ficasse na fazenda. O carpinteiro lhe respondeu:

- Tenho de prosseguir meu caminho, pois se ficar deixarei de construir outras pontes. E, ainda do caminho, antes de desaparecer, o homem voltou o rosto ao fazendeiro terno e agradecido e lhe disse:

- Tenho muitas pontes para construir no mundo. Acredite! No auditório, ao final dessa frase, o som da musica elevou-se e soava alto o refrão da música: *"You may say, I'm a dreamer, but I'm not only one, I hope some day, you will join us, and the world will be as one"...*

Nesse instante surgiu na tela a imagem de todos os participantes do trabalho, abraçados e sorrindo, e eu, ao centro, segurando a estatueta do troféu O SEMEADOR. A musica mudou nesse instante para *We are the Champions*, do Queen.

No rodapé dessa imagem final, que ali ficou estática, a seguinte inscrição:

"Quando os deuses expressam suas vontades e o destino tece suas teias e nós fazemos a nossa parte, o Universo conspira inexoravelmente. Deus distribuiu pelo mundo pessoas especiais que fazem coisas extraordinárias. Eles são os SEMEADORES que espalham, por onde passam, sementes de vida e prosperidade. E seus ensinamentos e suas vidas acabam construindo pontes mágicas. Essas pessoas são vencedoras, jamais se curvam e a elas agradecemos nossas vitórias também."

Com essa imagem, as luzes se acenderam e a música soava alto, enquanto a tradução dela era estampada no telão, com a imagem do Sr. Meirinho, do flamboyant iluminado e da estatueta do SEMEADOR:

(tradução)

Nós somos os campeões:

"Eu paguei minhas dívidas. Pouco a pouco eu completei minha sentença

Mas não cometi nenhum crime e erros sérios cometi poucos

Eu tive meu pouco de areia atirada sobre a minha face

Mas eu sobrevivi e nós pretendemos continuar e continuar e continuar

Nós somos os campeões - Meus amigos

E nós continuaremos lutando até o fim

Nós somos os campeões Nós somos os campeões

Não tem vez pra perdedores, pois nós somos os campeões do mundo

*Eu tenho feito minhas reverências e atendido às chamadas do palco
Vocês me trouxeram fama e fortuna e tudo que vem com isso
Eu agradeço a todos vocês mas isto não tem sido nenhum canteiro de rosas*

Nenhuma viagem de prazeres eu considero isso um desafio

Diante de toda a raça humana e não irei fracassar

E nós pretendemos continuar e continuar e continuar

Nós somos os campeões - meus amigos

E nós continuaremos lutando até o fim

Nós somos os campeões

Nós somos os campeões

Não tem vez pra perdedores, pois nós somos os campeões do mundo

Nós somos os campeões - meus amigos

E nós continuaremos lutando até o fim

Nós somos os campeões Nós somos os campeões

Não tem vez pra perdedores Pois nós somos os campeões

Todos ali, novamente de pé, aplaudindo e assoviando, as pessoas vindo me cumprimentar, o Sr. Meirinho sendo abraçado pelos grandes amigos, dona Zenir, a Thelma e suas filhas chorando, meus pais vibrando, eu jamais havia sentido tamanha emoção e jamais havia visto tamanha comoção.

O Sr. Meirinho olhava para todos, começando a tomar consciência de sua grande importância histórica. Vendo aquelas pessoas ali, entendeu também sua enormidade como ser humano e como ente social. O Sr. Meirinho percebeu, enfim, porque sua vida valeu a pena, porque sua trajetória valeu uma vida.

O Sr. Meirinho descobriu, enfim, que todas as lágrimas do passado, todos os momentos de insônia e desolação foram enfim reconhecidos e recompensados. Eu olhava pra ele e aquele halo de luz o acompanhava onde quer que fosse. Juro mesmo que tive a sensação de que aquela luz chegou perto de mim. Havia um sorriso nela. Eu não estava sonhando.

Havia sim. E voltou para o Sr Meirinho e o envolveu outra vez.

Os irmãos Cabo Zé e Tony, envolveram o Meirinho num abraço fraterno, o Tony beijou-lhe a fronte e eu desci os degraus para encontrá-lo na plateia. Eu o abracei e chorei muito. De alegria, de felicidade, de emoção, de agradecimento, de respeito, de gratidão. Chorei pela paz e pela grandeza que vieram à minha vida desde que ele chegou nela. Molhei o paletó dele, borrei minhas faces e recebi o mais terno e carinhoso beijo na testa de toda a minha vida. Ficamos abraçados lado a lado, posando para dezenas de fotos. Olhei para o Peter e ele ainda estava aplaudindo. Todo mundo tinha parado e ele ainda continuava. Então ele abaixou e pegou no banco perto dele, uma Orquídea maravilhosa e me trouxe. Beijou meus lábios e disse simplesmente:

- Eu te amo, espanhola.

Eu respondi - Eu te amo, guri.

Meu trabalho estava entregue e minha missão cumprida. E eu entendi, para nunca mais esquecer, o sentido que meu avô Cesar deu ao prêmio, O SEMEADOR, quando o criou. Não consigo pensar em alguém mais digno e meritório dessa homenagem que o próprio GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO.

E gostei tanto desta experiência que talvez aceite mesmo o convite do tio [saque para fazermos juntos outros dois trabalhos. Sobre esta terra maravilhosa e sobre essas fantásticas pessoas que a construíram.

CAPÍTULO XXI

O ANJO

Dias depois, mandei uma mensagem ao Sr. Meirinho de uma psicografia que recebi, no primeiro dia em que visitei um centro kardecista com o Peter. O psicógrafo, depois de receber a mensagem, levantou-se, olhou para toda a plateia e fixou o olhar em mim, lá no fundo. Veio direto em minha direção, sem titubear e me disse que UM ANJO A HAVIA MANDADO PARA MIM E QUE EU SABERIA A QUEM ENTREGAR:

Quando vem o outono e as folhas do Flamboyant caem, uma a uma, na terra úmida do jardim,

meu coração revive o pranto da efêmera vida que se escoia nos meus dias de saudade sem fim;

Quando o Sol é encoberto pelas nuvens que trazem a penumbra da chuva intermitente,

Minha alma se expande com as imagens que jamais abandonam minha mente; São imagens dos dias de alegria, de ver correndo a doce figura. Lindas lembranças de uma criança feliz, de um jovem altivo, homem cada vez mais vivo, que nos momentos de folguedo e diversão, viveu intensamente e com toda a emoção, seus delírios, sonhos e ardor. Doces dias em que sorvia com intensidade a suprema dádiva da vida; Ai, ainda na primavera e no verão, aperta-me o peito e assola-me a dor da imorredoura saudade daquela vida cheia de intensidade e calor.

Vida plena, tão abruptamente ceifada, numa noite gelada, na chuvosa madrugada;

Onde o destino contra mim operou o seu ataque, num desvairado disparate; Mas Deus, supremo e onipotente, concedeu a esse pai o derradeiro presente, E no Seu desígnio imponente, se levou embora seu doce sonhador, permitiu que houvesse em sua vida um anjo de amor.

*E de inverno, afasto de mim o desejo de esperar a cada dia o reencontro.
Pois este pequeno engraxate espera saudoso,
Com braços abertos e um sorriso cristalino,
Por este alquebrado e velho SEMEADOR.*

A utopia está lá no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.

Para que serve a utopia?

Serve pra isso:

Para que eu nunca deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

FIM



GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO

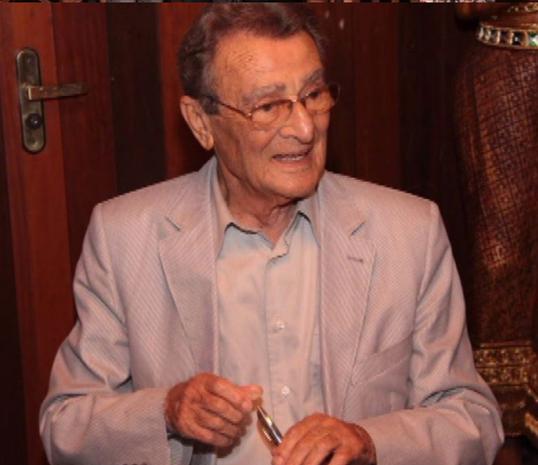
Nasceu em Itajaí- SC, aos 12 de outubro de 1929, gerenciou o Banco Inco por 19 anos nas cidades de São Francisco e Camboriú, fundou empresas importantíssimas na economia catarinense, tais como Cooperativa dos Cafeicultores de Camboriú, a Sociedade de Beneficiamento de Arroz, a FEMEPE, a Empreendimentos Turísticos de Itapema e da Reta Empreendimentos Imobiliários. Participou do Conselho Fiscal e do Conselho de Administração de diversas empresas de grande porte e de estatais, presidindo ainda Associações e Entidades de Classe todos voltados para o crescimento sócio econômico do estado e da população, sem perder de vista melhoria da qualidade de vida do trabalhador.

Ganhador de prêmios, comendas, medalhas, diplomas de mérito, títulos e troféus, inegavelmente representa uma classe de dedicados servidores da comunidade. Reconhecido por uma das mais importantes organizações mundiais, o Rotary Internacional, recebeu o prêmio O Semeador por sua vida e obra.

Político atuante, determinado, ousado, inovador, sempre esteve muito adiante do seu tempo, fazendo política de resultados sócio-comunitários, contribuindo largamente para a construção de uma sociedade próspera e de uma cidade modelo.







O SEMEADOR é uma obra baseada na biografia de GILBERTO AMÉRICO MEIRINHO e sua trajetória como homem, cidadão, chefe de família, empresário, político e empreendedor, cujo pensamento de vanguarda, senso de planejamento e visão estratégica, contribuiu largamente para a construção, estruturação e reconhecimento de Balneário Camboriú-SC, como uma das mais importantes cidades turísticas do País.

Sua determinação, arrojo, ousadia, coragem e pioneirismo até hoje são fontes de inspiração para políticos e empresários da região, que se espelham em seus modelos de gestão e administração de competências, mormente por conta da máxima que sempre seguiu de que «a necessidade de muitos sempre há de superar o interesse de poucos».

Como romance biográfico, todo o contexto e o enredo da narrativa da jornalista Orquídea e seus principais colaboradores, neste livro, estiveram delimitados pelos fatos, acontecimentos e posicionamento histórico e cronológico da vida do ex-prefeito Gilberto Meirinho, tanto das lúdicas passagens da vida do homem quanto dos mais contundentes embates do político, traduzindo num texto envolvente e atrativo, as dores, o sofrimento, as vitórias e as alegrias do personagem. Toda a pesquisa histórica e biográfica desta obra, coube a Isaque de Borba Corrêa, historiador, escritor, natural de Balneário Camboriú autor de mais de uma dezena de livros em diversas ciências. Membro da Academia Desterrense de Letras em Florianópolis e de Balneário Camboriú, cuja colaboração e apoio mostrou-se valiosíssima para a construção deste livro.

O sentido do SEMEADOR, expressa a capacidade humana de caminhar pela vida produzindo efeitos engrandecedores e positivos, através do desprendimento e da enobrecedora missão de semear boas sementes que, germinando em solo fértil, possam produzir frutos vivos e saborosos na comunidade. O SEMEADOR e seus personagens, os verdadeiros e os fictícios, comprovam que Deus alimenta as aves porém não põe o alimento em seus ninhos. É preciso lutar o bom combate. Afinal, Deus só faz o que é impossível aos homens.